BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.1/507

355

Proc: 190-B

LIV.- 01

PAG.- 03

REG.- 083

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

TÍTULO DA PEÇA: * O APOCALIPSE * OU * O CAPETA DE CARURU *

AUTOR DA PEÇA: * ALDOMAR CONRADO *

DISTRIBUIÇÃO

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Serviço Gráfico do DPF – 35

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156 ip.2

797

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 083/77

PEÇA: O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU

ORIGINAL DE: ALDOMAR CONRADO

APROVADO PALA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS

VÁLIDO ATÉ 25 de ABRIL de 19 80

Brasília, 23 de MARÇO de 19 77

ROGÉRIO NUNES
Diretor da DCDP

M.J-D.P.F

CERTIFICADO DA D.C.D.P

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p.3

Certifico constar do livro nº_____ fôlha nº_____, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada: O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU

Original de: ALDOMAR CONRADO

Tradução de_____

Adaptação de_____

Produção de SOCIEDADE UNIFICADA DE ENSINO SUPERIOR AUGUSTO MOTTA - RJ

Tendo sido censurada em 21 de MARÇO de 19 77 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Brasília, 23 de MARÇO de 19 77

ARÉSIO T. PEIXOTO

Chefe do Serviço de Censura

mhf

DPF-SAv.150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 4

792

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 083/77

PEÇA: O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU

ORIGINAL DE: ALDOMAR CONRADO

APROVADO PALA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS

VÁLIDO ATÉ 25 de ABRIL de 19 80

Brasília, 23 de MARÇO de 19 77

ROGÉRIO NUNES
Diretor da DCDP

M.J-D.P.F

CERTIFICADO DA D.C.D.P

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156(P.5

Certifico constar do livro nº_____ fôlha nº_____, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada: O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU

Original de: ALDOMAR CONRADO

Tradução de_____

Adaptação de_____

Produção de: SOCIEDADE UNIFICADA DE ENSINO SUPERIOR AUGUSTO MOTTA - RJ

Tendo sido censurada em 21 de MARÇO de 19 77 e recebido a seguinte classificação: : IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Brasília, 23 de MARÇO de 19 77

Arésio Teixeira Peixoto

ARÉSIO T. PEIXOTO

Chefe do Serviço de Censura

mhf

DPF-SAv.150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 ip. 6

D.F.S.P.
028133 23 JUL 71

ILMO. SR. DIRETOR DO SERVIÇO DE CENSURA FEDERAL. BRASILIA.

ALTAIR LIMA PRODUÇÕES ARTISTICAS LTDA., sito á rua Rui Barbosa 266, nesta capital, vem requerer se digne V.S. mandar proceder a censura do texto anexo, para que junta três cópias do mesmo e os documentos de lei.

NOME: O Capêta de Caruarú ou O Apocalipse

AUTOR: Aldomar Conrado.

Nestes Termos.
P. Deferimento.

São Paulo, 21 de Julho de 1971.

DPF — DA — SRA
Recebido 23 / 7 / 71

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0256 ip.7

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

AUTORIZAÇÃO PARA
REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL

Série 3/70 - SP № 17780

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos têrmos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: O APOCALIPSE

Original de ALDOMAR CONRADO

Música de .....

Tradução de .....

No Teatro Aquarius Cidade São Paulo

Emprêsa Altair Lima Rod. Art Pela Cia. .....

nos dias Para Censura da Peça

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de .....% .....

..... da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr$ ..... por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Emprêsa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cóta porcentual, a título de direitos autorais, sôbre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Emprêsa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Emprêsa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

São Paulo 20 de Julho de 19 71

.....
(pela SBAT)

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 P 8

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Serviço de Censura de Diversões Públicas.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 9

P A R E C E R.

Título: O capeta de Caruaru ou o Apocalipse.

Argumento: Estranhos acontecimentos se verificam em Caruaru, provocado por três bruxas que desejam estabelecer a discórdia e o desassossêgo àquela população. De fato, uma égua dá à luz a um cavalo que tem cabeça de gente, uma jovem não pára de crescer, uma mulher que não pára de engordar e outros desencontros provocados pela interpretação de tais fenômenos.

Um emissário do govêrno é para lá enviado a fim de analisar os prodígios e sua presença conduz a novas confusões que culminam com a deposição do prefeito e com o encontro de dois irmãos gêmeos separados quando crianças.

Apreciação: Trata-se de uma comédia já liberada por êste Serviço, com restrição etária máxima em vista de seu conteúdo. Sugiro idêntico tratamento mas com os cortes assinalados às páginas 28, 31 e 38.

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 anos.

Brasília, 10 de agôsto de 1 971.

Dalmo Paixão

DPF-SAv. 241

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 20

À SEÇÃO DE CENSURA:

TRATA-SE DE TEXTO LIBERADO ANTERIORMENTE PARA MAIORES DE IDADE, SEM CORTES, CUJO CERTIFICADO ENCONTRA-SE VENCIDO.

EXAMINADO OUTRA VEZ POR ÊSTE SCDP, PROPÕE-SE LIBERAÇÃO COM CHANCELA MÁXIMA, ACRESCIDA DOS CORTES ASSINALADOS NO VERSO, DENTRO DA CONVENIÊNCIA DO MOMENTO.

EM 12.08.71

PAULO LEITE DE LACERDA
TCTC.

De acôrdo com o ponto de vista do Sr. Chefe da TCTC.
Em: 13/8/71.

Liberado com a restrição etária máxima, além dos cortes sugeridos.
12.08.71

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0256 ip.11

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 4 061/71

PEÇA * O APOCALIPSE * ou * O CAPÊTA DE CARUARÚ *

ORIGINAL DE ALDOMAR CONRADO

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

PROIBIDO
PARA MENORES DE
18 ANOS

VÁLIDO ATÉ 13 de AGOSTO de 1976

Brasília, 13 de AGOSTO de 1971

Chefe do S. C. D. P.
GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 28, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada

O CAPÊTA DE CARUARÚ

COM CORTES

Original de ALDOMAR CONRADO

Tradução de

Adaptação de

Produção de ALTAIR LIMA PROD.ARTÍSTICAS LTDA,r.Rui Barbosa, 266-S.Paulo-SP

Tendo sido censurada em 10 de AGOSTO de 19 71 e recebido a seguinte classificação: PROIBIDA PARA MENORES ATÉ 18 (DEZOITO) ANOS, COM OS CORTES ASSINALADOS ÀS FLS. 28-31-E-38 DO SCRIPT.- CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL.

O PRESENTE CERTIFICADO SÒMENTE TERÁ VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 13 de AGOSTO de 19 71

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA
Chefe de Turma de ~~Censores~~
de Teatro e ~~Congêneres~~

DPF- Sav. 150

BR DFANBSB NS.CPR.IEA.PTE. 01561 p. 12

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 13

676 Ex. 19 / 8 / 71

SP

Pega:
Autor: O APOCALIPSE -OU- O CAPETA E CARUARU
Interc: ALDOMAR CONRADO
Endrç: ALTAIR LIMA PROD;ART.LTDA
RUA RUI BARBOSA 266
SAO PAULO -SP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 14

6
7

"O APOCALIPSE"

Aldomar Conrado.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
20 JUN 1971
SUCURSAL DE SÃO PAULO
EMANUELE FULVIRETTI ASSISTENTE

AUTORIZAÇÃO S. B. A. T. Nº 14480

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.15

PRÓLOGO

Uma encruzilhada. Arvores sêcas. Trovões. Relâmpagos. Três bruxas em tôrno de um caldeirão que ferve.

Primeira bruxa - Um pimentão... ... ...

Segunda bruxa - Um galho de avelós... ...

Terceira bruxa - E um de mangericão...

Primeira bruxa - Três dentes de dois avós...

Segunda bbruxa - Esperma de burro ladrão...

Terceira bruxa - Mijo de mulher parida

Primeira bruxa - Em noite de São Sebastião.

As três bruxas - Bão ba la lão
Bão ba la lão
Senhor capitão

Primeira bruxa - A mistura está feita: agora é saber aplicá-la.

Segunda bruxa - Eu saberei como aplicá-la. O ódio é meu; a vingança será minha também. Mulher safada aquela. Numa noite tão gelada, eu com êstes trapos mal cobrindo o corpo, a vassoura quebrada, e a quenga foi incensar a casa com incenso bento por bispo, para que eu tivesse de sair pela noite afora, tremendo no meu frio e na minha pobreza.

Terceira bruxa - Maus tempos aqueles em que uma bruxa nem pode conseguir uma vassoura.

Segunda bruxa - Faço questão, irmãs, de eu mesma ser a portadora dêste líquido infernalque vai terminar com a paz dessa mulher do meu ódio. ...

Primeira bruxa - E você tem o direito. Tome, irmã... Vai e semeia a discórdia, o desassossego...

A segunda bruxa segura o caldeirão

Terceira bruxa - E que seja vigorosa no seu desejo. Aqui ficamos com as nossasorações mais fortes e todo o vigor do nosso ódio, unidas, para que o seu desejo se realize.

Segunda bruxa - Já sei o que vai ser. Ela terá, na penúltima noite da oitava lua nova, um casal de gêmeos. Três dias depois, uma cigana baterá na sua porta.

Luz numa porta de casebre. Cigana bate na porta.

Voz de mulher - (dentro do casebre)- Entre, por favor, se é de paz. Estou sózinha, parida de sómente três dias.

A cigana entra no casebre

Segunda bruxa - Ela vai dar a mão para que a cigana leia a sua sorte. A cigana dirá que aquela noite mesmo o marido vai chegar carregado numa rêde, com o corpo furado por vários balaços. A mulher grita.

Ouve-se o grito da mulher.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 26

Segunda Bruxa - Ela desmaia. A cigana vê as duas criancinhas machas, gêmeas e lindas. Então a cigana decide: uma será minha. E carrega uma das criancinhas.

A cigana sai do casebre carregando uma das crianças e foge. As três bruxas gargalham violentamente.

As 3 bruxas - Foi assim, foi assim mesmo
foi assim que aconteceu
roubaram o filho da quenga
e a quenga quase morreu
o marido chegou morto
e a quenga quase morreu
mas por ordem, ordem minha
ela teve que viver
pra nesta terra de sangue
sofrer o que fez sofrer.

As bruxas dão grandes pulos.

Primeira bruxa - Well, well, well. Aqueles que estudam teatro já perceberam muito bem de onde nós saimos. Para os que não estudaram explicamos: saimos das paginas imortais de "Macbeth" de William Shakespeare. O autor dessa comédia "O Apocalipse" achou que se funcionamos bem, durante alguns séculos, na famosa tragedia inglesa, poderiamos tambem servir na comédia que ele imaginou. Queremos, desde já, agradecer a Aldomar Conrado pela oportunidade de sairmos um pouco da atmosfera sombria da Escócia, e nos divertirmos sob este ceu sempre de azul de Pernambuco.

Terceira Bruxa - O autor de "O Apocalipse" declara que pediu emprestadas algumas ideias do seu irmão inglês William Shakespeare, e desde já agradece...

CAI UM CARTAZ: VARIOS ANOS DEPOIS

Segunda Bruxa - (lendo o cartaz) - Varios anos depois....

Primeira Bruxa - Como os anos passaram....

Terceira Bruxa - Quanta coisa aconteceu neste longo penar humano.

Primeira bruxa - Tão pouco tempo, na verdade... Apenas o suficiente para que os filhos da mulher do teu ódio crescessem...

Segunda Bruxa - Mas....

Primeira e terceira bruxas - Governos cairam
Governos subiram
Homens trairam
Mataram. Cresceram.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p.17

Segunda bruxa - Também fizeram cocô.

Primeira bruxa - Mas, apesar de tudo o homem foi pra frente.

As três bruxas - Já dansa no espaço e vê que a terra é azul.

Primeira bruxa - (lírica) - Azul como os acelos de linho do homem que tanto amei.

Terceira bruxa - (olhando o cartaz) Em muito pouco tempo...

Segunda bruxa - Apenas o suficiente para que os dois filhos da mulher do meu ódio crescessem e que a minha maldição...

Primeira bruxa - Nossa maldição...

Segunda bruxa - ... a nossa maldição começasse a se cumprir.

Gargalhadas terríveis. Trovões, relâmpagos. Luz no cartaz e em Biu, que sai do seu casebre seguido da velha:

Velha - Eu vivi avisando, não foi? Vivia dizendo: Biu, não se meta com rabo de saia que você não pode. Eu sou velha, sem ninguem, preciso de um arrimo na vida. O seu outro irmão o diabo levou, não sei se vivo ou morto está. Só tenho a você no mundo. Mas quem foi que disse que me ouviu? Foi como se eu tivesse dito exatamente o contrário. Ai, que destino o meu..Pobre ser desvalido. Viver pra que, meu Deus? Ver um filho roubado aos três dias de parido e agora a suprema desventura de ver o outroter que fugir e por que? e por que? Meter-se com mulher casada.
Por safadeza./Se não fosse meu filho, eu chamava de filho da mãe.

Biu- Quero sua benção, mãe.

Velha - Benção minha não vai ter. Não amaldiçoou, nem rogo praga, porque enfim é carne das minhas entranhas. Mas desejar bem tam bem não posso. Vai, segue o seu destino de maldição e lembra que fica uma mãe abandonada, chorando lágrimas de sangue... Vai. Vai. Se você não fosse meu filho eu chamava de

Biu - Sua benção, mãe. (filho da mãe.

Velha - E como não dar a benção? Coração de mãe não foi feito para o ódio. O filho erra a gente continua amando, Vai meu filho, que Deus lhe acompanhe cada passada. E lembre de mim se a sorte for benfazeja.

Abraça-se com Biu e chora

Biu - Até a volta, mãe. A gente ainda se encontra.

Velha - Que todos os anjos lhe acompanhem.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 18

Biu sai correndo. Avelha chora. As três bruxas em cima de uma arvore a tudo assistem e dão uma risada terrivel.

Um cartaz: ONDE SE VOLTA AO DIA EM QUE A CIGANA ROUBOU O IRMÃO DE BIU.

Cigana bate à porta de um outro casebre.

Voz de mulher + É de paz?

Cigana - De toda paz.

Aparece a outra mulher com dois filhos nos braços.

Cigana - Gêmeos?

Outra mulher - Tive há já 15 dias. Imagine só. Uma pobreza tanta e 2 bocas para sustentar.

Cigana - Quer me dar um? Tenho um filho único e me aperreio: dizem que filho sozinho termina virando mofino. Já nem consigo dormir.

Outra mulher - A senhora está falando deveras?

Cigana - Deveras verdadeira.

Outra mulher - Então tome. Pode escolher.

Cigana - Qualquer um serve.

Outra mulher - Tome este aqui; é o que mais tem fome. Ô boquinha insaciavel.

Cigana - Dia feliz o de hoje: dois filhos sem precisar ter parido (pega as duas criancinhas e sai).

Cartaz: ONDE SE REPETE UM POUCO PARA PODER CONTINUAR. Luz no casebre de Biu.

Velha - Vai. Vai. Se tem que ir porque não vai logo?

Biu - Sua benção, mãe.

Velha - E como não dar a benção? Coração de mãe não foi feito para o odio. O Filho erra a gente continua amando. Vai, meu filho, que Deus lhe acompanhe a cada passada. E lembra de mim se a sorte for benfazeja. (Abraça-se a Biu e chora)

Biu - Até a volta, mãe. A gente ainda se encontra.

Velha - Que todos os anjos lhe acompanhem.

Biu sai correndo. A velha chora. As treś bruxas em cima de uma arvore a tudo assistem e dão uma risada terrivel.

Primeira bruxa - Vejam, vejam

Segunda Bruxa - O que? O que?

Primeira bruxa - Naquela outra cidade .... Que estranho. Acontece a mesma coisa.

Luz no outro casebre. Cartaz: SOFRIMENTOS DE OUTRO CORAÇÃO MATERNO.

Saem Chico e outra velha.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 19

Outra velha - Eu lhe mato. Eu ainda lhe mato, desgraçado.

Chico - Não a senhora precisa compreender.

Outra velha - Compreender o que? A sua safadeza? Não vivi avisando? Que essas mulheres daqui só podem dar confusão. Ah, desgraçado às vêzes tenho vontade queo o marido dela lhe pegue e lhe cape e só assim eu ia ter sossego no fim da minha vida.

Chico - Mãe tá dizendo isso de brincadeira. Desdiz, mãe, por favor.

Outra velha - Não desdigo coisa nenhuma. Ah, meu Deus, o que vai ser de mim? Sòzinha no fim de meus dias. Porque não dei você no lugar do outro? Quem sabe o outro não é um homem de bem que faz a felicidade daquela maldita cigana?

Chico - Mãe, eu vou ter que ir embora. Mas antes mãe vai desdizer aquilo, pela hóstia consagrada.

Outra velha (agarrando-se a Chico) - Ô filho meu, que vão ser dos meus dias, sem nenhum amparo?

Chico - Mãe, o marido pode aparecer de repente e eu estou atolado. Êle contratou três cabras para liquidar com os meus dias.

A outra velha - Vai, meu filho. Que Deus lhe ilumine.

Chico - Mãe desdiz?

A outra velha - Está desdito.

Chico beija a outra velha e sai correndo. A outra velha chora. Escurece. Luz. Cartaz: "O ENCONTRO DE CHICO E BIU UM ESTRANHO DESTINO COMEÇA A SE CUMPRIR";

Biu (cantando) - Uma flor e tanto amor...
E pra que, meu Deus do céu,
Só correr e sentir dor, ...
Nêste mundo, assim ao léo... ...

Côro invisivel - Assim ao léo, assim ao léo, assim ao léo...

Biu - (continua cantando) -
Eu amei e o amor foi tanto
Que não foi só de um alguém
Amei o riso, amei o pranto
Terminei sem ter ninguém ...

Côro invisível - Assim ao léo, assim ao léo, assim ao léo...

Biu - Correndo, correndo só
Sofrendo, sofrendo só
Tão só

Chico entra correndo. Esbarra em Biu. Os dois caem no chão.

Biu - Oi, que pressa do diabo!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156,p.20

Chico - Tou fugindo do marido de uma namorada minha.
Biu - Eu também tou fugindo do marido de uma namorada minha. Pra falar a verdade, dos maridos de várias namoradas minhas.
Chico - Verdade?
Biu - Pois não é.
Chico - Eita, quanto destino de côrno nêste mundo de Nossa Senhor Jesus Cristo.
Biu - Amém.
Chico - Você vai para onde?
Biu - Pro lugar mais longe que encontrar.
Chico - Podemos ir juntos.
Biu - Tá combinado.
Chico - Então topado está.
Biu - Tenho aqui uma cachacinha. Quer um gole?
Chico - A gente nunca deve enjeitar, não é?
Biu - Eu penso assim.
Chico - Então vamos logo.
Biu - Ora se não.
Bebem
Chico - E pra onde a gente vai?
Biu - Caruaru é um bom lugar. Muita gente bonita e também gente da lei pra garantir a vida nossa.
Chico - Ah, isso é bom. Então não se tem que fugir mais?
Biu - Não tem. Tudo se resolve no cartório. Êles escrevem uns pois, e decidem: ou se vai para a cadeia, ou não acontece nada, ou até, as vêzes, a gente pode ficar com a mulher.
Chico - E bonzinho. Só não ter que correr...
Bebem o resto da garrafa.
Biu - Um, dois, três.
Chico - Correr enquanto é vez. (saem correndo).
Entra a primeira bruxa - O prólogo terminou. Logo mais vamos ver que aconteceu aos nossos aventureiros. E muita coisa vocês verão. Imensos prodígios da terra do sim e da terra do não prodígios só descritos nas páginas gloriosas do Apocalipse. E tudo...
(canta)
pelo ódio de uma bruxa
que tem seu brio de mulher;
que quer mostrar ao mundo
que ela sabe o que quer.
(declamando) E agora aproveito êste último momento de calma para mostrar a vôces que nós, as bruxas, também sabem ser sexies.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156,p21 CENA PRIMEIRA

Quarto da agonizante. Ao lado da cama de Antônio Cipriano, Rosinha, sua mulher; Rita sua cunhada; padre Damião; duas beatas e sacristão.

Agonizante - Meu filho, eu vou ter/que revelar um segrêdo.

Os personagens entreolham-se

Antonio Cipriano - Mãe, acho melhor não falar muito. A senhora precisa de descanço. O médico recomendou repouso absoluto. Nós todos vamos sair e só a Rosinha vai ficar aqui. A senhora tem de descansar.

Agonizante - Não, meu filho. Não me deixe agora. Sinto que a vida está me deixando. E não tenho mêdo. Mas antes de me confessar para receber o derradeiro sacramento da extrema-unção, tenho de contar para vocês um terrivel segrêdo. Você, Antonio Cipriano, você não é meu filho.

Interjeições de espanto

Antonio Cipriano - Como?

Agonizante - Não é meu filho. Depois de dois anos de casada, sem nunca ter uma criança, conheci uma cigana que veio ler a minha mão. Nunca acreditei muito nessas coisas, mas nesta tarde, que o bom Deus me perdoe, mandei a cigana entrar. Queria saber se ainda viria a ter um filho. A cigana vinha acompanhada de dois garotinhos, com três anos mais ou menos e dizia que eram seus filhos. Todos nós sabemos que essas mulheres nunca tem filhos e vivem a de roubar as crianças dos outros. A cigana entrou. Imediatamente fiquei encantada por uma das crianças. E me veio o desêjo forte de tê-la para mim. Tentei convencer a cigana a me dar o menino. Mas a cigana riu muito e disse que não. Dei minha mão para a cigana ler. Quase que de repente, ela levanta-se com uma expressão de pavor/no rosto e grita para mim: "Você vai ser minha assassina. A minha assassina." E ficou repetindo aquilo cada vez mais alto. Fiquei com mêdo que os vizinhos ouvissem e avancei. Ela continuava gritando. Consegui tapar-lhe a bôca, mas não sei se com muita fôrça ou por muito tempo... O certo é que a cigana morreu nos meus braços.

Antonio Cipriano - Mãe! a(a parte) Mas que mãe?

Agonizante - Meu marido, que Deus o tenha na santa glória, era delegado e conseguiu que ninguém soubesse do que tinha acontecido. Viajei para o Recife onde passei dois anos. Uma das crianças era você, que desde então criei como se fôsse um filho das minhas entranhas. A outra...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p.22

... ...

Padre Damião - Fale... Fale...

Agonizante - A outra era você, padre Damião, que entreguei á minha pobre irmã que não tinha filhos também.

Rosinha - Meu Deus!

A agonizante desmaia todos choram. Antonio Cipriano e padre Damião estão de frente e têm espanto no rosto.

Padre Damião (para Antonio Cipriano)- Senhor prefeito, queira aceitar minhas condolências.

Antonio Cipriano - Senhor prefeito? É assim que me trata?

Padre Damião - E que outro tratamento? Sim. Outro tratamento sim! Meu irmão! Meu irmão!

Os dois abraçam-se. As mulheres cercam os rapazes.

Primeira Beata - Deus nos reserva cada surprêsa. ...

Segunda Beata - São muito intrincados os caminhos de Deus...

Rosinha -(abraçando o padre) - Meu cunhado...

Abraços efusivos dos personagens. ...

Padre Damião - Temos que nos lembrar da finada...

Antonio Cipriano - É verdade, a finada... ...

Primeira Beata - Que Deus lhe alumie as santas veredas... ...

Segunda Beata - Que os santos lhe acompanhem ao portal da glória...

Primeira Beata - Ave Maria, cheia de graça.

Rezam todos, com devoção, quando entra violentamente no quarto um rapazote de 15 anos. Todos olham-no com reprovação. O rapazote se benze e olha para o sacristão.

Rapazote - Sêo Bonifácio, Sêo Bonifácio.

Sacristão - Isto é maneira de entrar no quarto de uma finada senhora?

Rapazote - Me desculpe, senhor prefeito, mas...

Primeira Beata - A juventude de hoje é mesmo um caso perdido.

Segunda Beata - Nem mesmo os mortos escapam ao seu desrespeito.

Rapazote - Mas não se trata de falta de respeito coisa nenhuma. Uma tragédia, meu Deus do céu. Uma calamidade!

Padre Damião - Que tragédia maior do que a morte de uma santa senhora?

Rapazote - Sua égua, Sêo Bonifácio.

Sêo Bonifácio - Morreu a minha égua?

Antonio Cipriano - Uma égua está tão cara, hoje em dia.

Padre Damião - Isto é que se chama uma falta de sorte.

Rapazote - Não. Não morreu. Sua égua deu cria...

Sêo Bonifácio - Que Deus seja louvado!

Todos - Amém.

Rapazote - ... a um cavalo com cabeça de gente!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156,p.23

Ritinha - Um cavalo com cabeça de gente?

Todos - Impossível!

Rita - Não pode ser!

Rapazote - Sim, dona Rita. É uma coisa de espantar. Todo mundo está sem saber o que fazer. O cavalo tem nariz como a gente, queixo como a gente olhos azulados.

Primeira Beata - Cruz credo?

Segunda Beata - Só pode ser o fim do mundo!

Padre Damião - Menino, você sabe o que está dizendo?

Rapazote - Sei, sim, sêo padre. Eu vi. Vi com êsses olhos que a terra há de comer um dia.

Antonio Cipriano - Temos que tomar providências imediatas. Como prefeito de Caruaru tenho que pensar nas coisas que vão acontecer. Essa notícia vai correr mundo, virão jornalistas de tôda parte.

Padre Damião - Temos que ir para lá imediatamente.

Rosinha - Mas a finada...

Rita - Sim, a finada...

Antonio Cipriano - A finada? Ora essa! Logo agora...

Sacristão - Mas eu tenho que ir. (com orgulho) Foi na minha casa.

Padre Damião - Claro que você tem que ir. Um fato dêsses não acontece todos os dias. Com cabeça de gente mesmo?

Rapazote - Por essa luz que me alumia os olhos.

Padre Damião - Então é ir.

Antonio Cipriano - (para as beatas) - Vocês ficam velando o corpo.

Primeira Beata - Mas nós também queríamos ir ver o fato estranho.

Antonio Cipriano - Depois. Alguem tem que ficar velando a finada.

Primeira Beata (para a segunda) - Eu vou. Sou mais velha, tenho os meus direitos.

Rosinha - Claro. A finada não pode ficar sózinha.

Padre Damião - Vamos rápido.

Saem todos. A segunda beata fica olhando apavorada para a agonizante. Luz na casa do sacristão. O cavalo com cara de gente está cercado por Cosma, mulher do sacristão, e alguns curiosos. Entram Antonio Cipriano, padre Damião, Rosinha, Rita, o sacristão e a primeira beata.

Segunda Beata -(vendo o cavalo) - Meu Deus! (cai desmaiada. Algumas pessoas socorrem a beata)

Cosma - (para o Sacristão) - Você aqui não fica mais!

Sacristão - Como?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156,p.24

Padre Damião - O que houve, dona Cosma? A senhora está nervosa?

Cosma - Nervosa não, reverendo. Ofendida. Ofendida no que a mulher tem de mais sagrado.

Padre Damião - Mas ofendida em que, dona Cosma? Essas coisas acontecem de tempos em tempos. A senhora não tem culpa, nem seu marido.

Cosma - Olhe os olhos do cavalo, reverendo.

Padre Damião - Estou vendo, dona Cosma. Tem um colorido surpreendendente para um cavalo.

Cosma - Está reparando bem, reverendo.

Padre Damião - Estou sim, dona Cosma. São estranhamente azuis.

Cosma - (puxando o marido) - E os dêle?

Sacristão - Os meus, como?

Padre Damião - Que tem os olhos de seu marido?

Cosma - A côr, a côr! ...

Padre Damião - Azuis, dona Cosma...

Cosma - ... como os do cavalo, reverendo!

Sacristão - Você tem coragem...

Rosinha - Dono Cosma, a senhora está nervosa.

Cosma - Que nervosa o que! Eu lá sou idiota, dona Rosinha. Estou vendo. Estou vendo a parecença.

Antonio Cipriano - Não é possivel, dona Cosma, que a senhora pretenda acusar seu marido de uma infâmia tão grande.

Cosma - Êle sempre teve um cuidado exagerado com aquela égua, sêo prefeito. Mas nunca me passou pela cabeça... Como podia passar pela cabeça de mulher nenhuma que seu marido e... e... uma égua?

Sacristão - Essa é demais!

Cosma - Demais, hein sêo sem vergonha? E eu o que digo? Eu sempre jurei que não ia ser uma mulher chifruda. E terminei sendo Côrna de uma égua. Me desculpe o palavreado, reverendo. Mas não há uma mulher, com brio na cara, que passando por uma dessas não termine por perder as estribeiras. Com uma égua, dona Rosinha. A senhora se imagine na minha situação. O que a senhora faria no meu lugar? Eu mato êle. Esfolo. Ai, meu Deus, côrna de uma égua (a primeira beata vai voltando a si) Como isso foi me acontecer? Ser trocada por uma égua...

Segunda Beata - Só pode ser o fim do mundo!

Escurece. A luz volta para o quarto da agonizante. A primeira beata reza um terço com nervosismo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 25

... ...

Agonizante - Antonio....Meu filho...

Primeira Beata - Irmã... Irmã... Lembra-te de Deus e da Virgem! Volta para as profundas!... ...

Agonizante - Meu filho... Água... Água...

Primeira Beata - Ai, meu Deus, deve ser o fogo do inferno que está consumindo a finada. Mas por que isso foi acontecer logo comigo? Eu nunca fiz mal a ninguém Ave Maria, cheia de graça.

Agonizante - Quem está ai? Marocas?

Primeira Beata - Ela lembra do meu nome. Irmã esquece das coisas da terra e lembra-te das do céu.

Agonizante - Marocas... Um pouco d'agua, por favor. Água senão eu morro.

Primeira Beata - E eu posso me levantar? Se eu pudesse saia correndo. Santa Maria, mãe de Deus...

Agonizante - Será que eu vou ter fôrças para me levantar? Você está me matando...

Primeira Beata - Não se levante pelo amor de Deus! Tenha pena de mim. Socorro! Socorro! Valei-me todos os anjos e santos... Socorro!

Entram correndo Antonio Cipriano, Rosinha, Rita, Padre Damião, o sacristão e a segunda beata.

Todos - Que houve! Que houve! ...

Primeira Beata - Ela voltou do além...

Padre Damião - A senhora está nervosa, dona Marocas; ninguém volta do além. ... ...

Agonizante - Água... água... Morro de sêde.

Todos - Aiiiiiiiiiiiiiiiiii!

Padre Damião - Numa situação como esta devemos ter muita calma.

Agonizante - Morro de sêde.

Antonio Cipriano - Ela talvez não tenha morrido.

Ritinha - Como não morreu se estava imóvel e com a palidez na fronte?

Padre Damião - Claro que não morreu. Vamos dar água a nossa boa amiga e render graças a Deus pela sua cura.

A agonizante levanta-se um pouco da cama com os olhos muito esbugalhados e grita.

Agonizante - Perdão, cigana! Perdão!

Rosinha - Ela está falando com a cigana!

Todos ajoelham-se e rezam histèricamente; a agonizante dá um grito e morre.

Padre Damião - Creio que desta vez ela faleceu de verdade

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156 p.26

Aproximam-se da falecida o padre Damião e Antonio Cipriano que examinaram-lhe os olhos, auscultaram-lhe o caração.

Antonio Cipriano - Morreu de verdade!

Padre Damião - Que Deus se compadeça de sua alma!

Rita - Oremos.

O rapazote irrompe no quarto com violência.

Rapazote - Sêo prefeito! Sêo prefeito!

Antonio Cipriano - Mas o que foi que aconteceu, meu Deus do céu! Será que não se pode mais chorar a morte de um ente querido.

Rapazote - Antonio das Almas...

Antonio Cipriano - Não quero saber de Antonio das Almas. É da oposição que se dane!

Rapazote - Êle manda pedir socorro!

Padre Damião - Trata-se de uma alma em aflição, Antonio Cipriano. Não pode ficar abandonada.

Antonio Cipriano - Não está em aflição coisa nenhuma. Conheço muito bem aquele tipo. Deve ter tramado alguma coisa para me desmoralizar e tirar algum lucro para a oposição.

Rapazote - Não se trata de nada disso. A filha dele, a Sigismunda...

Primeira Beata - Morreu, minha Nossa Senhora!

Segunda Beata - Tão jovem, coitadinha.

Padre Damião - Viver é mesmo um caminhar de provação em provação...

Rapazote - Ela não morreu! Vocês só pensam na morte! Ela está crescendo, crescendo...

Rosinha - Crescendo como?

Rapazote - Cresdendo sem parar. O pai dela já afastou algumas telhas da casa para ela enfiar o pescoço...

Padre Damião - O que você está dizendo?

Rapazote - A verdade, sêo padre. Eu nunca vi uma coisa daquela. Causa até mais espanto que um cavalo com cabeça de gente.

Padre Damião - Temos que ir lá imediatamente.

Rosinha - Coitada da Sigismunda. Uma menina tão santa!

Segunda Beata - (para a primeira) - Eu não fico mais aqui sòzinha com essa mulher que morre e desmorre a tôda hora. Agora é a sua vez. (Antonio Cipriano olha para a primeira beata)

Primeira Beata - Está bem, senhor prefeito. (para a segunda beata, com violência) Depois você me conta tudo direitinho. (encaminha-se para junto da falecida com ar de contrição, enquanto todos saem apressadamente.)

Luz na casa de Antonio das Almas. Pelo telhado sai a cabeça de Sigismunda.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156,p.27

Sigismunda - Pai,pai,estou com mêdo ...

Antônio das Almas - Eu também,filha minha.O que 'e isto que aconteceu com você?

Sigismunda - Aqui tem muito morcego,pai.E cada ratazana...

A.Almas - E o que eu posso fazer,filha minha?

Antônio Cipriano - Hoje é a noite dos prodígios.

Primeira beata - Jesus,Maria ,José.

Todos - Minha alma vossa é.

Rita - O que devemos fazer?

Padre - Pedir a Deus misericóridia,São os pecados.Tantos...Deus termina por se impacientar!E temos que pedir clemência.Clamar sem cessar.

A.Cipriano - E eu?Como autoridade tenho que tomar uma providência.

Rosinha - Mas que providência?

A.Cipriano - Não sei,mas temos que inventar.Chamar o Corpo de Bombeiros pedir ajuda ao Exército.Mobilizar tudo,todos.E prepararmo-nos para o pior.

Segunda beata - O prefeito acha que ainda vai acontecer mais coisa?

A.Cipriano - Quem pode saber?Quantas coisas numa só noite.O que o restante dos dias nos reserva?Não.Não me espanta mais nada.Se vir línguas de fogo dansando pelo céu acharei muito natural.(Olhando Sigismunda)Pobre moça!Ainda ontem tão tranquila,fazendo o enxoval do seu noivado ...

Sigismunda - Pai,dê um jeito de me tirar daqui!

A.Almas - Não fale assim que me dá uma dor no coração...Como eu posso tirar você daí?A falta que faz um bom guindaste numa terra como essa!Bem vivíamos dizendo,senhor prefeito,que a cidade precisava de um bom guindaste.Era como se a gente tivesse adivinhando. Mas,não...odinheiro do município servia para tudo,menos para um guindaste.Que posso fazer por minha filha?Ela ficou exposta ao sereno e não pode ser nada bom para a sua saúde.A sua administração está muito longe do que pode se desejar.

A.Cipriano - Então o senhor me acusa de não saber administrar o município?

A.Almas - Com fato provado.A cidade tem um guindaste?E como eu posso tirar a minha filha senão com um guindaste?

A.Cipriano - O senhor sempre encontra um jeito de atacar a minha administração,mesmo nas horas mais impróprias.Antônio das Almas,acabo de passar por golpes terríveis.Perco minha mãe que não era minha mãe;nasce um cavalo com cabeça de gente;sua filha vira

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 28

A.Cipriano - ...varapáu.Mas diga-me se tudo isso não é para enlouquecer até a cabeça de um santo?

Rosinha -Meu filho,por que você não vai prá casa dormir um pouco?

A.Cipriano - E você acha que eu ia conseguir?Não.Ficarei de pé junto do meu povo,à espera do que possa acontecer.Não quero de modo nenhum abandoná-lo numa hora de tanto mistério.O comandante é último a deixar o barco que sossobra.Me comportarei de modo semelhante.

A.Almas - Então o senhor prefeito aproveita-se de uma situação tão dolorosa para fazer propaganda pessoal?Acho um absurdo!

Rita - Você está nervoso,Antônio das Almas,e está interpretando de uma maneira tôda errada o procedimento do meu culhado.Antônio Cipriano é um homem de bem e todo devotado ao povo dêsse município Você pode ser da Oposição,é um direito que lhe assite,mas não pode abusar dêste direito e fechar os olhos para tôdas as demonstrações de humanidade dadas pelo senhor meu cunhado.

Rosa - Muito bem,Rita.Acho,meu marido,que devemos nos retirar.

Padre - Realmente,talvez seja melhor.Os animos estão exaltados com tôda essa estranheza.

A.Cipriano - Talvez seja o mais certo.Irei para junto daquela a quem devo minha vida.Qualquer coisa que você precisar,Antônio das..

A.Almas - Eu só preciso de um guindaste.

A.Cipriano - Vou mandar pedir um no Recife!É o máximo que posso fazer.

(Retira-se em companhia de Rosinha,Rita e padre Damião)

Sacristão - Senhor prefeito,posso ir com o senhor?

Rosinha - Por que você não volta para a casa ?

Sacristão - A senhora viu como está a Cosma.Não tenho coragem.

A.Cipriano - Minha casa está aberta para todos os necessitados.

(Saem os cinco . Escurece . Luz no quarto da falecida)

A.Cipriano - A gente se vira e é como só se escutasse gemidos.Quantos infortunios numa só noite.

Ritinha - As bruxas estão sôltas!

Padre - Não acredite em bobagem.Nisto tudo está o dêdo de Deus.Os homens se distanciam tanto do Divino Salvador que às vêzes êle tem de mostrar o seu poder mandando êsses prodígios.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.29

A.Cipriano - São as provações...(com as mãos postas)Meu Deus,Meu Deus, se fôr possível afasta de mim êste cálice de amarguras.O que estará reservado a êste pobre servo. (escurece)

Cena II - às margens de um riacho - Biu e Chico comem bananas

Biu - Eita carreira bôa.

Chico - Tu acha que a gente está livre?Que não há mais perigo nenhum?

Biu - Eu só vou me sentir sossegado numa terra grande com o domínio da lei.Por aqui sinto o mesmo cagaço.Matam a gente e ninguém vai aparecer para dar socorro.

Chico - Minha mãe vivia me dizendo : "Chico,não te mete com mulher encangada".Tinha razão a pobre velha.Agora aqui estou sem saber do meu distino.

Biu -(solene)E quem sabe do seu destino.Credo em cruz!

Chico - O que foi,homem de Deus?

Biu - Olhe alí no riacho.Aquilo não é um homem afogado? (Vão até o riacho)

Chico - E não é Severino?

Biu - Severino das Cruzes ?

Chico - Êle mesmo !

Biu - Você sabia que êle tinha sido matado?

Chico - Não.Foi por causa de mulher?

Biu - Não.Questão de terras.

Chico - Oxente,que diacho de questão de terra foi êsse se êle não tinha nenhuma?

Biu - Pois é.Não tinha nenhuma mais queria ter.

Chico - Queria ter?

Biu - Queria ter.E parece que não pôde.

Chico - É sim.Parece que não pôde.

Biu - Mas êle achava que podia.Eu dizia:"Severino das Cruzes toma cuidado.Êsse negócio teu de achar que pode ter terra dos outros..." Olha aí no que deu.O corpo todo furado e ainda afogado.Que morte horrorosa!

Chico - Pobre Severino das Cruzes!

Biu - Você acha que êle podia ?

Chico - Podia o que ?

BR DFANBSB·NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 30

Biu - Querer as coisas que êle queria.
Chico - Oxente, pra que você quer saber?
Biu - Sòmente prá saber.
Chico - E você? Acha o que?
Biu - Eu?
Chico - Pois é. Você!
Biu - É... Não é?
Chico - Pois é. Quem sabe? Um dia, não é?
Os dois se entreolham com desconfiança.
Biu - Pois é. Oremos.
Ajoelham-se e rezam. O rapazote entra correndo e tropeça nos dois.
Biu - Que carreira é essa, meu irmão? Também tá fugindo de marido chifrudo?
Rapazote - Antes fôsse. Mas estou fugindo é do capeta mesmo.
Chico - Do capeta? Que história é esta? Capeta na luz do sol?
Rapazote - Vocês não podem imaginar? Nasceu um cavalo com cabeça de gente...
Chico - Um cavalo com cabeça de gente?
Rapazote - Uma moça cresceu tanto que furou o telhado...
Biu - Com febre, meu irmão?
Rapazote - Uma finada morreu, ressucitou e morreu de novo e agora a pobre da minha mãe deu pra comer que não para mais e engordou tanto que não passa mais por nenhuma porta. A pobre fica sentada, comendo e engordando, já está quase da largura da metade da sala.
Chico - Tão moço!
Rapazote - Eu juro por tudo! Por todos os anjos e santos!
Chico - E isso tudo acontece adonde?
Rapazote - Em Caruaru.
Biu - Pois é o nosso destino.
Rapazote - Não vão, não vão. Já estão dizendo que é o fim do mundo.
Chico - O fim do mundo?
Rapazote - O fim do mundo.
Biu - Pois é prá lá que nos vamos.
Rapazote - E eu vou para bem longe. Na direção de que vocês vieram.
Biu - Escute aqui, meu irmão. Se você encontrar dois maridos chifrudos perguntando por dois rancebos, não diz que encontrou a gente.
Rapazote - Mais eu já vi essas caras!
Chico - Que caras? Você conhece os dois maridos?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 ip.31

Rapazote - Meu Deus, estarei louco?

Biu - Ai, meu Deus do céu, tenho mais mêdo de doido que de alma penada!

Rapazote - Eu já vi vocês. Eu já vi vocês.

Chico - Você já andou por Vitória de Santo Antão?

Rapazote - Nunca. Eu nunca saí de Caruaru pra canto nenhum.

Biu - Pois eu nunca sai do município de Vitória.

Chico - Nem eu.

Rapazote - (num grito lancinante) - Jesus, Maria, José.

Biu - Xi. Que êle é doido mesmo.

Rapazote - O prefeito e o padre Damião!
Será que morreram
e viraram assombração?

Biu - Chico, pelo amor de Deus. Ai, mãe, bem que a senhora avisou pra eu não sair de perto do cós da tua saia!

Rapazote - Meus anjos e santos do céu, valei-me! (sai correndo)

Biu - Ainda bem que êle foi embora.

Chico - Coitado. Tão moço! Bem, vamos embora.

Biu - Pra onde?

Chico - Pra Caruaru, homem de Deus.

Biu - Estou começando a ficar com mêdo.

Chico - Deixa de ser frouxo. Quando essas coisas acontecem as mulheres ficam doidas e é um tal de querer proteção.

Biu - Será que é assim mesmo?

Chico - Vamos logo enquanto é tempo.

Biu - Um, dois...

Chico - ... três!

Saem correndo. Entra o rapazote.

Rapazote - Para onde terão ido as assobrações? Meu Deus, o que devo fazer? (ajoelha-se). Eu juro que num peco mais, mas, pelo amor de Deus, meu Deus do céu, deixe que eu chegue em paz numa terra tranquila. Juro que não faço nem mesmo aquela brincadeirinha de mão que eu fazia tôda noite antes de dormir. Minha nossa Senhora do Perpétuo Socorro; valei-me! Eu estou num cagaço.

Primeira bruxa - Veremos agora como tudo vai se complicar ainda muito mais. E para que eu possa fazer a minha má ação da hora não sei se vocês sabem disto, mas uma bruxa que se preze tem que fazer uma maldade em cada hora, brinquemos um pouco com aquele rapaz.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156 p.32

Rapazote - Não falo mais mal de ninguém. Não chamo minha mãe de gorda. Não fico espeiando a vizinha tomar banho. (A bruxa dá uma gargalhada) Mas que é isso? (varias gargalhadas.) Dessa vez eu me borro todo! (sai correndo)

A bruxa faz um sinal e o rapazote volta de costas.

Bruxa - Abracadabra, em sapo te transformarás. (o rapazote coaxa) Abracadabra, em cachorro te transformarás (rapaz late). Abracadabra, em galo te transformarás para todo o sempre. (o rapazote cocorica e sai batendo as asas.)

CENA III

Luz sôbre a casa de Antonio das Almas. Sigismunda lastima-se do alto do telhado. Embaixo, Antonio das Almas e moradores.

Sigismunda - Eu não aguento mais. Socorrei-me todos os anjos do céu! Só penso se começar a chover. O que vai ser de mim?

Primeiro morador - Não se aperreie não, Sigismunda. Aqui não chove nunca ...

Sigismunda - E você acha que é bom ficar aqui em cima, com essa doença de coqueiro, crescendo cada minuto? E meu noivo quando chegar do Recife? Será que ainda vai querer casar comigo?

Antonio das Almas - Minha filha, já disse pra você se esquecer dessas coisas.

Sigismunda - Esquecer meu noivo, pai?

Antonio das Almas - Nós agora só temos que pensar em arranjar dinheiro para comprar ou alugar um guindaste. Casamento fica pra se pensar depois.

Sigismunda - Que desgraçada eu sou!

Antonio das Almas - Eu sei, filhinha, eu sei. Mas temos que ter paciência. (para platéia). Vocês não querem dar um dinheirinho pra rogente poder arranjar um guindaste? (os moradores dão o dinheiro e se retiram)

Antonio das Almas - Que Deus ajude vocês todos!

Sigismunda - E ainda mais virar esmoler!

Antonio das Almas - Não fale assim, filhinha.

Sigismunda - Não é verdade, pai? Ai, se meu noivo souber disso, ai é que ele não casa mesmo. E o que vai ser de mim? Coqueiro e sem marido; pior mesmo que o destino de mulher da vida.

Antonio das Almas - Eu vou até a feira, filhinha, par ver se arranjo mais dinheiro.

Sigismunda - Não custe muito, pai. Tenho tanto mêdo de ficar nestas alturas sòzinha.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 IP. 33

Antonio das Almas - Está bem, filhinha.

Sai Antonio das Almas. Entra o cavalo com cabeça de gente COM UM RAMO DE FLÔRES ENTRE OS DENTES.

Sigismunda - Você veio de novo, meu amigo?

Cavalo com cabeça de gente - (relincha)

Sigismunda - E sempre com as suas flôres? Se não fôsse a sua delicadeza, não sei o que seria de mim. (estende os braços e apanha os ramos de flôres. O cavalo com cabeça de gente executa alguns passos de dansa).

Cavalo - Relincha.

Sigismundo - Que bom você ter vindo!

Cosma (entrando com uma vassoura na mão) - Ah, sêo cavalo você quer mesmo é viver na vadiagem. Vamos embora! Vamos aproveitar a feira. Já armei uma barraca pra mostrar você e ganhar algum dinheirinho.

Sigismunda - Deixe êle um pouco comigo, dona Cosma, me fazendo companhia...

Cosma - Viver não está fácil não, Sigismunda. Tem que se ganhar dinheiro. A situação está cada vez pior. Vamos, cavalo, vamos.

Saem Cosma e o cavalo.

Sigismunda - Ai de mim, desventurada!

Escurece. Luz na casa de Antonio Cipriano.

Rosinha - Preciso falar com você.

Antonio Cipriano - Não é um absurdo? Pedindo esmola na feira só para me desmoralizar?

Rosinha - Antonio...

Antonio Cirpiano - O que vão dizer de mim por ai? Antonio das Almas, na feira, pedindo esmola para comprar um guindaste. Um guindaste que é da alçada da prefeitura. Essa oposição é mesmo uma desgraça. Aproveita até o próprio infortúnio para tirar rendimento político.

Rosinha - Antonio, eu queria saber porque você tem chegado tarde tôdas as noites.

Antonio Cipriano - Fico com vontade de mandar prender êsse homem. Ele quer acabar com a minha vida. Rosinha, hoje deve chegar aqui em Caruaru um enviado do Sr. Presidente da República para fazer uma inspeção na cidade. E sabe por que? Essas coisas que aconteceram por aqui estão causando a maior reboliço. No Rio de Janeiro, em Brasília, em São Paulo, pessoas da oposição estão querendo tirar vantagens disto tudo,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 34

A.Cipriano -...dizendo que se trata de um castigo do céu contra a minha administração.Veja a que ponto chegaram êsses homens da oposição!E eu transformei-me numa pessoa suspeita.Vem um emissário especial do senhor Presidente só para examinar a veracidade dos fatos que aqui aconteceram.Pois bem.Nêste justo momênto. Antônio das Almas vai para a feira pedir esmolas,dizendo prá todo mundo que eu sou um incapaz,por que a prefeitura não tem um guindaste.

Rosa - Você chegou tão tarde por que?

A.Cipriano - Não é de enlouquecer?O Emissário do Presidente vai ver que não há ninguém suspeito,mas pode muito bem achar que sou um incapaz por não providenciar um guindaste.Claro,ouve Antônio das Almas dizendo aquelas coisas, a pobre filha lá nas alturas.Eu posso até ser submetido a um inquerito.

Rosa - Você vê,Ritinha.Êle se recusa a responder a minha Pergunta.

A.Cipriano -Devo ou não devo prender Antônio das Almas?O meu futuro está em jôgo.A tranquilidade do nosso lar está em jôgo, também.

Rosa - Antônio Cipriano por que ...

A.Cipriano - Realmente é demais.Parece até um castigo.Mas eu nada fiz para merecê-lo.Sempre fui um bom filho,um bom cidadão,respeitador das coisas de Deus e da Pátria.Mas de repente vem tudo isso de uma só vez!Um cavalo com cabeça de gente;uma mulher que não para de crescer;uma outra que não para de engordar; a terrível revelação da minha mãe na hora de sua morte e para completar essa desmoralização que Antônio das Almas está me submetendo.Outro teria enlouquecido!

Rosa - Ritinha,você quer falar com êle?Talvez êle tenha mais atenção.

Rita - Senhor meu cunhado,minhã irmão deseja saber por que o senhor chegou tão tarde ontem a noite?

A.Cipriano - É demais!É demais!Se conseguir resolver tudo isso a contento necessito de umas boas férias.Vocês me entendem?

Rosa - É de enlouquecer !

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 35

Antonio Cipriano - É exatamente o que eu estava dizendo. É de enlouquecer ! Que bom que minha família concorde comigo.

Ritinha - Mas a minha irmã...

Antonio Cipriano - Eu vou conversar com o padre Damião... Com o padre. (à parte) Será que êle é meu irmão?

Rosinha - Mas Antonio Cipriano...

Antonio Cipriano - Qualquer coisa estarei na igreja... Tenho que falar com urgência com o padre Damião.

Rosinha - Você viu o cinismo dêle, Ritinha? Depois você ainda o defende!

Ritinha - O homem está com a cabeça cheia de problemas..

Rosinha - Problemas nada. Safadeza! Tudo isto é desculpa para ficar na rua até altas horas. "Os homens são todos uns porcos", disse uma mulher num filme que eu vi. E ela estava coberta de razão. Meu coração não me engana: existe uma mulher atrás disto tudo.

Ritinha - Ora, Rosinha. Eu queria ver você morando numa cidade grande como o Recife. Você ia enlouquecer. Lá, minha irmã, o homem sai de casa de manhã e só volta para jantar. Você seria capaz de sair procurando até por debaixo das pontes.

Rosinha - Seria!

Ritinha - Antonio Cipriano é um marido exemplar. Sempre voltado para os problemas da casa. Não me lembro de nenhuma falta dêle. É verdade que nestas últimas noites êle tem chegado tarde em casa. Mas deve ficar na igreja conversando com o padre Damião sôbre tudo isso que está acontecendo...

Rosinha - Você não sabe nada da vida, minha irmã. Não sabe de que sujeiras os homens são capazes. "São todos uns porcos" , disse uma mulher num filme que eu vi. E ela estava coberta de razão. Você não viu o sacristão? Quem diria?

Ritinha - E você acredita?

Rosinha - Mas claro! Os olhos são da mesma côr. Depois de uma coisa desta não se pode confiar mais em ninguém. O sacristão, quase um padre, tão agarrado às saias de dona Cosma, e derrepente com uma égua em sua vida...

Ritinha - Ora, Rosinha...

Rosinha - Depois disto, botei as minhas barbas de môlho. E quer saber de uma coisa? Vou atrás de Antonio... Não vou nesta história de que está na igreja com o padre Damião. Deve estar por aí com alguma quangazinha qualquer.

Ritinha - Minha irmã, tenha um pouco de calma.

Rosinha - Não, Ritinha. Mulher côrna eu não vou ser.

(sai apressadamente com Ritinha. Escurece. Luz. Uma rua de Caruaru.)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 36

28

29

CANTIGAS DO CEGO

Eu táva contando uma estória
Foi quando apareceu
Uma môça arrumadinha
Uma tal lá de Ritinha
Deu uma olhada prô meu lado
Fiquei logo assanhado
Vô agora prá casa dela
Vê se engano o cunhado dela
Tapo o ôlho da irmã dela
E passo a mão na... fita dela .

Ai,Meu Deus
Deus meu do céu
Agora foi que aconteceu
A mãe que não era mãe
Foi a tal que lá morreu
Matou a cigana amiga
Ficou com os filho dela
Era o padre e o prefeito
com todos seus defeito
não são mais filho da mãe
são uns filho da... sei lá
Eu só sei que ela morreu

Então,então,então
Foi na casa do sacristão
Nasceu um cavalo metade
metade cavalo,metade gente
A culpa tá com o Bonifácio
Ôlho por ôlho êsse é o pai
Ai!Ai!Ai!
Isso tá ficando fogo
Vô lá vê tôda desgraça
Aqui num fico ... não sou bôbo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 37

Cruzes!
Tão virando varapáu
Cavalo, gente, morte, côrno
Isso tá ficando fogo
Vô botá tudo no fôrno.
Até o prefeito mal sujeito
Que me deu um empurrão
Eu fiquei todo sem jeito
E machuquei meu ... violão !

Santa Maria
Coitada da minha tia
Inchou a barriga dela
Coitada não era filho
Coitada da outra coitada
Virô varapáu e nunca mais
Virá - páu
Coitado de mim
Que não tenho mais
pa...lavras prá cantar.

Currupáco!
Currupáco!
De galo virô macaco
Bem feito dêsse pirralho
Não enche mais o
meu ... bolso de tachinha .

Nossa Senhora
Alumie , alumie , alumie
Alumie a nossa
Aperreieção .

Tá esquentando
Tá esquentando
Isso tá ficando bom
Vô pô sabão na porta
Quero vê gente escorregá
Oba! Oba!
Eu vou ri até ... pará !

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 IP. 38

O Cego - Que Deus Nosso Senhor Jesus Cristo alumie a cominho de todos vocês.

Todos - Amén!

Enquanto o cego canta a sua toada, Chico e Biu entram. Imediatamente alguns habitantes cumprimentam com respeito e espanto. Chico e Biu olham para todos com maior espanto ainda.

Um habitante - (para Chico e Biu) - Meus respeitos.

Outro habitante - Que Deus proteja os senhores.

Chico - Muito obrigado, muito obrigado.

Biu (para Chico) - Simpático o povo da cidade.

Chico - Realmente, muito simpático.

Todos retiram-se, menos Chico e Biu.

Chico - Você viu? Todo mundo comprimentando a gente com o maior resptito.

Biu - Bem, pra falar a verdade, estou um pouco desconfiado.

Chico - Desconfiado? De que?

Biu - Você se lembra da história que aquele cabra nos contou?

Chico - Sobre as coisas estranhas que estão acontecendo aqui?

Biu - Sim.

Chico - E que tem isso? Aquele cara pra mim era um lezo. Não estou notando nada de anormal aqui.

Biu - E aquela mulher, logo na entrada da cidade, que chegou junto de mim e disse: Seo Padre, o que é isto, o senhor sem batina? O senhor acha pouco os castigos que Deus tem mandado pra gente?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 39

Chico - Aquela mulher era meio maluca.

Biu - Eu estou um pouco com mêdo que essa terra esteja cheia de doido. Oxente!Todo mundo ri prá gente,cumprimenta,como se a genteti vesse nascido e se criado aqui.

Chico - É uma gente hospitaleira.Sempre ouvi dizer:"O povo de Caruarú é um povo bom danado".

(Passa uma mulher que olha para Chico e pára.Aproxima-se espantada)

Mulher - A benção!

Biu - Deus te abençoe.(a mulher sai) Você tá vendo?

Chico - Deve ser costume da cidade.

Biu - Mas por que é que não tomam a benção de você também?

Chico - É que você tem uma cara meio de santo,Biu.Mas que cabra de sorte,hein?Vai ser fácil papar essas minininhas tôdas...

Biu - Você acha ?

(Aparecem Rosa e Rita que ficam olhando de longe.Rosa faz sinais para Chico)

Biu - Chico,tem uma mulher ali fazendo sinal prá você.

Chico - Pá mim?E a danada é bonitinha.Será que é uma quenga?

Biu - Não tem cara de quenga.Parece moça de respeito.

Chico - E como é que está me chamando?

Biu - Eu sei lá.Não estou gostando nada disso.

Chico - Você também é um apavorado.Tem mêdo de tudo.

Biu - É que eu estou cansado de correr por causa de marido doido.Não estou para correr mais.Aqui eu quero fazer minha pousada,mandar buscar minha mãe,casar e ter muitos filhos.

Chico - Ela continua.

Biu - E está vindo para cá!

Rosa - Então,senhor meu marido,aproveitando o sol do meio dia?

Biu - Você não me disse que era casado!Isso é safadeza!

Chico - Fica quieto aí|

Rosa - (para Biu)-O senhor sem batina em plena rua?

Rita - Deve ser ordem do Concílio,Rosinha!

Rosa - Que Concílio,que nada!Eu acho uma falta de respeito e das grandes!

Biu -(para Chico) Você está entendo alguma coisa?

Chico - Nada.Mas se ela insiste que eu sou o marido não faço questão. Vou lá e cumpro meus deveres conjugais.

Biu - Chico,cuidado.Algo está me avisando que é melhor a gente ir embora.

Rosa - Vamos para casa!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p.40

Chico - Podemos ir. Vamos, Biu?

Ritinha - Biu?

Biu - Um seu criado.

Rosinha - Ainda bem que estão de bom humor.

Biu - E não é pra estár com um céu tão azul e um sol tão bonito?

Rosinha - Vamos logo que precisamos ter uma conversa muito séria, senhor meu marido. (as duas ~~afastaram-se~~)

Biu - Você vai?

Chico - Mas claro. Bonitinha, não é?

Biu - Chico, eu estou vendo o dedo do capeta nisto tudo. Essa mulher e capaz de ter um marido mesmo. A gente termina se estrepando.

Chico - Eu já estou acostumado.

Rosinha - Você quer me fazer perder a paciência?

Chico - Não, meu amor. Vamos, Biu.

Biu - Vamos. (à parte) Mãe, reza por mim. E reza forte.

FIM DA PRIMEIRA PARTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0 LS6 1P.4L

S E G U N D A P A R T E

Voz de Rosa - (dentro da casa) E se perguntaren pela gente voCê diz que não tem ninguén em casa.Que eu e neu narido tivenos que sair.

Voz da empregada - Sin senhora.

(Luz narua.Antônio Cipriano ,padre e Emissário do Presidente)

A.Cipriano - Vossa Excelência ficará na minha casa.É casa de pobre mas terá todo o nosso carinho.

Emissário - Não será preciso tanto incômodo;não devo aceitar.Vim em missão oficial,talvez não fique bem aceitar êsse favor.Devo estar totalmente livre para as minhas investigações.O senhor sabe,as informações que tivenos são as mais desencontradas Enquanto uns acreditam tratarem-se realmente de fenômenos,apenas por estranha coincidência aparecidos de uma só vez,outros, e tenho que dizer a maioria,acreditam tudo não passar de uma manobra de pessoas interessadas em pertubar a vida da cidade.

Padre - Mas como essas pessoas podem fazer que uma mulher começe a crescer de repente ou um cavalo nascer com cabeça de gente?

Emissário -Não sei como responder;mas para isso estamos aqui:para averiguar.E,Deus queira,poder tranquilizar o nosso Presidente.Esperamos,realmente,que se trate de fenômenos,isto não trará nenhum prejuizo,muito pelo contrário,poderá aumentar a receita da Prefeitura com a avalanche de turistas que certamente acorrão a esta cidade.

A.Cipriano - Ainda hoje o senhor poderá tranquilizar o Presidente, tenho certeza.Proponho ir até lá em casa,almoçarmos,e depois iremos ver de perto os fatos estranhos.

Emissário - Confesso que estou com muita fome.

Padre - Dona Rosinha,espôsa do senhor Prefeito,é uma excelente cosinheira.O senhor não terá o que reclamar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p.42

Emissário - Mas não será um incômodo?

Cipriano - De modo algum. O senhor não pode imaginar a alegria nossa em receber uma autoridade da República.

Emissário - Fico desvanecido com tanta atenção.

Entra o Sacristão correndo com Cosma atrás.

Sacristão - Peço proteção a autoridade.

Padre - Mas o que é isto?

Cosma - Eu avisei esse miserável que não aparecesse mais na minha casa.

Sacristão - A casa é minha também.

Cosma - A sua casa é no estábulo com aquela égua filha da mãe.

Cipriano - Deixemos êsse assunto para depois, dona Cosma. A senhora está na presença de um Emissário do Presidente da República que veio a Caruaru para observar os fatos estranhos que aconteceram nos últimos dias.

Cosma - Ah, o senhor é amigo do presidente?

Emissário - Com muita honra.

Cosma - Pois é com o senhor mesmo que eu precisava falar.

Padre - Dona Cosma, talvez numa outra hora... O senhor Emissário fez uma viajem muito cansativa...

Cosma - O senhor precisa pedir um favor muito grande ao Presidente, senhor Emissário, Eu sou uma mulher católica, apostólica, romana, de pai e mãe e avós católicos, mas se o presidente não me fizer um favor muito grande eu termino virando uma assassina. ...

Padre - Dona Cosma...

Emissário - (para o padre) Um momento. (para Cosma). De que se trata?

Cosma - Eu quero que o Presidente permita que eu me divorcie. Eu sei que no Brasil isto é proibido, mas no meu caso tem que ser. O senhor imagine, senhor Emissário, que o meu marido me traiu com uma égua que tem no meu roçado.

Emissário - Com uma égua?

Cipriano - Ela está nervosa, senhor Emissáio.

Sacristão - Isto é uma calúnia!

Cosma - O senhor precisa ver o filho que nasceu.

Emissário - O filho?

Cosma - O cavalo tem os mesmos olhos que êle e agora até o nariz está parecido.

Padre - É exatamente um dos fenômenos. ...

Emissário - Ah, o cavalo com cabeça de gente...

Cipriano - Isto mesmo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 IP 43

Emissário - Mas será que esta senhora está dizendo a verdade?

Padre - Não pode ser verdade.É contra as leis da Natureza.

Emissário - Mas a cara de gente do cavalo não é também contra as leis da natureza?...

Padre - Sim,realmente,mas...

Cosma - Ninguém quer acreditar em mim.E eu ainda termino fazendo una desgraça.Não contra o cavalo,é claro.Não tem culpa nenhuma da safadeza do meu marido com a égua da sua mãe.É um pbre inocente.Mas termino matando o meu marido.Ou então mato a égua.Não consigo mais dormir pensando que aquela égua cachorra da moléstia dorme perto de mim e ainda come a forragem que eu compro com meu dinheiro.

Emissário - Realmente,se fôr assim deve ser uma situação muito estranha.

Cosma - Estranha é apelido. É uma situação filha da puta.

Cipriano - Dona Cosma ...

Padre - Não se trata nada disso,posso assegurar ...

Sacristão - O padre Damião me conhece muito bem.Sabe que eu saria incapaz de um pecado tão horroroso.

Cosma - Sem vergonha,como você não respeita nem a figura do Emissário do Presidente para continuar defendendo a sua safadeza?

Cipriano - Dona Cosma,depois nós conversamos sôbre o assunto.No monênto temos que ir almoçar.O senhor Emissário está com muita fome.

(Entra o cavalo com cabeça de gente e se dirige ao sacristão.O emissário tem um movimento de mêdo mas controla-se logo)

Cosma - Eis a prova! (Dá um grito e desmaia)

Emissário - Realmente trata-se de algo que eu não esperava ...

(Osacristão carrega cosma;o cavalo aproxima-se do Emissário)

Emissário - (com mêdo)Eu nunca vi uma coisa como esta.Tirem êste animal daqui ...

A.Cipriano - Xô,cavalo...Xô,cavalo.... (O cavlo sai alegremente)

Emissário - E os outros fenômenos são tão estranhos assim?

Padre - São coisas tão estranhas que fazem até desconfiar que se trata realmente de um castigo de Deus.

Emissário - Então o senhor quer insinuar que o Prefeito está desagradando a Providência?

Padre - De modo algum.Longe de mim pensar em tal coisa.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 01 56, p.44

Emissário - Precisamos de muito cuidado nos conceitos que emitimos.Muito cuidado!!!!

A.Cipriano - Creio que agora podemos almoçar.

(Encaminham-se para a casa de A.Cipriano.No caminho passam pela casa de A.Almas.O cavalo com cabeça de gente está no telhado junto a Sigismunda. Embaixo,A.Almas tem um rifle nas mãos.O diálogo entre A Almas e Sigismunda desenrola-se sem que êstes percebam a presença de A.Cipriano,Padre e Emissário).

A.Almas-Eu já disse que matava Êsse miserável.

Sigismunda - O senhor não pode fazer isso!O senhor não tem o deireito de estragar a minha felicidade.

A.Almas - É o que faltava,Sigismunda.Minha filha namorando com um cavalo

Sigismunda.-Não se trata de um cavalo comum.O senhor fala assim porque não conhece a bondade que êle ten no coração.

A.Almas - Você está louca,Sigismunda?

Sigismunda-e Não é para enlouquecer?Ter um pai sem coração como o senhor?Que não tem o menor interêsse na felicidade da filha?

A.Almas - Sigismunda!Não se trata disso.Nenhum pai pode querer ver a filha casada com um cavalo.Mesmo que se trate de uma cavalo com cabeça de gente.Não é da lei dêsse mundo.

Sigismunda - Então?O senhor acha que a mãe dêle pode não querer o casamento por que eu sou uma mulher coqueiro?

A.Almas - A mãe dêle? A égua.

Sigismunda - Sim.A mãe dêle.A égua.

A.Almas - Minha filha,as alturas atacaram a sua cabeça...(Pergebe A. Cipriano,padre e Emissário.Avança para o Prfeito)O senhor é o culpado de todo êsse drama.

A.Cipriano - Cuidado com essa arma.Ela pode disparar.

A.Almas - Está satisfeito?Me diga.Está satisfeito com a minha desgraça?

Padre - O senhor acalme-se,AnTônio das Almas ...

A.Almas - Acalme-se...Acalme-se...É isso o que todo mundo me diz.E cada vez tudo vai piorando mais.Já sabem da última novidade :minha filha quer casar com um cavalo !

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.45

A.Cipriano - Antônio das Almas,nós estamos defronte de um Emissário do Presidente da República.Você precisa se acalmar.

A.Almas - Muito Prazer!

Emissário - Igualmente ÷

Antônio das Almas - Quero apresentar minha queixa ao senhor Presidente da República contra o Prfeito da cidade.

Emissário - Deve ser uma queixa por escrito.

A.Almas - Depois eu escrevo.Mas eu digo logo porque não sei se o meu coração vai aguentar tanto aperreio.O senhor prefeito é o grande culpado de tudo que está acontecendo por que nunca providenciou um guindaste para esta cidade.

Emissário - Caruarú não tem um guindaste ?

A.Almas - O senhor não acha que um guindaste é de extrema necesseidade para uma cidade?

Emissário - Sem nenhuma dúvida.

A.Cipriano - Sem duvida nenhuma.

A.Almas - Se eu tivesse um guindaste minha filha não estava mais naquelas alturas e não tinha conhecido o cavalo.

A.Cipriano - Senhor Emissário,eu sei que a cidade precisa de um guindaste.Mas,infelizmente a arrecadação tem sido muito baixa e o dinheiro não dá prá nada.

Wmissário - E por que a arrecadação tem sido baixa?

A.Cipriano - Nada vai bem,senhor Emissário.Ninguém tem dinheiro prá nada.

Emissário - O senhor está insinuando alguma coisa?

A.Cipriano - De modo algum,senhor emissário.Eu nem sei o que é isto. Mas que está indo prá trás,está mesmo.

Emissário - O cavalo está beijando o varapáu ... e na bôca|

A.Almas - Agora eu mato êle!Agora eu mato!

Padre - Não faça loucura.O tiro pode pegar na sua filha!

A.Almas-Estou desonrado.O jeito mesmo é casar os dois.

Padre - Casar os dois?Isto é sacrilégio!Antônio das Almas ...

A.Almas - E minha filha?Vai ficar desonrada depois de ter sido beijada na bôca pelo cavalo e nafrente de testemunhas?

Emissário - A solução é prender o cavalo!

A.Cipriano - Prender o cavalo?

Emissário - Claro.Está pertubando a ordem pública.Já ne deparei con dois casos dolorosos,nesta cidade,por causa dêste cavalo.Por que p espanto?Por que não se pode prender um cavalo?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,1p.46

... ...

Antonio Cipriano - E... Realmente... Por que não se pode prender um cavalo?

Antonio das Almas - (apontando o rifle para os três) - Ninguém vai prender êste cavalo coisa nenhuma. Depois do que êle fez com minha filha êle vai casar com ela. Eu sou pobre mas sou um homem honrado. Não vou consentir que joguem o nome de minha família na lama.

Padre Damião - O senhor enlouqueceu, Antonio das Almas?

Antonio das Almas - Saiam daqui. Saiam daqui.

Os três afastam-se apressadamente. Luz na frente da casa de Antonio Cipriano.

Antonio Cipriamo - Felizmente creio que podemos agora almoçar descansadamente.

Emissário - Sua casa é muito simpática.

Antonio Cipriano - Às ordens, senhor Emissário. Merda, esqueci a chave. Desculpe, senhor Emissário. (bate na porta)

Padre Damião - Aqui é um lugar bem mais tranquilo. Fica distante da feira.

Emissário - Eu quero muito visitar a feira de Caruarú. É famosa no Brasil inteiro.

Empregada - (aparecendo na porta) - Que desejam?

Antonio Cipriano - Você é a empregada nova?

Empregada - Minha patroa está almoçando com o marido dela e mandou dizer que não está em casa para ninguém. E o marido dela manda dizer que não está em casa para ninguém durante meses e meses. (fecha a porta)

Emissário - O que está acontecendo aqui?

Antonio Cipriano - A empregada é nova entrou pela manhã. Não me conheceu ainda. (bate novamente)

Empregada - Quer deixar algum recado?

Antonio Cipriano - Eu não quero deixar recado coisa nenhuma. Eu quero entrar que a casa é minha. Eu sou o marido da sua patroa.

Empregada - Brincadeira tem hora! O marido dela está lá dentro. Nunca vi um casal tão unido na minha vida. E cada beijo. Cruzes! E não é que o senhor é parecido com êle.(fecha a porta)

Emissário - Que brincadeira é está?

Antonio Cipriano - Não estou entendendo nada. Com certeza essa empregada é uma maluca. Ou então, quem sabe, Rosinha resolveu fazer uma brincadeira de mau gôsto porque está meio zangada... Estas últimas noites andei chegando tarde.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p.47

Emissário - Precisamos averiguar tudo direitinho.O nosso governo não pode permitir que um representante seu seja côrno.

A.Cipriano - Côrno?Eu?

Emissário - Se sua espôsa está lá dentro beijando outro homem o senhor é um côrno!Ou aqui usam outra palavra?Eu não entendo nada de regionalismo!

Padre - Dona Rosinha é uma santa senhora.Posso assegurar.

A.Cipriano - Se o senhor não fôsse a autoridade que é...não admitiria de mais ninguém tamanho insulto.

Emissário - Nós,homens do poder,temos que ter uma frieza enorme para conceituar as coisas.Os nomes têm quer ser dados aos bois.Se sua mulher estiver realmente lá dentro,agarrada com outro homem então o senhor é côrno.E como tal não merece a confiança e o respeito. Têmos que arranjar outro prefeito.

A,Cipriano - Essa é demais !

Emissário - Os fatos são os fatos.Nós damos aos fatos seus nomes verdadeirios,doa a quem doer.Não temos mêdo da impopularidade.

Padre - Tudo ficará esclarecido dentro de muito pouco tempo.

Primeira beata - (entrando)Senhor prefeito,me socorra,pelo amor de Deus .

A,Cipriano - Que terá acontecido,Meu Deus?

1ªBeata - A pobre da minha irmã não tem mais o que comer e agora está comendo barro.

A.Cipriano - Mas hoje já não mandei um boi?

1ª Beata - E o que é um boi para a minha irmã?E o pior é que ela já está da largura da sala.Não sei o que fazer.O safado do filho fugiu com mêdo,pois êle acha que vão cair ráios aqui em Caruarú. E eu fiquei sózinha,com tôdas essas aflições para resolver.

A.Cipriano - O senhor está vendo?Um boi não é o bastante!Como a prefeitura pode com tamanha despeza por dia.E outro filho da mãe ainda fala de guinfaste ....Queren saber de uma coisa? Eu renuncio!

Emissário - Como????

A.Cipriano - Renuncio,senhor Emissário.Os problemas são muitos e eu ainda levo o nome de côrno.

Emissário - Isto chama-se deserção à Pátria numa hora em que ela se encontra em perigo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 48

Emissário - Precisamos averiguar e direitinho. O nosso gôvêrno não pode permitir que um representante seu seja côrno.

Antonio Cipriano - Côrno? Eu?

Emissário - Se sua espôsa está lá dentro beijando um outro homem o senhor é um côrno! Ou aqui usam outra palavra? Eu não entendo nada de regionalismo!

Padre Damião - Dona Rosinha é uma santa senhora. Posso assegurar.

Antonio Cipriano - Se o senhor não fôsse a autoridade que é... não admitiria de mais ninguém tamanho insulto.

Emissário - Nós, homens do poder, temos que ter uma frieza enorme para conceituar as coisas. Os nomes têm que ser dados aos bois. Se sua mulher estiver realmente lá dentro, agarrada com outro homem então o senhor é um côrno e como tal não pode mais merecer a confiança e o respeito da Presidência da República. Temos que arranjar outro prefeito.

Antonio Cipriano - Essa é demais!

Emissário - Os fatos são fatos. Nós damos aos fatos seus nomes verdadeiros, doa a quem doer. Não temos mêdo da impopularidade.

Padre Damião - Tudo ficará esclarecido dentro de muito pouco tempo.

Primeira Beata - (entrando) - Senhor prefeito, me socorra, pelo amor de Deus.

Antonio Cipriano - Que terá acontecido, meu Deus?

Primeira Beata - A pobre da minha irmã não tem mais comida para comer agora está comendo barro.

Antonio Cipriano - Mas hoje já não mandei um boi?

Primeira Beata - E o que é um boi para a minha irmã? E o pior é que ela já está da largura da sala. Não sei o que fazer. O safado do filho fugiu com mêdo, pois êle acha que vão cair raios aqui em Caruarú. E eu fiquei sòzinha, com todas essas aflições para resolver.

Antonio Cipriano - O senhor está vendo? Um boi não é o bastante! Como a Prefeitura pode com tamanha despeza por dia. E o outro filho da mãe ainda fala em guindaste... Querem saber de uma coisa? Eu renuncio.

Emissário - Como?

Antonio Cipriano - Renucio, senhor Emissário. Os problemas são muitos e eu ainda levo o nome de côrno.

Emissário - Isto chama-se deserção à Pátria numa hora em que ela se encontra em perigo. Pode sair cadeia e quem sabe até fuzilamento.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156,p49

Antonio Cipriano - Está bem, senhor Emissário. Mantenho-me no posto pelo bem da Pátria. Vamos, minha senhora, vamos ver sua irmã. O senhor irá também. O almoço fica pra depois.

(Saem todos entram as três bruxas.)

Primeira Bruxa - Tudo errado. Completamente errado. A praga tomou a direção errada. O pobre do prefeito nada tem com o que lhe aconteceu.

Segunda Bruxa - Vivemos um tempo absurdo; nem mesmo uma praga toma o seu verdadeiro destino.

Terceira Bruxa - Nada segue seu rumo certo. (num gesto largo) Os desencontros acumulam-se. Por toda parte são longos gemidos de fome, sêde, inquietação.

Segunda Bruxa - Temos que consertar tudo.

Terceira Bruxa - Quem sabe o material que usamos não era falsificado. Vivemos um tempo de falsificações. ...

Segunda Bruxa - Em tôrno do caldeirão mais negro... ...

Terceira Bruxa - Com luz de lua ainda não desvirginada...

Terceira Bruxa - Aqui, aqui, o raio mais veloz...

(trovões, relâmpagos.) ...

Segunda Bruxa - Aqui, aqui o pássaro mais sinistro...

Terceira Bruxa - ... o beijo mais maldito...

Primeira Bruxa - Com sangue e destruição...

Terceira Bruxa - Esperma de burro ladrão...

Primeira Bruxa - Mijo de bezerro veado...

Terceira Bruxa - Nem um dia a mais, nem um dia a menos!

Segunda Bruxa - Biu, Biu é o nome...

Primeira Bruxa - Biu e Damião...

Biu e Damião...

As três bruxas - ... são a nossa maldição!

(Luz na casa de Antonio Cipriano. Biu e Ritinha)

Ritinha - Acho que bebi demais, reverendo.

Biu - (à parte) - Que mania de me chamar de reverendo. Mas se dá uma coceirinha maior, vai chamando. ... ...

Ritinha - Sinto a cabeça nas nuvens. Estou lesa... lesa... Só me lembro de ter ficado assim num Carnaval que passei no Recife.

Biu - E o que aconteceu?

Ritinha - Não consegui me lembrar de nada no dia seguinte.

Biu - Assim é melhor. Não dá para sentir remorsos...

Ritinha - Tenho a impressão que estou num carrocel... Aquele de cavalinhos...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 50

Biu - Não é melhor se amparar em mim? Pode encostar a cabeça no meu ombro...

Ritinha - Acho que vou aceitar o oferecimento. Que mal pode haver, não é mesmo?

(Recosta a cabeça no ombro de Biu. Biu começa a acaricia-la Ritinha vai cedendo)

Ritinha - Reverendo... Reverendo...

Biu - Me chama de bispo, meu amor. Ou até de Papa.

(Intensifica os carinhos)

Ritinha - O senhor não acha...

Biu - Não vamos achar nada agora. (Beija Ritinha na bôca. Ritinha dá um grito)

Biu - Mas o que foi? Ainda não comecei a morder!

Ritinha - Deve ser pecado.

Biu - Que pecado coisa nenhuma!

Ritinha - Mudaram então?

Biu - Claro, isto é coisa de antigamente.

Ritinha - O senhor não está enganado? Será que o concílio resolveu mesmo que não é mais pecado?

Biu - (à parte: Conselho? Que conselho?) (para Ritinha) Pode acreditar em mim. Não é mais pecado. (Acaricia Ritinha)

Ritinha - A mula sem cabeça!

Biu - (dando um pulo) - Onde?

Ritinha - Mulher de padre vira mula sem cabeça! E o senhor! (Dá um grito violento. Biu sai correndo. Entram Chico e Rosinha)

Rosinha - O que aconteceu?

Ritinha - Vou virar mula sem cabeça: O reverendo me beijou. Vou ser castigada.

Chico - Reverendo. Que reverendo?

Rosinha - Padre Damião, ora. O safado não está usando batina exatamente para se aproveitar das pobres indefesas.

Chico - Padre Damião, sei. (à parte) - Insistem na lezeira.

Ritinha - Eu vou atrás dêle. Vou desmoralizá-lo para sempre.

(As bruxas dão uma terrivel gargalhada e saem. Entram padre Damião e Emissário)

Padre Damião - Não sei o que está acontecendo nesta cidade Realmente dá o que pensar. Embora sejamos todos responsáveis em encontrar uma solução para tudo isto eu realmente não queria estar no lugar do prefeito. Não sei como êle está conseguindo suportar tanta coisa junta.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 51

Emissário - O destino do homem público é muito espinhoso. Mas todos sabemos disto e não podemos recuar: trata-se de uma vocação.

(Entra Ritinha e avança direta para o padre Damião)

Ritinha - Ah, seo cretino, foi vestir batina para ver se escapava, Não escapa não.

(Esbofeteia Padre Damião)

Padre Damião - Dona Ritinha de que se trata?

Ritinha - De que se trata, hein? O senhor é um padre safado! (para o Emissário) Imagine, beijou-me na bôca. E eu sou capaz de virar mula sem cabeça!

Emissário - Não é possivel. É por estas e outras que a religião anda tão por baixo.

Padre Damião - Mas isto é uma calùnia!

Ritinha - Vou mandar dizer ao papa!

Padre Damião - Ao papa?

Ritinha - Você vai ver! (sai)

Padre Damião - Realmente não sei o que dizer... Cada um com suas provações.

Chico sai da casa de Antonio Cipriano.

Chico - (para o padre) - Onde arranjou essa batina?

Padre - Onde arranjei a batina?

Chico - Acho melhor a gente dar o fora. Já consegui o que eu queria. Mas aqui pra nós, tenho a impressão de que a moça é casada mesmo. Pelo menos donzela não é mais. Depois o marido aparece por ai. Vamos? Mas como é que você vai correr com essa batina?

Padre Damião esbofeteia Chico.

Chico - Que é isto? Me estranhando? Você bebeu demais!

Emissário - Senhor prefeito...

Chico - O senhor também me chamando de prefeito? Escuta aqui. Marido eu não faço questão de ser. Mas prefeito, Deus me livre!

Emissário - Senhor prefeito, exijo uma explicação imediata. Não admito que levem no ridículo um representante do Presidente da República.

Chico - Quem? Quem é representante da Presidência da República?

Padre - êle não deve estar bom da cabeça!

Emissário - O senhor considere-se preso!

Chico - Eu? Preso? Mas o que foi que eu fiz?

Emissário - Uma autoridade que não impõe...

Chico - (para o padre) - Você vai ficar aqui?

Padre - Claro que vou ficar aqui.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 52

Chico - Então, adeus! (sai correndo)

Emissário - (correndo atrás) - Polícia! Polícia!

(entra dona Cosma)

Cosma - Senhor padre...

Padre Damião - O que é dona Cosma?

Cosma - O senhor viu a safada da égua?

Padre Damião - Não, dona Cosma.

Cosma - A safada fugiu, Mas eu vou atrás. Isto não vai ficar assim. O senhor sabe, padre Damião, ela não podia fazer isto comigo. Principalmente depois da conversa que eu tive com ela.

Padre Damião - A senhora foi conversar com a égua?

Cosma - Sim, reverendo, uma conversa franca. De mulher para mulher. Enfim eu me apeguei ao filho do pecado e êle era filho dela. Falei de coração aberto. Pensei que tínhamos ficado amigas. Cheguei mesmo a perdoar. Mas hoje, essa égua do meu ódio resolveu fugir. Nem que corra êsse Brasil inteiro e chegue até São Paulo eu encontro essa égua. Ela não pense que eu vou criar o filho dela enquanto ela anda por aí.

(sai dona Cosma)

Padre Damião - Eu devo pegar o primeiro ônibus e ir até o Recife conversar com o arcebispo. Realmente não me sinto capaz de orientar essas almas. O bispo daqui viajou. Não me sinto com fôrças... Mas o que será isto que está acontecendo? Será obra de Deus? Ou será mesmo o capeta?

(Entra Antonio Cipriano)

Antonio Cipriano - Falando sozinho, padre Damião?

Padre Damião - (com certa violência que se abranda) - Escute aqui. O Emissário se acalmou?

Antonio Cipriano - O que aconteceu com êle?

Padre Damião - Êle não saiu para prender você?

Antonio Cipriano - Para me prender? Por que?

Padre Damião - Você andou bebendo, Antonio Cipriano?

Antonio Cipriano - O senhor sabe muito bem que não sou de bebida. Um homem que ocupa o posto que eu ocupo não pode de modo algum...

Padre Damião - Será que estou ficando louco?

Antonio Cipriano - O senhor não está se sentindo bem?

Padre Damião - Antonio Cipriano, responda-me por favor a verdade: você me perdoou eu ter esbofeteado você?

Antonio Cipriano - O senhor me esbofeteou?

Padre Damião - Você não se lembra?

Antonio Cipriano - Não seria melhor o senhor descansar um pouco?

Padre - Descansar a esta hora? E por que? Você acha que estou precisando de descanso por que?

Cipriano - Nunca faz mal um bom descanso.O sol...

Padre - Não vamos culpar o sol por nada.Meu Deus o que está acontecendo?

A.CiprianoPadre Damião,por que o Emissário quer me prender?

Padre - Quer saber de uma coisa?Eu não sei de mais nada.E não quero saber.E ainda tenho raiva de quem sabe.

A.Cipriano - Mas o senhor como padre e talvez meu irmão...

Padre - Isto deve ser uma trama bem urdida para levar o pastor da casa de Deus para o hospício.Sua cunha da há pouco me esbofeteou. Depois você ...

A.Cipriano - E o que é que eu fiz ?

Padre - Quer negar?Lembra-se das coisas absurdas que me disse na presença do Emissário?

A.Cipriano - Um de nós deve estar fora do juizo.Um momento padre.Não percamos a calama.Deixe-me pensar (Afasta-se e fica de costas)

Emissário - (entrando)Bem.Temos que pensar num outro prefeito desde que Antônio Cipriano se encontra prêso.

Padre - O senhor prendeu Antônio Cipriano?

Emissário - Que outra coisa poderia fazer?Tenho ordens expressas para fazer impôr o princípio da autoridade.O que fez o prefeito desde a minha chegada?Confundir-me e confundir a tôdas as pessoas. Se êle está louco que vá para um hospício.Mas transformar esta cidade,a "Princesa do Agreste",num vasto hospicio.Isto não. (A.Cipriano vira-se)O que é que o senhor está fazendo aqui?

A.Cipriano - Querendo ver se almoço uma vez por toôdas.Já passou da hora(grita)Rosinha!Rosinha!

Emissário - O sebhor subornou os guardas da cadeia?

A,Cipriano - Que guardas?E de que cadeia?

Emissário - A cadeia onde deixei o senhor prêso.

A.Cipriano - Eu? Prêso?

Amissário - Acho melhor o senhor voltar para lá.As consequências disto vão ser terríveis.

A.Cipriano - O senhor quer insinuar o que?Que estou louco?

Rosinha (entrando)(com ar de profunda felicidade)Que deseja senhor meu marido?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p 53

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 01 56, p. 54

A.Cipriano - Almoçar?

Rosa - de nôvo?

A.Cipriano - De nôvo como?

Rosa - E a gente não almoçou?

A.Cipriano - Você também Rosinha?

Rosinha - Eu também o que?

Emissário - Seu marido,minha senhora ...

A.Cipriano - Cale-se!Eu estou falando...

Emissário - O senhor ousa mandar calar-se um representante...

A.Cipriano - Ouso sim!Cale-se!E fique muito caladinho.Quero esclarecer isto de uma vez por tôdas.O senhor diz que me prendeu.Não é verdade?

Emissário - Exatamente.E tenho testemunhas.

A.Cipriano - O senhor,padre Damião,diz que me esbofeteou?

Emissário - E na minha frente.

A.Cipriano - Você,minha mulher,diz que já almocei.

Rosa - E não almoçou,meu amor?E com um apetite!você,Ritinha e êsse aí...(aponta o padre) que andou tirando atrevimentos com a pobre da minha irmã.

Padre - Ela,também!

A.Cipriano - Alguém aqui está louco.E como eu não sou louco eu digo: MEEEERDA*MEEEERDA* para vocês todos.

Rosa - Antonio!

Emissário - Esta é demais !

Guarda (entrando - O povo invadiu a cadeia e tirou o prefeito de lá!

Emissário - Eu bem sabia.E o senhor aqui tentando me confundir.

A.Cipriano - (puxando um revolver)Agora eu percebi tudo.Realmente há um movimento aqui dirigido contra mim..Todos uniram-se contra a autoridade do Prefeito.Até minha mulher.Mas eu saberei me defender.Guarda,prenda aquêle homem ali.

Guarda - Mas,senhor Prfeito,êle me disse que é representante do Presidente da República.

A.Cipriano.Deve ser mentira.Com certeza é algum agitador a serviço de alguma poTência estrangeira.

Guarda - Dos russos???

A.Cipriano - Ou dos chinezes,franceses ou dos alemães,que sei eu? Mas só pode ser isso.Prenda-o imediatamente.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,1 p.55

Padre - Antônio,meu irmão,não se deixe levar pelo desespero.

A.Cipriano - Agora é que o senhor se lembra que podia ser meu irmão! Mas é tarde!Depois de ter aderido aos meus inimigos...Não,não e não.Vai também para a cedeia!

Guarda - Até o padre?

A.Cipriano - Até o padre (guarda vai algemando o padre e o Emissário)

Padre - Que seja tudo pelo amor de N.S.Jesus Cristo.

Rosa - Agora o senhor se lembra de N.S.Jesus Cristo.Mas quando estava querendo xanbregar com a minha irmã ...

Padre - Meu pai,meu Pai,êles não sabem o que fazen.

Rosa - Agora fica tentando bancar o santinho do páu ôco...Depois de fazer o que fez com a pobre da minha irmã.A coitada até pode virar uma mula sem cabeça para sempre.

Padre - Algum demônio muito poderoso preparou-me esta armadilha.Ou quem sabe não foi o próprio Deus que me mandou esta provação. Eu não sei de nada que os senhores estão falando.Mas que seja tudo pelo amor de N.S.Jesus Cristo e pela salvação das almas do Purgatório.

Emissário - Exijo inediatamente um advogado.

A.Cipriano - Terá o advogado.Mas vai para a cadeia.Basta as confusões que já causou)Guarda sai con prisioneiros)

A.Cipriano - E agora nós,minha querida espôsa.

Rosa - Hoje foi um dia tão feliz para nin,Antônio.Há quanto tempo a gente não ficava junto.

A.Cipriano - E quando nós ficamos juntos hoje,senhora minha espôsa?

Rosa - Então,não está lembrado?

A.Cipriano - Claro que não posso estar lembrado de uma coisa que não aconteceu.

Rosa - Rntão quem foi que almoçou comigo hoje,depois...

A.Cipriano - (angustiado) ... e depois?

Rosa - ...e depois,ora,você sabe muito bem o que aconteceu!

A.Cipriano - Então quer dizer que eu sou um côrno?

Rosa - Como ousa dizer uma coisa desta?

A.Cipriano - Se você estava com alguém então eu sou um côrno.Se tenho certeza que não fui eu.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156|p.56

Rosinha - Estou percebendo o que você quer fazer! Quer me convencer que estou louca para me internar no hospício e então ficar livre para fazer o que bem entender. Com certeza tem alguma sirigaita metida nisto tudo. Claro que tem rabo de saia atrás disto. Senhor, meu marido, não precisa recorrer a um processo tão vil. Se sou demais em sua vida, pode dizer que vou embora. Também tenho meu orgulho. Não vou querer ficar junto se na realidade não possuo mais o seu amor..

Antonio Cipriano - Não vamos confundir mais êste pandemônio. O que eu quero saber é se você insiste em dizer que almocei com você e depois e depois...

Rosinha - Claro que insisto pois é a pura verdade.

Antonio Cipriano - Então você está realmente louca, ou então... ou então está fazendo parte dessa maldita conspiração que quer me tirar da Prefeitura. Uma das duas coisas. E só existem dois caminhos: ou hospício ou a cadeia!

Rosinha - (gritando) - Socorro! Socorro!

Antonio Cipriano - Que escândalo é êste? Estou batendo em você?

Rosinha - Você pensa o que? Que vai me mandar para o hospício ou para a cadeia sem que eu tente me defender? Socorro! Socorro!

(Aparecem Antonio das Almas, sacristão e Biu)

Antonio das Almas - Agora o senhor também bate em mulheres indefesas!

(Agarram Antonio Cipriano)

Biu - Oi, Chico, que é que você fez? Eu bem que avisei: não se mete com mulher encangada.

Antonio Cipriano - E você não está prêso?

Biu - Que história é esta de eu estar prêso? Eu estava casando a filha daquele senhor com um cavalo muito esquisito.

Antonio das Almas - É verdade. Consegui convencer o padre a casar minha filha com o cavalo com cabeça de gente.

Biu - Todo mundo continua com essa maluquice de achar que sou padre. Que jeito? Então casei quem êles queriam, homem com homem, gente com gente...

Antonio Cipriano - Mas isto é sacrilègio! E que história é esta de me chamar de Chico?

Biu - Você não me disse que se chamava Chico?

Antonio Cipriano - Eu nunca disse isto na minha vida!

Biu - Que descarado! Disse sim. Falou até que tinha sido por causa de uma promessa que a mãe tinha feito a São Francisco...

Antonio das Almas - Nos enganou até de nome!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p57

Biu - Por que você me enganou também?Safadeza!Passamos juntos momên-
tão atrozes

A.Cipriano - Quando êste pesadelo terminar eu nunca mais quero v
-er um padre na minha frente.

Biu - Que hereje!Isso é lá ,maneira de falar dos representantes
de Cristo nêste mundo cão?Por isso é que aparecem castigos.

A.Cipriano - Exijo que me soltem!

A.Almas - De maneira nenhuma!O senhor já provou demais que não tem
competência para o cargo.E diante das ameaças físicas à
sua dignissima espôsa...

Rosa - Mas eu não quero que êle seja preso!

A.Almas - Mas vai ter que ser.êste é o monênto de maior importan-
cia para a história de Caruarú : Eu assumo o poder!

Antônio Cipriano - Não pode ser!

A.Almas - A gente dá um jeito...

Biu - Mas o que é que está acontecendo,oxente?

A.Almas - Reverendo...agradeça a Deus estar presente num monênto
tão importante para a nossa cidade.

Rosa - Vocês não podem fazer isso!Êle é meu marido e eu o amo.

Biu - Danou-se,ela se convenceu mesmo!

Sacristão - Não se inconode,Dna.Rosinha.O sino da igreja vai salvar
a situação.(sai sacristão).

A.Almas - Quero que todos saibam que de agora por diante realiza-
rei um grande sonho de todos nós.Mandarei buscar no Recife
,um poderoso guindaste cravejado de brilhantes.

Biu - Que bunitinho!

(Ouve-se gritos - Sino toca com violência .Balburdia geral)

Vozes - Que terá acontecido?

Será incêndio?

O fim do mundo!

Me Deus,socorrei-me!

(A cena escurece.Grande correria.Sino continua tocando,gritos)

Sacristão - Dona Rosinha,dona Rosinha,é o fim do mundo mesmo.
O seu marido virou dois!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156,p58

Rosa - Como virou dois?

Sacristão - Dois,dois,Dona Rosinha.Eu vi.Meu Deus do céu!Os dois se encontraram,olharam-se no fundo dos olhos,deram um gri* to terrível e desmaiaram.

Rosa - Virou dois?Mas como pode ser isso?

Sacristão - O capeta,dona Rosinha.O capeta tem artes terréveis e o fim.

Guarda (entra correndo)Socorro!Socorro!

Rsa - Œ que foi,sêo guarda?

Guarda - O padre ,dona Rosinha,o padre!

Sacristão - Morreu?O padre morreu?

Guarda - Antes fôsse!Mas o padre virou dois,minha gente.Virou dois.

Rosa - O padre também.meu Deus do céu?

Guarda - Por que também?

Sacristão - Está todo mundo virando dois.O prefeito já virou e agora chegou a vez do padre.

Guarda- Ai meu Deus do céu,aqui eu não fico mais! (sai)

Sacristão - E agora ,dona Rosinha,O que vai ser de nós?

Emissário - (entra correndo)Fujam!Fujam!O diabo saiu das profundas para ajudar seus aliados.Está todo mundo viarando dois! (sai correndo)

A.Cipriano - (entrando)Rosinha...Rosinha...

Rosa - É você mesmo ou é o outro?

A.Cipriano - Você também viu o outro?

Sacristão - E o padre também virou dois!

A.Cipriano - Padre também? (desmaia)

(Biu entra.Sacristão desmaia.)

Rosinha - Afaste-se de mim! Afaste-se de mim!

Biu - Mas o que está acontecendo?

Rosa - Você é o outro!Você é o outro!

Biu - O outro?Ela também sabe que virei dois?Ai,meu Deus do céu! Se sendo um só eu já me dava muito trabalho,agora que sou dois como vai ser? (sai correndo)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 59

Rosinha - O que vai ser de mim?

Voz de Biu (fora) - O outro!

Voz de padre Damião (Fora) - Você é o demônio! Você é o demônio!

Rosinha - Os dois encontraram-se! (Desmaia)

Padre Damião (entrando) (empunhando uma cruz) - Vade retro, Satanás. Diante desta Cruz sacrossanta, não vencerás! (Olha para Rosinha, Sacristão e Antonio Cipriano) Meu Deus, estão mortos! (Desmaia) (A cena escurece. O sino toca com violência. Nêste momento padre Damião e Antonio Cipriano são substituidos por outros atôres) (O sino toca com violência)

Vozes - O capeta está solto!
O padre virou dois!
O prefeito virou dois!
Socorro! Socorro! É o fim do mundo!
(Entram as duas velhas)

Primeira velha - Que lugar será êste cheio de tanto grito e horror!

Segunda velha - Devia ser Caruarú. Mas pelo visto é a terra onde o capeta perdeu as botas.

Primeira velha - Ah, que sina será essa nossa que nos fez deixar nossas casas em busca dos filhos fujões e vir, as duas, cair no meio dêste inferno?

Segunda velha - Veja! Quantos mortos!

Primeira velha - Parece até um campo de batalha!

Segunda velha - Sangue e desolação...

Primeira velha - Morte e consumação!

Segunda velha - Bão ba la lão!

Primeira velha - Senhor Capitão!

Segunda velha - (Agarrando-se ao filho) - Chico! Chico, filho meu!

Primeira velha - (Agarrando-se ao filho) - Biu! Biu!

Segunda velha - Desgraçada de mim!

Primeira velha - Ai de mim, desventurada!
(Entra Biu)

Primeira velha - O que é isto? Vai, satanás! Que visagem é esta que pretende alucinar minha vida inteira? Por que você não volta para as profundas, filho meu, e deixa esta pobre velha em paz?

Biu - Mãe! Mãe, estou vivo!

Primeira velha - Como está vivo se abraço teu cadaver?

Biu - Não azára, mãe. Que mania!

Primeira velha - Vai-te para as profundas, filho meu!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.156,p.60

Biu - Acaba com isso,mãe.Eu já estou tão atrapalhado.Eu virei doiis.

1ª velha - Virou dois?O que isto significa?

Biu - Eu sei o que isto significa!Eu sósei que virei dois.Tem eu e um padre.

1ª velha - Será êste que estreito nos meus braços?

Biu - Êle mesmo!Ai,Jesus,se o outro morreu é que eu vou morrer também.

1ª velha - Será?Mas êle não está morto!Êle respeira!Ô dia abençoado Deve ser o filho que a cigana me roubou.Encontrei meus dois filhos!

2ª velha - O mundo é assim mesmo.Uns com tanto,outros com tão pouco.Eu com o cadaver do meu filho,você com dois filhos vivos de uma só vez,de sopetão.(Entra Chico)

2ª velha - Chico,meu filho!

Chico - Mãe!Mãe!Eu estou num cagaço!

2ª velha - Então êste outro que tenho nos meus braços ...

1ª velha - Feliz de mim!!!!

2ª velha - Feliz de nós !!

As duas velhas - Ah,afortunadas!!!

(As duas velhas agarram-se aos filhos.Entra Antônio das Almas)

Antônio das Almas - Venham ver os grandes prodígios.Venham todos!A mulher mais alta do mundo casada com um cavalo que tem cabeça de gente!Na casa ao lado,a mulher mais gorda do mundo que come dois bois por dia,100 pacotes de macarrão e alguns quilos de barro como sobremesa;e na Prefeitura,um contador contará para vocês a história lancinante e cheia de peripécias de dois pares de gêmeos que foram separados na infancia pela ação criminosa de uma cigana e depois de muita desventura voltaram a se encontrar.Venham todos! Venham tods!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 61

C A N T O D E A M A N H Ã

Tem gente que nasceu
E nem se pergunta por que
Tem gente que morreu
Sem nem saber que viveu.

A vida vai mudar
Eu sei
A gente vai vencer
Eu sei

E quando chegar êsse dia
Um grande e imenso clarão
Vai transformar a amargura
Dêste nosso triste coração
Em flores de côres tão lindas
Em gente alegre a cantar

(Música final)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156,p.62

D.F.S.P.
018172 24 MAI 71

56

IILMO. SR. DIRETOR DO SERVIÇO DE CENSURA FEDERAL. BRASILIA.

ALTAIR LIMA PRODUÇÕES ARTISTICAS LTDA., vem requerer se digne V.S. mandar proceder a Censura do texto abaixo qualificado, para o que junta os documentos de Lei.

NOME: O APOCALIPSE, ou O CAPETA DE CARUARU.
AUTOR: Aldomar Conrado.
LOCAL: Teatro Aquarius, São Paulo.
DATA: Junho de 1971.

Nestes Termos.
P. Deferimento.

São Paulo, 19 de Maio de 1971.

DPF — DA — SRA
Recebido 24/5/71

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156 p. 63

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

54

AUTORIZAÇÃO PARA
REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL

Série 3/70 - SP № 16964

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos têrmos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARNAVAL

Original de ALDOMAR CONRADO

Música de —

Tradução de —

No Teatro Aquarius Cidade S. Paulo

Emprêsa Altair Lima Prod. Pela Cia. —

nos dias Para Censura DA Peça

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de .....% ..... da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr$ ..... por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Emprêsa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cóta porcentual, a título de direitos autorais, sôbre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Emprêsa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Emprêsa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

S. Paulo, 19 de Maio de 19 71

19 MAI 1971

(pela SBAT)

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,P.64

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p.65

58

"DIÁRIO" - Distribuidora Aéro-RIO Ltda.

MATRIZ - Rua da Quitanda, 199 - Rio de Janeiro - Gb.
Tels. 243-8468, 223-0877, 223-6003 e 232-6026
Inscrição F.R R.I. 356.678.00 C. G. C. 33 864 497

CONHECIMEN

Nº

De: SÃO PAULO- S.P. Para: BRASÍLIA- D.F. Data 10/

Remet. ALTAIR LIMA-
End. R. ROI BARBOSA,266
Cidade SÃO PAULO-S.P. Tel.

Dest. SERVIÇO DE CENSURA FEDERAL-
End. ED. B.N.D.E.- 4º ANDAR-
Cidade BRASILIA- D.F. Tel.

Local de Cobrança

Nota Fiscal N.º

Quantidade	Espécie	Pêso	Natureza da Mercadoria Diz - Conter	Valor Segurado Cr$
01	PCT-	1.000Kls.	IMPRESSOS-	

CÁLCULO

Frete	Cr$		6,00
Taxa Domicilio	»		2,00
Taxa de Seguro	«		
	«		
TOTAL	Cr$		8,00

PETRI-
Funcionário Emissor

Remetente

FRETE PAGO

OBS.

O REMETENTE DECLARA ESTAR DE PLENO ACÔRDO COM TODAS AS CONDIÇÕES CONSTANTES NO VERSO DÊSTE CONHECIMENTO

NÃO SE TRATA DE CORRESPONDÊNCIA

4.ª Via Destinatário

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0256(P.66

ALDOMAR CONRADO

O APOCALIPSE

OU

O CAPETA DE CARUARU

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
19 MAI 1971
SÃO PAULO
AUTORIZAÇÃO S. B. A. T. Nº 16964

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p.67

PRÓLOGO

Uma encruzilhada. Arvores sêcas. Trovões. Relâmpagos. Três bruxas em tôrno de um caldeirão que ferve.

Primeira bruxa - Um pimentão... ... ...

Segunda bruxa - Um galho de avelós... ...

Terceira bruxa - E um de mangericão...

Primeira bruxa - Três dentes de dois avós...

Segunda bbruxa - Esperma de burro ladrão...

Terceira bruxa - Mijo de mulher parida

Primeira bruxa - Em noite de São Sebastião.

As três bruxas - Bão ba la lão
Bão ba la lão
Senhor capitão

Primeira bruxa - A mistura está feita: agora é saber aplicá-la.

Segunda bruxa - Eu saberei como aplicá-la. O ódio é meu; a vingança será minha também. Mulher safada aquela. Numa noite tão gelada, eu com êstes trapos mal cobrindo o corpo, a vassoura quebrada, e a quenga foi incensar a casa com incenso bento por bispo, para que eu tivesse de sair pela noite afora, tremendo no meu frio e na minha pobreza.

Terceira bruxa - Maus tempos aqueles em que uma bruxa nem pode conseguir uma vassoura.

Segunda bruxa - Faço questão, irmãs, de eu mesma ser a portadora dêste líquido infernal que vai terminar com a paz dessa mulher do meu ódio. ...

Primeira bruxa - E você tem o direito. Tome, irmã... Vai e semeia a discórdia, o desassossego...

A segunda bruxa segura o caldeirão

Terceira bruxa - E que seja vigorosa no seu desejo. Aqui ficamos com as nossas orações mais fortes e todo o vigor do nosso ódio, unidas, para que o seu desejo se realize.

Segunda bruxa - Já sei o que vai ser. Ela terá, na penúltima noite da oitava lua nova, um casal de gêmeos. Três dias depois, uma cigana baterá na sua porta.

Luz numa porta de casebre. Cigana bate na porta.

Voz de mulher - (dentro do casebre)- Entre, por favor, se é de paz. Estou sózinha, parida de sómente três dias.

A cigana entra no casebre

Segunda bruxa - Ela vai dar a mão para que a cigana leia a sua sorte. A cigana dirá que aquela noite mesmo o marido vai chegar carregado numa rêde, com o corpo furado por vários balaços. A mulher grita.

Ouve-se o grito da mulher.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 68

Segunda bruxa - Ela desmaia. A cigana vê as duas criancinhas machas gêmeas e lindas. Então a cigana decide: uma será minha. E carrega uma das criancinhas.

A cigana sai do casebre carregando uma das crianças e foge. As três bruxas gargalham violentamente.

As três bruxas - Foi assim, foi assim mesmo
foi assim que aconteceu
roubaram o filho da quenga
e a quenga quase morreu
o marido chegou morto
e a quenga quase morreu
mas por ordem, ordem minha
ela teve que viver
pra nesta terra de sangue
sofrer o que fez sofrer.

As bruxas dão grandes pulos

Primeira bruxa - Bem, bem, bem. Aquêles que estudam teatro já perceberam muito bem de onde saímos. Para os que não estudaram explicamos: saímos das páginas imortais de "Macbeth" de William Shakespeare. O autor dessa comédia "O Capeta de Caruaru" achou que se funcionamos bem, durante alguns séculos, na famosa trágédia inglesa, poderíamos tambem servir na comédia que êle imaginou. Queremos, desde já, agradecer a Aldemar Conrado pela oportunidade de sairmos um pouco da atmosfera sombria da Escócia, e nos divertirmos sob êste céu sempre azul de Pernambuco.

Terceira bruxa - O autor de "O capeta de Caruaru" declara que pediu emprestadas algumas ideias ao seu irmão inglês Willian Shakespeare, e dêsde já agradece.

CAI UM CARTAZ: VÁRIOS ANOS DEPOIS ...

Segunda bruxa (lendo o cartaz) - Vários anos depois...

Primeira bruxa - Como os anos passaram...

Terceira bruxa - Quanta coisa aconteceu nêste longo penar humano.

Primeira bruxa - Tão pouco tempo, na verdade... Apenas o suficiente para que os filhos da mulher do teu ódio crescessem...

Segunda bruxa - Mas...

Primeira e Terceira bruxas - Govêrnos cairam
Govêrnos subiram
Homens trairam
Mataram. Cresceram.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 69

Segunda bruxa - Também fizeram cocô.

Primeira bruxa - Mas, apesar de tudo
o homem foi pra frente.

As três bruxas - Já dansa no espaço
e vê que a terra é azul.

Primeira bruxa - (lírica) - Azul como os acelos de linho do homem que tanto amei.

Terceira bruxa - (olhando o cartaz) Em muito pouco tempo...

Segunda bruxa - Apenas o suficiente para que os dois filhos da mulher do meu ódio crescessem e que a minha maldição...

Primeira bruxa - Nossa maldição...

Segunda bruxa - ... a nossa maldição começasse a se cumprir.

Gargalhadas terríveis. Trovões, relâmpagos. Luz no cartaz e em Biu, que sai do seu casebre seguido da velha:

Velha - Eu vivi avisando, não foi? Vivia dizendo: Biu, não se meta com rabo de saia que você não pode. Eu sou velha, sem ninguem, preciso de um arrimo na vida. O seu outro irmão o diabo levou, não sei se vivo ou morto está. Só tenho a você no mundo. Mas quem foi que disse que me ouviu? Foi como se eu tivesse dito exatamente o contrário. Ai, que destino o meu..Pobre ser desvalido. Viver pra que, meu Deus? Ver um filho roubado aos três dias de parido e agora a suprema desventura de ver o outroter que fugir e por que? e por que? Por safadeza./ Se não fosse meu filho, eu chamava de filho da mãe.

Meter-se com mulher casada.

Biu - Quero sua benção, mãe.

Velha - Benção minha não vai ter. Não amaldiçoou, nem rogo praga, porque enfim é carne das minhas entranhas. Mas desejar bem tam bem não posso. Vai, segue o seu destino de maldição e lembra que fia uma mãe abandonada, chorando lágrimas de sangue... Vai. Vai. Se você não fosse meu filho eu chamava de filho da mãe.

Biu - Sua benção, mãe.

Velha - E como não dar a benção? Coração de mãe não foi feito para o ódio. O filho erra a gente continua amando, Vai meu filho, que Deus lhe acompanhe cada passada. E lembre de mim se a sorte for benfazeja.

Abraça-se com Biu e chora

Biu - Até a volta, mãe. A gente ainda se encontra.

Velha - Que todos os anjos lhe acompanhem.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.70

Biu sai correndo. A velha chora. As três bruxas em cima de uma árvore a tudo assistem e dão uma risada terrível.

Um cartaz: ONDE SE VOLTA AO DIA EM QUE A CIGANA ROUBOU O IRMÃO DE BIU. Cigana bate a porta de um outro casebre.

Voz de mulher - É de paz?

Cigana - De tôda paz.

Aparece a outra mulher com dois filhos nos braços

Cigana - Gêmeos?

A outra mulher - Tive há já quinze dias. Imagine só. Uma pobreza tanta e duas bôcas para sustentar.

Cigana - Quer me dar um? Tenho um filho único.e me aperreio: dizem que filho sózinho termina virando mofino. Já nem consigo dormir.

A outra mulher - A senhora está falando devéras ?

Cigana - Devéras verdadeira.

A outra mulher - Então,tome. Pode escolher.

Cigana - Qualquer um serve.

A outra mulher - Tome êste aqui; é o que mais tem fome. Ô boquinha insaciável.

Cigana - Dia feliz o de hoje; dois filhos sem precisar ter parido(pegaaa criancinha e sai).

Cartaz: "ONDE SE REPETE UM POUCO PARA PODER CONTINUAR".

Luz no casebre de Biu.

Velha - Vai. Vai. Se tem que ir por que não vai logo?

Biu - Sua benção, mãe.

Velha - E como não dar a benção? Coração de mãe não foi feito para o ódio. O filho erra a gente continua amando. Vai, meu filho, que Deus lhe acompanhe a cada passada. E lembra de mim se a sorte for benfazeja. (abraça-se a Biu e chora)

Biu - Até a volta, mãe. A gente ainda se encontra.

Velha - Que todos os anjos lhe acompanhem.

Biu sai correndo. A velha chora. As três bruxas encima de uma árvore a tudo assistem.e dão uma risada terrivel.

Primeira bruxa - Vejam, Vejam.

Segunda bruxa - O que? O que? ...

Primeira bruxa - Naquela outra cidade... Que estranho. Acontece a mesma coisa.

Luz no outro casebre. Cartaz:"SOFRIMENTOS DE OUTRO CORAÇÃO MATERNO". Saem Chico e outra velha.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156,p.72

Outra velha - Eu lhe mato. Eu ainda lhe mato, desgraçado.

Chico - Não a senhora precisa compreender.

Outra velha - Compreender o que? A sua safadeza? Não vivi avisando? Que essas mulheres daqui só podem dar confusão. Ah, desgraçado às vêzes tenho vontade queo o marido dela lhe pegue e lhe cape e só assim eu ia ter sossego no fim da minha vida.

Chico - Mãe tá dizendo isso de brincadeira. Desdiz, mãe, por favor.

Outra velha - Não desdigo coisa nenhuma. Ah, meu Deus, o que vai ser de mim? Sòzinha no fim de meus dias. Porque não dei você no lugar do outro? Quem sabe o outro não é um homem de bem que faz a felicidade daquela maldita cigana?

Chico - Mãe, eu vou ter que ir embora. Mas antes mãe vai desdizer aquilo, pela hóstia consagrada.

Outra velha (agarrando-se a Chico) - Ô filho meu, que vão ser dos meus dias, sem nenhum amparo?

Chico - Mãe, o marido pode aparecer de repente e eu estou atolado. Êle contratou três cabras para liquidar com os meus dias.

A outra velha - Vai, meu filho. Que Deus lhe ilumine.

Chico - Mãe desdiz?

A outra velha - Está desdito.

Chico beija a outra velha e sai correndo. A outra velha chora. Escurece. Luz. Cartaz: "O ENCONTRO DE CHICO E BIU UM ESTRANHO DESTINO COMEÇA A SE CUMPRIR";

Biu (cantando) - Uma flor e tanto amor...
E pra que, meu Deus do céu,
Só correr e sentir dor, ...
Nêste mundo, assim ao léo... ...

Côro invisivel - Assim ao léo, assim ao léo, assim ao léo...

Biu - (continua cantando) -
Eu amei e o amor foi tanto
Que não foi só de um alguém
Amei o riso, amei o pranto
Terminei sem ter ninguém ...

Côro invisível - Assim ao léo, assim ao léo, assim ao léo...

Biu - Correndo, correndo só
Sofrendo, sofrendo só
Tão só

Chico entra correndo. Esbarra em Biu. Os dois caem no chão.

Biu - Oi, que pressa do diabo!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p.72

Chico - Tou fugindo do marido de uma namorada minha.

Biu - Eu também tou fugindo do marido de uma namorada minha. Pra falar a verdade, dos maridos de várias namoradas minhas.

Chico - Verdade?

Biu - Pois não é.

Chico - Eita, quanto destino de côrno nêste mundo de Nossa Senhor Jesus Cristo.

Biu - Amém.

Chico - Você vai para onde?

Biu - Pro lugar mais longe que encontrar.

Chico - Podemos ir juntos.

Biu - Tá combinado.

Chico - Então topado está.

Biu - Tenho aqui uma cachacinha. Quer um gole?

Chico - A gente nunca deve enjeitar, não é?

Biu - Eu penso assim.

Chico - Então vamos logo.

Biu - Ora se não.

Bebem

Chico - E pra onde a gente vai?

Biu - Caruaru é um bom lugar. Muita gente bonita e também gente da lei pra garantir a vida nossa.

Chico - Ah, isso é bom. Então não se tem que fugir mais?

Biu - Não tem. Tudo se resolve no cartório. Êles escrevem uns pois, e decidem: ou se vai para a cadeia, ou não acontece nada, ou até, as vêzes, a gente pode ficar com a mulher.

Chico - E bonzinho. Só não ter que correr...

Bebem o resto da garrafa.

Biu - Um, dois, três.

Chico - Correr enquanto é vez. (saem correndo).

Entra a primeira bruxa - O prólogo terminou. Logo mais vamos ver que aconteceu aos nossos aventureiros. E muita coisa vocês verão. Imensos prodígios da terra do sim e da terra do não prodígios só descritos nas páginas gloriosas do Apocalipse. E tudo...
(canta)
pelo ódio de uma bruxa
que tem seu brio de mulher;
que quer mostrar ao mundo
que ela sabe o que quer.
(declamando) E agora aproveito êste último momento de calma para mostrar a vôces que nós, as bruxas, também sabem ser sexies.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 73

Música americana. Primeira bruxa faz um strip-tease. O pano cai.

CENA PRIMEIRA

Quarto da agonizante. Ao lado da cama de Antônio Cipriano, Rosinha, sua mulher; Rita sua cunhada; padre Damião; duas beatas e sacristão.

Agonizante - Meu filho, eu vou ter/que revelar um segrêdo.

Os personagens entreolham-se

Antonio Cipriano - Mãe, acho melhor não falar muito. A senhora precisa de descanço. O médico recomendou repouso absoluto. Nós todos vamos sair e só a Rosinha vai ficar aqui. A senhora tem de descansar.

Agonizante - Não, meu filho. Não me deixe agora. Sinto que a vida está me deixando. E não tenho mêdo. Mas antes de me confessar para receber o derradeiro sacramento da extrema-unção, tenho de contar para vocês um terrivel segrêdo. Você, Antonio Cipriano, você não é meu filho.

Interjeições de espanto

Antonio Cipriano - Como?

Agonizante - Não é meu filho. Depois de dois anos de casada, sem nunca ter uma criança, conheci uma cigana que veio ler a minha mão. Nunca acreditei muito nessas coisas, mas nesta tarde, que o bom Deus me perdoe, mandei a cigana entrar. Queria saber se ainda viria a ter um filho. A cigana vinha acompanhada de dois garotinhos, com três anos mais ou menos e dizia que eram seus filhos. Todos nós sabemos que essas mulheres nunca tem filhos e vivem a de roubar as crianças dos outros. A cigana entrou. Imediatamente fiquei encantada por uma das crianças. E me veio o desêjo forte de tê-la para mim. Tentei convencer a cigana a me dar o menino. Mas a cigana riu muito e disse que não. Dei minha mão para a cigana ler. Quase que de repente, ela levanta-se com uma expressão de pavor/e no rosto grita para mim: "Você vai ser minha assassina. A minha assassina." E ficou repetindo aquilo cada vez mais alto. Fiquei com mêdo que os vizinhos ouvissem e avancei. Ela continuava gritando. Consegui tapar-lhe a bôca, mas não sei se com muita fôrça ou por muito tempo... O certo é que a cigana morreu nos meus braços.

Antonio Cipriano - Mãe! a(a parte) Mas que mãe?

Agonizante - Meu marido, que Deus o tenha na santa glória, era delegado e conseguiu que ninguém soubesse do que tinha acontecido. Viajei para o Recife onde passei dois anos. Uma das crianças era você, que desde então criei como se fôsse um filho das minhas entranhas . A outra...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p.74

... ...

Padre Damião - Fale... Fale...

Agonizante - A outra era você, padre Damião, que entreguei á minha pobre irmã que não tinha filhos também.

Rosinha - Meu Deus!

A agonizante desmaia todos choram. Antonio Cipriano e padre Damião estão de frente e têm espanto no rosto.

Padre Damião (para Antonio Cipriano)- Senhor prefeito, queira aceitar minhas condolências.

Antonio Cipriano - Senhor prefeito? É assim que me trata?

Padre Damião - E que outro tratamento? Sim. Outro tratamento sim! Meu irmão! Meu irmão!

Os dois abraçam-se. As mulheres cercam os rapazes.

Primeira Beata - Deus nos reserva cada surprêsa. ...

Segunda Beata - São muito intrincados os caminhos de Deus...

Rosinha -(abraçando o padre) - Meu cunhado...

Abraços efusivos dos personagens. ...

Padre Damião - Temos que nos lembrar da finada...

Antonio Cipriano - É verdade, a finada... ...

Primeira Beata - Que Deus lhe alumie as santas veredas... ...

Segunda Beata - Que os santos lhe acompanhem ao portal da glória...

Primeira Beata - Ave Maria, cheia de graça.

Rezam todos, com devoção, quando entra violentamente no quarto um rapazote de 15 anos. Todos olham-no com reprovação. O rapazote se benze e olha para o sacristão.

Rapazote - Sêo Bonifácio, Sêo Bonifácio.

Sacristão - Isto é maneira de entrar no quarto de uma finada senhora?

Rapazote - Me desculpe, senhor prefeito, mas...

Primeira Beata - A juventuda de hoje é mesmo um caso perdido.

Segunda Beata - Nem mesmo os mortos escapam ao seu desrespeito.

Rapazote - Mas não se trata de falta de respeito coisa nenhuma. Uma tragédia, meu Deus do céu. Uma calamidade!

Padre Damião - Que tragédia maior do que a morte de uma santa senhora?

Rapazote - Sua égua, Sêo Bonifácio.

Sêo Bonifácio - Morreu a minha égua?

Antonio Cipriano - Uma égua está tão cara, hoje em dia.

Padre Damião - Isto é que se chama uma falta de sorte.

Rapazote - Não. Não morreu. Sua égua deu cria...

Sêo Bonifácio - Que Deus seja louvado!

Todos - Amém.

Rapazote - ... a um cavalo com cabeça de gente!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156,p.75

Ritinha - Um cavalo com cabeça de gente?

Todos - Impossível!

Rita - Não pode ser!

Rapazote - Sim, dona Rita. É uma coisa de espantar. Todo mundo está sem saber o que fazer. O cavalo tem nariz como a gente, queixo como a gente olhos azulados.

Primeira Beata - Cruz credo?

Segunda Beata - Só pode ser o fim do mundo!

Padre Damião - Menino, você sabe o que está dizendo?

Rapazote - Sei, sim, sêo padre. Eu vi. Vi com êsses olhos que a terra há de comer um dia.

Antonio Cipriano - Temos que tomar providências imediatas. Como prefeito de Caruaru tenho que pensar nas coisas que vão acontecer. Essa notícia vai correr mundo, virão jornalistas de tôda parte.

Padre Damião - Temos que ir para lá imediatamente.

Rosinha - Mas a finada...

Rita - Sim, a finada...

Antonio Cipriano - A finada? Ora essa! Logo agora...

Sacristão - Mas eu tenho que ir. (com orgulho) Foi na minha casa.

Padre Damião - Claro que você tem que ir. Um fato dêsses não acontece todos os dias. Com cabeça de gente mesmo?

Rapazote - Por essa luz que me alumia os olhos.

Padre Damião - Então é ir.

Antonio Cipriano - (para as beatas) - Vocês ficam velando o corpo.

Primeira Beata - Mas nós também queríamos ir ver o fato estranho.

Antonio Cipriano - Depois. Alguem tem que ficar velando a finada.

Primeira Beata (para a segunda) - Eu vou. Sou mais velha, tenho os meus direitos.

Rosinha - Claro. A finada não pode ficar sózinha.

Padre Damião - Vamos rápido.

Saem todos. A segunda beata fica olhando apavorada para a agonizante. Luz na casa do sacristão. O cavalo com cara de gente está cercado por Cosma, mulher do sacristão, e alguns curiosos. Entram Antonio Cipriano, padre Damião, Rosinha, Rita, o sacristão e a primeira beata.

Segunda Beata -(vendo o cavalo) - Meu Deus! (cai desmaiada. Algumas pessoas socorrem a beata)

Cosma - (para o Sacristão) - Você aqui não fica mais!

Sacristão - Como?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 76

Padre Damião - O que houve, dona Cosma? A senhora está nervosa?

Cosma - Nervosa não, reverendo. Ofendida. Ofendida no que a mulher tem de mais sagrado.

Padre Damião - Mas ofendida em que, dona Cosma? Essas coisas acontecem de tempos em tempos. A senhora não tem culpa, nem seu marido.

Cosma - Olhe os olhos do cavalo, reverendo.

Padre Damião - Estou vendo, dona Cosma. Tem um colorido surpreendendente para um cavalo.

Cosma - Está reparando bem, reverendo.

Padre Damião - Estou sim, dona Cosma. São estranhamente azuis.

Cosma - (puxando o marido) - E os dêle?

Sacristão - Os meus, como?

Padre Damião - Que tem os olhos de seu marido?

Cosma - A côr, a côr! ...

Padre Damião - Azuis, dona Cosma...

Cosma - ... como os do cavalo, reverendo!

Sacristão - Você tem coragem...

Rosinha - Dono Cosma, a senhora está nervosa.

Cosma - Que nervosa o que! Eu lá sou idiota, dona Rosinha. Estou vendo. Estou vendo a parecença.

Antonio Cipriano - Não é possivel, dona Cosma, que a senhora pretenda acusar seu marido de uma infâmia tão grande.

Cosma - Êle sempre teve um cuidado exagerado com aquela égua, sêo prefeito. Mas nunca me passou pela cabeça... Como podia passar pela cabeça de mulher nenhuma que seu marido e... e... uma égua?

Sacristão - Essa é demais!

Cosma - Demais, hein sêo sem vergonha? E eu o que digo? Eu sempre jurei que não ia ser uma mulher chifruda. E terminei sendo Côrna de uma égua. Me desculpe o palavreado, reverendo. Mas não há uma mulher, com brio na cara, que passando por uma dessas não termine por perder as estribeiras. Com uma égua, dona Rosinha. A senhora se imagine na minha situação. O que a senhora faria no meu lugar? Eu mato êle. Esfolo. Ai, meu Deus, côrna de uma égua (a primeira beata vai voltando a si) Como isso foi me acontecer? Ser trocada por uma égua...

Segunda Beata - Só pode ser o fim do mundo!

Escurece. A luz volta para o quarto da agonizante. A primeira beata reza um terço com nervosismo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 IP 77

Agonizante - Antonio....Meu filho...

Primeira Beata - Irmã... Irmã... Lembra-te de Deus e da Virgem! Volta para as profundas!... ...

Agonizante - Meu filho... Água... Água...

Primeira Beata - Ai, meu Deus, deve ser o fogo do inferno que está consumindo a finada. Mas por que isso foi acontecer logo comigo? Eu nunca fiz mal a ninguém Ave Maria, cheia de graça.

Agonizante - Quem está ai? Marocas?

Primeira Beata - Ela lembra do meu nome. Irmã esquece das coisas da terra e lembra-te das do céu.

Agonizante - Marocas... Um pouco d'agua, por favor. Água senão eu morro.

Primeira Beata - E eu posso me levantar? Se eu pudesse saia correndo. Santa Maria, mãe de Deus...

Agonizante - Será que eu vou ter fôrças para me levantar? Você está me matando...

Primeira Beata - Não se levante pelo amor de Deus! Tenha pena de mim. Socorro! Socorro! Valei-me todos os anjos e santos... Socorro!

Entram correndo Antonio Cipriano, Rosinha, Rita, Padre Damião, o sacristão e a segunda beata.

Todos - Que houve! Que houve! ...

Primeira Beata - Ela voltou do além...

Padre Damião - A senhora está nervosa, dona Marocas; ninguém volta do além. ... ...

Agonizante - Água... água... Morro de sêde.

Todos - Aiiiiiiiiiiiiiiiiiii!

Padre Damião - Numa situação como esta devemos ter muita calma.

Agonizante - Morro de sêde.

Antonio Cipriano - Ela talvez não tenha morrido.

Ritinha - Como não morreu se estava imóvel e com a palidez na fronte?

Padre Damião - Claro que não morreu. Vamos dar água a nossa boa amiga e render graças a Deus pela sua cura.

A agonizante levanta-se um pouco da cama com os olhos muito esbugalhados e grita.

Agonizante - Perdão, cigana! Perdão!

Rosinha - Ela está falando com a cigana!

Todos ajoelham-se e rezam histèricamente; a agonizante dá um grito e morre.

Padre Damião - Creio que desta vez ela faleceu de verdade

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156(p.78

Aproximam-se da falecida o padre Damião e Antonio Cipriano que examinaram-lhe os olhos, auscultaram-lhe o caração.

Antonio Cipriano - Morreu de verdade!

Padre Damião - Que Deus se compadeça de sua alma!

Rita - Oremos.

O rapazote irrompe no quarto com violência.

Rapazote - Sêo prefeito! Sêo prefeito!

Antonio Cipriano - Mas o que foi que aconteceu, meu Deus do céu! Será que não se pode mais chorar a morte de um ente querido.

Rapazote - Antonio das Almas...

Antonio Cipriano - Não quero saber de Antonio das Almas. É da oposição que se dane!

Rapazote - Êle manda pedir socorro!

Padre Damião - Trata-se de uma alma em aflição, Antonio Cipriano. Não pode ficar abandonada.

Antonio Cipriano - Não está em aflição coisa nenhuma. Conheço muito bem aquele tipo. Deve ter tramado alguma coisa para me desmoralizar e tirar algum lucro para a oposição.

Rapazote - Não se trata de nada disso. A filha dele, a Sigismunda...

Primeira Beata - Morreu, minha Nossa Senhora!

Segunda Beata - Tão jovem, coitadinha.

Padre Damião - Viver é mesmo um caminhar de provação em provação...

Rapazote - Ela não morreu! Vocês só pensam na morte! Ela está crescendo, crescendo...

Rosinha - Crescendo como?

Rapazote - Cresdendo sem parar. O pai dela já afastou algumas telhas da casa para ela enfiar o pescoço...

Padre Damião - O que você está dizendo?

Rapazote - A verdade, sêo padre. Eu nunca vi uma coisa daquela. Causa até mais espanto que um cavalo com cabeça de gente.

Padre Damião - Temos que ir lá imediatamente.

Rosinha - Coitada da Sigismunda. Uma menina tão santa!

Segunda Beata - (para a primeira) - Eu não fico mais aqui sòzinha com essa mulher que morre e desmorre a tôda hora. Agora é a sua vez. (Antonio Cipriano olha para a primeira beata)

Primeira Beata - Está bem, senhor prefeito. (para a segunda beata, com violência) Depois você me conta tudo direitinho. (encaminha-se para junto da falecida com ar de contrição, enquanto todos saem apressadamente.)

Luz na casa de Antonio das Almas. Pelo telhado sai a cabeça de Sigismunda.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156,p.79

Sigismunda - Pai, pai, estou com mêdo...

Antonio das Almas - Eu também, filha minha. O que é isto que aconteceu com você?

Sigismunda - Aqui tem muito morcego, pai. E cada ratazana...

Antonio das Almas - E o que eu posso fazer, filha minha?

Antonio Cipriano - Hoje é a noite dos prodígios.

Primeira Beata - Jesus, Maria, José.

Todos - Minha alma vossa é.

Rita - O que devemos fazer?

Padre Damião - Pedir a Deus misericórdia. São os pecados. Tantos... Deus termina por se impacientar! E temos que pedir clemencia. Clamar sem cessar.

Antonio Cipriano - E eu? Como autoridade tenho que tomar uma providência.

Rosinha - Mas que providência?

Antonio Cipriano - Não sei, mas temos que inventar. Chamar o Corpo de Bombeiros, pedir ajuda ao exercito. Mobilizar tudo, todos. E prepararmo-nos para o pior.

Segunda Beata - O prefeito acha que ainda vai acontecer mais coisa?

Antonio Cipriano - Quem pode saber? Quantas coisas numa só noite. O que o restante dos dias nos reserva? Não. Não me espanta mais nada. Se vir línguas de fogo dansando pelo céu acharei muito natural. (Olhando Sigismunda) Pobre moça! Ainda ontem tão tranquila, fazendo o enxoval do seu noivado...

Sigismunda - Pai, dê um geito de me tirar daqui!

Antonio das Almas - Não fale assim que me dá uma dor no coração... Como eu posso tirar você daí? A falta que faz um bom guindaste numa terra como esta! Bem vivíamos dizendo, senhor prefeito, que a cidade precisava de um bom guindaste. Era como se a gente tivesse adivinhando. Mas, não... o dinheiro do município servia para tudo, menos para o guindaste. Agora eu sinto na carne a falta de guindaste. Que posso fazer por minha filha? Ela ficou exposta ao sereno e não pode ser nada bom para a saude. A administração pública nêste país está muito longe do que se pode desejar.

Antonio Cipriano - Então o senhor me acusa de não saber administrar o município?

Antonio das Almas - Com fato provado. A cidade tem um guindaste? E como eu posso tirar a minha filha senão com um guindaste?

Antonio Cipriano - A oposição sempre encontra um jeito de atacar o govêrno, mesmo nas horas mais impróprias. Antonio das Almas, acabo de passar por golpes terríveis. Perco minha mãe que não era minha mãe, nasce um cavalo com cabeça de gente, sua filha vira varapau. Mas digame se tudo isso não é para enlouquecer até a cabeça de um santo?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156,p.80

Rosinha - Meu filho, por que você não vai para casa dormir um pouco?

Antonio Cipriano - E você acha que eu ia conseguir? Não. Ficarei de pé junto do meu povo, à espera do que possa acontecer. Não quero de modo nenhum abandona-lo numa hora de tanto mistério. O comandante é o ultimo a deixar o barco que sossobra. Me comportarei de modo semelhante.

Discretos aplausos.

Antonio das Almas - Então o senhor prefeito aproveita-se de uma situação tão dolorosa para fazer propaganda pessoal? Acho um absurdo.

Rita - Você está nervoso, Antonio das Almas, e está interpretando de uma maneira toda errada o procedimento do meu cunhado. Antonio Cipriano é um homem de bem e todo devotado ao povo desse município. Você pode ser da oposição, é um direito que lhe assiste, mas não pode abusar deste direito e fechar os olhos para tôdas das demonstrações de humanidade dadas pelo senhor meu cunhado.

Rosinha - Muito bem Rita. Acho, meu marido, que devemos nos retirar.

Padre Damião - Realmente, talvez seja melhor. Os animos estão exaltados com tôda essa extranheza.

Antonio Cipriano - Talvez seja o mais certo. Irei para junto daquela a quem devo minha vida. Qualquer coisa que você precisar, Antonio das Almas...

Antonio das Almas - Eu só preciso de um guindaste.

Antonio Cipriano - Vou mandar pedir um de Recife. E o máximo que posso fazer.

Retira-se em companhia de Rosinha, Rita e padre Damião.

Sacristão - (para o prefeito) - Posso ir com o Senhor?

Rosinha - Porque você não volta para casa?

Sacristão - A senhora viu como está a Cosma. Não tenho coragem.

Antonio Cipriano - Minha casa está aberta para todos os necessitados.

(Saem os cinco. Escurece. Luz no quarto da falecida.

Antonio Cipriano - A gente se vira e é como se escutasse gemidos. Quantos infortunios numa só noite.

Ritinha - As bruxas estão sôltas.

Padre Damião - Não acredite em bobagem. Nisto tudo está o dedo de Deus. Os homens se distanciam tanto do divino Salvador que às vêzes êle tem de mostrar o seu poder mandando êsses prodígios.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 81

Antonio Cipriano - São as provações... (com as mãos postas) Meu Deus, Mau Deus, se for possivel afasta de mim êste cálice de amarguras. O que ainda estará reservado a êste pobre servo

A cena escurece.

Cena II

As margens de um riacho

Biu e Chico comem umas bananas

Biu - Eita carreira bôa.

Chico - Tu acha que a gente está livre? Que não há mais perigo nenhum?

Biu - Eu só vou me sentir sossegado numa terra grande com o dominio da lei. Por aqui sinto o mesmo cagaço. Matam a gente e ninguém vai aparecer para dar socorro.

Chico - Minha mãe vivia dizendo: "Chico, não te mete com mulher encangada". Tinha razão a pobre velha. Agora aqui estou sem saber do meu destino.

Biu - (solene) - E quem sabe nunca do seu destino? Credo em cruz!

Chico - O que foi, homen de Deus?

Biu - Olhe ali no riacho. Aquilo não é um homem afogado?

Vão para o riacho.

Chico - E não é Severino?

Biu - Severino das Cruzes?

Chico - Êle mesmo.

Biu - Você não sabia que êle tinha sido matado.

Chico - Não. Foi por causa de mulher?

Biu - Não. Questão de terras.

Chico - Oxente, que diacho de questão de terras foi essa se êle não tinha nenhuma?

Biu - Pois é. Não tinha nenhuma mais queria ter.

Chico - Queria ter?

Biu - Queria ter. E parece que não pode.

Chico - É sim. Parece que não pode.

Biu - Mas êle achava que podia. Eu dizia: Severino das Cruzes toma cuidado. Êsse negócio teu de achar que pode ter terra dos outros... Já vi gente morrer por muito menos: só porque queria receber o salário. Olha ai no que deu. O corpo todo furado e ainda mais afogado. Que morte horrorosa!

Chico - Pobre de Severino das Cruzes!

Biu - Você acha que êle podia?

Chico - Podia o que?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.82

Biu - Querer as coisas que êle queria.
Chico - Oxente, pra que você quer saber?
Biu - Sòmente prá saber.
Chico - E você? Acha o que?
Biu - Eu?
Chico - Pois é. Você!
Biu - É... Não é?
Chico - Pois é. Quem sabe? Um dia, não é?

Os dois se entreolham com desconfiança.

Biu - Pois é. Oremos.

Ajoelham-se e rezam. O rapazote entra correndo e tropeça nos dois.

Biu - Que carreira é essa, meu irmão? Também tá fugindo de marido chifrudo?
Rapazote - Antes fôsse. Mas estou fugindo é do capeta mesmo.
Chico - Do capeta? Que história é esta? Capeta na luz do sol?.
Rapazote - Vocês não podem imaginar? Nasceu um cavalo com cabeça de gente...
Chico - Um cavalo com cabeça de gente?
Rapazote - Uma moça cresceu tanto que furou o telhado...
Biu - Com febre, meu irmão?
Rapazote - Uma finada morreu, ressucitou e morreu de novo e agora a pobre da minha mãe deu pra comer que não para mais e engorda tanto que não passa mais por nenhuma porta. A pobre fica sentada, comendo e engordando, já está quase da largura da metade da sala.
Chico - Tão moço!
Rapazote - Eu juro por tudo! Por todos os anjos e santos!
Chico - E isso tudo acontece adonde?
Rapazote - Em Caruaru.
Biu - Pois é o nosso destino.
Rapazote - Não vão, não vão. Já estão dizendo que é o fim do mundo.
Chico - O fim do mundo?
Rapazote - O fim do mundo.
Biu - Pois é prá lá que nos vamos..
Rapazote - E eu vou para bem longe. Na direção de que vocês vieram.
Biu - Escute aqui, meu irmão. Se você encontrar dois maridos chifrudos perguntando por dois mancebos, não diz que encontrou a gente.
Rapazote - Mais eu já vi essas caras!
Chico - Que caras? Você conhece os dois maridos?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p 83

Rapazote - Meu Deus, estarei louco?

Biu - Ai, meu Deus do céu, tenho mais mêdo de doido que de alma penada!

Rapazote - Eu já vi vocês. Eu já vi vocês.

Chico - Você já andou por Vitória de Santo Antão?

Rapazote - Nunca. Eu nunca saí de Caruaru pra canto nenhum.

Biu - Pois eu nunca sai do município de Vitória.

Chico - Nem eu.

Rapazote - (num grito lancinante) - Jesus, Maria, José.

Biu - Xi. Que êle é doido mesmo.

Rapazote - O prefeito e o padre Damião!
Será que morreram
e viraram assombração?

Biu - Chico, pelo amor de Deus. Ai, mãe, bem que a senhora avisou pra eu não sair de perto do cós da tua saia!

Rapazote - Meus anjos e santos do céu, valei-me! (sai correndo)

Biu - Ainda bem que êle foi embora.

Chico - Coitado. Tão moço! Bem, vamos embora.

Biu - Pra onde?

Chico - Pra Caruaru, homem de Deus.

Biu - Estou começando a ficar com mêdo.

Chico - Deixa de ser frouxo. Quando essas coisas acontecem as mulheres ficam doidas e é um tal de querer proteção.

Biu - Será que é assim mesmo?

Chico - Vamos logo enquanto é tempo.

Biu - Um, dois...

Chico - ... três!

Saem correndo. Entra o rapazote.

Rapazote - Para onde terão ido as assobrações? Meu Deus, o que devo fazer? (ajoelha-se). Eu juro que num peco mais, mas, pelo amor de Deus, meu Deus do céu, deixe que eu chegue em paz numa terra tranquila. Juro que não faço nem mesmo aquela brincadeirinha de mão que eu fazia tôda noite antes de dormir. Minha nossa Senhora do Perpétuo Socorro, valei-me! Eu estou num cagaço.

Primeira bruxa - Veremos agora como tudo vai se complicar ainda muito mais. E para que eu possa fazer a minha má ação da hora não sei se vocês sabem disto, mas uma bruxa que se preze tem que fazer uma maldade em cada hora, brinquemos um pouco com aquele rapaz.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.84

Rapazote - Não falo mais mal de ninguém. Não chamo minha mãe de gorda. Não fico espeiando a vizinha tomar banho. (A bruxa dá uma gargalhada) Mas que é isso? (varias gargalhadas.) Dessa vez eu me borro todo! (sai correndo)

A bruxa faz um sinal e o rapazote volta de costas.

Bruxa - Abracadabra, em sapo te transformarás. (o rapazote coaxa) Abracadabra, em cachorro te transformarás (rapaz late). Abracadabra, em galo te transformarás para todo o sempre. (o rapazote cocorica e sai batendo as asas.)

CENA III

Luz sôbre a casa de Antonio das Almas. Sigismunda lastima-se do alto do telhado. Embaixo, Antonio das Almas e moradores.

Sigismunda - Eu não aguento mais. Socorrei-me todos os anjos do céu! Só penso se começar a chover. O que vai ser de mim?

Primeiro morador - Não se aperreie não, Sigismunda. Aqui não chove nunca ...

Sigismunda - E você acha que é bom ficar aqui em cima, com essa doença de coqueiro, crescendo cada minuto? E meu noivo quando chegar do Recife? Será que ainda vai querer casar comigo?

Antonio das Almas - Minha filha, já disse pra você se esquecer dessas coisas.

Sigismunda - Esquecer meu noivo, pai?

Antonio das Almas - Nós agora só temos que pensar em arranjar dinheiro para comprar ou alugar um guindaste. Casamento fica pra se pensar depois.

Sigismunda - Que desgraçada eu sou!

Antonio das Almas - Eu sei, filhinha, eu sei. Mas temos que ter paciência. (para platéia). Vocês não querem dar um dinheirinho pra ro gente poder arranjar um guindaste? (os moradores dão o dinhei e se retiram)

Antonio das Almas - Que Deus ajude vocês todos!

Sigismunda - E ainda mais virar esmoler!

Antonio das Almas - Não fale assim, filhinha.

Sigismunda - Não é verdade, pai? Ai, se meu noivo souber disso, ai é que ele não casa mesmo. E o que vai ser de mim? Coqueiro e sem marido; pior mesmo que o destino de mulher da vida.

Antonio das Almas - Eu vou até a feira, filhinha, par ver se arranjo mais dinheiro.

Sigismunda - Não custe muito, pai. Tenho tanto mêdo de ficar nestas alturas sòzinha.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156,p.85

Antonio das Almas - Está bem, filhinha.

Sai Antonio das Almas. Entra o cavalo com cabeça de gente COM UM RAMO DE FLÔRES ENTRE OS DENTES.

Sigismunda - Você veio de novo, meu amigo?

Cavalo com cabeça de gente - (relincha)

Sigismunda - E sempre com as suas flôres? Se não fôsse a sua delicadeza, não sei o que seria de mim. (estende os braços e apanha os ramos de flôres. O cavalo com cabeça de gente executa alguns passos de dansa).

Cavalo - Relincha.

Sigismundo - Que bom você ter vindo!

Cosma (entrando com uma vassoura na mão) - Ah, sêo cavalo você quer mesmo é viver na vadiagem. Vamos embora! Vamos aproveitar a feira. Já armei uma barraca pra mostrar você e ganhar algum dinheirinho.

Sigismunda - Deixe êle um pouco comigo, dona Cosma, me fazendo companhia...

Cosma - Viver não está fácil não, Sigismunda. Tem que se ganhar dinheiro. A situação está cada vez pior. Vamos, cavalo, vamos.

Saem Cosma e o cavalo.

Sigismunda - Ai de mim, desventurada!

Escurece. Luz na casa de Antonio Cipriano.

Rosinha - Preciso falar com você.

Antonio Cipriano - Não é um absurdo? Pedindo esmola na feira só para me desmoralizar?

Rosinha - Antonio...

Antonio Cipriano - O que vão dizer de mim por aí? Antonio das Almas, na feira, pedindo esmola para comprar um guindaste. Um guindaste que é da alçada da prefeitura. Essa oposição é mesmo uma desgraça. Aproveita até o próprio infortúnio para tirar rendimento político.

Rosinha - Antonio, eu queria saber porque você tem chegado tarde tôdas as noites.

Antonio Cipriano - Fico com vontade de mandar prender êsse homem. Ele quer acabar com a minha vida. Rosinha, hoje deve chegar aqui em Caruaru um enviado do Sr. Presidente da República para fazer uma inspeção na cidade. E sabe por que? Essas coisas que aconteceram por aqui estão causando a maior reboliço. No Rio de Janeiro, em Brasília, em São Paulo, pessoas da oposição estão querendo tirar vantagens disto tudo,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156,p. 86

dizendo que se trata de um castigo do céu contra o govêrno atual. Veja a que ponto chegaram êsses homens da oposição! Pois bem, acontece que pessoas chegadas ao presidente estão vendo nisto uma manobra altamente subversiva. E eu transformei-me numa pessoa suspeita. Vem um emissário especial do senhor Presidente só para examinar a veracidade dos fatos que aqui aconteceram. Pois bem. Neste justo momento, Antonio das Almas vai para a feira pedir esmolas, dizendo pra todo mundo que eu sou um incapaz, por que a prefeitura não tem um guindaste.

Rosinha - Você chegou tão tarde por que?

Antonio Cipriano - Não é de enlouquecer? O Emissário do Presidente vai ver que não tem nenhuma subversão na cidade: mas pode muito bem achar que sou um incapaz por não ter providência do um guindaste. Claro, ouve Antonio das Almas dizendo aquelas coisas, a pobre filha lá nas alturas. Eu posso ser até submetido a um inquerito.

Rosinha - Você vê, Ritinha. Êle se recusa a responder minha pergunta.

Antonio Cipriano - Devo ou não prender Antonio das Almas? O meu futuro está em jôgo. A tranquilidade do nosso lar está em jogo também. ...

Rosinha - Antonio Cipriano por que....

Antonio Cipriano - Realmente é demais. Parece até castigo. Mas eu nada fiz para merece-lo. Sempre fui um bom filho, um bom cidadão, respeitador das coisas de Deus e da Pátria. Mas de repente vem tudo isso de uma vez só! Um cavalo com cabeça de gente, uma mulher que não para de crescer, uma outra que não para de engordar, a terrível revelação da minha mãe na hora de sua morte e para completar essa desmoralização que Antonio das Almas está me submetendo. Outro teria enloquecido!

Rosinha - Ritinha, você quer falar com êle? Talvez êle tenha mais atenção.

Ritinha - Senhor meu cunhado, minha irmã deseja saber por que o senhor chegou tão tarde ontem a noite?

Antonio Cipriano - É demais! É demais! Se conseguir resolver tudo isso a contento necessito de umas boas férias. Vocês me entendem?

Rosinha - É de enlouquecer!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 (p. 87

Antonio Cipriano - É exatamente o que eu estava dizendo. É de enlouquecer ! Que bom que minha família concorde comigo.

Ritinha - Mas a minha irmã...

Antonio Cipriano - Eu vou conversar com o padre Damião... Com o padre. (à parte) Será que êle é meu irmão?

Rosinha - Mas Antonio Cipriano...

Antonio Cipriano - Qualquer coisa estarei na igreja... Tenho que falar com urgência com o padre Damião.

Rosinha - Você viu o cinismo dêle, Ritinha? Depois você ainda o defende!

Ritinha - O homem está com a cabeça cheia de problemas..

Rosinha - Problemas nada. Safadeza! Tudo isto é desculpa para ficar na rua até altas horas. "Os homens são todos uns porcos", disse uma mulher num filme que eu vi. E ela estava coberta de razão. Meu coração não me engana: existe uma mulher atrás disto tudo.

Ritinha - Ora, Rosinha. Eu queria ver você morando numa cidade grande como o Recife. Você ia enlouquecer. Lá, minha irmã, o homem sai de casa de manhã e só volta para jantar. Você seria capaz de sair procurando até por debaixo das pontes.

Rosinha - Seria!

Ritinha - Antonio Cipriano é um marido exemplar. Sempre voltado para os problemas da casa. Não me lembro de nenhuma falta dêle. É verdade que nestas últimas noites êle tem chegado tarde em casa. Mas deve ficar na igreja conversando com o padre Damião sôbre tudo isso que está acontecendo...

Rosinha - Você não sabe nada da vida, minha irmã. Não sabe de que sujeiras os homens são capazes. "São todos uns porcos" , disse uma mulher num filme que eu vi. E ela estava coberta de razão. Você não viu o sacristão? Quem diria?

Ritinha - E você acredita?

Rosinha - Mas claro! Os olhos são da mesma côr. Depois de uma coisa desta não se pode confiar mais em ninguém. O sacristão, quase um padre, tão agarrado às saias de dona Cosma, e derrepente com uma égua em sua vida...

Ritinha - Ora, Rosinha...

Rosinha - Depois disto, botei as minhas barbas de môlho. E quer saber de uma coisa? Vou atrás de Antonio... Não vou nesta história de que está na igreja com o padre Damião. Deve estar por aí com alguma quangazinha qualquer.

Ritinha - Minha irmã, tenha um pouco de calma.

Rosinha - Não, Ritinha. Mulher côrna eu não vou ser.

(sai apressadamente com Ritinha. Escurece. Luz. Uma rua de Caruaru.)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156,p.88

Cego (cantando) -

Eu Deixei o meu roçado
atrás do meu tatuzinho
andei milhões de léguas
e nada do meu bichinho
cruzei mares e montanhas
não encontrei o tatu
foi quando me deu uma dor
bem no pé da barriguinha
ai que dor danada
tive que dar uma paradinha
me escondi numa ribanceira
me espandi até valer
veio aquela caganeira
Ai, meu Deus que vou morrer
sem ver meu tatuzinho
foi quando encontrei uma véia
que sorria de mansinho
cheguei junto e disse:
a benção, vó, você viu o meu tatu?
A velha levantou a saia
e me puxou com carinho
Eu disse: t'esconjuro véia
vai cuidar da tua sina
e saí um galope doido
e encontrei uma menina
que tinha os oios de fogo
e uns cabelo de crina
me cheguei e perguntei
pelo danado do tatu
a menina foi me olhando
com aqueles oios de fogo
e foi dizendo dengosa:
Você não quer entrançar
as nossas crinas?
Me benzi, saí correndo,
e a pobre da barriguinha
dava voltas, ia doendo,
doendo de fazer dó,
mas não parei mais pra nada,
e cruzei mares e montes
atrás do tatuzinho,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 89

mas ninguém sabia de nada
do meu querido bichinho
foi quando desconsolado
voltei atrás da menina
vou deixar de ser um leso
e vou entrançar as minhas crinas
mas envez da menininha
no meio da campina
foi a danada da véia
com uns oios de sepultura
que me esperava na esquina
Desisti, voltei para a casa
e do pinto fiz um nó
com véia eu não engato
nem pra salvar minha vó

O Cego - Que Deus Nosso Senhor Jesus Cristo alumie o caminho de todos vocês!

Todos - Amém!

Enquanto o cego canta a sua toada, Chico e Biu entram. Imediatamente alguns habitantes comprimentam com respeito e espanto. Chico e Biu olharam para todos com maior espanto ainda.

Um habitante - (para Chico e Biu) - Meus respeitos!

Outro habitante - Que Deus proteja os senhores!

Chico - Muito obrigado, muito obrigado!

Biu - (para Chico) - Simpático o povo da cidade!

Chico - Realmente, muito simpático.

Todos retiram-se, menos Chico e Biu.

Chico - Você viu? Todo o mundo comprimentando a gente com a maior respeito...

Biu - Bem, pra falar a verdade, estou um pouco desconfiado.

Chico - Desconfiado? De que?

Biu - Você se lembra da história que aquele cabra nos contou?

Chico - Sôbre as coisas estranhas que estão acontecendo aqui?

Biu - Sim.

Chico - E que tem isso? Aquele cara pra mim era um lezo. Não estou notando nada de anormal por aqui.

Biu - E aquela mulher, logo na entrada da cidade, que chegou junto de mim e disse: Seo padre, o que é isto, o senhor sem batina? O senhor acha pouco os castigos que Deus tem mandado pra gente?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p.90

Chico - Aquela mulher era meio maluca.

Biu - Eu estou um pouco com mêdo que essa terra esteja cheia de doido. Oxente! Todo mundo ri pra gente, cumprimenta, como se a gente tivesse nascido e se criado aqui.

Chico - É uma gente hospitaleira. Sempre ouvi dizer: o povo de Caruaru é um povo bom danado!

Passa uma mulher que olha para o Chico e para: aproxima-se de Biu com espanto e toma benção.

Mulher - A benção.

Biu - Deus te abençõe. (a mulher sai)

Biu - Você tá vendo?

Chico - Deve ser costume da cidade.

Biu - Mas porque é que não tomam a benção de você também?

Chico - É que você tem uma cara meio de santo, Biu. Mas que cabra de sorte, hein? Vai ser fácil papar essas menininhas tôdas...

Biu - Você acha?

Aparecem Rosinha e Ritinha que ficam olhando de longe. Rosinha começa a fazer sinais para Chico.

Biu - Chico, tem uma mulher ali fazendo sinais para você.

Chico - Pra mim? E a danada é bonitinha. Será que é uma quenga?

Biu - Não tem cara de quenga. Parece moça de respeito.

Chico - E como é que está me chamando?

Biu - Eu sei lá. Não estou gostando nada disto.

Chico - Você também é um apavorado. Tem mêdo de tudo.

Biu - E que eu estou cansado de correr por causa do marido doido. Não estou para correr mais. Aqui eu quero fazer minha pousada, mandar buscar minha mãe, casar e ter muitos filhos.

Chico - Ela continua.

Biu - E esta vindo para cá!

Rosinha - Então, senhor meu marido, aproveitando o sol do meio dia?

Biu - Você não me disse que era casado! Isso é sacanagem!

Chico - Fica quieto aí!

Rosinha - (para Biu) - O senhor sem batina em plena rua?

Ritinha - Deve ser ordem do Concílio, Rosinha!

Rosinha - Que Concílio, que nada! Eu acho uma falta de respeito e das grandes!

Biu - (para Chico) - Nada. Mas se ela insiste que eu sou o marido não faço questão. Vou lá e cumpro meus deveres conjugais

Biu - Chico, cuidado. Algo está me avisando que é melhor a gente ir embora.

Rosinha - Vamos para casa!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 92

Chico - Podemos ir. Vamos , Biu?

Ritinha - Biu?

Biu - Um seu criado.

Rosinha - Ainda bem que estão de bom humor.

Biu - E não é pra estár com um céu tão azul e um sol tão bonito?

Rosinha - Vamos logo que precisamos ter uma conversa muito séria, se-
nhor meu marido. (as duas afastaram-se)

Biu - Você vai?

Chico - Mas claro. Bonitinha, não é?

Biu - Chico, eu estou vendo o dedo do capeta nisto tudo. Essa mulher
e capaz de ter um marido mesmo. A gente termina se estrepando.

Chico - Eu já estou acostumado.

Rosinha - Você quer me fazer perder a paciência?

Chico - Não, meu amor. Vamos, Biu.

Biu - Vamos. (à parte) Mãe, reza por mim. E reza forte.

FIM DA PRIMEIRA PARTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156,p.92

S E G U N D A P A R T E

Voz de Rosinha - (em sua casa) - E se perguntarem pela gente você diz que não tem ninguém em casa. Que eu e meu marido tivemos que sair.

Voz de empregada - Sim, senhora.

Luz na rua. Antonio Cipriano, padre Damião e Emissário do Presidente.

Cipriano - Vossa Excelência ficará na minha casa. É casa de pobre mas terá todo o nosso carinho.

Emissário - Não será preciso tanto incômodo; não devo aceitar. Vim em missão oficial, talvez não fique bem aceitar êsse favor. Devo estar totalmente livre para as minhas investigações. O sr. sabe, as informações que tivemos são as mais desencontradas. Enquanto uns acreditam tratarem - se realmente de fenômenos, apenas por uma estranha coincidência aparecidos de uma vez só, outros, e tenho que dizer a maioria, acreditam tudo não passar de uma manobra de agitaodres interessados em perturbar a vida do país.

Padre - Mas como os agitadores podem fazer que uma mulher comece a crescer de repente ou um cavalo nascer com cabeça de gente?

Emissário - Não sei como responder; mas para isso estamos aqui: para averiguar. E, Deus queira, poder tranquilizar o nosso Presidente. Esperamos, realmente, que se trate de fenômenos, isto não trará nenhum prejuizo, muito pelo contrário, poderá aumentar a receita da prefeitura com a avalanche de turistas que certamente acorrerão a esta cidade. Mas em caso contrário, se realmente se tratar de uma manobra nova dos agitadores, o caso se reveste de uma imensa gravidade, pois não estamos preparados para esse tipod de subversão da ordem. Sabemos muito bem como o nosso povo, principalmente o do interior, é cheio de superstições. Se êle se convencer que se trata de um protesto divino contra o atual govêrno, o que poderemos fazer? Teremos que estudar as medidas defensivas imediatamente. Talvez até mandar buscar tecnicos no exterior.

Cipriano - Ainda hoje o senhor poderá tranquilizar o Presidente, tenho certeza. Proponho ir até lá em casa, almoçarmos, e depois iremos ver de perto os fatos estranhos.

Emissário - Confesso que estou com muita fome.

Padre - Dona Rosinha, esposa do prefeito, é uma excelente quituteira O senhor não terá que reclamar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 93

Emissário - Mas não será um incômodo?

Cipriano - De modo algum. O senhor não pode imaginar a alegria nossa em receber uma autoridade da República.

Emissário - Fico desvanecido com tanta atenção.

Entra o Sacristão correndo com Cosma atrás.

Sacristão - Peço proteção a autoridade.

Padre - Mas o que é isto?

Cosma - Eu avisei esse miserável que não aparecesse mais na minha casa.

Sacristão - A casa é minha também.

Cosma - A sua casa é no estábulo com aquela égua filha da mãe.

Cipriano - Deixemos êsse assunto para depois, dona Cosma. A senhora está na presença de um Emissário do Presidente da República que veio a Caruaru para observar os fatos estranhos que aconteceram nos últimos dias.

Cosma - Ah, o senhor é amigo do presidente?

Emissário - Com muita honra.

Cosma - Pois é com o senhor mesmo que eu precisava falar.

Padre - Dona Cosma, talvez numa outra hora... O senhor Emissário fez uma viajem muito cansativa...

Cosma - O senhor precisa pedir um favor muito grande ao Presidente, senhor Emissário, Eu sou uma mulher católica, apostólica, romana, de pai e mãe e avós católicos, mas se o presidente não me fizer um favor muito grande eu termino virando uma assassina. ...

Padre - Dona Cosma...

Emissário - (para o padre) Um momento. (para Cosma). De que se trata?

Cosma - Eu quero que o Presidente permita que eu me divorcie. Eu sei que no Brasil isto é proibido, mas no meu caso tem que ser. O senhor imagine, senhor Emissário, que o meu marido me traiu com uma égua que tem no meu roçado.

Emissário - Com uma égua?

Cipriano - Ela está nervosa, senhor Emissáio.

Sacristão - Isto é uma calúnia!

Cosma - O senhor precisa ver o filho que nasceu.

Emissário - O filho?

Cosma - O cavalo tem os mesmos olhos que êle e agora até o nariz está parecido.

Padre - É exatamente um dos fenômenos. ...

Emissário - Ah, o cavalo com cabeça de gente...

Cipriano - Isto mesmo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 94

Emissário - Mas será que esta senhora está dizendo a verdade?

Padre - Não pode ser verdade. É contra as leis da natureza.

Emissário - Mas a cara de gente do cavalo não é também contra as leis da natureza? ...

Padre - Sim, realmente, mas...

Cosma - Ninguém quer acreditar em mim. E eu ainda termino fazendo uma desgraça. Não contra o cavalo, é claro. Não tem culpa nenhuma da safadeza do meu marido com a égua da sua mãe. É um pobre inocente. Mas eu termino matando meu marido. Ou então mato a égua. Não consigo mais dormir pensando que aquela égua cachorra da moléstia dorme perto de mim e ainda come a forragem que eu compro com meu dinheiro.

Emissário - Realmente, se fôr assim, deve ser uma situação muito extranha.

Cosma - Estranha é apelido. É uma situação filha da puta.

Cipriano - Dona Cosma... ...

Padre - Não se trata de nada disso, posso assegurar...

Sacristão - O padre Damião me conhece muito bem. Sabe que eu seria incapaz de um pecado tão horroroso.

Cosma - Sem vergonha, como você não respeita nem a figura do Emissário do Presidente para continuar defendendo a sua safadeza?

Cipriano - Dona Cosma, depois nós conversamos sôbre êste assunto. No momento temos quer ir almoçar. O senhor emissário está com muita fome...

Entra o cavalo com cabeca de gente e se dirige, imediatamente para o sacristão e começa a festejar-lhe. O emissário tem um movimento de mêdo mas controlá-se logo.

Cosma = Eis a prova! (dá um grito e desmaia.) ...

Emissário - Realmente trata-se de algo que eu não esperava...

O sacristão carrega Dona. O cavalo com cabeca de gente aproxima-se do emissário. Êste recua com mêdo.

Emissário - Eu nunca vi uma coisa desta... Tirem êste animal daqui.

Cipriano - Xô cavalo... Xô cavalo...

O cavalo com cabeca de gente sai alegremente.

Emissário - E os outros fenômenos são tão estranhos assim?

Padre - São coisas tão estranhas que fazem até desconfiar que se trata realmente de um castigo de Deus.

Emissário - Então o senhor quer ensinuar que o atual govêrno está desagradando a providência?

Padre - De modo algum. Longe de mim pensar em tal coisa.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 95

Emissário - Precisamos de muito cuidado nos conceitos que emitamos. Os agitadores estão ai a sôlta aproveitando-se de tudo para sua obra de desagregação da família brasileira.

Cipriano - Creio que agora podemos almoçar.

Encaminham-se para a casa de Antonio Cipriano. No caminho passam pela casa de Antoni das Almas. O cavalo com cabeça de gente está no telhado junto a Sigismunda. Embaixo, Antonio das Almas tem uma espingarda nas mãos. O dialógo entre Antonio das Almas e Sigismunda desenrola-se sem que êstes percebam a presença de Antonio Cipriano, Padre Damião e Emissário.

Antonio das Almas - Eu já disse que matava êsse miserável!

Sigismunda - O senhor não pode fazer isso! O senhor não tem o direito de estragar minha felicidade!

Antonio das Almas - E o que faltava, Sigismunda. Minha filha namorando com um cavalo.

Sigismunda - Não se trata de um cavalo comum. O senhor fala assim porque não comhece a bondade que êle tem no coração.

Antonio das Almas - Você está louca, Sigismunda.

Sigismunda - E não é para enlouquecer? ter um pai sem coração como o senhor? Um pai que não tem o menor interêsse na felicidade da filha?

Antonio das Almas - Sigismunda. Não se trata disso. Nenhum pai pode querer ver a filha casada com um cavalo. Mesmo que se trate de um cavalo com cabeça de gente. Não é da lei dêsse mundo.

Sigismunda - E é da lei dêsse mundo ser uma mulher coqueiro?

Antonio das Almas - Não, minha filha. Não é da lei dêsse mundo ser uma mulher coqueiro.

Sigismunda - Então? O senhor acha que a mãe dele pode não querer o casamento por que eu sou uma mulher coqueiro?

Antonio das Almas - A mãe dêle? A égua?

Sigismunda - Sim. A mãe dêle. A égua.

Antonio das Almas - Minha filha, as alturas atacaram a sua cabeça.

Percebe Antonio Cipriano, padre Damião e a Emissário. Avança para o prefeito. O senhor é o culpado de todo êsse drama.

Antonio Cipriano - Cuidado com essa arma. Ela pode disparar.

Antonio das Almas - Está satisfeito? Me diga. Está satisfeito com a minha desgraça?

Padre Damião - O senhor acalma-se, Antonio das Almas...

Antonio das Almas - Acalme-se... Acalme-se... É isso que todo mundo mundo me diz. E cada vez tudo vai piorando para mim. Já sabem da última novidade: minha filha quer casar com um cavalo!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 96

Antonio Cipriano - Antonio das Almas, nós estamos defronte de um Emissário do Presidente da República. Você precisa se acalmar.

Antonio das Almas - Muito prazer.

Emissário - Igualmente.

Antonio das Almas - Quero apresentar minha queixa ao senhor Presidente da República contra o prefeito da cidade.

Emissário - Deve ser uma queixa por escrito.

Antonio das Almas - Depois eu escrevo. Mas eu digo logo porque não sei se o meu coração vai aguentar tanto aperreio. O senhor prefeito é o grande culpado de tudo que está acontecendo por que nunca providenciou um guindaste para esta cidade.

Emissário - Caruarú não tem um guindaste?

Antonio das Almas - O senhor não acha que um guindaste é de extrema necessidade para uma cidade?

Emissário - Sem nenhuma dúvida.

Antonio Cipriano - Sem nenhuma dúvida.

Antonio das Almas - Se eu tivesse um guindaste minha filha não estaria mais naquelas alturas e não tinha conhecido o cavalo.

Antonio Cipriano - Senhor Emissário, eu sei que a cidade precisa de um guindaste. Mas infelizmente a arrecadação tem sido muito baixa e o dinheiro não dá pra nada.

Emissário - E por que a arrecadação tem sido baixa?

Antonio Cipriano - Nada vai bem, senhor Emissário. Ninguém tem dinheiro pra nada.

Emissário - O senhor por que só está criticando a política econômico financeira do govêrno?

Antonio Cipriano - De modo algum, senhor emissário. Eu nem sei o que é isto. Mas que está indo para trás, está mesmo.

Emissário - O cavalo está beijando o varapau... e na bôca!

Antonio das Almas - Agora eu mato êle! Agora eu mato!

Padre - Não faça loucura. O tiro pode pegar na sua filha!

Antonio das Almas - Estou desonrado. O jeito mesmo é casar os dois.

Padre - Casar os dois? Isto é sacrilégio, Antonio das Almas!

Antonio das Almas - E minha! filha? Vai ficar desonrada depois de ter sido beijada na bôca pelo cavalo e na frente de testemunhas?

Emissário - A solução é prender o cavalo.

Antonio Cipriano - Prender o cavalo?

Emissário - Claro. Está perturbando a ordem pública. Já me deparei com dois casos dolorosos, nesta cidade, por causa dêste cavalo. Por que o espanto? Por que não se pode prender um cavalo?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 97

... ...

Antonio Cipriano - E... Realmente... Por que não se pode prender um cavalo?

Antonio das Almas - (apontando o rifle para os três) - Ninguém vai prender êste cavalo coisa nenhuma. Depois do que êle fez com minha filha êle vai casar com ela. Eu sou pobre mas sou um homem honrado. Não vou consentir que joguem o nome de minha família na lama.

Padre Damião - O senhor enlouqueceu, Antonio das Almas?

Antonio das Almas - Saiam daqui. Saiam daqui.

Os três afastam-se apressadamente. Luz na frente da casa de Antonio Cipriano.

Antonio Cipriamo - Felizmente creio que podemos agora almoçar descansadamente.

Emissário - Sua casa é muito simpática.

Antonio Cipriano - Ás ordens, senhor Emissário. Merda, esqueci a chave. Desculpe, senhor Emissário. (bate na porta)

Padre Damião - Aqui é um lugar bem mais tranquilo. Fica distante da feira.

Emissário - Eu quero muito visitar a feira de Caruarú. É famosa no Brasil inteiro.

Empregada - (aparecendo na porta) - Que desejam?

Antonio Cipriano - Você é a empregada nova?

Empregada - Minha patroa está almoçando com o marido dela e mandou dizer que não está em casa para ninguém. E o marido dela manda dizer que não está em casa para ninguém durante meses e meses. (fecha a porta)

Emissário - O que está acontecendo aqui?

Antonio Cipriano - A empregada é nova entrou pela manhã. Não me conheceu ainda. (bate novamente)

Empregada - Quer deixar algum recado?

Antonio Cipriano - Eu não quero deixar recado coisa nenhuma. Eu quero entrar que a casa é minha. Eu sou o marido da sua patroa.

Empregada - Brincadeira tem hora! O marido dela está lá dentro. Nunca vi um casal tão unido na minha vida. E cada beijo. Cruzes! E não é que o senhor é parecido com êle.(fecha a porta)

Emissário - Que brincadeira é está?

Antonio Cipriano - Não estou entendendo nada. Com certeza essa empregada é uma maluca. Ou então, quem sabe, Rosinha resolveu fazer uma brincadeira de mau gôsto porque está meio zangada... Estas últimas noites andei chegando tarde.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 ip 98

Emissário - Precisamos averiguar e direitinho. O nosso gôvêrno não pode permitir que um representante seu seja côrno.

Antonio Cipriano - Côrno? Eu?

Emissário - Se sua espôsa está lá dentro beijando um outro homem o senhor é um côrno! Ou aqui usam outra palavra? Eu não entendo nada de regionalismo!

Padre Damião - Dona Rosinha é uma santa senhora. Posso assegurar.

Antonio Cipriano - Se o senhor não fôsse a autoridade que é... não admitiria de mais ninguém tamanho insulto.

Emissário - Nós, homens do poder, temos que ter uma frieza enorme para conceituar as coisas. Os nomes têm que ser dados aos bois. Se sua mulher estiver realmente lá dentro, agarrada com outro homem então o senhor é um côrno e como tal não pode mais merecer a confiança e o respeito da Presidência da República. Temos que arranjar outro prefeito.

Antonio Cipriano - Essa é demais!

Emissário - Os fatos são/os fatos. Nós damos aos fatos seus nomes verdadeiros, doa a quem doer. Não temos mêdo da impopularidade.

Padre Damião - Tudo ficará esclarecido dentro de muito pouco tempo.

Primeira Beata - (entrando) - Senhor prefeito, me socorra, pelo amor de Deus.

Antonio Cipriano - Que terá acontecido, meu Deus?

Primeira Beata - A pobre da minha irmã não tem mais comida para comer agora está comendo barro.

Antonio Cipriano - Mas hoje já não mandei um boi?

Primeira Beata - E o que é um boi para a minha irmã? E o pior é que ela já está da largura da sala. Não sei o que fazer. O safado do filho fugiu com mêdo, pois êle acha que vão cair raios aqui em Caruarú. E eu fiquei sòzinha, com todas essas aflições para resolver.

Antonio Cipriano - O senhor está vendo? Um boi não é o bastante! Como a Prefeitura pode com tamanha despeza por dia. E o outro filho da mãe ainda fala em guindaste... Querem saber de uma coisa? Eu renuncio.

Emissário - Como?

Antonio Cipriano - Renucio, senhor Emissário. Os problemas são muitos e eu ainda levo o nome de côrno.

Emissário - Isto chama-se deserção à Pátria numa hora em que ela se encontra em perigo. Pode sair cadeia e quem sabe até fuzilamento.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p.99

Antonio Cipriano - Está bem, senhor Emissário. Mantenho-me no posto pelo bem da Pátria. Vamos, minha senhora, vamos ver sua irmã. O senhor irá também. O almoço fica pra depois.

(Saem todos entram as três bruxas.)

Primeira Bruxa - Tudo errado. Completamente errado. A praga tomou a direção errada. O pobre do prefeito nada tem com o que lhe aconteceu.

Segunda Bruxa - Vivemos um tempo absurdo; nem mesmo uma praga toma o seu verdadeiro destino.

Terceira Bruxa - Nada segue seu rumo certo. (num gesto largo) Os desencontros acumulam-se. Por toda parte são longos gemidos de fome, sêde, inquietação.

Segunda Bruxa - Temos que consertar tudo.

Terceira Bruxa - Quem sabe o material que usamos não era falsificado. Vivemos um tempo de falsificações. ...

Segunda Bruxa - Em tôrno do caldeirão mais negro... ...

Terceira Bruxa - Com luz de lua ainda não desvirginada...

Terceira Bruxa - Aqui, aqui, o raio mais veloz...

(trovões, relâmpagos.) ...

Segunda Bruxa - Aqui, aqui o pássaro mais sinistro...

Terceira Bruxa - ... o beijo mais maldito...

Primeira Bruxa - Com sangue e destruição...

Terceira Bruxa - Esperma de burro ladrão...

Primeira Bruxa - Mijo de bezerro veado...

Terceira Bruxa - Nem um dia a mais, nem um dia a menos!

Segunda Bruxa - Biu, Biu é o nome...

Primeira Bruxa - Biu e Damião...

Biu e Damião...

As três bruxas - ... são a nossa maldição!

(Luz na casa de Antonio Cipriano. Biu e Ritinha)

Ritinha - Acho que bebi demais, reverendo.

Biu - (à parte) - Que mania de me chamar de reverendo. Mas se dá uma coceirinha maior, vai chamando. ... ...

Ritinha - Sinto a cabeça nas nuvens. Estou lesa... lesa... Só me lembro de ter ficado assim num Carnaval que passei no Recife.

Biu - E o que aconteceu?

Ritinha - Não consegui me lembrar de nada no dia seguinte.

Biu - Assim é melhor. Não dá para sentir remorsos...

Ritinha - Tenho a impressão que estou num carrocel... Aquele de cavalinhos...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p.100

Biu - Não é melhor se amparar em mim? Pode encostar a cabeça no meu ombro...

Ritinha - Acho que vou aceitar o oferecimento. Que mal pode haver, não é mesmo?

(Recosta a cabeça no ombro de Biu. Biu começa a acaricia-la Ritinha vai cedendo)

Ritinha - Reverendo... Reverendo...

Biu - Me chama de bispo, meu amor. Ou até de Papa.

(Intensifica os carinhos)

Ritinha - O senhor não acha...

Biu - Não vamos achar nada agora. (Beija Ritinha na bôca. Ritinha dá um grito)

Biu - Mas o que foi? Ainda não comecei a morder!

Ritinha - Deve ser pecado.

Biu - Que pecado coisa nenhuma!

Ritinha - Mudaram então?

Biu - Claro, isto é coisa de antigamente.

Ritinha - O senhor não está enganado? Será que o concílio resolveu mesmo que não é mais pecado?

Biu - (à parte: Conselho? Que conselho?) (para Ritinha) Pode acreditar em mim. Não é mais pecado. (Acaricia Ritinha)

Ritinha - A mula sem cabeça!

Biu - (dando um pulo) - Onde?

Ritinha - Mulher de padre vira mula sem cabeça! E o senhor! (Dá um grito violento. Biu sai correndo. Entram Chico e Rosinha)

Rosinha - O que aconteceu?

Ritinha - Vou virar mula sem cabeça: O reverendo me beijou. Vou ser castigada.

Chico - Reverendo. Que reverendo?

Rosinha - Padre Damião, ora. O safado não está usando batina exatamente para se aproveitar das pobres indefesas.

Chico - Padre Damião, sei. (à parte) - Insistem na lezeira..

Ritinha - Eu vou atrás dêle. Vou desmoralizá-lo para sempre.

(As bruxas dão uma terrivel gargalhada e saem. Entram Padre Damião e Emissário)

Padre Damião - Não sei o que está acontecendo nesta cidade Realmente dá o que pensar. Embora sejamos todos responsáveis em encontrar uma solução para tudo isto eu realmente não queria estar no lugar do prefeito. Não sei como êle está conseguindo suportar tanta coisa junta.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156,p 101

Emissário - O destino do homem público é muito espinhoso. Mas todos sabemos disto e não podemos recuar: trata-se de uma vocação.

(Entra Ritinha e avança direta para o padre Damião)

Ritinha - Ah, seo cretino, foi vestir batina para ver se escapava, Não escapa não.

(Esbofeteia Padre Damião)

Padre Damião - Dona Ritinha de que se trata?

Ritinha - De que se trata, hein? O senhor é um padre safado! (para o Emissário) Imagine, beijou-me na bôca. E eu sou capaz de virar mula sem cabeça!

Emissário - Não é possivel. É por estas e outras que a religião anda tão por baixo.

Padre Damião - Mas isto é uma calùnia!

Ritinha - Vou mandar dizer ao papa!

Padre Damião - Ao papa?

Ritinha - Você vai ver! (sai) ...

Padre Damião - Realmente não sei o que dizer... Cada um com suas provações.

Chico sai da casa de Antonio Cipriano.

Chico - (para o padre) - Onde arranjou essa batina?

Padre - Onde arranjei a batina?

Chico - Acho melhor a gente dar o fora. Já consegui o que eu queria. Mas aqui pra nós, tenho a impressão de que a moça é casada mesmo. Pelo menos donzela não é mais. Depois o marido aparece por ai. Vamos? Mas como é que você vai correr com essa batina?

Padre Damião esbofeteia Chico.

Chico - Que é isto? Me estranhando? Você bebeu demais!

Emissário - Senhor prefeito...

Chico - O senhor também me chamando de prefeito? Escuta aqui. Marido eu não faço questão de ser. Mas prefeito, Deus me livre!

Emissário - Senhor prefeito, exijo uma explicação imediata. Não admito que levem no ridículo um representante do Presidente da República.

Chico - Quem? Quem é representante da Presidência da República?

Padre - êle não deve estar bom da cabeça!

Emissário - O senhor considere-se preso!

Chico - Eu? Preso? Mas o que foi que eu fiz?

Emissário - Uma autoridade que não impõe...

Chico - (para o padre) - Você vai ficar aqui?

Padre - Claro que vou ficar aqui.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 102

Chico - Então, adeus! (sai correndo)

Emissário - (correndo atrás) - Polícia! Polícia!

(entra dona Cosma)

Cosma - Senhor padre...

Padre Damião - O que é dona Cosma?

Cosma - O senhor viu a safada da égua?

Padre Damião - Não, dona Cosma,

Cosma - A safada fugiu, Mas eu vou atrás. Isto não vai ficar assim. O senhor sabe, padre Damião, ela não podia fazer isto comigo. Principalmente depois da conversa que eu tive com ela.

Padre Damião - A senhora foi conversar com a égua?

Cosma - Sim, reverendo, uma conversa franca. De mulher para mulher. Enfim eu me apeguei ao filho do pecado e êle era filho dela. Falei de coração aberto. Pensei que tínhamos ficado amigas. Cheguei mesmo a perdoar. Mas hoje, essa égua do meu ódio resolveu fugir. Nem que corra êsse Brasil inteiro e chegue até São Paulo eu encontro essa égua. Ela não pense que eu vou criar o filho dela enquanto ela anda por aí.

(sai dona Cosma)

Padre Damião - Eu devo pegar o primeiro ônibus e ir até o Recife conversar com o arcebispo. Realmente não me sinto capaz de orientar essas almas. O bispo daqui viajou. Não me sinto com fôrças... Mas o que será isto que está acontecendo? Será obra de Deus? Ou será mesmo o capeta?

(Entra Antonio Cipriano)

Antonio Cipriano - Falando sozinho, padre Damião?

Padre Damião - (com certa violência que se abranda) - Escute aqui. O Emissário se acalmou?

Antonio Cipriano - O que aconteceu com êle?

Padre Damião - Êle não saiu para prender você?

Antonio Cipriano - Para me prender? Por que?

Padre Damião - Você andou bebendo, Antonio Cipriano?

Antonio Cipriano - O senhor sabe muito bem que não sou de bebida. Um homem que ocupa o posto que eu ocupo não pode de modo algum...

Padre Damião - Será que estou ficando louco?

Antonio Cipriano - O senhor não está se sentindo bem?

Padre Damião - Antonio Cipriano, responda-me por favor a verdade: você me perdoou eu ter esbofeteado você?

Antonio Cipriano - O senhor me esbofeteou?

Padre Damião - Você não se lembra?

Antonio Cipriano - Não seria melhor o senhor descansar um pouco?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 103

Padre Damião - Descansar a está hora? E por que? Você acha que estou precisando de descanso por que?

Antonio Cipriano - Nunca faz mal um bom descanso. O sol...

Padre Damião - Não vamos culpar o sol por nada... Meu Deus, o que está acontecendo?

Antonio Cipriano - Padre Damião, por que o Emissário quer me prender?

Padre Damião - Quer saber de uma coisa? Eu não sei mais nada. E não que o saber. E ainda tenho raiva de quem sabe.

Antônio Cipriano - Mas o senhor como padre e talvez meu irmão...

Padre Damião - Isto deve ser uma trama bem urdida para levar o pastor da casa de Deus para o hospício; Sua cunhada há pouco me esbofeteou. Depois você...

Antonio Cipriano - E o que é que eu fiz?

Padre Damião - Quer negar? Lembra-se das coisas absurdas que me disse na presença do Emissário?

Antonio Cipriano - Um de nós deve estar fora do juizo. Um momento padre. Não percamos a calma. Deixe-me pensar.

(Afasta-se e fica de costa. Entra o Emissário)

Emissário - Bem. Temos que pensar num outro prefeito desde que Antonio Cipriano se encontra prêso.

Padre Damião - O senhor prendeu Antonio Cipriano?

Emissário - Que outra coisa poderia fazer? Tenho ordens expressas do Presidente para fazer impor o principio da autoridade. O que fez o prefeito desde a minha chegada? Confundir-me e confundir todas as pessôas. Se ele está louco que vá para um hospício, Mas transformar esta cidade, a Princesa do Agreste, num vasto hospicio isto não. Temos que estar bem atentos pois o fantasma da subversão anda por ai. (Antonio Cipriano vira-se) O que é que o senhor está fazendo aqui?

Antonio Cipriano - Querendo ver se almoço de uma vez por todas. Já passou da hora. (grita) Rosinha! Rosinha!

Emissário - O senhor subornou os guardas da cadeia!

Antonio Cipriano - Que guardas? E de que cadeia?

Emissário - A cadeia onde deixei o senhor prêso.

Antonio Cipriano - Eu? Preso?

Emissário - Acho melhor o senhor voltar para lá. As consequencias disto vão ser terríveis.

Antonio Cipriano - O senhor quer insinuar que? Que eu estou louco?

(entra Rosinha)

Rosinha - (com ar de profunda felicidade) Que deseja senhor meu marido?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 104

Antonio Cipriano - Almoçar?
Rosinha - De novo?
Antonio Cipriano - De novo como?
Rosinha - E a gente já não almoçou?
Antonio Cipriano - Você também Rosinha?
Rosinha - Eu também o que?
Emissário - Seu marido, minha senhora...
Antonio Cipriano - Cale-se! Eu estou falando...
Emissário - O senhor ousa mandar calar-se um representante...
Antonio Cipriano - Ouso sim! Cale-se! E fique muito caladinho. Quero esclarecer isto tudo de uma vez por todas. O senhor diz que me prendeu, não é verdade?
Emissário - Exatamente. E tenho testemunhas.
Antonio Cipriano - O senhor, padre Damião, diz que me esbofeteou?
Emissário - E na minha frente.
Antonio Cipriano - Você, minha mulher, diz que já almocei.
Rosinha - E não almoçou, meu amor? E com um apetite! Você, Ritinha e o safado dêsse padre que andou tirando atrevimentos com a pobre da minha irmã.
Padre Damião - Ela também!
Antonio Cipriano - Alguém aqui está louco. E como eu não sou o louco eu digo: MEEEERDA MEEEERDA para vocês todos.
Rosinha - Antonio!
Emissário - Está é demais!
(entra um guarda)
Guarda - O povo invadiu a cadeia e tirou o prefeito de lá!
Emissário - Eu bem que sabia. E o senhor aqui tentando me confundir. Sabe o que é isto! É a subversão total da ordem! É comunismo!
Antonio Cipriano - (puxando um revolver)-: Agora eu percebi tudo. Realmente há um moviment subversivo aqui. Mas é dirigido contra mim. Todos uniram-se contra a autoridade do Prefeito. Até minha mulher. Mas eu saberei me defender. Guarda, prenda aquêle homem ali.
Guarda - Mas, senhor prefeito, êle disse que é representante do Presidente da República.
Antonio Cipriano - Deve ser mentira. Com certeza é algum agitador a serviço de alguma potência estrangeira.
Guarda - Dos Russos?
Antonio Cipriano - Ou dos chineses, franceses, ou dos alemães, que sei eu? Mas só pode ser isto. Prenda-o imediatamente.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. OLSG, p. 105

Padre Damião - Antonio meu irmão, não se deixe levar pelo desespero.

Antonio Cipriano - Agora é que o senhor se lembra que podia ser meu irmão! Mas é tarde! Depois de ter aderido aos meus inimigos... Não, não e não. Vai também para a cadeia!

Guarda - Até o padre, senhor prefeito?

Antonio Cipriano - Até o padre. Não é o primeiro a ser prêso nêste país e nem vai ser o último. Todos podem ser prêsos em nome da lei até um cavalo e um padre.

(O guarda vai algemando as mãos do padre Damião e do Emissário)

Padre Damião - Que seja tudo pelo amor de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Rosinha - Agora o senhor se lembra de Nosso Senhor Jesus Cristo. Mas quando estava querendo xambregar com a minha irmã...

Padre Damião - Meu Pai, Meu Pai, êles não sabem o que estão fazendo.

Rosinha - Agora fica ai tentando bancar o santinho do pau.ôco... Depois de fazer o que fez com a pobre da minha irmã. A coitada até pode virar uma mula sem cabeça para sempre.

Padre Damião - Algum demônio muito poderoso preparou-me esta armadilha. Ou quem sabe não foi o próprio Deus que me mandou esta provação. Eu não sei de nada que os dsenhores estão falando. Mas que seja tudo pelo amor de Nosso Senhor Jesus Cristo e pela salvação das almas do Purgatório.

Emissário - Exijo imediatamente um advogado.

Antonio Cipriano - Terá o advogado. Mas vai para a cadeia. Basta as confusões que já causou.

(O guarda sai com padre Damião e o Emissário)

Antonio Cipriano - E agora nós, minha querida espôsa..

Rosinha - Hoje foi um dia tão feliz para mim, Antonio. Há quanto tempo a gente não ficava junto.

Antonio Cipriano - E quando nós ficamos juntos hoje, senhora minha mulher.

Rosinha - Então, não está lembrado?

Antonio Cipriano - Claro que não posso estar lembrando de uma coisa que não aconteceu.

Rosinha - Então quem foi que almoçou comigo hoje, depois...

Antonio Cipriano - (com angústia)... e depois?

Rosinha - ... e depois, ora, você sabe muito bem o que aconteceu!

Antonio Cipriano - Então quer dizer que eu sou um côrno?

Rosinha - Como ousa dizer uma coisa desta?

Antonio Cipriano - Se você estava com alguém então eu sou côrno. Se tenho certeza que não fui eu.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 106

Rosinha - Estou percebendo o que você quer fazer! Quer me convencer que estou louca para me internar no hospício e então ficar livre para fazer o que bem entender. Com certeza tem alguma sirigaita metida nisto tudo. Claro que tem rabo de saia atrás disto. Senhor, meu marido, não precisa recorrer a um processo tão vil. Se sou demais em sua vida, pode dizer que vou embora. Também tenho meu orgulho. Não vou querer ficar junto se na realidade não possuo mais o seu amor..

Antonio Cipriano - Não vamos confundir mais êste pandemônio. O que eu quero saber é se você insiste em dizer que almocei com você e depois e depois...

Rosinha - Claro que insisto pois é a pura verdade. ...

Antonio Cipriano - Então você está realmente louca, ou então... ou então está fazendo parte dessa maldita conspiração que quer me tirar da Prefeitura. Uma das duas coisas. E só existem dois caminhos: ou hospício ou a cadeia!

Rosinha - (gritando) - Socorro! Socorro!

Antonio Cipriano - Que escândalo é êste? Estou batendo em você?

Rosinha - Você pensa o que? Que vai me mandar para o hospício ou para a cadeia sem que eu tente me defender? Socorro! Socorro!

(Aparecem Antonio das Almas, sacristão e Biu)

Antonio das Almas - Agora o senhor também bate em mulheres indefesas!

(Agarram Antonio Cipriano)

Biu - Oi, Chico, que é que você fez? Eu bem que avisei: não se mete com mulher encangada.

Antonio Cipriano - E você não está prêso?

Biu - Que história é esta de eu estar prêso? Eu estava casando a filha daquele senhor com um cavalo muito esquisito.

Antonio das Almas - É verdade. Consegui convencer o padre a casar minha filha com o cavalo com cabeça de gente.

Biu - Todo mundo continua com essa maluquice de achar que sou padre. Que jeito? Então casei quem êles queriam, homem com homem, gente com gente...

Antonio Cipriano - Mas isto é sacrilègio! E que história é esta de me chamar de Chico?

Biu - Você não me disse que se chamava Chico?

Antonio Cipriano - Eu nunca disse isto na minha vida!

Biu - Que descarado! Disse sim. Falou até que tinha sido por causa de uma promessa que a mãe tinha feito a São Francisco...

Antonio das Almas - Nos enganou até de nome!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 107

Biu - Por que você me enganou também? Safadeza! Passamos juntos momentos tão atrozes!

Antonio Cipriano - Quando êste pesadelo terminar eu nunca mais vou querer ver um padre na minha frente.

Biu - Que hereje ! Isso é lá maneira de se falar dos representantes de Cristo nêste mundo cão? Por isto é que aparecem castigos.

Antonio Cipriano - Exijo que me soltem!

Antonio das Almas - De maneira nenhuma! O senhor já provou demais que não tem competência para o cargo. E diante das ameaças físicas à sua dignissima espôsa...

Rosinha - Mas eu não quero que êle seja prêso!

Antonio das Almas - Mas vai ter que ser! Êste é um momento de maior importância para história de Caruarú e do Brasil: a Oposição toma o poder!

Antonio Cipriano - Não pode ser! É contra a Constituição!

Antonio das Almas - A gente dá um jeito... ....

Biu - Eu nunca tinha assistido a uma revolução...

Antonio das Almas - ... Pois agradeça a Deus estar presente num momento tão importante para a nossa cidade.

Rosinha - Vocês não podem fazer isto! Êle é meu marido e eu o amo!

Biu - Danou-se, ela se convenceu mesmo!

Sacristão - Não se incomode, dona Rosinha. O sino da igreja vai salvar a situação. (sai o Sacristão)

Antonio das Almas - Quero que todos saibam que de agora por diante a Justiça e a Liberdade voltaram para a nossa cidade. Faremos uma anistia geral e todo o poder será dirigido pelo povo Como primeira providência mandarei buscar no Recife um poderoso guindaste cravejado de brilhantes.

Biu - Que bonitinho!

(ouve-se o sino tocando com violência. Balburdia geral)

Vozes - O que terá acontecido?
Será incêndio?
O fim do mundo!
Meu Deus, socorrei-me!
(A cena escurece. Grande correria. Sino continua tocando.gritos.)
Luz em cima de Rosinha e Sacristão.

Sacristão - Dona Rosinha, dona Rosinha, é o fim do mundo mesmo. O seu marido virou dois!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p.108

Rosinha - Como virou dois?

Sacristão - Dois, dona rosinha. Eu vi . Eu vi. Meu Deus do céu! Os dois se encontraram, olharam-se no fundo dos olhos, deram um grito terrivel e desmaiaram.

Rosinha - Virou dois? Mas como pode ser isto?

Sacristão - O capeta, dona Rosinha. O capeta tem artes terríveis e em fim.

(Entra o guarda correndo)

Guarda - Socorro! Socorro!

Rosinha - O que foi, sêo guarda?

Guarda - O padre, dona Rosinha! O padre!

Sacristão - Morreu? O padre morreu?

Guarda - Antes fosse! Mas o padre virou dois, minha gente. Virou dois!

Rosinha - O padre também, meu Deus do céu?

Guarda - Por que também?

Sacristão - Está todo mundo virando dois. O prefeito já virou e agora chegou a vez do padre.

Guarda - Ai, meu Deus do céu, aqui eu não fico mais!

(O guarda sai correndo.)

Sacristão - E agora, dona Rosinha? O que vai ser de nós?

Emissário - (Entra correndo.) - Fujam, fujam. Procurem asilo numa embaixada. Eu nunca vi uma subversão dêste tipo. O diabo saiu das profundas para ajudar seus aliados. Está todo mundo virando dois!

(Emissário sai correndo)

(Entra Antonio Cipriano) ...

Antonio Cipriano - Rosinha... Rosinha...

Rosinha - É você mesmo ou é o outro?

Antonio Cipriano - Você também viu o outro?

Sacristão - E o padre também virou dois!

Antonio Cipriano - O padre também!

(Antonio Cipriano desmaia. Biu entra. O sacristão olha para Biu dá um grito e desmaia também)

Rosinha - Afaste-se de mim! Afaste-se de mim!

Biu - Mas o que é que está acontecendo?

Rosinha - Você é o outro! Você é o outro!

Biu - O outro? Ela também sabe que virei dois? Ai, meu Deus do céu! Se sendo um só eu já me dava muito trabalho, agora que sou dois como vai ser? (Sai correndo)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 109

Rosinha - O que vai ser de mim?

Voz de Biu (fora) - O outro!

Voz de padre Damião (Fora) - Você é o demônio! Você é o demônio!

Rosinha - Os dois encontraram-se! (Desmaia)

Padre Damião (entrando) (empunhando uma cruz) - Vade retro, Satanás. Diante desta Cruz sacrossanta, não vencerás! (Olha para Rosinha, Sacristão e Antonio Cipriano) Meu Deus, estão mortos! (Desmaia) (A cena escurece. O sino toca com violência. Nêste momento padre Damião e Antonio Cipriano são substituidos por outros atôres) (O sino toca com violência)

Vozes - O capeta está solto!
O padre virou dois!
O prefeito virou dois!
Socorro! Socorro! É o fim do mundo!
(Entram as duas velhas)

Primeira velha - Que lugar será êste cheio de tanto grito e horror!

Segunda velha - Devia ser Caruarú. Mas pelo visto é a terra onde o capeta perdeu as botas.

Primeira velha - Ah, que sina será essa nossa que nos fez deixar nossas/casas em busca dos filhos fujões e vir, as duas, cair no meio dêste inferno?

Segunda velha - Veja! Quantos mortos!

Primeira velha - Parece até um campo de batalha!

Segunda velha - Sangue e desolação...

Primeira velha - Morte e consumação!

Segunda velha - Bão ba la lão!

Primeira velha - Senhor Capitão!

Segunda velha - (Agarrando-se ao filho) - Chico! Chico, filho meu!

Primeira velha - (Agarrando-se ao filho) - Biu! Biu!

Segunda velha - Desgraçada de mim!

Primeira velha - Ai de mim, desventurada!
(Entra Biu)

Primeira velha - O que é isto? Vai, satanás! Que visagem é esta que pretende alucinar minha vida inteira? Por que você não volta para as profundas, filho meu, e deixa esta pobre velha em paz?

Biu - Mãe! Mãe, estou vivo!

Primeira velha - Como está vivo se abraço teu cadaver?

Biu - Não azára, mãe. Que mania!

Primeira velha - Vai-te para as profundas, filho meu!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 110

Biu - Acaba com isso, mãe. Eu já estou tão atrapalhado. Eu virei dois.

Primeira velha - Virou dois? O que isto significa?

Biu - Eu sei lá o que isto significa! Eu só sei que virei dois. Tem eu e um padre!

Primeira velha - Será êste que estreito nos meus braços?

Biu - É êle mesmo! Ai, Jesus, se o outro morreu é que eu vou morrer também.

Primeira velha - Será? Mas êle não está morto! Êle respira! Ó dia abençoado. Deve ser o filho que a cigana me roubou. Encontrei meus dois filhos!

Segunda velha - O mundo é assim mesmo. Uns com tanto, outros com tão pouco. Eu com o cadaver do meu filho, você com dois filhos vivos de uma vez só, de sopetão.

(Entra Chico)

Segunda velha - Chico, filho meu!

Chico - Mãe! Mãe, eu estou num cagaço!

Segunda velha - Então êste outro que tenho nos braços...

Primeira velha - Feliz de mim!

Segunda velha - Feliz de nós!

As duas velhas - Ah, afortunadas!

(As duas velhas agarram-se aos filhos. Luz em Antonio das Almas)

Antonio das Almas - Venham ver os grandes prodígios. Venham todos! A mulher mais alta do mundo casada com um cavalo que tem cabeça de gente! Na casa ao lado, a mulher mais gorda do mundo que come dois bois por dia, 100 pacotes de macarrão e alguns quilos de barro como sobremesa; e na Prefeitura, um contador contará para vocês a história lancinante e cheia de peripécias de dois casais de gêmeos que foram separados na infância pela ação criminosa de uma cigana e depois de muita desventura voltaram a se encontrar. Venham todos! Os maiores prodígios de uma época extraordinária na terra mais feliz do mundo: O Nordeste brasileiro! Um dólar, um dolar, por favor. Só aceitamos pagamento em dólar. Um dólar... Um dólar...

P A N O

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 111

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

TÍTULO O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU- ALDOMAR CONRADO

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA- I8 ANOS

Caruaru pacata cidade do Nordeste, vê com assombro que fatos extraordinários estão acontecendo, deixando todos em polvorosa: Tudo começou com a maldição de três bruxas que separam irmãos gêmeos, tomando cada um dêles destino diverso e, vindo a encontrarem-se na referida cidade depois de inúmeras aventuras. Um cavalo com cara de gente pertencen-te ao sacristão, é motivo de discórdia entre êste e sua mulher; uma jovem noiva cresce tanto que ultrapassa o teto de sua casa e, resolve casar-se com o fantástico cavalo; a irmã das beatas engorda exageradamente não havendo comida que a satisfaça. Tudo porém termina bem e, de maneira cômica com um morador da cidade apregoando os prodígios aconteci-dos e, cobrando para quem quisesse ver, a quantia de um dólar...

Peça satírica e regional, possuindo entretanto têrmos grossei-ros, vulgares e, alusões sutís ao govêrno, não chegando porém a compromete-la. É própria para um público adulto e, vedada para menores de I8 Anos. Peço a máxima atenção para o ensaio geral, pois alguns tópicos poderão chocar o especta-dor menos esclarecido.

Do Técnico de Censura,

Myrtes Nabuco de Oliveira Pontes

Myrtes Nabuco de Oliveira Pontes-Cart.020

Brasília, 26 de Maio de I97I

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p.112

105

M.J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

TÍTULO "O APOCALIPSE" ou "O CAPETA DE CARUARU"

PARECER

CLASSIFICAÇÃO - INTERDIÇÃO.

Conforme confessa o autor, as personagens iniciais da peça (as três bruxas), sairam das páginas imortais de Macbeth, de W.Shakespeare, por emprestimo, e se transportaram para o céu azulado de Pernambuco, onde passaram a aplicar as suas bruxarias, provocando os mais extravagantes acontecimentos. Dois pares de gêmeos são separados na infância e se reencontram, já dultos, em Caruaru, onde estão ocorrendo coisas anormais, como sejam: o nascimento de um cavalo com cara de gente e a mulher do sacristão põe a culpa no marido; uma jovem cresce extraordinàriamente, ultrapassando o telhado da casa, casando se, depois, com o cavalo-cara-de-gente; uma senhora beata desanda a comer sem parar, adquirindo dimensões de um quarto. Os gêmeos, chegando à cidade, aumentam a confusão, porque um é sósia do prefeito e o outro, do padre.O Govêrno Federal manda um emissário à cidade para investigar os acontecimentos e verificar se não há indícios de subversão, sem perder de vista a atuação do prefeito,que é um dos gêmeos. O desfêcho ocorre com a atitude de um habitante local, depondo o prefeito e assumindo o govêrno local, em nome da oposição, com a seguinte exortação:

"...Quero que todos saibam que de agora em diante a justiça e a liberdade voltaram para a nossa cidade. Faremos uma anistia geral e todo o poder será dirigido pelo povo. "

CONCLUSÃO- A obra que se inicia com objetivo de entretenimento razoável, termina com sentido político,enveredando, a partir do 2º ato, pelo caminho da sátira velada ao objetivo oficial de repressão à subversão, envolvendo o Governo Federal na figura de um seu representante e terminando em um arremêdo de revolução, com diálogos assim:

" -Êste é o momento de maior importância para a história de Caruaru e do Brasil: a oposição toma o poder!
-Não pode ser! É contra a Constituição!
-A gente dá um jeito... "

Os aspectos hilariantes e ridículos do espetáculo não lhe retiram o fundo de ironia nas alusões políticas que se contam a partir de fls. 26, despontando, no particular a referência ao Nordeste Brasileiro como ... "a terra mais feliz do mundo..." e finaliza pedindo ...um dólar por favor, só aceitamos pagamento em dólar...".

Em face do que determinam os artigos 41,item d, do Decreto nº 20.493, de 24/1/1946, e 2º e 3º da Lei número 5.536, de 21/11/1968, a peça expõe-se à interdição, sendo dispensável arrolar as impropriedades encontradas às - fls. 3, 7, 15, 17, 22, 23, 24, 28, 31 e 38.

Brasília, 7 de junho de 1971

Osmar Fialho

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 113

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

106

TÍTULO O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU

TEATRO

PARECER

CLASSIFICAÇÃO: 18 ANOS
C/CORTES

TRATA-SE DE UMA COMÉDIA INSPIRADA NA IMORTAL OBRA DE SHAKESPEARE, MACBETH, QUE TEM COMO CENÁRIO A CIDADE DE CARUARU, NO NORDESTE BRASILEIRO, ONDE ESTRANHOS ACONTECIMENTOS TÊM LUGAR.

O AUTOR APRESENTA A PEÇA DE MODO SATÍRICO, ADAPTANDO-A À REALIDADE BRASILEIRA, E OS FATOS OCORRIDOS TÊM COMO ORIGEM A MALDIÇÃO E VINGANÇA DE TRÊS BRUXAS. UM CAVALO NASCE COM CABEÇA HUMANA, UMA JOVEM ALCANÇA ENORMES PROPORÇÕES EM SEU CRESCIMENTO, UMA MULHER ENGORDA DESMESURADAMENTE, E UM PAR DE GÊMEOS, OBJETO DA VINGANÇA DAS BRUXAS, SEPARADOS QUANDO AINDA BEBÊS, PROVOCAM ENORME TUMULTO COM SEU APARECIMENTO NA CIDADE.

CONSIDERANDO-SE A MALÍCIA DO AUTOR AO INCLUIR ALUSÕES IRREVERENTES À ATUAL POLÍTICA DO GOVÊRNO, DESPRESTIGIANDO-O SOB VÁRIOS ASPECTOS EM TOM DE CRÍTICA, OPINO NO SENTIDO DA LIBERAÇÃO DA PEÇA COM A CLASSIFICAÇÃO MÁXIMA E COM A SUPRESSÃO DOS TRECHOS ASSINALADOS NO SCRIPT, OU SUA MODIFICAÇÃO: PÁGS. 7, 13, 15, 19, 20, 26, 28, 29, 30, 32, 37, 38, 39, 41 E 44.

BRASÍLIA, 14 DE JUNHO DE 1971.

LUZIA M. BARCELLOS DE PAULA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 114

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

107

TÍTULO "O Apocalípse ou O Capeta de Caruaru."

PARECER

Autor: Aldomar Conrado
Class.: 18 ANOS c/ Cortes

Argumento: Fatos misteriosos começam a ocorrer na pacata cidade de Caruaru, deixando todos em polvorosa. Êsses acontecimentos têm início com a maldição de três bruxas que separam irmãos gêmeos, os quais após inúmeras aventuras voltam a se encontrar no mesmo lugar. Um cavalo com cara de gente é motivo de discussões entre o sacristão e sua mulher; uma jóvem cresce demais e resolve casar-se com o cavalo; uma mulher engorda tanto que não cabe dentro de casa. Diante dêsses fenômenos, um habitante da cidade reúne os incautos e passa a cobrar um dólar para quem quisesse ver tudo isso e algo mais.

Tema satírico, com situações que chegam às raias do absurdo, dentro de um contexto em que há crítica, misticismo e bom-humor..

Opino pela liberação para maiores de 18 ANOS, com a supressão ou alteração das expressões assinaladas as págs.: 3-7-13-15-17-19-22-23-24-26-28-29-30-31-32-37 e 38.

Brasília, 11 de junho de 1971
V/Alencarmonteiro-Censor

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 115

Ao Chefe:

Voto dos Tes. Censores:

Myrtes: 18 ANOS

Osmar: INTERDIÇÃO

Alencar: 18 anos e/corte

Luzia: 18 anos e/corte

DF 21.6.71

À decisão da Chefia, chamando a atenção para o parecer do Censura Osmar Batho e para o número enorme de cortes sugeridas nos pareceres do Censura Luzia de Paula e Alencar Monteiro

Em: 21/6/71

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 116

108

de junho de 1 971

272/71-SCDP

Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Sr. Delegado Regional do DPF em SÃO PAULO - SP.

Providências (solicita).

Senhor Delegado :

Solicito as suas providências no sentido de que, através da TCDP dessa DR, sejam devolvidos ao grupo Altair Lima Produções Artísticas, os scripts anexos da peça teatral " "O CAPÊTA DE CARUARU", autoria de Aldomar Conrado, esclarecendo se-lhe, na oportunidade, que êste SCDP nega a liberação do espetáculo na forma em que o mesmo se encontra. O interessado deverá providenciar, junto ao autor, uma revisão do texto, com o fim de efetuar as modificações nos trechos assinalados no escrito, ou mesmo, a sua supressão, bem assim a sátira velada ao objetivo oficial de repressão à subversão com o envolvimento do Govêrno Federal na figura de seu representante, a partir do 2º ãto do espetáculo. Após essas providências, os novos scripts poderão ser reenviados para um outro exame por parte dêste Serviço de Censura.

Aproveito a oportunidade para renovar a V.Sª. protestos de consideração e estima.

GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE
Chefe do SCDP.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 117

709

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Encaminhar para SCDP, em Brasília. E. 04.03.68

Rio de Janeiro, 1º de março de 1968

Sr.
CHEFE DA CENSURA FEDERAL
DFSP
Rio de Janeir-Gb

Senhor Chefe,

Com a presente temos a honra de informar a V.S. que o GRUPO 3 está autorizado a representar, no Teatro Nacional de Comédia, sala Machado de Assis, do Serviço Nacional de Teatro, a peça do nosso associado sr. Aldomar Conrado "O CAPETA EM CARUARU".

Sem outro assunto, subscrevemo-nos, com a maior consideração,

Djalma Bittencourt
Chefe do Departamento Administrativo

D.P.F. - DELEGACIA REGIONAL - GB
SEÇÃO CENSURA FEDERAL
PROTOCOLO N.º 1887
DATA 4 / 3 / 1968
ASSINATURA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 118

Serv. de Censura de Diversões Públicas - D. P. F.

170

O CAPETA EM CARUARU

de ALADOMAR CONRADO

Fls 1

INTERDITADA
DE ACÔRDO COM O ART. 1º
ITENS "a", "c", "d" E "f" DO §
Lei 20.493.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 119

PROLOGO

onde o autor pede emprestadas algumas idéias ao seu irmão inglês William Shakespeare e desde já agradece.

Uma encruzilhada. Árvores sêcas. Trovões. Relâmpagos. Três bruxas em volta de um caldeirão que ferve.

Serv. de Censura de Diversões Públicas - D. P. F.

Primeira bruxa - Um pimentão...
Segunda bruxa - Um galho de avelós...
Terceira bruxa - E um de mangericão...
Primeira bruxa - Três dentes de dois avós...
Segunda bruxa - Esperma de burro ladrão...
Terceira bruxa - Mijo de mulher parida
Em noite de São Sebastião.
As três bruxas - Bão ba la lão
Bão ba la lão
Lão lão lão.
Primeira bruxa - A mistura está feita; agora é saber aplicá-la.
Segunda bruxa - Eu saberei como aplicar. O ódio é meu; a vingança será minha também. Mulher safada aquela. Numa noite tão gelada, eu com êstes trapos mal cobrindo o corpo, a vassoura quebrada e a quenga foi incensar a casa com incenso bento por bispo, para que eu tivesse de sair pela noite afora tremendo no meu frio e na minha pobreza. Com a vassoura quebrada... ?
Terceira bruxa - Maus tempos aquêles em que uma bruxa não pode nem conseguir uma vassoura nova.
Segunda bruxa - Faço questão, irmãs, de ser eu mesma a portadora dêste líquido infernal que vai terminar com a paz dessa mulher famigerada.
Primeira bruxa - E você tem o direito. Tome, irmã, Vá e semeie a discórdia, o desassossego...

A segunda bruxa segura o cladeirão

Terceira bruxa - E que seja vigorosa no seu desejo. Aqui ficamos nós com as nossas orações mais fortes e todo o vigor do nosso ódio unidas para que o seu desejo se realize. Mas há que saber escolher.
Segunda bruxa - Já sei o que vai ser. Ela terá, na penúltima noite da oitava lua nova, um casal de gêmeos. Três dias depois uma cigana baterá à sua porta.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p.120

Luz numa porta de casebre. Cigana bate na porta.

Voz de mulher (dentro do casebre) - Entre, por favor, se é de paz. Estou sòzinha, parida de sòmente três dias.

A cigana entra no casebre

Segunda bruxa - Ela vai dar a mão para que a cigana leia a sua sorte. A cigana dirá que aquela noite mesma o marido vai chegar carregado numa rede, com o corpo furado por vários balaços. A mulher grita.

Ouve-se o grito da mulher.

Segunda bruxa - Ela desmaia. A cigana vê as duas criancinhas machas, gêmeas e lindas. Então a cigana decide: uma será minha. E carrega uma das criancinhas.

A cigana sai do casebre carregando uma das crianças e foge. As três bruxas gargalham violentamente.

As três bruxas - Foi assim, foi assim mesmo
foi assim que aconteceu
roubaram o filho da quenga?
e a quenga quase morreu
o marido chegou morto
e a quenga quase morreu
mas por ordem, ordem minha
ela teve que viver
pra nesta terra de sangue
sofrer o que fez sofrer.

Serv. de Censura de Diversões Públicas - D. P. F.

As bruxas dão grandes pulos

Primeira bruxa - Bem, bem, bem. Aquêles que estudam teatro já perceberam muito bem de onde saímos. Para os que não estudaram explicamos: saimos das páginas imortais de "Macbeth" de William Shakespeare. O autor desta comédia "O capeta em Caruaru" achou que se funcionamos muito bem, durante alguns séculos, na famosa tragédia inglesa, poderíamos também servir na comédia que êle imaginou. Queremos, desde já, agradecer a Aldomar Conrado pela oportunidade de sairmos um pouco da atmosfera sombria da Escócia, e nos divertirmos sob êste céu sempre azul de Pernambuco.

Terceira bruxa - O autor de "O capeta em caruaru" declara que pediu emprestadas algumas idéias ao seu irmão inglês William Shakespeare, e desde já agradece.

CAI UM CARTAZ: VÁRIOS ANOS DEPOIS

Segunda bruxa (lendo o cartaz) - Vários anos depois

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p.122

173
3

Primeira bruxa - Como os anos passaram...

Terceira bruxa - Quanta coisa aconteceu nêste longo penar human

Primeira bruxa - Tão pouco tempo, na verdade... Apenas o suficiente para que os filhos da mulher do teu ódio crescessem...

Segunda bruxa - Mas...

Primeira e terceira bruxas -

Govêrnos cairam.
Govêrnos subiram.
Homens trairam.
Mataram. Cresceram.

Serv. de Censura de Diversões Públicas - D. P. F.

Segunda bruxa - Também fizeram cocô.

Primeira bruxa - Mas, apesar de tudo o homem foi pra frente.

As três bruxas - Já dansa no espaço e vê que a terra é azul.

Primeira bruxa (lírica) - Azul como os acelos de linho do homem que tanto amei.

Terceira bruxa - (olhando o cartaz) Em muito pouco tempo...

Segunda bruxa - Apenas o suficiente para que os dois filhos da mulher do meu ódio crescessem e que a minha maldição...

Primeira bruxa - Nossa maldição...

Segunda bruxa - ... a nossa maldição começasse a se cumprir.

Gargalhadas terríveis. Trovões, relâmpagos. Luz no cartaz e em Biu, que sai do seu casebre seguido da velha.

Velha - Eu vivi avisando, não foi? Vivia dizendo: Biu, não se meta com rabo de saia que você não pode. Eu sou velha, sem ninguém, preciso de um arrimo na vida. O seu outro irmão o diabo levou, não sei se vivo ou morto está. Só tenho a você no mundo. Mas quem foi que disse que me ouviu? foi como se eu tivesse dito exatamente o contrário. Ai, que destino o meu. Pobre ser desvalido. Viver pra que, meu Deus? Ver um filho roubado aos três dias de parido e agora a suprema desventura de ver o outro ter que fugir e por que? e por que? Por safadeza. Meter-se com mulher casada. Se você não fosse meu filho, eu chamava de filho da mãe.

Biu - Quero sua benção, mãe.

Velha - ~~Eu não dou benção~~ Benção minha não vai ter. Não amaldiçoo, nem rogo praga, porque enfim é carne das minhas entranhas. Mas desejar bem também não posso. Vai, segue seu destino de maldição e lembra que fia uma mãe abandonada, chorando lágrimas de sangue...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p.122

Biu - Sua benção, mãe.

Velha - E como não dar a benção? Coração de mãe não foi feito pra o ódio. O filho erra e a gente continua amando. Vai, meu filho, que Deus lhe acompanhe cada passada. E lembre de mim se a sorte for benfazeja.

Abraça-se com Biu e chora

Biu - Até a volta, mãe. A gente ainda se encontra.

Velha - Que todos os anjos lhe acompanhem.

Biu sai correndo. A velha chora. As três bruxas em encima de uma árvore a tudo assistem e dão uma risada terrível.

Um cartaz:'ONDE SE VOLTA AO DIA EM QUE A CIGANA ROUBOU O IRMÃO DE BIU.' Cigana bate na porta de um outro casebre.

Voz de mulher - É de paz?

Cigana - De tôda paz.

Aparece a outra mulher com dois filhos nos braços.

Cigana - Gêmeos?

A outra mulher - Tive a já quinze dias. Imagine só. Uma pobreza tanta e duas bocas para sustentar.

Cigana - Quer me dar um? Tenho um filho único e me aperreio: dizem que filho sòzinho termina virando mofino. Já nem consigo dormir.

A outra mulher - A senhora está falando deveras?

Cigana - Deveras verdadeira.

A outra mulher - Então, tome. Pode escolher.

Cigana - Qualquer um serve.

A outra mulher - Tome êste aqui; é o que mais tem fome. Ô boquinha insaciável.

Cigana - Dia feliz o de hoje; dois filhos sem precisar ter parido (pega a criancinha e sai).

Cartaz: "ONDE SE REPETE UM POUCO PARA PODER CONTINUAR".

Luz no casebre de Biu.

Velha - Vai. Vai. Se tem que ir porque não vai logo?

Biu - Sua benção, mãe.

Velha - E como não dar a benção? Coração de mãe não foi feito pra o ódio. O filho erra e a gente continua amando. Vai, meu filho, que Deus lhe acompanhe cada passada. E lembre de mim se a sorte for benfazeja. (abraça-se a Biu e chor

Biu - Até a volta, mãe. A gente ainda se encontra.

Velha - Que todos os anjos lhe acompanhem.

Biu sai correndo. A velha chora. As três bruxas encima de uma árvore a tudo assistem e dão umas risada terrível

Primeira bruxa - Vejam, vejam.

Segunda bruxa - O que? O que?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 ip. 123

Luz no outro casebre. Cartaz: "SOFRIMENTOS DE OUTRO CORAÇÃO MATERNO". Saem Chico e outra velha.

Outra velha - Eu lhe mato. Eu ainda lhe mato, desgraçado.

Chico - Não, a senhora precisa compreender.

Outra velha - Compreender o que? A sua safadeza? Não vivi avisando? Que essas mulheres daqui só podem dar confusão. Ah, desgraçado, às vêzas tenho vontade que o marido dela lhe pegue e lhe cape e só assim eu ia ter sossego no fim da minha vida.

Chico - Mãe, tá dizendo isso de brincadeira. Desdiz, mãe, por favor.

Outra velha - Não desdigo coisa nenhuma. Ah, meu Deus, o que vai ser de mim? Sòzinha no fim de meus dias. Porque não dei você no lugar do outro? Quem sabe o outro não é um homem de bem que faz a felicidade daquela maldita cigana?

Chico - Mãe, eu vou ter que ir embora. Mas antes mãe vai desdizer aquilo, pela hóstia consagrada.

Outra velha (agarrando-se a Chico) - Ô filho meu, que vão dar dor meus dias, sem nenhum amparo?

Chico - Mãe, o marido pode aparecer de repente e eu estou atolado. Êle contratou três cabras para liquidar com os meus dias.

A outra velha - Vai, meu filho. Que Deus lhe ilumine.

Chico - Mãe desdiz?

A outra velha - Está desdito.

Chico beija a outra velha e sai correndo. A outra velha chora. Escurece. Luz. Cartaz:"O ENCONTRO DE CHICO E BIU UM ESTRANHO DESTINO COMEÇA A SE CUMPRIR".

Biu (cantando) - Uma flor e tanto amor...
E pra que, meu Deus do céu,
Só correr e sentir dor,
Nêste mundo, assim ao léo...

Côro invisível -
Assim ao léo, assim ao léo, assim ao léo....

Biu (continua cantando) -
Eu amei e o amor foi tanto
Que não foi só de um alguém
Amei o riso, amei o pranto
Terminei sem ter ninguém.

Côro invisível -
Assim ao léo, assim ao léo, assim ao léo...

Biu - Correndo, correndo só,
Sofrendo, sofrendo só.
Tão só.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 124

Chico entra correndo. Esbarra em Biu. Os dois caem no ch

Biu - Oi, que pressa do diabo!

Chico - Tou fugindo do marido de uma namorada minha.

Biu - Eu também tou fugindo do marido de uma namorada minha. pra falar a verdade, dos maridos de várias namoradas min

Chico - Verdade?

Biu - Pois não é.

Chico - Eita, quanto destino de corno nêste mundo de Nosso Senho Jesus Cristo.

Biu - Amém.

Chico - Você vai pra onde?

Biu - Pro lugar mais longe que encontrar.

Chico - Podemos ir juntos.

Biu - Tá combinado.

Chico - Então topado está.

Biu - Tenho aqui uma cachacinha. Quer um gole?

Chico - A gente nunca deve engeitar, não é?

Biu - Eu penso assim.

Chico - Então vamos logo.

Biu - Ora se não.

Bebem

Chico - E pra onde a gente vai?

Biu - Caruaru é um bom lugar. Muita gente bonita e também gent da lei pra garantir a vida nossa.

Chico - Ah, isso é bom. Então não se tem que fugir mais?

Biu - Não tem. Tudo se resolve no cartório. Êles escrevem uns pois, e decidem: ou se vai pra cadeia, ou não acontece n da, ou até, às vêzes, a gente pode ficar com a mulher.

Chico - É bonzinho. Só não ter que correr...

Bebem o resto da garrafa.

Biu - Um, dois, três.

Chico - Correr enquanto é vez. (saem correndo).

Entra a primeira bruxa - O prólogo terminou. Logo mais vamos ver que aconteceu aos nossos aventureiros. E muita coisa voc verão. Imensos prodígios da Terra do Sim e da Terra do N prodígios só descritos nas páginas gloriosas do Apocali E tudo ... (canta)
pelo ódio de uma bruxa
que tem seu brio de mulher;
que quer mostrar ao mundo
que ela sabe o que quer.
(declamando) E agora aproveito êste último momento de ca ma para mostrar a vocês que nós, as bruxas, também saber ser sexies.

FAZ 1

Música americana | Primeira bruxa faz um strip-tease.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 (p.125

CENA PRIMEIRA

Quarto da agonizante. Ao lado da cama Antônio Cipriano, Rosinha, sua mulher; Rita, sua cunhada; padre Damião; duas beatas e sacristão.

Agonizante - Meu filho, eu vou ter que revelar um segrêdo.

Os personagens entreolham-se.

Antonio Cipriano - Mãe, acho melhor não falar muito. A senhora precisa de descanso. O médico recomendou repouso absoluto. Nós todos vamos sair e só Rosinha vai ficar aqui. A senhora tem de descansar.

Agonizante - Não, meu filho. Nao me deixe agora. Sinto que a vida está me deixando. E não tenho mêdo. Mas antes de me confessar para receber o derradeiro sacramento da extrema-unção, tenho de contar para vocês um terrível segrêdo Você, Antonio Cipriano, você não é meu filho.

Interjeições de espanto

Antonio Cipriano - Como ?

Agonizante - Não é meu filho. Depois de dois anos de casada, sem nunca ter uma criança, conheci uma cigana que veio ler minha mão. Nunca acreditei muito nessas coisas, mas nesta tarde, que o bom Deus me perdôe, mandei a cigana entrar. Queria saber se ainda viria a ter um filho. A cigana vinha acompanhada de dois garotinhos, com três anos mais ou menos e dizia que eram seus filhos. Todos nós sabemos que essas mulheres nunca têm filhos e vivem de roubar as crianças dos outros. A cigana entrou. Imediatamente fiquei encantada por uma das crianças. E me veio o desêjo forte de tê-la para mim Tentei convencer a cigana a me dar o menino. Mas a cigana riu muito e disse que não. Dei minha mão para a cigana ler. Quase que derepente, ela levanta-se com uma expressão de pavor no rôsto e grita para mim: "Você vai ser minha assassina A minha assassina." E ficou repetindo aquilo cada vez mais alto. Fiquei com mêdo que os vizinhos ouvissem e avancei. Ela continuava gritando. Consegui tapar-lhe a boca, mas não sei se com muita fôrça ou por muito tempo... O certo é que a cigana morreu nos meus braços.

Antonio Cipriano - Mãe! (à parte) Mas que mãe ?

Agonizante - Meu marido, que Deus o tenha na sua santa glória, era delegado e conseguiu que ninguém soubesse do que tinha acontecido. Viajei para o Recife onde passei dois anos. Um das crianças era você, que desde então criei como se fosse um filho das minhas entranhas. A outra...

Padre Damião - Fale... Fale...

Agonizante - A outra era você, padre Damião, que entreguei à minha pobre irmã que não tinha filhos também.

Rosinha - Meu Deus!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 126

A agonizante desmaia, todos choram. Antonio Cipriano e Padre Damiao estão de frente e têm espanto no rosto.

Padre Damião (para Antonio Cipriano) - Senhor prefeito, queira aceitar minhas condolências..

Antonio Cipriano - Senhor prefeito? É assim que me trata?

Padre Damião - E que outro tratamento? Sim. Outro tratamento sim! Meu irmao! Meu irmão!

Os dois abraçam-se. As mulheres cercam os rapazes.

Primeira beata - Deus nos reserva cada surpresa.

Segunda beata - São muito intrincados os caminhos de Deus. .

Rosinha - (abraçando o padre) - Meu cunhado...

Abraços efusivos dos personagens. (VER ENCENAÇÃO)

Padre Damião - Temos que nos lembrar da finada...

Antonio Cipriano - É verdade, a finada...

Primeira Beata - Que Deus lhe alumie as santas veredas...

Segunda beata - Que os santos lhe acompanhem ao portal da glória...

Primeira beata - Ave Maria, cheia de graça.

Rezam todos, com devoção, quando entra violentamente no quarto um rapazote de 15 anos. Todos olham-no com reprovaçao. O rapazote se benze e olha para o sacristão.

Rapazote - Sêo Bonifácio, Sêo Bonifácio.

Sacristão - Isto é maneira de entrar no quarto de uma finada senhora?

Rapazote - Me desculpe, senhor prefeito, mas...

Primeira beata - A juventude de hoje é mesmo um caso perdido

Segunda beata - Nem mesmo os mortos escapam ao seu desrespeito.

Rapazote - Mas não se trata de falta de respeito coisa nenhuma. Uma tragédia, meu Deus do céu. Uma calamidade!

Padre Damião - Que tragédia maior do que a morte de uma santa senhora?

Rapazote - Sua égua, Sêo Bonifácio.

Sêo Bonifácio - Morreu a minha égua?

Antonio Cipriano - Uma égua está tão cara, hoje em dia. .

Padre Damião - Isto é que se chama uma falta de sorte.

Rapazote - Não. Não morreu. Sua égua deu cria. .

Sêo Bonifácio - Que Deus seja louvado!

Todos - Amém

Rapazote - ... a um cavalo com cabeça de gente!

Ritinha - Um cavalo com cabeça de gente?

Todos -Impossível!

Rita - Não pode ser!

Rapazote - Sim, dona Rita. É uma coisa de es antar. Todo mundo está sem saber o que fazer O cavalo tem nariz como a gente, queixo como a gente e olhos azulados.

Primeira beata - Cruz credo!

Segunda beata - Só pode ser o fim do mundo!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156, p. 127

Rapazote - Sei, sim, sêo padre. Eu vi. Vi com êsses olhos que a terra há de comer um dia.

Antonio Cipriano - Temos que tomar providências imediatas. Como prefeito de Caruaru tenho que pensar nas coisas que vão acontecer. Essa notícia vai correr mundo, virão jornalistas de tôda a parte.

Padre Damião - Temos que ir para lá imediatamente.

Rosinha - Mas a finada...

Rita - Sim, a finada..

Antonio Cipriano - A finada? Ora essa! Logo agora...

Sacristão - Mas eu tenho que ir. (com orgulho) Foi na minha casa.

Padre Damião - Claro que você tem que ir. Um fato dêsses não acontece todos os dias. Com cabeça de gente mesmo?

Rapazote - Por essa luz que me alumia os olhos.

Padre Damião - Então é ir.

Antônio Cipriano (para as beatas) - Vocês ficam velando o corpo.

Primeira beata - Mas nós também queríamos ir ver o fato estranho.

Antonio Cipriano - Depois. Alguém tem que ficar velando a finada.

Primeira beata (para a segunda) - Eu vou. Sou mais velha, tenho os meus direitos.

Rosinha - Claro. A finada não pode ficar sòzinha.

Padre Damião - Vamos rápido.

Saem todos. A segunda beata fica olhando apavorada para a agonizante. Luz na casa do sacristao. O cavalo com cara de gente está cercado por Cosma, mulher do sacristão, e alguns curiosos. Entram Antonio Cipriano, padre Damião, Rosinha, Rita, o sacristão e a primeira beata.

Segunda beata - (vendo o cavalo) - Meu Deus! (cai desmaiada. Algumas pessoas socorrem a beata).

Cosma (para o Sacristão) - Você aqui não fica mais!

Sacristão - Como ?

Padre Damião - O que houve, doma Cosma ? A senhora está nervosa ?

Cosma - Nervosa não, reverendo. Ofendida. Ofendida no que a mulher tem de mais sagrado.

Padre Damião - Mas ofendida em que, dona Cosma? Essas coisas acontecem de tempos em tempos. A senhora não tem culpa, nem seu marido.

Cosma - Olhe os olhos do cavalo, reverendo.

Padre Damião - Estou vendo, dona Cosma. Tem um colorido surpreendente para um cavalo.

Cosma - Está reparando bem, reverendo.

Padre Damião - Estou sim, dona Cosma. São extranhamente azuis.

Cosma (puxando o marido) - E os dêle?

Sacristão - Os meus, como?

Padre Damião - Que tem os olhos do seu marido?

Cosma - A côr, a côr!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 128

Padre Damião - Azuis, dona Cosma...

Cosma - .. como os do cavalo, reverendo!

Sacristão - Você tem coragem...

Rosinha - Dona Cosma, a senhora está nervosa.

Cosma - Que nervosa o que! Eu lá sou idiota, dona Rosinha. Estou vendo. Estou vendo a parecença.

Antonio Cipriano.- Não é possível, dona Cosma, que a senhora pretenda acusar seu marido de uma infâmia tão grande.

Cosma - Êle sempre teve um cuidado exagerado com aquela égua, sêo prefeito. Mas nunca me passou pela cabeça.. Como podia passar pela cabeça de mulher nenhuma que seu marido e... e... uma égua? .

Sacristão - Essa é demais!

Cosma - Demais, hein sêó sem vergonha? E eu o que digo? Eu sempre jurei que não ia ser uma mulher chifruda. E terminei sendo Côrna de uma égua. Me desculpe o palavreado, reverendo. Mas Não há uma mulher, com brio na cara, que passando por uma dessas não termine por perder as estribeiras. Com uma égua, dona Rosinha. A senhora se imagine na minha situação. O que a senhora faria no meu lugar? Eu mato êle. Esfolo. Ai, meu Deus, côrna de uma égua. (a primeira beata vai voltando a si) Como isso foi me acontecer? Ser trocada por uma égua..

Segunda beata - Só pode ser o fim do mundo!

Escurece. A luz volta para o quarto da agonizante. A primeira beata reza um terço com nervosismo.

Agonizante - Antonio.. Meu filho...

Primeira beata - Irmã... Irmã... Lembra-te de Deus e da Virgem! Volta para as profundas!

Agonizante - Meu filho.. Água... água...

Primeira beata - Ai, meu Deus, deve ser o fogo do inferno que está consumindo a finada. Mas porque isso foi acontecer logo comigo? Eu nunca fiz mal a ninguém Ave Maria, cheia de graça.

Agonizante - Quem está ai? Marocas?

Primeira beata - Ela lembra do meu nome. Irma, esquece das coisas da terra e lembra-te das do céu.

Agonizante - Marocas... Um pouco d'água, por favor. Água senão eu morro.

Primeira beata - E eu posso me levantar? Se eu pudesse saia correndo. Santa Maria, mãe de Deus...

Agonizante - Será que eu vou ter fôrças para me levantar? Você está me matando...

Primeira beata - Não se levante pelo amor de Deus' Tenha pena de mim. Socorro! Socorro' Valei-me todos os anjos e santos... Socorro!

Entram correndo Antonio Cipriano, Rosinha, Rita, Padre Dami

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 129

Todos - Que houve? Que houve?

Primeira beata - Ela. voltou do Além...

Padre Damião - A senhora está nervosa, dona Marocas; ninguém volta do Além.

Agonizante - Água... água... Morro de sêde.

Todos - Aiiiiiiiiiiiiiiiiiii!

Padre Damião - Numa situaçao como esta devemos ter muita calma.

Agonizante - Morro de sêde.

Antonio Cipriano - Ela talvez nao tenha morrido.

Ritinha - Como não morreu se estava imóvel e com a palidez na fronte?

Padre Damião - Claro que nao morreu. Vamos dar água a nossa boa amiga e render gracas a Deus pela sua cura.

A agonizante levanta-se um pouco da cama com os olhos muito esbugalhados e grita.

Agonizante - Perdão, cigana! Perdão!

Rosinha - Ela está falando com a cigana!

Todos ajoelham-se e rezam histèricamente; a agonizante dá um grito e morre.

Padre Damião - Creio que desta vez ela faleceu de verdade.

Aproximam-se da falecida o padre Damião e Antonio Cipriano que examinaram-lhe os olhos, auscultaram-lhe o coração.

Antonio Cipriano - Morreu de verdade!

Padre Damião - Que Deus se compadeça de sua alma!

Rita - Oremos.

O rapazote irrompe no quarto com violência.

Rapazote - Sêo prefeito! Sêo prefeito!

Antonio Cipriano - Mas o que foi que aconteceu, meu Deus do céu! Será que nao se pode mais chorar a morte de um ente querido

Rapazote - Antonio das Almas...

Antonio Cipriano - Não quero saber de Antônio das Almas. É da oposiçao, que se dane!

Rapazote - Êle manda pedir socorro!

Padre Damião - Trata-se de uma alma em aflição, Antonio Cipriano. Não pode ficar abandonada.

Antonio Cipriano - Não está em aflição coisa nenhuma. Conheço muito bem aquele tipo. Deve ter tramado alguma coisa para me desmoralizar e tirar algum lucro para a opisição.

Rapazote - Não se trata de nada disso. A filha dele, a Sigismunda..

Primeira beata - Morreu, minha Nossa Senhora!

Segunda beata - Tão jovem, coitadinha.

Padre Damião - Viver é mesmo um caminhar de provação em provação...

Rapazote - Ela não morreu! Vocês só pensam na morte! Ela está crescendo, crescendo. .

Rosinha - Crescendo como?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,P.130

122

Rapazote - Crescendo sem parar. O pai dela já afastou algumas telhas da casa para ela enfiar o pescoço...

Padre Damião - O que você está dizendo?

Rapazote - A verdade, sêo padre. Eu nunca vi uma coisa daquela. Causa até mais espanto do que um cavalo com cabeça de gente.

Padre Damião - Temos que ir lá imediatamente.

Rosinha - Coitada da Sigismunda Uma menina tão santa!

Segunda beata - (para aprimeira) - Eu não fico mais aqui sòzinha com essa mulher que morre e desmorre a tôda hora. Agora é a sua vez. (Antonio Cipriano olha para a primeira beata)

Primeira beata - Está bem, senhor prefeito. (para a segunda beata, com violência) Depois você me conta tudo direitinho. (encaminha-se para junto da falecida com ar de contrição, enquanto todos saem apressadamente).

Luz na casa de Antonio das Almas. Pelo telhado sai a cabeça de Sigismunda.

Sigismunda - Pai, pai, estou com mêdo. .

Antonio das Almas - Eu também, filha minha O que é isto que aconteceu com você?

Sigismunda - Aqui tem muito morçego, pai. E cada ratazana...

Antonio das Almas - E o que é que eu posso fazer, filha minha?

Antonio Cipriano - Hoje é a noite dos prodígios.

Primera beata - Jesus, Maria José.

Todos - Minha alma vossa é.

Rita - O que devemos fazer?

Padre Damião - Pedir a Deus misericórdia. São os pecados. Tantos .. Deus termina por se impacientar! E temos que pedir clemência. Clamar sem cessar.

Antonio Cipriano - E eu? Como autoridade tenho que tomar uma providência.

Rosinha - Mas que providência?

Antonio Cipriano - Não sei, mas temos que inventar Chamar o Corpo de Bombeiros, pedir ajuda ao Exército. Mobilizar tudo, todos. E prepararmo-nos para o pior.

Segunda beata - O prefeito acha que ainda vai acontecer mais coisa?

Antônio Cipriano - Quem pode saber? Quantas coisas numa só noite. O que o restante dos dias nos reserva? Não Não me espanta mais nada. Se vir línguas de fogo dansando pelo céu acharei muito natural. (Olhando Sigismunda) Pobre moça! Ainda ontem tão tranquila, fazendo o enxoval do seu noivado...

Sigismunda - Pai, dê um geito de me tirar daqui!

Antonio das Almas - Não fale assim que me dá uma dor no coração... Como eu posso tirar você daí? A falta que faz um bom guindaste numa terra como esta! Bem vivíamos dizendo, senhor prefeito, que a cidade precisava de um bom guindaste. Era como se a gente estivesse adivinhando. Mas, não.. .o dinheiro do município servia para tudo, menos para o guindaste.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.131

Agora eu sinto na carne a falta de guindaste. Que posso fazer por minha filha? Ela ficou exposta ao sereno e não pode ser nada bom para a saude. A administração pública nêste país está muito longe do que se pode desejar.

Antonio Cipriano - Então o senhor me acusa de não saber administrar o município?

Antonio das Almas - Com fato provado. A cidade tem um guindaste? E como eu posso tirar a minha filha senão com um guindaste?

Antonio Cipriano - A oposição sempre encontra um jeito de atacar o govêrno, mesmo nas horas mais impróprias Antonio das Almas, acabo de passar por golpes terríveis. Perco minha mãe que não era minha mae, nasce um cavalo com cabeça de gente, sua filha vira varapau. Me diga se tudo isso não é para enlouquecer até a cabeça de um santo?

Rosinha - Meu filho, porque você não vai para casa dormir um pouco?

Antonio Cipriano - E você acha que eu ia conseguir? Não Ficarei de pé junto do meu povo, à espera do que possa acontecer. Não quero de modo nenhum abandoná-lo numa hora de tanto mistério. O comandante é o último a deixar o barco que sossobra. Me comportarei de modo semelhante.

Discretos aplausos.

Antonio das Almas - Então o senhor prefeito aproveita-se de uma situação tão dolorosa para fazer propaganda pessoal? Acho um absurdo.

Rita - Você está nervoso, Antonio das Almas, e está interpretando de uma maneira tôda errada o procedimento do meu cunhado. Antonio Ci riano é um homem de bem e todo devotado ao povo dêsse município. Você pode ser da oposição, é um direito que lhe assiste, mas não pode abusar deste direito e fechar os olhos para tôdas as demonstrações de humanidade dadas pelo senhor meu cunhado.

Rosinha - Muito bem Rita. Acho, meu marido, que devemos nos retirar.

Padre Damião - Realmente, talvez seja melhor. Os animos estao exaltados com tôda essa extranheza.

Antonio Cipriano - Talvez seja o mais certo Irei para junto daquela a quem devo minha vida. Qualquer coisa que você precisar, Antonio das Almas...

Antonio das Almas - Eu só preciso de um guindaste.

Antonio Cipriano - Vou mandar pedir um de Recife. É o máximo que posso fazer.

Retira-se em companhia de Rosinha, Rita e padre Damião

Sacristão (para o prefeito) - Posso ir com o Senhor?

Rosinha - Porque você não volta para casa?

Sacristão - A senhora viu como está Cosma. Não tenho coragem.

Antonio Cipriano - Minha casa está aberta para tôda

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. OLS6, p. 132

Saem os cinco Escurece Luz no quarto da falecida.

Padre Damião - Mas o que será tudo isso, Meu Deus?

Antonio Cipriano - A gente se vira e é como se só escutasse gemidos. Quantos infortúnios numa só noite. (avança para a platéia) "Longa é a noite que nunca chega o dia".

Primeira bruxa (entrando) - Macbeth, Ato IV, cena III, tradução de Manuel Bandeira, editado por José Olympio.

Rita - As bruxas estao soltas.

Padre Damião - Não acredito nestas bobagens. Nisto tudo eu vejo o dedo da providencia divina. Os homens se distânciam tanto do Divino Salvador que às vêzes êle tem que mostrar a sua face violenta, e envia todos êsses prodígios.

A bruxa dá uma gargalhada. Os personagens entreolham-se espantados.

Padre Damião - Meu Deus! Meu Deus! O que estará reservado a estas nossas almas?

Mudança de luz. As bruxas trocam as roupas de padre Damião e Antonio Cipriano nas de Biu e Chico. Ouvem-se fanfarras. Outros atores devem arrumar o lago da cena seguinte e um pato e o defunto.

Ator que interpreta o padre e Biu - Não machuque a batina!

Atorque interpreta prefeito e Chico - Minha roupa, depressa!

Ator q interp. padre e Biu - Estou morrendo de sêde. (um outro ator traz água para os dois atores)

Ator q prefeito e Chico - Vamos, aviai-vos! Se pudesseis diagnosticar pelas urinas de meu país, o mal de que êle sofre...

Primeira bruxa - Esta fala também é do Macbeth.

Ator q. padre e Biu - Não temerei a morte nem a ruina enquanto não marchar a Dunsinane a floresta de Birnam.

Primeira bruxa - Macbeth, outra vez.

Ator q é prefeito e Chico - Bem, podemos continuar.

Saem todos, com excessao de Biu eChico. Cartaz: "PROSSEGUE A VIAGEM DE BIU E CHICO - PEQUENA MEDITAÇÃO DEANTE DE UM AFOGADO!"

As margens de um riacho, Biu e Chico comem umas bananas.

Biu - Eita carreira boa.

Chico - Será que a gente está livre? Que não há mais perigo nenhum?

Biu - Eu só vou me sentir sossegado numa terra grande com o domínio de lei. Por aqui eu sinto o mesmo cagaço. Quando a gente menos esperar as tripas estao saindo pelo fiofó e ninguém vai socorrer.

Chico - Minha mãe vivia dizendo: Chico, não vai se meter com mulher encangada. Tinha razão a pobre velha. Agora aqui estou eu sem saber do meu destino.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0256,p.133

Biu - Olhe ali no riacho. Aquilo não é um homem afogado?
Xxx Vao para o riacho
Chico - E não é Severino?
Biu - Severino das Cruzes?
Chico - Êle mesmo
Biu - Você não sabia que êle tinha sido matado.
Chico - Não. Foi por causa de mulher?
Biu - Não Questao de terras.
Chico - Oxente, que diacho de questão de terras foi essa se êle não tinha nenhuma?
Biu - Pois é. Não tinha nenhuma mas queria ter.
Chico - Queria ter?
Biu - Queria ter. E parece que não pode.
Chico - É sim Parece que nao pode.
Biu - Mas êle achava que podia Eu dizia: Severino das Cruzes toma cuidado. Êsse negócio teu de achar que pode ter terra dos outros. . Já vi gente morrer por muito menos: só porque queria receber o salário. Olha ai no que deu. O corpo todo furado e ainda mais afogado. Que morte horrorosa'
Chico - Pobre de Severino das Cruzes!
Biu - Você acha que êle podia?
Chico - Podia o que?
Biu - Querer as coisas que êle queria.
Chico - Oxente, pra que você quer saber?
Biu - Sòmente prá saber.
Chico - E você? Acha o que?
Biu - Eu?
Chico - Pois é. Você!
Biu - É... Não é?
Chico - Pois é. Quem sabe? Um dia, não é?
Os dois se entreolham com desconfiança.
Biu - Pois é Oremos.
Ajoelham-se e rezam. O rapazote entra correndo e tropeça nos nos dois
Biu - Que carreira é essa, meu irmão? Também tá fugindo de marido chifrudo?
Rapazote - Antes fôsse. Mas estou fugindo é do capeta mesmo.
Chico - Do capeta? Que história é esta? Capeta na luz do sol?
Rapazote - Vocês não odem imaginar? Nasceu um cavalo com cabeça de gente...
Chico - Um cavalo com cabeça de gemnte?
Rapazote - Uma moça cresceu tanto que furou o telhado...
Biu - Com febre, meu irmão?
Rapazote - Uma finada morreu, ressucitou e morreu de novo e agora a a pobre da minha mae deu pra comer que não para mais e engorda tanto que não passa mais por nenhuma porta. A pobre fica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156, p.134

126

metade da sala.

Chico - Tão moço!

Rapazote - Eu juro por tudo! Por todos os anjos e santos!

Chico - E isso tudo acontece adonde?

Rapazote - Em Caruaru.

Biu - Pois é o nosso destino.

Rapazote - Não vão, não vão. Já estão dizendo que é o fim do mundo.

Chico - O fim do mundo?

Rapazote - O fim do mundo.

Biu - Pois é prá lá que nós vamos.

Rapazote - E eu vou para bem longe. Na direçao de que vocês vieram.

Biu - Escute aqui, meu irmão. Se você encontrar dois maridos chifrudos perguntando por dois mancebos, não diz que encontrou a gente.

Rapazote - Mas eu já vi essas caras!

Chico - Que caras? Você conhece os dois maridos?

Rapazote - Meu Deus, estarei louco?

Biu - Ai, meu Deus do céu, tenho mais mêdo de doido que de alma penada!

Rapazote - Eu já vi vocês. Eu já vi vocês

Chico - Você já andou por Vitória de Santo Antão?

Rapazote - Nunca. Eu nunca saí de Caruaru prá canto nenhum.

Biu - Pois eu nunca sai do município de Vitória.

Chico - Nem eu.

Rapazote - (num grito lancinante) - Jesus, Maria, José.

Biu - Xi, que êle é doido mesmo.

Rapazote - O prefeito e o padre Damião!
Será que morreram
e viraram assombraçao?

Biu - Chico, pelo amor de Deus. Ai, mãe, bem que a senhora avisou pra eu não sair de perto do cós da tua saia!

Rapazote - Meus anjos e santos do céu, valei-me! (sai correndo)

Biu - Ainda bem que êle foi embora.

Chico - Coitado. Tão moço! Bem , vamos embora.

Biu - Prá onde?

Chico - Prá Caruaru, homem de Deus.

Biu - Estou começando a ficar com mêdo.

Chico - Deixa de ser frouxo. Quando essas coisas acontecem as mulheres ficam doidas e é um tal de querer proteçao.

Biu - Será que é assim mesmo?

Chico - Vamos logo enquanto é tempo.

Biu - Um, dois...

Chico - ... três!

Saem correndo. Entra o rapazote.

Rapazote - Prá onde terao ido as assombraçoes? Meu Deus, o que devo fazer? (ajoelha-se) Eu juro que num peco mais, Mas, pelo amor de Deus, meu Deus do céu, deixe que eu chegue em paz

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 135

brincadeirinha de mão que eu fazia tôda noite antes de dormir. Minha nossa Senhora do Perpétuo Socorro, valei-me! Eu estou num cagaço!

Primeira bruxa - Veremos agora como tudo vai se complicar ainda muito mais. E para que eu possa fazer a minha má ação da hora - não sei se vocês sabem disto, mas uma bruxa que se preza tem que fazer uma maldade em cada hora, brinquemos um pouco com aquele rapaz.

Rapazote - Não falo mais mal de ninguém. Não chamo a minha mãe de gorda. Não fico espeiando a vizinha tomar banho. (A bruxa dá uma gargalhada). Mas que é isso? (várias gargalhadas). Dessa vez eu me borro todo! (sai correndo)

A bruxa faz um sinal e o rapazote volta de costas.

Bruxa - Abracadabra, em sapo te transformarás. (O rapazote coaxa) Abracadabra, em cachorro te transformarás (rapaz late) Abracadabra, em galo te transformarás para todo o sempre. (o rapazote cocorica e sai batendo as asas).

C E N A I I I

Luz sôbre a casa de Antonio das Almas. Sigismunda lastima se do alto do telhado. Embaixo, Antonio das Almas e moradores.

Sigismunda - Eu não aguento mais. Socorrei-me todos os anjos do céu! Só penso se começar a chover. O que vai ser de mim?

Primeiro morador - Não se aperreie não, Sigismunda. Aqui não chove nunca...

Sigismunda - E você acha que é bom ficar aqui em cima, com essa doença de cocqueiro, crecendo cada minuto? E meu noivo quando chegar do Recife? Sera que ainda vai querer casar comigo?

Antonio das Almas - Minha filha, já disse prá você se esqiecer dessas coisas.

Sigismunda - Esquecer meu noivo, pai?

Antonio das Almas - Nós agora só temos que pensar em arranjar dinheiro para comprar ou alugar um guindaste. Casamento fica prá se pensar depois.

Sigismunda - Que desgraçada eu sou!

Antonio das Almas - Eu sei, filhinha, eu sei. Mas temos que ter paciência. (para plateia) Vocês não querem dar um dinheirinho pra gente poder arranjar um guindaste? (os moradores dão o dinheiro e se retiram)

Antonio das Almas - Que Deus ajude vocês todos!

Sigismunda - E ainda mais virar esmoler!

Antonio das Almas - Não fale assim, filhinha.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.136

Sigismunda - Não é verdade, pai? Ai, se meu noovo souber disso, ai é que êle não se casa mesmo. E o que vai ser de mim? Coqueiro e sem marido; pior mesmo que destino de mulher da vida.

Anronio das Almas - Eu vou até a feira, filhinha, prá ver se arranXXXXXXXXXXXXCC jo mais dinheiro,

Sigismunda - Não custe muito, pai. Tenho tanto medo de ficar nestas alturas sòzinha.

Antoni o das Almas - Está bem, filhinha.

Sai Antonio das Almas. Entra o cavalo com cabeça de gente COM UM RAMO DE FLORES ENTRE OS DENTES;

Sigismunda - Você veio de novo, meu amigo?

Cavalo com cabeça de gente - (relincha)

Sigismunda - E sempre com as suas flores? Se não fôsse a sua delicadeza, não sei o que seria de mim.(estende os braços e apanha os ramos de flores. O cavalo com cabeça de gente executa alguns passos de dansa).

Cavalo - Relincha.

Sigismunda - Que bom você ter vindo!

Cosma - (entrando com uma vassoura na mão) - Ah, sêo cavalo, você quer mesmo é viver na vadiagem. Vamos embora! Vamos aproveitar a feira. Já armei uma barraca prá mostrar você e ganhar algum dinheirinho.

Sigismunda - Deixe êle um pouco comigo, doma Cosma, me fazendo companhia...

Cosma - Viver não está fácil não, Sigismunda. Tem que se ganhar dinheiro. A situação está cada vez pior. Vamos, cavalo, vamos.

Saem Cosma e o cavalo.

Sigismunda - Ai de mim, desventurada!

Escurece. Luz na casa de Antonio Cipriano.

Rosinha - Preciso falar com você.

Antonio Cipriano - Não é um absurdo? Pedindo esmola na feira só para me desmoralizar?

Rosinha - Antonio...

Antonio Cipriano - O que vão dizer de mim por ai? Antonio das Almas, na feira, pedindo esmola para comprar um guindaste. Um guindaste que é da alçada da prefeitura. Essa oposição é mesmo uma desgraça. Aproveita até o próprio infortúnio para tirar redimento político.

Rosinha - Antonio, eu queria saber porque você tem chegado tarde tôdas as noites.

Antonio Cipriano - Fico com vontade de mandar prender êsse homem. Ele quer acabar com a minha vida. Rosinha, hoje deve chegar aqui em Caruaru um enviado do Sr. Presidente da República para fazer uma inspeção na cidade. E sabe por que? Essas coisas que aconteceram por aqui estão causando

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p.137

soas da oposição estão querendo tirar vantagem disso tudo, dizendo que se trata de um castigo do céu contra o govêrno atual. Veja a que ponto chegaram êsses homens da oposição! Pois bem, acontece que pessoas chegadas ao Presidente estão vendo nisto uma manobra altamente subversiva. E eu transformei-me numa pessoa suspeita. Vem um emissário especial do senhor Presidente só para examinar a veracidade dos fatos que aqui aconteceram. Pois bem. Neste justo momento, Antonio das Almas vai para a feirapedir esmolas, dizendo pra todo o mundo que eu sou um incapaz, porque a prefeitura não tem um guindaste.

Rosinha - Você chegou tão tarde porque?

Antonio Cipriano - Não é de enlouquecer? O Emissário de Presidente vai ver que não tem nenhuma subversão na cidade mas pode muito bem achar, que sou um incapaz por não ter providenciado um guindaste. Claro, ouve Antonio das Almas dizendo aquelas coisas, a pobre filha lá nas alturas. Eu posso até ser submetido a um inquérito,

Rosinha - Você vê, Ritinha. Ele se recusa a responder minha pergunta

Antonio Cipriano - Devo ou não prender Antonio das Almas? O meu futuro está em jôgo. A tranquilidade do nosso lar está em jogo também.

Rosinha - Antonio Cipriano por que...

Antonio Cipriano - Realmente é demais. Parece até castigo. Mas eu nada fiz para merecê-lo. Sempre fui um bom filho, um bom cidadão, respeitador das coisas de Deus e da Pátria. Mas de repente vem tudo isso de uma vez só! Um cavalo com cabeça de gente, uma mulher que não para de crescer, uma outra que não para de engordar, a terrível revelação de minha mãe na hora de sua morte e para completar essa desmoralização que Antonio das Almas está me submetendo. Outro teria enlouquecido!

Rosinha - Ritinha, você quer falar com êle? Talvez êle tenha mais atenção.

Ritinha - Senhor meu cunhado, minha irmã deseja saber por que o senhor chegou tão tarde ontem a noite?

Antonio Cipriano - É demais! É demais! Se conseguir resolver tudo isso a contento necessito de umas boas férias. Vocês me entendem?

Rosinha - É de enlouquecer!

Antonio Cipriano - É exatamente o que estava dizendo. É de enlouquecer! Que bom que minha familia concorde comigo.

Ritinha - Mas a minha irmã...

Antonio Cipriano Eu vou conversar com o padre Damião... Com o padre. (à parte) Será que êle é meu irmão?

Rosinha - Mas Antonio Cipriano...

Antonio Cipriano - Qualquer coisa estarei na Igreja... Tenho que fa

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.138

Sai Antonio Cipriano.

Rosinha - Você viu o cinismo dêle, Ritinha. Depois você ainda o defende.

Ritinha - O homem está com a cabeça cheia de problemas.

Rosinha - Problema nada: safadeza! Tudo isto serve de desculpa para ficar na rua até altas horas. Meu coração não me engana: existe uma mulher atraz disto tudo.

Ritinha - Ora, Rosinha. Eu queria ver você morando numa cidade grande como o Recife. La, minha irmã, o marido sai para trabalhar e a mulher nem sabe por onde êle anda. A cidade é muito grande e tudo some dentro dela. Você seria capaz de ir procurar Antonio Cipriano até por debaixo das pontes. Antonio é um marido exemplar, sempre voltado para os problemas da casa. Não me lembro de nenhuma falta dêle. E verdade que nestes últimos dias ele tem chegado tarde em casa. Mas sou capas de apostar que êle deve ficar na Igreja conversando com o padre Damião.

Rosinha -Você não sabe nada da vida, minha irmã. Não sabe de que sujeiras os homens são capazes. "São todos uns porcos" disse uma mulher num filme que eu vi, E ela estava coberta de razões. Você não viu o Sacristão? Quem diria?

Ritinha - Rosinha, você não vai acreditar na história absurda que dona Cosma está contando?

Rosinha - E por que não? Os olhos são da mesma cor. Depois de uma coisa desta não se pode confiar em mais ninguém. O sacristão, quase um padre, tão agarrado às saias de dona Cosma, e de repente com uma égua na sua vida...

Ritinha - Minha irmã, você está ficando biruta... Essas coisas de éguas, jumentas, os homens só procuram quando ainda são crianças... Isto eu aprendi num livro científico...

Rosinha - Você vai acreditar nesses livros científicos, e quando casar, quando você menos esperar, está com a casa transformada num jardim zzológico. Não. Nesta eu não vou. Depois do que aconteceu com a pobre da dona Cosma, botei as minhas barbas de môlho. Qual! E quer saber de uma coisa? Vou atraz do Antonio Cipriano. Não vou nessa historia de que foi para a Igreja. Deve estar por ai atraz de algum rabo de saia.

Ritinha - Minha irmã, não crie problemas...

Rosinha - Não, Ritina, mulher corna eu não vou ser.

Sai apressadamente com Ritinha. Escurece. Luz . Uma rua de Caruaru

Cego, (cantando) - Eu deixei o meu roçado
Atraz do meu tatuzinho
Andei milhões de léguas
E nada do meu bichinho
cruzei mares e montanhas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156,p.139

foi quando me deu uma dor
bem no pé da barriguinha
era uma dor danada
dei então uma paradinha
me escondi numa ribanceira
me espremi até valer
veio aquela caganeira
ai meu Deus que eu vou morrer
sem ver o meu tatuzinho
perdido pela campina
foi quando encontrei uma véia
que sorria de mansinho
cheguei junto e disse:
a benção, vó, você viu o meu tatu?
A velha levantou a saia
e me puxou com carinho
eu disse: t'esconjuro véia,
vai cuidar da tua sina
e sai num galope doido
e encontrei uma menina
que tinha uns ois de fogo
e uns cabelos que eram de crina
me cheguei e perguntei
pelo danado do tatu
a menina foi meolhando
e foi dizendo dengosa:
você não quer entrançar
as nossas crinas?
Me benzi, sai correndo
e a pobre da barriguina
dava voltas, ia doendo
doendo de fazer dó,
mas não parei prá mais nada
e cruzei mares e montes
atrás do tatuzinho
mas ninguém sabia nada
do meu querido bichino,
foi quando desconsolado
voltei atrás da menina
vou deixar de ser um lezo
e vou entrançar minhas crinas
mas em vez da menininha
no meio da campina
foi a danada da véia
com uns ois da sepultura

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 140

132

desisti, voltei prá casa
e do pinto fiz um nó
com vóia eu não engato
nem prá salvar minha vó.
Que Dçus Nosso Senhor Jesus Cristo alumie o caminho de todos vocês!

Todos -Amém!

Enquanto o cego cantava a sua toada, Chico e Biu entraram. Imediatamente alguns habitantes comprimentaram com respeito e espanto. Chico e Biu olharam para todos com maior espanto ainda.

Um habitante (para Chico e Biu) - Meus respeitos!

Outro habitante -Que Deus proteja os senhores!

Chico - Muito obrigado, muito obrigado!

Biu (para Chico) - Simpático o povo da cidade!

Chico - Realmente, muito simpático.

Todos retiram-se, menos Chico e Biu

Chico - Você viu? Todo o mundo cumprimentando a gente com o maior respeito...

Biu - Bem, prá falar a verdade, estou um pouco desconfiado.

Chico - Desconfiado? De que?

Biu - Você se lembra da história que aquêle cabra nos contou?

Chico -Sôbre as coisas extranhas que estãoacontecendo aqui?

Biu - Sim.

Chico -E que tem isso? Aquele cara prá mim era um lezo. Não estou notando nada de anormal por aqui.

Biu - E aquela mulher, logo na entrada da cidade, que chegou junto de mim e disse: Seo padre, o que é isto, o senhor sem batina? O senhor acha pouco os castigos que Deus tem mandado prá gente?

Chico -Aquela mulher era meio maluca.

Biu - Eu estou um pouco com mêdo que essa terra esteja cheia de do. do, Oxente! Todo mundo ri prá gente, cumprimenta, como se a gente tivesse nascido e se criado aqui.

Chico -E uma gente hospitaleira. Sempre buvi dizer: o povo de Caruaru é um povo bom danado!

Passa uma mulher que olha para Chico e para; aproxima-se de Biu com espanto e toma a benção.

Mulher - A benção.

Biu - Deus te abençõe. (a mulher sai)

Biu - Você tá vendo?

Chico -Deve ser costume da cidade.

Biu - Mas porque é que não tomam a benção de você também?

Chico -E que você tem uma cara meio de snato, Biu. Mas que cabra de sorte, hein? Vai ser fácil papar essas menininhas tôdas...

Biu - Você acha?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156 p. 141

nha começa a fazer sinais para Chico.

Biu - Chico, tem uma mulher ali fazendo sinais para você.

Chico - Pra mim? E a danada é bonitinha. Será que é uma quenga?

Biu - Não tem cara de quenga. Parece moça de respeito.

Chico - E como é que está me chamando?

Biu - Eu sei lá. Não estou gostando nada disto.

Chico - Você também é um apavorado. Tem medo de tudo.

Biu - É que eu estou cansado de correr por causa do marido doido. Não estou prá correr mais. Aqui eu quero fazer minha pousada, mandar buscar mãe, casar e ter muitos filhos.

Chico - Ela continua.

Biu - E está vindo prá cá!

Rosinha - Então, senhor meu marido, aproveitando o sol do meio dia?

Biu - Você não me disse que era casado! Isso é sacanagem!

Chico - Fica quieto ai!

Rosinha (para Biu) - O senhor sem batina em plena rua?

Ritinha - Deve ser ordem do Concílio, Rosinha!

Rosinha - Que Concílio, que nada! Eu acho umafalta de respeito e das grandes!

Biu - (para Chico) - Nada. Mas se ela insiste que eu sou o marido não faço questão. Vou lá e cumpro meus devers conjugais.

Biu - Chico, cuidado. Algo está me avisando que é melhor a gente ir embora.

Rosinha - Vamos pra casa!

Chico - Podemos ir. Vamos, Biu?

Ritinha - Biu?

Biu - Um seu criado.

Rosinha - Ainda bem que estão de bom humor.

Biu E não é prá estar com um céu tão azul e um sol tão bonito?

Rosinha - Vamos logo que precisamos ter uma conversa muito séria, senhor meu marido. (as duas afastam-se)

Biu - Você vai?

Chico - Mas claro. Bonitinha, não é?

Biu - Chico, eu estou vendo o dedo do capeta nisto tudo. Essa mulher é capaz de ter uma marido mesmo. A gente termina se estrepando.

Chico - Eu já estou acostumado.

Rosinha - Você quer me fazer perder a paciência?

Chico - Não, meu amor. Vamos, Biu.

Biu - Vamos. (à parte) Mãe, reza por mim. E reza forte.

Fim da primeira parte.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p.142

S E G U N D A P A R T E

Voz de Rosinha - (em sua casa) - E se perguntarem pela gente você diz que não tem ninguém em casa. Que eu e meu marido tivemos que sair.

Voz da empregada - Sim, senhora.

Luz na rua. Antonio Cipriano, padre Damião e Emissário do Presidente

Cipriano - Vossa Excelência ficará na minha casa. É casa de pobre mas terá todo o nosso carinho.

Emissário - Não será preciso tanto incômodo; não devo aceitar. Vim em missão oficial, talvez não fique bem aceitar êsse favor. Devo estar totalmente livre para as minhas investigações. O senhor sabe, as informações que tivemos são as mais desencontradas. Enquanto uns acreditam tratarem-se realmente de fenômenos, apenas por uma extranha coincidência aparecidos de uma vez só, outros, e tenho que dizer a maioria, acreditam tudo não passar de uma manobra de agitadores interessados em perturbar a vida do país.

Padre - Mas como os agitadores podem fazer que uma mulher começe a crescer de repente ou um cavalo nascer com cabeça de gente?

Emissário - Não sei como responder; mas para isso estamos aqui: para averiguar. E, Deus queira, poder tranquilizar o nosso Presidente. Esperamos, realmente, que se tratem de fenômenos; isto não trará nenhum prejuizo, muito pelo contrário, poderá aumentar a receita da Prefeitura com a avalanche de turistas que certamente acorrerão a esta cidade. Mas em caso contrário, se realmente se tratar de uma manobra nova dos agitadores, o caso se reveste de uma imensa gravidade, pois não estamos preparados para esse tipo de subversão da ordem. Sabemos muito bem como o nosso povo, principalmente o do interior, é cheio de supertições. Se êle se convencer que se trata de um protesto divino contra o atual govêrno, o que poderemos fazer? Teremos que estudar as medidas defensivas imediatamente. Talvez até mandar buscar técnicos no exterior.

Cipriano - Ainda hoje o senhor poderá tranquilizar o Presidente, tenho certeza. Proponho ir até lá em casa, almoçarmos, e depois iremos ver de perto os fatos estranhos.

Emissário - Confesso que estou com muita fome.

Padre - Dona Rosinha, esposa do prefeito, é uma excelente quituteira. O senhor não terá que reclamar.

Emissário - Mas não será um incômodo?

Cipriano - De modo algum. O senhor não pode imaginar a alegria nos

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 143

135

Entra o Sacristão correndo com Cosma atrás.

Sacristão - Peço proteção a autoridade.

Padre - Mas o que é isto?

Cosma - Eu avisei a esse miserável que não aparecesse mais na minha casa.

Sacristão - A casa é minha também.

Cosma - A sua casa é no estábulo com aquela égua filha da mãe.

Cipriano - Deixemos êsse assunto para depois, dona Cosma. A senhora está na presença de um Emissário do Presidente da República que veio a Caruaru para observar os fatos estranhos que aconteceram nos últimos dias.

Cosma - Ah, o senhor é amigo do Presidente?

Emissário - Com muita honra.

Cosma - Pois é com o senhor mesmo que eu precisava falar.

Padre - Dona Cosma, talvez numa outra hora... O senhor Emissário fez uma viajem muito cansativa...

Cosma - O senhor precisa pedir um favor muito grande ao Presidente, senhor Emissário. Eu sou uma mulher católica, apostólica, romana, de pai e mãe e avós católicos, mas se o presidente não me fizer um favor muito grande eu termino virando uma assassina...

Padre - Dona Cosma...

Emissário - (para o padre) Um momento. (para Cosma). De que se trata?

Cosma - Eu quero que o Presidente permita que eu me divorcie. Eu sei que no Brasil isto é proibido, mas no meu caso tem que ser. O senhor imagine, senhor Emissário, que o meu marido me traiu com uma égua que tem no meu roçado.

Emissário - Com uma égua?

Cipriano - Ela está nervosa, senhor Emissário.

Sacristão - Isto é uma calúnia!

Cosma - O senhor precisa ver o filho que nasceu.

Emissário - O filho?

Cosma - O cavalo tem os mesmoms olhos que Ele e agora até o nariz está parecido.

Padre - E exatamente um dos fenômenos.

Emissário - Ah, o cavalo com cabeça de gente...

Cipriano - Isto mesmo.

Emissário - Mas será que esta senhora está dizendo a verdade?

Padre - Não pode ser verdade. É contra as leis da Natureza.

Emissário - Mas a cara de gente do cavalo não é também contra as leis da natureza?

Padre - Sim, realmente, mas...

Cosma - Ninguém quer agreditar em mim. E eu ainda termino fazendo uma desgraça. Não contra o cavalo, é claro. Não tem culpa nenhuma da safadeza do meu marido com a égua da sua mãe. É um pobre inocente. Mas eu termino matando meu marido. Ou en

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p 144

tão mato a égua. Não consigo mais dormir pensando que aquela égua cachorra da moléstia dorme perto de mim e ainda come a forragem que eu compro com o meu dinheiro.

Emissário - Realmente, se fôr assim, deve ser uma situação muito extranha.

Cosma - Estranha é apelido. É uma situação filha da puta.

Cipriano - Dona Cosma...

Padre - Não se trata nada disso, posso assegurar...

Sacristão - O padre Damião me conhece muito bem.. Sabe que eu seria incapaz de um pecado tão horroroso.

Cosma - Sem vergonha, como você não respeita nem a figura do Emissário de Presidente para continuar defendendo a sua safadeza?

Cipriano - Dona Cosma, depois nós conversamos sôbre êste assunto. No momento temos que ir almoçar. O senhor emissário está com muita fome...

Entra o cavalo com cabeça de gente e se dirige, imediatamente p ra o sacristão e começa a festejar-lhe. O emissário tem um movimento de mêdo mas controla-se logo.

Cosma - Eis a prova! (dá um grito e desmaia).

Emissário - Realmente trata-se de algo que eu não esperava...

O sacristão carrega Dona Cosma. O cavalo com caboça de gente aproxima-se do Emissário. Êste recua com mêdo.

Emissário - Eu nunca vi uma coisa desta... Tirem êste animal daqui.

Cipriano - Xô cavalo... Xô cavalo...

O cavalo com cabeça de gente sai alegremente.

Emissário - E os outros fenômenos são tão extranhos assim?

Padre - São coisas tão estranhas que fazem até desconfiar que se trata realmente de um castigo de Deus.

Emissário - Então o senhor quer insinuar que o atual govêrno está desagradando a providência?

Padre - De modo algum. Longe de mim pensar em tal coisa.

Emissário - Precisamos de muito cuidado nos conceitos que emitimos. Os agitadores estão aí a solta aproveitando-se de tudo para a sua obra de desagregação da família brasileira.

Cipriano - Creio que agora podemos almoçar.

Encaminham-se para a casa de Antônio Cipriano. No caminho passam pela casa de Antonio das Almas. O cavalo com cabeça de gente está no telhado junto de Sigismunda. Embaixo, Antonio das Almas tem uma espingarda nas mãos. O diálogo entre Antonio das Almas e Sigismunda desenrola-se sem que êstes percebam a presença de Antônio Cipriano, Padre Damião e Emissário.

Antonio das Almas - Eu já disse que matava êsse miserável.

Sigismunda - O senhor não pode fazer isso! O senhor não tem o direito de estragar a minha felicidade!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p 145

do com um cavalo.

Sigismunda - Não se trata de um cavalo comum. O senhor fala assim porque não conhece a bondade que êle tem no coração.

Antonio das Almas - Você está louca, Sigismunda.

Sigismunda -E não é para enlouquecer? Ter um pai sem coração como o senhor? Um pai que não tem o menor interêsse pa felicidade da filha?

Antonio das Almas - Sigismunda. Não se trata disso. Nenhum pai pode querer ver a filha casada com um cavalo. Mesmo que se trat de um cavalo com cabeça de gente. Não é da lei dêsse mundo

Sigismunda -E é da lei dêsse mundo ser uma mulher coqueiro?

Antonio das Almas.- Não, minha filha. Não é da lei dêsse mundo ser uma mulher coqueiro.

Sigismunda -Então? O senhor acha que a mãe dêle pode não querer o c samento porque eu sou uma mulher coqueiro?

Antonio das Almas - A mãe dêle? A égua?

Sigismunda - Sim. A mãe dêle. A égua.

Antonio das Almas - Minha filha, as alturas atacaram sua cabeça.

Percebe Antonio Cipriano, padre Damião e o Emissário. Avar para o prefeito. O senhor é o culpado de todo êsse drama.

Antonio Cirpiano - Cuidado com essa arma. Ela pode disparar.

Antonio das Almas - Está satisfeito? Me diga. Está satisfeito com a minha desgraça?

Padre Damião - O senhor acalme-se, Antonio das Almas...

Antonio das Almas - Acalme-se... Acalme-se... E isso que todo mundo me diz. E cada vez tudo vai piorando para mim. Já sabem da última novidade: minha filha quer casar com um cavalo!

Antonio Cipriano - Antonio Das Almas, nós estamos defronte de um Emissário do Presidente da República. Você precisa se acalmar.

Antonio das Almas - Muito prazer.

Emissário- Igualmente.

Antonio das Almas - Quero apresentar minha queixa ao senhor Presidente da República contra o prefeito da cidade.

Emissário - Deve ser uma queixa por escrito.

Antonio das Almas - Depois eu escrevo. Mas eu digo logo porque não sei se o meu coração vai aguentar tanto aperreio. O senhor prefeito é o grande culpado de tudo que está acontecendo p que nunca providenciou um guindaste para esta cidade.

Emissário - Caruaru não tem um guindaste?

Antonio das Almas - O senhor não acha que um guindaste é de extrema necessidade para uma cidade?

Emissário - Sem nenhuma dúvida.

Antonio Cipriano - Sem nenhuma dúvida.

Antonio das Almas - Se eu tivesse um guindaste minha filha não estaria mais naquelas alturas e não tinha conhecido o cavalo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p.146

238

Antonio Cipriano - Senhor Emissário, eu sei que a cidade precisa de um guindaste. Mas infelizmente a arrecadação tem sido muito baixa e o dinheiro não dá prá nada.

Emissário - E por que a arrecadação tem sido baixa?

Antonio Cipriano - Nada vai bem, senhor Emissário,. Ninguém tem dinheiro pra nada.

Emissário - O senhor por qe so está criticando a política econômico financeira do govêrno?

Antonio Cipriano - De modo algum, senhor emissário. Eu nem sei o que é isto. Mas que está indo prá trás, está mesmo.

Emissário - O cavalo está beijando o varapau... e na bôca!

Antonio das Almas - Agora eu mato êle! Agora eu mato!

Padre - Não faça loucura! O tiro pode pegar na sua filha!

Antonio das Almas - Estou desonrado. O geito mesmo é casar os dois.

Padre - Casar os dois? Isto é sacrilégio, Antonio das Almas!

Antonio das Almas -E minha filha? Vai ficar desonrada depois de ter sido beijada na bôca pelo cavalo e na frente de testemunhas?

Emissário - A solução é prender o cavalo.

Antonio Cipriano - Prender o cavalo?

Emissário- Claro. Está perturbando a ordem pública. Já medeparei com dois casos dolorosos, nesta cidade, por causa dêste cavalo. Por que o espanto? Por que não se pode prender um cavalo?

Antonio Cipriano - E... Realmente... Por que não se pode prender um cavalo?

Antonio das Almas - (apontando o rifle para os três) - Ninguém vai prender êste cavalo coisa nenhuma, Depois do que êle fez com minha filha êle vai casar com ela. Eu sou pobre mas sou um homem honrado. Não vou consentir que joguem o nome da minha familia na lama.

Padre Damião - O senhor enlouqueceu, Antonio das Almas?

Antonio das Almas - Saiam daqui. Saiam daqui.

Os três afastam-se apressadamente. Luz na frente da casa de Antonio Cipriano.

Antonio Cipriano - Felizmente creio que podemos agora almoçar descansadamente.

Emissário Sua casa é muito simpática.

Antonio Cipriano - Ás ordens, senhor Emissário. Merda, esqueceia a chave. Desculpe, senhor Emissário. (bate na porta)

Padre Damião- Aqui é um lugar bem mais tranquilo. Fica distante da feira.

Emissário- Eu quero muito visitar a feira de Caruaru. E famosa no Brasil inteiro.

Empregada 9 aparecendo na porta) - Que desejam?

Antonio Cipriano- Você é a empregada nova?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p 147

mEmpregada - Minha patroa está almoçando com o marido dela e mandou dizer que não está em casa para ninguém. E o marido dela manda dizer que não esta em casa para ninguém, durantemeses e meses. (Ofecha a porta)

Emissário - O que está acontecendo aqui?

Antonio Cipriano- A empregada é nova- entrou pela manhã. Não me conhece ainda. (bate novamente)

Empregada- Quer deixar algum recadO,?

Antonio Cipriano- Eu não quero deixar recado coisa nenhuma. Eu quero entrar que a casa é minha, Eu sou o marido da sua patroa.

Empregada- Brincadeira tem hora! O marido dela está lá dentro. Nunca vi um casal tão unido na minha vida. E cada beijo. Cruzes E não é que o senhor é parecido com êle. (fecha a porta)

Emissário- Que brincadeira é esta?

Antonio Cipriano- Não estou entendendo nada. Com certeza essa empregada é uma maluca. Ou então, quem sabe, Rosinha resolveu fazer uma brincadeira de mau gosto porque está meio zangada... Estas últimas noites andei chegando tarde.

Emissário- Precisamos averiguar e direitinho. O nosso govêrno não pode permitir que um representante seu seja corno.

Antonio Cipriano- Côrno? Eu?

Emissário- Se a sua esposa está lá dentro beijando um outro homem o senhor é um corno! Ou aqui usam outra palavra? Eu não entendo nada de regionalismos!

Padre Damião - Dona Rosinha é uma santa senhora. Posso asçgurar.

Antonio Cipriano- Se o senhor não fôsse a autoridade que é... Não admitiria de mais ninguém tamanho insulto.

Emissario- Nós, homens do Poder, temos que ter uma frieza enorme para conceituar as coisas. Os nomes que têm que ser dados aos bois. Se sua mulher estiver realmente lá dentro, agarrado com outro homem então o senhor é um corno e como tal não pode mais merecer a confiança e o respeito da Presidencia da Republica. Temos que arrnjar outro prefeito.

Antonio Cipriano- Essa é demais!

Emissário Os fatos são os fatos. E nós damos aos fatos seus nomes verdadeiros, doa em quem doer. Não temos medo da impopularidade.

Padre Damião- Tudo ficará esclarecido dentro de muito pouco tempo.

Primeira beata9(entrando) - Senhor prefeito, Me socorra, pelo amor de Deus.

Antonio Cipriano- Que terá acontecido, meu Deus?

Primeira beta- A pobre da minha irmã não tem mais comida para comer agora está comendo barro.

Antonio Cipriano - Mas hoje já não mandei um boi?

Primeira beata- E o que é um boi para a minha irmã? E o pior é que ela já esta da largura da sala. Não sei o que fazer. O safado do fi-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 148

lho fugiu com medo, pois êle acha que vão cair raios aqui em Caruaru. E eu fiquei sozinha, com todas essas aflições para resolver.

Antonio Cipriano- O senhor está vendo? Um boi não é bastante! Como a Prefeitura pode com tamanha despesa por dia. E o outro filho d mãe ainda fala em guindaste... Querem saber de uma coisa? Eu re nuncio.

Emissário- Como?

Antonio Cipriano- Renuncio, senhor Emissario. Os problemas são muitos e eu ainda levo o nome de côrno.

Emissário- Isto chama-se deserçãoà Patria numa hora em que ela se encontra em perigo. Pode sair cadeia e quem sabe até fuzilamento

Antonio Cipriano- Está bem, senhor missário. Mantenho-me no posto pelo bem da Pátria. Vamos, minha senhora, vamos ver a sua irmã. O senhor irá também. O almoço fica para depois.

(saem todos entram as tres bruxas)

Primeira bruxa Tudo errado. Completamente errado. A praga tomou s direção errada. O pobre do prefeito nada tem com o que lhe aconteceu.

Segunda bruxa- Vivemos um tempo absu do; nem mesmo uma praga toma seu verdadeiro d stino.

Terceira bruxa- Nada segue seu rumo certo. (num gesto largo) Os desencontros acumulam-se. Por toda parte são lo os gemidos de fome, sede, inquietação.

Segunda bruxa-Temos que consertar tudo.

Terceira bruxa - Quem sabe o material que usamos não era falsificado. Vivemos um tempo de falsificações.

Segunda bruxa- Em torno do caldeirão mais negro...

Terceira bruxa- Com luz de lua ainda não desvriginada...

Terceira bruxa- Aqui, aqui, o raio mais veloz...

(trovões, relâmpagos)

Segunda bruxa- Aqui, aqui o pássaro mais sinistro...

Terceira bruxa-... o beijo mais maldito...

Primeira bruxa- Com sangue e destruição...

Terceira bruxa- Esperma de burro ladrão...

Primeira bruxa- Mijo de bezerro veado...

Terceira bruxa- Nem um dia a mais, nem um dia a menos!

Segunda bruxa- Biu, Biu é o nome...

Primeira bruxa- Biu e Damião

Biu e Damião...

As três bruxas- ... são a nossa maldição!

(luz na casa de Antonio Cipriano- Biu e Ritinha)

Ritinha- Acho que bebi demais, reverendo.

Biu (à parte) - Que mania de me chamar de reverendo. Mas se dá uma coccirinha maior, vai chamando.

Ritinha- Sinto a cabeça nas nuvens. Estou lesa... lesa... Só me lembro

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 149

de ter ficado assim num Carnaval que passei no Recife.

Biu - E que aconteceu?

Ritinha - Não consegui me lembrar de nada no dia seguinte.

Biu - Assim é melhor. Não dá para sentir remorsos.

Ritinha- Tenho a impressão que estou num carrocel... Aquele de cavalinhos...

Biu - Não é melhor se amparar em mim? Pode encostar a cabeça no meu ombro...

Ritinha - Acho que vou aceitar o oferecimento. Que mal pode haver, não é mesmo?

(recosta a cabeça no ombro de Biu- Biu começa a caricià-la- Ritinha vai cedendo

Ritinha- Reverendo:.. Reverendo...

Biu - Me chama de bispo, meu amor. Ou até de Papa.

(intensifica os carinhos)

Ritinha- O senhor não acha...

Biu - Não vamos achar nada agora. (beija Ritinha na boca- Ritinha dá um grito)

Biu- Mas o que foi? Ainda não comecei a morder!

Ritinha - Deve ser pecado.

Biu- Que pecado coisa nenhuma !

Ritinha - Mudaram então?

Biu - Claro, isto é coisa de antigamente.

Ritinha - O senhor não está enganado? Será que o Concílio resolveu mesmo que não é mais pecado?

Biu (à parte) Conselho? Que conselho? (para Ritinha) Pode acreditar em mim. Não é mais pecado. (acaricia Ritinha)

Ritinha - A mula sem cabeça !

Biu (dando um pulo) Onde?

Ritinha- Mulher de padre vira mula sem cabeça! E o senhor! (dá um grito violento Biu sai correndo- entram Chico e Rosinha)

Rosinha - O que aconteceu?

Ritinha Vou virar mula sem cabeça: O reverendo me beijou. Vou ser castigada.

Chico- O reverendo? Que reverendo?

Rosinha - Padre Damião, ora. O safado não está usando batina exatamente para se aproveitar das pobres indefesas.

Chico-Padre Damião, sei. (à parte) - Insistem na lezeira)

Ritinha- Eu vou atrás dêle. Vou desmoralisá-lo para sempre.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.150

Padre Damião - Não sei o que está acontecendo nesta cidade. Realmente dá o que pensar. Embora ssjamos todos responsaveis em encontrar uma solução para tudo isto eu realmente não queria estar no lugar do prefeito. Não sei como èle está conseguindo suportar tanta coisa junta.

Emissário - O destino do homem público é muito espinhoso. Mas todos sabemos disto e não podemos recuar: trata-se de uma vocação.

(entra Ritinha e vança direta para padre Damião)

Ritinha- Ah, sèo cretino , foi vestir batina para ver se escapava, Não escapa não.

(esbofeteia padre Damião)

Padre Damião - Dona Ritinha, de que se trata?

Ritinha- De que se trata, hein? O senhor é um padre safado! (para o Emissário) Imagine, beijou-me na boca. E eu sou capaz de virar mula sem cabeça!

Emissário - Não é possível. É por estas e outras que a religião anda tão por baixo.

Padre Damião - Mas isto é uma calúnia!

Ritinha - Vou mandar dizer ao papa!

Padre Damião - Ao Papa?

Ritinha - Você vai ver! (sai)

Padre Damião - Realmente não sei o que dizer... Cada um com suas provações.

Chico sai da casa de Antonio Cipriano

Chico (para o padre) - Onde arranjou essa batina?

Padre - Onde arranjei a batina?

Chico - Acho melhor a gente dar o fora. Já consegui o que eu queria. Mas aqui prá nós, tenho a impressão de que a moça é casada mesmo. Pelo menos donzela não é mais. Depois o marido aparece por ai. Vamos? Mas como é que você vai correr com esta batina?

Padre Damião esbofeteia Chico

Chico -Que é isto? Me estranhando? Você bebeu demais!

Emissário -Senhor ~~Xxxxx~~ Prefeito....

Chico - O senhor também me chamando de prefeito? Escuta aqui. Marido eu não faço qeustão de ser. Mas prefeito, Deus me livre!

Emissário - Senhor Prefeito, exijo uma explicação imediata. Não admito que levem no rídiculo um representante da Presidência da República.

Chico - Quem? Quem é representante da Presidência da República?

Padre - Ele não deve estar bom da cabeça!

Emissário -O senhor considere-se preso!

Chico - Eu? Preso? Mas o que foi quê eu fiz?

Emissário - Uma autoridade que não impõe...

Chico (para o padre) - Você vai ficar aqui?

Padre - Claro que vou ficar aqui.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156,p.152

Chico - Então, adeus! (sai correndo)

Emissário- (correndo atrás) - Polícia! Polícia!

(entra dona Cosma)

Cosma - Senhor padre...

Padre Damião- O que é dona Cosma?

Cosma - O senhor viu a safada da égua?

Padre Damião - Não, dona Cosma.

Cosma - A safada fugiu. Mas eu vou atrás. Isto não vai ficar assim, O senhor sabe, padre Damião, ela não podia fazer isto comigo. Principalmente depois da conversa que tive com ela.

Padre Damião - A senhora foi conversar com a égua?

Cosma - Sim, reverendo, uma conversa franca. De mulher para a mulher. Enfim eu me apeguei ao filho do pecado e êle era filho dela. Falei de coração aberto. Pensei que tínhamos ficado amigas. Cheguei mesmo a perdoar. Mas hoje, essa égua do meu odioresolveu fugir. Bem que corra êsse Brasil inteiro e chegue até São Paulo eu encontro essa égua. Ela não pense que eu vou criar o filho dela enquanto ela anda por aí.

(sai dona Cosma)

Padre Damião - Eu devo pegar o primeiro ônibus e ir até o Recife conversar com o arcebispo. Realmente não me sinto capaz de orientar essas almas. O bispo daqui viajou. Não me sinto com forças... Mas o que será isto que está acontecendo? Será obra de Deus? Ou será mesmo o capeta?

(entra Antonio Cipriano)

Antonio Cipriano - Falando sozinho, padre Damião?

Padre Damião - (com certa violência que se abranda) Escute aqui. O Emissário se acalmou?

Antonio Cipriano - O que aconteceu com êle?

Padre Damião- Êle não saiu para prender você?

Antonio Cipriano - Para me prender? Por que?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 ip 152

144 22 1866

Padre Damião - Você andou bebendo, Antonio Cipriano?

Antonio Cipriano - O senhor sabe muito bem que não sou de bebida. Um homem que ocupa o posto que eu ocupo não pode de modo algum...

Padre Damião - Será que estou ficando louco?

Antonio Cipriano- O senhor não está se sentindo bem?

Padre Damião Antonio Cipriano, responda-me por favor a verdade: você me perdoou eu ter esbofeteado você?

Antonio Cipriano O senhor me esbofeteou?

Padre Damião- Você não se lembra?

Antonio Cipriano - Não seria melhor o senhor descansar um pouco?

Padre Damião - Descansar a esta hora? E por que? Você acha que estou precisando de descanso por que?

Antonio Cipriano- Nunca faz mal um bom descanso. O sol...

Padre Damião - Não vamos culpar o sol por nada... Meu Deus, o que está acontecendo?

Antonio Cipriano - Padre Damião, por que o Emissário quer me prender?

Padre Damião - Quer saber de uma coisa? Eu não sei mais de nada. E não quero saber. E ainda tenho raiva de quem sabe.

Antonio Cipriano - Mas o senhor como padre e talvez meu irmão...

Padre Damião - Isto deve ser uma trama bem urdida para levar o pastor da casa de Deus para o hospício. Sua cunhada há pouco me esbofeteou. Depois você...

Antonio Cipriano - O que é que eu fiz?

Padre Damião - Quer negar? Lembra-se das coisas absurdas que me disse na presença do emissário?

Antonio Cipriano - Um de nós deve estar fora do juízo. Um momento, padre. Não percamos a calma. Deixe-me pensar.

(afasta-se e fica de costas. entra o Emissário)

Emissario- Bem. Temos que pensar num outro prefeito desde que tonio Cipriano se encontra preso.

Padre Damião - O senhor prendeu Antonio Cipriano ?

Emissário- Que outra coisa poderia fazer? Tenho ordens expressas do Presidente para fazer impor o princípio da autoridade. O que

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.153

fez o prefeito desde a minha chegada? Confundir-me e confundir todas as pessôas. Se êle está louco que vá para um hospicio. Mas xx transformar esta cidade, a Princesa do Agreste, num vasto hospicio, isto não. Temos que estar bem atentos pois o fantasma da subversão anda por aí. (Antonio Cipriano vira-se) O que é que o senhor está fazendo aqui?

Antonio Cipriano - Querendo ver se almoço de uma vez por todas. Já passou da hora. (grita) Rosinha! Rosinha!

Emissário - O senhor subornou os guardas da cadeia!

Antonio Cipriano - Que guardas? E de que cadeia?

Emissário - A cadeia onde deixei o senhor preso.

Antonio Cipriano - Eu? Preso?

Emissário- Acho melhor o senhor voltar para lá. As consequencias disto vão ser terriveis.

Antonio Cipriano - O senhor quer insinuar o que? Que eu estou louco? (entra Rosinha)

Rosinha - (com ar de profunda felicidade) Que deseja senhor meu marido?

Antonio Cipriano - Almoçar?

Rosinha - De novo?

Antonio Cipriano - De novo como?

Rosinha - E a gente já não almoçou?

Antonio Cipriano - Você também Rosinha?

Rosinha - Eu também o que?

Emissário - Seu marido, minha senhora...

Antonio Cipriano- Cale-se! Eu estou falando...

Emissário- O senhor ousa mandar calar-se um representante...

Antonio Cipriano- Ouso sim! Cale-se! E fique muito caladinho. Quero esclarecer isto tudo de uma vez por todas. O senhor diz que me prendeu, não é verdade?

Emissário- Exatamente, e tenho testemunhas.

Antonio Cipriano - O senhor, padre Damião, diz que me esbofeteou?

Emissário- E na minha frente.

Antonio Cipriano - Você, minha mulher, diz que já almocei.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.154

Rosinha- E não almoçou, meu amor.? E com um apetite? Você, Ritinha e o safado dêsse padre que andou tirando atrevimentos com a pobre da minha irmã.

Padre Damião - Ela também !

Antonio Cipriano - Alguém aqui está louco. E como eu não sou o louco eu digo: MENTIRA! MENTIRA para vocês todos.

Rosinha - Antonio!

Emissário-Esta é demais!

(entra um guarda)

Guarda- O povo invadiu a cadeia e tirou o prefeito de lá!

Emissário- Eu bem que sabia. E o senhor aqui tentando me confundir. Sabe o que é isto! É a subversão total da ordem! É comunismo!

Antonio Cipriano(puxando um revolver)- Agora eu acabei tudo. Realmente há um movimento subversivo aqui. Mas é dirigido contra mim. Todos uniram-se contra a autoridade do prefeito. Até a minha mulher. Mas eu saberei me defender. Guarda, prenda aquêle homem ali.

Guarda- Mas, senhor prefeito, êle disse que é representante do Presidente da República.

Antonio Cipriano - Deve ser mentira. Com certeza é algum agitador a serviço de alguma potência estrangeira.

Guarda- Dos russos?

Antonio Cipriano - Ou dos chineses, franceses, ou dos alemães, que sei eu? Mas só pode ser isto. Prenda-o imediatamente.

Padre Damião - Antonio meu irmão, não se deixe levar pelo desespero.

Antonio Cipriano Agora é que o senhor se lembra que podia ser meu irmão! Mas é tarde ! Depois de ter aderido aos meus inimigos... Não, não e não. Vai também para a cadeia!

Guarda- Até o padre, senhor prefeito?

Antonio Cipriano- Até o padre. Não é o primeiro a ser preso nêste país e nem vai ser o último. Todos podem ser presos em nome da lei| até umcavalo e um padre.

(o guarda vai algemando as mãos do padre Damião e do Emissari

Padre Damião - Eu sei tudo pelo amor de Nosso Senhor Jesus (risi

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 155

Rosinha - Agora o senhor se lembra de Nosso Senhor Jesus Cristo. Mas quando estava querendo xambregar com a minha irmã...

Padre Damião - Meu Pai, meu Pai, êles não sabem o que estão fazendo.

Rosinha - Agora fica aí tentando buscar o santinho de pau ôco... Depois de fazer o que fez com a pobre da minha irmã. A coitada até pode virar uma mula sem cabeça para sempre.

Padre Damião- Algum demonio muito poderoso preparou-me esta armadilha. Ou quem sabe não foi o proprio Deus que me mandou esta provação. Eu não sei de nada do que vocês estão falando. Mas que seja tudo pelo amor de Nosso Senhor Jesus Cristo e pela salvação da almas do Purgatório.

Emissário - Exijo imediatamente um advogado.

Antonio Cipriano - Terá o advogado. Mas via para a cadeia. Basta as confusões que já causou.

(o guarda sai com padre Damião e o Emissário)

Antonio Cipriano - E agora nós, minha querida esposa.

Rosinha - Hoje foi um dia tão feliz para mim, Antonio. Há quanto tempo a gente não ficava junto.

Antonio Cipriano - E quando nós ficamos juntos hoje, senhora minha mulher.

Rosinha- - Então, não está lembrado?

Antonio Cipriano - Claro que não posso estar lembrado de uma coisa que não aconteceu.

Rosinha- Então quem foi que almoçou comigo hoje depois...

Antonio Cipriano- (com angústia) ... e depois?

Rosinha , - ... e depois, ora, , você sabe muito bem o que aconteceu!

Antonio Cipriano - Então quer dizer que eu sou um côrno?

Rosinha - Como ousa dizer uma coisa desta?

Antonio Cipriano - Se você estava com alguém então eu sou côrno. Se tenho certeza que não fui eu.

Rosinha- Estou percebendo o que você quer fazer! Quer me convencer que estou louca para me internar no hospicio e então ficar livre para fazer o que bem entender. Com certeza tem alguma sirigaita metida nisto tudo. Claro que tem rabo de saia atrás disto. Senhor, meu m

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156 p.156

sua vida , pode dizer que vou cob ra. Também tenho meu orgulho. Não vou querer ficar junto se na realidade não possuo mais o seu amor.

Antonio Cipriano - Não vamos confundir mais êste pandemônio. O que eu quero saber é se você insiste em dizer que almocei com você e depois e depois...

Rosinha Claro que insisto pois é a pura verdade.

Antonio Cipriano - Então você está realmente louca, ou então... ou então está fazendo parte dessa maldita conspiração que quer me tirar da Prefeitura. Uma das duas coisas. E só existem dois caminhos: p hospicio ou a cadeia!

Rosinha- gritando- Socorro! Socorro!

Antonio Cipriano - Que escândalo é êste? Estou batendo em você?

Rosinha - Você pensa o que? Que vai me mandar para o hospicio ou para a cadeia sem que eu tente me defender? Socorro! Socorro!

(aparecem Antonio das Almas, Sacristão e Biu)

Antonio das Almas - Agora o senhor também bate em mulheres indefesas!

(agarram Antonio Cipriano)

Biu- Oi, Cchico, que é que você fez? Eu bem que avisei : não se mete com mulher encangada.

Antonio Cipriano - E você não está preso?

Biu - Que historia é esta de eu estar preso? Eu estava casando a filha daquela senhor com um cavalo muito esquisito.

Antonio das Almas- É verdade. Consegui convencer o padre a casar minha filha com o cavalo com cabeça de gente.

Biu - Todo mundo continúa com essa maluquice de achar que sou padre. Que geito? Então casei quem êles queriam| homem com homem, gente com gente...

Antonio Cipriano- Mas isto é sacrilégio! E que história é esta de me chamar de Chico?

Biu- Você não me disse que se chamava de Chico?

Antonio Cipriano- Eu nunca disse isto na minha vida!

Biu- Que descarado! Disse sim. Falou até que tinha sido por causa uma promessa que a mãe tinha feito a São Francisco...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.157

Antonio das Almas - Nos enganou até do nome!

Biu - Por que você me enganou também? Safadoza! Passamos juntos momentos tão atrozes!

Antonio Cipriano- Quando êste pesadelo terminar eu nunca mais vou querer ver um padre na minha frente.

Biu- Que horrgo! Isto é lá maneira de se falar dos representantes de Cristo nêste mundo de cão? Por isto que aparecem certos castigos 8

Antonio Cipriano- Exijo que me soltem!

Antonio das Almas- De maneira nenhuma! O senhora já provou demais que não tem competênica para o cargo. E deante das ameaças físicas à sua dignissima esposa...

Rosinha- Mas eu não quero que êle seja preso!

Antonio das Almas - Mas vai ter que ser! Êste é um momento da maior importância para a Histoira do Caruaru e do Brasil: a Oposição toma o Poder!

Antonio Cipriano - Não pode ser! É contra a Constituição!

~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~

~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~

~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~

Antonio das Almas- A gente dá um jeito...

Biu- Eu nunca tinha assistido a uma revolução...

Antonio das Almas... - Pois agradeça a Deus estar presente num momento tão importante para a nossa cidade.

Rosinha- Vocês não podem fazer isto! Êle é meu marido e eu o amo!

Biu- Danou-se, ela se convenceu mesmo!

Sacristão- Não se incomode, dona Rosinha. O sino da igreja vai salvar a situação. (sai o sacristão)

Antonio das Almas - Quero que todos saibam que de agora por deante a Jsutiça e a Liberdade voltaram para a nossa cidade. Faremos uma anistia geral e todo o poder será dirigido pelo povo. Como primeira providência mandarei buscar no Recife um poderoso guindaste cravejado de brilhantes.

Biu- Que bonitinho!

(ouve-se o sino tocando com violência- balbúrdia geral)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 158

150

Vozes: O que terá acontecido?

Será incendio?

O fim do mundo!

Meu Deus, socorro-me!

(a cena é um caos- grande correria- o sino continua tocando gritos)

luz em cima de Rosinha e Sacristão

Sacristão- Dona Rosinha, Dona Rosinha, é o fim do mundo mesmo. O seu marido virou dois!

Rosinha- Como virou dois?

Sacristão- Dois, dona Rosinha. Eu vi. Eu vi. Meu Deus do céu! Os dois se encontraram, olharam-se no fundo dos olhos, deram um grito terrivel e desmaiaram.

Rosinha - Virou dois? Mas como pode ser isto?

Sacristão - O capeta, dona Rosinha. O capeta tem artes terriveis e em fim.

(entra o guarda correndo)

Guarda- Socorro! Socorro!

Rosinha - O que foi , sêo guarda?

Guarda-O padre, dona Rosinha! O padre!

Sacristão- Morreu? O padre morreu?

Guarda-Antes fosse! Mas o padre virou dois, minha gente. Virou dois!

Rosinha- O padre também, meu Deus do céu?

Guarda- Por que também?

Sacristão - Está todo mundo virando dois. O prefeito já virou e agora chegou a vez do padre.

Guarda - Ai, meu Deus do céu, aqui eu não fico mais!

(o guarda sai correndo)

Sacristão - E agora, dona Rosinha? O que vai ser de nós?

Emissário (entra correndo) - Fujam, fujam. Procurem asilo numa embaixada. Eu nunca vi uma subversão dêste tipo. O diabo saiu das profundas para ajudar seus aliados. Está todo mundo virando dois!

(Emissário sai correndo)

(entra Antonio Cipriano)

Antonio Cipriano - Rosinha... Rosinha...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p.159

75/35

Rosinha- É você mesmo eu é o outro?

Antonio Cipriano - Você é também viu o outro?

Sacristão - E o padre também virou dois!

Antonio Cipriano - O padre também !

(Antonio Cipriano desmaia- Biu entra- O sacristão olha para Biu dá um grito e desmaia também)

Rosinha - Afaste-se de mim ! Afaste-se de mim!

Biu - Mas o que é que está acontecendo?

Rosinha - Você é o outro! Você é o outro!

Biu - O outro? Ele também sabe que virei dois? Ai, meu Deus do céu! Se sendo um só seu já me dava muito trabalho, agora que sou dois como vai ser? (sai correndo)

Rosinha - O que vai ser de mim?

Voz de Biu (fóra) O Outro!

Voz do padre Damião (fora) - Você é o demonio! Você é o demonio!

Rosinha - Os dois encontraram-se ! (desmaia)

Padre Damião (entrando) (empunhando uma cruz) - Vade retro Satanaz. Deste desta Cruz sacrossanta, não vencerás! (olha para Loinha, Sacristão e Antonio Cipriano) Meu Deus, estão mortos! (desmaia) (acena escurece. O sino toca com violência- Neste momento padre Damião e Antonio Cipriano são substituídos por outros atores) O sino toca com violência)

Vozes: O capeta está solto!

O padre virou dois!

O prefeito virou dois!

Socorro! Socorro! É o fim do mundo!

(entram as duas velhas)

Primeira velha- Que lugar será êste cheio de tanto grito e horror!

Segunda velha- - Devia ser Caruaru. Mas pelo visto é aterro onde o capeta perdeu as botas.

Primeira velha- Ah, que sina será essa nossa que nos fez deixar nossas casas em busca dos filhos fujões e vir , as duas, cair no meio dêste inferno?

Segunda velha - Veja! Quantos mortos!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p.160

Primeira velha - Parece até um campo de batalha!

Segunda velha- Sangue e desolação...

Primeira velha - Morte e consumição!

Segunda velha- Bão ba la lão !

Primeira velha Senhor cabitão!

Segunda velha (agarrando-se ao filho) - Chico!- Chico, filho meu!

Primeira velha (agarrandose ao filho) - Biu! Biu!

Segunda velha - Desgraçada de mim!

Primeira velha Ai de mim, desventurada!

(entra Biu)

Primeira velha - O que é isto? Vai, Satanás! Que visagem é esta que pretende alucinar minha vida inteira? Por que você não volta para a profundas, filho meu, e deixa esta pobre velha meem paz?

Biu - Mãe! Mãe, estou vivo!

Primeira velha - Como está vivo se abraço teu cadaver?

Biu - Não azára, mãe. Que mania!

Primeira velha - Vai:te para as profundas, filho meu!

Biu - Acaba com isso, mãe. Eu já estou tão atrapalhado. Eu virei dois

Primeira velha- Virou dois? O que isto significa?

Biu - Eu sei lá o que isto significa! Eu só sei que virei dois. xxx

Tem eu e um padre!

Primeira velha - Será êste que estreito aos meus braços?

Biu - É êle mesmo! Ai, Jesus, se o outro morreu é que vou morrer também.

Primeira velha- Será? Mas êle não está morto! Êle respira! Ô dia abençoado. Deve ser o filho que a cigana me roubou. Encontrei meus dois filhos!

Segunda velha - O mundo é assim mesmo. Uns com tanto, outros com tão pouco. Eu com o cadaver do meu filho, você com dois filhos vivos de uma vez só, de supetão.

(entra Chico)

Segunda velha- Chico, filho meu!

Chico - Mãe!. Mãe, eu estou num cagaçO!

BR.DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 (p. 161

753 1965
37 Vol

Primeira velha- Feliz de mim!

Segunda velha- Feliz de nós!

As duas velhas - Ah, afortunadas!

(as duas velhas agarram-se aos filhos- luz em Antonio das Almas)

Antonio das Almas - Venham ver os grandes prodigios. Venham todos! A mulher mais alta do mundo casada com um cavalo que tem cabeça de gente! Na casa ao lado, a mulher mais gorda do mundo que come dois bois por dia, dez pacotes de macarrão e alguns quilos de barro como sobremesa; e na Prefeitura, um cantador cantará para vocês a historia lancinante e cheia de peripécias de dois e seis de gêmeos que foram separados na infância pela ação criminosa de uma cigana e depois de muita desventura voltaram a se encontrar. Venham todos! Os maiores prodigios de uma época extraordinária na terra mais feliz do mundo: o Nordeste brasileiro! Um dolar. Um dolar, por favor. Só aceitamos pagamento em dolar. Um dolar... Um dolar...

FIM

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL — GB

D.F.S.P.
015200 | 18 MAR 68

MEM.º N.º 155/68
Data 14.03.1968

754
1968

Do Chefe da TCDP - DR/GB - DPF
Para o Sr. Chefe da SCDP - DPF -
Assunto: Remete expediente

Senhor Chefe:

Para os devidos fins, encaminho a V.S., o parecer sôbre o ensaio-geral da peça teatral " O CAPÊTA DE CARUARÚ", feita pelo Censor Luiz Menezes e cópia da letral musical, pedindo inclusão na referida peça e um requerimento do responsável do filme "ESPELHO DA VIDA", solicitando a expedição de 2º via de certificado, em virtude do extravio da primeira via.

Aproveito o ensejo para apresentar a V.S. protestos de consideração e aprêço.

Chefe da TCDF - DR/GB - DPF

Obs: O requerimento referente ao filme foi encaminhado a S. Censura 1/Prot. 52/68 E. 14/3/68

SRA. - DA. - D. F. S. P.
RECEBI em 14/3/1968 AS 12 HS.
ASS
CHEFE SUBSEÇÃO RECEBIMENTO (SSER)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 162

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 6156, p. 163

encaminhado ao Sr. Chefe do S.C.D.P. — Brasília — em 13/03/68

155

M. J. N. I. — D. F. S. P. — DELEGACIA REGIONAL — GB

PEÇA TEATRAL - "O CAPÊTA DE CARUARÚ"

PARECER SÔBRE O ENSAIO-GERAL

Recebemos para ensaio-geral o texto deste espetáculo de Aladomar Conrado. Na noite de 12 do corrente, efetuamos o ensaio e anotamos os seguintes córtes, embora o texto original, censurado por Brasília tenha sido liberado sem córtes:

Nas páginas 14,15 e 16, a letra da música foi suprimida pela própria produção. Em sua substituição e, à última hora, pediram autorização a êste censor para incluir uma outra letra, que anexo a presente. Nesta, contudo, resolví suprimir o verso 3, pela maneira com que foi dita a frase final do mesmo. De frente para o público, em marcação de centro, na primeira, a expressão pornográfica é dita com impacto grosseiro e chulo. Embora reconheçamos a situação em que, no decorrer do texto esta mesma expressão é dita, sem ferir e pela sua propriedade, não concordamos, todavia, com o verso em referência. Todo o restante da letra musicada, sem alterações que justifiquem censura.

As expressões assinaldas (mas não cortadas por Brasilia) foram, no ensaio-geral, ditas entre ruidos de trovões ou em alarido generalisado dos demais protagonistas. Não merecem, em realidade, especial atenção da censura.

Também foi censurada a marcação feita pelo personagem "rapazote", na cena II, página 11, quando, em oração, promete a Deus "não mais fazer aquela brincadeirinha de mão que faz tôda a noite", e gesticula imitando o onanista. Isso foi cortado por êste Censor.

Na página 4, do Primeiro ato, Quadro I, foi acrescida a seguinte frase, dita por uma das bruxas:"MERDA, isso não estava nos meus planos". A ênfase da palavra MERDA foi imprópria e desnecessária. Em nada contribuiu para a revolta da bruxa e muito menos colorriu o texto. Sugerimos que a mesma fosse trocada por qualquer outra interjeição, no que foi aceito pelo autor e diretor do espetáculo.

No mais, transcorreu sem anormalidades o ensaio-geral, estando êste Censor conforme com o texto encenado.

Era o que tinhamos a informar a esta Chefia.

Rio de Janeiro, 13 de março de 1968.

Luiz Menezes
Censor

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0256, p.164

Sr. Chefe SCDP.

O Censor que examinou a peça retro citada não lhe deu a classificação, pelo que não me é possível emitir classificação.

À consideração superior
DF. 22/03/68

TCC

Ciente.
Ao Sr. Chefe do SCDP
Em 25/03/68

Chefe Seç. Cens.

De acôrdo.
Em 24/3/68

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. OL56,p.165

156
179

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

1. Já vai meu filho querido
Corda do meu coração
Oh, quanto ele ten sofrido
Nestas terras do sertão.
Filho meu desventurado
O teu destino é sofrer.
Quem neste mundo malvado
Vai alegrar teu viver?
Sei que vais chorar por mim
Também vou chorar por ti
O teu pranto não ten fim
E eu fico chorando aqui.

2. Meu irmão da caridade
Morador da Bordoégua
Dê uma esmola ao pobre cego
Bando de filho de uma égua.

3. Meu irmão da caridade
Morador da Vargem Curta
Dê uma esmola ao pobre cego
Bando de Filhos da Puta.

4. Na noite escura, ôi Iaiá
Acende a vela
Sete coroas, papapá
Lá na favela

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0256, p.166

157

Debaixo da bananeira

Onde as meninas vão me ver.

Na noite... etc.

O cachorro quando late

No buraco do tatú

Põe espuma pela boca

E chocolate a 1.500

Na noite... etc.

O empregado lá de casa

Subiu no pé de cajú

Despencou de lá de cima

Rasgou as pregas do bolso.

Na noite... etc.

5. Meu irmão da cara chata

Perna de urubú cangueiro

Se não me der uma esmola

Eu cago no seu tereeiro.

6. INCELENÇAS

Uma incelença é da virgem do rosário

Que do vosso ventre formou-se um sacrário

Sacrário aberto, senhor saiu fora

Acompanha esta alma pro reino da Glória.

Petronila se levanta pra vestir

A derradeira camisa

Que já deu uma hora, deu um dia

De tu te apartar de tua familia

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0256,p.167

158

Padre Cicero, mandou, mandou, mandou
Uma incelença, mandada pelo Senhor
Mãe minha, ó, mãe minha
Ai que dor no coração
Abre a porta Pedro
Abre por favor
Prou tirar meu braço
Que a porta imprensou.
Tenho o meu rosário
Pra nêle eu rezar
Mais Nossa Senhora
Quando eu lá chegar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 168

159

Senhor Chefe da Seção de Censura

Em anexo, encaminho a peça abaixo indicada, com o voto do Censor MONTEBELO ,que procedeu ao exame da mesma.

NOME DA PEÇA: " O CAPETA DE CARUARU "
AUTOR: ALDOMAR CONRADO
RESTRIÇÃO SUGERIDA: INTERDIÇÃO

SR. CHEFE

EXAMINANDO A PEÇA E O PARECER DO CENSOR MONTEBELO, QUE SOLICI-
OBSTA A INTERDIÇÃO DA PEÇA EM QUESTÃO ; SOU DE OPINIÃO QUE A MESMA SEJA LIBERADA COM CORTES E COM A IMPROPRIEDADE DE 18 ANOS. ALGUNS TERMOS ASSINALADOS COM DUVIDAS PELO CENSOR MONTEBELO SÃO REGIONAIS E JUSTIFICAM-SE NO MEIO AMBIENTE EM QUE VIVEM OS PERSONAGENS DA PEÇA - ASSIM SOU PELA SUA LIBERAÇÃO .

Em 13/2/68

JOSE AUGUSTO COSTA
Chefe da T.C.T.C.

VISTO :

Encaminhe-se o presente processo à apreciação do Senhor Chefe do SCDP, para a decisão final.

Em

Chefe da Seção de Censura

DESPACHO

Expedir os certificados de Censura de acôrdo com voto do Censor

Em

CHEFE DO SCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 169

160

D.F.S.P.
003881 18 JAN 68

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DELEGACIA REGIONAL — GB

SEÇÃO DE CENSURA FEDERAL = DR/GB

Of. 010

Em 15 de janeiro de 1 968

Do Chefe da Seção de Censura Federal - DR/GB

Ao Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas - DPF.

Assunto: remete expediente.

Senhor Chefe,

Tendo em vista o que determina a Portaria nº 768/67, dêsse SCDP., encaminho a Vossa Senhoria, o incluso expediente / ralativo as peças teatrais intituladas "MAES EM AÇÃO"; "UM BONDE / CHAMADO DESEJO" e "CARETA EM CARUARU", de autorias de Maria Lerner/ Rozansky, Tennessee Williams e Aladomar Corado, respectivamente.

Ao ensejo reitero a Vossa Senhoria os protestos / de minha alta estima e distinta consideração.

Chefe da Seção de Censura Fed.
DR - GB.

SRA. - DA. - D. F. S. P.
RECEBI em 18/01/1968 AS 10 HS.
ASS.
CHEFE SUBSEÇÃO RECEBIMENTO (SSER)

Censor
Fortunato para exame
Em 7/2/68

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p.170

161

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092. de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso. 97 · 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Rio de Janeiro, 15 de Janeiro de 1968

Sr.

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

De ordem, e de acôrdo com a Port. 768/67, envie-se para SCDP, Brasília.
Em 15.01.68

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V.S., para fins de CENSURA, ~~XXXX~~ TRES cópias da peça:

O CAPETA EM CARUARU - de Aldomar Conrado

próxima apresentação do GRUPO 3

no Teatro NACIONAL DE COMEDIA

com estreia marcada para o dia 10 de Março de 1968

Sem outro assunto, subscrevemo-nos, com a maior consideração,

Djalma Bittencourt
Superintendente

D.P.F. - DELEGACIA REGIONAL - GB
SEÇÃO CENSURA FEDERAL
PROTOCOLO N.º 0398
DATA 15 / 1 / 1968
ASSINATURA

em caminhar

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156, p. 171

Para o Censor
Nelson Marabuto
Domingues exa-
minar e dar
parecer.
Brasília - 23/1/68

Do: Censor Federal Conolano de L.C. Fagundes
Ao: Chefe do "SCDP
Assunto: Parecer (apresenta)

16²

Vara

Sr. Chefe,

Atendendo à solicitação verbal de V.S., examinei a peça "O Capeta de Carnaval", de Stadomar Conrado, já anteriormente censurada pelo censor auxiliar do Estado de São Paulo, Sr. Constâncio Montebello.

Relativamente à grande maioria das expressões assinaladas no texto, podem ser elas rudes, próprias do sertanejo nordestino, mas nunca imorais ou obscenas.

Assim sendo, sugiro seja a mesma liberada, para maiores de 18 (dezoito) anos, com exclusão das expressões assinaladas no texto respectivo, em azul e rubricadas pelo signatário, e após vistos, no ensaio-geral, de que consiste o "stip-tease" assinalado na fôlha 6.

Atenciosamente,

Corintiano de Fagundes
(Censor Federal 2095823)

Obs.: Cortes sugeridos estão às fôlhas 1, 4 e 16.

1 e 4

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 e 172

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 173

Expedir os certificados de Censura com a Impropriedade para menores de 18 anos - sem cortes - conforme determinação do Senhor Diretor Geral.

Solicitar à Turma de Censura da GB a marcação de um ensaio geral.

Em 8/3/68

[signature]

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 174

163

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 83/68.

PEÇA "O CABEÇA DE CARDARU"

ORIGINAL DE ALADOMAR CONRADO

Serv. de Censura de Diversões Públicas - D. P. F.

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 08 de MARÇO de 19 69

CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO ATÉ 18 ANOS

Brasília, 08 de MARÇO de 19 68

MANOEL FELIPE DE SOUZA LEÃO NETO
Chefe do S. C. D. P.

M. J. — D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº -01- fôlha nº 04, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada "O CAPÊTA DE CARUARU"

Original de ALADOMAR CONRADO

Tradução de XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Adaptação de XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Produção de XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Tendo sido censurada em 08 de -MARÇO- de 1968 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18(DEZOITO) ANOS - SEM CORTES - CONFORME DETERMINAÇÃO DO SENHOR DIRETOR-GERAL DO DPF.

Brasília, 08 de MARÇO de 1968

JOSÉ AUGUSTO COSTA
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

DPF. SAv. 7034-PFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p.175

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 176

164

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

FICHADO
S. A. DCDP

São Paulo , 05 de março de 1975

RECEBIDO POR: SRA/FICHADO
17 ABR 09 14 75
MJ-DPF
11534
SR/SP

Ilmo. Sr.
Diretor do Departamento de Censura Federal
(Departamento de Polícia Federal)
Brasilia D F

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa. para fins de CENSURA, tres copias da peça

"O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU"

Original de ALDOMAR PRADO

Tradução de XXXXXXXXXXXXXX

Próxima apresentação de F E A N T A - SANTO ANDRÉ

Teatro DOVERSOSO Cidade SANTO ANDRÉ

Estado SÃO PAULO

A estréia está prevista para MÊS DE ABRIL DE 1975

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração,

De Ordem
Ao Arquivo.
Em, 15.04.75

Ilmo. Sr. Dr. Solon.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
Pela SBAT
★ 05 ABR 1975 ★
SUCURSAL SÃO PAULO
Visto:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.177

165

Ilmo.Sr.

DIRETOR DA CENSURA FEDERAL

(DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL)

BRASILIA -DF

FEANTA,com sede na cidade de Santo André e através de sua representante abaixo assinada,vem requerer a V.Sa que se digne mandar censurar a peça "O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU ", de autoria de Aldomar Conrado,cujas tres cópias do texto seguem anexa.

Nestes termos,

P.Deferimento.

P/P

F E A N T A

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p.178

166
~~102~~
VAN

TEATRO

TÍTULO "O CAPETA DE CARUARU
SUB-TÍTULO- O APOCALÍPSE"

1) S. ARQUIVO

Documentação em ordem
Clas. Anterior 18 anos
Praça Sto André - SP
Obs.:

DF. 16/04/75

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura
Técnico de Censura
Técnico de Censura
Data para Exame de __/__/__ a __/__/__
DF. __/__/__

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Sr. Dir. D.C.D.P.
De acordo com a impropriedade de 18 (dezoito) anos.
Em 25/04/75

Manoel Francisco Clavery Guido
Chefe do Serviço de Censura
Subst.

3) S. C. T. C. Concordo com o parecer nº 2832-75.
1 — À Exp. para emitir certificado com impropriedade para menores de 18 anos, sem cortes, todavia, condicionado ao exame do ensaio geral.
2 — À consideração do Sr. Chefe do SO.
Em 18/04/75.

Florivaldo de Carvalho Queirós
Subst. Chefe da Seção de Censura do Teatro e Congêneres / SO

5) Diretor da D. C. D. P.

Libere-se
25.4.75

ROGÉRIO NUNES
Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0456, p.179

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

167
1993
VOLTE

PARECER Nº 2832 / 75

TÍTULO: "O APOCALIPSE"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 ANOS

CONFRONTAÇÃO

ANTE A CONFRONTAÇÃO - ORIGINALxTEXTO TO ATUAL - NADA ENCONTRANDO QUE INFRINJA DISPOSITIVOS " CENSÓRIOS, SUGIRO SEJA MANTIDA A MESMA CLASSIFICAÇÃO ANTERIOR - 18 ANOS.

Brasília, 17 de abril de 1975

- CORRÊA LIMA -
(Censor)

168

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.180

323/75 SCTC/SC/DCDP

Superintendente Regional do DPF em São Paulo

O APOCALÍPSE

PAULO COELHO DE SOUSA

Superintendente:

Santo André - SP

MFCG/ecp

169

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156 p. 181

1085/75

: O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU

: ALDOMAR PRADO

25 ABRIL 80

25 ABRIL 75

ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE

: O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

: ALDOMAR PRADO

: FEANTA - SANTO ANDRÉ - SP -

17 ABRIL 75

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.:::::::::::::::::::

REQUERENTE:

25 ~~ABRIL~~ 75

MANOEL FRANCISCO C. GUIDO - SUBST.

mhf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156 ip.182

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0456, p. 183

170

FICHADO
SA DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
M. J. DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SUPERINTENDENCIA REGIONAL EM SÃO PAULO

SRA/FICHADO

Of.
Nº 5255/75-SCDP/SR/SP

Em, 03 de dezembro de 1975.

Senhor Diretor

Com o presente encaminho a V.Sa., para os devidos fins, os relatórios de ensaios gerais das peças teatrais "O TRAÍDO IMAGINARIO" original de Moliere, "APOCALIPSE" - de autoria de Aldomar Conrado, "VAMOS BRINCAR DE TEATRINHO" original de Magno Bucci, "ILUSÃO DIABÓLICA" de autoria de José A. Barbosa da Silva, "MURO DE ARRIMO" original de Queiroz Telles e seus respectivos certificados.

Anexo ainda, segue tres vias do texto e duas vias do certificado da peça teatral "O ULTIMO BOLERO EM - SOROCABA" original de Mah Iully em virtude da reformulação dos referidos textos.

Na oportunidade, renovo a V.Sa., protestos de estima e consideração.

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmº. Sr.
DR. ROGERIO NUNES
DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
B R A S I L I A/DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156, p. 184

171

TEATRO

TÍTULO APOCALIPSE
de
Aldomar Conrado.

1) [redacted]
SCTC
Documentação
Clas. Anterior 18 anos.
Praça São Paulo
Obs.: Ensaio Geral - Par. 351-75.

DF. 12/12/1975.

Chefe Seção [redacted]

2) PROGRAMAÇÃO
Técnico de Censura
Técnico de Censura
Técnico de Censura
Data para Exame de __/__/__ a __/__/__
DF. __/__/__

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

3) S. C. T. C. À Seção de Expedientes, para, de acordo Of. 5255-75-SCDP-SR-SP, que encl. Rel. Ensaio Geral - Parecer 351-75, expedir certificados em definitivo, c/improbridade para menores de 18 anos, sem cortes.
2 — Encaminhe-se à Chefia.
Em 10-12-75.

Heitor de Carvalho Queiróz
Subst. Chefe da Seção de Censura de
[illegible] / SC

5) Diretor da D. C. D. P.

Libere-se. Processo anterior.
Em 12/12/75

Coriolano de Loyola Cabral Fagundes
Chefe do Serviço de Censura - D.C.D.P.

DPF—538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 185

Parecer 351/75

APOCALIPSE

L8 (dezoito) anos

Procedi ao exame do ensaio geral da peça supra citada encenada pelo Grupo Teatral Andreense./
Trata-se de uma comédia cujo tema principal envolve uma vingança.
Opino pela sua liberação com impropriedade para menores de 18 (dezoito) anos.

São Paulo, 18 de novembro de 1975.

Sônia A. Lourenço Malago

Sônia Aparecida Lourenço Malago
Técnica de Censura nº. 296

S.Paulo, 20/11/75

1. De acordo com o parecer censório, remeta-se à Brasilia.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.186

, 18 de dezembro de 1.975

: 1682/75-SCTC/SC/DCDP

: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas-DCDP

: Sr. Superintendente Regional do DPF em São Paulo-SR/SP

: A P O C A L I P S E "

Anexo: 1ª e 2ª vias do certificado

Ref. Of. nº 5255/75-SCDP/SR/SP

Senhor Superintendente:

Com o presente encaminho a Vossa Senhoria as anexas 1ª e 2ª vias do certifiçado da peça teatral supracitada de autoria de Aldomar Conrado, de acordo com o ensaio geral solicitado à DCDP, pelo ofício acima mencionado.

Na oportunidade, renovo a Vossa Senhoria protestos de estima e consideração.

ROGÉRIO NUNES
Diretor da DCDP

/fmfn.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 187

174

1085/75

: APOCALIPSE

: ALDOMAR CONRADO

17 DEZEMBRO 80

17 DEZEMBRO 75

ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS

18

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

: APOCALIPSE

ALDOMAR CONRADO

: GRUPO TEATRAL ANDREENSE - SP -

10 DEZEMBRO 75

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.::

17 DEZEMBRO 75

Coriolano de Loiola Cabral Fagundes

CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES

DEZOITO ANOS

mhf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156.p.188

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156, p.189

175

MJ-DPF-SRA/BSB

16 JUL 11 02 76 028272

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL/ES

SEÇÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

RECEBIDO POR:

SRA/FICHADO

Vitória, ES, Em 13/07/1976

Ofº nº 354/76/SCDP-SR/DPF/ES

Do: Superintendente Regional do DPF/ES

Ao: Sr. Diretor da DCDP/DPF/DF

Assunto: Peça Teatral (encaminha)

Ao arquivo verificar e prosid. Em 16/7/76

ROGÉRIO NUNES
Diretor da DCDP

FICHADO
S. A. DCDP

Senhor Diretor:

Com o presente encaminhamos a V.Sa., os textos da peça teatral intitulada " O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU", de autoria de Aldomar Conrado, solicitando mandar proceder o competente exame censório de conformidade com a legislação vigente.

Na oportunidade renovamos a V.Sa., protestos de consideração e apreço.

Milton Barbosa

Cel. MILTON BARBOSA DOS SANTOS
Superintendente Regional

À SCTC,
para providencia
Em 19/7/76

Arésio Teixeira Peixoto
Chefe do Serviço de Censura - DCDP
SUBSTITUTO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.190

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESPÍRITO SANTO

Ilmo. Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas de Brasilia - D.F.

AFONSO BRAGA DE ABREU E SILVA, casado, Funcionário desta FUNDAÇÃO, Chefe do Setor de Promoções, portador da Cédula de Identidade nº 123.483, expedida pelo Departamento de Polícia Técnica - Secretaria de Segurança Pública do Estado do Espírito Santo, em data de 22 de dezembro de 1964 e CPF. nº 159.636.597, vem, mui respeitosamente, requerer a V.Sª, conforme determinação em Lei, aprovação **do script da peça "O APOCALÍPSE OU O CAPETA DE CARUARÚ", do autor Aldomar Conrado, previsto para os dias 17 e 18 de agosto de 1976, no Teatro Carlos Gomes.**

Nestes Termos
P. Deferimento

Vitória, **08 de julho de 1976.**

Fundação Cultural do Espírito Santo
Afonso Braga de Abreu e Silva
Seção de Promoções

P.C.U:

BR DFANBSB NS.CPP TEA.PTE. 0156 (P.191

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESPÍRITO SANTO

Ilmo. Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas de Brasilia - D.F.

AFONSO BRAGA DE ABREU E SILVA, casado, Funcionário desta FUNDAÇÃO, Chefe do Setor de Promoções, portador da Cédula de Identidade nº 123.483, expedida pelo Departamento de Polícia Técnica - Secretaria de Segurança Pública do Estado do Espírito Santo, em data de 22 de dezembro de 1964 e CPF. nº 159.636.597, vem, mui respeitosamente, requerer a V.Sª, conforme determinação em Lei, aprovação **do script da peça "O APOCALÍPSE OU O CAPETA DE CARUARÚ", do autor Aldomar Conrado, previsto para os dias 17 e 18 de agosto de 1976, no Teatro Carlos Gomes.**

Nestes Termos
P. Deferimento

Vitória, **08 de julho de 1976.**

Fundação Cultural do Espírito Santo
Afonso Braga de Abreu e Silva
Seção de Promoções

P.C.U:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 192

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESPÍRITO SANTO

Ilmo. Sr. Chefe da Seção de Censura de Diversões Públicas da Divisão de Polícia Federal do Estado do Espírito Santo.

AFONSO BRAGA DE ABREU E SILVA, casado, Funcionário desta FUNDAÇÃO, Chefe do Setor de Promoções, portador da Cédula de Identidade nº 123.483, expedida pelo Departamento de Polícia Técnica - Secretaria de Segurança Pública do Estado do Espírito Santo, em data de 22 de dezembro de 1964 e CPF. nº 159.636.597, vem, mui respeitosamente, requerer a V.Sª, conforme determinação em Lei, as providencias de praxe em relação ao ofício anexo, que encaminha o script da peça **"O APOCALÍPSE OU O CAPETA DE CARUARÚ" do autor Aldomar Conrado, previsto para os dias 17 e 18 de agosto 1976,** ao Ilustríssimo Senhor Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas de Brasilia - D.F.

Nestes Termos
P. Deferimento

Vitória, **08 de julho de 1976.**

Fundação Cultural do Espírito Santo

Afonso Braga de Abreu e Silva
Seção de Promoções

P.C.U:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0456,p.193

179

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sêde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3° andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil

Vitória, 12 de julho de 1.976

ILMO.SR.

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DO DPF/ES.

PREZADO SENHOR.

Vimos pela presente, na falta do impresso oficial, autorizar, para fins de Censura, atendendo pedido da Fundação Cultural do Espírito Santo, a peça intitulada "APOCALIPSE" ou "O CAPETA DE CARUARU", de autoria de Aldemar Conrado.

Sem mais, firmamo-nos

Atenciosamente

Hilton Pinheiro Novaes
Representante

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.194

TEATRO

TÍTULO O apocalipse ou o Capetor da Carnaval

Aldomar Conrado

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 18 anos

Praça ES

Obs.:

DF. 20/ 07/ 76/

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de dezoito anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de Censura, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 19 de agosto de 1976

Jeanete M. de Oliveira Farias
Ch. SCTC - SC/DCDP
Substituto

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação: 18 anos

Brasília-DF, 24/ 08/ 76

ROGÉRIO NUNES
Diretor/DCCP

DPF-538

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

181

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 195

PARECER Nº 4524 / 76

TÍTULO: "O Apocalipse ou O Capeta de Caruaru" - Teatro.

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 Anos. - Confronto.

Trata-se de peça por diversas vezes liberada com impropriedade de 18 Anos. Estando o presente texto em consonancia com os anteriores, opino pela liberação, nas mesmas condições.

Brasília, 17 de agosto de 1976

V/Alencar Monteiro-TC

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0256 ip.196

797/76-SCTC/SC/DCDP 18/08 6

Superintendente Regional do DPF no Espirito Santo

O APOCALÍPSE OU O CAPÊTA DE CARUARÚ

Aldomar Conrado

Superintendente:

VITÓRIA-ES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156 p.197

783

1085/76

: O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU

: ALDEMAR CONRADO

24 AGOSTO 81

24 AGOSTO 76

ROGÉRIO NUNES

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 DEZOITO ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156.p.148

O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU

: ALDOMAR CONRADO

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESPÍRITO SANTO - ES -

19 AGOSTO 76

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

24 AGOSTO 76

CURIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES

mhf

SRA/FICHADO
MJ-DPF-SRA/BSB
-7 DEZ 1059 76 045409
RECEBIDO POR
DPF-SRA fl. n.º Rub.

784

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL

Of. nº 922/7 - SCDP-SR/RJ Em 03/12/1976

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto : encaminhamento (faz)

Ref. prot. nº 48.596 /1976 - SR/RJ

FICHADO S.A. DCDP

Peça: O APOCALÍPSE OU O CAPETA DE CARUARÚ

Autor: Aldomar Conrado

Requerente: Sociedade Unificada de Ensino Superior Augusto Motta

Senhor Diretor:

Para cumprimento do que dispõe o sub-item 1.1 da Portaria nº 42/75-DCDP, de 26.11.75, encaminho a Vossa Senhoria um exemplar do texto da peça acima referenciada.

Renovo-lhe, neste ensejo, os protestos de minha consideração e distinguido apreço.

Chefe do SCDP-SR/RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156 p.199

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0256 | p.200

185

TEATRO

TÍTULO O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU

Aldomar Conrado

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 18 ANOS

Praça RJ - RJ

Obs.:

DF. / 05 / 01 / 77

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de dezoito anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de censura, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 21 de março de 1977

Maria Ariete L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 23 / março / 1977

Arésio Teixeira Peixoto
Chefe do Serviço de Censura - DCDP
SUBSTITUTO

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.201

38/77-SCTC/SC/DCDP 05 janeiro 77

no Rio de Janeiro

922/76-SCDP/SR/RJ

"O APOCALÍPSE OU O CARETA DE CARUARU"
Aldomar Conrado

083

18 (dezoito) anos.

ROGÉRIO NUNES

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

187

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p-202

PARECER Nº 1024 /77

TÍTULO: "O APOCALÍPSE OU O CAPETA DE CARUARÚ", de Aldomar Conrado

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 (DEZOITO) ANOS

Confrantando o presente texto com o apreciado em exame censório anterior, constatei, entre ambos, perfeita identidade de conteúdo. A linguagem permaneceu semelhante, com supressão de determinados diálogos, alguns dos quais submetidos à"cortes" anteriores. Observei também, que ao presente texto, foram acrescentadas algumas frases referentes não mais à situação política de Caruarú, mas em termos de Brasil. Contudo estas modificações não alteram o conteúdo da peça, pelo que sou de parecer que seja mantida a mesma classificação anterior: 18 ANOS (DEZOITO)

Brasília, 17 de março de 1977

Moacir das Dores

Moacir das Dores

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156, p. 203

389/77-SCTC/SC/DCDP 21/03 7

Superintendente Regional do DPF no Rio de Janeiro

O APOCALÍPSE OU O CAPETA DE CARUARU

Aldomar Conrado

Superintendente:

RIO DE JANEIRO-RJ

P/ ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p.204

189

083/77

: O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU

: ALDOMAR CONRADO

25 ABRIL 80

23 MARCO 77

ROGÉRIO NUNES

IMPRÓPRIO PARA MEIO DE DEZOITO ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

: O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU

: ALDOMAR CONRADO

SOCIEDADE UNIFICADA DE ENSINO SUPERIOR AUGUSTO MOTTA - RJ

21 MARÇO 77

: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

23 MARÇO 77

ARÉSIO T. PEIXOTO

mbf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0756/p.205

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.206

190

MJ-DPF-SRA/BSB
Em 21/06/77 N.º 20068
RECEBIDO POR:
SRA/FICHADO

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

OFÍCIO Nº 529 /77-SCDP/SR/RJ Em 17.6.77

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas/RJ

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto : Aditamento (faz)

FICHADO
S. A. DCDP

De ordem
ao Arquivo
em 23.06.77

Senhor Diretor:

Em aditamento ao Ofício nº 922/77-SCDP/SR/DPF/RJ, para fins do disposto do sub-item 1.4 da Portaria nº 42/75, de 26.11.75, encaminho a V.Sª. cópias dos pareceres e do relatório do ensaio geral da peça "O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARÚ", de Aldomar Conrado, liberada com impropriedade para menores de 18 (dezoito) anos, com cortes as páginas 28, 50, 51, 54, 55, 56, 59, 63, 66, 68 e 71 (xerox anexas), na forma do referido ensaio geral.

Junto, segue cópias xerox de letras musicais inseridas no mesmo espetáculo, aprovadas por este SCDP.

Restituo também, o certificado nº 083/ 77 expedido por essa Divisão, para fins de ser feita menção aos citados cortes.

Na oportunidade, renovo a V.Sª. protestos de consideração e apreço.

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe do SCDP/SR/RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.207

28

ANTONIO CIPRIANO — É ou? Como autoridade lenho [illegible] uma providencia.

SEGUNDA BEATA — Mas que providência?

ANTONIO CIPRIANO — Não sei. Mas temos que inventar. Chamar o Corpo de Bombeiros, pedir ajuda ao Exército. Mobilizar tudo e todos. E prepararmo-nos para o pior.

SEGUNDA BEATA — O prefeito acha que ainda vai acontecer mais coisas?

ANTONIO CIPRIANO — Quem pode jurar? Mas também quem pode afirmar o contrário? Quantas coisas numa só noite. O que o restante dos dias nos reserva? Não. Não me espantarei mais de nada. Se vir línguas de fogo cançando pelo céu acharei tudo muito natural. (Olhando para Sigismunda) Pobre moça! Ainda ontem tão tranquila, fazendo o enxoval do seu noivado...

SIGISMUNDA — Pai, dê um jeito de me tirar daqui.

ANTONIO DAS ALMAS — Não fale assim que me dá uma dor no coração... Como eu posso tirar você daí, filha minha! A falta que faz um bom guindaste numa terra como esta. Bem que vivíamos dizendo, senhor prefeito, que a cidade precisava de um guindaste. Era como se a gente estivesse adivinhando. Mas não... O dinheiro do município servia pra tudo, menos para o guindaste. Agora eu sinto na carne a falta do guindaste. Que posso fazer por minha filha? Ela fica exposta neste sereno, e não pode ser nada bom para a sua saúde. A administração pública neste país está muito longe do que se pode desejar.

ANTONIO CIPRIANO — Então o senhor me acusa de não saber administrar o município?

ANTONIO DAS ALMAS — Com fato provado. A cidade tem um guindaste? E como eu posso tirar minha filha senão com um guindaste?

ANTONIO CIPRIANO — A Oposição sempre encontra um jeito de atacar o govêrno, mesmo nas horas mais impróprias. Antonio das Almas, acabo de passar uma noite terrível. Perco minha mãe que não era minha mãe, nasce

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,IP.208

CENSURA FEDERAL

são levados a acreditar que se tratam realmente de fenômenos, apenas por uma estranha coincidência aparecidos de uma só vez, outros, e tenho que dizer que a maioria, acreditam tudo não passar de uma manobra de agitadores interessados em perturbar a vida do país.

PADRE DAMIÃO — Mas como os agitadores podem fazer que uma mulher comece a crescer de repente ou um cavalo nascer com cabeça de gente?

EMISSÁRIO — Não sei como responder; mas para isto estamos aqui: para averiguar. E, Deus queira, poder tranquilizar o nosso Presidente. Esperamos, realmente, que se tratem de fenômenos: isto não trará nenhum prejuízo, até pelo contrário, poderá aumentar a receita da Prefeitura com a avalanche de turistas que certamente acorrerá a êste local. Mas em caso contrário, se realmente se tratar de uma manobra nova dos agitadores, o caso se reveste de uma imensa gravidade, pois não estamos preparados para êsse tipo de subversão de ordem. Sabemos muito bem como o nosso povo, principalmente o do interior, é cheio de superstições. Se êle fôr convencido que se trata de um protesto divino contra o atual govêrno, o que poderemos fazer? Teremos que estudar as medidas defensivas imediatamente.

ANTONIO CIPRIANO — Ainda hoje o senhor poderá tranquilizar o Presidente, tenho certeza. Proponho ir até lá em casa, almoçarmos, e depois então iremos ver de perto os fatos estranhos.

EMISSÁRIO — Confesso que estou com muita fome.

PADRE DAMIÃO — Dona Rosinha, espôsa do Prefeito, é uma excelente quituteira. O senhor não terá do que reclamar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE0156,p.209

EMISSÁRIO — Mas não será um incômodo?

ANTONIO CIPRIANO — De modo algum. O senhor não pode imaginar a alegria nossa em receber uma tão alta autoridade da República.

EMISSÁRIO — Fico desvanecido com tanta atenção.

Entra o sacristão correndo com Cosma no seu encalço

SACRISTÃO — Peço proteção à autoridade.

PADRE DAMIÃO — Mas o que é isto?

COSMA — Eu avisei a êsse miserável que não aparecesse mais na minha casa.

SACRISTÃO — A casa é minha também.

COSMA — Sua casa é no estábulo com aquela égua filha da mãe

ANTONIO CIPRIANO — Deixemos êste assunto para depois, dona Cosma. A senhora está em presença de um Emissário do Presidente da República que veio a Caruaru para observar os fatos estranhos que aqui vêm acontecendo nos últimos dias.

COSMA — Ah, o senhor é amigo do Presidente?

EMISSÁRIO — Sim, senhora.

COSMA — Pois é com o senhor mesmo que eu precisava falar.

PADRE DAMIÃO — Dona Cosma, talvez numa outra hora... O senhor Emissário fêz uma viagem muito cansativa...

COSMA — O senhor precisa pedir um favor ao Presidente, senhor Emissário. Eu sou uma mulher católica, de pai e mãe e avós católicos, mas se o Presidente não me fizer um favor muito grande, eu termino virando uma assassina.

EMISSÁRIO — Mas de que se trata?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 ip 210

D. P. F. CENSURA FEDERAL

[illegible] — Precisamos [illegible] o cuidado com os conceitos [illegible] emitidos. Os agitadores estão [illegible] aproveitando-se de tudo para a sua obra de desagregação da família brasileira.

PADRE DAMIÃO — Claro. Disto sabemos muito bem.

ANTONIO CIPRIANO — Creio que agora podemos ir almoçar.

(Encaminham-se para a casa de Antonio Cipriano — no caminho passam pela casa de Antonio das Almas — O cavalo com cabeça de gente está no telhado junto de Sigismunda — Em baixo Antonio das Almas tem uma espingarda nas mãos — O diálogo entre Antonio das Almas e Sigismunda se desenrola sem que êstes percebam a presença de Antonio Cipriano, Padre Damião e o Emissário)

ANTONIO DAS ALMAS — Eu já disse que matava êsse miserável.

SIGISMUNDA — O senhor não pode fazer isto! O senhor não tem o direito de estragar a minha felicidade!

ANTONIO DAS ALMAS — É só o que faltava, Sigismunda. Uma filha minha namorando com um cavalo.

SIGISMUNDA — Não se trata de um cavalo comum. É porque o senhor não conhece a bondade que êle tem no coração.

ANTONIO DAS ALMAS — Você está louca, Sigismunda.

SIGISMUNDA — E não é para enlouquecer? Ter um pai sem coração como o senhor? Um pai que não tem o menor interêsse na felicidade da filha?

ANTONIO DAS ALMAS — Sigismunda, não se trata disto. Nenhum pai pode querer ver a filha casada com um cavalo. Mesmo que se trate de um cavalo com cabeça de gente. Não é da lei dêsse mundo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156.p.211

SIGISMUNDA — E é da lei dêsse mundo ser uma mulher coqueiro?

ANTONIO DAS ALMAS — Não, minha filha. Não é da lei dêsse mundo ser uma mulher coqueiro.

SIGISMUNDA — Então? O senhor acha que a mãe dêle pode não querer o casamento por eu ser uma mulher coqueiro?

ANTONIO DAS ALMAS — A mãe dêle? A égua?

SIGISMUNDA — Sim. A mãe dêle. A égua.

ANTONIO DAS ALMAS — Minha filha, as alturas perturbaram a sua cabeça. **(Percebe Antonio Cipriano, o padre Damião e o Emissário)**

ANTONIO DAS ALMAS — **(Avançando para o prefeito)** O senhor é o grande culpado de todo êste drama.

ANTONIO CIPRIANO — Cuidado com esta arma. Ela pode disparar.

ANTONIO DAS ALMAS — Está satisfeito? Me diga. Está satisfeito com a minha desgraça?

PADRE DAMIÃO — O senhor acalme-se. Antonio das Almas...

ANTONIO DAS ALMAS — Acalme-se... Acalme-se... É isto que todo mundo me diz. E cada vez vai tudo piorando para mim. Já sabem da última calamidade? Minha filha quer casar com um cavalo!

ANTONIO CIPRIANO — Antonio das Almas, nós estamos defronte de um Emissário do Presidente da República. Você precisa se acalmar.

ANTONIO DAS ALMAS — Muito prazer.

EMISSÁRIO — Igualmente.

ANTONIO DAS ALMAS — Quero apresentar minha queixa ao senhor Presidente da República contra o Prefeito desta cidade.

EMISSÁRIO — Tem que ser uma queixa por escrito.

ANTONIO DAS ALMAS — Depois eu escrevo. Mas eu digo logo porque não sei se o meu coração vai aguentar tan-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 212

ta desgraça... O senhor Prefeito é o grande culpado de tudo que está me acontecendo, por nunca ter providenciado um guindaste para esta cidade.

EMISSÁRIO — Um guindaste?

ANTONIO DAS ALMAS — O senhor não acha que um guindaste é de extrema necessidade para uma cidade?

EMISSÁRIO — Sem nenhuma dúvida.

ANTONIO DAS ALMAS — Sem nenhuma dúvida. Se eu tivesse um guindaste teria tirado minha filha desta situação que ela se encontra e ela nunca teria conhecido êste cavalo.

ANTONIO CIPRIANO — Senhor Emissário, eu sei que uma cidade precisa de um guindaste. Mas infelizmente a arrecadação tem sido muito baixa e o dinheiro não dá pra nada. Não pude comprar o guindaste.

EMISSÁRIO — E por que a arrecadação tem sido baixa?

ANTONIO CIPRIANO — As coisas não vão bem. Ninguém tem dinheiro pra nada

EMISSÁRIO — O senhor por acaso está criticando a política econômico-financeira do govêrno?

ANTONIO CIPRIANO — De modo algum, senhor Emissário. Eu nem sei o que é isto.

EMISSÁRIO — Ainda bem. Mas... Olhem! O cavalo está beijando o varapau... E na bôca!

ANTONIO DAS ALMAS — Agora eu mato êle! Agora eu mato!

PADRE DAMIÃO — Não faça loucura! O tiro pode pegar na sua filha!

ANTONIO DAS ALMAS — Estou desonrado O jeito mesmo é casar os dois!

PADRE DAMIÃO — Casar os dois? Isto é sacrilégio, Antonio das Almas!

ANTONIO DAS ALMAS — E minha filha? Vai ficar de-

BR·DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 213

199

D.P.F. CENSURA FEDERAL

ANTONIO CIPRIANO — Côrno? Eu?

EMISSÁRIO — Se a sua esposa está lá dentro beijando um outro homem o senhor é um côrno! Ou por aqui usam outra palavra. Eu não entendo nada de regionalismos!

PADRE DAMIÃO — Dona Rosinha é uma santa senhora. Posso assegurar.

ANTONIO CIPRIANO — Se o senhor não fôsse a autoridade que é... Não admitiria de mais ninguém um tal insulto.

EMISSÁRIO — Nós, homens do Poder, temos que ter uma frieza enorme para conceituar as coisas. Os nomes têm que ser dados aos bois. Se sua mulher estiver realmente lá dentro, agarrada com um outro homem, então o senhor é um côrno e como tal não pode merecer mais a confiança e o respeito da Presidência da República. Teremos que providenciar outro prefeito.

corte

ANTONIO CIPRIANO — Essa é demais!

EMISSÁRIO — Os fatos são os fatos e têm os seus nomes.

PADRE DAMIÃO — Tudo ficará esclarecido em muito pouco tempo.

PRIMEIRA BEATA — (Entrando) — Senhor prefeito, senhor prefeito. Me socorra pelo amor de Deus.

ANTONIO CIPRIANO — Que terá acontecido agora, Deus meu?

PRIMEIRA BEATA — A pobre da minha irmã não tem mais comida para comer, agora está comendo barro.

ANTONIO CIPRIANO — Mas hoje de manhã já não mandei um boi?

PRIMEIRA BEATA — E o que é um boi para a pobre da minha irmã? Ó que desgraça, meu Deus do Céu! Nada fizemos para um castigo tão grande! E o pior é que ela não passa mais pelas portas e já está quase da largura da sala. Eu não sei o que fazer. O sabido do filho fugiu com mêdo,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0056,p.214

200

(Sai Chico apressado de casa de Antônio Ci-
priano)

CHICO — (Para o padre) — Oi, já arranjaste uma batina?

PADRE DAMIÃO — Já arranjei uma batina?

CHICO — Acho melhor a gente dar um fora. Já consegui o que eu queria. Mas aqui pra nós tenho a impressão que a moça é casada mesmo. Pelo menos não é mais donzela. Depois o marido aparece por aí. Vamos? Mas como é que você vai correr com esta batina? (Padre Damião esbofeteia Chico) — Que é isto meu irmão! Me estranhando? Você bebeu demais!

EMISSÁRIO — Senhor Prefeito...

CHICO — O senhor também me chamando de Prefeito? O que é que deu nessa gente?

EMISSÁRIO — Senhor Prefeito, exijo uma explicação imediata. Não admito que levem no ridículo um representante da Presidência da República.

CHICO — Quem? Quem é o representante da Presidência da República?

PADRE DAMIÃO — Êle não estava bom da cabeça!

EMISSÁRIO — O senhor considere-se prêso!

CHICO — Eu? Prêso? Mas o que foi que eu fiz?

EMISSÁRIO — Uma autoridade que não impõe...

CHICO — (Para padre Damião) Você vai ficar aqui?

PADRE DAMIÃO — Claro que vou ficar aqui.

CHICO — Então, adeus! (Sai correndo)

EMISSÁRIO — (Correndo atrás) Polícia! Polícia!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156 IP 215
86 201

ANTONIO CIPRIANO — Um de nós deve estar fora de seu juízo. Um momento, padre. Não percamos a calma. Deixe-me pensar.

(Afasta-se e fica de costas — entra o Emissário)

EMISSÁRIO — Bem. Temos que pensar num Prefeito desde que o outro se encontra prêso.

PADRE DAMIÃO — O senhor prendeu Antonio Cipriano?

EMISSÁRIO — Que outra coisa eu poderia fazer? Tenho ordens expressas do Presidente para fazer impor o princípio da autoridade. O que fêz o Prefeito desde a minha chegada? Confundir-me e confundir tôdas as pessoas. Se êle está louco que vá para um hospício. Mas transformar esta cidade, a Princesa do Nordeste, num vasto hospício isto é que não. Temos que estar bem atentos pois o dedo da subversão está sôlto por aí. (Antonio Cipriano vira-se) O que é que o senhor está fazendo aqui?

ANTONIO CIPRIANO — Querendo ver se consigo almoçar de uma vez por tôdas. Já passou da hora (Grita) Rosinha!

EMISSÁRIO — O senhor subornou os guardas da cadeia!

ANTONIO CIPRIANO — Que guardas? E de que cadeia?

EMISSÁRIO — A cadeia, onde deixei o senhor prêso.

ANTONIO CIPRIANO — Eu? Prêso?

EMISSÁRIO — Acho melhor o senhor voltar para lá. As consequências disto tudo podem ser terríveis.

ANTONIO CIPRIANO — O senhor tem certeza de que está se sentindo bem?

EMISSÁRIO — O senhor quer insinuar o que? Que eu estou louco?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p 216 202

EMISSÁRIO — Eu bem que sabia! É o senhor aqui tentando me confundir. Sabe o que é isto? É a subversão total da ordem. É comunismo!?

ANTONIO CIPRIANO — (Puxando um revólver) Agora eu percebi tudo. Realmente há um movimento subversivo aqui. Mas é dirigido contra mim. Todos uniram-se contra a autoridade do Prefeito. Até a minha mulher. Mas eu saberei me defender. Guarda, prenda aquêle homem ali.

GUARDA — Mas senhor Prefeito, êle disse que é representante do Presidente.

ANTONIO CIPRIANO — Deve ser mentira. Com certeza é algum agitador a serviço de alguma potência estrangeira.

GUARDA — Dos russos?

ANTONIO CIPRIANO — Ou dos chineses, ou dos franceses, ou dos alemães, que sei eu? Mas só pode ser isto. Prenda-o imediatamente!

PADRE DAMIÃO — Antonio, meu irmão...

ANTONIO CIPRIANO — Agora é que o senhor se lembra que eu posso ser seu irmão... Mas é um pouco tarde! Depois de ter aderido aos meus inimigos. Não, não e não. Vai também para a cadeia!

GUARDA — Até o padre, senhor Prefeito?

ANTONIO CIPRIANO — Até o padre! Não é o primeiro a ser prêso, nem será o último. Todos podem ser presos em nome da lei; até mesmo o cavalo.

(O guarda vai amarrando as mãos do padre Damião e do Emissário)

PADRE DAMIÃO — Que tôda esta humilhação seja pelo amor de Nosso Senhor Jesus Cristo.

ROSINHA — Agora o senhor se lembra de Nosso Se-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156 p. 217

vencer o padre a casar minha filha com o cavalo que tem cabeça de gente.

BIU — Êles cismaram que eu sou padre, Chico. Então vou casando quem êles quizerem.

ANTONIO CIPRIANO — Mas isto é um sacrilégio. E que história é esta de me chamar de Chico?

BIU — Você não me disse que se chamava Chico?

ANTONIO CIPRIANO — Eu nunca disse isto na minha vida!

BIU — Que descarado!

ANTONIO CIPRIANO — Exijo que me soltem!

ANTONIO DAS ALMAS — De maneira nenhuma. O senhor já mostrou demais não ter nenhuma competência para o cargo que ocupa. E diante das ameaças físicas à sua santa espôsa...

ROSINHA — Mas eu não quero que êle seja prêso!

ANTONIO DAS ALMAS — Mas vai ter de ser! Êste é um momento de maior importância para a Historia de Caruaru e talvez para a História do Brasil: a Oposição toma o Poder.

ANTONIO CIPRIANO — Isto não pode ser!

SACRISTÃO — **(Para Rosinha)** — Vou dar um jeito. A senhora não se avexe. O sino vai salvar o Prefeito.

(Sai o sacristão)

ANTONIO DAS ALMAS — Quero que todos saibam que de agora por diante a Justiça e a Liberdade voltaram para a nossa cidade. Como primeira providência mandarei buscar no Recife um poderoso guindaste.

(Ouve-se o sino tocando com violência. Balburdia geral)

VOZES — O que terá acontecido?
Será incêndio?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.218

304

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER, nº 2 529

PEÇA TEATRAL / LEITURA
TÍTULO: " O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU "
AUTOR: ALDOMAR CONRADO
CLASSIDICAÇÃO : 18 anos/ para teatro (condicionada ao ensaio geral)

EXAME CENSÓRIO.

ARGUMENTO.

Duas crianças, de dois pares de gêmeos, são separadas, uma por oubo de cigana e outra por morte desta, em outra / casa, em outro lugar, de outra mãe, naturalmente. Os quatro assim trocados têm na vida rumos diversos. Dois deles se encontram em uma estrada: fujões de maridos atraiçoados; e os outros dois, respectivamente, irmãos dos fujões, têm um deles o cargo de prefeito e o outro é o pároco do lugar. Aos fenômenos que se sucedem na localidade (mulher glutona que não para de comer e já assumiu o tamanho da sala, a outra que cresceu tanto que já varou o teto, o cavalo com cara de gente e olhos azuis) junta-se a / chegada dos forasteiros (irmãos, um do padre e o outro do prefeito) que sem querer, isto é adversamente, passam a ser o padre conquistador e o marido da mulher do prefeito. Dêsses quiprocós, nasce a grande confusão que é tida por arte do demo, consequências dos fenômenos que assolam a cidade etc. O governo se manifesta,enviando para investigar um emissário, que em tudo vê subversão. Finda a peça,com Antonio das Almas, o pai da gigante,à guisa de pregão, conclamando todos a verem os prodígios, no nordeste brasileiro por um dollar.

COMENTÁRIO CENSÓRIO

" A superstição é uma técnica de caráter defensivo no plano mágico, legítima defesa contra as forças adversas" (CÂMARA CASCUDO, TRADIÇÃO E CIÊNCIA DE UM POVO" e é uma sobrevivencia de cultos desaparecidos. Concluimos que a " loucura de que foi vítima a cidade, decorre das pressões políticas comportamentais (análise de uma sociedade em termos psicológicos) que a deformaram, no plano social. O único escape, a válvula, fd fugindo aos parâmetros vigentes,apelando para o mito,crendices, etc e expor em inusitadas situações o ridículo do que a autoridade considera subversão. às páginas 66, diz o emissário " QUE OUTRA COUSA EU PODERIA FAZER... TENHO ORDENS EXPRESSAS DO PRESIDENTE PARA FAZER IMPOR O PRINCÍPIO DA AUTORIDADE... " À pág. 68 : " É SUBVERSÃO" fala do emissário; enfim, toda a página, até " MESMO O CAVALO". Inferesse, dessa conversa, entre o padre o guarda e autoridades, que as atitudes da autoridade governamental são precipitadas e indiscriminadas.

FAIXA ETÁRIA, 18 anos (1º grau),entendimento de mitos e fol

segue...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156 fp. 219

205

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
CONTINUAÇÃO)

clore, simbologias, estudos outros na área da antropologia.

ENSAIO GERAL. Para encenar, condicionamo-la inteiramente ao ensaio geral, sem cortes no momento, mas com especial atenção aos diálogos e futuras marcações da página 66 à 71, fala de Antonio das Almas " A OPOSIÇÃO TOMA O PODER "

RAZÕES DE NOSSA OMISSÃO, POR ENQUANTO, NOS TRECHOS CITADOS.

A Novela SARAMANDAIA cujo texto e estrutura é de semelhança incrível com a peça ora em estudo, está no vídeo com aqueles fenômenos e base política contestatória, a nosso ver.
O autor, como em SARAMANDAIA, cria e tece situações mágicas (bruxas) e apela para as crendices tais, que o governo tem por bem o envio do emissário. na novela, é o homão, ladrão pportunista. O clima do fenômeno, entretanto está em ambas com algumas situações idênticas. O que, entretanto, afirmamos é que o cedimento, a semelhamça é o " CLIMA DE OUCURA " social.

MENSAGEM: Já está implicita no comentário censório. Sociedade doente que apela para viver a seus mitos e crendices, baluarte primitivo da vida.

Rio, 22 de nov. de 1976

MARINA DE A. [illegible]RUM DUARTE Téc.
de cens. mat 2.415.813

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.220

206

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Departamento de Policia Federal
Serviço de Censura e Diversões Públicas
Parecer nº 2664 de 02/12/976.
Título: "O APOCALÍPSE OU "O CAPETA DE CARUARU"
CLASSIFICAÇÃO: APROVADO COM CORTES COM A IMPROPRIEDA: DE PARA MENORES DE DEZOITO ANOS.
AUTOR: ALDOMAR CONRADO.

A peça do supracitado autor constitue-se de prólogo primeira e segunda partes, constituindo cenas reais do cotidiano no interior do pais, explorando a crendice / baixa cultura e usos e costumes regionais do nordeste.

E assim começa a estória em que sob o poder das bruchas duas ciganas conseguem surrupiar no mesmo instante - em lugares diferentes - dois recem-nascidos par de irmãos gêmeos, os quais permanecem com as suas respectivas mães.

Decorridos alguns anos, os dois já homens feitos, inclinados que eram a conquistas proibidas, complicam-se, cada qual no seu lugar, e, na fuga, para não serem executados, encontram-se casualmente e após as confidências recíprocas, fasem um acordo e vão para uma cidade desconhecida bem / distante que outra não é, senão a cidade de Caruaru.

Neste local o prefeito assim como o pároco que julgavam-se irmãos; por suas vêzes tiveram conhecimento através da próptia mãe que agonizava, que realmente // não eram seus filhos e que também não eram irmãos.

Simultâneamente, fatos inéditos aconteciam, em meio à conturbantes coincidências; nascia um cavalo com cabeça de gente, mulher crescia imensuravelmente, outra engordava assustadoramente comendo de maneira irrefreável, / atribulações políticas envolviam toda a infra-estrutura do município além das discrepâncias de interpretação face a coincidência de que o animal com cabeça de gente, tinha certa / aparencia com o sacristão da igreja local.

Para completar, os forasteiros gêmeos,/ do padre e do prefeito ingressaram na cidade causando tanta confusão que a mulher do prefeito

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 221

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

CONTINUAÇÃO:

CONFUSÃO que a mulher do prefeito, para reatar as suas relações com o marido, tem com o irmão deste, contacto carnal, dada à semelhança existente.

A repercussãoocaussdda pela manifestação de tais fenômenos, levaram ao local um emissário do Presidente da República, para apuração dos fatos.

Todavia, o mau representante, dirije-se ao prefeito e nos contatos havidos entre eles, manifesta doentio pessimismo e, de forma ridícula, vê em todos os acontecimentos atos de pura subversão. Outros fatos desenrolam-se; o pai da mulher que cresce forma em torno do prefeito uma celeuma negativa de natureza política pelo fato de não ter conseguido para a prefeitura um guindaste que lhe possibilitasse retirar por / cima da casa a sua desditosa filha, posteriormente casada com o cavalo pelo padre falsificado, irmão do verdadeiro.

Por fim, encerra-se o espetáculo, com um reclamista apregoando os prodigios à serem vistos por apenas um dólar.

A mensagem é de crítica aos costumes contrastantes com a cidade de caruaru da grande Pernambuco, sua infra-estrutura sócio-político, seus costumes, crendices religiosas, baixa cultura e o servilismo da época. Além de tudo há / inserido no contexto a parte do Emissário do Presidente da República com mensagens sub-repitícias de natureza perniciosa e insinuativas.

Os diálogos desenvolvem-se em linguagem com // coracterística regional e manifestação natural do estágio tradicional da época, inexistindo no contexto qualquer matéria / contrária `a preservação censória desde que respeitados os cortes demarcados nas laudas a seguir enumeradas, onde se lêm as expressões respectivas como princípio saneador ao que o autor maliciosamente, demonstrou como instinto de deturpação da verdade.

A classificação etária estende-se à impropriedade de dezoito anos, condicionado ao ensaio geral.

Os cortes são os seguintes:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p.222

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

CONTINUAÇÃO:

Pag. 50 - de agitadores interessados em perturbar a vida do Pais;- os agitadores; E Deus queira tranquilizar o nosso Presidente; nova dos agitadores; para esse tipo de subversão da ordem; contra o atual govêrno; o Presidente tenho certeza.

Pag. 51 - da República; do Presidente da República; do / President?; ao Presidente; o Presidente; do

Pag. 53 Presidente (do).

Pag. 55 - do Presidente da República; Presidente da República.

Pag. 63 - não admito que levem ao ridículo um representante do Presidente da República; Quem é o representante do Presidente da República?

Pag. 66 - do Presidente.

Pag. 68 - Sabe o que é isto? E a subversão da ordem E. o comunismo!? Mas sr. prefeito ele disse que é o representante do Presidente; Deve ser mentira com certeza devo ser um agitador a serviço de alguma potência estrangeira. Dos russos? Ou dos chinêses, ou dos francêses, ou dos alemães, que sei eu? Mas só pode ser isto prendamo imediatamente! O guarda vae amarrando as mãos do padre e do prefeito digo do E issário.

BEL. FREDERICO DA SILVA SIMÕES
Técnico de Ce sura
P. F. 504-6

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 223

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Departamento de Polícia Federal
Serviço de Censura de Diversões Públicas

Parecer nº 1244

Assunto.....: Exame de peça teatral (Ensaio geral)
Título.....: "O APOCALIPSE" ou "O CAPETA DE CARUARÚ"
Autor.....: Aldomar Conrado
Diretor.....: Roberto Costa Teixeira
Produção.....: Gmpo AUGUS de Teatro Universitário
Local.....: SUAM - Faculdade Augusto Motta
Data.....: 07 junho 1977
Classificação....: 18 ANOS COM CORTES

Uma história inverossímil, colocando dois pares de gêmeos em confronto na cidade de Caruarú, após uma série de fenômenos que acontecem na cidade como uma / mulher que cresce acima da altura de uma casa, um cavalo que nasce com cara de gente e uma mulher que come tanto ficando // mais gorda que a sala de sua casa. Todos estes acontecimentos envolvem a figura do prefeito, que não sabe como resolvê-los, comparecendo na cidade para averiguações um emissário do Presidente.

Os gêmeos criam uma série de confusões pela semelhança, havendo o coito entre a mulher do prefeito e um deles e o sósia do padre beija uma mulher, colocando o sacerdote em situação crítica perante o povo.

Enfim uma crítica aos costumes e a política de uma cidadezinha atrazada, diálogos na linguagem/ característica regional com alguns termos que nos obrigam a opinar pela liberação para maiores de 18 anos com cortes. Roupas e cenários de acordo com os moradores e local onde se desenrola o acontecimento.

Obs.: O próprio Diretor do espetáculo retirou por conta própria, durante o ensaio geral, frases e palavras que julgou necessárias e inoportunas, por exemplo as citações "Presidente", razão pela qual louvo a sua atitude, mantendo então a liberação com a Impropriedade para menores de 18 anos e cortes nas pgs.: 28, 50,51, 54, 55, 56, 59, 63, 66, 68 e 71.

continua

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 fl. 224

continuação

É o meu parecer.

Rio de Janeiro, 08 de junho de 1977

AUGUSTO DA COSTA
Técnico de Censura
Mat. 1.113.220

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 225

CANTIGA DO CEGO ou AI! QUE DOR DANADA

Aldomar Conrado e
Almir Pereira

Eu deixei o meu roçado atrás do meu tatuzinho.
Andei por milhões de léguas e nada do meu bichinho
Cruzei mares e montanhas, não encontrei o tatu.
Foi quando me deu uma dor
bem no pé da barriguinha.

Ai, que dor danada, ai, ai, ai!)
Ai, que dor danada, ai, ai, ai!) (Bis)

Então dei uma paradinha me escondi na ribanceira.
Me espremi até valer, veio aquela caganeira.
Ai, meu Deus que vou morrer
sem ver o meu tatuzinho.
Foi quando encontrei uma véia, que sorria de mansinho.
Cheguei junto e disse: "a benção, você viu meu tatuzinho?"
A véia levantou a saia e me puxou com carinho.
Eu disse: "te esconjuro véia; vai cuidar da tua sina!"
E saí num galope doido e encontrei uma menina
que tinha os óios de fogo e uns cabelos de crina.
Me cheguei e perguntei pelo danado do tatu.
A menina foi me olhando com aqueles óios de fogo.
E foi dizendo dengosa:
"- Você não quer entrançar as nossas crinas?"

Ai, que dor danada, ai, ai, ai!)
Ai, que dor danada, ai, ai, ai!) (Bis)

Me benzi, saí correndo e a pobre da barriguinha
dava voltas, ia doendo, doendo de fazer dó,
mas não parei mais pra nada, atrás do meu tatuzinho,
mas ninguém sabia nada do meu querido bichinho.
Foi quando desconsolado, voltei atrás da menina.
Vou deixar de ser um leso e vou entrançar as minhas crinas.
Mas invés da menininha, lá no meio da campina,
foi a danada da véia, que me esperava na esquina.
Desisti voltei pra casa e do pinto fiz um nó,
com véia eu num engato nem pra salvar minha vó.

Ai, que dor danada, ai, ai, ai!)
Ai, que dor danada, ai, ai, ai!) (Bis)

A PRESENTE LETRA MUSICAL FOI EXAMINADA PELO [illegible] DO DPF-SR, [illegible] LIBERADA PARA GRAVAÇÃO E DIVULGAÇÃO PÚBLICA NOS TERMOS DOS ARTIGOS [illegible] DO DEC. [illegible] 65 [illegible] 77
[illegible]

DPF - SR/RJ
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
APROVADO SIM (apenas para este espetáculo)
CENSOR Regina M. F. Menezes
Em 3 6 77.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 226

271 48965

EH CAVALINHO

Francisco Ítalo

Dona moça, por aqui as coisas não andam boas,)
eu ando apaixonado, ando apaixonado) (Bis)
pela moça do telhado.)

Mas eu só sei que ela me quer)
mas o seu Antonio é que) (Bis)
não me dá colher.)

DPF - SR/RJ
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
APROVADO SIM
CENSOR Regina M.F. Menezes
3 6 77.

A PRESENTE LETRA MUSICAL FOI EXAMINADA PELO SCDP DA S.R. DO ... E LIBERADA PARA GRAVAÇÃO E DIVULGAÇÃO PÚBLICA NOS TERMOS DOS ARTIGOS DE 1 ... DO SEC. N.º ... DE ... 48965
Rio, 6 - 6 - 77

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0L56, p.227

TEMA DO PREFEITO

Francisco Italo e
José Carlos Liboredo

Minha senhora,)
vim pedir mais um votinho,) (Bis)
para a próxima eleição.)

No interior,)
pra ser eleito um bom prefeito)
é preciso se ter peito) (Bis)
pra comprar um guindastão.)

DPF – RJ
SEÇÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
APROVADO: SIM
CENSOR: Regina M F. Menezes
Em 3 / 6 / 1977

A PRESENTE LETRA MUSICAL FOI
EXAMINADA PELO SCDP DA S.R. DO
DPF [illegible] E LIBERADA PARA
[illegible] EXECUÇÃO PÚBLICA
NOS TERMOS DOS ARTIGOS 53 [illegible]
DO DEC. Nº 20.493, DE [illegible]
[illegible] 1976
[illegible] 6 [illegible]
CHEFE DO SCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 1p. 228

IMAGEM SECA

Francisco Ítalo e
José Carlos Liboredo

Ah, minhas mãos queimadas.
Ah, minhas costas tostadas.
Ah, meus herdeiros em minha casa
com as línguas já cansadas
de tanto implorar o pão.

Ah, se é que Deus existe,)
eu te peço me assiste,) (Bis)
Joga água no meu chão.)

Ah, vou batendo em retirada,
vou por o meu pé na estrada,
pois aqui tá sem razão.
Ah, quem sabe um dia eu volto,
por aqui eu fico e faço
minha vida no amanhã.

Ah, se é que Deus existe,)
eu te peço me assiste,) (Bis)
joga água no meu chão.)

Ah, quem sabe o verde agreste
tome conta do sertão.

Ah, se é que Deus existe,)
eu te peço me assiste,) (Bis)
joga água no meu chão.)

DPF-SR/RJ
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
APROVADO SIM
Regina M.F. Mury
3 6 77

A PRESENTE OBRA MUSICAL FOI
EXAMINADA PELO SCDP DA S.R. DO
DPF-GB, E LIBERADA PARA
GRAVAÇÃO E DIVULGAÇÃO PÚBLICA
NOS TERMOS DOS ARTIGOS 83 E 77
DO DEC. Nº 20.493, DE 24.01.46.
SOB O Nº 48962
Rio, 6-6-77

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156, p.229

FOI ASSIM QUE ACONTECEU

Aldomar conrado e
Francisco Ítalo

Foi assim, foi assim mesmo,
foi assim que aconteceu:
roubaram o filho da quenga
e ela quase morreu.

A quenga ! A quenga !
A quenga, quase morreu !

E o marido chegou morto
e ela quase morreu.
Mas por ordem, ordem minha
ela teve que viver.

Viver ! Viver !
Viver, pra sofrer !

CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
SIM (liberada apenas para o espetáculo)
Regina M.F. Menezes
3/6/1977

LETRA MUSICAL
48664
Rio 6 6 77

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156, p. 230

ASPECTO GERAL

Francisco Ítalo e
José Carlos Liboredo

Faz muito tempo que não relampeia.
Faz muito tempo que o sol esbraveja.
Deixando as veias de terço na mão
e a cidade com canto acauã.

E a cidade, a cidade, } (3 vezes)
com o canto acauã. }

E a gente vai levando,
vai forçando a vida afora
e arrastando a tristeza nos pés do burro.

E na roda, e na roda, } (3 vezes)
e na roda da carroça }

O apocalípse aconteceu no interior } (3 vezes)
da boca do mundo, }
no Caruaru. }

E na roda, e na roda, } (3 vezes)
e na roda da carroça. }

O apocalípse aconteceu no interior } (Tantas vezes quantas forem precisas
da boca do mundo, } para a saída do elenco.)
no Caruaru. }

DPF - SR/RJ
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
APROVADO SIM
Regina M.F. Mury
6-10-77

... LETRA MUSICAL FOI
... PELO SCDP DA S.G. DO
DPF-DF, E LIBERADA PARA
...
... TERMOS DOS ARTIGOS 33 E 77
DO DEC. 20.493 DE 24.01.46
... 48960
6-6-77

48967
216

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 231

APOCALÍPSE / FIM / TERMINOU

Franklin Guimarães

Eu vi Caruaru
se devastar pelas forças dos céus.
Eu vi o chão tremer,
gente caindo,
e o sino soando,
e alguém que gritou:
é o fim que chegou.
E quem duvidou
pereceu e pagou
e o capeta se mandou.
O apocalípse do capeta
de Caruaru terminou.

DPF - SR/RJ
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
APROVADO SIM
CENSOR Regina M.F. Ulmer
Em 3 / 6 / 1977

LETRA MUSICAL PO
DA S.R. DP
LIBERADA PARA
DOS ARTIGOS 63 E 77
48967
Rio, 6 de 6 de 77

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 232

48966

277

APOCALÍPSE

Francisco Ítalo e
Paulo Marcos

Um salto,)
abismo derradeiro,) (Bis)
é o final.)

Tá tudo Morto,
verdes folhagens,
sem estiagem,
apocalípse.

Terra seca e chão quente,
pocirenta a fumaça e a desgraça
que acaba com a vida da gente.

DPF - SR/RJ
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
APROVADO SIM
CENSOR Regina M.F. Ulisses
EM 3 / 6 / Nº 72

LETRA MUSICAL
E LIBERADA
DIVULGAÇÃO PÚ
48966

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156,P.233

218

TEATRO

TÍTULO O Apocalipse ou o capeta de Caruaru.

Aldomar Conrado.

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 18 anos

Praça RJ

Obs.:

DF. BSB/ 04 / 07 / 77

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

à SC, para substituir o certificado, modificando-se a classificação etária: (18) dezoito anos, com cortes à fls. 28, 50, 51, 54, 55, 56, 59, 63, 66, 68 e 71, de acordo c/ of. nº 529/77. SCDP/SR/RJ.

Brasília – DF 04 de julho de 1977

Maria Arlete P. Gama

Ch. SCTC-SC/DCDP

4) SERVIÇO DE CENSURA

Senhor Chefe do S. Censura

Foram examinado(s) 02 Certificados

(P & B) ..... (Cor), (long.) (curta) metragem com

..... metros; ..... do Trailer, com .....

metros e ..... do ..... com ..... metros

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação: 18 dezoito anos

Brasília-DF, 07 de julho de 1977.

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

Chefe do Serviço de Censura - DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156 fp. 234

921/77 - BSB04.07.77

Do

Ao

"O APOCALIPSE ou O CAPETA DE CARUARU" de Aldomar Conrado.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156,p. 235

220

COM CORTES

:083/77:

: O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU:

: ALDOMAR CONRADO :

25 A B R I L 80

05 J U N H O 77

ROGÉRIO NUNES

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 DEZOITO ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

: O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU :

: ALDOMAR CONRADO :

COM CORTES

: SOCIEDADE UNIFICADA DE ENSINO SUPERIOR AUGUSTO MOTTA - RJ :

21 M A R Ç O 77

: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. COM CORTES À FLS. 28, 50, 51, 54, 55, 56, 59, 63, 66, 68 e 71. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP. :

05 JULHO 77

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

EMFN/

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156 p.236

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. OLS6, p.237

221

FICHADO S.A. DCDP

MJ-DPF-SRA/BSB

29 JUL 1035 77 023903

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ/DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

RECEBIDO POR:

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE SÃO PAULO

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

SRA/FICHADO

OF.

Nº 7.026/77-SCDP/SR/SP Em, 27 de julho de 1977.

De ordem ao S. Censura em 01-8-77

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/75-DCDP, estamos remetendo a V.S., uma via dos textos, os relatórios de textos e relatórios de ensaios gerais das peças teatrais "TRANSE" original de Ronald Radde, "SÓ, UM POVO SÓ" ou "DO LAMENTO DO SOL À MISÉRIA DO SAL" original de Luis Advis e Manuel Scorza; "SENHORA DOS AFOGADOS" original de Nelson Rodrigues; "DIVÓRCIO À VISTA E À PRAZO" original de Older Berard; "AMANHÃ SE NÃO CHOVER" original de Henrique Pongeti; "O ESTRANHO" original de Edgar Rocha Miranda; "APCALIPSE" ou "O CAPETA DE CARUARU" original de Aldomar Conrado; "O AMIGO Nº 1 DO POVO" original de Hamilton Saraiva; "FRANCISCO DE ASSIS" criação coletiva do grupo Terra; "COMPUTA, COMPUTADOR, COMPUTA" original de Millôr Fernandes e "O SANTO INQUÉRITO" original de Dias Gomes.

Outrossim, aproveitamos o ensejo para solicitar a V.S. a remessa dos certificados das peças teatrais acima mencionadas.

Na oportunidade, renovo a V.S., protestos de estima e consideração.

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

CA, SCTC
1/8/77

Ao Ilmo. Sr.
DR. ROGÉRIO NUNES
DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
BRASILIA/DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 238

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: " APOCALIPSE, OU CAPETA DE CARUARU "

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 ANOS COM CORTES

Autor: Aldomar Conrado

Assisti ao ensaio geral da peça supra citada, encenada pelos alunos da Escola de Arte / Dramatica da Universidade de São Paulo.

Cenario: pobre, uma mesa com duas cadeiras, um divam que serve de cama tambem e nas laterais duas casas pintadas.

Sonoplastia: canto e coro do elenco acompanhados pelo violão.

Guarda- roupa:parco, trajes de / bruxas e roupas de gente sofrida do nordeste.

Trata-se de peça de teatro de cordel, e a marcação imprimida ao espetaculo em nada modificou o seu sentido.

Sugeri que quando houvesse referencia ao Presidente da Republica mudassem para Autoridade e na pag. 68 na fala do Emissario " É a subversão total da ordem, É o comunismo !? " mudar para " É a desordem total," no que fui prontamente atentida.

Opino pela liberação para menores de 18 anos.

São Paulo,8/7/1977

Beatriz Anna Maria Winter
Téc. de Censura 300

De acordo c/o Parecer
[signature]
Jr SLDP/SR/SP.

DPF-742

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 239

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: "O CAPETA DE CARUARU" ou "O APOCALIPSE"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: PROIBIDA PARA MENORES DE 18(DEZOITO) ANOS.

ASSUNTO: Três bruxas tramam uma vingança contra uma mulher que aspergiu a casa de uma delas com água benta. Pronta a poção, esta é entrgue à bruxa que teve sua casa invadida para que formule sua vingança: a mulher terá filhos gêmeos e uma das crianças será roubada por uma cigana. Tudo ocorre segundo o planejado. Entretanto, a cigana consegue uma outra criança também gêmea que lhe é entregue por uma pobre mulher. O tempo passa e num lugarejo vê-se um rapaz despedindo-se de sua velha mãe, pois terá que fugir das iras de um marido traído. As bruxas em cima de uma árvore, vêem o mesmo fato ocorrer em um outro local. Esses dois rapazes fugitivos acabam encontrando-se e juntos decidem partir para uma cidade longinqua. Enquanto isso, a poção das bruxas toma outros rumos, passando a agir sobre a população de Caruaru: uma moça começa a inchar de tanto comer, outra cresce como um coqueiro, nasce um cavalo com cara de gente. O padre e o prefeito tentam resolver os problemas, enquanto as notícias espalham-se, tomando aspectos políticos e religiosos. Um emissário do Presidente da República é enviado à cidade para verificar os acontecimentos. A confusão aumenta quandoo os dois rapazes fugitivos, chegam à cidade e são idênticos ao padre e ao prefeito. Esta semelhança não é devida ao acaso: êles realmente são os irmãos gêmeos do padre e do prefeito que foram abandonados pela cigana e adotados por uma mulher de Caruaru. Os filhos são encontrados pelas suas respectivas mães(as duas velhas do início da estória), e tudo volta ao normal na cidade.

PARECER: Numa estória fantástica, onde há a participação de bruxas, ciganas e a ocorrencia de acontecimentos estranhos, o autor de forma cômica e satírica, faz uma crítica à nossa realidade política. O emissário do presiden

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.240

224

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: "O CAPETA DE CARURRU" ou "O APOCALIPSE"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: PROIBIDA PARA MENORES DE 18(DEZOITO) ANOS.

te da República é colocado diante das situações absurdas para que delas depreenda o verdadeiro significado. Sugiro o corte à todas referencias ao Presidente da República, visto poder sua figura ser ridicularizada(cortes devidamente assinalados nas páginas: 50, 51, 53, 55, 63, 66). Os outros cortes das páginas 23, 24, 25, 40, 52, 64, dizem respeito ao relacionamento do sacristão com uma égua, resultando no nascimento do cavalo com cara de gente. Estes trechos levam à ridicularização da igreja e à divulgação de atos bestiais. Outra supressão que acredito ser necessári é a que se refere à prisão de clérigos, na página 68.

Opino pela liberação da peça em questão, para maiores de dezoito anos, com os cortes acima mencionados.

São Paulo, 30 de junho de 1977.

Dalva Radicce Marinho
Téc. de Censura

DPF-742

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 242

225

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: "O APOCALIPSE OU O CAPETA DO CARUARU" de Aldomar Conrado

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 ANOS

Farsa interessante e bem escrita sobre a maldição lançada por uma bruxa, sobre uma cidade, onde acontecimentos sobrenaturais iniciam a acontecer de repente, lançando em sobressalto, confusão e posteriormente ao terror, seus habitantes.

De inicio a bruxaria é dirigida a uma mulher que deu a luz a duas crianças gemeas, meninos, que tem um deles roubado por uma cigana. Outra mulher por não poder sustentar, dá um de seus filhos, também gemeos, à mesma cigana. Ao se tornarem adultas, as quatro crianças se encontram , na cidade amaldiçoada, agravando a confusão já alí existente.

Dentre os fenomenos, há o nascimento de um cavalo com cabeça de homem, pertencente a um sacristão, acusado por isso, por sua mulher, de manter relações amorosas com a égua. O animal fenomeno, passa a namorar outro dos fenomenos, a moça que cresce sem parar, repentinamente, chegando a furar o teto de sua residência e nela ficando presa.

Os fatos são alardeados, chgando ao conhecimento das altas autoridades do país, e é enviado um emissário para averiguar os fatos e se há ação de subversivos.

Sendo o texto já liberado e verificando-se que houve pequenas modificações minimizando um tanto a conotação política e moral, sendo omitidos vários trechos indesejáveis quanto aos bons costumes, sou de parecer que se poderá obedecer a mesma faixa etária já estabelecida, ou seja, impropriedade para menores de 18 anos.

São Paulo, 30 de junho de 1977

Avelita Barreto

Avelita Barreto

DPF—742

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 242

226

TEATRO

TÍTULO O APOCALIPSE, ou ...

Aldomar Conrado

1) ~~S.C.T.C.~~ ARQUIVO

Clas. Anterior 18 anos

Praça São Paulo - SP

Obs.:

DF. 03/08/1971

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de dezoito anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de censura, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 05 de agosto de 1977

Maria Alice L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação: 18 (dezoito)

Brasília-DF, 09/8/77

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 243

1093/77 DF, 04/08/77

em São Paulo

7026/77-SCDP/SR/SP

"O APOCALÍPSE OU O CAPETA DE CARUARU" de Aldomar Conrado.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 244

228

1085/77

O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU

ALDOMAR CONRADO

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 DEZOITO ANOS

25 ABRIL 80

08 AGOSTO 77

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 245

O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU

ALDOMAR CONRADO

SP

05 AGOSTO 77

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS, CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

08 AGOSTO 77

OFB

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 IP. 246

SRA/FICHADO 229

DPF-SRA Fl. nº 1 Rub.

MJ-DPF-SRA/BSB

19 SET 1030 026745

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ/DPF - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL/RN

RECEBIDO POR:

OFÍCIO: 1132/79-SCDP/SR/DPF/RN EM, 17/SET/79

DO: Superintendente Regional do Departamento de Polícia Federal/RN

ENDEREÇO: Av. Nilo Peçanha, 300 - Petrópolis - Natal

AO: Ilmo. Sr. Dr. José Vieira Madeira - MD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas-DPF

ASSUNTO: Encaminhamento (faz)

De ordem
ao Arquivo
E - 20.9.79

FICHADO S.A. DCDP

Senhor Diretor,

Pelo presente, encaminho a V.Sª, em três vias, a peça intitulada O CAPETA DE CARUARU de Oldomar Conrado, para fins de exame por essa Divisão de Censura.

Na oportunidade, reitero a V.Sª protestos de estima e consideração.

Bel. Ayrton Marques Mendes
Delegado de Polícia Federal
Superintendente Regional

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 247

PREFEITURA MUNICIPAL DO NATAL

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA

Ilmo Senhor
Diretor do Serviço de
Censura e Diversões Públicas
Brasília/ Distrito Federal /

JESIEL MACIEL DE FIGUEIRÊDO, diretor do Teatro Municipal Sandoval Wanderley, em Natal/RN, vem muito respeitosamente solicitar liberação da peça O CAPETA DE CARUARU, da autoria de Oldomar Conrado, para encenação pelo Teatro de Estu-dantes, do Departamento Cultural, desta Secretaria, em outubro - próximo.

Nestes termos.

P. Deferimento

JESIEL MACIEL DE FIGUEIRÊDO

Natal, 17 de setembro de 1979

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0256, p. 248

231

TEATRO

TÍTULO O Apocalipse ou
O Capeta de Carnaxe

Ademar Conrado

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 18 anos

Praça Natal. - RN

Obs.:

DF. 25 / 9 / 79 /

Calina n. Gomes
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Sr. Chefe do S.C.
O sr. tec. de censura que efetuou o confronto da presente peça, opinou pela reducão da impropriedade, tendo em vista as alteracões constantes no texto.
Sugiro seja atendida a indicação

Brasília – DF 03 de Outubro de 1.979

Helle Prudente Carvalhedo
Matr. 2 415 791

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

Libere-se de acordo com o parecer emitido, condicionando-a ao Exame de Ensaio Geral.
E-, 05/10/79

Elio José de Sousa
Matr. 2 095 665

DPF-538

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

232

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.249

PARECER Nº 4496 / 79

TÍTULO: "O CAPETA DE CARUARU" ou "O APOCALIPSE"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16 (DEZESSEIS) ANOS

AUTOR: ALDOMAR CONRADO

Procedendo ao confronto do presente texto com o anteriormente apreciado, constatei significativas / alterações que soem modificar o espetáculo, retirando-lhe um pouco do impacto, principalmente quanto ao uso de palavras de baixo calão e alguns diálogos / mais fortes que foram suprimidos integralmente ou simplesmente amenizados, com supressão parcial.

O prólogo ou abertura do espetáculo, em que / as bruxas lançam a maldição, foi integralmente suprimido, iniciando-se a peça com a confissão da "Agoni - zante" de que "A. Cipriano" e "Padre Damião" não são seus filhos.

Em vista disto e ao fato de que a crítica ao sistema político não pode ser vista como condicionante, sugerimos sua liberação com a chancela "Impró- / prio para menores de 16 (dezesseis) anos", condicionada ao exame do Ensaio Geral.

Brasília, 03 de outubro de 1979.

Luiz Pedro de Sousa

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,P.250

237

083/79

"O APOCALÍPSE OU O CAPETA DE CARUARU"

ALDOMAR CONRADO

04 OUTUBRO 84

04 OUTUBRO 79

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 16 DEZESSEIS ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 251

O APOCALÍPSE OU O CAPETA DE CARUARU

ALDOMAR CONRADO

JESIEL MACIEL DE FIGUEIREDO - NATAL/RN

03 OUTUBRO 79

IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

04 OUTUBRO 79

ELIEL JOSÉ DE SOUSA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 252

732/79-DCDP 05/10 9

Superintendente Regional do DPF no Rio Grande do Norte

"O APOCALÍPSE OU O CAPETA DE CARUARU"

Aldomar Conrado

Superintendente:

NATAL-RN

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

PJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 253

235 (BA)

"O APOCALÍPSE OU O CAPÉTA DE CARUARÚ"

AUTOR: ALDOMAR CONRADO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.254

MJ - DPF - DCDP - BSB
17 JUN 13 18 006923
RECEBIDO POR

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ/DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SCDP/SR/BA

FICHADO
DCDP

OF.Nº.01814/80-SCDP/SR/BA, Salvador, 16 de junho de 1980.

ASSUNTO: Encaminhamento -faz

Senhor Diretor,

Com o presente, encaminho a V.Sª. os textos das peças teatrais, abaixo relacionadas, para serem - examinados de acordo com a legislação censória em vigor, bem como o parecer da peça "O MÁGICO DE NÓIS", de Nonatho Freire, elaborado pelo TC Severino E.Souza, após Ensaio Geral.

1- CORAÇÕES PARTIDOS, de José Carlos Costa Barros; PROE.

2- O CAPETA DE CARUARU, de Aldomar Conrado. PROE.

Na oportunidade, renovo a V.Sª. os - protestos de estima e consideração.

MARIA HELENA GUERREIRO-BELª
Técnica de Censura
Chefe do SCDP/SR/DPF/BA

ARQUIVO/DCDP
INFORMO QUE A PEÇA ACÍMA MENCIONADA "OMÁGICO DE NÓIS, ENCONTRA-SE NA S.DE TEATRO DESDE O DIA 26.05.80 PELA GUIA-992/80

17.06.80

ILMO.SR.
DIRETOR DA DCDP/BSA
BRASILIA-DF.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.01561p.255

236

MJ - DPF - DCDP - BSB
17 JUN 1980 006925
RECEBIDO POR
FICHADO DCDP

ILMO.SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA E DIVERSÕES PÚBLICAS DO D.P.F./DF.

ANA SUELY BARBOSA MOREIRA, brasileira, solteira estudante com Carteira de Identidade expedida pela Secretaria de Segurança Publica nº 950.985 residente e domiciliada à Rua Benjamin Constant nº 29 apto. 102 bairro do Bomfim, nesta cidade do Salvador, estado da Bahia, vem mui respeitosamente requerer à V.S. que se digne a mandar examinar o texto da peça "O Capeta de Caruarú", peça teatral de autoria Aldomar Conrado de acordo com as normas censoriais vigentes, para que possa ser apresentada.

Nestes Têrmos, pede deferimento

Salvador, 11 de junho de 1980.

Ana Suely Barbosa Moreira

ANA SUELY BARBOSA MOREIRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 256

237

ILMO.SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA E DIVERSÕES PÚBLICAS
DO D.P.F./DF.

ANA SUELY BARBOSA MOREIRA, brasileira, solteira estudante com Carteira de Identidade expedida pela Secretaria de Segurança Publica nº 950.985 residente e domiciliada à Rua Benjamin Constant nº 29 apto. 102 bairro do Bomfim, nesta cidade do Salvador, estado da Bahia, vem mui respeitosamente requerer à V.S. que se digne a mandar examinar o texto da peça "O Capeta de Caruarú", peça teatral de autoria Aldomar Conrado de acordo com as normas censoriais vigentes, para que possa ser apresentada.

Nestes Têrmos, pede deferimento

Salvador, 11 de junho de 1980.

Ana Suely Barbosa Moreira

ANA SUELY BARBOSA MOREIRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.OL56ip.257

Aldomar Conrado

O APOCALÍPSE

OU

O CAPETA DE CARUARU

Menção Honrosa
1967

Serviço Nacional de Teatro
Ministério da Educação e Cultura
Rio de Janeiro, 1968

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.258

P R Ó L O G O

Onde o autor pede emprestadas algumas idéias ao seu irmão inglês William Shakespeare e des de já agradece

Uma encruzilhada. Árvores sêcas. Trovões. Relâmpagos. Três bruxas em tôrno de um caldeirão que ferve.

PRIMEIRA BRUXA - Um pimentão...

SEGUNDA BRUXA - Um galho de avelós...

TERCEIRA BRUXA - E um de mangericão...

SEGUNDA BRUXA - Três dentes de dois avós...

PRIMEIRA BRUXA - Esperma de burro ladrão...

TERCEIRA BRUXA - Mijo de mulher parida
Em noite de São Sebastião.

AS TRÊS BRUXAS - Bão ba la lão
Bão ba la lão
Lão Lão Lão.

PRIMEIRA BRUXA - A mistura está feita; agora é saber apli cá-la.

SEGUNDA BRUXA - Eu saberei como aplicar. O ódio é meu; a vingança será minha também. Mulher safada aquela. Numa noite tão ge lada, eu com estes trapos mal cobrindo o corpo, a vassoura quebrada, e a quenga foi incensar a casa com incenso bento por bispo, para que eu tivesse de sair pela noite afora tremendo no meu frio e na minha pobreza.

TERCEIRA BRUXA - Maus tempos aqueles em que uma bruxa não pode nem conseguir uma vassoura nova.

SEGUNDA BRUXA - Faço questão, irmãs, de eu mesma ser a

. BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.259

portadora deste líquido infernal que vai terminar com a paz dessa mulher famigerada.

PRIMEIRA BRUXA - E você tem direito. Tome, irmã. Vai e semeia a discórdia, o desassossêgo...

A segunda bruxa segura o caldeirão

TERCEIRA BRUXA - E que seja vigorosa no seu desejo. Aqui ficamos nós com as nossas orações mais fortes e todo o vigor de nosso ódio, unidas, para que o seu desejo se realize. Mas há que saber escolher.

SEGUNDA BRUXA - Já sei que vai ser. Ela terá, na penúltima noite da oitava luz nova, um casal de gêmeos. Três dias depois, uma cigana baterá à sua porta.

Luz numa porta de casebre
Cigana bate na porta

VOZ DE MULHER (dentro do casebre) - Entre, pos favor, se é de paz. Estou sozinha, parida de somente três dias.

A cigana entra no casebre

SEGUNDA BRUXA - Ela vai dar a mão para que a cigana leia sua sorte. A cigana dirá que aquela noite mesma o marido vai chegar corregado numa rêde, com o corpo furado por vários balaços. Ela grita.

Ouve-se o grito da mulher

SEGUNDA BRUXA - Desmaia. A cigana vê as duas criancinhas machas, gêmeas e lindas. Então a cigana decide: uma será minha. E carrega uma das criancinhas.

A cigana sai do casebre carregando uma criança e foge.

As três bruxas gargalham violentamente

AS TRÊS BRUXAS - Foi assim, foi assim mesmo
foi assim que aconteceu
roubaram o filho da quenga
e a quenga quase morreu
o marido chegou morto
e a quenga quase morreu

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.260

ela teve que viver
p'ra nesta terra de sangue
sofrer o que fez sofrer.

As bruxas saem em grandes pulos
Cai um cartaz: "Vários anos depois"
Biu sai do casebre seguido da Velha

VELHA - Eu vivi avisando, não foi? Vivia dizendo: Biu não se meta com rabo de saia, que você não pode. Eu sou velha, sem ninguém, preciso de um arrimo na vida. O seu outro irmão, o diabo levou, não sei se vive ou morto está. Só tenho a você no mundo. Mas quem disse que me ouviu? Foi como se eu tivesse dito exatamente o contrário. Ai, que destino o meu. Pobre ser desvalido. Viver p'ra que, Deus meu? Ver um filho roubado aos três dias de parido, e agora a suprema desventura de ver o outro fugir, e por que? e por que? Por safadeza. Meter-se com mulher casada. Se você não fôsse meu filho eu lhe chamava de filho da mãe.

BIU - Eu quero sua bênção, mãe.

VELHA - Benção minha não vai ter. Não amaldiço-o nem rogo praga, porque é carne das minhas entranhas. Mas desejar bem também não posso. Vai, segue seu destino de maldição, e lembra que fica uma mãe abandonada, chorando lágrima e sangue... Vai. Vai. Se tem que ir por que não vai logo?

BIU - Sua bênção, mãe.

VELHA - E como não dar a benção? Coração de mãe não foi feito para o ódio. O filho erra e a gente continua amando. Vai meu filho, que Deus lhe acompanhe cada passada. E lembra de mim se a sorte fôr benfazeja.

(Abraça-se com Biu e chora)

BIU - Até a volta, mãe. A gente ainda vai se encontrar
VELHA - Que todos os anjos lhe acompanhem.

Biu sai correndo
A velha chora
As três bruxas em cima de uma árvore a tudo assistem e dão uma risada terrível

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156,p. 261

Um cartaz: "onde se volta ao dia que a cigana roubou o menino"

Cigana bate na porta de um outro casebre

VOZ DE OUTRA MULHER - É de paz?

A CIGANA - De toda paz

Aparece a outra mulher com dois filhos nos braços

A CIGANA - Gêmeos?

A OUTRA MULHER - Tive há já quinze dias. Imagine só. Uma pobreza tanta e duas bôcas para sustentar.

A CIGANA - Quer me dá um? Tenho um filho único e me preocupo; dizem que filho sozinho termina virando mofino. Já nem consigo dormir.

A OUTRA MULHER - A senhora está falando deveras?

A CIGANA - Verdade verdadeira.

A OUTRA MULHER - Então, tome. Pode escolher.

A CIGANA - Qualquer um serve.

A OUTRA MULHER - Tome este aqui; é o que tem mais fome. Ò boquinha insaciável.

A CIGANA - Dia feliz o de hoje; dois filhos sem precisar ter parido.

(Pega a criancinha e sai)

Cartaz: "onde se repete um pouco p'ra poder continuar

Luz no casebre de Biu

VELHA - Vai. Vai. Se tem que ir por que não vai logo?

BIU - Sua benção, mãe.

VELHA - E como não lhe dar a benção? Coração de mãe não foi feito para o ódio. O filho erra e a gente continua amando. Vai, meu filho, que Deus lhe acompanhe cada passada. E lembra de mim se a sorte lhe fôr benfazeja.

(Abraça-se com Biu e chora)

BIU - Até a volta, mãe. A gente ainda vai se encontrar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0156.p.262

VELHA - Que todos os anjos lhe acompanhem.

Biu sai correndo
A velha chora
As três bruxas em cima de uma árvore a tudo assistem e dão uma risada terrível

PRIMEIRA BRUXA - Vejam, vejam.

AS DUAS OUTRAS BRUXAS - O que? O que?

PRIMEIRA BRUXA - Naquela outra cidade... Que estranho. Acontece a mesma coisa.

Luz no outro casebre
saem Chico e aoutra velha

OUTRA VELHA - Eu ainda lhe mato. Eu ainda lhe mato, desgraçada.

CHICO - Mãe, a senhora precisa compreender.

OUTRA VELHA - Compreender o que? A tua safadeza? Não vivi avisando? Que essas mulheres daqui só podem arranjar confusão? Ah, desgraçado, às vezes tenho vontade que o marido dela lhe pegue e lhe cape, e só assim eu ia ter sossêgo no fim da minha vida.

CHICO - Mãe tá dizendo isso de brincadeira. Desdiz, mãe, por vafor.

OUTRA VELHA - Não desdigo coisa nenhuma. Ah, Deus meu, o que vai ser de mim? Sozinha no fim dos meus dias. Por que eu não dei você em lugar do outro? Quem sabe o outro não é um homem de bem que faz a felicidade daquela maldita cigana?

CHICO - Mãe, eu vou ter que ir embora. Mas antes, mãe vai desdizer, aquilo, pela hostia consagrada.

OUTRA VELHA - (Agarrando-se a Chico) - Ó filho meu, que vão ser dos meus dias, sem nenhum amparo?

CHICO - Mãe, o marido pode aparecer de repente e eu estou atolado. Ele contratou três cabras p'ra liquidar com os meus dias.

A OUTRA VELHA - Vai e que Deus lhe ilumine.

Chico beija a outra velha e sai correndo

A outra velha chora
Escurece
Luz

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0256 p. 263

Cartaz: "O grande encontro de Chico e Biu"

Biu e Chico entram correndo, encontram-se e caem no chão

CHICO - Oi, que pressa dos diabos.

BIU - E a sua não é igual?

CHICO - Tou fugindo do marido de uma namorada minha.

BIU - Eu também.

CHICO - Você também está fugindo do marido de uma namorada?

BIU - Pois não é?

CHICO - Eita, quanto destino de côrno neste mundo de Deus.

BIU - Você vai p'ra onde?

CHICO - P'ra cidade mais longe que eu encontrar

BIU - Podemos ir juntos.

CHICO - Topo.

BIU - Então topado está.

CHICO - Tenho aqui uma caninha. Quer um gole?

BIU - Ora se não.

Bebem

CHICO - U, dois, três?

BIU - Correr enquanto é vez.

Saem correndo

Cartaz: FIM DO PRÓLOGO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0256,p.264

P R I M E I R A P A R T E

CENA I

Onde se apresenta uma cidade grande do agreste pernambucano com alguma crítica dos costumes

Quarto da agonizante

Ao lado da cama Antônio Cipriano, sua mulher Rosinha, padre Damião, Rita, cunhada de Cipriano, duas beatas e o sacristão.

A AGONIZANTE - Meu filho, eu vou ter de revelar um segrêdo.

(Os personagens entreolham-se)

ANTÔNIO CIPRIANO - Mãe, acho melhor não falar muito. A senhora precisa de descanso. O médico recomendou repouso absoluto.Nós todos vamos sair e só Rosinha vai ficar aqui. A senhora tem que descansar.

A AGONIZANTE - Não, meu filho. Não me deixe agora. Sinto que a vida está me deixando. E não tenho mêdo. Antes de me confessar

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156 ip. 265

para receber a extrema-unção tenho de contar para vocês um terrível segrêdo. Você, Antônio Cipriano, você não é meu filho!

(Interjeições de espanto)

ANTÔNIO CIPRIANO - Como?

A AGONIZANTE - Não é meu filho. Depois de dois anos de casada, sem ter nenhum filho, conheci uma cigana que veio ler a minha mão. Nunca acreditei muito nestas coisas, mas nesta tarde, que o bom Deus me perdôe, mandei a cigana entrar. Queria saber se ainda viria a ter um filho. A cigana vinha acompanhada de dois garotinhos, com três anos mais ou menos, e dizia que eram seus filhos. Percebi logo que não eram. Todos nós sabemos que essas mulheres nunca têm filhos e vivem de roubar as crianças dos outros. Imediatamente fiquei encantada por uma das crianças. E me veio aquele desejo de tê-lo como filho. Tentei convencer a cigana de me dar o menino. Mas a cigana riu muito e disse que não. Dei minha mão para a cigana ler. Quase que de repente, ela levanta-se com uma expressão de pavor no rosto e grita para mim: Você vai ser minha assassina. A minha assassina. E ficou repetindo aquilo cada vez mais alto. Fiquei com medo que os vizinhos ouvissem e avancei para ela. Ela continuava gritando. Consegui tapar-lhe a bôca, mas não sei se com muita força ou se por muito tempo... O certo é que a cigana morreu debatendo-se nos meus braços.

ANTONIO CIPRIANO - Mãe! (À parte) Mas que mãe?

A AGONIZANTE - Meu marido, que Deus o tenha em sua Santa guarda, era delegado então e conseguiu que ninguém soubesse do que tinha acontecido. Viajei para o Recife onde passei dois anos. Uma das crianças era você e desde então criei como se fôsse filho das minhas entranhas. A outra...

PADRE DAMIÃO - Fale. Fale...

A AGONIZANTE - A outra era você, padre Damião, que entreguei à minha pobre irmã que não tinha filhos também.

ROSINHA - Meu Deus!

(A agonizante desmaia. Todos choram. Antônio Cipriano e Padre Damião estão de frente e têm o espanto no rosto)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0256 | p.266

PADRE DAMIÃO - (Para Antônio Cipriano) - Senhor prefeito, queira aceitar minhas condolências...

ANTÔNIO CIPRIANO - Senhor prefeito? É assim que me trata?

PADRE DAMIÃO - E que outro tratamento?... Sim... Outro tratamento sim. Meu irmão! Meu irmão!

(Os dois abraçam-se - as mulheres cercam os dois rapazes)

PRIMEIRA BEATA - Deus nos reserva cada surprêsa...

SEGUNDA BEATA - São muito intrincados os caminhos de Deus...

ROSINHA - (Abraçando o padre) Meu cunhado...

(Abraços efusivos dos personagens)

PADRE DAMIÃO - Temos que nos lembrar da finada...

ANTÔNIO CIPRIANO - Realmente...

PRIMEIRA BEATA - Que Deus lhe lumie as santas veredas...

SEGUNDA BEATA - Que os santos lhe acompanhem até o Portal da Glória...

PRIMEIRA BEATA - Ave Maria, cheia de graça...

(Rezam todos, com devoção, quando entra vio - lentamente no quarto um rapazote de 15 anos. Todos olham-no com reprovação. O rapazote se benze e grita para o sacristão)

RAPAZOTE - (Para o sacristão) Corra, seu Bonifácio, que a sua égua deu cria a um cavalo com cabeça de gente.

RITA - Um vacalo com cabeça de gente?

RAPAZOTE - Sim, dona Rita. É uma coisa de espantar. T'a todo mundo por lá sem saber o que fazer. O cavalo tem nariz, como a gente, queixo como a gente, e olhos azulados.

PRIMEIRA BEATA - Cruz Credo!

SEGUNDA BEATA - Só pode ser fim de mundo!

PADRE DAMIÃO - Menino você sabe o que está dizendo?

RAPAZOTE - Sei, sim, seo padre. Eu vi. Vi com estes dois olhos que a terra vai comer.

ANTÔNIO CIPRIANO - Temos que tomar providências imediatas. Como prefeito da cidade tenho que pensar nas coisas que vão acontecer. Esta notícia vai correr mundo, virão jornalistas de toda parte.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.267

PADRE DAMIÃO - Temos que ir lá imediatamente.

ROSINHA - Mas, a finada...

RITA - Sim, a finada...

ANTÔNIO CIPRIANO - A finada? Ora essa! Logo agora...

SACRISTÃO - Mas, eu tenho que ir. (Com orgulho) Foi na minha casa.

PADRE DAMIÃO - Claro que você tem que ir. Um fato desse não acontece todos os dias. Com cabeça de gente mesmo?

RAPAZOTE - Por essa luz que me alumia os olhos...

PADRE DAMIÃO - Então é ir...

ANTÔNIO CIPRIANO - (Para as beatas) Vocês ficam velando o corpo.

PRIMEIRA BEATA - Mas nós também queríamos ver o fenômeno.

ANTÔNIO CIPRIANO - Depois. Alguém tem que ficar velando a finada.

ROSINHA - Claro. A finada não pode ficar sozinha.

PADRE DAMIÃO - Vamos rápidos.

(Saem todos - a primeira beata fica olhando apavorada para a finada)

Luz no roçado do Sacristão

O cavalo com cara de gente está cercado por Cosma, mulher do sacristão, e alguns curiosos. Entram Antonio Cipriano, padre Damião. Rosinha, Rita, o sacristão, e a segunda beata.

SEGUNDA BEATA - (Vendo o cavalo) - Meu Deus! (Cai desmaiada. Algumas pessoas socorrem a beata)

COSMA - (Para o sacristão) - Você aqui não fica mais!

SACRISTÃO - Como?

PADRE DAMIÃO - O que houve, dona Cosma? A senhora está nervosa?

COSMA - Nervosa não reverendo. Ofendida. Ofendida no que a mulher tem de mais sagrado.

PADRE DAMIÃO - Mas ofendida em que, dona Cosma? Essas coisas acontecem de tempos em tempos. A senhora não tem culpa, nem o seu marido.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p 268

COSMA - Olhe os olhos do cavalo. Reverendo.

PADRE DAMIÃO - Estou vendo, dona Cosma.

COSMA - Está reparando bem, seo padre.

PADRE DAMIÃO - Estou, sim. São estranhamento azuis.

COSMA - (Puxando o marido) - E os dêle?

SACRISTÃO - Os meu, como?

PADRE DAMIÃO - Que tem os olhos do seu marido?

COSMA - A cor! A cor!

PADRE DAMIÃO - Azuis, dona Cosma...

COSMA - ... como os do cavalo, Reverendo!

SACRISTÃO - Você tem coragem...

ROSINHA - Dona Cosma, a senhora está nervosa.

COSMA - Que nervosa o quê! Eu sou lá idiota, dona Rosinha. Estou vendo. Estou vendo a semelhança.

ANTÔNIO CIPRIANO - Não é possível dona Cosma, que a senhora pretenda acusar seu marido de uma infâmia tão grande...

COSMA - Ele sempre teve um cuidado exagerado por aquela égua, seo prefeito. Mas nunca me passou pela cabeça... Como podia passar pela cabeça de mulher nenhuma que seu marido e... e... uma égua!

SACRISTÃO - Essa é demais!

COSMA - Demais, hein seu semvergonha? Eu sempre jurei que nunca seria mulher côrna. E terminei sendo. Côrna de uma égua. Me desculpe o palavreado, Reverendo. Mas não há uma mulher, com brio na cara, que com uma dessas não termine por perder as estribeiras. Com uma égua, dona Rosinha. A senhora se imagine na minha situação. O que a senhora faria no meu lugar? Eu mato ele. Esfolo. Ai, meu Deus. Côrna de uma égua. (A primeira beata vai voltando a si)

Como isto foi me acontecer? Ser trocada por uma égua...

SEGUNDA BEATA - Só pode ser fim de mundo!

(Escurece - a luz volta para o quarto da agonizante - a primeira beata reza com nervosismo o seu terço)

A AGONIZANTE - Antonio... Meu filho...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156,p.269

PRIMEIRA BEATA - Irmã... Irmã... Lembra-te de Deus e da Virgem! Volta para as profundas!

A AGONIZANTE - Meu filho... Água... Água...

PRIMEIRA BEATA - Ai,meu Deus, deve ser o fogo do Inferno que está consumindo a finada. Mas por que isto foi acontecer logo comigo: eu nunca fiz mal a ninguém. Ave-Maria, cheia de graça...

A AGONIZANTE - Quem está aí? Marocas?

PRIMEIRA BEATA - Ela lembra do meu nome. Irmã, esquece das coisas da Terra e lembra-te das coisas do Céu.

A AGONIZANTE - Marocas... Um pouco d'água, pelo amor de Deus. Água senão eu morro.

PRIMEIRA BEATA - E eu posso me levantar? Se pudesse eu saía correndo. Ave Maria, o senhor é convosco...

A AGONIZANTE - Será que eu vou ter fôrça para me levantar?...

PRIMEIRA BEATA - Não se levante não, pelo amor de Deus. Socorro! Socorro! Valei-me todos os anjos e santos... Socorro!

(Entram correndo - Antônio Cipriano, Rosinha, Rita, Padre Damião, o sacristão e a segunda beata)

TODOS - Que houve? Que houve?

PRIMEIRA BEATA - Ela... Voltou do Além...

PADRE DAMIÃO - A senhora está nervosa, dona Marocas, ninguém volta do além...

A AGONIZANTE - Água... Água... Morro de sêde

TODOS - Aiiiiiiii!

PADRE DAMIÃO - Numa situação como esta temos que ter muita calma.

A AGONIZANTE - Morro de sêde...

ANTÔNIO CIPRIANO - Ela talvez não tenha morrido.

RITA - Como não morreu se estava imóvel e com a palidez na fronte?

PADRE DAMIÃO - Claro que não morreu. Vamos dar água a nossa boa amiga e render graças a Deus pela sua cura.

(A agonizante levanta-se um pouco da cama com os olhos muito esbugalhados e grita:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p.270

A AGONIZANTE - Perdão, cigana! Perdão!

ROSINHA - Ela está falando com a cigana!

Todos ajoelham-se e começa a rezar histericamente; a agonizante dá um grito e morre.

PADRE DAMIÃO - Creio que desta vez ela faleceu de verdade.

(Aproximam-se da falecida o padre Damião e Antonio Cipriano que examinam-lhe os olhos, auscultam-lhe o coração)

ANTONIO CIPRIANO - Morreu na verdade!

PADRE DAMIÃO - Que Deus se compadeça de sua alma!

RITA - Oremos.

(Irrompe com violência no quarto o rapazote)

RAPAZOTE - Seo prefeito! Seo prefeito!

ANTÔNIO CIPRIANO - O que foi que aconteceu? Será que a gente não pode mais chorar nem a morte de um parente querido?

RAPAZOTE - Antonio das Almas manda pedir socorro.

ROSINHA - E o que foi que aconteceu?

RAPAZOTE - A filha dele, a Sigismunda, está crescendo, crescendo... Ele já afastou algumas telhas da casa porque ela não cabe mais...

PADRE DAMIÃO - O que você está dizendo?

RAPAZOTE - A verdade, seo padre... A verdade... Venha ver...

Luz na casa de Antonio das Almas - Pelo telhado sai a cabeça de Sigismunda.

SIGISMUNDA - Pai, pai, estou com mêdo...

ANTONIO DAS ALMAS - Eu também filha minha. O que é isto que aconteceu com você?

SIGISMUNDA - Aqui tem muito morcego, pai. E cada ratazana...

ANTONIO DAS ALMAS - E que é que eu posso fazer, filha minha?

ANTONIO CIPRIANO - Hoje é a noite dos prodígios.

PRIMEIRA BEATA - Jesus, Maria, José.

RITA - O que devemos fazer?

PADRE DAMIÃO - Pedir a Deus misericórdia. São os pecados.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.272

Tantos... Deus termina por se impacientar. E temos que pedir clemência. Clamar sem cessar.

ANTÔNIO CIPRIANO - E eu? Como autoridade tenho que tomar uma providência.

ROSINHA - Mas que providência?

ANTONIO CIPRIANO - Não sei. Mas temos que inventar. Chamar o Corpo de Bombeiros, pedir ajuda ao Exército. Mobilizar tudo e todos. E prepararmo-nos para o pior.

SEGUNDA BEATA - O prefeito acha que ainda vai acontecer mais coisas?

ANTONIO CIPRIANO - Quem pode jurar? Mas também quer pode afirmar o contrário? Quantas coisas numa só noite. O que o restante dos dias nos reserva? Não. Não me espantarei mais de nada. Se vir línguas de fogo dançando pelo céu acharei tudo muito natural. (Olhando para Sigismunda) Pobre moça! Ainda ontem tão tranquila, fazendo o enxoval do seu noivado...

SIGISMUNDA - Pai, dê um jeito de me tirar daqui.

ANTONIO DAS ALMAS - Não fale assim que me dá uma dor no coração... Como eu posso tirar você daí, filha minha! A falta que faz um bom guindaste numa terra como esta. Bem que vivíamos dizendo, senhor prefeito, que a cidade precisava de um guindaste. Era como se a gente estivesse adivinhando. Mas não... O dinheiro do município servia pra tudo, menos para o guindaste. Agora eu sinto na carne a falta do guindaste. Que posso fazer por minha filha? Ela fica exposta neste sereno, e não pode ser nada bom para a sua saúde. A administração pública neste país está muito longe do que se pode desejar.

ANTONIO CIPRIANO - Então o senhor me acusa de não saber administrar o município?

ANTONIO DAS ALMAS - Com fato provado. A cidade tem um guindaste? E como eu posso tirar minha filha senão com um guindaste?

ANTONIO CIPRIANO - A Oposição sempre encontra um jeito de atacar o governo, mesmo nas horas mais impróprias. Antonio das Almas, acabo de passar uma noite terrível. Perco minha mãe que não era minha mãe, nasce um cavalo com cabeça de gente, sua filha vira vara pau, me diga, se tudo isto junto não é para enlouquecer até a cabeça de um santo?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0256, p. 272

ROSINHA - Meu filho, por que você não vai para casa dormir um pouco?

ANTONIO CIPRIANO - E você acha que eu iria conseguir? Não. Ficarei de pé junto do meu povo, à espera do que possa acontecer. Não quero de modo nenhum abandoná-lo numa hora de tanto mistério. O comandante é o último a deixar o barco que soçobra. Me comportarei de modo semelhante.

(Discretos aplausos)

ANTONIO DAS ALMAS - Então o senhor prefeito aproveita-se de uma situação tão dolorosa para fazer propaganda pessoal? Acho um absurdo!

RITA - Você está nervoso, Antonio das Almas, e está interpretando de uma maneira toda errada o procedimento do meu cunhado. Antonio Cipriano é um homem de bem e todo devotado ao povo deste município. Você pode ser da Oposição, é um direito que lhe assiste, mas não pode abusar deste direito, e fechar os olhos para todas as demonstrações de humanidade dadas pelo senhor meu cunhado.

ROSINHA - Muito bem, Rita. Acho, meu marido, que devemos nos retirar.

PADRE DAMIÃO - Realmente, talvez seja melhor. Os ânimos estão exaltados com toda essa estranheza.

ANTONIO CIPRIANO - Talvez seja o mais certo. Irei para junto daquela a quem devo minha existência. Qualquer coisa que você precisar, Antonio das Almas...

ANTONIO DAS ALMAS - Eu só preciso de um guindaste.

ANTONIO CIPRIANO - Vou mandar pedir um no Recife. É o máximo que posso fazer.

(Retira-se em companhia de Rosinha, Rita e Padre Damião)

SACRISTÃO - (Para o prefeito) Posso ir com o senhor?

ROSINHA - Por que você não volta para casa?

SACRISTÃO - A senhora viu como está a Cosma... Não tenho coragem.

ANTONIO CIPRIANO - Minha casa está aberta para todos os necessitados.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156,p.273

(Saem, os cinco. Escurece. Luz no quarto da falecida)

A gente se vira e é como se só escutasse gemidos. Quantos infortúnios numa só noite.

RITA - As bruxas estão soltas.

PADRE DAMIÃO - Não acredite em bobagem. Nisto tudo está o dedo de Deus. Os homens se distanciam tanto do Divino Salvador que às vezes ele tem que mostrar o seu poder mandando todos esses prodígios.

ANTONIO CIPRIANO - São as provações... (Com as mãos postas) Meu Deus, Meu Deus, o que ainda estará reservado a este pobre servo?

A cena escurece

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 274

CENA II

(Às margens de um riacho, Biu e Chico comem umas bananas. Cartaz: prossegue a viagem maravilhosa de Biu e Chico. Pequena meditação diante de um afogado)

BIU - Eita carreira boa.

CHICO - Tu acha que a gente está livre? Que não há mais perigo nenhum?

BIU - Eu só vou me sentir sossegado numa terra grande com o domínio da lei. Por aqui eu sinto o mesmo cagaço. Matam a gente e ninguém vai socorrer.

CHICO - Minha mãe vivia dizendo: "Chico, não te mete com mulher encangada". Tinha razão a pobre velha. Agora aqui estou eu sem saber do meu destino.

BIU - (Solene) E quem sabe nunca do seu destino? Credo em Cruz!

CHICO - Que foi, homem de Deus?

BIU - Olhe alí no riacho. Aquilo não é um homem afogado?

(vão para junto do riacho)

CHICO - E não é Severino?

BIU - Severino das Cruzes?

CHICO - Ele mesmo.

BIU - Você não sabia que ele tinha sido matado?

CHICO - Não. Por causa de mulher?

BIU - Não. Questão de terras.

CHICO - Oxente, que diacho de questão de terras foi essa se ele não tinha nenhuma?

BIU - Pois é. Não tinha nenhuma mas queria ter.

CHICO - Queria ter?

BIU - Queria ter. E parece que não pôde.

CHICO - É sím. Parece que não pôde.

BIU - Mas ele achava que podia. Eu dizia: Severino das Cruzes tu toma cuidado. Esse negócio teu de achar que pode ter as terras dos outros. Olha aí. O corpo todo furado e ainda mais afogado. Que morte horrorosa.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.275

CHICO - Pobre do Severino das Cruzes!

BIU - Tu acha que ele podia?

CHICO - Podia o que?

BIU - Querer as coisas que ele queria.

CHICO - Oxente, pra que tu quer saber?

BIU - Somente pra saber.

CHICO - E tu? Acha o que?

BIU - Eu?

CHICO - Pois é. Tu!

BIU - É... Não é?

CHICO - Pois é. Quem sabe? Um dia, não é?

(Os dois se entreolham com desconfiança)

BIU - Pois é. Oremos.

(Ajoelham-se e rezam. O rapazote aparece correndo e tropeça nos dois) Que carreira é esta, meu irmão? Também tá fugindo de marido chifrudo?

RAPAZOTE - Antes fôsse. Mas eu tou fugindo é do capeta mesmo.

CHICO - Do capeta? Que história é esta? Capeta na luz do sol?

RAPAZOTE - Vocês não podem imaginar. Nasceu um cavalo de cabeça de gente...

CHICO - Um cavalo de cabeça de gente?

RAPAZOTE - ... Uma moça cresceu tanto que furou o telhado...

BIU - Com febre, meu irmão?

RAPAZOTE - Uma finada morreu, ressuscitou e morreu de novo, e agora a pobre de minha mãe deu pra comer que não pára mais, e engorda tanto que não passa mais por nenhuma porta. A pobre fica sentada, comendo e engordando, comendo e engordando, já está quase da largura de metade da sala.

CHICO - Tão moço!

RAPAZOTE - Eu juro por tudo! Por todos os anjos e santos!

CHICO - E isso tudo acontece, adonde?

RAPAZOTE - Em Caruaru.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156 ip 276

BIU - Pois é o nosso destino.

RAPAZOTE - Não vá, não vá. Já estão dizendo que é o fim do mundo.

CHICO - O fim do mundo?

RAPAZOTE - O fim do mundo.

BIU - Pois é para lá que nós vamos.

RAPAZOTE - E eu vou pra bem longe. Na direção que vocês vieram.

CHICO - Escuta aqui, menino. Se tu encontrar dois chifrudos doidos perguntando por dois mancebos, não diz que encontrou a gente. Combinado?

RAPAZOTE - Combinado.

(O rapazote sai correndo)

BIU - E então?

CHICO - Vamos lá. Quando essas coisas acontecem as mulheres ficam doidas e é um tal de querer proteção.

BIU - Oi, é assim que eu me sinto à vontade.

(Saem - a cena escurece)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.277

CENA III

Luz sobre a casa de Antonio das Almas -
Sigismunda lastima-se no alto do telhado -
Em baixo Antonio das Almas e moradores

SIGISMUNDA - Eu não aguento mais. Socorrei-me todos os anjos do Céu! Só penso se começar a chover. O que vai ser de mim?

PRIMEIRO MORADOR - Não se aperreie não Sigismunda. Aqui quase não chove...

SIGISMUNDA - E você acha que é bom ficar aqui em cima, com essa doença de coqueiro, crescendo cada minuto? E meu noivo quando chegar? Será que ainda vai querer casar comigo?

ANTONIO DAS AIMAS - Minha filha, já disse pra você esquecer dessas coisas.

SIGISMUNDA - Esquecer do meu noivo, papai?

ANTONIO DAS AIMAS - Nós agora só temos que pensar mesmo em arranjar dinheiro para comprar ou alugar um guindaste. Casamento fica pra se pensar depois.

SIGISMUNDA - Que desgraçada eu sou!

ANTONIO DAS AIMAS - Eu si, filhinha. Eu sei. Mas temos que ter paciência. Muita paciência. (Para os moradores) Vocês não querem dar um dinheirinho pra gente poder arranjar um guindaste? (Os moradores dão o dinheiro) - Que Deus ajude vocês todos!

SIGISMUNDA - E ainda mais virar esmoler.

ANTONIO DAS AIMAS - Não fale assim, filhinha.

SIGISMUNDA - E não é verdade, pai? Ai, se o meu noivo souber disto, aí é que ele não casa mesmo. E o que vai ser de mim? Coqueiro e sem marido; pior mesmo que destino de mulher da vida.

ANTONIO DAS AIMAS - Eu vou até a feira, filhinha, pra ver se arranjo mais dinheiro.

SIGISMUNDA - Mas não demore, pai. Tenho tanto medo de ficar nessas alturas sozinha.

ANTONIO DAS AIMAS - Tá muito bem.

(Sai Antonio das Almas - entra o cavalo com cabela de gente com um ramo de flores nos dentes)

SIGISMUNDA - Você veio de novo, meu amigo?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 278

CAVALO COM CABEÇA DE GENTE - (Relincha)

SIGISMUNDA - E sempre com as suas flores? Se não fôsse a sua delicadeza não sei o que seria de mim. (Estende os braços e apanha o ramo de flores - o cavalo com cabeça de gente executa alguns passos de dança) Se não fôsse por você, meu amigo... Sinto-me tão sozinha.

CAVALO COM CABEÇA DE GENTE - (Relincha)

SIGISMUNDA - Que bom você ter findo!

COSMA - (Entrando com uma vassoura na mão) Ah, seo cavalo, o que você quer mesmo é viver na vadiagem? Vamos embora! Vamos aproveitar a feira. Já armei uma tenda pra mostrar você e ganhar algum dinheiro.

SIGISMUNDA - Deixe ele um pouco comido, dona Cosma, me fazendo companhia...

COSMA - Viver não é fácil, Sigismunda. Tem que ganhar dinheiro. A situação está cada vez pior. Vamos, cavalo. Vamos.

(Saem Cosma e o cavalo com cabeça de gente)

SIGISMUNDA - Ai de mim, desventurada!

(Escurece - luz na casa de Antonio Cipriano)

ROSINHA - Preciso falar com você.

ANTONIO CIPRIANO - Não é um absurdo? Pedindo esmola na feira só para me desmoralizar.

ROSINHA - Antonio...

ANTONIO CIPRIANO - O que não vão dizer por aí de mim? Antonio das Almas, na feira, pedindo esmola, para comprar um guindaste. Um guindaste que é da alçada da Prefeitura. Essa Oposição é mesmo uma desgraça. Aproveitam até a própria desgraça para tirar rendimento político.

ROSINHA - Antonio, eu queria saber por que você tem chegado tarde todas as noites?

ANTONIO CIPRIANO - Fico com vontade de mandar prender esse homem. Ele quer acabar com minha vida. Rosinha, hoje deve chegar em Caruaru um enviado do senhor Presidente para fazer uma inspeção na cidade. Esses fatos que aconteceram aqui chamaram para nossa cidade a atenção do mundo inteiro. No Rio de Janeiro, pessoas da Opo-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 279

sição, estão tirando vantagem disto tudo, para dizer que se trata de um castigo do céu contra o atual govêrno. Enquanto isto os assessores mais próximos do Presidente estão vendo nisto tudo uma manobra altamente subversiva. Veja a que ponto chegaram... E eu transformei-me numa pessoa suspeita. Vem um emissário especial para verificar a veracidade ou não dos fatos que aqui aconteceram. Pois bem. Neste justo momento, Antonio das Almas vai para a feira pedir esmola, dizendo pra todo mundo que eu sou incapaz, porque a Prefeitura não tem um guindaste.

ROSINHA - E você chegou tão tarde por que, Antonio?

ANTONIO CIPRIANO - Não é de enlouquecer? O emissário do Presidente constata que não existe nenhuma subversão na cidade, mas pode muito bem achar que eu sou um incapaz por não ter providenciado um guindaste. E eu posso até ser submetido a um inquérito.

ROSINHA - Você vê, Ritinha. Ele se recusa a responder a minha pergunta.

ANTONIO CIPRIANO - Devo ou não prender Antonio das Almas? O meu futuro está em jôgo. A tranqüilidade do nosso lar está em jogo também.

ROSINHA - Antonio Cipriano, por que?...

ANTONIO CIPRIANO - Realmente é demais. Parece até um castigo. Mas eu nada fiz em minha vida para merecê-lo. Sempre fui bom filho, um bom cidadão, respeitador das coisas de Deus e da Pátria. Mas de repente vem tudo isto de uma vez só: um cavalo com cabeça de gente, uma mulher que não pára de crescer, outra que não pára de engordar, a terrível revelação da minha santa mãe na hora da morte, e para completar esta desmoralização que Antonio das Almas está me submetendo. Outro já teria enlouquecido.

ROSINHA - Ritinha, você quer falar com ele. Talvez ele tenha mais atenção a você.

RITINHA - Senhor meu cunhado, minha irmã deseja saber por que o senhor chegou tão tarde ontem à noite?

ANTONIO CIPRIANO - É demais! É demais! Se conseguir resolver tudo isto a contento necessito de umas férias. Vocês me entendem?

ROSINHA - É de enlouquecer!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, 280

ANTONIO CIPRIANO - É exatamente o que eu estava dizendo! É de enlouquecer? (Para Ritinha) Você não concorda comigo?

RITINHA - Mas a minha irmã...

ANTONIO CIPRIANO - Vou conversar com o padre... com o padre? (À parte) Será que ele é seu irmão?

ROSINHA - Mas, Antonio Cipriano...

ANTONIO CIPRIANO - Qualquer coisa estarei na igreja... Tenho que falar com urgência com padre Damião.

(Sai Antonio Cipriano)

ROSINHA - Você viu o cinismo dele, Ritinha. Depois você ainda o defende!

RITINHA - O homem está com a cabeça cheia de problemas.

ROSINHA - Problemas nada. Safadeza! Tudo isto é desculpa para ficar na rua até altas horas. Meu coração não me engana: existe uma mulher atrás disto tudo!

RITINHA - Ora, Rosinha, você não tem nenhum motivo para se queixar. Antonio é um marido exemplar. Sempre voltado para os problemas da casa. Não me lembro de nenhuma falta dele. É verdade que nestes últimos dias ele tem chegado tarde em casa. Mas você acha pouco o que tem acontecido?

ROSINHA - Você não sabe nada da Vida, minha irmã. Não sabe de que sujeiras os homens são capazes! Você não viu o sacristão? Quem diria!

RITINHA - E você acredita?

ROSINHA - Mas claro; os olhos são da mesma côr. Depois de uma coisa desta não se pode confiar mais em ninguém. O sacristão, quase um padre, tão agarrado às saias de dona Cosma, e de repente com uma égua em sua vida...

RITINHA - Ora, Rosinha...

ROSINHA - Depois disto botei as minhas barbas de molho. E quer saber de uma coisa? Vou atrás do Antonio... Não vou nesta historia de que foi pra igreja. Deve estar por aí atrás de algum rabo de saia.

RITINHA - Minha irmã, tenha um pouco de calma.

ROSINHA - Não, Ritinha. Mulher côrna eu não vou ser.

(Sai apressadamente com Ritinha - escurece

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p 281

CEGO (Cantando) - Eu Deixei o meu roçado
atrás do meu tatuzinho
andei milhões de léguas
e nada do meu bichinho
cruzei mares e montanhas
não encontrei o tatu
foi quando me deu uma dor
bem no pé da barriguinha
ai que dor danada
tive que dar uma paradinha
me escondi numa ribanceira
me espremi até valer
veio aquela caganeira
Ai, meu Deus que vou morrer
sem ver meu tatuzinho
foi quando encontrei uma véia
que sorria de mansinho
cheguei junto e disse:
a benção, vó, você viu o meu tatu?
A velha levantou a sala
e me puxou com carinho
Eu disse: t'esconjuro véia
vai cuidar da tua sina
e saí um galope doido
e encontrei uma menina
que tinha os oios de fogo
e uns cabelos de crina
me cheguei e perguntei
pelo danado do tatu
a menina foi me olhando
com aqueles oios de fogo
e foi dizendo dengosa:
Você não quer entrançar
as nossas crinas?
Me benzi, saí correndo,
e a pobre da barriguinha
dava voltas, ia doendo,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 282

doendo de fazer dó,
mas não parei mais pra nada,
e cruzei mares e montes
atrás do tatuzinho,
mas ninguém sabia nada
do meu querido bichinho,
foi quando desconsolado
voltei atrás da menina
vou deixar de ser um leso
e vou entrançar as minhas crinas
mas envez da menininha
no meio da campina
foi a danada da véia
com uns oios de sepultura
que me esperava na esquina
Desisti, voltei pra casa
e do pinto fiz um nó
com véia eu num engato
nem pra salvar minha vó.

O CEGO - Que Deus Nosso Senhor Jesus Cristo alumie o caminho de todos vocês!

TODOS - Amém!

(Enquanto o cego cantava a sua toada, Chico e Biu entram, imediatamente alguns habitantes cumprimentaram com respeito e espanto - Chico e Biu olharam para todos com maior espanto ainda.)

UM HABITANTE - (Para Chico e Biu) - Meus respeitos!

OUTRO HABITANTE - Que Deus proteja os senhores!

CHICO - Muito obrigado. Muito obrigado!

BIU - (Para Chico) - Simpático, o povo da cidade!

CHICO - Realmente, muito simpático! (Todos se retiram, menos Chico e Biu) Você viu? Todo mundo nos cumprimentando com o maior respeito?

BIU - Bem... eu estou um pouco desconfiado.

CHICO - Desconfiado por que?

BIU - Você lembra a história que aquele cabra nos contou?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p 283

CHICO - Das coisas estranhas que estão acontecendo aqui?

BIU - Sim.

CHICO - E que tem isto? Aquele cara pra mim era um leso. Não estou notando nada de anormal por aqui.

BIU - E aquela mulher, logo na entrada da cidade, que chegou junto de mim e perguntou: Seo padre, o que é isto, o senhor sem batina? O senhor acha pouco os castigos que Deus tem mandado pra gente?

CHICO - Aquela mulher era meio maluca.

BIU - Eu estou um pouco com mêdo que essa terra esteja cheia de doido. Ora! Todo mundo ri pra gente, cumprimenta, como se a gente tivesse nascido e se criado aqui.

CHICO - É uma gente hospitaleira. Eu sempre ouvi dizer: o povo de Caruaru é um povo bom danado!

(Passa uma mulher que olha para Chico e Biu e pára; aproxima-se de Biu, bem espantada, e toma a gênção)

MULHER - A bênção

BIU - Deus te abençoe. (A mulher sai) Você tá vendo?

CHICO - Costume da cidade.

BIU - Mas por que não tomam a benção a você?

CHICO - É que você tem uma cara meio de santo. Biu. Mas que cabra de sorte, hein? Vai ser fácil pegar essas menininhas todas...

(Aparecem Rosinha e Rita que ficam olhando de longe. Rosinha começa a fazer sinais para Chico)

BIU - Chico, tem uma mulher ali fazendo sinais para você.

CHICO - Sinais pra mim? E a danada é até bonitinha. Será que é uma quenga?

BIU - Não tem cara de quenga. Parece moça de respeito.

CHICO - E como é que está me chamando?

BIU - Eu sei lá... Não estou gostando nada disto.

CHICO - Você também é um apavorado. Tem medo de tudo.

BIU - Já corri muito por causa de marido doido. Não estou pra correr mais. Aqui quero fazer minha pousada, mandar buscar mãe, casar e ter muitos filhos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.284

CHICO - Ela continua...

BIU - E está vindo pra cá!

ROSINHA - Então, senhor meu marido, aproveitando o sol do meio dia?

BIU - E tu é casado, homem de Deus?

ROSINHA - E o senhor sem batina em plena rua?

RITINHA - São ordens do Concílio, Rosinha.

ROSINHA - Que Concílio, que nada! Eu acho é uma falta de respeito e das grandes!

BIU - (Para Chico) - Está entendendo alguma coisa?

CHICO - Nada. Mas se ela insiste que eu sou o marido não faço questão. Vou cumprir meus deveres conjugais.

BIU - Chico, cuidado! Algo está me avisando que é melhor mesmo a gente ir embora!

ROSINHA - Vamos para casa!

CHICO - Podemos ir. Vamos Biu?

RITINHA - Biu?

BIU - Um seu criado.

ROSINHA - Ainda bem que estão de bom humor!

BIU - E não é para estar?

ROSINHA - Vamos logo que precisamos ter uma conversa muito séria, senhor meu marido.

(Asduas se afastam)

BIU - Você vai?

CHICO - Mas claro. Bonitinha, não é?

BIU - Chico, eu estou vendo o dedo do capeta nesta história toda. Essa mulher é capaz de terum marido mesmo. A gente termina se estrepando.

CHICO - Eu já estou acostumado.

ROSINHA - Você quer me fazer perder a paciência?

CHICO - Não, meu amor. Vamos Biu.

BIU - Vamos (À parte) Mãe reza por mim. E reza forte.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156,p.285

S E G U N D A P A R T E

CENA I

VOZ DE ROSINHA - (Em sua casa) - E se perguntarem pela gente você diz que não tem ninguém em casa. Que eu e meu marido tivemos de sair. Não queremos que ninguém nos incomode.

VOZ DE EMPREGADA - Sim, senhora.

VOZ DE CHICO - Que não estamos em casa durante dias. Não queremos receber ninguém durante dias.

VOZ DE EMPREGADA - Sim, senhor.

Luz na rua - Antonio Cipriano, Padre Damião, Emissário do Presidente

ANTONIO CIPRIANO - V. Excelência ficará na minha casa. É casa de pobre mas terá todo o nosso carinho.

EMISSÁRIO - Não seria preciso tanto incômodo. Acho que não devo aceitar. E depois como vim em missão oficial, talvez não fique bem aceitar esse favor. Devo estar totalmente livre para as minhas investigações, sem nenhum vínculo mais forte. O senhor sabe, as informações que tivemos são as mais desencontradas. Enquanto uns são levados a acreditar que se tratam realmente de fenômenos, apenas por uma estranha coincidência aparecidos de uma só vez, outros, e tenho

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p 286

que dizer que a maioria, acreditam tudo não passar de uma manobra de agitadores interessados em perturbar a vida do país.

PADRE DAMIÃO - Mas como os agitadores podem fazer que uma mulher comece a crescer de repente ou um cavalo nascer com cabeça de gente?

EMISSÁRIO - Não sei como responder; mas para isto estamos aqui: para averiguar. E, Deus queira, poder tranquilizar o nosso Presidente. Esperamos, realmente, que se tratem de fenômenos: isto não trará nenhum prejuízo, até pelo contrário, poderá aumentar a receita da Prefeitura com a avalanche de turistas que certamente acorrerá a este local. Mas em caso contrário, se realmente se tratar de uma manobra nova dos agitadores, o caso se reveste de uma imensa gravidade, pois não estamos preparados para esse tipo de subversão de ordem. Sabemos muito bem como o nosso povo, principalmente o do interior, é cheio de superstições. Se ele for convencido que se trata de um protesto divino contra o atual governo, o que poderemos fazer? Teremos que estudar as medidas defensivas imediatamente.

ANTONIO CIPRIANO - Ainda hoje o senhor poderá tranquilizar o Presidente tenho certeza. Proponho ir até lá em casa, almoçarmos, e depois então iremos ver de perto os fatos estranhos.

EMISSÁRIO - Confesso que estou com muita fome.

PADRE DAMIÃO - Dona Rosinha, esposa do Prefeito, é uma excelente quituteira. O senhor não terá do que reclamar.

EMISSÁRIO - Mas não será um incômodo?

ANTONIO CIPRIANO - De modo algum. O senhor não pode imaginar a alegria nossa em receber uma tão alta autoridade da República.

EMISSÁRIO - Fico desvanecido com tanta atenção.

Entra o sacristão correndo com Cosma no seu encalço

SACRISTÃO - Peço proteção à autoridade.

PADRE DAMIÃO - Mas o que é isto?

COSMA - Eu avisei a esse miserável que não aparecesse mais na minha casa.

SACRISTÃO - A casa é minha também.

COSMA - Sua casa é no estábulo com aquela égua filha da mãe.

ANTONIO CIPRIANO - Deixemos este assunto para depois, dona

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 287

Cosma. A senhora está em presença de um Emissário do Presidente da República que veio a Caruaru para observar os fatos estranhos que aqui vêm acontecendo nos últimos dias.

COSMA - Ah, o senhor é amigo do Presidente?

EMISSÁRIO - Sim, senhora.

COSMA - Pois é com o senhor mesmo que eu precisava falar.

PADRE DAMIÃO - Dona Cosma, talvez numa outra hora... O senhor Emissário fez uma viagem muito cansativa...

COSMA - O senhor precisa pedir um favor ao Presidente, senhor Emissário. Eu sou uma mulher católica, de paie e mãe e avós católicos, mas se o Presidente não me fizer um favor muito grande, eu termino virando uma assassina.

EMISSÁRIO - Mas de que se trata?

COSMA - Eu preciso que o Presidente permita que eu me divorcie. Eu sei que no Brasil isto é proibido, mas no meu caso tem que ser. O senhor imagine, que o meu marido me traiu com a égua que tem no meu roçado.

EMISSÁRIO - Com uma égua?

ANTONIO CIPRIANO - Ela está nervosa, senhor Emissário.

SACRISTÃO - Isto é uma calúnia!

COSMA - O senhor precisa ver o filho que nasceu.

EMISSÁRIO - O filho?

COSMA - O cavalo tem os mesmos olhos que ele e agora até o nariz está parecido.

PADRE DAMIÃO - É exatamente um dos fenômenos...

EMISSÁRIO - Ah, o cavalo com cara de gente...

ANTONIO CIPRIANO - Isto mesmo.

EMISSÁRIO - Mas será que esta senhora está dizendo a verdade?

PADRE DAMIÃO - Não pode ser verdade. É contra as leis da Natureza.

EMISSÁRIO - Mas e a cara de gente também não é contra as leis da Natureza?

PADRE DAMIÃO - Bem, realmente, mas...

COSMA - Ninguém quer acreditar em mim. E eu ainda termino fazendo uma desgraça. Não contra o cavalo, é claro. Não tem culpa

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 288

nenhuma da safadeza do meu marido e da égua da sua mãe. É um pobre inocente. Mas eu termino matando o meu marido. Ou então mato a égua. Não consigo mais dormir sabendo que aquela safada, dorme perto de mim, que ainda come com o meu dinheiro.

EMISSÁRIO - Realmente, se fôr assim, deve ser uma situação muito estranha...

PADRE DAMIÃO - Mas não se trata de nada disto... Posso assegurar...

SACRISTÃO - O padre Damião me conhece muito bem... Sabe que eu seria incapaz de um pecado tão horroroso.

COSMA - Sem-vergonha como você não respeita nem o emissário do Presidente para continuar na mentira?

ANTONIO CIPRIANO - Dona Cosma, depois nós conversaremos sobre este assunto. No momento, temos que ir almoçar. O senhor Emissário está com muita fome...

(Entra o cavalo com cabeça de gente que se dirige, imediatamente, para o sacristão e começa a festejar-lhe. O Emissário tem um movimento de mêdo mas controla-se rapidamente)

COSMA - Eis a prova! (Dá um grito e desmaia)

EMISSÁRIO - Realmente trata-se de algo que eu não esperava... (O sacristão carrega dona Cosma - o cavalo com cabeça de gente aproxima-se do Emissário - este recua com mêdo) Nunca vi uma coisa destas... Tirem este animal daqui.

ANTONIO CIPRIANO - Xô, cavalo... Xô, cavalo...

(O cavalo com cabeça de gente desaparece alegremente)

EMISSÁRIO - E os outros fenômenos são tão estranhos assim?...

PADRE DAMIÃO - São coisas tão estranhas que fazem até desconfiar que se trata realmente de um castigo de Deus.

EMISSÁRIO - Então o senhor quer insinuar que o atual governo está desagradando a Divina Providência?

PADRE DAMIÃO - Não. De modo algum, Excelência. Longe de mim pensar em tal coisa.

EMISSÁRIO - Precisamos tomar muito cuidado com os concei-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 (1). 289

tos que emitimos. Os agitadores estão aí à solta aproveitando-se de tudo para a sua obra de desagregação da família brasileira.

PADRE DAMIÃO - Claro. Disto sabemos muito bem.

ANTONIO CIPRIANO - Creio que agora podemos ir almoçar.

(Encaminham-se para a casa de Antonio Cipriano - no caminho passam pela casa de Antonio das Almas - O cavalo com cabeça de gente está no telhado junto de Sigismunda - Em baixo Antonio das Almas tem uma espingarda nas mãos - O diálogo entre Antonio das Almas e Sigismunda se desenrola sem que estes percebam a presença de Antonio Cipriano, Padre Damião e o Emissário)

ANTONIO DAS ALMAS - Eu já disse que matava esse miserável.

SIGISMUNDA - O senhor não pode fazer isto! O senhor não tem o direito de estragar a minha felicidade!

ANTONIO DAS ALMAS - É só o que faltava, Sigismunda. Uma filha minha namorando com um cavalo.

SIGISMUNDA - Não se trata de um cavalo comum. É porque o senhor não conhece a bondade que ele tem no coração.

ANTONIO DAS ALMAS - Você está louca, Sigismunda.

SIGISMUNDA - E não é para enlouquecer? Ter um pai sem coração como o senhor? Um pai que não tem o menor interesse na felicidade da filha?

ANTONIO DAS ALMAS - Sigismunda, não se trata disto. Nenhum pai pode querer ver a filha casada com um cavalo. Mesmo que se trate de um cavalo com cabeça de gente. Não é da lei desse mundo.

SIGISMUNDA - E é da lei desse mundo ser uma mulher coqueiro?

ANTONIO DAS ALMAS - Não, minha filha. Não é da lei desse mundo ser uma mulher coqueiro.

SIGISMUNDA - Então? O senhor acha que a mãe dele pode não querer o casamento por eu ser uma mulher coqueiro?

ANTONIO DAS ALMAS - A mãe dele? A égua?

SIGISMUNDA - Sim. A mãe dele. A égua.

ANTONIO DAS ALMAS - Minha filha, as alturas perturbaram a sua cabeça. (Percebe Antonio Cipriano, o padre Damião e o Emissário)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p 290

ANTONIO DAS ALMAS - (Avançando para o prefeito) O senhor é o grande culpado de todo este drama.

ANTONIO CIPRIANO - Cuidado com esta arma. Ela pode disparar.

ANTONIO DAS ALMAS - Está satisfeito? Me diga. Está satisfeito com a minha desgraça?

PADRE DAMIÃO - O senhor acalme-se. Antonio das Almas...

ANTONIO DAS ALMAS - Acalme-se... Acalme-se... É isto que todo mundo me diz. E cada vez vai tudo piorando para mim. Já sabem da última calamidade? Minha filha quer casar com um cavalo!

ANTONIO CIPRIANO - Antonio das Almas, nós estamos defronte de um Emissário do Presidente da República. Você precisa se acalmar.

ANTONIO DAS ALMAS - Muito prazer.

EMISSÁRIO - Igualmente.

ANTONIO DAS ALMAS - Quero apresentar minha queixa ao senhor Presidente da República contra o Prefeito desta cidade.

EMISSÁRIO - Tem que ser uma queixa por escrito.

ANTONIO DAS ALMAS - Depois eu escrevo. Mas eu digo logo porque não sei se o meu coração vai aguentar tanta desgraça... O senhor Prefeito é o grande culpado de tudo que está me acontecendo, por nunca ter providenciado um guindaste para esta cidade.

EMISSÁRIO - Um guindaste?

ANTONIO DAS ALMAS - O senhor não acha que um guindaste é de extrema necessidade para uma cidade?

EMISSÁRIO - Sem nenhuma dúvida.

ANTONIO DAS ALMAS - Sem nenhuma dúvida. Se eu tivesse um guindaste teria tirado minha filha desta situação que ela se encontra e ela nunca teria conhecido este cavalo.

ANTONIO CIPRIANO - Senhor Emissário, eu sei que uma cidade precisa de um guindaste. Mas infelizmente a arrecadação tem sido muito baixa e o dinheiro não dá pra nada. Não pude comprar o guindaste.

EMISSÁRIO - E por que a arrecadação tem sido baixa?

ANTONIO CIPRIANO - As coisas não vão bem. Ninguém tem dinheiro pra nada.

EMISSÁRIO - O senhor por acaso está criticando a política

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.291

econômico-financeira do governo?

ANTONIO CIPRIANO - De modo algum, senhor Emissário. Eu nem sei o que é isto.

EMISSÁRIO - Ainda bem. Mas... Olhem! O cavalo está beijando o varapau... E na boca!

ANTONIO DAS ALMAS - Agora eu mato ele! Agora eu mato!

PADRE DAMIÃO - Não faça loucura! O tiro pode pegar na sua filha!

ANTONIO DAS ALMAS - Estou desonrado. O jeito mesmo é casar os dois!

PADRE DAMIÃO - Casar os dois? Isto é sacrilégio, Antonio das Almas!

ANTONIO DAS ALMAS - E minha filha? Vai ficar desonrada depois de ter beijado um cavalo na boca e na frente de testemunhas.

EMISSÁRIO - A solução é prender o cavalo.

ANTONIO CIPRIANO - Prender o cavalo?

EMISSÁRIO - Claro. Ele está perturbando a ordem pública. Já me deparei com dois casos dolorosos por causa deste cavalo. Então prende-se o cavalo. Por que o espanto? Por que não se pode prender um cavalo?

ANTONIO CIPRIANO - É... Realmente... Por que não se pode prender um cavalo?

ANTONIO DAS ALMAS - (Apontando o rifle para os três) Ninguém vai prender este cavalo coisa nenhuma. Depois do que ele fez com a minha filha ele vai casar com a minha filha. Eu sou pobre,mas sou um homem honrado e de família honrada. Não vou consentir que desonrem a minha família.

PADRE DAMIÃO - O senhor enlouqueceu, Antonio das Almas!

ANTONIO DAS ALMAS - Saiam daqui. Saiam daqui.

(Os três afastam-se apressadamente - a luz sai da casa de Antonio das Almas e ilumina a frente da casa de Antonio Cipriano)

ANTONIO CIPRIANO - Felizmente creio que podemos agora almoçar descansadamente.

EMISSÁRIO - Sua casa é muito simpática.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 292

ANTONIO CIPRIANO - Às ordens, senhor Emissário. Merda, esqueci a chave. Desculpe, senhor Emissário.

(Bate na porta)

PADRE DAMIÃO - Aqui é um lugar bem mais tranquilo. Fica distante da feira.

EMISSÁRIO - Eu quero muito visitar a feira de Caruaru. É famosa no Brasil inteiro.

EMPREGADA - (Aparecendo na porta) - Que desejam?

ANTONIO CIPRIANO - Você é a empregada nova?

EMPREGADA - Minha patroa está almoçando com o marido dela e mandou dizer que não está em casa pra ninguém. E o marido dela mandou dizer que não está em casa pra ninguém durante muitas sema - nas. (Fecha a porta)

EMISSÁRIO - O que está acontecendo aqui?

ANTONIO CIPRIANO - A empregada entrou esta manhã. Não me conhece ainda.

(Bate novamente)

EMPREGADA - O senhor quer deixar algum recado?

ANTONIO CIPRIANO - Eu não quero deixar recado coisa nenhu ma. Eu quero entrar que a casa é minha. Eu sou o marido de sua pa- troa.

EMPREGADA - Brincadeira tem hora! O marido dela está com ela lá dentro. Nunca vi um casal tão unido. É cada beijo! Oxente! E não é que é parecido!

(Fecha a porta)

EMISSÁRIO - Que brincadeira é esta?

ANTONIO CIPRIANO - Não estou entendendo nada. Com certeza essa empregada é uma louca. Ou então quem sabe, Rosinha resolveu fa zer uma brincadeira de mau gosto, porque está meio zanzada... Essas últimas noites cheguei tarde...

EMISSÁRIO - Precisamos averiguar e direitinho. O nosso go verno não pode permitir que um representante seu seja um côrno.

ANTONIO CIPRIANO - Cómo? Eu?

EMISSÁRIO - Se a sua esposa está lá dentro beijando um ou

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 293

tro homem o senhor é um côrno! Ou por aqui usam outra palavra. Eu não entendo nada de regionalismos!

PADRE DAMIÃO - Dona Rosinha é uma santa senhora. Posso as segurar.

ANTONIO CIPRIANO - Se o senhor não fosse a autoridade que é... Não admitiria de mais ninguém um tal insulto.

EMISSÁRIO - Nós, homens do Poder, temos que ter uma frieza enorme para conceiturar as coisas. Os nomes tem que ser dados aos bois. Se sua mulher estiver realmente lá dentro, agarrada com um outro homem, então o senhor é um côrno e como tal não pode merecer mais a confiança e o respeito da Presidência da República. Teremos que providenciar outro prefeito.

ANTONIO CIPRIANO - Essa é demais!

EMISSÁRIO - Os fatos são os fatos e têm os seus nomes.

PADRE DAMIÃO - Tudo ficará esclarecido em muito pouco tempo.

PRIMEIRA BEATA - (Entrando) - Senhor prefeito, senhor prefeito. Me socorra pelo amor de Deus.

ANTONIO CIPRIANO - Que terá acontecido agora, Deus meu?

PRIMEIRA BEATA - A pobre da minha irmã não tem mais comida para comer, agora está comendo barro.

ANTONIO CIPRIANO - Mas hoje de manhã já não mandei um boi?

PRIMEIRA BEATA - E o que é um boi para a pobre da minha irmã? Ó que desgraça, meu Deus do Céu! Nada fizemos para um castigo tão grande! E o pior é que ela não passa mais pelas portas e já está quase da largura da sala. Eu não sei o que fazer. O safado do filho fugiu com medo, pois ele acha que vão começar a cair raios aqui em Caruaru. E eu fiquei, sozinha, com todas essas aflições para resolver.

ANTONIO CIPRIANO - O senhor está vendo? Um boi não é bastante! Como a Prefeitura pode ter tamanha despesa por dia! E o outro filho da mãe ainda fala em guindaste... Querem saber de uma coisa? Eu renuncio!

EMISSÁRIO - Como?

ANTONIO CIPRIANO - Renuncio, senhor Emissário. Os proble-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 | p. 294

mas são muitos e eu ainda levo o nome de côrno.

EMISSÁRIO - Isto chama-se de deserção, senhor Prefeito, deserção à Pátria num momento em que ela se encontra em perigo. Pode sair cadeia e quem sabe até fuzilamento.

ANTONIO CIPRIANO - Está bem, senhor Emissário. Mantenho-me no posto pelo bem da Pátria. Vamos, minha senhora, vamos ver a sua irmã. O senhor irá conosco também.

(Saem todos - entram as três bruxas)

PRIMEIRA BRUXA - Você vai ter que consertar o erro. Sua praga tomou a direção errada. O pobre do Prefeito nada tem com o que aconteceu.

SEGUNDA BRUXA - Que tempos estes. Nem mesmo uma praga toma o seu verdadeiro caminho. Você tem razão, irmã. Temos que consertar tudo.

TERCEIRA BRUXA - Quem sabe o material que usamos não era falsificado? Vivemos um tempo de falsificações.

SEGUNDA BRUXA - Façamos nossas orações.

PRIMEIRA BRUXA - Que o raio se dirija ao seu verdadeiro destino!

SEGUNDA BRUXA - Nem um dia a mais nem um dia a menos!

TERCEIRA BRUXA - Biu, Biu este é o nome...

PRIMEIRA BRUXA - Biu e Damião

Biu e Damião

AS TRÊS BRUXAS - ... é a nossa maldição.

(Luz na casa de Antonio Cipriano - Biu e Ritinha)

RITINHA - Acho que bebi demais, Reverendo.

BIU - (À parte) - Que mania esta de me chamar de Reverendo! Mas se tempera melhor com este nome que posso fazer?

RITINHA - Sinto a cabeça nas nuvens. Estou lesa... lesa...

BIU - Não é melhor se amparar em mim? Pode recostar a cabeça no meu ombro...

RITINHA - Realmente, qual o mal que pode haver? (Recosta a cabeça no ombro de Biu - Biu começa a caricià-la - Ritinha vai cedendo) Reverendo... Reverendo...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 295

BIU - Hein, minha filha, (Intensifica os carinhos)

RITINHA - O senhor não acha...

BIU - Não vamos achar nada agora. (Beija Ritinha na bôca Ritinha dá um grito - Biu sai correndo - entram Rosinha e Chico).

ROSINHA - O que aconteceu?

RITINHA - O Reverendo me beijou... Aproveitou-se de eu estar me sentindo mal...

CHICO - O Reverendo? Que Reverendo?

ROSINHA - Padre Damião, ora. O safado não está usando batina exatamente para se aproveitar das pobres indefesas.

CHICO - Padre Damião, sei.

RITINHA - Eu vou atrás dele.

(sai - a luz escurece - as bruxas dão uma terrível gargalhada e saem - entram Padre Damião e o Emissário)

PADRE DAMIÃO - Realmente o que está acontecendo nesta cidade dá o que pensar. Embora sejamos todos responsáveis em encontrar uma solução para tudo isto realmente eu não queria estar no lugar do Prefeito. Não sei como ele está conseguindo suportar tanta coisa junta.

EMISSÁRIO - O destino do homem público é muito espinhoso. Mas todos sabemos disto e não podemos recuar; trata-se de uma vocação.

(Entra Ritinha que avança direta em Padre Damião)

RITINHA - Ah, seo cretino, foi vestir a batina pra ver se escapava. Não escapa, não!

(Esbofeteia Padre Damião)

PADRE DAMIÃO - Dona Ritinha, de que se trata?

RITINHA - Do que se trata, hein? O senhor é um padre safado! (Para o Emissário) Imagine, beijou-me na bôca!

EMISSÁRIO - Não é possível! É por estas e outras que a religião anda tão por baixo!

PADRE DAMIÃO - Mais isto é uma calúnia!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p 296

EMISSÁRIO - Como é que a moça podia inventar uma história desta?

RITINHA - Vou mandar dizer ao Papa!

PADRE DAMIÃO - Ao Papa?

RITINHA - Você vai ver! (Sai)

PADRE DAMIÃO - Realmente não sei o que dizer... Cada um com suas provações...

(Sai Chico apressado de casa de Antônio Cipriano)

CHICO - (Para o padre) - Oi, já arranjaste uma batina?

PADRE DAMIÃO - Já arranjei uma batina?

CHICO - Acho melhor a gente dar um fora. Já consegui o que eu queria. Mas aqui pra nós tenho a impressão que a moça é casada mesmo. Pelo menos não é mais donzela. Depois o marido aparece por aí. Vamos? Mas como é que você vai correr com esta batina? (Padre Damião esbofeteia Chico) - Que é isto meu irmão! Me estranhando? Você bebeu demais!

EMISSÁRIO - Senhor Prefeito...

CHICO - O senhor também me chamando de Prefeito? O que é que deu nessa gente?

EMISSÁRIO - Senhor Prefeito, exijo uma explicação imediata. Não admito que levem no ridículo um representante da Presidencia da República.

CHICO - Quem? Quem é o representante da Presidencia da República?

PADRE DAMIÃO - Ele não estava bom da cabeça!

EMISSÁRIO - O senhor considere-se preso!

CHICO - Eu? Preso? Mas o que foi que eu fiz?

EMISSÁRIO - Uma autoridade que não impõe...

CHICO - (Para padre Damião) Você vai ficar aqui?

PADRE DAMIÃO - Claro que vou ficar aqui.

CHICO - Então, adeus! (Sai correndo)

EMISSÁRIO - (Correndo atrás) Polícia! Polícia!

(Entra dona Cosma)

DONA COSMA - Senhor padre...

PADRE DAMIÃO - O que é dona Cosma?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 297

DONA COSMA - O senhor viu a safada da égua?

PADRE DAMIÃO - Não, dona Cosma.

DONA COSMA - A safada fugiu. Mas eu vou atrás. O senhor sabe, padre Damião, ela não podia fazer isto comigo. Ontem fui ter uma conversa com ela.

PADRE DAMIÃO - Uma conversa com a égua?

DONA COSMA - Uma conversa franca. De mulher para mulher. Queria saber o que é que ela tem que eu não tenho. Falei de coração aberto. Pensei até que tínhamos ficado amigas. E hoje, essa égua do meu ódio, resolveu fugir. Vou atrás. Nem que corra esse Brasil inteiro mas encontro essa miserável.

(Sai dona Cosma)

PADRE DAMIÃO - Eu devo pegar o primeiro ônibus e ir até o Recife conversar com o arcebispo. Realmente não me sinto capaz de orientar essas almas. Já não consigo mais entender nada do que está acontecendo aqui. Será obra de Deus? Ou será mesmo o capeta?

(Entra Antonio Cipriano)

ANTONIO CIPRIANO - Falando sozinho, padre Damião?

PADRE DAMIÃO - O Emissário se acalmou?

ANTONIO CIPRIANO - O que é que aconteceu com ele?

PADRE DAMIÃO - Ele não saiu correndo pra prender você?

ANTONIO CIPRIANO - Pra me prender? E por que?

PADRE DAMIÃO - Escute aqui, você bebeu alguma coisa?

ANTONIO CIPRIANO - O senhor sabe muito bem que eu não sou de bebida! Um homem que ocupa o posto que eu ocupo não pode de maneira alguma...

PADRE DAMIÃO - Será que eu estou ficando louco?

ANTONIO CIPRIANO - O senhor não está se sentindo bem?

PADRE DAMIÃO - Antonio Cipriano, responda-me por favor a verdade; você perdoou eu ter lhe esbofeteado?

ANTONIO CIPRIANO - (Espantado) - Me esbofeteado?

PADRE DAMIÃO - Sim. Esbofeteado?

ANTONIO CIPRIANO - Não seria melhor o senhor ir descansar um pouco?

PADRE DAMIÃO - Descansar a esta hora do meio dia? E por

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 ip. 298

ANTONIO CIPRIANO - Nunca faz mal um bom descanso. Este sol...

PADRE DAMIÃO - Não vamos culpar o sol... Meu Deus, o que será que está acontecendo?

ANTONIO CIPRIANO - Padre Damião, por que o Emissário quer me prender?

PADRE DAMIÃO - Sabe de uma coisa? Eu não sei mais de nada. E não quero saber. E ainda tenho raiva de quem sabe. Muita raiva.

ANTONIO CIPRIANO - Mas o senhor como pároco e talvez meu irmão...

PADRE DAMIÃO - Isto deve ser uma trama muito bem, urdida para levar o pastor da casa de Deus para as grades do hospício. Sua cunhada há pouco me esbofeteou. Logo depois você.

ANTONIO CIPRIANO - Eu?

PADRE DAMIÃO - Sim. Você. Quer negar? Lembra-se das coisas que me perguntou e me disse na presença do Emissário?

ANTONIO CIPRIANO - Um de nós deve estar fora do seu juízo. Um momento, padre. Não percamos a calma. Deixe-me pensar.

(Afasta-se e fica de costas - entra o Emissário)

EMISSÁRIO - Bem. Temos que pensar num Prefeito desde que o outro se encontra preso.

PADRE DAMIÃO - O senhor prendeu Antonio Cipriano?

EMISSÁRIO - Que outra coisa eu poderia fazer? Tenho ordens expressas do Presidente para fazer impor o princípio da autoridade. O que fez o Prefeito desde a minha chegada? Confundir-me e confundir todas as pessoas. Se ele está louco que vá para um hospício. Mas transformar esta cidade, a Princesa do Nordeste, num vasto hospício isto é que não. Temos que estar bem atentos pois o dedo da subversão está solto por aí. (Antonio Cipriano vira-se) O que é que o senhor está fazendo aqui?

ANTONIO CIPRIANO - Querendo ver se consigo almoçar de uma vez por todas. Já passou da hora (Grita) Rosinha!

EMISSÁRIO - O senhor subornou os guardas da cadeia!

ANTONIO CIPRIANO - Que guardas? E de que cadeia?

EMISSÁRIO - A cadeia, onde deixei o senhor preso.

ANTONIO CIPRIANO - Eu? Preso?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0256 p. 299

EMISSÁRIO - Acho melhor o senhor voltar para lá. As consequências disto tudo podem ser térríveis.

ANTONIO CIPRIANO - O senhor tem certeza de que está se sentindo bem?

EMISSÁRIO - O senhor quer insinuar o que? Que eu estou louco?

(Entra Rosinha)

ROSINHA - Com profundo ar de felicidade) Que deseja senhor meu marido?

ANTONIO CIPRIANO - Almoçar.

ROSINHA - De novo?

ANTONIO CIPRIANO - De novo como?

ROSINHA - E nós já não almoçamos?

ANTONIO CIPRIANO - Você também, Rosinha?

ROSINHA - Eu também o que?

EMISSÁRIO - Seu marido, minha senhora...

ANTONIO CIPRIANO - Cale-se! Eu estou falando...

EMISSÁRIO - O senhor ousa mandar calar-se um representante...

ANTONIO CIPRIANO - Ouso sim! Cale-se. E fique muito caladinho aí. Vamos esclarecer isto tudo de uma vez por todas. O senhor diz que me prendeu, não é verdade?

EMISSÁRIO - Exatamente. E tenho testemunhas.

ANTONIO CIPRIANO - O senhor, padre Damião, diz que me esbofeteou?

EMISSÁRIO - E na minha frente.

ANTONIO CIPRIANO - Você, minha mulher, diz que eu já almocei.

ROSINHA - E não almoçou meu amor? Você, eu, Ritinha e o safado deste padre que andou tirando atrevimentos com a pobre da minha irmã!

PADRE DAMIÃO - Ela também!

ANTONIO CIPRIANO - Alguém aqui está louco! E como não sou eu o louco eu digo: Merda! Merda pra vocês todos!

ROSINHA - Antonio!

EMISSÁRIO - Esta é demais!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 1 p 300

(Entra um guarda aflito)

GUARDA - O povo invadiu a cadeia e tirou o Prefeito de lá!

EMISSÁRIO - Eu bem que sabia! E o senhor aqui tentando me confundir. Sabe o que é isto? É a subversão total da ordem. É comunismo!?

ANTONIO CIPRIANO - (Puxando um revólver) Agora eu percebi tudo. Realmente há um movimento subversivo aqui. Mas é dirigido contra mim. Todos uniram-se contra a autoridade do Prefeito. Até a minha mulher. Mas eu saberei me defender. Guarda, prenda aquele homem ali.

GUARDA - Mas senhor Prefeito, ele disse que é representante do Presidente.

ANTONIO CIPRIANO - Deve ser mentira. Com certeza é algum agitador a serviço de alguma potência estrangeira.

GUARDA - Dos russos?

ANTONIO CIPRIANO - Ou dos chineses, ou dos franceses, ou dos alemães, que sei eu? Mas só pode ser isto. Prenda-o imediatamente!

PADRE DAMIÃO - Antonio, meu irmão...

ANTONIO CIPRIANO - Agora é que o senhor se lembra que eu posso ser seu irmão... Mas é um pouco tarde! Depois de ter aderido aos meus inimigos. Não, não e não. Vai também para a cadeia!

GUARDA - Até o padre, senhor Prefeito?

ANTONIO CIPRIANO - Até o padre! Não é o primeiro a ser preso, nem será o último. Todos podem ser presos em nome da lei;até mesmo o cavalo.

(O guarda vai amarrando as mãos do padre Damião e do Emissário)

PADRE DAMIÃO - Que toda esta humilhação seja pelo amor de Nosso Senhor Jesus Cristo.

ROSINHA - Agora o senhor se lembra de Nosso Senhor Jesus Cristo. Mas quando estava querendo xambregar com a minha irmã...

PADRE DAMIÃO - Meu Pai, Meu Pai, eles não sabem o que estão dizendo nem o que estão fazendo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156.p.302

EMISSÁRIO - Exijo imediatamente um advogado.

ANTONIO CIPRIANO - Terá o advogado. Mas vai para a cadeia. Basta as confusões que já me causou. (O guarda sai com padre Damião e o Emissário) E agora nós, minha querida esposa.

ROSINHA - Hoje foi um dia tão feliz para mim, Antonio. Há quanto tempo a gente não ficava junto.

ANTONIO CIPRIANO - Quando é que nós dois ficamos juntos hoje, senhora minha mulher?

ROSINHA - Então não está lembrado?

ANTONIO CIPRIANO - Claro que não posso me lembrar de uma coisa que não aconteceu?

ROSINHA - Então quem foi que almoçou comigo e depois...

ANTONIO CIPRIANO - (Com angústia crescente) - e depois?

ROSINHA - ... e depois, ora, você sabe muito bem o que aconteceu depois!

ANTONIO CIPRIANO - Então quer dizer que eu sou um côrno?

ROSINHA - Como o senhor ousa dizer uma coisa desta?

ANTONIO CIPRIANO - Se você esteve com alguém então eu sou um côrno. Se eu tenho certeza que não fui eu!

ROSINHA - Estou percebendo o que você quer fazer. Quer me convencer que estou louca para me internar num hospício e então poder fazer o que bem entender. Com certeza tem alguma sirigaita metida nisto tudo. Claro que tem algum rabo de saia por trás disto tudo. Senhor meu marido, não precisa recorrer a um processo tão vil. Se eu sou demais em sua vida, pode dizer, que eu vou embora. Também tenho meu orgulho. Não vou querer ficar junto do senhor se na realidade não possuo mais o seu amor.

ANTONIO CIPRIANO - Não vamos confundir mais isto tudo. O que eu quero saber é se você insite em dizer que almocei com você hoje e depois... e depois...

ROSINHA - Claro que insisto pois é a pura verdade.

ANTONIO CIPRIANO - Então você está realmente louca, ou então... ou então está fazendo parte dessa maldita conspiração que quer me tirar da Prefeitura. Uma das duas coisas. E só existe dois caminhos: o hospício ou a cadeia!

ROSINHA - (Gritando) Socorro! Socorro! Socorro!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.302

ANTONIO CIRPIANO - Que escândalo é este? Estou batendo em você?

ROSINHA - Você pensa o que? Que vai me mandar para o hospício ou para a cadeia sem que eu faça nenhum protesto? Socorro! Socorro!

(Aparecem Antonio das Almas, as beatas, Sacristão e habitantes de Caruaru, Biu)

ANTONIO DAS AIMAS - Agora o senhor também bate em mulheres indefesas?

(Agarram Antonio Cipriano)

BIU - Oi, Chico, o que é que você fez?

ANTONIO CIPRIANO - E você não está preso?

BIU - Eu? Preso? Eu estava casando a filha daquele senhor com um cavalo muito esquisito.

ANTONIO DAS AIMAS - É verdade. Consegui convencer o padre a casar minha filha com o cavalo que tem cabeça de gente.

BIU - Eles cismaram que eu sou padre, Chico. Então, vou casando quem eles quiserem.

ANTONIO CIPRIANO - Eu nunca disse isto na minha vida!

BIU - Que descarado!

ANTONIO CIPRIANO - Exijo que me soltem!

ANTONIO DAS AIMAS - De maneira nenhuma. O senhor já mostrou demais não ter nenhuma competência para o cargo que ocupa. E diante das ameaças físicas à sua santa espôsa...

ROSINHA - Mas eu não quero que ele seja preso!

ANTONIO DAS AIMAS - Mas vai ter de ser! Este é um momento de maior importância para a Historia de Caruaru e talvez para a História do Brasil: a Oposição toma o Poder.

ANTONIO CIPRIANO - Isto não pode ser!

SACRISTÃO - (Para Rosinha) - Vou dar um jeito. A senhora não se avexe. O sino vai salvar o Prefeito.

(Sai o sacristão)

ANTONIO DAS AIMAS - Quero que todos saibam que de agora por diante a Justiça e a Liberdade voltaram para a nossa cidade.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156,p 303

Como primeira providência mandarei buscar no Recife um poderoso guin daste.

(Ouve-se o sino tocando com violência. Balbur dia geral)

VOZES - O que terá acontecido?
Será incêndio?
O fim do mundo!
Meu Deus, socorrei-nos!

(A cena escurece - grande correria - o sino continua tocando. Antonio Cipriano encontra-se com Chico e ambos dão um grito. Chico desmaia, Antonio Cipriano sai correndo - O mesmo aconte-ce com Biu e o padre Damião - O padre desmaia e Biu sai correndo - Rosinha que assistiu o encon tro de Chico e Antonio Cipriano também demais - Há um momento de silêncio. Só o sino toca. En tram as duas velhas)

PRIMEIRA VELHA - Que lugar será este cheio de tanto grito e escuridão?

OUTRA VELHA - Devia ser Caruaru. Mas pelo visto é a terra onde o demônio perdeu as botas.

PRIMEIRA VELHA - Ah, que sina será esta que nos fez dei-xar as nossas casas em busca dos filhos fujões e virmos dar, as duas, no meio deste inferno?

OUTRA VELHA - Veja! Quantos mortos...

PRIMEIRA VELHA - (Agarrando-se ao padre Damião) - Biu, Biu, filho meu!

OUTRA VELHA - (Agarrando-se a Chico) - Chico! Chico!

PRIMEIRA VELHA - Desgraçada de mim!

OUTRA VELHA - Ai, desventurada!

(Vai entrando Antonio Cipriano)

OUTRA VELHA - O que é isto? Vai, Satanaz! Que visagem é es ta que pretende alucinar a minha vida? Não estás morto, ó Chico?

ANTONIO CIPRIANO - Quem é a senhora? O que faz aqui?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 304

OUTRA VELHA - Então você não me conhece mais, filho meu? Será que os mortos não se lembram dos vivos? Nem mesmo de suas mães? Volta para as profundas! Volta! Deixa em paz esta pobre mãe para que possa chorar a morte de seu filho!

(Rosinha acorda e assiste o que se segue)

ANTONIO CIPRIANO - Esta mulher estará louca? (Chico começa a se mexer - A outra velha dá um grito)

OUTRA VELHA - Será que posso ter esperança? Será que este é um dia milagroso? Chico! Chico!

CHICO - Sim, mãe, mãe. Minha mãe.

OUTRA VELHA - E você deve ser o outro filho meu, o filho que eu dei a uma cigana num dia de muita fome e desespero!

ANTONIO CIPRIANO - Mãe! É meu irmão! Gêmeo! Agora está tudo explicado...

ROSINHA - Degraçada de mim!

(Desmaia novamente)

PRIMEIRA VELHA - Como invejo a sua sorte, minha amiga. E eu pobre de mim, o filho morto... e ainda vestido de padre. Devia estar usando disfarce para se livrar de alguma estrepolia...

(Entra Biu)

PRIMEIRA VELHA - Biu!

BIU - Mãe!

PRIMEIRA VELHA - Então este outro... Ó que dia cheio de felicidade: (Padre Damião) E ele está vivo! (A cena escurece totalmente - luz na casa de Antônio das Almas - turistas)

ANTONIO DAS ALMAS - Venham ver os grandes prodígios. Venham todos! A mulher mais alta do mundo casada com o cavalo com cabeça de gente; na casa ao lado, a mulher mais gorda do mundo, que come dois bois por dia e 100 pacotes de macarrão; e na Prefeitura um contador contará para todos a história lancinante de dois casais de gêmeos que foram separados na infância e se encontraram depois de muita desventura. Venham! Venham todos! Os maiores prodígios de uma época extraordinária na terra mais feliz do mundo: O Nordeste brasileiro! Um dólar. Um dólar, por favor. Só aceitamos pagamento em dólar. Um dólar...

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

28

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 305

PARECER Nº 3448 / 80

TÍTULO: O CAPETA DE CARUARU ou O APOCALIPSE.

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: Dezesseis anos.

Autor da peça: Aldomar Conrado.

A peça focaliza os contratempos que se abateram sobre os habitantes de Caruaru por obra de três bruxas: o nascimento de um cavalo com cara de homem, o crescimento descontrolado de uma jovem e uma mulher engordando sem parar. A confusão torna-se maior com a chegada dos irmãos gêmeos do prefeito e do padre (desconhecidos na cidade) que fugiam dos maridos das namoradas.

A comicidade atenua as situações envolvendo infidelidade conjugal, um pressuposto relacionamento íntimo entre o sacristão e sua égua e a ingênua religiosidade da população. E a sátira ao comportamento do prefeito frente à oposição e aos conceitos do representante do presidente quanto à subversão e comunismo, levando-os a cometer arbitrariedades, constituem temas já explorados nos veículos de comunicação. Existem vários termos e expressões vulgares colocados nos diálogos mais "nervosos" ou como desabafo.

Tendo em vista o exposto e considerando que o jovem de dezesseis anos é suficientemente capaz de discernir os valores sociais, morais, religiosos e políticos inseridos no texto, somos pela liberação com a impropriedade acima referida.

Brasília, 27 de junho de 1980.

Yunko Akegawa
Técnica de Censura
Mat. 24-5320

OBS: A peça tem certificado em validade e no confronto com a primeira, arquivada no processo, verificamos que algumas passagens foram suprimidas amenizando em parte algumas situações, contudo, a temática e a mensagem não foram alteradas.

DPF-742

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p 306

TEATRO

286

TÍTULO O APOCALÍTSE, O CAPÊTA DE CARUARÚ

ALDOMAR CONRADO

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 18 anos

Praça Salvador/BA

Obs.:

DF. ___ / 17 / 06 / 80

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: própria para menores de 16 anos, [illegible]

Obs.: confronto

Brasília-DF, 26 de Julho de 1980

Hellé Prudente Carvalhedo
Mat. 215 791

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

De acordo
Em 27/8/80

Raymundo Gustáquio de Mesquita
Chefe do Serviço de Censura-DCDP
Substituto

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.307

83

"O APOCALÍPSE OU O CAPETA DE CANUARU"

ALDOMAR CONRADO

27 JUNHO 85

27 JUNHO 80

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZESSEIS ANOS 16

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156 ip.308

O APOCALÍPSE OU O CAPETA DE CARUARU

ALDOMAR CONRADO

ANA SUELY BARBOSA MOREIRA - SALVADOR (BA)

26 JUNHO 80

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO TEXTO DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

27 JUNHO 80

RAYMUNDO E. DE MESQUITA -Subst.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156 ip. 309

27/06/80

2515/80-DCDP

Chefe do SCDP/SR/BA

"O APOCALÍPSE OU O CAPETA DE CARUARU"

Aldomar Conrado

Chefe:

SALVADOR/BA

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 | p. 320

MG

PROTC. 7/433

"O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU"

"ALDOMAR CONRADO"

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, 311

26 JUN 1980 007428
RECEBIDO POR
FICHADO
DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Belo Horizonte, 25 de junho de 1980

Ofício nº 64/80 SCDP
Ass: Peças teatrais (encaminha)

Senhor Diretor,

Está sendo programado pela FETEMIG - Federação de Teatro de Minas Gerais, o V FESTIMINAS, a ser realizado em Uberlândia, na segunda quinzena de julho.

O evento deve reunir o maior número possível de grupos teatrais, profissionais e ou amadores deste Estado que, além das peças a serem apresentadas, a exemplo dos anos anteriores, deverá haver debates de assuntos diversos.

Dos textos encaminhados a este órgão, foram examinados os seguintes: - " A Semente ", de G. Guarnieri - " O Giro ", - de Altair A. Ferreira - " A Assembléia de Mulheres ", adaptação de Beranrdo M. Machado - " Reforma Agrária ... ", de João N. C. M. Pinto - " A Fila ", de Murilo Rubião - " O Apocalipse ou O Capeta ... " de Aldomar Conrado - " Qual é Brasil ? ", de Jota D'Ágelo - " Botão de Rosa ", de Murilo Rubião - " Operário do Palco ", de Fábio F. Braisleiro; que seguem junto aos respectivos pareceres.

Outros, como: " La Cumparsita ", de Francisca G. de Souza - " Amor do Não ", de Fauzi Arapi - " Rainha Ester ", de Marcos A. Rosas, estão ainda sendo examinados, e seguirão posteriormente para essa Divisão de Censura.

Cumpre-nos também informar que, apesar da importância do fato, este órgão não possui pessoal bastante para dar cobertura ao referido festival. Contudo, julgamos necessário, s.m.j., a presença de um Tec. de Censura naquele local.

Na oportunidade, renovamos a Vossa Senhoria a nossa manifestação de estima e distinta consideração.

Chefe do SCDP/SR/MG

Ilmº. Sr.
Diretor da Divisão de Censura de Div. Públicas
Do Departamento de Polícia Federal
Brasília DF

DPF-258

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,312

Vindo de Uberaba

MJ - DPF - DCDP - DSB
26 JUN 1458 007433
RECEBIDO POR
FICHADO
DCDP

O APOCALIPSE

OU

O CAPETA DE CARUARU

ALDOMAR CONRADO

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D.F.S.R./MG

PRIMEIRO ATO

INTRODUÇÃO

ONde o autor pede emprestadas algumas idéias ao seu irmão inglês William Shakespeare e desde já agradece.

Uma encruzilhada. Árvores secas. Trovões. Relampagos. Três bruxas em torno de um caldeirão que ferve.

PRIMEIRA BRUXA - Um pimentão...
Segunda BRUXA - Um galho de avelós...
TERCEIRA BRUXA - E um de mangericão...
SEGUNDA BRUXA - Três dentes de dois avós...
PRIMEIRA BRUXA - Esperma de burro ladrão...
TERCEIRA BRUXA - Mijo de mulher parida em noite de São Sebastião.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.343

AS TRÊS BRUXAS - Bão ba la lão, bão ba la lão, Lão Lão Lão.

Primeira BRUXA - A mistura está feita; agora é saber aplicá-la.

SEGUNDA BRUXA - Eu saberei como aplicar. O ódio é meu; a vingança será minha também. Mulher safada aquela. Numa noite como esta, eu com estes trapos mal cobrindo o corpo, a vassoura quebrada, e a quenga foi incensar a casa com incenso bento por bispo, para que eu tivesse de sair pela noite afora tremendo no meu frio e na minha pobreza.

TERCEIRA BRUXA - Maus tempos aqueles em que uma bruxa não podia nem conseguir uma vassoura nova.

SEGUNDA BRUXA - Faço questão, irmãs, de ser eu mesma a portadora deste líquido infernal que vai terminar com a paz dessa mulher famigerada.

PRIMEIRA BRUXA - E você tem direito. Tome, irmã. Vai e semeia a discórdia, o desassossego...

A segunda bruxa segura o caldeirão

TERCEIRA BRUXA - E que seja vigorosa no seu desejo. Aqui ficamos nós com as nossas orações mais fortes e todo o vigor do nosso ódio, unidas, para que o seu desejo se realize. Mas há de saber escolher.

SEGUNDA BRUXA - Já sei o que vai ser. Ela terá na penúltima noite da oitava lua nova, um casal de gêmeos. Três dias depois, uma cigana baterá à sua porta.

Luz numa porta de casebre. Cigana bate na porta

VOZ DE MULHER (dentro do casebre) - Entre por favor, se é de paz. Estou sozinha, parida de sòmente três dias.

A cigana entra no casebre

SEGUNDA BRUXA - Ela vai dar a mão para que a cigana leia sua sorte. A cigana dirá que aquela noite mesma o marido vai chegar carregado numa rede, com o corpo furado por vários balaços. Ela grita.

Ouve-se o grito da mulher

SEGUNDA BRUXA - Desmaia. A cigana vê as duas crianças machas, gêmeas e lindas. Então a cigana decide: uma será minha. E carrega uma das criancinhas.

A cigana sai do casebre carregando uma criança e foge.

As três bruxas gargalham violentamente

AS TRÊS BRUXAS - Foi assim, foi assim mesmo
Foi assim que aconteceu
Roubaram o filho da quenga
Ea a quenga quase morreu
O marido chegou morto
E a quenga quase morreu
Mas por ordem, ordem minha
Ela teve que viver

Censura de Diversões Públicas D.P.F. SR/MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 314

p'ra nesta terra de sangue
Sofrer o que fez sofrer.

As bruxas saem em grandes pulos. Cai um cartaz: "Vários anos depois". Biu sai do casebre seguido pela Velha.

VELHA - Eu vivi avisando não foi? Vivia dizendo: Biu não se meta com rabo de saia, que você não pode. Eu sou velha, sem ninguém, preciso de um arrimo na vida. O seu outro irmão, o diabo olleveu, não sei se vive ou morto está. Só tenho a você no mundo. Mas quem disse que me ouviu? Foi como se eu tivesse dito exatamente o contrário. Ai, que destino o meu. Pobre ser desvalido. Viver pra que, Deus meu? Ver um filho roubado aos três dias de parido, e agora a suprema desventura de ver o outro fugir, e por que? e por que? Por safadeza. Meter-se com mulher casada. Se você não fosse meu filho, filho chamava de filho da mãe.

BIU - Eu quero sua bênção, mãe.

VELHA - Bênção minha não vai ter. Não amaldiço-o nem rogo praga, porque é carne das minhas entranhas. Mas desejar bem também não posso. Vai segue seu destino de maldição, e lembra que fica uma mãe abandonada, chorando lágrima e sangue... Vai. Vai. Se tem de ir por que não vai logo?

BIU - Sua bênção, mãe.

VELHA - E como não dar a bênção? Coração de mãe não foi feito para o ódio. O filho erra e a gente continua amando. Vai, meu filho, que Deus lhe acompanhe cada passada. E lembra de mim se a sorte fôr benfazeja. (Abraça-se com Biu e chora)

BIU - Até a volta, mãe. A gente ainda vai se encontrar.

VELHA - Que todos os anjos lhe acompanhem.

Biu sai correndo. A velha chora. As três bruxas em cima de uma árvore a tudo assistem e dão uma risada terrível. Um cartaz: "Onde se volta ao dia que a cigana roubou o menino". Cigana bate na porta de um outro casebre.

VOZ DE OUTRA MULHER - É de paz?

CIGANA - De toda paz.

Aparece a outra mulher com dois filhos nos braços.

CIGANA - Gêmeos?

A OUTRA MULHER - Tive há já quinze dias. Imagine só. Uma pobreza tanta e duas bocas para sustentar.

CIGANA - Quer me dá um? Tenho um filho única e me preocupo; dizem que filho sòzinho termina virando mofino. Já nem consigo dormir.

A OUTRA MULHER - A senhora está falando deveras?

CIGANA - Verdade verdadeira.

A OUTRA MULHER - Então, tome. Pode escolher.

CIGANA - Qualquer um serve.

A OUTRA MULHER - Tome este aqui; é o que tem mais fome. Ô boquinha insaciável.

Censura de Diversões Públicas - Serviço de D. P. F. SR/MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.315

CIGANA - DIA FELIZ O DE HOJE; dois filhos com precisar ter parido.
(Pega a criancinha e sai)
Cartaz: "onde se repete um pouco p'ra poder continuar"
Luz no casebre de Biu.

VELHA - Vai. Vai. Se tem que ir por que não vai logo?

BIU - Sua bênção, mãe.

VELHA = E como não lhe dar a bênção? Coração de mãe não foi feito para o ódio. O filho erra e a gente continua amando. Vai, meu filho, que Deus lhe acompanhe cada passada. E lembra de mim se a sorte for benfazeja. (Abraça-se com Biu e chora)

BIU - Até a volta, mãe. A gente ainda vai se encontrar.

VELHA - Que todos os anjos lhe acompanhem.
Biu sai correndo. A velha chora. AS três bruxas em cima de uma árvore a tudo assistem e dão uma risada terrível.

PRIMEIRA BRUXA - Vejam, vejam.

AS OUTRAS DUAS BRUXAS - O que? O que?

PRIMEIRA BRUXA - Naquela outra cidade... que estranho. Acontece a mesma coisa.

AS OUTRAS DUAS BRUXAS - É mesmo! É mesmo!
Saem em grandes pulos e gargalhadas.

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D. F. SR/MIC

CENA I

Onde se apresenta uma cidade do agreste pernambucano com alguma crítica dos costumes. Quarto da agonizante. Ao lado da cama Antônio Cipriano, sua mulher Rosinha, padre Damião, Rita, cunhada de Cipriano, duas beatas e o sacristão.

A AGONIZANTE - Meu filho, eu vou ter de revelar um segredo.

ANTÔNIO CIPRIANO - Mãe, acho melhor não falar muito. A senhora precisa de descanso. O médico recomendou repouso absoluto. Nós todos vamos sair e só Rosinha vai ficar aqui. A senhora tem que descansar.

A AGONIZANTE - Não, meu filho. Não me deixe agora. Sinto que a vida está me deixando. E não tenho medo. Antes de me confessar para receber a extrema unção tenho de contar pra vocês um segredo terrível. Você, Antônio Cipriano, você não é meu filho.
(Interjeições de espanto)

Ant. Cip. - Como?

A AGONIZNATE - Não é meu filho. Depois de dois anos de casada, sem ter nenhum filho, conheci uma cigana que veio ler a minha mão. Nunca acreditei muito nessas coisas, mas nesta tarde, que o bom Deus me perdôe, mandei a cigana entrar. Queria saber

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 316

se ainda viria a ter um filho. A cigana vinha acompanhada de dois garotinhos, com três anos mais ou menos, e dizia que eram seus filhos. Percebi logo que não eram. Todos nós sabemos que essas mulheres nunca têm filhos e vivem de roubar as crianças dos outros. Imediatamente fiquei encantada por uma das crianças. E me veio aquele desejo de tê-lo como filho. Tentei convencer a cigana de me dar o menino. Mas a cigana riu muito e disse que não. Dei minha mão para a cigana ler. Quase que de repente, ela levantou-se com uma expressão de pavor no rosto e grita para mim: Você vai ser a minha assassina. A minha assassina. E ficou repetindo aquilo cada vez mais alto. Fiquei com medo que os vizinhos ouvissem e avancei para ela. Ela continuava gritando. Consegui tapar-lhe a boca, mas não sei se com muita força ou por muito tempo... O certo é que a cigana morreu debatendo-se nos meus braços.

ANT. CIP. - Mãe! (À parte) Mas que mãe?

A AGONIZANTE - Meu marido, que Deus o tenha em sua santa guarda, era delegado então e conseguiu que ninguém soubesse do que tinha acontecido. Viajei para o Recife onde passei dois anos. Uma das crianças era você e desde então criei como se fosse filho das minhas entranhas. A outra...

PADRE DAMIÃO = Fale. Fale...

A AGONIZANTE - A outra era você, padre Damião, que entreguei à minha pobre irmã que não tinha filho também.

ROSINHA- Meu Deus!

A agonizante desmaia. Todos choram. Antônio Cipriano e Padre Damião estão de frente e têm o espanto no rosto.

P. DAMIÃO - (Para Ant. Cip.) Senhor prefeito, queira aceitar minhas condolências...

ANT. CIP. - Senhor Prefeito? É assim que me trata?

P. DAMIÃO - E que outro tratamento?... Sim... Outro tratamento sim. Meu irmão! Meu irmão!

(Os dois se abraçam - as mulheres cercam os dois rapazes)

PRIMEIRA BEATA - Deus nos reserva cada surprêsa...

SEGUNDA BEATA - São muito intrincados os caminhos de Deus...

ROSINHA - (Abraçando o padre) Meu cunhado...

(Abraços efusivos dos personagens)

P. DAMIÃO - Temos que nos lembrar da finada...

ANT. CIP. - Realmente...

PRIMEIRA BEATA - Que Deus lhe lumie as santas veredas...

SEGUNDA BEATA - Que os santos lhe acompanhem até o Portal da Glória...

PRIMEIRA BEATA- Ave Maria, cheia de graça...

(Rezam todos, com devoção, quando entra violentamente no quarto um rapazote de 15 anos. Todos olham-no com desaprovação.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.317

O rapazote se benze e grita para o Sacristão.)

RAPAZOTE - Corra, seu Bonifácio, que a sua égua deu cria a um cavalo com cabeça de gente.

RITA - Um cavalo com cabeça de gente?

RAPAZOTE - É sim, dona Rita. É uma coisa de espantar. T'a todo mundo por lá sem saber o que fazer. O cavalo tam nariz como a gente, qu queixo como a gente, e olhos azulados.

PRIMEIRA BEATA - Cruz credo!

SEGUNDA BEATA - Só pode ser o fim do mundo!

P. DAMIÃO - Menino você sabe o que está dizendo?

RAPAZOTE - Sei, sim, seo padre. Eu vi. Vi com estes olhos que a terra vai comer.

ANT. CIP. - Temos que tomar providencias imediatas. Como prefeito da cida de tenho que pensar nas coisas que vão acontecer. Esta notí-- cia vai correr o mundo, virão jornalistas de toda parte.

P. DAMIÃO - Temos que ir lá imediatamente.

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D. P. F. SR/MG

ROSINHA - Mas, a finada...

RITA - Sim, a finada...

ANT. CIP. - A finada? Ora essa! Logo agora...

Sacristão - Mas, eu tenho que ir. (Com orgulho) Foi na minha casa.

P. DAMIÃO - Claro que você tem que ir. Um fato desse não acontece todos e os dias. Com cabeça de gente mesmo?

RAPAZOTE - Por essa luz que me alumia os olhos...

P. DAMIÃO - Então é ir...

ANT. CIP. - (Para as beatas) Vocês ficam velando o corpo.

PRIMEIRA BEATA - Mas nós também queríamos ver o fenômeno.

ANT. CIP. - Depois. Alguém tem que ficar velando a finada.

ROSINHA - Claro. A finada não pode ficar sòzinha.

P. DAMIÃO - Vamos rápidos.

(Saem todos - a primeira beata fica olhando apavorada para a finada)

Luz no roçado do sacristão. O cavalo com cabeça de gente está cercado por Cosma, mulher do sacristão, e alguns curiosos. En tram Ant. Cip., p. Damião, Rosinha, rita, e sacristão, e a se gunda beata.

SEGUNDA BEATA - (Vendo o cavalo) Meu Deus! (Cai desmaiada. Alguns socorrem a beata)

COSMA - (Para o sacristão) Você aqui não fica mais!

SACRISTÃO - Como?

P. DAMIÃO - O que houve, Dona Cosma? A senhora está nervosa?

COSMA - Nervosa não reverendo. Ofendida. Ofendida no que a mulher tem de mais sagrado.

P. DAMIÃO - Mas ofendida em que, dona Cosma? Essas coisas acontecem de vez em quando. A senhora não tem culpa, nem o seu marido.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 318

COSMA - Olhe os olhos do cavalo, reverendo.

P. DAMIÃO - Estou vendo, dona Cosma.

COSMA- Está reparando bem, seo padre.

P. DAMIÃO- Estou, sim. São estranhamente azuis.

COSMA- (Puxando o marido)- E os dele?

SACRISTÃO- Os meus, como?

P. DAMIÃO- Que tem os olhos de seu marido?

COSMA- Acor| A cor|

P. DAMIÃO- Azuis, dona Cosma...

COSMA- ... como os do cavalo, Reverendo|

SACRISTÃO- Você tem coragem...

ROSINHA- Dona Cosma, a senhora está nervosa.

COSMA- Que nervosa o que| Eu sou lá idiota, dona Rosinha. Estou vendo a semelhança.

ANT. CIP.- Não é possível dona Cosma, que a senhora pretenda acusar seu marido de uma infâmia tão grande...

COSMA- Ele sempre teve um cuidado exagerado por aquela égua, seo prefeito. Mas nunca me passou pela cabeça... Como podia passar pela cabeça de mulhr nenhuma que seu marido e... e... uma égua!

SACRISTÃO- Essa é demais!

COSMA- Demais, hein seu sem vergonha! Eu sempre jurei que nunca seria mulher côrna. E terminei sendo. Côrna de uma égua. Me desculpe o palavreado, Reverendo. Mas não há uma mulher, com brio na cara, que com uma dessas não termine por perder as estribilhas. Com uma égua, dona Rosinha. A senhora se imagine na minha situação. O que a senhora faria no meu lugar? Eu mato ele. Esfolo. Aí, meu Deus. Côrna de uma égua. (A primeira beata vai volatando a si)

Como isto foi me acontecer? Ser trocada por uma égua...

SEGUNDA BEATA- Só pode ser o fim do mundo!

(Escurece - a luz volta ao quarto da agonizante - a primeira beata reza com nervosismo o seu terço)

A AGONIZANTE - Antônio... Meu filho...

PRIMEIRA BEATA - Irmã... Irmã ... Lembratte de Deus e da Virgem! Volta para as profundas!

A AGONIZANTE - Meu filho... Água... Água...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p 319

PRIMEIRA BEATA - Ai, meu Deus, deve ser o fogo do inferno que está consumindo a finada. Mas por que isto foi acontecer logo comigo: eu nunca fiz mal a ninguém. Ave Maria, cheia de graça...

A AGONIZANTE - Quem está aí? Marocas?

PRIMEIRA BEATA - Ela lembra do meu nome. Irmã, esquece das coisas da Terra e lembra-te das coisas do céu.

A AGONIZANTE - Marocas... Um pouco d'água, pelo amor de Deus. Água senão eu morro.

PRIMEIRA BEATA - E eu posso me levantar? Se pudesse eu saia correndo. Ave Maria, o senhor é convosco...

A AGONIZANTE - Será que eu vou ter forças para me levantar?...

PRIMEIRA BEATA - Não se levante não, pelo amor de Deus. Socorro! Socorro! Valei-me todos os anjos e santos... Socorro!

(Entram correndo - Antônio Cipriano, Rosinha, Rita, P. Damião, o sacristão e a segunda beata)

TODOS - Que houve? Que houve?

PRIMEIRA BEATA - Ela... Voltou do além...

P. DAMIÃO - A senhora está nervosa, dona Marocas, ninguém volta do além...

A AGONIZANTE - Água... Água... Morro de sede...

TODOS - Aiiiiiiiiii!

P. DAMIÃO - Numa situação como esta temos que ter muita calma.

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D.P.F. SR/MG

A AGONIZANTE - Morro de sede...

ANT. CIP. - Ela talvez não tenha morrido.

RITA - Como não morreu se estava imóvel e com a palidez na fronte?

P. DAMIÃO - Claro que não morreu. Vamos dar água a nossa boa amiga e render graças a Deus pela sua cura.

(A agonizante levanta-se um pouco da cama com os olhos muito esbugalhados e grita:)

A AGONIZANTE - Perdão, cigana! Perdão !

ROSINHA - Ela está falando com a cigana!

(Todos ajoelham-se e começam a rezar histéricamente; a agonizante dá um grito e morre.)

P. DAMIÃO - Creio que desta vez ela faleceu de verdade.

(Aproximan-se da falecida o padre Damião e Antônio Cipriano que examinam-lhe os olhos, auscultam-lhe o coração)

ANT. CIP. - Morreu na verdade!

P. DAMIÃO - Que Deus se compadeça de sua alma!

RITA - Oremos.

(Irrompe com violencia no quarto o rapazote)

RAPAZOTE - Seo Prefeito! Seo Prefeito!

ANT. CIP. - O que foi que aconteceu? Será que a gente não pode mais chorar nem a morte de um parente querido?

RAPAZOTE - Antônio das Almas manda pedir socorro.

ROSINHA - E o que foi que aconteceu?

RAPAZOTE - A filha dele, a Sigismunda, está crescendo, crescendo... Ele já

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 320

afastou algumas telhas da casa porque ela não cabe mais...

P. DAMIÃO - O que você está dizendo?

RAPAZOTE - A verdade, seo padre... A verdade... Venha ver...

(Luz na casa de Antônio das Almas - Pelo telhado sai a cabeça de Sigismunda.)

SIGISMUNDA - Pai, pai, estou com medo...

ANTÔNIO DAS ALMAS - Eu também filha minha. O que é isto que aconteceu com com você?

SIGISMUNDA - Aqui tem muito morcego, pai. E cada ratazana...

ANT. das Almas - E o que é que eu posso fazer, filha minha?

ANT. CIP. - Hoje é a noite dos prodígios.

PRIMEIRA BEATA - Jesus, Maria, José.

RITA - O que devemos fazer?

P. DAMIÃO - Pedir a Deus misericórdia. São os pecados. Tantos... Deus termina por se impacientar. E temos que pedir clemência. Clamar sem cessar.

Censura de Diversões Públicas - Serviço D. F. S/MG

ANT. CIP. - E eu? Como autoridade tenho que tomar uma providencia.

ROSINHA - Mas que providencia?

ANT. CIP. - Não sei. Mas temos que inventar. Chamar o Corpo de Bombeiros, pedir ajuda ao Exército. Mobilizar tudo e todos. E preparar-nos para o pior.

SEGUNDA BEATA - O prefeito acha que ainda vai acontecer mais coisas?

ANT. CIP. - Quem pode jurar? Mas também quem pode afirmar o contrário? Quantas coisas numa só noite. O que o restante dos dias nos reserva? Não. Não me espantarei mais de nada. Se vir línguas de fogo dançando no céu acharei tudo muito natural. (Olhando para Sigismunda) Pobre moça! Ainda ontem tão tranquila, fazendo o enxoval do seu noivado...

SIGISMUNDA - Pai, dê um jeito de me tirar daqui.

ANT. DAS ALMAS - Não fale assim que me dá uma dor no coração... Como eu posso tirar você daí, filha minha! A falta que faz um bom guindaste numa terra como esta. Bem que viviamos dizendo, senhor prefeito, que a cidade precisava de um guindaste. Era como se a gente estivesse adivinhabdo. Mas não... O dinheiro do município servia para tudo, menos para o guindaste. Agora eu sinto na carne a falta de um guindaste. Que posso fazer por minha filha? Ela fica exposta neste sereno, e não pode ser nada bom para a sua saúde. A administração pública neste país está muito longe do que se pode desejar.

ANT. CIP. - Então o Senhor me acusa de não saber administrar o município?

ANT. DAS ALMAS - Com fato provado. A cidade. A cidade tem um guindaste? E como eu posso tirar minha filha senão com um guindaste?

ANT. CIP. - A Oposição sempre encontra um jeito de atacar o governo, mesmo nas horas mais impróprias. Antônio das Almas, acabo de passar uma noite terrível. Perco minha mãe que não era minha mãe, nasce

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 321

um cavalo com cabeça de gente, sua filha vira varapau, me diga, se tudo isto junto não é para enlouquecer até a cabeça de um santo?

ROSINHA - Meu filho, por que você não vai para casa dormir um pouco?

ANT. CIP. - E você acha que eu iria conseguir? Não. Ficarei de pé junto do meu povo, a espera do que possa acontecer. Não quero de modo nenhum abandoná-lo numa hora de tanto mistério. O comandante é o último a deixar o barco que soçobra. Me comportarei de modo semelhante.

(Discretos aplausos)

ANT. DAS ALMAS - Então o senhor prefeito aproveita-se de uma situação tão dolorosa para fazer propaganda pessoal? Acho um absurdo!

RITA - Você está nervoso, Antônio das Almas, e está interpretando de uma maneira toda errada o Procedimento do meu cunhado. Antônio Cipriano é um homem de bem e todo devotado ao povo deste município. Você pode ser da oposição, é um direito que lhe assiste, mas não pode abusar deste direito, e fechar os olhos para todas as demonstrações de humanidade dadas pelo senhor meu cunhado.

ROSINHA - Muito bem, Rita. Acho, meu marido, que devemos nos retirar.

P. DAMIÃO - Realmente, talvez seja melhor. Os animos estão exaltados com toda essa estranheza.

ANT. CIP. - Talvez seja o mais certo. Irei para junto daquela a quem devo a minha existencia. Qualquer coisa que você precisar, Antônio das Almas...

ANT. DAS ALMAS - Eu só preciso de um guindaste.

ANT. CIP. - Vou mandar buscar um no Recife. É o máximo que posso fazer.

(Retira-se em companhia de Rosinha, Rita e Padre Damião)

SACRISTÃO - (Para o prefeito) Posso ir com o Senhor?

ROSINHA - Por que você não volta para casa?

SACRISTÃO - A senhora viu como está a Cosma... Não tenho coragem.

ANT. CIP. - Minha casa está aberta para todos os necessitados.

(Saem os cinco. Escurece. Luz no quarto da falecida)

ANT. CIP. - A gente se vira e é como se só escutasse gemidos. Quantos infortúnios numa só noite.

RITA - As bruxas estão soltas.

P. DAMIÃO - Não acredite em bobagem. Nisto tudo está o dedo de Deus. Os homens se distanciam tanto do Divino Salvador que às vezes ele tem que mostrar o seu poder mandando todos esses prodígios.

ANT. CIP. - São as provações... (Com as mãos postas) Meu Deus, meu Deus, o que ainda estará reservado a este pobre servo?

A cena escurece

CENA II

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 322

(Às margens de um riacho. Biu e Chico comem umas bananas. Cartaz: "prossegue a viagem maravilhosa de Biu e Chico. Pequena meditação diante de um afogado."

BIU - Eita carreira boa.

CHICO - Tua acha que a gente está livre? Que não há mais perigo nenhum?

BIU - Eu só vou me sentir sossegado numa terra grande, com o domínio da lei. Por aqui eu sinto o mesmo cagaço. Matam a gente e ninguém vai socorrer.

CHICO - Minha mãe vivia dizendo: " Chico, não te mete com mulher engangada". Tinha razão a pobre velha. Agora aqui estou eu sem saber do meu destino.

BIU - (Splene) E quem sabe nunca do seu destino? Cruz em Credo!

CHICO - Que foi, homem de Deus?

BIU - Olhe ali no riacho. Aquilo não é um homem afogado?

(vão para junto do riacho)

CHICO - E não é Severino?

BIU - Severino das Cruzes?

CHICO - Ele mesmo.

BIU - Você não sabia que ele tinha sido matado?

CHICO - Não. Por causa de mulher?

BIU - Não. Questão de terras.

CHICO - Oxente, que diacho de questão de terras foi essa se ele não tinha n nenhuma?

BIU - Pois é. Não tinha nenhuma mas queria ter.

CHICO - Queria ter?

BIU - Queria ter. E parece que não pode.

CHICO - É sim. Parece que não pode.

BIU - Mas ele achava que podia. Eu dizia: Severino das Cruzes tu toma cuidado. Esse negócio teu de achar que pode ter a terras dos outros. Olha aí. O corpo todo furado e ainda mais afogado. Que morte horrorosa.

CHICO - Pobre do Severino das Cruzes!

BIU - Tu acha que ele podia?

CHICO - Podia o que?

Biu - Querer as coisas que ele queria.

CHICO - Oxente, pra que tu quer saber?

BIU - Somente pra saber.

CHICO - E tu? Acha o que?

BiU - Eu?

CHICO - Pois é. Tu!

BIU - É... Não é?

CHICO - Pois é. Quem sabe? Um dia, não é?

(Os dois se entreolham com desconfiança)

BIU - Pois é. Oremos.

(Ajoelham-se e rezam. O rapazote aparece correndo e tropeça nos dois)

Censura de Diversões Públicas - Serviço de D. F. P. SR/MS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 323

BIU - Que carreira é esta, meu irmão? Também tá fugindo de marido chifrudo?
RAPAZOTE - Antes fosse. Mas eu to fugindo é do capeta mesmo.
CHICO - Do capeta? Que história é esta? Capeta na luz do sol?
RAPAZOTE - Vocês não podem imaginar. Nasceu um cavalo com cabeça de gente
CHICO - Um cavalo com cabeça de gente?
RAPAZOTE - ... Uma moça cresceu tanto que furou o telhado...
BIU - Com febre, meu irmão?
RAPAZOTE - Uma finada morreu, ressuscitou e morreu de novo, e agora a pobre da minha mãe deu pra comer que não para mais, e engorda tanto que não passa mais por nenhuma porta. A pobre fica sentada, comendo e engordando, comendo e engordando, já está quase da largura da metade da sala.
CHICO - Tão moço!
RAPAZOTE - Eu juro por tudo! Por todos os anjos e santos!
CHICO - E isso tudo acontece, adonde?
RAPAZOTE - Em Caruaru.
BIU - Ppis é o nosso destino.
RAPAZOTE - Não vá. Não vá. Já estão dizendo que é o fim do mundo.
CHICO - O fim do mundo?
RAPAZOTE - O fim do mundo.
BIU - Ppis é pra lá que nós vamos.
RAPAZOTE - E eu vou pra bem longe. Na direção que vocês vieram.
CHICO - Escuta aqui, menino. Se tu encontrar dois chifrudos doidos perguntando por dois mancebos, não diz que encontrou a gente. Combinado?
RAPAZOTE - Combinado.

(O rapazote sai)

BIU - E então?
CHICO - Vamos lá. Quando essas coisas acontecem as mulheres ficam doidas e é um tal de querer proteção.
BIU - Ôi, é assim que eu me sinto a vontade.

(Saem - a cena escurece)

Censura de Diversões Públicas - Serviço - D. P. F. - SR/MG

CENA III

Luz sobre a casa de Antônio das Almas - Sigismunda lastima-se no alto do telhado - Em baixo Antônio das Almas e moradores.

SIGISMUNDA - Eu não aguento mais. Socorrei-me todos os anjos e santos do Céu! Só penso se começar a chover. O que vai ser de mim?
PRIMEIRO MORADOR - Não se aperreie não Sigismunda. Aqui quase não chove...
SIGISMUNDA - E você acha que é bom ficar aqui em cima, com essa doença de

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p 324

coqueiro, crescendo cada minuto? E meu noivo quando chegar? Será que ainda vai querer casar comigo?

ANT. DAS ALMAS - Minha filha, já disse pra você esquecer dessas coisas.

SIGISMUNDA - Esquecer do meu noivo, papai?

ANT. DAS ALMAS - Nós agora só temos que pensar ~~num~~ mesmo em arranjar dinheiro para comprar ou alugar um guindaste. Casamento fica pra se pensar depois.

SIGISMUNDA - Que desgraçada eu sou!

ANT. DAS ALMAS - Eu sei filhinha. Eu sei. Mas temos que ter paciência. Muita paciência. (Para os moradores) Vocês não querem dar um dinheirinho pra gente poder arranjar um guindaste? (Os moradores dão o dinheiro)—— Que Deus ajude vocês todos!

SIGISMUNDA - E ainda mais virar esmoler.

ANTONIO DAS ALMAS - Não fale assim, filhinha.

SIGISMUNDA - Enão é verdade, pai? Ai, se o meu noivo souber disto, aíé que êle não casa mesmo. E o que vai ser de mim? Coqueiro e sem marido; pior mesmo que destino de mulher da vida.

ANT. DAS ALMAS - Eu vou até a feira, filhinha, pra ver se arranjo mais dinheiro.

SIGISMUNDA - Mas demore, pai. Tenho tanto mêdo de ficar nessas alturas sozinha.

ANT. DAS ALMAS - Tá muito bem.

(Sai Antonio Das Almas - entra o cavalo de cabeça de gente com um ramo de flôres nos dentes)

SIGISMUNDA - Você veio de novo, meu amigo?

CAVALO COM CABEÇA DE GENTE - (Relincha)

SIGISMUNDA - E sempre som as suas flôres? Se não fôsse a sua delicadeza não sei o que seria de mim. (Estende os braços e apanha o ramo de flôres - o cavalo com cabeça de gente executa alguns passos de dança) Se não fossê por você, meu amigo... Sinto-me tão sozinha.

CAVALO DE CABEÇA DE GENTE - (Relincha)

SIGISMUNDA - Que bom você ter vindo!

COSMA - (Entrando com uma vassoura na mão) Ah, seu cavalo, o que você quer mesmo é viver na vadiagem? Vamos embora! Vamos aproveitar a feira. Já armei uma tenda pra mostra você e ganhar algum dinheiro.

SIGISMUNDA - Deixe êle um pouco comigo, dona Cosma, me fazendo companhia.

COSMA - Viver não é facil, Sigismunda. Tem que ganhar dinheiro. A situação está cada vez pior. Vamos, cavalo. Vamos.

(Saem Cosma e o cavalo com cabeça de gente)

SIGISMUNDA - Ai de mim, desventurada!

(Escurece - luz na casa de Antonio Cipriano)

ROSINHA - Preciso falar com você.

ANT. CIPRIANO - Não é um absurdo? Pedindo esmola na feira só para me desmoralizar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 325

ANT. CIPRIANO - O que não vão dizer por aí de mim? Antonio das Almas, na' feira, pedindo esmola, para comprar um guindaste. Um guindaste que é da alçada da prefeitura. Essa Oposição é mesmo uma desgraça. Aproveitam até a própria desgraça para t tirar rendimento político.

ROSINHA - Antonio, eu queria saber por que você tem chegado tarde tôdas ' as noites?

ANT. CIPRIANO - Fico com vontade de mandar prender êsse homem. Êle quer ' acabar com minha vida. Rosinha, hoje deve chegar em Caruaru um enviado do senhor Presidente para fazer [illegible] ção na cidade. Êsses fatos que aconteceram aqui chamaram ' para nossa cidade a atenção do mundo inteiro. No Rio ' Janeiro, pessoas da Oposição, estão tirando vantagem disto tudo, para dizer que se trata de um castigo do céu contra o atual govêrno. Enquanto isto os assessôres mais próximos do presidente estão vendo nisto tudo uma manobra altamente subversiva. Veja a que ponto chegaram... E eu ' transformei-me numa pessoa suspeita. Vem um emissário especial para verificar a veracidade ou não dos fatos que ' aqui aconteceram. Pois bem. Neste justo momento, Antonio' das Almas vai para a feira pedir esmola, dizendo pra todo mundo que eu sou incapaz, porque a prefeitura não tem um' guindaste.

ROSINHA - E você chegou tarde por que , Antonio?

ANT. CIPRIANO - Não é de enlouquecer? O emissário do presidente constata' que não existe nenhuma subversão na cidade, mas pode muito bem achar que eu sou um incapaz por não ter providenciado um guindaste. E eu posso até ser submetido a um inquérito.

ROSINHA - Você vê, Ritinha. Êle se recusa a responder a minha pergunta.

ANT. CIPRIANO - Devo ou não prender Antonio das Almas? O meu futuro está' em jôgo. A tranquilidade do nosso lar está em jôgo também.

ROSINHA - Antonio Cipriano, por que?...

ANT. CIPRIANO - Realmente é demais. Parece até um castigo. Mas eu nada ' fiz em minha vida para merecê-lo. Sempre fui bom filho , um bom cidadão, respeitador das coisas de Deus e da Pátria. Mas de repente vem tudo isto de uma vez só: um cavalo ' de cabeça de gente, uma mulher que não para de crescer , outra que não para de engordar, a terrível revelação da ' minha santa mãe na hora da morte, e para completar esta ' desmoralização que Antonio das Almas está me submetendo . Outro já teria enlouquecido.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156,326

ROSINHA - Ritinha, você quer falar com êle. Talvez êle tenha mais atenção a você.

RITINHA - Senhor meu cunhado, minha irmã deseja saber por que o senhor chegou tão tarde ontem à noite?

ANT. CIPRIANO - É demais! É demais! Se conseguir resolver tudo isto a contento necessito de umas férias. Vocês me entendem?

ROSINHA - É de enlouquecer!

ANT. CIPRIANO - Exatamente o que eu estava dizendo! É de enlouquecer! (Para Ritinha) Você não concorda comigo?

RITINHA - Mas a minha irmã...

ANT. CIPRIANO - vou conversar com o padre... com o padre? (Aparte) Será que êle é meu irmão?

D. P. F. SR/MG

ROSINHA - Mas, Antonio Cipriano...

ANT. CIPRIANO - Qualquer coisa estarei na igreja... Tenho que falar com urgência com o padre Damião.

(Sai Antonio Cipriano)

ROSINHA - Você viu o cinismo dele, Ritinha. Depois você ainda o defende!

RITINHA - O homem está com cabeça cheia de problemas.

ROSINHA - Problemas que nada. Safadeza! Tudo isto é desculpa para ficar na rua até altas horas. Meu coração não me engana: existe uma mulher atás disto tudo!

RITINHA - Ora, Rosinha, você não tem nenhum motivo para se queixar. Antonio é um marido exemplar. Sempre voltado para os problemas da casa. Não me lembro de nenhuma falta dêle, É verdade que nestes últimos dias êle tem chegado tarde em casa. Mas você acha pouco o que tem acontecido?

ROSINHA - Você não sabe nada da Vida, minha irmã. Não sabe de que sujeiras os homens são capazes! Você não viu o sacristão? Quem diria?

RITINHA- E você acredita?

ROSINHA - Mas claro: os olhos são da mesma côr. Depois de uma coisa desta não se pode confiar mais em ninguém. Osacristão, quase um padre, tão agarrado às saias de dona Cosma, e de repente com uma égua em sua vida...

RITINHA - Ora rosinha...

ROSINHA - Depois disto botei as minhas barbas de môlho. E quer saber de uma coisa? Vou atás do Antonio... Não vou nesta historia de que foi pra igreja. Deve estar por aí atrás de algum rabo de saia.

RITINHA - Minha irmã, tenha um pouco de calma.

ROSINHA - Não, Ritinha. Mulher côrna eu não vou ser.

(Sai apressadamente com Ritinha - escurece - luz numa rua de Caruaru)

CEGO (Cantando) - Eu deixei o meu roçado
atrás do meu tatuzinho
andei milhões de léguas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0256,p. 327

e nada do meu bichinho
cruzei mares e montanhas
não encontrei o tatu
foi quando me deu uma dor
bem no pé da barriguinha
ai que dor danada
tive que dar uma paradinha
me escondi numa ribanceira
me espremi até valer
veio aquela caganeira
Ai, meu Deus que vou morrer
sem ver meu tatuzinho
foi quando encontrei uma véia
que sorria de mansinho
cheguei junto e disse:
a benção, vó, você viu o meu tatu?
A velha levantou a saia
e me puxou com carinho
Eu disse: t'esconjuro véia
vai cuidar da tua sina
e saí num galope doido
e encontrei uma menina
que tinha os olhos de fogo
e uns cabelos de crina
me cheguei e perguntei
pelo danado do tatu
a menina foi me lhando
com aqueles olhos de fogo
e foi dizendo dengosa:
Você não quer entrançar
as nossas crinas?
Me benzi, sai correndo,
e a pobre da barriguinha
dava voltas, ia doendo,
doendo de fazer dó,
mas não parei mais pra nada,
e cruzei mares e montanhas
atras do tatuzinho,
mas ninguem sabia nada
do meu querido bichinho,
foi quando desconsolado
voltei atrás da menina

Serviço de Diversões Públicas - D.F. SR/MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 328

vou deixar de ser um leso
e vou entrançar as minhas crinas
mas envez da menininha
nomeio da campina
foi a danada da véia
com uns olos de sepultura
que me esperava na esquina
Desisti, voltei pra casa
e do pinto fiz um nó
com véia eu num engato
nem pra salvar minha vó.

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D. P. F. - SR/MG

O CEGO - Que Deus Nosso Senhor Jesus Cristo alumie o camilho de todos vo cês!

TODOS - Amém!

(Enquanto o cego canteva a sua toada, Chico e Biu entram, imediatamente alguns habitantes cumprimentaram com respeito e espanto - Chico e Biu olharam para todos com maior espanto ainda.)

UM HABITANTE - (Para Chico e Biu) - Meus respeitos!

OUTRO HABITANTE - Que Deus proteja os senhores!

CHICO - Muito obrigado. Muito obrigado!

BIU - (Para Chico) - Simpático, o povo da cidade!

CHICO - Realmente, muito simpático! (Todos se retiram, menos Chico e Biu) Você viu? Todo mundo nos cumprimentando com o maior respeito?

BIU - Bem... eu estou um pouco desconfiado.

CHICO - Desconfiado porque?

BIU - Você lembra a história que aquêle cabra nos contou?

CHICO - Das coisas estranhas que estão acontecendo aqui?

BIU - Sim.

CHICO - E que tem isto? Aquele cabro pra mem é um leso. Não estou notando nada de anormal por aqui.

BIU - E aquela mulher, logo na entrada da cidade, que chegou junto de mim e perguntou: Seo padre, oque é isto. O senhor sem batina? O senhor acha pouco os castigos que Deus tem mandado pra gente?

CHICO - Aquela mulher era meio maluca.

BIU - Eu estou um pouco com mêdo que essa terra esteja cheia de doido. Todo mundo ri pra gente. Cumprimenta, como se a gente tivesse nascido e se criado aqui

CHICO - É uma gente hospitaleira. Eu sempre ouvi dizer: o povo de Caruaru é um povo bom danado!

(Passa uma mulhor que olha para Chico e Biu e para: aproxima-se de Biu, bem espantada, e toma a bênção)

MULHER - A bênção

BIU - Deus te abençoe. (A mulher sai) Você tá vendo?

CHICO - Costume da cidade.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 329

BIU - Mas porqque não tomam a bênção a você?
CHICO - É que você tem uma cara meio de santo.Biu. Mas que cabra de sorte, heim? Vai ser fácil pegar essas menininhas tôdas...
(Aparecem Rosinha e Rita que ficam olhando de longe. Risinha começa a fazer sinais para Chico)
BIU - Chico, tem uma mulher ali fazendo sinais para você.
CHICO - Sinais pra mim? E a danada é até bonitinha. Será que é uma quenga?
BIU - Não tem cara de quenga . Parece moça de respeito.
CHICO - E como é que está me chamando?
BIU - Eu sei lá... Não estou gostando nada disto.
CHICO - Você também tem mêdo de tudo
BIU - Já corrimuito por causa de marido doido. Não estou pra correr mais. Aqui quero fazer minha pousada, mandar buscar mãe, casar e muitos filhos.
CHICO - Ela continua...
BIU - E está vindo pra cá!
ROSINHA - Então, senhor meu marido, aproveitando o sol do meio dia?
BIU - E tu é casado homem de Deus?
ROSINHA - E o senhor sem batina em plena rua?
RITINHA - Sãa ordens do concilio, Rosinha.
ROSINHA - Que Concilio, que nada! Eu acho é uma falta de respeito e das grandes!
BIU - (Para Chico) - Está entendendo alguma coisa?
CHICO - Nada. Mas se ela insiste que eu sou o marido não faço questão.Vou cumprir meus deveres conjugais.
BIU - Chico, cuidado! Algo está me avisando que é menhor mesmo a gente ir embora!
ROSINHA - Vamos para casa?
CHICO - Podemos ir. Vamos Biu?
RITINHA - Biu?
BIU - Um seu criado.
ROSINHA - Ainda bem que estão de bom humor!
BIU - E não é pra estar?
ROSINHA - Vamos logo que precisamos ter uma conversa muito séria, senhor meu marido.
(As duas se afastam)
BIU - Você vai?
CHICO - Mas claro. Bonitinha, não é ?
BIU - Chico estou vendo o dedo do capeta nesta historia tôda. Essa mulher é capaz de ter um marido mesmo. A gente termina se estrepando.
CHICO - Eu já estou acostumado.
ROSINHA - Você quer me fazer perder a paciência?
CHICO - Não meu amor. Vamos Biu.
BIU - Vamos (A parte) Mãe reza por mim. E reza forte.

Censura de Diversões Públicas - Serviço - D. F. SR/MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 156, p. 330

O APOCALIPSE

OU

O CAPETA DE CARUARU

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D. P. F. - SR/MG

ALDOMAR CONRADO

SEGUNDO ATO

CENA I

VOZ DE ROSINHA - (Em sua casa) E se perguntarem pela gente você diz que não tem ninguém em casa. Que eu e meu marido tivemos de sair. Não queremos que ninguém nos incomode.

VOZ DE EMPREGADA - Sim, senhora.

VOZ DE CHICO - Que não estamos em casa durante dias. Não queremos receber ninguém durante dias.

VOZ DE EMPREGADA - Sim, senhor.

Luz na rua - Antônio Cipriano, Padre Damião, emissário do Presidente

ANTÔNIO CIPRIANO - V. Excelência ficará na minha casa. É casa de pobre mas terá todo o nosso carinho.

EMISSÁRIO - Não seria preciso tanto incômodo. Acho que não devo aceitar. E depois como vim em missão oficial, talvez não fique bem aceitar esse favor. Devo estar totalmente livre para as minhas inves-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 332

tigações, sem nenhum vínculo mais forte. O Senhor sabe, as informações que tivemos são as mais desencontradas. Enquanto uns são levados a acreditar que se tratam realmente de fenômenos, apenas por uma estranha coincidência aparecidos de uma só vez, outros, e tenho que dizer que a maioria, acreditam tudo não passar de uma manobra de agitadores interessados em perturbar a vida do país.

P. DAMIÃO - Mas como os agitadores podem fazer que uma mulher comece a crescer de repente ou um cavalo nascer com cabeça de gente?

EMIS. - Não sei como responder; mas para isto estamos aqui: para averiguar E, depois Deus queira, poder tranquilizar o nosso Presidente. Esperamos, realmente, que se tratem de fenômenos: isto não trará nenhum prejuízo, até pelo contrário, poderá aumentar a receita da prefeitura com a avalanche de turistas que certamente acorrerá a este local. Mas em caso contrário, se realmente se tratar de uma manobra nova dos agitadores, o caso se reveste de uma imensa gravidade, pois não estamos preparados para esse tipo de subversão de ordem. Sabemos muito bem como o nosso povo, principalmente o do interior, é cheio de superticões. Se ele for convencido que se trata de um protesto divino contra o atual governo, o que poderemos fazer? Teremos de estudar as medidas defensivas imediatamente.

ANT. CIP. - Ainda hoje o senhor poderá tranquilizar o Presidente tenho certeza. Proponho ir até lá em casa, almoçarmos, e depois então iremos ver de perto os fatos estranhos.

Câmara de Diversões Públicas - Serviço de D. P. F. SEMG

EMIS. - Confesso que estou com fome.

P. DAMIÃO - Dona Rosinha, esposa do prefeito, é uma excelente quituteira. O senhor não terá do que reclamar.

EMIS. - Mas não será um incomodo?

ANT. CIP. - De modo algum. O senhor não pode imaginar a alegria nossa em receber uma tão alta autoridade da República.

EMIS. - Fico desvanecido com tanta atenção.

Entra o sacristão correndo com Cosma no seu encalço

SACRISTÃO - Peço proteção à autoridade.

P. DAMIÃO - Mas o que é isto?

COSMA - Eu avisei a esse miserável que não aparecesse mais na minha casa.

SACRISTÃO - A casa é minha também.

COSMA - Sua casa é no estábulo com aquela égua filho da mãe.

ANT. CIP. - Deixemos este assunto para depois, dona Cosma. A Senhora está em presença de um Emissário do Presidente da República que veio a Caruaru para observar os fatos estranhos que aqui vem acontecendo nos últimos dias.

COSMA - Ah, o senhor é amigo do Presidente?

EMIS. - Sim, senhora.

COSMA - Pois é com o senhor mesmo que eu preciso falar.

P. DAMIÃO - Dona Cosma, talvez numa outra hora... O senhor Emissário fez u

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 332

ma viagem muito cansativa...

COSMA - O senhor precisa pedir um favor ao presidente, senhor Emissário. Eu sou uma mulher católica, de pai e mãe católicos, mas se o Presidente não me fizer um favor muito grande, eu termino virando uma assassina.

EMIS. - Mas de que se trata?

COSMA - Eu preciso que o Presidente permita que eu me divorcie. Eu sei que no Brasil êste é proibido, mas no meu caso tem que ser. O senhor imagine, que o meu marido me traiu com uma égua que tem no meu reçado.

EMIS. - Com uma égua?

ANT. CIP. - Ela está nervosa, senhor Emissário.

SACRISTÃO - Isto é uma calúnia!

COSMA - O senhor precisa ver o filho que nasceu.

EMIS. - O filho?

COSMA - O cavalo tem os mesmos olhos que êle e agora até o nariz está parecido.

P. DAMIÃO - É exatamente um dos fenômenos...

EMIS. - Ah, o cavalo com cara de gente...

ANT. CIP. - Isto mesmo.

EMIS. - Mas será que esta senhora está dizendo a verdade?

P. DAMIÃO - Não pode ser verdade. É contra a lei deste mundo.

EMIS. - Mas o a cara de gente também não é contra as leis da natureza?

P. DAMIÃO - Bem, realmente, mas...

COSMA - Ninguém quer acreditar em mim. E eu ainda termino fazendo uma desgraça. Não contra o cavalo, é claro. Não tem culpa nenhuma da safadeza do meu marido e da égua da sua mãe. É um pobre inocente. Mas eu termino matando meu marido. Ou então mato a égua. Não consigo mais dormir sabendo que aquela safada, dorme perto de mim, que ainda come com o meu dinheiro.

EMIS. - Realmente, se for assim, deve ser uma situação muito estranha...

P. DAMIÃO - Mas não se trata de nada disto... Posso assegurar...

SACRISTÃO - O padre Damião me conhece muito bem... Sabe que eu seria incapaz de um pecado tão horroroso.

COSMA - Sem-vergonha, como você não respeita nem o emissário do Presidente para continuar na mentira?

ANT. CIP. - Dona Cosma, depois nós conversaremos sobre este assunto. No momento, temos que ir almoçar. O senhor Emissário está com muita fome...

(Entra o cavalo com cabeça de gente que se dirige imediatamente, para o sacristão e começa a festejar-lhe. O Emissário tem um movimento de medo mas controla-se rapidamente)

COSMA - Eis a prova! (Dá um grito e desmaia)

EMIS. - Realmente trata-se de algo que eu não esperava... (O sacristão

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D.P.F. - SR/MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p 333

carrega dona Cosma - O cavalo com cabeça de gente aproxima-se do Emissário - este recua com medo) Nunca vi uma coisa destas... Tirem este animal daqui.

ANT. CIP. - Xô, cavalo... Xô, cavalo...

(O cavalo com cabeça de gente desaparece alegremente)

EMIS. - E os outros fenômenos são tão estranhos assim?...

P. DAMIÃO - São coisas tão estranhas que fazem até desconfiar que se trata realmente de um castigo de Deus.

EMIS. - Então o senhor quer insinuar que o atual governo esta desagradando a Divina Providência?

P. DAMIÃO - Não. De modo algum, excelência. Longe de mim pensar tal coisa.

EMIS. - Precisamos tomar muito cuidado com os conceitos que emitimos. Os agitadores estão aí a solta aproveitando-se de tudo para a sua obra de desagregação da família brasileira.

P. DAMIÃO - Claro. Disto sabemos muito bem.

ANT. CIP. - Creio que agora podemos ir almoçar.

(Encaminham-se para a casa de Antônio Cipriano - No caminho passam pela casa de Antônio das Almas - O cavalo com cabeça de gente está no telhado junto de Sigismunda Em baixo Antônio das Almas tem uma espingarda nas mãos- O diálogo entre Antônio das Almas e Sigismunda se desenrola sem que estes percebam a presença de Antônio Cipriano, padre Damião e o Emissário)

ANT. DAS ALMAS - Eu já disse que matava esse miserável.

SIGISMUNDA - O senhor não pode fazer isto! O senhor não tem direito de estragar a minha felicidade!

ANT. DAS ALMAS - É só o que faltava, Sigismunda. Uma filha minha namorando um cavalo.

SIGISMUNDA - Não se trata de um cavalo comum. É porque o senhor não conhece a bondade que ele tem no coração.

ANT. DAS ALMAS - Você está louca, sigismunda.

SIGISMUNDA - E não é para enlouquecer? Ter um pai sem coração como o senhor? Um pai que não tem o menor interesse na felicidade da filha?

ANT. DAS ALMAS - Sigismunda, não se trata disto. Nenhum pai pode querer ver a filha casada com um cavalo. Mesmo que se trate de um cavalo com cabeça de gente. Não é da lei desse mundo.

SIGISMUNDA - E é da lei desse mundo ser uma mulher coqueiro?

ANT. DAS ALMAS - Não, minha filha. Não é da lei desse mundo ser uma mulher coqueiro.

SIGISMUNDA - Então? O senhor acha que a mãe dele pode não querer o casamento por eu ser uma mulher coqueiro?

ANT. DAS ALMAS - A mãe dele? A égua?

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D.P.F. - SAIMO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 334

SIGISMUNDA - Sim. A mãe dele. A égua.

ANT. DAS ALMAS - Minha filha, as alturas perturbaram a sua cabeça. (Percebe a presença de Antônio Cipriano, o padre e o Emissário)

ANT. CIP. -

Ant. DAS ALMAS - (Avançando para o prefeito) O senhor é o grande culpado de todo este drama.

ANT. CIP. - Cuidado com esta arma. Ela pode disparar.

ANT. DAS ALMAS - Está satisfeito? Me diga. Está satisfeito com a minha desgraça?

P. DAMIÃO - O senhor acalme-se, Antônio das almas...

ANT. DAS ALMAS - Acalme-se... Acalme-se... É isto que todo mundo me diz. E cada vez vai tudo piorando para mim. Já sabem da última calamidade? Minha filha quer casar com um cavalo!

ANT. CIP. - Antônio das Almas, nós estamos defronte de um emissário do Presidente da República. Você precisa se acalmar.

Censura de Diversões Públicas - Serviço P. F. SR/MG

ANT. DAS ALMAS - Muito prazer.

EMIS. - Igualmente.

ANT. DAS ALMAS - Quero apresentar minha quixa ao senhor Presidente da República contra o prefeito desta cidade.

EMIS. - Tem que ser uma queixa por escrito.

ANT. DAS ALMAS - Depois eu escrevo. Mas eu digo logo porque não sei se o meu coração vai aguentar tanta desgraça... O senhor Prefeito é o grande culpado de tudo que está acontecendo, por nunca ter providenciado um guindaste para esta cidade.

EMIS. - Um guindaste?

ANT. DAS ALMAS - O senhor não acha que um guindaste é de extrema necessidade para uma cidade?

EMIS. - Sem dúvida nenhuma.

ANT. DAS ALMAS - Sem nenhuma dúvida. Se eu tivesse um guindaste teria tirado minha filha desta situação que ela se encontra e ela nunca teria conhecido este cavalo.

ANT. CIP. - Senhor emissário, eu sei que uma cidade precisa de um guindaste. Mas infelizmente a arrecadação tem sido muito baixa e o dinheiro não dá pra nada. Não pude comprar o guindaste.

EMIS. - E por que a arrecadação tem sido baixa?

ANT. CIP. As coisas não vão bem. Ninguém tem dinheiro pra nada.

EMIS. - O senhor por acaso está criticando a política-econômico-financeira do governo?

ANT. CIP. - De modo algum, senhor emissário. Eu nem sei o que é isto.

EMIS. - Ainda bem. Mas... Olhem! O cavalo está beijando o varapau... E na boca!

ANT. DAS ALMAS - Agora eu mato ele! Agora eu mato!

P. DAMIÃO - Não faça loucura! O tiro pode pegar na sua filha!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156, p. 335

ANT. DAS ALMAS - Estou desonrado. O jeito mesmo é casar os dois!

P. DAMIÃO - Casar os dois? Mas é sacrilégio, Antônio das almas!

ANT. DAS ALMAS - E minha filha? Vai ficar desonrada depois de ter beijado um cavalo na boca e na frente de testemunhas.

EMIS. - A solução é prender o cavalo.

ANT. CIP. - Prender o cavalo?

EMIS. - Claro. Ele está perturbando a ordem pública. Já me deparei com dois casos dolorosos por causa deste cavalo. Então prende-se o cavalo. Por que o espanto? Por que não se pode prender um cavalo?

ANT. CIP. - É... Realmente... Por que não se pode prender um cavalo?

ANT. DAS ALMAS - (Apontando o rifle para os três) Ninguém vai prender a este cavalo coisa nenhuma. Depois de que ele fez com a minha filha ele vai casa com a minha filha. Eu sou pobre, mas sou um homem honrado e de família honrada. Não vou consentir que desonrem a minha família.

Censura de Diversões Públicas - Serviço D. F. SR/MC

P. DAMIÃO - O senhor enlouqueceu, Antônio das Almas!

ANT. DAS ALMAS - Saiam daqui. Saiam daqui.

Os três se afastam apressadamente - a luz sai da casa de Antônio das Almas e ilumina a frente da casa de Antônio Cipriano)

ANT. CIP. - Felizmente creio que podemos agora almoçar descansadamente.

EMIS. - Sua casa é muito simpática.

ANT. CIP. - Às ordens, senhor Emissário. Merda, esqueci a chave. Desculpe Emissário.

(Bate na porta)

P. DAMIÃO - Aqui é um lugar bem mais tranquilo. Fica distante da feira.

EMIS. - Eu quero muito visitar a feira de Caruaru. É famosa no Brasil inteiro.

EMPREGADA - (Aparecendo na porta) Que desejam?

ANT. CIP. - Você é a empregada nova?

EMPREGADA -?Minha patroa está almoçando com o marido dela e mandou dizer que não está em casa pra ninguém. E o marido dela mandou dizer que não está em casa pra ninguém durante muitas semanas.

(Fecha a porta)

EMIS. - O que está acontecendo aqui?

ANT. CIP. - A empregada entrou esta manhã. Não me conhece ainda.

(Bate novamente)

EMPREGADA - O senhor quer deixar algum recado?

ANT. CIP. - Eu não quero deixar recado coisa nenhuma. Eu quero entrar que a casa é minha. Eu sou o marido de sua patroa.

EMPREGADA - Brincadeira tem hora! O marido dela está com ela lá dentro. Nunca vi um casal tão unido. É cada beijo! Oxente! E não é que é parecido!

(Fecha a porta)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 336

EMIS. - Que brincadeira é esta?

ANT. CIP. - Não estou entendendo nada. Com certeza essa empregada é lo-
ca. Ou então quem sabe, Rosinha resolveu fazer uma brinca-
deira de mau gosto, porque está meio zangada... Essas últi-
mas noites cheguei tarde...

EMIS. - Precisamos averiguar e direitinho. O nosso governo não pode pe-
mitir que um representante seu seja um corno.

ANT. CIP. - Corno? Eu?

EMIS. - Se a sua esposa está lá dentro beijando um outro homem o senho-
é um corno! Ou por aqui usam outra palavra. Eu não entendo nad
de regionalismos!

P. DAMIÃO - Dona Rosinha é uma santa senhora. Posso assegurar.

ANT. CIP. - Se o senhor não fosse a pessoa que é... Não admitiria de m-
is ninguém um tal insulto.

EMIS. - Nós, homens do poder, temos que ter uma frieza enorme para con-
ceituar as coisas. Os nomes tem que ser dados aos bois. Se sua
mulher estiver realmente lá dentro, agarrada com um outro homem
então o senhor é um corno e como tal não pode merecer mais a
confiança e o respeito da Presidência da República. Teremos qu-
providenciar outro prefeito.

ANT. CIP. - Essa é demais!

EMIS. - Os fatos são os fatos e têm os seus nomes.

P. DAMIÃO - Tudo ficará esclarecido em muito pouco tempo.

PRIMEIRA BEATA - (Entrando) Senhor prefeito, senhor prefeito. Me socorr-
pelo amor de Deus.

ANT. CIP. - Que terá acontecido agora, Deus meu?

PRIMEIRA BEATA - A pobre da minha irmã não tem mais comida para comer,
agora está comendo barro.

ANT. CIP. - Mas hoje de manhã já não mandei um boi?

PRIMEIRA BEATA - E o que é um boi para a pobre da minha irmã? Ó que des-
graça, meu Deus do céu! Nada fizemos para um castigo
tão grande! E o pior é que ela não passa mais pelas po-
tas e já está quase da largura da sala. Eu não sei
que fazer. O safado do filho fugiu com medo, pois ele
acha que vão começar a cair raios aqui em caruaru. E e-
fiquei, sozinha, com todas essas preocupações para re-
solver.

ANT. CIP. - O senhor está vendo? Um boi não é o bastante! Como a Prefei-
tura pode ter tamanha despesa por dia! E o outro filho da
mãe ainda fala em guindaste... Querem saber de uma coisa? Eu
renuncio!

EMIS. - Como?

ANT. CIP. - Renuncio, senhor Emissário. Os problemas são muitos e eu ai-
da levo o nome de corno.

EMIS. - Isto chama-se deserção, senhor Prefeito, deserção à Pátria num

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 337

momento em que ela se encontra em perigo. Pode sair cadeia e quer sabe até fuzilamento.

ANT. CIP. - Está bem, senhor Emissário. Mantenho-me no posto pelo bem da Pátria. Vamos, minha senhora, vamos ver a sua irmã. O senhor irá conosco também.

(Saem todos. Entram as três bruxas)

PRIMEIRA BRUXA - Você vai ter que consertar o erro. Sua praga tomou a direção errada. O pobre do prefeito nada tem com o que aconteceu.

SEGUNDA BRUXA - Que tempos estes. Nem mesmo uma praga toma o seu verdadeiro destino. Você tem razão, irmã. Temos que consertar tudo.

TERCEIRA BRUXA - Quem sabe o material que usamos não era falsificado? Vivemos um tempo de falsificações.

SEGUNDA BRUXA - Façamos nossas orações.

PRIMEIRA BRUXA = Que o raio se dirija ao seu verdadeiro destino!

SEGUNDA BRUXA - Nem um dia a mais nem um dia a menos-!

TERCEIRA BRUXA - Biu, Biu- este é o nome...

PRIMEIRA BRUXA = Biu e Damião

Biu e Damião

AS TRÊS BRUXAS - ... é a nossa maldição.

(Luz na casa de Antônio Cipriano - Biu e Ritinha)

RITA - Acho que bebi demais, Reverendo.

BIU - (A parte) Que mania esta de me chamar de Reverendo! Mas se tempera melhor com este nome que posso fazer?

RITA - Sinto a cabeça nas nuvens. Estou lesa ... lesa...

BIU - Não é melhor se amparar em mim? pode recostar a cabeça no meu ombro

Rita - Realmente, qual mal que pode haver? (Recosta a cabeça no ombro de Biu - Biu começa a acaricia-la - Ritinha vai cedendo) Reverendo... Reverendo...

BIU - Hein, minha filha, (Intensifica os carinhos)

RITA - O senhor não acha...

BIU - Não vamos achar nada agora. (Beija Ritinha na boca. Ritinha dá um grito - Biu sai correndo - entram Rosinha e Chico)

ROSINHA - O que aconteceu?

Rita - O reverendo me beijou... Aproveitou-se de eu estar me sentindo mal

CHICO - O Reverendo? Que Reverendo?

ROSINHA - Padre Damião, ora. O safado não está usando batina exatamente para se aproveitar das pobres indefesas.

CHICO - Padre Damião, sei.

RITA - Eu vou atrás dele.

(Sai - A luz escurece - As bruxas dão uma terrível gargalhada e saem - entram Padre Damião e o Emissário)

PADRE DAMIÃO - Realmente o que está acontecendo nesta cidade dá o que pen-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 338

sar. Embora sejamos todos responsáveis em encontrar uma solução para tudo isto realmente eu não queria estar no lugar do prefeito. Não sei como ele está conseguindo suportar tanta coisa junta.

EMIS. - O destino do homem público é muito espinhoso. Mas todos sabemos disto e não podemos recuar; trata-se de uma vocação.

(Entra Ritinha que avança direta em Padre Damião)

RITA - Ah, seo cretino, foi vertir a batina pra ver se escapava. Não escapa, não!

(Esbofeteia Padre Damião)

P. DAMIÃO - Dona Ritinha, de que se trata?

RITA - Do que se trata, hein? O Senhor é um padre safado! (Para o Emissário) Imagine, beijou-me na boca!

EMIS. - Não é possível! É por estas e outras que a religião anda tão por baixo!

P. DAMIÃO - Mas isto é uma calúnia!

EMIS. - Como é que a moça podia inventar uma história desta?

RITA - Vou mandar dizer ao Papa!

P. DAMIÃO - Ao Papa?

RITA - Você vai ver! (Sai)

P. DAMIÃO - Realmente não sei o que pensar... Cada um com suas provações.

(Sai Chico apressado de casa de Antônio Cipriano)

CHICO - (Para o padre) Oi, já arranjasta uma batina?

P. DAMIÃO - Já arranjei uma batina?

CHICO - ACHO MELHOR A GENTE DAR O FORA; Já consegui o que queria. Mas aqui pra nós tenho a impressão de que a moça é casada mesmo. Pelo menos não é mais donzela. Depois o marido aparece por ai. Vamos? Mas como é que você vai correr com esta batina? (Padre Damião esbofeteia Chico) Que é isso meu irmão! Me estranhando? Você bebeu demais!

EMIS. - Senhor Preféito...

CHICO - O senhor também me chamando de Prefeito? O que é que deu nessa gente?

EMIS. - Senhor prefeito, exijo uma explicação imediata. Não quero que levem no ridículo um representante do Presidente da República.

CHICO - Quem? Quem?é o representante da Presidência da república?

P. DAMIÃO - Ele não estava bom da cabeça!

EMIS. - O senhor considere-se preso!

CHICO - (Para Padre Damião) Você vai ficar aqui?

P. DAMIÃO - Claro que vou ficar aqui.

CHICO - Então, adeus! (Sai correndo)

EMIS. - (Corrrendo atrás) Polícia! Polícia!

(Entra Dona Cosma)

COSMA - Senhor padre...

P. DAMIÃO - O que é dona Cosma?

Delegacia de Diversões Públicas - Serviço de D. P. F. SR/MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 339

COSMA - O senhor viu a safada da égua?

P. DamiÃO - Não, dona Cosma.

COSMA - A safada fugiu. Mas eu vou atrás. O senhor sabe, padre Damião, ela não podia fazer isto comigo. Ontem fui ter uma conversa com ela.

P. DAMIÃO - Uma conversa com a égua?

COSMA - Uma conversa franca. De mulher para mulher. Queria saber o que é que ela tem que eu não tenho. Falei de coração aberto. Pensei até que tínhamos ficado amigas. E hoje, essa égua do meu ódio, resolveu fugir. Vou atrás. Nem que corra esse Brasil inteiro mas encontro essa miserável.

(Sai dona Cosma)

P. DAMIÃO - Eu devo pegar o primeiro ônibus e ir até o Recife conversar com o arcebispo. Realmente não me sinto capaz de orientar essas almas. Já não consigo mais entender nada do que está acontecendo aqui. Será obra de Deus? Ou será mesmo o capeta?

(Entra Antônio Cipriano)

Serviço de Censura de Diversões Públicas D.P.F. SR/MG

ANT. CIP. - Falando sozinho, padre Damião?

P. DAMIÃO - O Emissário se acalmou?

ANT. CIP. - O que é que aconteceu com ele?

P. DAMIÃO - Ele saiu correndo pra prender você?

ANT. CIP. - Pra me prender? E por que?

P. DAMIÃO - Escute aqui, você bebeu alguma coisa?

ANT. CIP. - O senhor sabe muito bem que eu não sou de bebida! Um homem que ocupa o posto que eu ocupo não pode de maneira alguma...

P. DAMIÃO - Será que eu estou ficando louco?

ANT. CIP. - O senhor não está se sentindo bem?

P. DAMIÃO - Antônio Cipriano, responda-me por favor; você perdoou eu ter lhe esbofeteado?

ANT. CIP. - (Espantado) Me esbofeteado?

P. DAMIÃO - Sim. Esbofeteado.

ANT. CIP. - Não seria melhor o senhor descansar um pouco?

P. DAMIÃO - Descansar a esta hora do meio dia? E por que? Você acha que estou precisando descansar por que?

ANT. CIP. - Nunca faz mal um bom descanso. Esse sol...

P. DAMIÃO - Não vamos culpar o sol... Meu Deus, o que está acontecendo?

ANT. CIP. - Padre Damião, por que o Emissário quer me prender?

P. DAMIÃO - Sabe de uma coisa? Eu não sei mais de nada. E não quero saber. E ainda tenho raiva de quem sabe, muita raiva.

ANT. CIP. - Mas o senhor como pároco e talvez meu irmão...

P. DAMIÃO - Isto deve ser uma trama muito bem urdida para levar o pastor da casa de Deus para as grades do hospício. Sua cunhada há

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 340

pouco me esbofeteou. Logo depois você...

ANT. CIP. - Eu?

P. DAMIÃO - Sim. Você. Quer negar? Lembra-se das coisas que me perguntou e me disse na presença do emissário?

ANT. CIP. - Um de nós deve estar fora do seu juízo. Um momento, padre. não percamos a calma. Deixe-me pensar.

(Afasta-se e fica de costas - entra o Emissário)

EMIS. - Bem. Temos que pensar num prefeito desde que o outro se encontra preso.

P. DAMIÃO - O Senhor prendeu Antônio Cipriano?

EMIS. - Que outra coisa eu poderia fazer? Tenho ordens expressas do Presidente para fazer impor o princípio da autoridade. O que fez o Prefeito desde a minha chegada? Confundir-me e confundir todas as pessoas. Se ele está louco que vá para um hospício. Mas transformar esta cidade, a Princesa do Nordeste, num vasto hospício, isto é que não. Temos que estar bem atentos pois o dedo da subversão está solto por aí. (Antônio Cipriano) vira-se) O que o senhor está fazendo aqui?

ANT. CIP. - Querendo ver se consigo almoçar de uma vez por todas. Já passou da hora (Grita) Rosinha!

Censura de Diversões Públicas - Serviço de D. P. F. SR/MG

EMIS. - O senhor subornou os guardas da cadeia!

ANT. CIP. - Que guardas? E de que cadeia?

EMIS. - A cadeia, onde deixei o senhor preso.

ANT. CIP. - Eu? Preso?

EMIS. - Acho melhor o senhor voltar para lá. As consequencias disto tudo podem ser terríveis.

ANT. CIP. - O senhor tem certeza de que está se sentindo bem?

EMIS. - O senhor quer insinuar o que? Que eu estou louco?

(Entra Rosinha)

ROSINHA - (Com ar de profunda felicidade) Que deseja senhor meu marido?

ANT. CIP. - Almoçar.

ROSINHA - De novo?

ANT. CIP. - De novo como?

ROSINHA - E nós já não almoçamos?

ANT. CIP. - Você também Rosinha?

ROSINHA - Eu também o que?

EMIS. - Seu marido, minha senhora...

ANT. CIP. - Cale-se! Eu estou falando...

EMIS. - O senhor ousa mandar calar-se um representante...

ANT. CIP. - Ouso sim! Cale-se. E fique muito caladinho aí. Vamos esclarecer isto de uma vez por todas. O senhor diz que me prendeu, não é verdade?

EMIS. - Exatamente. E tenho testemunhas.

ANT. CIP. - O senhor, padre Damião, diz que me esbofeteou?

EMIS. - E na minha frente.

ANT. CIP. - Você, minha mulher, diz que eu já almocei.

ROSINHA - E não almoçou meu amor? Você, eu, Ritinha e o safado deste padre que andou tirando atrevimentos com a pobre da minha irmã!

P. DAMIÃO - Ela também!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 341

ANT. CIP. - Alguém aqui está louco! E como não sou o louco eu digo: merda
Merda pra vocês todos!

ROSINHA - Antônio!

EMIS. - Essa é demais!

(Entra um guarda aflito)

GUARDA - O povo invadiu a cadeia e tirou o prefeito de lá!

EMIS. - Eu bem que sabia! E o senhor aqui tentando me confundir. Sabe o que é isto? É a subversão total da ordem. É comunismo!?

ANT. CIP. - (Puxando um revólver) Agora eu percebi tudo. Realmente há um movimento subversivo aqui. Mas é dirigido contra mim. Todos uniram-se contra a autoridade do Prefeito. Até a minha mulher. Mas eu saberei me defender. Guarda, prenda aquele homem ali.

GUARDA - Mas senhor prefeito, ele disse que era representante do Presidente.

ANT. CIP. - Deve ser mentira. Com certeza é algum agitador a serviço de alguma potência estrangeira.

GUARDA - Dos russos?

ANT. CIP. - Ou dos chineses, ou dos franceses, ou dos alemães, que sei eu. Mas só pode ser isto. Prenda-o imediatamente!

P. DAMIÃO - Antônio, meu irmão...

ANT. CIP. - Agora é que o senhor se lembra que eu posso ser seu irmão... Mas é um pouco tarde! Depois de ter aderido aos meus inimigos. Não, não e não. Vai também para a cadeia!

GUARDA - Até o Padre!, senhor Prefeito?

ANT. CIP. - Até o padre! Não é o primeiro a ser preso, nem será o último. Todos podem ser presos em nome da lei; até mesmo o cavalo.

(O guarda vai amarrando as mãos do padre Damião e do Emissário)

P. DAMIÃO - Que toda esta humilhação seja pelo amor de Nosso Senhor Jesus Cristo!

ROSINHA - Agora o senhor se lembra de Nosso Senhor Jesus Cristo. Mas Quando estava querendo xambregar-se com a minha irmã...

P. DAMIÃO - Meu pai, Meu Pai, eles não sabem o que estão dizendo nem o que estão fazendo.

EMIS. - Exijo imediatamente um advogado.

ANT. CIP. - Terá o advogado. Mas vai para a cadeia. Basta a confusões que já me causou. (O guarda sai com Padre Damião e o Emissário) E agora nós, minha querida esposa.

ROSINHA - Hoje foi um dia tão feliz para mim, Antônio. Há tanto tempo a gente não ficava junto.

ANT. CIP. - Quando é que nós dois ficamos juntos hoje, senhora minha mulher?

ROSINHA - Então não está lembrado?

ANT. CIP. - Claro que não posso me lembrar de uma coisa que não aconte-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 342

Censura de Diversões Públicas - Serviço D. P. F. SR/MG

ROSINHA - Então quem foi que almoçou comigo e depois...

ANT. CIP. - (Com angústia crescente) e depois?

ROSINHA - ...e depois, ora, você sabe muito bem o que aconteceu depois!

ANT. CIP. - Então quer dizer que eu sou um corno?

ROSINHA - Como o senhor ousa dizer uma coisa desta?

ANT. CIP. - Se você esteve com alguém então eu sou um corno. Se eu tenho certeza de que não fui eu!

ROSINHA - Estou percebendo o que você quer fazer. Quer me convencer que eu estou louca para me internar num hospício e então poder fazer o que bem entender. Com certeza tem alguma sirigaita metida nisto tudo. Claro que tem algum rabo de saia por trás disto tudo. Senhor meu marido, não precisa recorrer a um processo tão vil. Se eu sou demais em sua vida, pode dizer, que eu vou embora. Também tenho meu orgulho. Não vou querer ficar junto do senhor se na realidade não possuo mais o seu amor.

ANT. CIP. - Não vamos confundir isto tudo. O que quero saber é se você insiste em dizer que almocei com você hoje e depois... e depois...

ROSINHA - Claro que insisto pois é a pura verdade.

ANT. CIP. - Então você está realmente louca, ou então... ou então está fazendo parte dessa maldita conspiração que quer me tirar da prefeitura. Uma das duas coisas. E só existe dois caminhos: o hospício ou a cadeia!

ROSINHA - (Gritando) Socorro! Socorro! Socorro!

ANT. CIP. - Que escândalo é este? Estou batendo em você?

ROSINHA- Você pensa o que? Que vai me mandar para o hospício ou para a cadeia sem que eu faça nenhum protesto? Socorro! Socorro!

(Aparecem Antonio das Almas, as beatas, Sacristão e habitantes de Caruaru, biu)

ANT. DAS ALMAS - Agora o senhor também bate em mulheres indefesas?

BIU - Oi, Chico, o que é que você fez?

ANT. CIP. - E você não está preso?

BIU - Eu? Preso? Eu estava casando a filha daquele senhor com um cavalo muito esquisito.

ANT. DAS ALMAS - É verdade. Consegui convencer o padre a casar minha com o cavalo que tem cabeça de gente.

BIU - Eles cismaram que eu sou padre, Chico. Então vou casando quem eles quiserem.

ANT. CIP. - Mas isto é um sacrilégio. E que história é esta de me chamar de Chico?

BIU - Você não me disse que se chamava Chico?

ANT. CIP. - Eu nunca disse isto na minha vida!

BIU - Que descarado!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.O LS6, p. 343

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D.P.F. SP/MG

ANT. CIP. - Exijo que me soltem!

ANT. DAS ALMAS-- De maneira nenhuma. O senhor já mostrou demais não ter nenhuma competencia para o cargo que ocupa. E diante das ameaças físicas a sua santa esposa...

ROSINHA - Mas eu não quero que ele seja preso!

ANT. DAS ALMAS - Mas vai ter de ser! Este é um momento de maior importância para a História de Caruaru e talvez para a História do Brasil: a oposição toma o poder.

ANT. CIP. - Isto não pode ser!

SACRISTÃO - (Para Rosinha) Vou dar um jeito. A senhora não se avexe. O sino vai salvar o prefeito.

(Sai o Sacristão)

ANT. DAS ALMAS - Quero que todos saibam que de agora em diante a Justiça e a Liberdade voltaram para a nossa cidade. Como primeira providencia mandarei buscar no Recife um poderoso guindaste.

(Ouve-se o sino tocando com violência. Balbúrdia Geral)

VOZES - O que terá acontecido?

Será incêndio?

O fim do Mundo!

Meu Deus, socorrei-mos!

(A cena escurece - grande correria - O sino continua tocando. Antônio Cipriano encontra-se com Chico e ambos dão um grito. Chico desmaia, Antônio sai correndo - O mesmo acontece com biu e o padre Damião - O padre desmaia e biu sai correndo - Rosinha que assistiu o encontro de Chico e Antônio Cipriano também desmaia - Há um momento de silêncio. Só o sino toca. Entram as duas velhas)

PRIMEIRA VELHA - Que lugar será este cheio de tanto grito e escuridão?

OUTRA VELHA - Devia ser caruaru. Mas pelo visto é a terra onde o demônio perdeu as botas.

PRIMEIRA VELHA - Ah, que sina será esta que nos fez deixar as nossas casas em busca dos filhos fujões e virmos dar as duas, no meio deste inferno?

OUTRA VELHA - Veja! Quantos mortos...

PRIMEIRA VELHA - (Agarrando-se ao Padre Damião) Biu, Biu, meu filho!

OUTRA VELHA - (Agarrando-se a Chico) Chico! Chico!

PRIMEIRA VELHA - Desgraçada de mim!

OUTRA VELHA - Ai desventurada!

(Vai entrando Antônio Cipriano)

OUTRA VELHA - O que é isto? Vai, Satanaz! Que visagem é esta que pretende alucinar minha vida? Não estás morto, ó Chico?

ANT. CIP. - Quem é a Senhora? O que faz aqui?

OUTRA VELHA - Então você não me conhece mais, filho meu? Será que os mortos não se lembram dos vivos? Nem mesmo de suas mães? Vol-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 344

ta para as profundas! Volta! Deixa em paz esta pobre mãe para que possa chorar a morte de seu filho!

(Rosinha acorda e assiste o que se segue)

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D.P.F. - SR/MG

ANT. CIP. - Esta mulher estará louca?

(Chico começa a se mexer - A outra velha dá um grito)

OUTRA VELHA - Será que posso ter esperança? Será que este é um dia milagroso? Chico! Chico!

CHICO - Sim, mãe, mãe. Minha mãe.

OUTRA VELHA - E você deve ser o filho meu, o filho que dei a uma cigana num dia de muita fome e desespero!

ANT. CIP. - Mãe! É meu irmão! Gêmeo! Agora está tudo explicado...

ROSINHA - Desgraçada de mim!

(Desmaia novamente)

PRIMEIRA VELHA - Como invejo a sua sorte, minha amiga. E eu pobre de mim o filho morto... e ainda vestido de padre. Devia estar disfarçado para se livrar de alguma estrepolia...

(Entra Biu)

PRIMEIRA VELHA - Biu!

BIU - Mãe!

PRIMEIRA VELHA - Então este outro... Ó que dia cheio de felicidade: (Padre Damião se move) E ele está vivo!

(A CENA ESCURECE TOTALMENTE - LUZ NA CASA DE ANTONIO DAS ALMAS - TURISTAS)

ANTÔNIO DAS ALMAS - Venham ver os grandes prodígios. Venham todos! A mulher mais alta do mundo casada com um cavalo com cabeça de gente; na casa ao lado, a mulher mais gorda do mundo, que come dois bois por dia e 100 pacotes de macarrão; e na prefeitura um contador contará para todos a história lancinante de dois casais de gemeos que foram separados na infância e se encontraram depois de muita desventura. Venham! Venham todos! os maiores prodígios de uma época extraordinária na terra mais feliz do mundo: O Nordeste Brasileiro! Um dólar. Um dólar, por favor. Só aceito pagamento em dólar. Um dólar... Um dólar ...!

F I M

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 345

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM MINAS GERAIS
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 111 / 80 / SCDP / SR / MG

TÍTULO: " O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU "

AUTOR: ALDOMAR CONRADO

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 ANOS

Três bruxas planejam vingar-se de uma mulher que numa noite de frio incensou a casa afugentando o mal. Elas foram obrigadas a sair pela noite a fora, tremendo no seu frio e pobreza. As previsões das bruxas se fazem através de várias situações fantasmagóricas, na cidade nordestina de Caruaru. A maldição acompanha os gêmeos, filhos daquela mulher. Um deles prefeito da cidade , se vê envolvido por fatos vexatórios que comprometem sua gestão. Fica sabendo,no dia da morte de sua mãe, que não era filho legítimo . No mesmo instante tem notícias que nasceu um cavalo com feições humanas e Sigismunda, filha de Antonio das Almas, virou varapau, apaixonando-se pelo cavalo com cara de gente. Outras mulher, com apetite voraz, engorda tanto que já não pode mais locomover-se. Dois bois e 100 pacotes de macarrão é seu alimento diário.

No fim os irmãos gêmeos encontam-se e são reconhecidos pela verdadeira mãe, Os fenômenos são transforma - dos em atrativos turísticos.

Uma peça onde o absurdo é contado de modo cômico. Opino pela liberação para maiores de 14 anos.

Belo Horizonte, 17 de junho de 1.980

Jacy de Medeiros Muniz

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.346

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM MINAS GERAIS
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 117/80 /SR/

TÍTULO: "O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU"

AUTOR: ALDOMAR CONRADO

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16 anos

O autor do texto em epígrafe aproxima-se de Shakespeare, quando trata sua estória num clima fantástico, de sonho, de impossível. Tudo se realiza de forma hilariante, incrível, o pornográfico e o imoral incluem-se no contexto de mãos dadas com as bruxas e com os fenômenos sobre-naturais.

Bruxas, revoltadas contra uma mulher que havia exorcizado sua casa, obrigando-as a se retirarem, fazem contra ela uma bruxaria. Uma cigana lhe rouba um dos filhos gemeos / logo depois da morte do marido. Outra mulher dá tambem um dos filhos gemeos para a mesma cigana. Estas crianças vão para a cidade de Caruaru e lá crescem. Um deles torna-se o prefeito da cidade e o outro o padre. Depois de muitos anos, começam a acontecer fenômennos no local. Nasce um cavalo com cabeça humana, uma mulher engorda sem cessar e outra rapariga cresce, como coqueiro. O governo manda fiscalizar os fatos, muita confusão surge quando os outros irmãos que haviam ficado em companhia das mães chegam ao local. No final, como qualquer contista romantico, o autor coloca um final feliz.

A peça embora despretenciosa e cheia de humor, contem cenas de adultério, amor emtre Biu e Ritinha, o irmão do padre que seduz a menina etc.

BR.DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 347

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

cont...

Por isso sugiro que a peça seja liberada para maiores de 16 anos.

Belo Horizonte, 23 de junho de 1980.

Mirtes Spitale de Queiroz

MIRTES SPITALE DE QUEIROZ
TEC DE CENSURA.2.416.893

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0256 p. 348

TEATRO

TÍTULO "O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU"

"ALDOMAR CONRADO"

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior

Praça BELO HORIZONTE/MG

Obs.:

DF. ___ / 02 / 07 / 80

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: impróprio para menores de 16 anos, Um cortes, condicionada ao exame do ensaio

Obs.:

Brasília-DF 02 de Julho de 1980

Obs. Peça com certificados em vigor. Os dois últimos pedidos tiveram reduzida a impropriedade de 18 para 16 anos. Um dos relatórios de DF sugere 14 anos, o outro 16 anos. Sugiro seja mantida a última impropriedade.

Brasília – DF 02 de Julho de 1980

Hellé Prudente Carvalhedo
Matr. 2 415 791

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

De Acordo.
Em: 2 de 7 de 1980

Raymundo Custódio de Mesquita
Chefe do Serviço de Censura-DCDP
Substituto

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 349

83

"O APOCALÍPSE OU O CAPETA DE CARUARU"

ALDOMAR CONRADO

23 JULHO 85

23 JULHO 80

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZESSEIS ANOS

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

O APOCALÍPSE OU O CAPETA DE CARUARU

ALDOMAR CONRADO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

SR/MG

02 JULHO 80

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. ESTE CER
TIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO TEXTO DEVIDAMENTE CARIM
BADO PELA DCDP.

23 JULHO 80

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 01 SC 1p. 350

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0256,p.352

Of.nº 3022/80-DCDP

24 de julho de 1980

MG

Of.nº 064/80-SCDP/SR/MG

"A FILA", de Murilo Rubião e "O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU", de Aldomar Conrado.

Aproveito a oportunidade para renovar a V.Sa. protestos de estima e consideração.

RAYMUNDO E. DE MESQUITA
Chefe do SC/DCDP/Subst.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 352

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Senhor Diretor da DCDP

Tendo sido indicado para fazer o acompanhamento censório do V FESTIMINAS a realizar-se de 12 a 27 de julho do corrente ano em Uberlândia - Minas Gerais, conforme ofício desta Divisão encaminhado ao Sr. Beethoven Teixeira, presidente da FETEMIG, órgão responsável pelo evento, lá estive presente, realizando o que passo a relatar:

1. - Os Contatos e a Organização do Festival

Chegando a Uberlândia, tive o primeiro contato com pessoas ligadas à Secretaria Municipal de Educação e Cultura, um dos órgãos de apoio do Festival, sendo mais tarde procurado pelo Sr. Beethoven, que me colocou a par dos preparatívos e planos do V FESTIMINAS. Através dele fiquei conhecendo o Sr. Hermantino Dias, Secretário de Educação, que prestou-me todo o apoio necessário para o bom desenvolvimento de minha missão.

O V FESTIMINAS - Festival Estadual de Teatro, congregando grupos de teatro amador de várias cidades mineiras, foi organizado pela FETEMIG - Federação do Teatro de Minas Gerais, com o apoio da Prefeitura e Universidade locais, que lhe garantiram os recursos financeiros e, de órgãos ligados ao teatro.

Para a abertura do mesmo, foram convidados expoentes da sociedade local, tendo a frente o ex-governador Rondon Pacheco.

2. - O Trabalho Censório

Vinte e sete peças serão apresentadas no trans

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0LSC,P 353

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

continuação

correr do Festival, representando desde obras já consagradas de autores de fama nacional e internacional, até obras inéditas de autores desconhecídos ou fruto da criação coletiva dos grupos. A grande maioria já possuia Certificado de Censura. As outras, ou por serem recentes ou por serem apresentadas em cidades interioranas, ainda não haviam sido submetidas ao crivo censório.

O fato de alguns grupos só chegarem à cidade na véspera da apresentação e o grande número de peças tornar o tempo exíguo, tornaram impossível para mim realizar um trabalho mais minucioso e completo. No entanto, procurando fazer o que estava ao meu alcance, assistí a vários ensaios-gerais e examinei os textos em sua maioría. Para as outras peças procurei discutir com os responsáveis pelas apresentações, o conteúdo e a forma de apresentação das mesmas com vistas a uma tomada de decisão.

Como resultado, e visando a deixar um documento com os responsáveis pelo Festival, redigí a declaração anexa, baseado em modelo utilizado pela SR/MG. Em um único caso a validade da liberação foi estendida para além da data de encerramento do V FESTIMINAS, concernente à peça "Há Vagas Para Moças de Fino Trato", de Alcione Araújo, encenada pelo Grupo Cinterartes de Uberlândia.

Para emitir a classificação etária das peças baseei-me na análise dos textos e nos ensaios-gerais efetuados, levando em consideração a repercussão possível no meio e à capacidade dos grupos, de transmitir a idéia veiculada pelo autor. Para as peças não possuidoras de Certificado de Censura procurei adotar o critério seguido pela DCDP dando a classificação que elas receberiam normalmente em qualquer exame censório.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0256, p. 354

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

continuação

3. - O trabalho Junto aos Grupos

Os contatos efetuados com os participantes do V FESTIMINAS transcorreram num clima de cordialidade e entendimento, quando foram vencidas algumas resistências motivadas por fatos passados em outros festivais semelhantes.

Brasília, 24 de julho de 1 980

Luiz Pedro de Sousa
Técnico de Censura
Mat. 2.407.803

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 355

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

D E C L A R A Ç Ã O

DECLARO, para fins de apresentação durante o transcorrer do V FESTIMINAS - Festival Estadual de Teatro - que está sendo realizado no período de 12 a 27 de julho de 1980, em Uberlândia, MG, pela FETEMIG - Federação do Teatro de Minas Gerais, com o apoio da Secretaria Municipal de Educação e Cultura e órgãos ligados ao Teatro, que as peças teatrais constantes da relação anexa, foram objeto de Exame Censório, tendo sido liberadas com a classificação ali firmada.

Para algumas peças foram mantidas as classificações anteriormente dadas em Certificados Censórios, e p/ outras, dadas novas classificações, para efeito exclusivo do aludido FESTIMINAS.

As peças teatrais não portadoras de Certificado de Censura, deverão providenciar oportunamente a sua obtenção, tendo em vista posteriores apresentações.

Uberlândia, MG, 14 de julho de 1 980

Luiz Pedro de Sousa
Técnico de Censura
Mat. 2.407.803

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.356

Dia 17 21 horas
UM GRITO PARADO NO AR
Autor: Gianfrancesco Guarnieri
T.E.U. - Teatro Experimental de Uberaba - Uberaba
CENSURA - 16 ANOS

Dia 18 10 horas
O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU
Autor : Aldomar Conrado
Grupo de Teatro Greta - Uberlândia
CENSURA - 14 ANOS

Dia 18 21 horas
JUIZ DE PAZ NA ROÇA
Autor: Martins Pena
Grupo Palco e Rua - Ouro Preto
CENSURA - 14 ANOS

Dia 19 10 horas
PINÓQUIO
Autor: Dom Cartilho de Sevilha
Grupo Teatral Tinin Promoções - Belo Horizonte
CENSURA - LIVRE

Dia 19 21 horas
O ESTADO DE SÍTIO
Autor: Albert Camus
Grupo Divulgação - Juiz de Fora
CENSURA - 18 ANOS

Dia 20 10 horas
QUAIRAKA
Autor: José Luis Ribeiro
Grupo Divulgação - Juiz de Fora
CENSURA - LIVRE

Dia 20 21 horas
REFORMA AGRÁRIA PRA POBRE SÃO SETE PALMOS DE CHÃO
Autor: João Milton de Castro Martins
GRUJORET - Grupo Jovem Revolucionário Teatral - Porteirinha
CENSURA - 16 ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 357

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

"O APOCALIPSE ou O CAPETA DE CARUARU"

"ALDOMAR CONRADO"

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 358

MJ - DPF - DCDP - BSB
11 JUN 1418 006884
RECEBIDO POR
ACHADO DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

B. Hte. 10/06/81

Ofício Nº 73/81 SCDP/SR/MG
Assunto: Peças Teatrais (Encaminha)

Senhor Diretor,

Em anexo encaminhamos a V. Sª. as peças teatrais: O APOCALIPSE ou O CAPETA DE CARUARU, de autoria de Aldomar Conrado; A ESCADA DO SUCESSO, de autoria de Maria Aparecida Casagrande; MAROQUINHAS FRU-FRU, de autoria de Maria Clara Machado; NELSON NACIONAL VEM AÍ, de autoria de Jorge do Nascimento Brunis, todas do interior, e acompanhadas sómente do requerimento dos interessados, pareceres dos Técnicos de Censura, bem como Certificado provisório emitido por este Serviço, portanto sem o relatório do ensaio geral, de vez que não houve condições de deslocamento de pessoal para assistir aos referidos ensaios.

Quanto à última peça citada, esclarecemos ter o autor feito modificações no texto, motivo pelo qual, encaminhamos junto.ao texto original, o texto alterado, juntamente com o parecer do Técnico de Censura e ainda um relatório de fiscalização feito por um agente da Delegacia de Juiz de Fora.

Na oportunidade renovamos nossa manifestação de estima e consideração.

Janifer de Morais
CHEFE DO SCDP/SR/MG

ILMO, SR.
DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
BRASÍLIA DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156,p. 359.

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

M. J. - D. P. F. - SR/M. G.
Delegacia da Zona da Mata
PROT... N. 320
Juiz de Fora, 09/02/1981
Rubrica:

PICHADO DCDP

Maria de Nazaré Fontenele Leiva
Requerente

Brasileira, Professora
Nacionalidade, Profissão

Carteira de Identidade M/543.547 -
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à Rua Osvaldo Cruz - nº 68 - Sobrado

, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a (s) Peça Teatral abaixo relacionada (s),
Espécie

de autoria de: Aldomar Conrado

"O Capeta de Carumbé"
Título (s)

Nestes termos,

Pede deferimento.

Juiz de Fora, 05 de fevereiro de 1981
Local e Data

Mª de Nazaré F. Leiva
Requerente

Anexos:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 360

1 – EMPRESA OU GRUPO (Se houver)

Nome: Grupo de Teatro bândido Testes CGC: _____

Sede: Rua Tenente Freitas, 116

CEP: 36.190

Diretor ou Responsável: Maria de Nazaré Fontinele Lima

2 – DADOS DO AUTOR

Nome: Aldomar Conrado

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

CEP: _____

3 – PARCERIA

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

CEP: _____

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

CEP: _____

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA Juiz de Fora, 05 de fevereiro de 1981

Ass.: Maria de Nazaré F. Lima

DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 362

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL/MG

CENSURA FEDERAL

D E C L A R A Ç Ã O

DECLARO, PARA FINS DE PROVA A QUEM INTERESSAR POSSA, QUE OS "SCRIPTS" DA PEÇA TEATRAL: " O CAPETA DE CARUARU " _____, DE AUTORIA DE ALDOMAR CONRADO _____, TRADUZIDA POR XXXXXXX _____, SOLICITADO PELO (A) G. TEATRO CÂNDIDO TOSTES (JUIZ DE FORA) _____, FOI SUBMETIDO A EXAME PELA CENSURA FEDERAL EM MINAS GERAIS, FICANDO COM RESTRIÇÃO ETÁRIA: 16 ANOS _____, E VALIDADE ATÉ 09/08/81 _____, TENDO A PRESENTE DECLARAÇÃO VALOR IDÊNTICO AO CERTIFICADO CENSÓRIO, QUE SERÁ EXPEDIDO, OPORTUNAMENTE.

OBS. O presente Certificado só terá validade, acompanhado do texto carimbado

BHE-MG 09 / 06 19 81 .

Jaufer de Moraes
CHEFE DO SCDP/SR/MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 362.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM MINAS GERAIS
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 122/81 / SR/MG

TÍTULO: "O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU"

AUTOR: ALDOMAR CONRADO

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16 anos

Cumprindo determinação dessa chefia procedi ao exame comparativo da peça em epígrafe e constatei não haver modificações que valham menção. As que houveram não modificam o argumento nem a essencia da peça, por isso sugiro sua liberação com a mesma faixa etária já estipulada anteriormente, ou seja, 16 anos.

Belo-Horizonte, 08 de junho de 1981

Mirtes Spitale Deq Queiroz
TEC DE CENSURA 2.416.893

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 363

TEATRO

TÍTULO "O APOCALIPSE ou O CAPETA DE CARUARU"

"ALDOMAR CONRADO"

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 16 ANOS

Praça BELO HORIZONTE / MG

Obs.:

DF. / 12 / 06 / 81

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de 16 (dezesseis) anos, ... cortes, condicionada ao exame do ensaio.

Obs.: consta Cert. Provisório / SR/MG

Brasília-DF, 15 de 06 de 19 81

Hellé Prudente Carvalhedo
Matr. 2 415 791

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação: 16 (dezesseis) anos

Brasília-DF, 16 / 6 / 81

Arésio Teixeira Peixoto
Chefe do Serviço de Censura - DCDP
SUBSTITUTO

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0256, p. 364

83

"O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU"

ALDOMAR CONRADO

15 JUNHO 86

15 JUNHO 81

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZESSEIS ANOS

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156 ip. 365

O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU

ALDOMAR CONRADO

MARIA DE NAZARÉ FONTENELE LIMA - JUIZ DE FORA/MG

09 JUNHO 81

IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS, CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO TEXTO DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

15 JUNHO 81

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZESSEIS ANOS

16

ARÉSIO TEIXEIRA PEIXOTO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.366

15 JUNHO 81

1.549/81-DCDP

MG

Of.nº 073/81-SCDP/SR/MG

"MAROQUINHAS FRU-FRU", de Maria Clara Machado e "O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU", de Aldomar Conrado.

Aproveito a oportunidade para renovar a V.Sa. protestos de estima e consideração.

ARÉSIO TEIXEIRA PEIXOTO
Chefe do SC/DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 01 SC, p 367

MJ - DPF - DCDP - BSB
24 JAN 1119 83 000763
RECEBIDO POR

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - SR/RJ

Ofício nº 024/83/RJ Em, 19.01.83
Do: Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas
Endereço: Rua Edgar Gordilho s/nº - Praça Mauá
À Srª Diretora da Divisão de Censura de Diversões Públicas
Assunto: Encaminhamento (faz)
Ref.Prot.: 13571/82/SCDP/SR/RJ

Senhora Diretora:

Para fins de expedição do certificado definitivo, encaminho a V.Sª texto, pareceres e cópia do Certificado provisório nº 010/83/RJ..... da peça teatral ."O.APOCALIPSE OU.O.CAPETA.DE.CARUARÚ"..... de .....ALDOMAR.CONRADO..... o exame foi requerido por ...JOSÉ.ROBERTO.....

Atenciosamente

HÉLIO GUERRERO
CHEFE DO SCDP/SR/RJ

ZFB/

LG.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 368

SCDP/SR/DPF - RJ

Ilmº Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas - SR/RJ

24 NOV 2146 ≅ 013571

RECEBIDO POR .....

JOSÉ ROBERTO

Requerente

BRASILEIRO, ATOR

Nacionalidade, Profissão

Carteira de Identidade nº 04899875-1, IFP

Expedido por

Residente à RUA GUSTAVO AUGUSTO DE RESENDE 186/201

ILHA DO GOVERNADOR, , 3 93 06 51

Bairro, CEP, Tel.

vem, mui respeitosamente, requerer a V.Sª., que se digne mandar examinar, de acôrdo com as normas censórias vigentes, a(s) TEXTRO TEATRAL abaixo relacionadas de autoria de:

Espécie

ALDOMAR CONRADO

TÍTULO (S): " O APOCALIPSE ou O CAPETA DE CARUARÚ

Nestes Termos

Pede Deferimento

Rio, 25.11.82

Requerente

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.369

1 - EMPRESA OU GRUPO (Se houver)
NOME: FACULDADES INTEGRADAS ESTACIO DE SÁ CGC _____
Sede: RUA DO BISPO
Diretor ou Responsável: CLAUDIO CORRÊA E CASTRO

2 - DADOS DO AUTOR:
Nome: ALDOMAR CONRADO
Pseudônimo: = Filiação _____

Nacionalidade: BRASILEIRO Naturalidade RJ
Data do nascimento: _____ Identificação _____
Estado Civil SOLTEIRO
Profissão: AUTOR/ATOR Endereço: AV RIO BRANCO
257 - 6º ANDAR = SNT

3 - Parceria:
Nome: _____
Pseudônimo: _____ Filiação _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade _____
Data do nascimento: _____ Identificação _____
Estado Civil _____
Profissão: _____ Endereço: _____

4 - Parceria:
Nome: _____
Pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____
Data do nascimento: _____ Identificação: _____
Estado Cicil: _____
Profissão: _____
Endereço: _____

Declaro que a matéia a ser examinadaa nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (EXCETUANDO os pedidos de renovação de Certificados ou de confronto de textos),assumindo inteira responsabilidade pelas infrmaçêos aqui prestadas.

Rio de Janeiro, 25/11 /, de 82

Assinatura
JOSE ROBERTO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 370

SCDP/SR/DPF-RJ
013571

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil

RECEBIDO

Rio, 25 de Novembro de 1982

Ilmo. Sr.
Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do Estado do Rio de Janeiro

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V.Sa. para fins de CENSURA, três cópias da peça

O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU

Original de ALDOMAR CONRADO
Tradução de
Próxima apresentação de FAC. INTEGRADAS ESTACIO DE SÁ
Teatro AMERICA Cidade RIO DE JANEIRO
Estado RJ.-
A estréia está prevista para 1ª QUINZENA DE JANEIRO DE 1983

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração.

Pela SBAT.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS SBAT SOC. RIO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.371

P. Cesar

Aldomar Conrado

O Apocalípse
ou
O Capeta de Caruaru

Menção Honrosa
1967

Serviço Nacional de Teatro
Ministério da Educação e Cultura
Rio de Janeiro, 1968

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156,p. 372

PRÓLOGO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 373

SUPERINTENDÊNCIA CENSURA FEDERAL

Onde o autor pede emprestadas algumas idéias ao seu irmão inglês William Shakespeare e desde já agradece

Uma encruzilhada. Árvores sêcas. Trovões. Relâmpagos. Três bruxas em tôrno de um caldeirão que ferve.

PRIMEIRA BRUXA — Um pimentão...
SEGUNDA BRUXA — Um galho de avelós...
TERCEIRA BRUXA — E um de mangericão...
SEGUNDA BRUXA — Três dentes de dois avós...
PRIMEIRA BRUXA — Esperma de burro ladrão...
TERCEIRA BRUXA — Mijo de mulher parida
Em noite de São Sebastião.

AS TRÊS BRUXAS — Bão ba la lão
Bão ba la lão
Lão Lão Lão.

PRIMEIRA BRUXA — A mistura está feita; agora é saber aplicá-la.

SEGUNDA BRUXA — Eu saberei como aplicar. O ódio é meu; a vingança será minha também. Mulher safada aquela. Numa noite tão gelada, eu com êstes trapos mal cobrindo o corpo, a vassoura quebrada, e a quenga foi incensar a casa com incenso bento por bispo, para que eu tivesse de sair pela noite afora tremendo no meu frio e na minha pobreza.

TERCEIRA BRUXA — Maus tempos aqueles em que uma bruxa não pode nem conseguir uma vassoura nova.

SEGUNDA BRUXA — Faço questão, irmãs, de eu mesma ser a portadora dêste líquido infernal que vai terminar com a paz dessa mulher famigerada.

D.P.F. SR/RJ - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - CENSURA FEDERAL

PRIMEIRA BRUXA — E você tem direito. Tome, irmã. Vai e semeia a discórdia, o desassossêgo...

A segunda bruxa segura o caldeirão

TERCEIRA BRUXA — E que seja vigorosa no seu desejo. Aqui ficamos nós com as nossas orações mais fortes e todo o vigor de nosso ódio, unidas, para que o seu desejo se realize. Mas há que saber escolher.

SEGUNDA BRUXA — Já sei que vai ser. Ela terá, na penúltima noite da oitava lua nova, um casal de gêmeos. Três dias depois, uma cigana baterá à sua porta.

Luz numa porta de casebre
Cigana bate na porta

VOZ DE MULHER (dentro do casebre) — Entre, por favor, se é de paz. Estou sozinha, parida de sòmente três dias.

A cigana entra no casebre

SEGUNDA BRUXA — Ela vai dar a mão para que a cigana leia sua sorte. A cigana dirá que aquela noite mesma o marido vai chegar corregado numa rêde, com o corpo furado por vários balaços. Ela grita.

Ouve-se o grito da mulher

SEGUNDA BRUXA — Desmaia. A cigana vê as duas criançinhas machas, gêmeas e lindas. Então a cigana decide: uma será minha. E carrega uma das criançinhas.

A cigana sai do casebre carregando uma criança e foge.
As três bruxas gargalham violentamente

AS TRÊS BRUXAS — Foi assim, foi assim mesmo

D.P.F. SR/RJ - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - CENSURA FEDERAL

foi assim que aconteceu
roubaram o filho da quenga
e a quenga quase morreu
o marido chegou morto
e a quenga quase morreu
mas por ordem, ordem minha
ela teve que viver
p'ra nesta terra de sangue
sofrer o que fez sofrer.

As bruxas saem em grandes pulos
Cai um cartaz: "Vários anos depois"
Biu sai do casebre seguido da Velha

VELHA — Eu vivi avisando, não foi? Vivia dizendo: Biu não se meta com rabo de saia, que você não pode. Eu sou velha, sem ninguém, preciso de um arrimo na vida. O seu outro irmão, o diabo levou, não sei se vive ou morto está. Só tenho a você no mundo. Mas quem disse que me ouviu? Foi como se eu tivesse dito exatamente o contrário. Ai, que destino o meu. Pobre ser desvalido. Viver p'ra que, Deus meu? Ver um filho roubado aos três dias de parido, e agora a suprema desventura de ver o outro fugir, e por que? e por que? Por safadeza. Meter-se com mulher casada. Se você não fôsse meu filho eu lhe chamava de filho da mãe.

BIU — Eu quero sua bênção, mãe.

VELHA — Benção minha não vai ter. Não amaldiço-o nem rogo praga, porque é carne das minhas entranhas. Mas desejar bem também não posso. Vai, segue seu destino de maldição, e lembra que fica uma mãe abandonada, chorando lágrima e sangue... Vai. Vai. Se tem que ir por que não vai logo?

BIU — Sua bênção, mãe.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 374

SUPERINTENDÊNCIA - D.P.F. SR/RJ - CENSURA FEDERAL

VELHA — E como não dar a benção? Coração de mãe não foi feito para o ódio. O filho erra e a gente continua amando. Vai, mel filho, que Deus lhe acompanhe cada passada. E lembra de mim se a sorte fôr benfazeja.

(Abraça-se com Biu e chora)

BIU — Até a volta, mãe. A gente ainda vai se encontrar

VELHA — Que todos os anjos lhe acompanhem.

Biu sai correndo
A velha chora
As três bruxas em cima de uma árvore a tudo assistem e dão uma risada terrível

Um cartaz: "onde se volta ao dia que a cigana roubou o menino"
Cigana bate na porta de um outro casebre

VOZ DE OUTRA MULHER — É de paz?
A CIGANA — De tôda paz

Aparece a outra mulher com dois filhos nos braços

A CIGANA — Gêmeos?
A OUTRA MULHER — Tive há já quinze dias. Imagine só. Uma pobreza tanta e duas bôcas para sustentar.
A CIGANA — Quer me dá um? Tenho um filho único e me preocupo; dizem que filho sòzinho termina virando mofino. Já nem consigo dormir.
A OUTRA MULHER — A senhora está falando deveras?
A CIGANA — Verdade verdadeira.
A OUTRA MULHER — Então, tome. Pode escolher.
A CIGANA — Qualquer um serve.

SUPERINTENDÊNCIA - D.P.F. SR/RJ - CENSURA FEDERAL

A OUTRA MULHER — Tome êste aqui; é o que tem mais fome. Ó boquinha insaciável.
A CIGANA — Dia feliz o de hoje; dois filhos sem precisar ter parido.

(Pega a criancinha e sai)

Cartaz: "onde se repete um pouco p'ra poder continuar

Luz no casebre de Biu

VELHA — Vai. Vai. Se tem que ir por que não vai logo?
BIU — Sua benção, mãe.
VELHA — E como não lhe dar a benção? Coração de mãe não foi feito para o ódio. O filho erra e a gente continua amando. Vai, meu filho, que Deus lhe acompanhe cada passada. E lembra de mim se a sorte lhe fôr benfazeja.

(Abraça-se com Biu e chora)

BIU — Até a volta, mãe. A gente ainda vai se encontrar.
VELHA — Que todos os anjos lhe acompanhem.

Biu sai correndo
A velha chora
As três bruxas em cima de uma árvore a tudo assistem e dão uma risada terrível

PRIMEIRA BRUXA — Vejam, vejam.
AS DUAS OUTRAS BRUXAS — O que? O que?
PRIMEIRA BRUXA — Naquela outra cidade ... Que estranho. Acontece a mesma coisa.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.375

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - D.P.F. BR/RJ - CENSURA FEDERAL

Luz no outro casebre
saem Chico e a outra velha

OUTRA VELHA — Eu ainda lhe mato. Eu ainda lhe mato, desgraçada.

CHICO — Mãe, a senhora precisa compreender.

OUTRA VELHA — Compreender o que? A tua safadeza? Não vivi avisando? Que essas mulheres daqui só podem arranjar confusão? Ah, desgraçado, às vêzes tenho vontade que o marido dela lhe pegue e lhe cape, e só assim eu ia ter sossêgo no fim da minha vida.

CHICO — Mãe tá dizendo isso de brincadeira. Desdiz, mãe, por favor.

OUTRA VELHA — Não desdigo coisa nenhuma. Ah, Deus meu, o que vai ser de mim? Sòzinha no fim dos meus dias. Por que eu não dei você em lugar do outro? Quem sabe o outro não é um homem de bem que faz a felicidade daquela maldita cigana?

CHICO — Mãe, eu vou ter que ir embora. Mas antes, mãe vai desdizer, aquilo, pela hostia consagrada.

OUTRA VELHA — **(Agarrando-se a Chico)** — Ó filho meu, que vão ser dos meus dias, sem nenhum amparo?

CHICO — Mãe, o marido pode aparecer de repente e eu estou atolado. Êle contratou três cabras p'ra liquidar com os meus dias.

A OUTRA VELHA — Vai e que Deus lhe ilumine.

Chico beija a outra velha e sai correndo

A outra velha chora
Escurece
Luz

Cartaz: "O grande encontro de Chico e Biu"
Biu e Chico entram correndo, encontram-se e caem no chão

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 376

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - D.P.F. BR/RJ - CENSURA FEDERAL

CHICO — Oi, que pressa dos diabos.

BIU — E a sua não é igual?

CHICO — Tou fugindo do marido de uma namorada minha.

BIU — Eu também.

CHICO — Você também está fugindo do marido de uma namorada?

BIU — Pois não é?

CHICO — Eita, quanto destino de côrno nêste mundo de Deus.

BIU — Você vai p'ra onde?

CHICO — P'ra cidade mais longe que eu encontrar

BIU — Podemos ir juntos.

CHICO — Topo.

BIU — Então topado está.

CHICO — Tenho aqui uma caninha. Quer um gole?

BIU — Ora se não.

Bebem

CHICO — Um, dois, três?

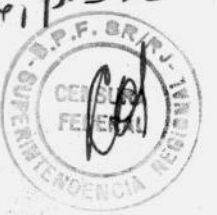
BIU — Correr enquanto é vez.

Saem correndo
Cartaz: FIM DO PRÓLOGO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156, p. 377

PRIMEIRA PARTE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 378



CENA I

Onde se apresenta uma cidade grande do agreste pernambucano com alguma crítica dos costumes

Quarto da agonizante

Ao lado da cama Antônio Cipriano, sua mulher Rosinha, padre Damião, Rita, cunhada de Cipriano, duas beatas e o sacristão.

A AGONIZANTE — Meu filho, eu vou ter de revelar um segrêdo.

(Os personagens entreolham-se)

ANTÔNIO CIPRIANO — Mãe, acho melhor não falar muito. A senhora precisa de descanso. O médico recomendou repouso absoluto. Nós todos vamos sair e só Rosinha vai ficar aqui. A senhora tem que descansar.

A AGONIZANTE — Não, meu filho. Não me deixe agora. Sinto que a vida está me deixando. E não tenho mêdo. Antes de me confessar para receber a extrema-unção tenho de contar para vocês um terrível segrêdo. Você, Antônio Cipriano, você não é meu filho!

(Interjeições de espanto)

D.P.F. SR/RJ - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL
CENSURA FEDERAL

ANTÔNIO CIPRIANO — Como?

A AGONIZANTE — Não é meu filho. Depois de dois anos de casada, sem ter nenhum filho, conheci uma cigana que veio ler a minha mão. Nunca acreditei muito nestas coisas, mas nesta tarde, que o bom Deus me perdôe, mandei a cigana entrar. Queria saber se ainda viria a ter um filho. A cigana vinha acompanhada de dois garotinhos, com três anos mais ou menos, e dizia que eram seus filhos. Percebi logo que não eram. Todos nós sabemos que essas mulheres nunca têm filhos e vivem de roubar as crianças dos outros. Imediatamente fiquei encantada por uma das crianças. E me veio aquele desejo de tê-lo como filho. Tentei convencer a cigana de me dar o menino. Mas a cigana riu muito e disse que não. Dei minha mão para a cigana ler. Quase que de repente, ela levanta-se com uma expressão de pavor no rosto e grita para mim: Você vai ser minha assassina. A minha assassina. E ficou repetindo aquilo cada vez mais alto. Fiquei com medo que os vizinhos ouvissem e avancei para ela. Ela continuava gritando. Consegui tapar-lhe a bôca, mas não sei se com muita fôrça ou se por muito tempo... O certo é que a cigana morreu debatendo-se nos meus braços.

ANTONIO CIPRIANO — Mãe! **(À parte)** Mas que mãe?

A AGONIZANTE — Meu marido, que Deus o tenha em sua Santa guarda, era delegado então e conseguiu que ninguem soubesse do que tinha acontecido. Viajei para o Recife onde passei dois anos. Uma das crianças era você e desde então criei como se fôsse filho das minhas entranhas. A outra...

PADRE DAMIÃO — Fale. Fale...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 379

D.P.F. SR/RJ - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL
CENSURA FEDERAL

A AGONIZANTE — A outra era você, padre Damião, que entreguei à minha pobre irmã que não tinha filhos também.

ROSINHA — Meu Deus!

(A agonizante desmaia. Todos choram. Antonio Cipriano e Padre Damião estão de frente e têm o espanto no rosto)

PADRE DAMIÃO — **(Para Antonio Cipriano)** — Senhor prefeito, queira aceitar minhas condolências...

ANTONIO CIPRIANO — Senhor prefeito? É assim que me trata?

PADRE DAMIÃO — E que outro tratamento?... Sim... Outro tratamento sim. Meu irmão! Meu irmão!

(Os dois abraçam-se — as mulheres cercam os dois rapazes)

PRIMEIRA BEATA — Deus nos reserva cada surprêsa...

SEGUNDA BEATA — São muito intrincados os caminhos de Deus...

ROSINHA — **(Abraçando o padre)** Meu cunhado...

(Abraços efusivos dos personagens)

PADRE DAMIÃO — Temos que nos lembrar da finada...

ANTONIO CIPRIANO — Realmente...

CENSURA FEDERAL - S.P.F. SR/RJ - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL

PRIMEIRA BEATA — Que Deus lhe lumie as santas veredas...

SEGUNDA BEATA — Que os santos lhe acompanhem até o Portal da Glória...

PRIMEIRA BEATA — Ave Maria, cheia de graça...

(Rezam todos, com devoção, quando entra violentamente no quarto um rapazote de 15 anos. Todos olham-no com reprovação. O rapazote se benze e grita para o sacristão)

RAPAZOTE — **(Para o sacristão)** Corra, seu Bonifácio, que a sua égua deu cria a um cavalo com cabeça de gente.

RITA — Um cavalo com cabeça de gente?

RAPAZOTE — Sim, dona Rita. É uma coisa de espantar. T'a todo mundo por lá sem saber o que fazer. O cavalo tem nariz, como a gente, queixo como a gente, e olhos azulados.

PRIMEIRA BEATA — Cruz Credo!

SEGUNDA BEATA — Só pode ser fim de mundo!

PADRE DAMIÃO — Menino você sabe o que está dizendo?

RAPAZOTE — Sei, sim, seo padre. Eu vi. Vi com êstes dois olhos que a terra vai comer.

ANTONIO CIPRIANO — Temos que tomar providências imediatas. Como prefeito da cidade tenho que pensar nas coisas que vão acontecer. Esta noticia vai correr mundo, virão jornalistas de toda parte.

PADRE DAMIÃO — Temos que ir lá imediatamente.

ROSINHA — Mas, a finada...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156, p. 380

CENSURA FEDERAL - S.P.F. SR/RJ - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL

RITA — Sim, a finada...

ANTONIO CIPRIANO — A finada? Ora essa! Logo agora ...

SACRISTÃO — Mas, eu tenho que ir. **(Com orgulho)** Foi na minha casa.

PADRE DAMIÃO — Claro que você tem que ir. Um fato dêsse não acontece todos os dias. Com cabeça de gente mesmo?

RAPAZOTE — Por essa luz que me alumia os olhos...

PADRE DAMIÃO — Então é ir...

ANTONIO CIPRIANO — **(Para as beatas)** Vocês ficam velando o corpo.

PRIMEIRA BEATA — Mas nós também queríamos ver o fenômeno.

ANTONIO CIPRIANO — Depois. Alguém tem que ficar velando a finada.

ROSINHA — Claro. A finada não pode ficar sòzinha.

PADRE DAMIÃO — Vamos rápidos.

(Saem todos — a primeira beata fica olhando apavorada para a finada)

Luz no roçado do Sacristão

O cavalo com cara de gente está cercado por Cosma, mulher do sacristão, e alguns curiosos. Entram Antonio Cipriano, padre Damião, Rosinha, Rita, o sacristão, e a segunda beata.

SEGUNDA BEATA — **(Vendo o cavalo)** — Meu Deus! **(Cai desmaiada. Algumas pessoas socorrem a beata)**

COSMA — **(Para o sacristão)** — Você aqui não fica mais!

SACRISTÃO — Como?

PADRE DAMIÃO — O que houve, dona Cosma? A senhora está nervosa?

COSMA — Nervosa não reverendo. Ofendida. Ofendida no que a mulher tem de mais sagrado.

PADRE DAMIÃO — Mas ofendida em que, dona Cosma? Essas coisas acontecem de tempos em tempos. A senhora não tem culpa, nem o seu marido.

COSMA — Olhe os olhos do cavalo. Reverendo.

PADRE DAMIÃO — Estou vendo, dona Cosma.

COSMA — Está reparando bem, seo padre.

PADRE DAMIÃO — Estou, sim. São estranhamente azuis.

COSMA — **(Puxando o marido)** — E os dêle?

SACRISTÃO — Os meu, como?

PADRE DAMIÃO — Que tem os olhos do seu marido?

COSMA — A cor! A cor!

PADRE DAMIÃO — Azuis, dona Cosma...

COSMA — ... como os do cavalo, Reverendo!

SACRISTÃO — Você tem coragem...

ROSINHA — Dona Cosma, a senhora está nervosa.

COSMA — Que nervosa o quê! Eu sou lá idiota, dona Rosinha. Estou vendo. Estou vendo a semelhança.

ANTONIO CIPRIANO — Não é possível dona Cosma, que a senhora pretenda acusar seu marido de uma infâmia tão grande...

COSMA — Êle sempre teve um cuidado exagerado por aquela égua, seo prefeito. Mas nunca me passou pela cabeça... Como podia passar pela cabeça de mulher nenhuma que seu marido e... e... uma égua!

SACRISTÃO— Essa é demais!

COSMA — Demais, hein seu semvergonha? Eu sempre jurei que nunca seria mulher côrna. E terminei sendo. Côrna de uma égua! Me desculpe o palavreado, Reverendo. Mas não há uma mulher, com brio na cara, que com uma dessas não termine por perder as estribeiras! Com uma égua, dona Rosinha. A senhora se imagine na minha situação. O que a senhora faria no meu lugar? Eu mato êle. Esfolo! Ai, meu Deus. Côrna de uma égua! **(A primeira beata vai voltando a si)**

Como isto foi me acontecer? Ser trocada por uma égua...

SEGUNDA BEATA — Só pode ser fim de mundo!

(Escurece — a luz volta para o quarto da agonizante — a primeira beata reza com nervosismo o seu terço)

A AGONIZANTE — Antonio... Meu filho...

PRIMEIRA BEATA — Irmã... Irmã... Lembra-te de Deus e da Virgem! Volta para as profundas!

A AGONIZANTE — Meu filho... Água... Água...

PRIMEIRA BEATA — Ai, meu Deus, deve ser o fogo do Inferno que está consumindo a finada. Mas por que isto foi acontecer logo comigo: eu nunca fiz mal a ninguém. Ave-Maria, cheia de graça...

A AGONIZANTE — Quem está aí? Marocas?

PRIMEIRA BEATA — Ela lembra do meu nome. Irmã, esquece das coisas da Terra e lembra-te das coisas do Céu.

A AGONIZANTE — Marocas... Um pouco d'agua, pelo amor de Deus. Água senão eu morro.

PRIMEIRA BEATA — E eu posso me levantar? Se pudesse eu saía correndo. Ave Maria, o senhor é convosco...

A AGONIZANTE — Será que eu vou ter fôrça para me levantar?...

PRIMEIRA BEATA — Não se levante não, pelo amor de Deus. Socorro! Socorro! Valei-me todos os anjos e santos... Socorro!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.01S6,p.382

D.P.F. SR/RJ SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL CENSURA FEDERAL

(Entram correndo — Antonio Cipriano, Rosinha, Rita, Padre Damião, o sacristão e a segunda beata)

TODOS — Que houve? Que houve?

PRIMEIRA BEATA — Ela... Voltou do Além...

PADRE DAMIÃO — A senhora está nervosa, dona Marocas, ninguém volta do além...

A AGONIZANTE — Água... Água... Morro de sêde

TODOS — Aiiiiiiii!

PADRE DAMIÃO — Numa situação como esta temos que ter muita calma.

A AGONIZANTE — Morro de sêde...

ANTONIO CIPRIANO — Ela talvez não tenha morrido.

RITA — Como não morreu se estava imóvel e com a palidez na fronte?

PADRE DAMIÃO — Claro que não morreu. Vamos dar água a nossa bôa amiga e render graças a Deus pela sua cura.

(A agonizante levanta-se um pouco da cama com os olhos muito esbugalhados e grita:

A AGONIZANTE — Perdão, cigana! Perdão!

ROSINHA — Ela está falando com a cigana!

Todos ajoelham-se e começam a rezar histéricamente; a agonizante dá um grito e morre.

PADRE DAMIÃO — Creio que desta vez ela faleceu de verdade.

(Aproximam-se da falecida o padre Damião e Antonio Cipriano que examinam-lhe os olhos, auscultam-lhe o coração)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0256,p.382

D.P.F. SR/RJ SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL CENSURA FEDERAL

ANTONIO CIPRIANO — Morreu na verdade!

PADRE DAMIÃO — Que Deus se compadeça de sua alma!

RITA — Oremos.

(Irrompe com violência no quarto o rapazote)

RAPAZOTE — Seo prefeito! Seo prefeito!

ANTONIO CIPRIANO — O que foi que aconteceu? Será que a gente não pode mais chorar nem a morte de um parente querido?

RAPAZOTE — Antonio das Almas manda pedir socorro.

ROSINHA — E o que foi que aconteceu?

RAPAZOTE — A filha dêle, a Sigismunda, está crescendo, crescendo... Êle já afastou algumas telhas da casa porque ela não cabe mais...

PADRE DAMIÃO — O que você está dizendo?

RAPAZOTE — A verdade, seo padre... A verdade... Venha ver...

Luz na casa de Antonio das Almas — Pelo telhado sai a cabeça de Sigismunda.

SIGISMUNDA — Pai, pai, estou com mêdo...

ANTONIO DAS ALMAS — Eu também filha minha. O que é isto que aconteceu com você?

SIGISMUNDA — Aqui tem muito morcego, pai. E cada ratazana...

ANTONIO DAS ALMAS — E que é que eu posso fazer, filha minha?

ANTONIO CIPRIANO — Hoje é a noite dos prodígios.

PRIMEIRA BEATA — Jesus, Maria, José.

RITA — O que devemos fazer?

PADRE DAMIÃO — Pedir a Deus misericórdia. São os pecados. Tantos... Deus termina por se impacientar. E temos que pedir clemência. Clamar sem cessar.

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - D.P.F. GR/RJ - CENSURA FEDERAL

ANTONIO CIPRIANO — E eu? Como autoridade tenho que tomar uma providência.

ROSINHA — Mas que providência?

ANTONIO CIPRIANO — Não sei. Mas temos que inventar. Chamar o Corpo de Bombeiros, pedir ajuda ao Exército. Mobilizar tudo e todos. E prepararmo-nos para o pior.

SEGUNDA BEATA — O prefeito acha que ainda vai acontecer mais coisas?

ANTONIO CIPRIANO — Quem pode jurar? Mas também quem pode afirmar o contrário? Quantas coisas numa só noite. O que o restante dos dias nos reserva? Não. Não me espantarei mais de nada. Se vir línguas de fogo dançando pelo céu acharei tudo muito natural. **(Olhando para Sigismunda)** Pobre moça! Ainda ontem tão tranquila, fazendo o enxoval do seu noivado...

SIGISMUNDA — Pai, dê um jeito de me tirar daqui.

ANTONIO DAS ALMAS — Não fale assim que me dá uma dor no coração... Como eu posso tirar você daí, filha minha! A falta que faz um bom guindaste numa terra como esta. Bem que vivíamos dizendo, senhor prefeito, que a cidade precisava de um guindaste. Era como se a gente estivesse adivinhando. Mas não... O dinheiro do município servia pra tudo, menos para o guindaste. Agora eu sinto na carne a falta do guindaste. Que posso fazer por minha filha? Ela fica exposta neste sereno, e não pode ser nada bom para a sua saúde. A administração pública neste país está muito longe do que se pode desejar.

ANTONIO CIPRIANO — Então o senhor me acusa de não saber administrar o município?

ANTONIO DAS ALMAS — Com fato provado. A cidade tem um guindaste? E como eu posso tirar minha filha senão com um guindaste?

ANTONIO CIPRIANO — A Oposição sempre encontra um jeito de atacar o govêrno, mesmo nas horas mais impróprias. Antonio das Almas, acabo de passar uma noite terrível. Perco minha mãe que não era minha mãe, nasce

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - D.P.F. GR/RJ - CENSURA FEDERAL

um cavalo com cabeça de gente, sua filha vira varapau, me diga, se tudo isto junto não é para enlouquecer até a cabeça de um santo?

ROSINHA — Meu filho, por que você não vai para casa dormir um pouco?

ANTONIO CIPRIANO — E você acha que eu iria conseguir? Não. Ficarei de pé junto do meu povo, à espera do que possa acontecer. Não quero de modo nenhum abandoná-lo numa hora de tanto mistério. O comandante é o último a deixar o barco que soçobra. Me comportarei de modo semelhante.

(Discretos aplausos)

ANTONIO DAS ALMAS — Então o senhor prefeito aproveita-se de uma situação tão dolorosa para fazer propaganda pessoal? Acho um absurdo!

RITA — Você está nervoso, Antonio das Almas, e está interpretando de uma maneira tôda errada o procedimento do meu cunhado. Antonio Cipriano é um homem de bem e todo devotado ao povo dêste município. Você pode ser da Oposição, é um direito que lhe assiste, mas não pode abusar dêste direito, e fechar os olhos para tôdas as demonstrações de humanidade dadas pelo senhor meu cunhado.

ROSINHA — Muito bem, Rita. Acho, meu marido, que devemos nos retirar.

PADRE DAMIÃO — Realmente, talvez seja melhor. Os ânimos estão exaltados com tôda essa estranheza.

ANTONIO CIPRIANO — Talvez seja o mais certo. Irei para junto daquela a quem devo minha existência. Qualquer coisa que você precisar, Antonio das Almas...

ANTONIO DAS ALMAS — Eu só preciso de um guindaste.

ANTONIO CIPRIANO — Vou mandar pedir um no Recife. É o máximo que posso fazer.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156 p. 383

CENSURA FEDERAL - D.P.F. SR/T - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL

(Retira-se em companhia de Rosinha, Rita e Padre Damião)

SACRISTÃO — **(Para o prefeito)** Posso ir com o senhor?

ROSINHA — Por que você não volta para casa?

SACRISTÃO — A senhora viu como está a Cosma... Não tenho coragem.

ANTONIO CIPRIANO — Minha casa está aberta para todos os necessitados.

(Saem, os cinco. Escurece. Luz no quarto da falecida) A gente se vira e é como se só escutasse gemidos. Quantos infortúnios numa só noite.

RITA — As bruxas estão soltas.

PADRE DAMIÃO — Não acredite em bobagem. Nisto tudo está o dedo de Deus. Os homens se distanciam tanto do Divino Salvador que às vêzes êle tem que mostrar o seu poder mandando todos êsses prodígios.

ANTONIO CIPRIANO — São as provações... **(Com as mãos postas)** Meu Deus, Meu Deus, o que ainda estará reservado a êste pobre servo?

A cena escurece

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.384

CENSURA FEDERAL - D.P.F. SR/T - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL

CENA II

(Às margens de um riacho, Biu e Chico comem umas bananas. Cartaz: prossegue a viagem maravilhosa de Biu e Chico. Pequena meditação diante de um afogado)

BIU — Eita carreira boa.

CHICO — Tu acha que a gente está livre? Que não há mais perigo nenhum?

BIU — Eu só vou me sentir sossegado numa terra grande com o dominio da lei. Por aqui eu sinto o mesmo cagaço. Matam a gente e ninguém vai socorrer.

CHICO — Minha mãe vivia dizendo: "Chico, não te mete com mulher encangada". Tinha razão a pobre velha. Agora aqui estou eu sem saber do meu destino.

BIU — **(Solene)** E quem sabe nunca do seu destino? Credo em Cruz!

CHICO — Que foi, homem de Deus?

BIU — Olhe ali no riacho. Aquilo não é um homem afogado?

(vão para junto do riacho)

CHICO — E não é Severino?

BIU — Severino das Cruzes?

CHICO — Êle mesmo.

BIU — Você não sabia que êle tinha sido matado?

CHICO — Não. Por causa de mulher?

BIU — Não. Questão de terras.

CHICO — Oxente, que diacho de questão de terras foi essa se êle não tinha nenhuma?

BIU — Pois é. Não tinha nenhuma mas queria ter.

CHICO — Queria ter?
BIU — Queria ter. E parece que não pôde.

CHICO — É sim. Parece que não pôde.

BIU — Mas êle achava que podia. Eu dizia: Severino das Cruzes tu toma cuidado. Esse negocio teu de achar que pode ter as terras dos outros. Olha aí. O corpo todo furado e ainda mais afogado. Que morte horrorosa.

CHICO — Pobre do Severino das Cruzes!

BIU — Tu acha que êle podia?

CHICO — Podia o que?

BIU — Querer as coisas que êle queria.

CHICO — Oxente, pra que tu quer saber?

BIU — Sòmente pra saber.
CHICO — E tu? Acha o que?
BIU — Eu?
CHICO — Pois é. Tu!
BIU — É... Não é?

CHICO — Pois é. Quem sabe? Um dia, não é?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,1p.385

(Os dois se entreolham com desconfiança)

BIU — Pois é. Oremos.

(Ajoelham-se e rezam. O rapazote aparece correndo e tropeça nos dois) Que carreira é esta, meu irmão? Também tá fugindo de marido chifrudo?

RAPAZOTE — Antes fôsse. Mas eu tou fugindo é do capeta mesmo.

CHICO — Do capeta? Que historia é esta? Capeta na luz do sol?

RAPAZOTE — Vocês não podem imaginar. Nasceu um cavalo de cabeça de gente...

CHICO — Um cavalo de cabeça de gente?

RAPAZOTE — ... Uma moça cresceu tanto que furou o telhado...
BIU — Com febre, meu irmão?

RAPAZOTE — Uma finada morreu, ressuscitou e morreu de novo, e agora a pobre de minha mãe deu pra comer que não pára mais, e engorda tanto que não passa mais por nenhuma porta. A pobre fica sentada, comendo e engordando, comendo e engordando, já está quase da largura de metade da sala.
CHICO — Tão moço!

RAPAZOTE — Eu juro por tudo! Por todos os anjos e santos!
CHICO — E isso tudo acontece, adonde?

RAPAZOTE — Em Caruaru.
BIU — Pois é o nosso destino.

RAPAZOTE — Não vá, não vá. Já estão dizendo que é o fim do mundo.

CHICO — O fim do mundo?
RAPAZOTE — O fim do mundo.

BIU — Pois é para lá que nós vamos.

RAPAZOTE — E eu vou pra bem longe. Na direção que vocês vieram.

CHICO — Escuta aqui, menino. Se tu encontrar dois chifrudos doidos perguntando por dois mancebos, não diz que encontrou a gente. Combinado?
RAPAZOTE — Combinado.

(O rapazote sai correndo)

BIU — E então?
CHICO — Vamos lá. Quando essas coisas acontecem as mulheres ficam doidas e é um tal de querer proteção.

BIU — Oi, é assim que eu me sinto à vontade.

(Saem — a cena escurece)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.015C, p. 386

CENA III

Luz sôbre a casa de Antonio das Almas — Sigismunda lastima-se no alto do telhado — Em baixo Antonio das Almas e moradores

SIGISMUNDA — Eu não aguento mais. Socorrei-me todos os anjos do Céu! Só penso se começar a chover. O que vai ser de mim?

PRIMEIRO MORADOR — Não se aperreie não Sigismunda. Aqui quase não chove...

SIGISMUNDA — E você acha que é bom ficar aqui em cima, com essa doença de coqueiro, crescendo cada minuto? E meu noivo quando chegar? Será que ainda vai querer casar comigo?

ANTONIO DA ALMAS — Minha filha, já disse pra você esquecer dessas coisas.

SIGISMUNDA — Esquecer do meu noivo, papai?

ANTONIO DAS ALMAS — Nós agora só temos que pensar mesmo em arranjar dinheiro para comprar ou alugar um guindaste. Casamento fica pra se pensar depois.

SIGISMUNDA — Que desgraçada eu sou!

D.P.F. SR/RJ - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL
CENSURA FEDERAL

ANTONIO DAS ALMAS — Eu sei, filhinha. Eu sei. Mas temos que ter paciência. Muita paciência. **(Para os moradores)** Vocês não querem dar um dinheirinho pra gente poder arranjar um guindaste? **(Os moradores dão o dinheiro)** — Que Deus ajude vocês todos!

SIGISMUNDA — E ainda mais virar esmoler.

ANTONIO DAS ALMAS — Não fale assim, filhinha.

SIGISMUNDA — E não é verdade, pai? Ai, se o meu noivo souber disto, aí é que êle não casa mesmo. E o que vai ser de mim? Coqueiro e sem marido; pior mesmo que destino de mulher da vida.

ANTONIO DAS ALMAS — Eu vou até a feira, filhinha, pra ver se arranjo mais dinheiro.

SIGISMUNDA — Mas não demore, pai. Tenho tanto mêdo de ficar nessas alturas sòzinha.

ANTONIO DA ALMAS — Tá muito bem.

(Sai Antonio das Almas — entra o cavalo com cabeça de gente com um ramo de flôres nos dentes)

SIGISMUNDA — Você veio de novo, meu amigo?

CAVALO COM CABEÇA DE GENTE — **(Relincha)**

SIGISMUNDA — E sempre com as suas flôres? Se não fôsse a sua delicadeza não sei o que seria de mim. **(Estende os braços e apanha o ramo de flôres — o cavalo com cabeça de gente executa alguns passos de dança)** Se não fôsse por você, meu amigo... Sinto-me tão sòzinha.

D.P.F. SR/RJ - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL
CENSURA FEDERAL

CAVALO COM CABEÇA DE GENTE — **(Relincha)**

SIGISMUNDA — Que bom você ter vindo!

COSMA — **(Entrando com uma vassoura na mão)** Ah, seo cavalo, o que você quer mesmo é viver na vadiagem? Vamos embora! Vamos aproveitar a feira. Já armei uma tenda pra mostrar você e ganhar algum dinheiro.

SIGISMUNDA — Deixe êle um pouco comigo, dona Cosma, me fazendo companhia...

COSMA — Viver não é facil, Sigismunda. Tem que ganhar dinheiro. A situação está cada vez pior. Vamos, cavalo. Vamos.

(Saem Cosma e o cavalo com cabeça de gente)

SIGISMUNDA — Ai de mim, desventurada!

(Escurece — luz na casa de Antonio Cipriano)

ROSINHA — Preciso falar com você.

ANTONIO CIPRIANO — Não é um absurdo? Pedindo esmola na feira só para me desmoralizar.

ROSINHA — Antonio...

ANTONIO CIPRIANO — O que não vão dizer por aí de mim? Antonio das Almas, na feira, pedindo esmola, para comprar um guindaste. Um guindaste que é da alçada da Prefeitura. Essa Oposição é mesmo uma desgraça. Aproveitam até a própria desgraça para tirar rendimento político.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 01561p.387

ROSINHA — Antonio, eu queria saber por que você tem chegado tarde tôdas as noites?

ANTONIO CIPRIANO — Fico com vontade de mandar prender êsse homem. Êle quer acabar com minha vida. Rosinha, hoje deve chegar em Caruaru um enviado do senhor Presidente para fazer uma inspeção na cidade. Êsses fatos que aconteceram aqui chamaram para nossa cidade a atenção do mundo inteiro. No Rio de Janeiro, pessoas da Oposição, estão tirando vantagem disto tudo, para dizer que se trata de um castigo do céu contra o atual govêrno. Enquanto isto os assessôres mais próximos do Presidente estão vendo nisto tudo uma manobra altamente subversiva. Veja a que ponto chegaram... E eu transformei-me numa pessoa suspeita. Vem um emissário especial para verificar a veracidade ou não dos fatos que aqui aconteceram. Pois bem. Neste justo momento, Antonio das Almas vai para a feira pedir esmola, dizendo pra todo mundo que eu sou incapaz, porque a Prefeitura não tem um guindaste.

ROSINHA — E você chegou tão tarde por que, Antonio?

ANTONIO CIPRIANO — Não é de enlouquecer? O emissário do Presidente constata que não existe nenhuma subversão na cidade, mas pode muito bem achar que eu sou um incapaz por não ter providenciado um guindaste. E eu posso até ser submetido a um inquérito.

ROSINHA — Você vê, Ritinha. Êle se recusa a responder a minha pergunta.

ANTONIO CIPRIANO — Devo ou não prender Antonio das Almas? O meu futuro está em jôgo. A tranqüilidade do nosso lar está em jôgo também.

ROSINHA — Antonio Cipriano, por que?...

ANTONIO CIPRIANO — Realmente é demais. Parece até um castigo. Mas eu nada fiz em minha vida para merecê-lo. Sempre fui bom filho, um bom cidadão, respeitador das coisas de Deus e da Pátria. Mas de repente vem tudo isto de uma vez só: um cavalo com cabeça de gente,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p. 388

uma mulher que não pára de crescer, outra que não pára de engordar, a terrivel revelação da minha santa mãe na hora da morte, e para completar esta desmoralização que Antonio das Almas está me submetendo. Outro já teria enlouquecido.

ROSINHA — Ritinha, você quer falar com êle. Talvez êle tenha mais atenção a você.

RITINHA — Senhor meu cunhado, minha irmã deseja saber por que o senhor chegou tão tarde ontem à noite?

ANTONIO CIPRIANO — É demais! É demais! Se conseguir resolver tudo isto a contento necessito de umas férias. Vocês me entendem?

ROSINHA — É de enlouquecer!

ANTONIO CIPRIANO — É exatamente o que eu estava dizendo! É de enlouquecer? **(Para Ritinha)** Você não concorda comigo?

RITINHA — Mas a minha irmã...

ANTONIO CIPRIANO — Vou conversar com o padre... com o padre? **(À parte)** Será que êle é seu irmão?

ROSINHA — Mas, Antonio Cipriano...

ANTONIO CIPRIANO — Qualquer coisa estarei na igreja... Tenho que falar com urgência com padre Damião.

(Sai Antonio Cipriano)

ROSINHA — Você viu o cinismo dêle, Ritinha. Depois você ainda o defende!

RITINHA — O homem está com a cabeça cheia de problemas.

ROSINHA — Problemas nada. Safadeza! Tudo isto é desculpa para ficar na rua até altas horas. Meu coração não me engana: existe uma mulher atrás disto tudo!

RITINHA — Ora, Rosinha, você não tem nenhum motivo para se queixar. Antonio é um marido exemplar. Sempre voltado para os problemas da casa. Não me lembro de nenhuma falta dêle. É verdade que nestes últimas dias êle

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - D.P.F. - RJ
CENSURA FEDERAL

tem chegado tarde em casa. Mas você acha pouco o que tem acontecido?

ROSINHA — Você não sabe nada da Vida, minha irmã. Não sabe de que sujeiras os homens são capazes! Você não viu o sacristão? Quem diria!

RITINHA — E você acredita?

ROSINHA — Mas claro; os olhos são da mesma côr. Depois de uma coisa desta não se pode confiar mais em ninguém. O sacristão, quase um padre, tão agarrado às saias de dona Cosma, e de repente com uma égua em sua vida...

RITINHA — Ora, Rosinha...

ROSINHA — Depois disto botei as minhas barbas de môlho. E quer saber de uma coisa? Vou atrás do Antonio... Não vou nesta historia de que foi pra igreja. Deve estar por aí atrás de algum rabo de saia.

RITINHA — Minha irmã, tenha um pouco de calma.

ROSINHA — Não, Ritinha. Mulher côrna eu não vou ser.

(Sai apressadamente com Ritinha — escurece Luiz — uma rua de Caruaru)

CEGO **(Cantando)** — Eu Deixei o meu roçado
atrás do meu tatuzinho
andei milhões de léguas
e nada do meu bichinho
cruzei mares e montanhas
não encontrei o tatu
foi quando me deu uma dor
bem no pé da barriguinha
ai que dor danada
tive que dar uma paradinha
me escondi numa ribanceira

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - D.P.F. - RJ
CENSURA FEDERAL

me espremi até valer
veio aquela caganeira
Ai, meu Deus que vou morrer
sem ver meu tatuzinho
foi quando encontrei uma véia
que sorria de mansinho
cheguei junto e disse:
a benção, vó, você viu o meu
[tatu?]
A velha levantou a saia
e me puxou com carinho
Eu disse: t'esconjuro véia
vai cuidar da tua sina
e saí um galope doido
e encontrei uma menina
que tinha os oios de fogo
e uns cabelos de crina
me cheguei e perguntei
pelo danado do tatu
a menina foi me olhando
com aqueles oios de fogo
e foi dizendo dengosa:
Você não quer entrançar
as nossas crinas?
Me benzi, saí correndo,
e a pobre da barriguinha
dava voltas, ia doendo,
doendo de fazer dó,
mas não parei mais pra nada,
e cruzei mares e montes
atrás do tatuzinho,
mas ninguém sabia nada
do meu querido bichinho,
foi quando desconsolado
voltei atrás da menina

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 389

vou deixar de ser um leso
e vou entrançar as minhas crinas
mas envez da menininha
no meio da campina
foi a danada da véia
com uns olos de sepultura
que me esperava na esquina
Desisti, voltei pra casa
e do pinto fiz um nó
com véia eu num engato
nem pra salvar minha vó.

O CEGO — Que Deus Nosso Senhor Jesus Cristo alumie o caminho de todos vocês!

TODOS — Amém!

(Enquanto o cego cantava a sua toada, Chico e Biu entram. imediatamente alguns habitantes cumprimentaram com respeito e espanto — Chico e Biu olharam para todos com maior espanto ainda.)

UM HABITANTE — **(Para Chico e Biu)** — Meus respeitos!

OUTRO HABITANTE — Que Deus proteja os senhores!

CHICO — Muito obrigado. Muito obrigado!

BIU — **(Para Chico)** — Simpático, o povo da cidade!

CHICO — Realmente, muito simpático! **(Todos se retiram, menos Chico e Biu)** Você viu? Todo mundo nos cumprimentando com o maior respeito?

BIU — Bem... eu estou um pouco desconfiado.

CHICO — Desconfiado por que?

BIU — Você lembra a história que aquêle cabra nos contou?

CHICO — Das coisas estranhas que estão acontecendo aqui?

BIU — Sim.

CHICO — E que tem isto? Aquêle cara pra mim era um leso. Não estou notando nada de anormal por aqui.

BIU — E aquela mulher, logo na entrada da cidade, que chegou junto de mim e perguntou: Seo padre, o que é isto, o senhor sem batina? O senhor acha pouco os castigos que Deus tem mandado pra gente?

CHICO — Aquela mulher era meio maluca.

BIU — Eu estou um pouco com mêdo que essa terra esteja cheia de doido. Ora! Todo mundo ri pra gente, cumprimenta, como se a gente tivesse nascido e se criado aqui.

CHICO — É uma gente hospitaleira. Eu sempre ouvi dizer: o povo de Caruaru é um povo bom danado!

(Passa uma mulher que olha para Chico e Biu e pára; aproxima-se de Biu, bem espantada, e toma a bênção)

MULHER — A bênção

BIU — Deus te abençoe. **(A mulher sai)** Você tá vendo?

CHICO — Costume da cidade.

BIU — Mas por que não tomam a benção a você?

CHICO — É que você tem uma cara meio de santo. Biu. Mas que cabra de sorte, hein? Vai ser fácil pegar essas menininhas tôdas...

(Aparecem Rosinha e Rita que ficam olhando de longe. Rosinha começa a fazer sinais para Chico)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 390

BIU — Chico, tem uma mulher ali fazendo sinais para você.

CHICO — Sinais pra mim? E a danada é até bonitinha. Será que é uma quenga?

BIU — Não tem cara de quenga. Parece moça de respeito.

CHICO — E como é que está me chamando?

BIU — Eu sei lá... Não estou gostando nada disto.

CHICO — Você também é um apavorado. Tem mêdo de tudo.

BIU — Já corri muito por causa de marido doido. Não estou pra correr mais. Aqui quero fazer minha pousada, mandar buscar mãe, casar e ter muitos filhos.

CHICO — Ela continua...

BIU — E está vindo pra cá!

ROSINHA — Então, senhor meu marido, aproveitando o sol do meio dia?

BIU — E tu é casado, homem de Deus?

ROSINHA — E o senhor sem batina em plena rua?

RITINHA — São ordens do Concilio, Rosinha.

ROSINHA — Que Concilio, que nada! Eu acho é uma falta de respeito e das grandes!

BIU — **(Para Chico)** — Está entendendo alguma coisa?

CHICO — Nada. Mas se ela insiste que eu sou o marido não faço questão. Vou cumprir meus deveres conjugais.

BIU — Chico, cuidado! Algo está me avisando que é melhor mesmo a gente ir embora!

ROSINHA — Vamos para casa!

CHICO — Podemos ir. Vamos Biu?

RITINHA — Biu?

BIU — Um seu criado.

ROSINHA — Ainda bem que estão de bom humor!

BIU — E não é para estar?

ROSINHA — Vamos logo que precisamos ter uma conversa muito séria, senhor meu marido.

(A duas se afastam)

BIU — Você vai?

CHICO — Mas claro. Bonitinha, não é?

BIU — Chico, eu estou vendo o dedo do capeta nesta historia tôda. Essa mulher é capaz de ter um marido mesmo. A gente termina se estrepando.

CHICO — Eu já estou acostumado.

ROSINHA — Você quer me fazer perder a paciência?

CHICO — Não, meu amor. Vamos Biu.

BIU — Vamos **(A parte)** Mãe reza por mim. E reza forte.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156,p. 391

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 01 56, p. 392

SEGUNDA PARTE

D.P.F. SR/RJ - SUPERINTENDENCIA REGIONAL
CENSURA FEDERAL

CENA I

VOZ DE ROSINHA — (Em sua casa) — E se perguntarem pela gente você diz que não tem ninguém em casa. Que eu e meu marido tivemos de sair. Não queremos que ninguém nos incomode.

VOZ DE EMPREGADA — Sim, senhora.

VOZ DE CHICO — Que não estamos em casa durante dias. Não queremos receber ninguém durante dias.

VOZ DE EMPREGADA — Sim, senhor.

Luz na rua — Antonio Cipriano, Padre Damião, Emissário do Presidente

ANTONIO CIPRIANO — V. Excelência ficará na minha casa. É casa de pobre mas terá todo o nosso carinho.

EMISSÁRIO — Não seria preciso tanto incômodo. Acho que não devo aceitar. E depois como vim em missão oficial, talvez não fique bem aceitar êsse favor. Devo estar totalmente livre para as minhas investigações, sem nenhum vínculo mais forte. O senhor sabe, as informações que tivemos são as mais desencontradas. Enquanto uns

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 393

são levados a acreditar que se tratam realmente de fenômenos, apenas por uma estranha coincidência aparecidos de uma só vez, outros, e tenho que dizer que a maioria, acreditam tudo não passar de uma manobra de agitadores interessados em perturbar a vida do país.

PADRE DAMIÃO — Mas como os agitadores podem fazer que uma mulher comece a crescer de repente ou um cavalo nascer com cabeça de gente?

EMISSÁRIO — Não sei como responder; mas para isto estamos aqui: para averiguar. E, Deus queira, poder tranquilizar o nosso Presidente. Esperamos, realmente, que se tratem de fenômenos: isto não trará nenhum prejuízo, até pelo contrário, poderá aumentar a receita da Prefeitura com a avalanche de turistas que certamente acorrerá a êste local. Mas em caso contrário, se realmente se tratar de uma manobra nova dos agitadores, o caso se reveste de uma imensa gravidade, pois não estamos preparados para êsse tipo de subversão de ordem. Sabemos muito bem como o nosso povo, principalmente o do interior, é cheio de superstições. Se êle fôr convencido que se trata de um protesto divino contra o atual govêrno, o que poderemos fazer? Teremos que estudar as medidas defensivas imediatamente.

ANTONIO CIPRIANO — Ainda hoje o senhor poderá tranquilizar o Presidente tenho certeza. Proponho ir até lá em casa, almoçarmos, e depois então iremos ver de perto os fatos estranhos.

EMISSÁRIO — Confesso que estou com muita fome.

PADRE DAMIÃO — Dona Rosinha, espôsa do Prefeito, é uma excelente quituteira. O senhor não terá do que reclamar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.394

EMISSÁRIO — Mas não será um incômodo?

ANTONIO CIPRIANO — De modo algum. O senhor não pode imaginar a alegria nossa em receber uma tão alta autoridade da República.

EMISSÁRIO — Fico desvanecido com tanta atenção.

Entra o sacristão correndo com Cosma no seu encalço

SACRISTÃO — Peço proteção à autoridade.

PADRE DAMIÃO — Mas o que é isto?

COSMA — Eu avisei a êsse miserável que não aparecesse mais na minha casa.

SACRISTÃO — A casa é minha também.

COSMA — Sua casa é no estábulo com aquela égua filha da mãe

ANTONIO CIPRIANO — Deixemos êste assunto para depois, dona Cosma. A senhora está em presença de um Emissário do Presidente da República que veio a Caruaru para observar os fatos estranhos que aqui vêm acontecendo nos últimos dias.

COSMA — Ah, o senhor é amigo do Presidente?

EMISSÁRIO — Sim, senhora.

COSMA — Pois é com o senhor mesmo que eu precisava falar.

PADRE DAMIÃO — Dona Cosma, talvez numa outra hora... O senhor Emissário fêz uma viagem muito cansativa...

COSMA — O senhor precisa pedir um favor ao Presidente, senhor Emissário. Eu sou uma mulher católica, de pai e mãe e avós católicos, mas se o Presidente não me fizer um favor muito grande, eu termino virando uma assassina.

EMISSÁRIO — Mas de que se trata?

COSMA — Eu preciso que o Presidente permita que eu me divorcie. Eu sei que no Brasil isto é proibido, mas no meu caso tem que ser. O senhor imagine, que o meu marido me traiu com a égua que tem no meu roçado.

EMISSÁRIO — Com uma égua?

ANTONIO CIPRIANO — Ela está nervosa, senhor Emissário

SACRISTÃO — Isto é uma calúnia!

COSMA — O senhor precisa ver o filho que nasceu.

EMISSÁRIO — O filho?

COSMA — O cavalo tem os mesmos olhos que êle e agora até o nariz está parecido.

PADRE DAMIÃO — É exatamente um dos fenômenos...

EMISSÁRIO — Ah, o cavalo com cara de gente...

ANTONIO CIPRIANO — Isto mesmo.

EMISSÁRIO — Mas será que esta senhora está dizendo a verdade?

PADRE DAMIÃO — Não pode ser verdade. É contra as leis da Natureza.

EMISSÁRIO — Mas e a cara de gente também não é contra as leis da Natureza?

PADRE DAMIÃO — Bem, realmente, mas...

COSMA — Ninguém quer acreditar em mim. E eu ainda termino fazendo uma desgraça. Não contra o cavalo, é claro. Não tem culpa nenhuma da safadeza do meu marido e da égua da sua mãe. É um pobre inocente. Mas eu termino matando o meu marido. Ou então mato a égua. Não consigo mais dormir sabendo que aquela safada, dorme perto de mim, que ainda come com o meu dinheiro.

EMISSÁRIO — Realmente, se fôr assim, deve ser uma situação muito estranha...

PADRE DAMIÃO — Mas não se trata de nada disto... Posso assegurar...

SACRISTÃO — O padre Damião me conhece muito

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.395

bem... Sabe que eu seria incapaz de um pecado tão horroroso.

COSMA — Sem-vergonha como você não respeita nem o Emissário do Presidente para continuar na mentira?

ANTONIO CIPRIANO — Dona Cosma, depois nós conversaremos sôbre êste assunto. No momento, temos que ir almoçar. O senhor Emissário está com muita fome...

(Entra o cavalo com cabeça de gente que se dirige, imediatamente, para o sacristão e começa a festejar-lhe. O Emissário tem um movimento de mêdo mas controla-se ràpidamente)

COSMA — Eis a prova! **(Dá um grito e desmaia)**

EMISSÁRIO — Realmente trata-se de algo que eu não esperava... **(O sacristão carrega dona Cosma — o cavalo com cabeça de gente aproxima-se do Emissário — êste recua com mêdo)** Nunca vi uma coisa destas ... Tirem êste animal daqui.

ANTONIO CIPRIANO — Xô, cavalo... Xô, cavalo ...,

(O cavalo com cabeça de gente desaparece alegremente)

EMISSÁRIO — E os outros fenômenos são tão estranhos assim?...

PADRE DAMIÃO — São coisas tão estranhas que fazem até desconfiar que se trata realmente de um castigo de Deus.

EMISSÁRIO — Então o senhor quer insinuar que o atual govêrno está desagradando a Divina Providência?

PADRE DAMIÃO — Não. De modo algum, Excelência. Longe de mim pensar em tal coisa.

EMISSÁRIO — Precisamos tomar muito cuidado com os conceitos que emitimos. Os agitadores estão aí à sôlta aproveitando-se de tudo para a sua obra de desagregação da família brasileira.

PADRE DAMIÃO — Claro. Disto sabemos muito bem.

ANTONIO CIPRIANO — Creio que agora podemos ir almoçar.

(Encaminham-se para a casa de Antonio Cipriano — no caminho passam pela casa de Antonio das Almas — O cavalo com cabeça de gente está no telhado junto de Sigismunda — Em baixo Antonio das Almas tem uma espingarda nas mãos — O diálogo entre Antonio das Almas e Sigismunda se desenrola sem que êstes percebam a presença de Antonio Cipriano, Padre Damião e o Emissário)

ANTONIO DAS ALMAS — Eu já disse que matava êsse miserável.

SIGISMUNDA — O senhor não pode fazer isto! O senhor não tem o direito de estragar a minha felicidade!

ANTONIO DAS ALMAS — É só o que faltava, Sigismunda. Uma filha minha namorando com um cavalo.

SIGISMUNDA — Não se trata de um cavalo comum. É porque o senhor não conhece a bondade que êle tem no coração.

ANTONIO DAS ALMAS — Você está louca, Sigismunda.

SIGISMUNDA — E não é para enlouquecer? Ter um pai sem coração como o senhor? Um pai que não tem o menor interêsse na felicidade da filha?

ANTONIO DAS ALMAS — Sigismunda, não se trata disto. Nenhum pai pode querer ver a filha casada com um cavalo. Mesmo que se trate de um cavalo com cabeça de gente. Não é da lei dêsse mundo.

SIGISMUNDA — E é da lei dêsse mundo ser uma mulher coqueiro?

ANTONIO DAS ALMAS — Não, minha filha. Não é da lei dêsse mundo ser uma mulher coqueiro.

SIGISMUNDA — Então? O senhor acha que a mãe dêle pode não querer o casamento por eu ser uma mulher coqueiro?

ANTONIO DAS ALMAS — A mãe dêle? A égua?

SIGISMUNDA — Sim. A mãe dêle. A égua.

ANTONIO DAS ALMAS — Minha filha, as alturas perturbaram a sua cabeça. **(Percebe Antonio Cipriano, o padre Damião e o Emissário)**

ANTONIO DAS ALMAS — **(Avançando para o prefeito)** O senhor é o grande culpado de todo êste drama.

ANTONIO CIPRIANO — Cuidado com esta arma. Ela pode disparar.

ANTONIO DAS ALMAS — Está satisfeito? Me diga. Está satisfeito com a minha desgraça?

PADRE DAMIÃO — O senhor acalme-se. Antonio das Almas...

ANTONIO DAS ALMAS — Acalme-se... Acalme-se... É isto que todo mundo me diz. E cada vez vai tudo piorando para mim. Já sabem da última calamidade? Minha filha quer casar com um cavalo!

ANTONIO CIPRIANO — Antonio das Almas, nós estamos defronte de um Emissário do Presidente da República. Você precisa se acalmar.

ANTONIO DAS ALMAS — Muito prazer.

EMISSÁRIO — Igualmente.

ANTONIO DAS ALMAS — Quero apresentar minha queixa ao senhor Presidente da República contra o Prefeito desta cidade.

EMISSÁRIO — Tem que ser uma queixa por escrito.

ANTONIO DAS ALMAS — Depois eu escrevo. Mas eu digo logo porque não sei se o meu coração vai aguentar tan-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p. 396

ta desgraça... O senhor Prefeito é o grande culpado de tudo que está me acontecendo, por nunca ter providenciado um guindaste para esta cidade.

EMISSÁRIO — Um guindaste?

ANTONIO DAS ALMAS — O senhor não acha que um guindaste é de extrema necessidade para uma cidade?

EMISSÁRIO — Sem nenhuma dúvida.

ANTONIO DAS ALMAS — Sem nenhuma dúvida. Se eu tivesse um guindaste teria tirado minha filha desta situação que ela se encontra e ela nunca teria conhecido êste cavalo.

ANTONIO CIPRIANO — Senhor Emissário, eu sei que uma cidade precisa de um guindaste. Mas infelizmente a arrecadação tem sido muito baixa e o dinheiro não dá pra nada. Não pude comprar o guindaste.

EMISSÁRIO — E por que a arrecadação tem sido baixa?

ANTONIO CIPRIANO — As coisas não vão bem. Ninguém tem dinheiro pra nada

EMISSÁRIO — O senhor por acaso está criticando a política econômico-financeira do govêrno?

ANTONIO CIPRIANO — De modo algum, senhor Emissário. Eu nem sei o que é isto

EMISSÁRIO — Ainda bem. Mas... Olhem! O cavalo está beijando o varapau... E na bôca!

ANTONIO DAS ALMAS — Agora eu mato êle! Agora eu mato!

PADRE DAMIÃO — Não faça loucura! O tiro pode pegar na sua filha!

ANTONIO DAS ALMAS — Estou desonrado. O jeito mesmo é casar os dois!

PADRE DAMIÃO — Casar os dois? Isto é sacrilégio, Antonio das Almas!

ANTONIO DAS ALMAS — E minha filha? Vai ficar desonrada depois de ter beijado um cavalo na bôca e na frente de testemunhas.

EMISSÁRIO — A solução é prender o cavalo.

ANTONIO CIPRIANO — Prender o cavalo?

EMISSÁRIO — Claro. Êle está perturbando a ordem pública. Já me deparei com dois casos dolorosos por causa dêste cavalo. Então prende-se o cavalo. Por que o espanto? Por que não se pode prender um cavalo?

ANTONIO CIPRIANO — É... Realmente... Por que não se pode prender um cavalo?

ANTONIO DAS ALMAS — **(Apontando o rifle para os três)** Ninguém vai prender êste cavalo coisa nenhuma. Depois do que êle fêz com a minha filha êle vai casar com a minha filha. Eu sou pobre, mas sou um homem honrado e de família honrada. Não vou consentir que desonrem a minha família.

PADRE DAMIÃO — O senhor enlouqueceu, Antonio das Almas!

ANTONIO DAS ALMAS — Saiam daqui. Saiam daqui.

(Os três afastam-se apressadamente — a luz sai da casa de Antonio das Almas e ilumina a frente da casa de Antonio Cipriano)

ANTONIO CIPRIANO — Felizmente creio que podemos agora almoçar descansadamente.

EMISSÁRIO — Sua casa é muito simpática.

ANTONIO CIPRIANO — Às ordens, senhor Emissário. Merda, esqueci a chave. Desculpe, senhor Emissário.

(Bate na porta)

PADRE DAMIÃO — Aqui é um lugar bem mais tranquilo. Fica distante da feira.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156 p. 397

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - D.P.F. - SR/RJ - CENSURA FEDERAL

EMISSÁRIO — Eu quero muito visitar a feira de Caruaru. É famosa no Brasil inteiro.

EMPREGADA — **(Aparecendo na porta)** — Que desejam?

ANTONIO CIPRIANO — Você é a empregada nova?

EMPREGADA — Minha patroa está almoçando com o marido dela e mandou dizer que não está em casa pra ninguém. E o marido dela mandou dizer que não está em casa pra ninguém durante muitas semanas. **(Fecha a porta)**

EMISSÁRIO — O que está acontecendo aqui?

ANTONIO CIPRIANO — A empregada entrou esta manhã. Não me conhece ainda.

(Bate novamente)

EMPREGADA — O senhor quer deixar algum recado?

ANTONIO CIPRIANO — Eu não quero deixar recado coisa nenhuma. Eu quero entrar que a casa é minha. Eu sou o marido de sua patroa.

EMPREGADA — Brincadeira tem hora! O marido dela está com ela lá dentro. Nunca vi um casal tão unido. É cada beijo! Oxente!E não é que é parecido!

(Fecha a porta)

EMISSÁRIO — Que brincadeira é esta?

ANTONIO CIPRIANO — Não estou entendendo nada. Com certeza essa empregada é uma louca. Ou então quem sabe, Rosinha resolveu fazer uma brincadeira de mau gosto, porque está meio zanzada... Essas últimas noites cheguei tarde...

EMISSÁRIO — Precisamos averiguar e direitinho. O nosso govêrno não pode permitir que um representante seu seja um côrno.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p.398

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - D.P.F. - SR/RJ - CENSURA FEDERAL

ANTONIO CIPRIANO — Côrno? Eu?

EMISSÁRIO — Se a sua esposa está lá dentro beijando um outro homem o senhor é um côrno! Ou por aqui usam outra palavra. Eu não entendo nada de regionalismos!

PADRE DAMIÃO — Dona Rosinha é uma santa senhora. Posso assegurar.

ANTONIO CIPRIANO — Se o senhor não fôsse a autoridade que é... Não admitiria de mais ninguém um tal insulto.

EMISSÁRIO — Nós, homens do Poder, temos que ter uma frieza enorme para conceituar as coisas. Os nomes têm que ser dados aos bois. Se sua mulher estiver realmente lá dentro, agarrada com um outro homem, então o senhor é um côrno e como tal não pode merecer mais a confiança e o respeito da Presidência da República. Teremos que providenciar outro prefeito.

ANTONIO CIPRIANO — Essa é demais!

EMISSÁRIO — Os fatos são os fatos e têm os seus nomes.

PADRE DAMIÃO — Tudo ficará esclarecido em muito pouco tempo.

PRIMEIRA BEATA — **(Entrando)** — Senhor prefeito, senhor prefeito. Me socorra pelo amor de Deus.

ANTONIO CIPRIANO — Que terá acontecido agora, Deus meu?

PRIMEIRA BEATA — A pobre da minha irmã não tem mais comida para comer, agora está comendo barro.

ANTONIO CIPRIANO — Mas hoje de manhã já não mandei um boi?

PRIMEIRA BEATA — E o que é um boi para a pobre da minha irmã? Ó que desgraça, meu Deus do Céu! Nada fizemos para um castigo tão grande! E o pior é que ela não passa mais pelas portas e já está quase da largura da sala. Eu não sei o que fazer. O safado do filho fugiu com mêdo,

pois êle acha que vão começar a cair raios aqui em Caruaru. E eu fiquei, sòzinha, com todas essas aflições para resolver.

ANTONIO CIPRIANO — O senhor está vendo? Um boi não é bastante! Como a Prefeitura pode ter tamanha despesa por dia! E o outro filho da mãe ainda fala em guindaste... Querem saber de uma coisa? Eu renuncio!

EMISSÁRIO — Como?

ANTONIO CIPRIANO — Renuncio, senhor Emissário. Os problemas são muitos e eu ainda levo o nome de côrno.

EMISSÁRIO — Isto chama-se de deserção, senhor Prefeito, deserção à Pátria num momento em que ela se encontra em perigo. Pode sair cadeia e quem sabe até fuzilamento.

ANTONIO CIPRIANO — Está bem, senhor Emissário. Mantenho-me no pôsto pelo bem da Pátria. Vamos, minha senhora, vamos ver a sua irmã. O senhor irá conosco também.

(Saem todos — entram as três bruxas)

PRIMEIRA BRUXA — Você vai ter que consertar o êrro. Sua praga tomou a direção errada. O pobre do Prefeito nada tem com o que aconteceu.

SEGUNDA BRUXA — Que tempos êstes. Nem mesmo uma praga toma o seu verdadeiro caminho. Você tem razão, irmã. Temos que consertar tudo.

TERCEIRA BRUXA — Quem sabe o material que usamos não era falsificado? Vivemos um tempo de falsificações.

SEGUNDA BRUXA — Façamos nossas orações.

PRIMEIRA BRUXA — Que o raio se dirija ao seu verdadeiro destino!

SEGUNDA BRUXA — Nem um dia a mais nem um dia a menos!

TERCEIRA BRUXA — Biu, Biu êste é o nome...

PRIMEIRA BRUXA — Biu e Damião
Biu e Damião

AS TRÊS BRUXAS — ... é a nossa maldição.

(Luz na casa de Antonio Cipriano — Biu e Ritinha)

RITINHA — Acho que bebi demais, Reverendo.

BIU — (À parte) — Que mania esta de me chamar de Reverendo! Mas se tempera melhor com êste nome que posso fazer?

RITINHA — Sinto a cabeça nas nuvens. Estou lesa... lesa...

BIU — Não é melhor se amparar em mim? Pode recostar a cabeça no meu ombro...

RITINHA — Realmente, qual o mal que pode haver? **(Recosta a cabeça no ombro de Biu — Biu começa a caricia-la — Ritinha vai cedendo)** Reverendo... Reverendo...

BIU — Hein, minha filha, **(Intensifica os carinhos)**

RITINHA — O senhor não acha...

BIU — Não vamos achar nada agora. **(Beija Ritinha na bôca Ritinha dá um grito — Biu sai correndo — entram Rosinha e Chico).**

ROSINHA — O que aconteceu?

RITINHA — O Reverendo me beijou... Aproveitou se de eu estar me sentindo mal...

CHICO — O Reverendo? Que Reverendo?

ROSINHA — Padre Damião, ora. O safado não está usando batina exatamente para se aproveitar das pobres indefesas.

CHICO — Padre Damião, sei.

RITINHA — Eu vou atrás dêle.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156,p. 399

B.P.F. SP/RJ - SUPERINTENDENCIA REGIONAL - CENSURA FEDERAL

(sai — a luz escurece — as bruxas dão uma terrivel gargalhada e saem — entram Padre Damião e o Emissário)

PADRE DAMIÃO — Realmente o que está acontecendo nesta cidade dá o que pensar. Embora sejamos todos responsáveis em encontrar uma solução para tudo isto realmente eu não queria estar no lugar do Prefeito. Não sei como êle está conseguindo suportar tanta coisa junta.

EMISSÁRIO — O destino do homem público é muito espinhoso. Mas todos sabemos disto e não podemos recuar; trata-se de uma vocação.

(Entra Ritinha que avança direta em Padre Damião)

RITINHA — Ah, seo cretino, foi vestir a batina pra ver se escapava. Não escapa, não!

(Esbofeteia Padre Damião)

PADRE DAMIÃO — Dona Ritinha, de que se trata?

RITINHA — Do que se trata, hein? O senhor é um padre safado! **(Para o Emissário)** Imagine, beijou-me na bôca!

EMISSÁRIO — Não é possível! É por estas e outras que a religião anda tão por baixo!

PADRE DAMIÃO — Mais isto é uma calúnia!

EMISSÁRIO — Como é que a moça podia inventar uma história desta?

RITINHA — Vou mandar dizer ao Papa!

PADRE DAMIÃO — Ao Papa?

RITINHA — Você vai ver! **(Sai)**

PADRE DAMIÃO — Realmente não sei o que dizer... Cada um com suas provações...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156, p. 400

B.P.F. SP/RJ - SUPERINTENDENCIA REGIONAL - CENSURA FEDERAL

(Sai Chico apressado de casa de Antônio Cipriano)

CHICO — **(Para o padre)** — Oi, já arranjaste uma batina?

PADRE DAMIÃO — Já arranjei uma batina?

CHICO — Acho melhor a gente dar um fora. Já consegui o que eu queria. Mas aqui pra nós tenho a impressão que a moça é casada mesmo. Pelo menos não é mais donzela. Depois o marido aparece por aí. Vamos? Mas como é que você vai correr com esta batina? **(Padre Damião esbofeteia Chico)** — Que é isto meu irmão? Me estranhando? Você bebeu demais!

EMISSÁRIO — Senhor Prefeito...

CHICO — O senhor também me chamando de Prefeito? O que é que deu nessa gente?

EMISSÁRIO — Senhor Prefeito, exijo uma explicação imediata. Não admito que levem no ridículo um representante da Presidência da República.

CHICO — Quem? Quem é o representante da Presidência da República?

PADRE DAMIÃO — Êle não estava bom da cabeça!

EMISSÁRIO — O senhor considere-se prêso!

CHICO — Eu? Prêso? Mas o que foi que eu fiz?

EMISSÁRIO — Uma autoridade que não impõe...

CHICO — **(Para padre Damião)** Você vai ficar aqui?

PADRE DAMIÃO — Claro que vou ficar aqui.

CHICO — Então, adeus! **(Sai correndo)**

EMISSÁRIO — **(Correndo atrás)** Polícia! Polícia!

D.P.F. - S/R/RJ - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL
CENSURA FEDERAL

(Entra dona Cosma)

DONA COSMA — Senhor padre...

PADRE DAMIÃO — O que é dona Cosma?

DONA COSMA — O senhor viu a safada da égua?

PADRE DAMIÃO — Não, dona Cosma.

DONA COSMA — A safada fugiu. Mas eu vou atrás. O senhor sabe, padre Damião, ela não podia fazer isto comigo. Ontem fui ter uma conversa com ela.

PADRE DAMIÃO — Uma conversa com a égua?

DONA COSMA — Uma conversa franca. De mulher para mulher. Queria saber o que é que ela tem que eu não tenho. Falei de coração aberto. Pensei até que tínhamos ficado amigas. E hoje, essa égua do meu ódio, resolveu fugir. Vou atrás. Nem que corra êsse Brasil inteiro mas encontro essa miserável.

(Sai dona Cosma)

PADRE DAMIÃO — Eu devo pegar o primeiro ônibus e ir até o Recife conversar com o arcebispo. Realmente não me sinto capaz de orientar essas almas. Já não consigo mais entender nada do que está acontecendo aqui. Será obra de Deus? Ou será mesmo o capeta?

(Entra Antonio Cipriano)

ANTONIO CIPRIANO — Falando sòzinho, padre Damião?

PADRE DAMIÃO — O Emissário se acalmou?

ANTONIO CIPRIANO — O que é que aconteceu com êle?

PADRE DAMIÃO — Êle não saiu correndo pra prender você?

ANTONIO CIPRIANO — Pra me prender? E por que?

PADRE DAMIÃO — Escute aqui, você bebeu alguma coisa?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p 402

D.P.F. - S/R/RJ - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL
CENSURA FEDERAL

ANTONIO CIPRIANO — O senhor sabe muito bem que eu não sou de bebida! Um homem que ocupa o pôsto que eu ocupo não pode de maneira alguma...

PADRE DAMIÃO — Será que eu estou ficando louco?

ANTONIO CIPRIANO — O senhor não está se sentindo bem?

PADRE DAMIÃO — Antonio Cipriano, responda-me por favor a verdade; você perdoou eu ter lhe esbofeteado?

ANTONIO CIPRIANO — **(Espantado)** — Me esbofeteado?

PADRE DAMIÃO — Sim. Esbofeteado?

ANTONIO CIPRIANO — Não seria melhor o senhor ir descansar um pouco?

PADRE DAMIÃO — Descansar a esta hora do meio dia? E por que? Você acha que estou precisando descansar por que?

ANTONIO CIPRIANO — Nunca faz mal um bom descanso. Êste sol...

PADRE DAMIÃO — Não vamos culpar o sol... Meu Deus, o que será que está acontecendo?

ANTONIO CIPRIANO — Padre Damião, por que o Emissário quer me prender?

PADRE DAMIÃO — Sabe de uma coisa? Eu não sei mais de nada. E não quero saber. E ainda tenho raiva de quem sabe. Muita raiva.

ANTONIO CIPRIANO — Mas o senhor como pároco e talvez meu irmão...

PADRE DAMIÃO — Isto deve ser uma trama muito bem urdida para levar o pastor da casa de Deus para as grades do hospício. Sua cunhada há pouco me esbofeteou. Logo depois você...

ANTONIO CIPRIANO — Eu?

PADRE DAMIÃO — Sim. Você. Quer negar? Lembra-se das coisas que me perguntou e me disse na presença do Emissário?

ANTONIO CIPRIANO — Um de nós deve estar fora do seu juízo. Um momento, padre. Não percamos a calma. Deixe-me pensar.

(Afasta-se e fica de costas — entra o Emissário)

EMISSÁRIO — Bem. Temos que pensar num Prefeito desde que o outro se encontra prêso.

PADRE DAMIÃO — O senhor prendeu Antonio Cipriano?

EMISSÁRIO — Que outra coisa eu poderia fazer? Tenho ordens expressas do Presidente para fazer impor o princípio da autoridade. O que fêz o Prefeito desde a minha chegada? Confundir-me e confundir tôdas as pessoas. Se êle está louco que vá para um hospício. Mas transformar esta cidade, a Princesa do Nordeste, num vasto hospício isto é que não. Temos que estar bem atentos pois o dedo da subversão está sôlto por aí. **(Antonio Cipriano vira-se)** O que é que o senhor está fazendo aqui?

ANTONIO CIPRIANO — Querendo ver se consigo almoçar de uma vez por tôdas. Já passou da hora **(Grita)** Rosinha!

EMISSÁRIO — O senhor subornou os guardas da cadeia!

ANTONIO CIPRIANO — Que guardas? E de que cadeia?

EMISSÁRIO — A cadeia, onde deixei o senhor prêso.

ANTONIO CIPRIANO — Eu? Prêso?

EMISSÁRIO — Acho melhor o senhor voltar para lá. As consequências disto tudo podem ser terríveis.

ANTONIO CIPRIANO — O senhor tem certeza de que está se sentindo bem?

EMISSÁRIO — O senhor quer insinuar o que? Que eu estou louco?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p.402

(Entra Rosinha)

ROSINHA — **(Com profundo ar de felicidade)** Que deseja senhor meu marido?

ANTONIO CIPRIANO — Almoçar.

ROSINHA — De novo?

ANTONIO CIPRIANO — De novo como?

ROSINHA — E nós já não almoçamos?

ANTONIO CIPRIANO — Você também, Rosinha?

ROSINHA — Eu também o que?

EMISSÁRIO — Seu marido, minha senhora...

ANTONIO CIPRIANO — Cale-se! Eu estou falando...

EMISSÁRIO — O senhor ousa mandar calar-se um representante...

ANTONIO CIPRIANO — Ouso sim! Cale-se. E fique muito caladinho aí. Vamos esclarecer isto tudo de uma vez por tôdas. O senhor diz que me prendeu, não é verdade?

EMISSÁRIO — Exatamente. E tenho testemunhas.

ANTONIO CIPRIANO — O senhor, padre Damião, diz que me esbofeteou?

EMISSÁRIO — E na minha frente.

ANTONIO CIPRIANO — Você, minha mulher, diz que eu já almocei.

ROSINHA — E não almoçou meu amor? Você, eu, Ritinha e o safado dêste padre que andou tirando atrevimentos com a pobre da minha irmã!

PADRE DAMIÃO — Ela também!

ANTONIO CIPRIANO — Alguém aqui está louco! E como não sou eu o louco eu digo: Merda! Merda pra vocês todos!

ROSINHA — Antonio!

EMISSÁRIO — Esta é demais!

(Entra um guarda aflito)

GUARDA — O povo invadiu a cadeia e tirou o Prefeito de lá!

EMISSÁRIO — Eu bem que sabia! E o senhor aqui tentando me confundir. Sabe o que é isto? É a subversão total da ordem. É comunismo!?

ANTONIO CIPRIANO — **(Puxando um revólver)** Agora eu percebi tudo. Realmente há um movimento subversivo aqui. Mas é dirigido contra mim. Todos uniram-se contra a autoridade do Prefeito. Até a minha mulher. Mas eu saberei me defender. Guarda, prenda aquêle homem ali.

GUARDA — Mas senhor Prefeito, êle disse que é representante do Presidente.

ANTONIO CIPRIANO — Deve ser mentira. Com certeza é algum agitador a serviço de alguma potência estrangeira.

GUARDA — Dos russos?

ANTONIO CIPRIANO — Ou dos chineses, ou dos franceses, ou dos alemães, que sei eu? Mas só pode ser isto. Prenda-o imediatamente!

PADRE DAMIÃO — Antonio, meu irmão...

ANTONIO CIPRIANO — Agora é que o senhor se lembra que eu posso ser seu irmão... Mas é um pouco tarde! Depois de ter aderido aos meus inimigos. Não, não e não. Vai também para a cadeia!

GUARDA — Até o padre, senhor Prefeito?

ANTONIO CIPRIANO — Até o padre! Não é o primeiro a ser prêso, nem será o último. Todos podem ser presos em nome da lei; até mesmo o cavalo.

(O guarda vai amarrando as mãos do padre Damião e do Emissário)

PADRE DAMIÃO — Que tôda esta humilhação seja pelo amor de Nosso Senhor Jesus Cristo.

ROSINHA — Agora o senhor se lembra de Nosso Senhor Jesus Cristo. Mas quando estava querendo xambregar com a minha irmã...

PADRE DAMIÃO — Meu Pai, Meu Pai, êles não sabem o que estão dizendo nem o que estão fazendo.

EMISSÁRIO — Exijo imediatamente um advogado.

ANTONIO CIPRIANO — Terá o advogado. Mas vai para a cadeia. Basta as confusões que já me causou. **(O guarda sai com padre Damião e o Emissário)** E agora nós, minha querida espôsa.

ROSINHA — Hoje foi um dia tão feliz para mim, Antonio. Há quanto tempo a gente não ficava junto.

ANTONIO CIPRIANO — Quando é que nós dois ficamos juntos hoje, senhora minha mulher?

ROSINHA — Então não está lembrado?

ANTONIO CIPRIANO — Claro que não posso me lembrar de uma coisa que não aconteceu?

ROSINHA — Então quem foi que almoçou comigo e depois...

ANTONIO CIPRIANO — **(Com angústia crescente)** — e depois?

ROSINHA — ... e depois, ora, você sabe muito bem o que aconteceu depois!

ANTONIO CIPRIANO — Então quer dizer que eu sou um côrno?

ROSINHA — Como o senhor ousa dizer uma coisa desta?

ANTONIO CIPRIANO — Se você estêve com alguém então eu sou um côrno. Se eu tenho certeza que não fui eu!

ROSINHA — Estou percebendo o que você quer fazer. Quer me convencer que estou louca para me internar num hospício e então poder fazer o que bem entender. Com cer-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p.403

D.P.F. CR/RJ - SUPERINTENDENCIA REGIONAL - CENSURA FEDERAL

teza tem alguma sirigaita metida nisto tudo. Claro que tem algum rabo de saia por trás disto tudo. Senhor meu marido, não precisa recorrer a um processo tão vil. Se eu sou demais em sua vida, pode dizer, que eu vou embora. Também tenho meu orgulho. Não vou querer ficar junto do senhor se na realidade não possuo mais o seu amor.

ANTONIO CIPRIANO — Não vamos confundir mais isto tudo. O que eu quero saber é se você insiste em dizer que almocei com você hoje e depois... e depois...

ROSINHA — Claro que insisto pois é a pura verdade.

ANTONIO CIPRIANO — Então você está realmente louca, ou então... ou então está fazendo parte dessa maldita conspiração que quer me tirar da Prefeitura. Uma das duas coisas. E só existe dois caminhos: o hospicio ou a cadeia!

ROSINHA — **(Gritando)** Socorro! Socorro! Socorro!

ANTONIO CIPRIANO — Que escândalo é êste? Estou batendo em você?

ROSINHA — Você pensa o que? Que vai me mandar para o hospício ou para a cadeia sem que eu faça nenhum protesto? Socorro! Socorro!

(Aparecem Antonio das Almas, as beatas, Sacristão e habitantes de Caruaru, Biu)

ANTONIO DAS ALMAS — Agora o senhor também bate em mulheres indefesas?

(Agarram Antonio Cipriano)

BIU — Oi, Chico, o que é que você fêz?

ANTONIO CIPRIANO — E você não está prêso?

BIU — Eu? Prêso? Eu estava casando a filha daquele senhor com um cavalo muito esquisito.

ANTONIO DAS ALMAS — É verdade. Consegui con-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. OLSC, p. 404

D.P.F. CR/RJ - SUPERINTENDENCIA REGIONAL - CENSURA FEDERAL

vencer o padre a casar minha filha com o cavalo que tem cabeça de gente.

BIU — Êles cismaram que eu sou padre, Chico. Então, vou casando quem êles quizerem.

ANTONIO CIPRIANO — Mas isto é um sacrilégio. E que história é esta de me chamar de Chico?

BIU — Você não me disse que se chamava Chico?

ANTONIO CIPRIANO — Eu nunca disse isto na minha vida!

BIU — Que descarado!

ANTONIO CIPRIANO — Exijo que me soltem!

ANTONIO DAS ALMAS — De maneira nenhuma. O senhor já mostrou demais não ter nenhuma competência para o cargo que ocupa. E diante das ameaças físicas à sua santa espôsa...

ROSINHA — Mas eu não quero que êle seja prêso!

ANTONIO DAS ALMAS — Mas vai ter de ser! Êste é um momento de maior importância para a Historia de Caruaru e talvez para a História do Brasil: a Oposição toma o Poder.

ANTONIO CIPRIANO — Isto não pode ser!

SACRISTÃO — **(Para Rosinha)** — Vou dar um jeito. A senhora não se avexe. O sino vai salvar o Prefeito.

(Sai o sacristão)

ANTONIO DAS ALMAS — Quero que todos saibam que de agora por diante a Justiça e a Liberdade voltaram para a nossa cidade. Como primeira providência mandarei buscar no Recife um poderoso guindaste.

(Ouve-se o sino tocando com violência. Balburdia geral)

VOZES — O que terá acontecido?
Será incêndio?

O fim do mundo!
Meu Deus, socorrei-nos!

(A cena escurece — grande correria — o sino continua tocando. Antonio Cipriano encontra-se com Chico e ambos dão um grito. Chico desmaia, Antonio Cipriano sai correndo — O mesmo acontece com Bit e o padre Damião — O padre desmaia e Biu sai correndo — Rosinha que assistiu o encontro de Chico e Antonio Cipriano também desmaia — Há um momento de silêncio. Só o sino toca. Entram as duas velhas)

PRIMEIRA VELHA — Que lugar será êste cheio de tanto grito e escuridão?

OUTRA VELHA — Devia ser Caruaru. Mas pelo visto é a terra onde o demônio perdeu as botas.

PRIMEIRA VELHA — Ah, que sina será esta que nos fêz deixar as nossas casas em busca dos filhos fujões e virmos dar, as duas, no meio dêste inferno?

OUTRA VELHA — Veja! Quantos mortos...

PRIMEIRA VELHA — **(Agarrando-se ao padre Damião)** — Biu, Biu, filho meu!

OUTRA VELHA — **(Agarrando-se a Chico)** — Chico! Chico!

PRIMEIRA VELHA — Desgraçada de mim!

OUTRA VELHA — Ai, desventurada!

(Vai entrando Antonio Cipriano)

OUTRA VELHA — O que é isto? Vai, Satanaz! Que visagem é esta que pretende alucinar a minha vida? Não estás morto, ó Chico?

ANTONIO CIPRIANO — Quem é a senhora? O que faz aqui?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.01S6,p.405

OUTRA VELHA — Então você não me conhece mais, filho meu? Será que os mortos não se lembram dos vivos? Nem mesmo de suas mães? Volta para as profundas! Volta! Deixa em paz esta pobre mãe para que possa chorar a morte de seu filho!

(Rosinha acorda e assiste o que se segue)

ANTONIO CIPRIANO — Esta mulher estará louca?

(Chico começa a se mexer — A outra velha dá um grito)

OUTRA VELHA — Será que posso ter esperança? Será que êste é um dia milagroso? Chico! Chico!

CHICO — Sim, mãe. mãe. Minha mãe.

OUTRA VELHA — E você deve ser o outro filho meu, o filho que eu dei a uma cigana num dia de muita fome e desespêro!

ANTONIO CIPRIANO — Mãe! É meu irmão! Gêmeo! Agora está tudo explicado...

ROSINHA — Desgraçada de mim!

(Desmaia novamente)

PRIMEIRA VELHA — Como invejo a sua sorte, minha amiga. E eu pobre de mim, o filho morto... e ainda vestido de padre. Devia estar usando disfarce para se livrar de alguma estrepolia...

(Entra Biu)

PRIMEIRA VELHA — Biu!

BIU — Mãe!

PRIMEIRA VELHA — Então êste outro... Ó que dia cheio de felicidade: **(Padre Damião)** E êle está vivo!

(A cena escurece totalmente — luz na casa de Antônio das Almas — turistas)

ANTONIO DAS ALMAS — Venham ver os grandes prodígios. Venham todos! A mulher mais alta do mundo casada com o cavalo com cabeça de gente; na casa ao lado, a mulher mais gorda do mundo, que come dois bois por dia e 100 pacotes de macarrão; e na Prefeitura um contador contará para todos a história lancinante de dois casais de gemê-

os que foram separados na infância e se encontraram depois de muita desventura. Venham! Venham todos! Os maiores prodígios de uma época extraordinária na terra mais feliz do mundo: O Nordeste brasileiro! Um dólar. Um dólar, por favor. Só aceitamos pagamento em dólar. Um dólar... Um dólar...!

PANO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.01.56,p.406

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0L56, p.407

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS/SR/DPF/RJ =

PARECER Nº 2162

DATA: 03/12/82

TÍTULO: "O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU"

AUTOR: ALDOMAR CONRADO

GÊNERO: COMÉDIA

CLASSIF. ETÁRIA: 16 ANOS SEM CORTES

JUSTIFICATIVA DA IMPROPRIEDADE: CONFLITOS MORAIS
UTILIZAÇÃO DE EXPRESSÕES CHULAS

O texto em questão já foi anteriormente examinado por este SCDP (Processo nº 083/77) e por este motivo procedemos / ao exame comparativo, tendo constatado que o texto, anterior e atual, conferem na íntegra.

Trata-se de comédia ambientada no nordeste. Dois / homens são figuras respeitáveis em sua comunidade (prefeito e padre). Enquanto isso seus irmãos gêmeos fugidos por envolvimentos/ com mulheres casadas, chegam à cidade.

A semelhança física existente entre o padre, o prefeito e os dois recém chegados, faz com que se criem situações embaraçosas, uma vez que o tratamento pouco cerimonioso dispensado/ às mulheres locais, passam a ser imputados ao padre e ao prefeito.

O surgimento de fenômenos anormais, tais como, o / nascimento de um cavalo com cabeça de gente, cujos olhos azuis levam a esposa do sacristão a desconfiar deste com uma égua; o crescimento exagerado de uma jovem que ultrapassa a altura dos telhados; a fome insaciável de uma senhora, que de tanto comer já não/ cabe na sala, acarretam conflitos políticos que culminam com a /. vinda de um emissário da Presidência da República para apurar os fatos.

O tom cômico aplicado ao texto faz com que as situações, por mais irreverentes, apareçam atenuadas. Por este motivo, apesar de já haver um certificado liberatório (nº 083/77, com impropriedade para menores de 18 anos e com vários cortes:- pgs. 28, 50, 51, 54, 55, 56, 59, 63, 66, 68 e 71), vencido em 25 de abril de 80, opinamos pela liberação para maiores de 16 anos, sem cortes, uma/ vez que atualmente não se justificam os cortes anteriormente determinados, condicionado ao ensaio geral.

Rio de Janeiro, 03 de dezembro de 1982

Paulo César de Oliveira Santos
Técnico de Censura

Bel. Maria José de Moura
Censura - SCDP/SR/RJ
Mat. 0.079.872

MARIA APARECIDA DOS S. R. NOBRE
Técnica de Censura
Mat. 000400

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 408

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS /SR/DPF/RJ -

PARECER Nº 106

DATA: 18/01/83

TÍTULO: " O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU "
(ENSAIO GERAL)

AUTOR: ALDOMAR CONRADO

GÊNERO: COMÉDIA

CLASSIF.ETÁRIA: 16 ANOS - SEM CORTES

JUSTIFICATIVA DA IMPROPRIEDADE: LINGUAJAR CHULO E CENAS MALICIOSAS

Cumprindo determinação da chefia, comparecemos ao Teatro do América, no dia 17 de janeiro de 83, às 16:00 horas, para proceder ao ensaio geral da peça em epígrafe e constatamos estar em conformidade com o texto, anteriormente examinado por / este SCDP.

Trata-se de comédia ambientada no nordeste, / narrando as aventuras de irmãos gêmeos, que separados na infân-/ cia, encontram-se já adultos, dando origem a mal entendidos e mui tas confusões.

O cenário é composto por um painel no fundo / do palco, retratando a cidade de Caruaru, com suas casas, igreja, / praças, etc... Vários objetos são introduzidos de acordo com a / cena, tais como: - cama, bancos, caldeirão, casa, barraquinhas de / feira-livre, instrumentos musicais, cordas, etc. O riacho é um sim/ ples pedaço de pano azul.

Roupas típicas do sertanejo nordestino e al-/ guns personagens com vestes folclóricas e espalhafatosas.

A marcação apoia-se no visual, com intensa movimentação no palco e rápidas entradas e saídas de cena. Alguns/ gestos grosseiros e maliciosos e linguajar vulgar, atenuados pelo tom cômico do espetáculo. Apresenta ainda, danças típicas como o xaxado, músicas de forró e literatura de cordel.

Iluminação atrvés de spots coloridos, com foco de luz para realçar personagens em cena.

Pelo exposto, ratificamos a impropriedade sugerida por ocasião da leitura do texto ou seja - 16 (dezesseis) anos, sem cortes.

Rio de Janeiro, 18 de janeiro de 1983

Bel. Mauro de Miranda Montenegro Martins
Téc. Censura - SCDP/SR/RJ
Mat. 022.286

Irigoié Rosa Pedrosa

MARIA APARECIDA DOS S. R. NOBRE
Técnica de Censura
Mat. 022.120

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p.409

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 010/83/RJ

PROVI ÓRIO

PEÇA " O APOCALIPSE ou O CAPETA DE CARUARÚ "

ORIGINAL DE ALDOMAR CONRADO

JUSTIFICATIVA DA IMPROPRIEDADE: LINGUAJAR CHULO E CENAS MALICIOSAS.

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

PROIBIDO PARA MENORES DE 16 ANOS

VÁLIDO ATÉ 18 de MARÇO de 19 83

RJ.
~~Brasília~~, 18 de JANEIRO de 19 83

Bel. HÉLIO GUERRERO
Chefe do SCDP/SR/RJ
Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 420

M.J-D.P.F

CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada " O APOCALIPSE ou O CAPETA DE CARUARU "

Original de ALDOMAR CONRADO

Tradução de

Adaptação de

Produção de

Requerida por JOSÉ ROBERTO

Tendo sido censurada em 18 de JANEIRO de 1983 e recebido a seguinte classificação: 16 ANOS/. CONDICIONADA AO ENSAIO GERAL/. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO POR ESTE SCDP/SR/RJ.

RJ ~~Brasília~~, 18 de JANEIRO de 1983

Sgt. Helio Fernandes da Silva
T. Censura
Chefe do Serviço de Censura
Mat. 2.405.318

DPF-150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 411

TEATRO

TÍTULO O Apocalipse ou O Capeta de Carmaru
Autor: Aldomar Conrado

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 16 anos
Praça SCDP / SR / RJ
Obs.:

DF. 31 / 01 / 83 /

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura
Técnico de Censura
Data prazo Exame de / / a / /
DF. / /

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de 16 (dezesseis) anos, sem cortes, condicionada ao exame do ensaio.
Obs.: Cert. Provisório - SR / RJ
Brasília-DF, 31 de 01 de 1982

Hellé Prudente Carvalhedo
Matr. 2 415 791

Brasília – DF de de 1.97

S.I. - Linguajar chulo
Cenas maliciosas

Obs Redução de impropriedade - Eliminação de cortes

4) SERVIÇO DE CENSURA

Á consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de para o qual os censores propõem a classificação etária de 16 Anos.
Brasília-DF, 08 de 02 de 1983

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 08 / 02 / 1983

Solange M. T. Hernandes
Diretora da DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p.412

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Brasília, DF.

Em 11 de fevereiro de 1983

OF. Nº 298/83-SE/DCDP

Do : Diretora da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Ao : Sr. Chefe do Serviço de Censura da SR/ RIO DE JANEIRO

Assunto :

Senhor Chefe:

De acordo com a Portaria nº 017/78-DCDP, de 13 de julho de 1978, e em atenção ao (s) ofício (s) em referencia, encaminho a V. Sa. as 1a. e 2a. vias do (s) certificado (s) de Censura da (s) peça (s) teatral (is):- "O ESPANTALHO SOLITÁRIO" de Antonio Dominguez Martinez; "A ARCA DA MÔNICA" de Joilson Pessanha da Silva e Maria Alice da Rocha Moreira; "O POVO DA CANALHA" de Milton Reis da Cunha Junior; "O SAPO DURÃO" de Antonio Dominguez Martinez e Maria Mercedes de Oliveira; "O AVESSO" de André Marcílio Ferreira; "GODSPELL" de John Michael Tebelak; "O CORDÃO UMBILICAL", de Mario Alberto Prata e "O APOCALIPSE ou O CAPETA DE CARUARU" de Aldomar Conrado.

Atenciosamente,

Solange M. T. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP

DPF - 155

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0251 p. 413

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 190

PEÇA " O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU "

ORIGINAL DE ALDOMAR CONRADO

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO
LINGUAGEM CHULO E CENAS MALICIOSAS

VÁLIDO ATÉ 08 de FEVEREIRO de 19 88

Brasilia, 08 de FEVEREIRO de 19 83

Solange M. T. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretor da DCDP

16 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZESSEIS ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 414

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU

Original de ADOMAR CONRADO

Tradução de

Adaptação de

Produção de

Requerida por JOSÉ ROBERTO - RIO DE JANEIRO/RJ -

Tendo sido censurada em 18 de JANEIRO de 19 83 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS, CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Brasília, 08 de FEVEREIRO de 19 83

NEI DE OLIVEIRA
Chefe do Serviço de Censura

DPF-150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p.415

3 Cópia

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL 00443

MJ - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL/CE

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Ofício nº 35/83-SCDP/SR/CE — Fortaleza, 1º de Junho de 1983

Do: Chefe do SCDP/SR/CE

À : Diretora da DCDP

Assunto: relatório estatístico do mês de Maio/83

Senhora Diretora:

Encaminho a V.Sa. o relatório estatístico referente ao mês de Maio (período de 01 a 31), relatórios de "script" e de ensaio geral, acompanhados dos textos e Certificados Provisórios das peças teatrais "A VIAGEM DO BARQUINHO" de Silvia Ortoff, "O CAPITÃO DE CAMARU" de Aldomar Conrado e "LOBOS & CORDEIROS" ("A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN") de autor desconhecido, tradução de Luiz Hasselmann.

Outrossim, encaminho através do Of. nº33/83 o relatório circunstanciado do festival de música denominado "CANTO LIVRE", cujas letras musicais foram liberadas por este Serviço, e quatro (04) Notificações de Infração.

Aproveito da oportunidade para renovar a V.Sa. os meus protestos de consideração e apreço.

Francisca Iêda A. Fernandes
Chefe do SCDP/SR/CE

SR/DPF/CE - Cód. 011.222 - Papel Aperg. 24 Kg. Branco - 20000 fls. - Dim. 297x210 mm - 02/81

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 426

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

LUIZ HAROLDO CAVALCANTE SERRA
REQUERENTE

Brasileiro, FUNC. PÚBLICO
NACIONALIDADE PROFISSÃO

Carteira de Identidade 204.903 SSP. CE
N.º E ÓRGÃO EXPEDIDOR

residente e domiciliado à RUA TAVARES COUTINHO 800/400

, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a(s) peça abaixo relacionada(s),
ESPÉCIE

de autoria de: ALDOMAR CONRADO

"O CAPETA DE CARVARÚ"
TÍTULO(S)

Nestes termos,

Pede deferimento

Fortaleza 28 de março de 1983
LOCAL E DATA

L. V. C. Serra
REQUERENTE

Anexos: 3 (TRÊS) TEXTOS DA PEÇA
C/ AUTORIZAÇÃO DA SBAT

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, IP. 417

1 — EMPRESA OU GRUPO (Se houver)

Nome: COMÉDIA CEARENSE ..... CGC: .....

Sede: TAVARES CAVTINHO 800/400 .....

..... CEP: 60.000

Diretor ou Responsável: LUIZ HAROLDO C. SERPA .....

2 — DADOS DO AUTOR

Nome: .....

Pseudônimo: ..... Filiação: .....

.....

Nacionalidade: ..... Naturalidade: .....

Data do Nasc.: ..... Identificação: .....

..... Estado Civil: .....

Profissão: .....

Endereço: .....

..... CEP: .....

3 — PARCERIA

Nome: .....

Pseudônimo: ..... Filiação: .....

.....

Nacionalidade: ..... Naturalidade: .....

Data do Nasc.: ..... Identificação: .....

..... Estado Civil: .....

Profissão: .....

Endereço: .....

..... CEP: .....

Nome: .....

Pseudônimo: ..... Filiação: .....

.....

Nacionalidade: ..... Naturalidade: .....

Data do Nasc.: ..... Identificação: .....

..... Estado Civil: .....

Profissão: .....

Endereço: .....

..... CEP: .....

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (exetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: 28 de março 1983

L. V. C. S.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 418

AUTORIZO O EXAME DA PEÇA
PELA CENSURA
Judy Fauth
REPRESENTANTE - SBAT - CE

NÃO REPRESENTAMOS O
AUTOR INDICADO
Judy Fauth
REPRESENTANTE - SBAT - CE

M.J. DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SCDP
SR/CE

Onde o autor pede empresadas algumas idéias ao seu irmão inglês William Shakespeare e desde já agradece

Uma encruzilhada. Árvores sêcas. Trovões. Relâmpagos. Três bruxas em tôrno de um caldeirão que ferve.

PRIMEIRA BRUXA — Um pimentão...
SEGUNDA BRUXA — Um galho de avelós...
TERCEIRA BRUXA — E um de mangericão...
SEGUNDA BRUXA — Três dentes de dois avós...
PRIMEIRA BRUXA — Esperma de burro ladrão...
TERCEIRA BRUXA — Mijo de mulher parida
Em noite de São Sebastião.

AS TRÊS BRUXAS — Bão ba la lão
Bão ba la lão
Lão Lão Lão.

PRIMEIRA BRUXA — A mistura está feita; agora é saber aplicá-la.

SEGUNDA BRUXA — Eu saberei como aplicar. O ódio é meu; a vingança será minha também. Mulher safada aquela. Numa noite tão gelada, eu com êstes trapos mal cobrindo o corpo, a vassoura quebrada, e a quenga foi incensar a casa com incenso bento por bispo, para que eu tivesse de sair pela noite afora tremendo no meu frio e na minha pobreza.

TERCEIRA BRUXA — Maus tempos aqueles em que uma bruxa não pode nem conseguir uma vassoura nova.

SEGUNDA BRUXA — Faço questão, irmãs, de eu mesma ser a portadora dêste líquido infernal que vai terminar com a paz dessa mulher famigerada.

PRIMEIRA BRUXA — E você tem direito. Toma, irmã. Vai e semeia a discórdia, o desassossêgo...

A segunda bruxa segura o caldeirão

TERCEIRA BRUXA — E que seja vigorosa no seu desejo. Aqui ficamos nós com as nossas orações mais fortes e todo o vigor de nosso ódio, unidas, para que o seu desejo se realize. Mas há que saber escolher.

SEGUNDA BRUXA — Já sei que vai ser. Ela terá, na penúltima noite da oitava lua nova, um casal de gêmeos. Três dias depois, uma cigana baterá à sua porta.

Luz numa porta de casebre
Cigana bate na porta

VOZ DE MULHER (dentro do casebre) — Entre, por favor, se é de paz. Estou sozinha, parida de sòmente três dias.

A cigana entra no casebre

SEGUNDA BRUXA — Ela vai dar a mão para que a cigana leia sua sorte. A cigana dirá que aquela noite mesma o marido vai chegar corregado numa rêde, com o corpo furado por vários balaços. Ela grita.

Ouve-se o grito da mulher

SEGUNDA BRUXA — Desmaia. A cigana vê as duas criançinhas machas, gêmeas e lindas. Então a cigana decide: uma será minha. E carrega uma das criançinhas.

A cigana sai do casebre carregando uma criança e foge.
As três bruxas gargalham violentamente

AS TRÊS BRUXAS — Foi assim, foi assim mesmo

foi assim que aconteceu
roubaram o filho da quenga
e a quenga quase morreu
o marido chegou morto
e a quenga quase morreu
mas por ordem, ordem minha
ela teve que viver
p'ra nesta terra de sangue
sofrer o que fez sofrer.

As bruxas saem em grandes pulos
Cai um cartaz: "Vários anos depois"
Biu sai do casebre seguido da Velha

VELHA — Eu vivi avisando, não foi? Vivia dizendo: Biu não se meta com rabo de saia, que você não pode. Eu sou velha, sem ninguém, preciso de um arrimo na vida. O seu outro irmão, o diabo levou, não sei se vive ou morto está. Só tenho a você no mundo. Mas quem disse que me ouviu? Foi como se eu tivesse dito exatamente o contrário. Ai, que destino o meu. Pobre ser desvalido. Viver p'ra que, Deus meu? Ver um filho roubado aos três dias de parido, e agora a suprema desventura de ver o outro fugir, e por que? e por que? Por safadeza. Meter-se com mulher casada. Se você não fôsse meu filho eu lhe chamava de filho da mãe.

BIU — Eu quero sua bênção, mãe.

VELHA — Benção minha não vai ter. Não amaldiço-o nem rogo praga, porque é carne das minhas entranhas. Mas desejar bem também não posso. Vai, segue seu destino de maldição, e lembra que fica uma mãe abandonada, chorando lágrima e sangue... Vai. Vai. Se tem que ir por que não vai logo?

BIU — Sua bênção, mãe.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0.156, p. 419

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156,p 420

M.J. DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL SCDP SR/CE

VELHA — E como não dar a benção? Coração de mãe não foi feito para o ódio. O filho erra e a gente continua amando. Vai, meu filho, que Deus lhe acompanhe cada passada. E lembra de mim se a sorte fôr benfazeja.

(Abraça-se com Biu e chora)

BIU — Até a volta, mãe. A gente ainda vai se encontrar

VELHA — Que todos os anjos lhe acompanhem.

Biu sai correndo
A velha chora
As três bruxas em cima de uma árvore a tudo assistem e dão uma risada terrível

Um cartaz: "onde se volta ao dia que a cigana roubou o menino"
Cigana bate na porta de um outro casebre

VOZ DE OUTRA MULHER — É de paz?
A CIGANA — De tôda paz

Aparece a outra mulher com dois filhos nos braços

A CIGANA — Gêmeos?
A OUTRA MULHER — Tive há já quinze dias. Imagine só. Uma pobreza tanta e duas bôcas para sustentar.
A CIGANA — Quer me dá um? Tenho um filho único e me preocupo; dizem que filho sòzinho termina virando mofino. Já nem consigo dormir.
A OUTRA MULHER — A senhora está falando deveras?
A CIGANA — Verdade verdadeira.
A OUTRA MULHER — Então, tome. Pode escolher.
A CIGANA — Qualquer um serve.

A OUTRA MULHER — Tome êste aqui; é o que tem mais fome. Ó boquinha insaciável.
A CIGANA — Dia feliz o de hoje; dois filhos sem precisar ter parido.

(Pega a criancinha e sai)

Cartaz: "onde se repete um pouco p'ra poder continuar

Luz no casebre de Biu

VELHA — Vai. Vai. Se tem que ir por que não vai logo?
BIU — Sua benção, mãe.
VELHA — E como não lhe dar a benção? Coração de mãe não foi feito para o ódio. O filho erra e a gente continua amando. Vai, meu filho, que Deus lhe acompanhe cada passada. E lembra de mim se a sorte lhe fôr benfazeja.

(Abraça-se com Biu e chora)

BIU — Até a volta, mãe. A gente ainda vai se encontrar.
VELHA — Que todos os anjos lhe acompanhem.

Biu sai correndo
A velha chora
As três bruxas em cima de uma árvore a tudo assistem e dão uma risada terrível

PRIMEIRA BRUXA — Vejam, vejam.
AS DUAS OUTRAS BRUXAS — O que? O que?
PRIMEIRA BRUXA — Naquela outra cidade ... Que estranho. Acontece a mesma coisa.

Luz no outro casebre
saem Chico e a outra velha

OUTRA VELHA — Eu ainda lhe mato. Eu ainda lhe mato, desgraçada.

CHICO — Mãe, a senhora precisa compreender.

OUTRA VELHA — Compreender o que? A tua safadeza? Não vivi avisando? Que essas mulheres daqui só podem arranjar confusão? Ah, desgraçado, às vêzes tenho vontade que o marido dela lhe pegue e lhe cape, e só assim eu ia ter sossêgo no fim da minha vida.

CHICO — Mãe tá dizendo isso de brincadeira. Desdiz, mãe, por favor.

OUTRA VELHA — Não desdigo coisa nenhuma. Ah, Deus meu, o que vai ser de mim? Sòzinha no fim dos meus dias. Por que eu não dei você em lugar do outro? Quem sabe o outro não é um homem de bem que faz a felicidade daquela maldita cigana?

CHICO — Mãe, eu vou ter que ir embora. Mas antes, mãe vai desdizer, aquilo, pela hostia consagrada.

OUTRA VELHA — **(Agarrando-se a Chico)** — Ó filho meu, que vão ser dos meus dias, sem nenhum amparo?

CHICO — Mãe, o marido pode aparecer de repente e eu estou atolado. Êle contratou três cabras p'ra liquidar com os meus dias.

A OUTRA VELHA — Vai e que Deus lhe ilumine.

Chico beija a outra velha e sai correndo

A outra velha chora
Escurece
Luz

Cartaz: "O grande encontro de Chico e Biu"
Biu e Chico entram correndo, encontram-se e caem no chão

CHICO — Oi, que pressa dos diabos.

BIU — E a sua não é igual?

CHICO — Tou fugindo do marido de uma namorada minha.

BIU — Eu também.

CHICO — Você também está fugindo do marido de uma namorada?

BIU — Pois não é?

CHICO — Eita, quanto destino de côrno nêste mundo de Deus.

BIU — Você vai p'ra onde?

CHICO — P'ra cidade mais longe que eu encontrar

BIU — Podemos ir juntos.

CHICO — Topo.

BIU — Então topado está.

CHICO — Tenho aqui uma caninha. Quer um gole?

BIU — Ora se não.

Bebem

CHICO — Um, dois, três?

BIU — Correr enquanto é vez.

Saem correndo
Cartaz: FIM DO PRÓLOGO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p.421

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p422

M.J. DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SCDP
SR/PE

CENA I

Onde se apresenta uma cidade grande do agreste pernambucano com alguma crítica dos costumes

Quarto da agonizante

Ao lado da cama Antônio Cipriano, sua mulher Rosinha, padre Damião, Rita, cunhada de Cipriano, duas beatas e o sacristão.

A AGONIZANTE — Meu filho, eu vou ter de revelar um segrêdo.

(Os personagens entreolham-se)

ANTÔNIO CIPRIANO — Mãe, acho melhor não falar muito. A senhora precisa de descanso. O médico recomendou repouso absoluto. Nós todos vamos sair e só Rosinha vai ficar aqui. A senhora tem que descansar.

A AGONIZANTE — Não, meu filho. Não me deixe agora. Sinto que a vida está me deixando. E não tenho mêdo. Antes de me confessar para receber a extrema-unção tenho de contar para vocês um terrível segrêdo. Você, Antônio Cipriano, você não é meu filho!

(Interjeições de espanto)

ANTÔNIO CIPRIANO — Como?

A AGONIZANTE — Não é meu filho. Depois de dois anos de casada, sem ter nenhum filho, conheci uma cigana que veio ler a minha mão. Nunca acreditei muito nestas coisas, mas nesta tarde, que o bom Deus me perdôe, mandei a cigana entrar. Queria saber se ainda viria a ter um filho. A cigana vinha acompanhada de dois garotinhos, com três anos mais ou menos, e dizia que eram seus filhos. Percebi logo que não eram. Todos nós sabemos que essas mulheres nunca têm filhos e vivem de roubar as crianças dos outros. Imediatamente fiquei encantada por uma das crianças. E me veio aquele desejo de tê-lo como filho. Tentei convencer a cigana de me dar o menino. Mas a cigana riu muito e disse que não. Dei minha mão para a cigana ler. Quase que de repente, ela levanta-se com uma expressão de pavor no rosto e grita para mim: Você vai ser minha assassina. A minha assassina. E ficou repetindo aquilo cada vez mais alto. Fiquei com medo que os vizinhos ouvissem e avancei para ela. Ela continuava gritando. Consegui tapar-lhe a bôca, mas não sei se com muita fôrça ou se por muito tempo... O certo é que a cigana morreu debatendo-se nos meus braços.

ANTONIO CIPRIANO — Mãe! **(À parte)** Mas que mãe?

A AGONIZANTE — Meu marido, que Deus o tenha em sua Santa guarda, era delegado então e conseguiu que ninguem soubesse do que tinha acontecido. Viajei para o Recife onde passei dois anos. Uma das crianças era você e desde então criei como se fôsse filho das minhas entranhas. A outra...

PADRE DAMIÃO — Fale. Fale...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. OLS6, p. 423

A AGONIZANTE — A outra era você, padre Damião, que entreguei à minha pobre irmã que não tinha filhos também.

ROSINHA — Meu Deus!

(A agonizante desmaia. Todos choram. Antonio Cipriano e Padre Damião estão de frente e têm o espanto no rosto)

PADRE DAMIÃO — **(Para Antonio Cipriano)** — Senhor prefeito, queira aceitar minhas condolências...

ANTONIO CIPRIANO — Senhor prefeito? É assim que me trata?

PADRE DAMIÃO — E que outro tratamento?... Sim... Outro tratamento sim. Meu irmão! Meu irmão!

(Os dois abraçam-se — as mulheres cercam os dois rapazes)

PRIMEIRA BEATA — Deus nos reserva cada surprêsa...

SEGUNDA BEATA — São muito intrincados os caminhos de Deus...

ROSINHA — **(Abraçando o padre)** Meu cunhado...

(Abraços efusivos dos personagens)

PADRE DAMIÃO — Temos que nos lembrar da finada...

ANTONIO CIPRIANO — Realmente...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 424

PRIMEIRA BEATA — Que Deus lhe lumie as santas veredas...

SEGUNDA BEATA — Que os santos lhe acompanhem até o Portal da Glória...

PRIMEIRA BEATA — Ave Maria, cheia de graça...

(Rezam todos, com devoção, quando entra violentamente no quarto um rapazote de 15 anos. Todos olham-no com reprovação. O rapazote se benze e grita para o sacristão)

RAPAZOTE — **(Para o sacristão)** Corra, seu Bonifácio, que a sua égua deu cria a um cavalo com cabeça de gente.

RITA — Um cavalo com cabeça de gente?

RAPAZOTE — Sim, dona Rita. É uma coisa de espantar. T'a todo mundo por lá sem saber o que fazer. O cavalo tem nariz, como a gente, queixo como a gente, e olhos azulados.

PRIMEIRA BEATA — Cruz Credo!

SEGUNDA BEATA — Só pode ser fim de mundo!

PADRE DAMIÃO — Menino você sabe o que está dizendo?

RAPAZOTE — Sei, sim, seo padre. Eu vi. Vi com êstes dois olhos que a terra vai comer.

ANTONIO CIPRIANO — Temos que tomar providências imediatas. Como prefeito da cidade tenho que pensar nas coisas que vão acontecer. Esta noticia vai correr mundo, virão jornalistas de toda parte.

PADRE DAMIÃO — Temos que ir lá imediatamente.

ROSINHA — Mas, a finada...

RITA — Sim, a finada...

ANTONIO CIPRIANO — A finada? Ora essa! Logo agora ...

SACRISTÃO — Mas, eu tenho que ir. **(Com orgulho)** Foi na minha casa.

PADRE DAMIÃO — Claro que você tem que ir. Um fato dêsse não acontece todos os dias. Com cabeça de gente mesmo?

RAPAZOTE — Por essa luz que me alumia os olhos...

PADRE DAMIÃO — Então é ir...

ANTONIO CIPRIANO — **(Para as beatas)** Vocês ficam velando o corpo.

PRIMEIRA BEATA — Mas nós também queríamos ver o fenômeno.

ANTONIO CIPRIANO — Depois. Alguém tem que ficar velando a finada.

ROSINHA — Claro. A finada não pode ficar sòzinha.

PADRE DAMIÃO — Vamos rápidos.

(Saem todos — a primeira beata fica olhando apavorada para a finada)

Luz no roçado do Sacristão

O cavalo com cara de gente está cercado por Cosma, mulher do sacristão, e alguns curiosos. Entram Antonio Cipriano, padre Damião, Rosinha, Rita, o sacristão, e a segunda beata.

SEGUNDA BEATA — **(Vendo o cavalo)** — Meu Deus! **(Cai desmaiada. Algumas pessoas socorrem a beata)**

COSMA — **(Para o sacristão)** — Você aqui não fica mais!

MJ DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL SCDP SR/CE

SACRISTÃO — Como?

PADRE DAMIÃO — O que houve, dona Cosma? A senhora está nervosa?

COSMA — Nervosa não reverendo. Ofendida. Ofendida no que a mulher tem de mais sagrado.

PADRE DAMIÃO — Mas ofendida em que, dona Cosma? Essas coisas acontecem de tempos em tempos. A senhora não tem culpa, nem o seu marido.

COSMA — Olhe os olhos do cavalo. Reverendo.

PADRE DAMIÃO — Estou vendo, dona Cosma.

COSMA — Está reparando bem, seo padre.

PADRE DAMIÃO — Estou, sim. São estranhamente azuis.

COSMA — **(Puxando o marido)** — E os dêle?

SACRISTÃO — Os meu, como?

PADRE DAMIÃO — Que tem os olhos do seu marido?

COSMA — A cor! A cor!

PADRE DAMIÃO — Azuis, dona Cosma...

COSMA — ... como os do cavalo, Reverendo!

SACRISTÃO — Você tem coragem...

ROSINHA — Dona Cosma, a senhora está nervosa.

COSMA — Que nervosa o quê! Eu sou lá idiota, dona Rosinha. Estou vendo. Estou vendo a semelhança.

ANTONIO CIPRIANO — Não é possível dona Cosma, que a senhora pretenda acusar seu marido de uma infâmia tão grande...

COSMA — Êle sempre teve um cuidado exagerado por aquela égua, seo prefeito. Mas nunca me passou pela cabeça... Como podia passar pela cabeça de mulher nenhuma que seu marido e... e... uma égua!

SACRISTÃO— Essa é demais!

COSMA — Demais, hein seu semvergonha? Eu sempre jurei que nunca seria mulher côrna. E terminei sendo. Côrna de uma égua. Me desculpe o palavreado, Reverendo. Mas não há uma mulher, com brio na cara, que com uma dessas não termine por perder as estribeiras. Com uma égua, dona Rosinha. A senhora se imagine na minha situação. O que a senhora faria no meu lugar? Eu mato êle. Esfolo. Ai, meu Deus. Côrna de uma égua. **(A primeira beata vai voltando a si)**

Como isto foi me acontecer? Ser trocada por uma égua...

SEGUNDA BEATA — Só pode ser fim de mundo!

(Escurece — a luz volta para o quarto da agonizante — a primeira beata reza com nervosismo o seu terço)

A AGONIZANTE — Antonio... Meu filho...

PRIMEIRA BEATA — Irmã... Irmã... Lembra-te de Deus e da Virgem! Volta para as profundas!

A AGONIZANTE — Meu filho... Água... Água...

PRIMEIRA BEATA — Ai, meu Deus, deve ser o fogo do Inferno que está consumindo a finada. Mas por que isto foi acontecer logo comigo: eu nunca fiz mal a ninguém. Ave-Maria, cheia de graça...

A AGONIZANTE — Quem está aí? Marocas?

PRIMEIRA BEATA — Ela lembra do meu nome. Irmã, esquece das coisas da Terra e lembra-te das coisas do Céu.

A AGONIZANTE — Marocas... Um pouco d'agua, pelo amor de Deus. Água senão eu morro.

PRIMEIRA BEATA — E eu posso me levantar? Se pudesse eu saía correndo. Ave Maria, o senhor é convosco...

A AGONIZANTE — Será que eu vou ter fôrça para me levantar?...

PRIMEIRA BEATA — Não se levante não, pelo amor de Deus. Socorro! Socorro! Valei-me todos os anjos e santos... Socorro!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0256,p.425

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0256,p.426

(Entram correndo — Antonio Cipriano, Rosinha, Rita, Padre Damião, o sacristão e a segunda beata)

TODOS — Que houve? Que houve?

PRIMEIRA BEATA — Ela... Voltou do Além...

PADRE DAMIÃO — A senhora está nervosa, dona Marocas, ninguém volta do além...

A AGONIZANTE — Água... Água... Morro de sêde

TODOS — Aiiiiiiii!

PADRE DAMIÃO — Numa situação como esta temos que ter muita calma.

A AGONIZANTE — Morro de sêde...

ANTONIO CIPRIANO — Ela talvez não tenha morrido.

RITA — Como não morreu se estava imóvel e com a palidez na fronte?

PADRE DAMIÃO — Claro que não morreu. Vamos dar água a nossa bôa amiga e render graças a Deus pela sua cura.

(A agonizante levanta-se um pouco da cama com os olhos muito esbugalhados e grita:

A AGONIZANTE — Perdão, cigana! Perdão!

ROSINHA — Ela está falando com a cigana!

Todos ajoelham-se e começam a rezar histéricamente; a agonizante dá um grito e morre.

PADRE DAMIÃO — Creio que desta vez ela faleceu de verdade.

(Aproximam-se da falecida o padre Damião e Antonio Cipriano que examinam-lhe os olhos, auscultam-lhe o coração)

M. J. DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL SCDP SR/8

ANTONIO CIPRIANO — Morreu na verdade!

PADRE DAMIÃO — Que Deus se compadeça de sua alma!

RITA — Oremos.

(Irrompe com violência no quarto o rapazote)

RAPAZOTE — Seo prefeito! Seo prefeito!

ANTONIO CIPRIANO — O que foi que aconteceu? Será que a gente não pode mais chorar nem a morte de um parente querido?

RAPAZOTE — Antonio das Almas manda pedir socorro.

ROSINHA — E o que foi que aconteceu?

RAPAZOTE — A filha dêle, a Sigismunda, está crescendo, crescendo... Êle já afastou algumas telhas da casa porque ela não cabe mais...

PADRE DAMIÃO — O que você está dizendo?

RAPAZOTE — A verdade, seo padre... A verdade... Venha ver...

Luz na casa de Antonio das Almas — Pelo telhado sai a cabeça de Sigismunda.

SIGISMUNDA — Pai, pai, estou com mêdo...

ANTONIO DAS ALMAS — Eu também filha minha. O que é isto que aconteceu com você?

SIGISMUNDA — Aqui tem muito morcego, pai. E cada ratazana...

ANTONIO DAS ALMAS — E que é que eu posso fazer, filha minha?

ANTONIO CIPRIANO — Hoje é a noite dos prodígios.

PRIMEIRA BEATA — Jesus, Maria, José.

RITA — O que devemos fazer?

PADRE DAMIÃO — Pedir a Deus misericórdia. São os pecados. Tantos... Deus termina por se impacientar. E temos que pedir clemência. Clamar sem cessar.

ANTONIO CIPRIANO — E eu? Como autoridade tenho que tomar uma providência.

ROSINHA — Mas que providência?

ANTONIO CIPRIANO — Não sei. Mas temos que inventar. Chamar o Corpo de Bombeiros, pedir ajuda ao Exército. Mobilizar tudo e todos. E prepararmo-nos para o pior.

SEGUNDA BEATA — O prefeito acha que ainda vai acontecer mais coisas?

ANTONIO CIPRIANO — Quem pode jurar? Mas também quem pode afirmar o contrário? Quantas coisas numa só noite. O que o restante dos dias nos reserva? Não. Não me espantarei mais de nada. Se vir línguas de fogo dançando pelo céu acharei tudo muito natural. **(Olhando para Sigismunda)** Pobre moça! Ainda ontem tão tranquila, fazendo o enxoval do seu noivado...

SIGISMUNDA — Pai, dê um jeito de me tirar daqui.

ANTONIO DAS ALMAS — Não fale assim que me dá uma dor no coração... Como eu posso tirar você daí, filha minha! A falta que faz um bom guindaste numa terra como esta. Bem que vivíamos dizendo, senhor prefeito, que a cidade precisava de um guindaste. Era como se a gente estivesse adivinhando. Mas não... O dinheiro do município servia pra tudo, menos para o guindaste. Agora eu sinto na carne a falta do guindaste. Que posso fazer por minha filha? Ela fica exposta neste sereno, e não pode ser nada bom para a sua saúde. A administração pública neste país está muito longe do que se pode desejar.

ANTONIO CIPRIANO — Então o senhor me acusa de não saber administrar o município?

ANTONIO DAS ALMAS — Com fato provado. A cidade tem um guindaste? E como eu posso tirar minha filha senão com um guindaste?

ANTONIO CIPRIANO — A Oposição sempre encontra um jeito de atacar o govêrno, mesmo nas horas mais impróprias. Antonio das Almas, acabo de passar uma noite terrível. Perco minha mãe que não era minha mãe, nasce

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. OLS6 | p. 427

um cavalo com cabeça de gente, sua filha vira varapau, me diga, se tudo isto junto não é para enlouquecer até a cabeça de um santo?

ROSINHA — Meu filho, por que você não vai para casa dormir um pouco?

ANTONIO CIPRIANO — E você acha que eu iria conseguir? Não. Ficarei de pé junto do meu povo, à espera do que possa acontecer. Não quero de modo nenhum abandoná-lo numa hora de tanto mistério. O comandante é o último a deixar o barco que soçobra. Me comportarei de modo semelhante.

(Discretos aplausos)

ANTONIO DAS ALMAS — Então o senhor prefeito aproveita-se de uma situação tão dolorosa para fazer propaganda pessoal? Acho um absurdo!

RITA — Você está nervoso, Antonio das Almas, e está interpretando de uma maneira tôda errada o procedimento do meu cunhado. Antonio Cipriano é um homem de bem e todo devotado ao povo dêste município. Você pode ser da Oposição, é um direito que lhe assiste, mas não pode abusar dêste direito, e fechar os olhos para tôdas as demonstrações de humanidade dadas pelo senhor meu cunhado.

ROSINHA — Muito bem, Rita. Acho, meu marido, que devemos nos retirar.

PADRE DAMIÃO — Realmente, talvez seja melhor. Os ânimos estão exaltados com tôda essa estranheza.

ANTONIO CIPRIANO — Talvez seja o mais certo. Irei para junto daquela a quem devo minha existência. Qualquer coisa que você precisar, Antonio das Almas...

ANTONIO DAS ALMAS — Eu só preciso de um guindaste.

ANTONIO CIPRIANO — Vou mandar pedir um no Recife. É o máximo que posso fazer.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 428

(Retira-se em companhia de Rosinha, Rita e Padre Damião)

SACRISTÃO — **(Para o prefeito)** Posso ir com o senhor?

ROSINHA — Por que você não volta para casa?

SACRISTÃO — A senhora viu como está a Cosma... Não tenho coragem.

ANTONIO CIPRIANO — Minha casa está aberta para todos os necessitados.

(Saem, os cinco. Escurece. Luz no quarto da falecida) A gente se vira e é como se só escutasse gemidos. Quantos infortúnios numa só noite.

RITA — As bruxas estão soltas.

PADRE DAMIÃO — Não acredite em bobagem. Nisto tudo está o dedo de Deus. Os homens se distanciam tanto do Divino Salvador que às vêzes êle tem que mostrar o seu poder mandando todos êsses prodígios.

ANTONIO CIPRIANO — São as provações... **(Com as mãos postas)** Meu Deus, Meu Deus, o que ainda estará reservado a êste pobre servo?

A cena escurece

M.J. DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL SCDP SR/CE

CENA II

(Às margens de um riacho, Biu e Chico comem umas bananas. Cartaz: prossegue a viagem maravilhosa de Biu e Chico. Pequena meditação diante de um afogado)

BIU — Eita carreira boa.

CHICO — Tu acha que a gente está livre? Que não há mais perigo nenhum?

BIU — Eu só vou me sentir sossegado numa terra grande com o dominio da lei. Por aqui eu sinto o mesmo cagaço. Matam a gente e ninguém vai socorrer.

CHICO — Minha mãe vivia dizendo: "Chico, não te mete com mulher encangada". Tinha razão a pobre velha. Agora aqui estou eu sem saber do meu destino.

BIU — **(Solene)** E quem sabe nunca do seu destino? Credo em Cruz!

CHICO — Que foi, homem de Deus?

BIU — Olhe ali no riacho. Aquilo não é um homem afogado?

(vão para junto do riacho)

CHICO — E não é Severino?

BIU — Severino das Cruzes?

CHICO — Êle mesmo.

BIU — Você não sabia que êle tinha sido matado?

CHICO — Não. Por causa de mulher?

BIU — Não. Questão de terras.

CHICO — Oxente, que diacho de questão de terras foi essa se êle não tinha nenhuma?

BIU — Pois é. Não tinha nenhuma mas queria ter.

CHICO — Queria ter?
BIU — Queria ter. E parece que não pôde.

CHICO — É sim. Parece que não pôde.

BIU — Mas êle achava que podia. Eu dizia: Severino das Cruzes tu toma cuidado. Esse negocio teu de achar que pode ter as terras dos outros. Olha aí. O corpo todo furado e ainda mais afogado. Que morte horrorosa.

CHICO — Pobre do Severino das Cruzes!

BIU — Tu acha que êle podia?

CHICO — Podia o que?

BIU — Querer as coisas que êle queria.

CHICO — Oxente, pra que tu quer saber?

BIU — Sòmente pra saber.
CHICO — E tu? Acha o que?
BIU — Eu?
CHICO — Pois é. Tu!
BIU — É... Não é?

CHICO — Pois é. Quem sabe? Um dia, não é?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 429

(Os dois se entreolham com desconfiança)

BIU — Pois é. Oremos.

(Ajoelham-se e rezam. O rapazote aparece correndo e tropeça nos dois) Que carreira é esta, meu irmão? Também tá fugindo de marido chifrudo?

RAPAZOTE — Antes fôsse. Mas eu tou fugindo é do capeta mesmo.

CHICO — Do capeta? Que historia é esta? Capeta na luz do sol?

RAPAZOTE — Vocês não podem imaginar. Nasceu um cavalo de cabeça de gente...

CHICO — Um cavalo de cabeça de gente?

RAPAZOTE — ... Uma moça cresceu tanto que furou o telhado...
BIU — Com febre, meu irmão?

RAPAZOTE — Uma finada morreu, ressuscitou e morreu de novo, e agora a pobre de minha mãe deu pra comer que não pára mais, e engorda tanto que não passa mais por nenhuma porta. A pobre fica sentada, comendo e engordando, comendo e engordando, já está quase da largura de metade da sala.
CHICO — Tão moço!

RAPAZOTE — Eu juro por tudo! Por todos os anjos e santos!
CHICO — E isso tudo acontece, adonde?

RAPAZOTE — Em Caruaru.
BIU — Pois é o nosso destino.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 430

RAPAZOTE — Não vá, não vá. Já estão dizendo que é o fim do mundo.

CHICO — O fim do mundo?
RAPAZOTE — O fim do mundo.

BIU — Pois é para lá que nós vamos.

RAPAZOTE — E eu vou pra bem longe. Na direção que vocês vieram.

CHICO — Escuta aqui, menino. Se tu encontrar dois chifrudos doidos perguntando por dois mancebos, não diz que encontrou a gente. Combinado?
RAPAZOTE — Combinado.

(O rapazote sai correndo)

BIU — E então?
CHICO — Vamos lá. Quando essas coisas acontecem as mulheres ficam doidas e é um tal de querer proteção.

BIU — Ôi, é assim que eu me sinto à vontade.

(Saem — a cena escurece)

M.J. DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL SCDP SI./C.P.

CENA III

Luz sôbre a casa de Antonio das Almas — Sigismunda lastima-se no alto do telhado — Em baixo Antonio das Almas e moradores

SIGISMUNDA — Eu não aguento mais. Socorrei me todos os anjos do Céu! Só penso se começar a chover. O que vai ser de mim?

PRIMEIRO MORADOR — Não se aperreie não Sigismunda. Aqui quase não chove...

SIGISMUNDA — E você acha que é bom ficar aqui em cima, com essa doença de coqueiro, crescendo cada minuto? E meu noivo quando chegar? Será que ainda vai querer casar comigo?

ANTONIO DA ALMAS — Minha filha, já disse pra você esquecer dessas coisas.

SIGISMUNDA — Esquecer do meu noivo, papai?

ANTONIO DAS ALMAS — Nós agora só temos que pensar mesmo em arranjar dinheiro para comprar ou alugar um guindaste. Casamento fica pra se pensar depois.

SIGISMUNDA — Que desgraçada eu sou!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. OLS6 1P. 432

ANTONIO DAS ALMAS — Eu sei, filhinha. Eu sei. Mas temos que ter paciência. Muita paciência. **(Para os moradores)** Vocês não querem dar um dinheirinho pra gente poder arranjar um guindaste? **(Os moradores dão o dinheiro)** — Que Deus ajude vocês todos!

SIGISMUNDA — E ainda mais virar esmoler.

ANTONIO DAS ALMAS — Não fale assim, filhinha.

SIGISMUNDA — E não é verdade, pai? Ai, se o meu noivo souber disto, aí é que êle não casa mesmo. E o que vai ser de mim? Coqueiro e sem marido; pior mesmo que destino de mulher da vida.

ANTONIO DAS ALMAS — Eu vou até a feira, filhinha, pra ver se arranjo mais dinheiro.

SIGISMUNDA — Mas não demore, pai. Tenho tanto mêdo de ficar nessas alturas sòzinha.

ANTONIO DA ALMAS — Tá muito bem.

(Sai Antonio das Almas — entra o cavalo com cabeça de gente com um ramo de flôres nos dentes)

SIGISMUNDA — Você veio de novo, meu amigo?

CAVALO COM CABEÇA DE GENTE — **(Relincha)**

SIGISMUNDA — E sempre com as suas flôres? Se não fôsse a sua delicadeza não sei o que seria de mim. **(Estende os braços e apanha o ramo de flôres — o cavalo com cabeça de gente executa alguns passos de dança)** Se não fôsse por você, meu amigo... Sinto-me tão sòzinha.

CAVALO COM CABEÇA DE GENTE — **(Relincha)**

SIGISMUNDA — Que bom você ter vindo!

COSMA — **(Entrando com uma vassoura na mão)** Ah, seo cavalo, o que você quer mesmo é viver na vadiagem? Vamos embora! Vamos aproveitar a feira. Já armei uma tenda pra mostrar você e ganhar algum dinheiro.

SIGISMUNDA — Deixe êle um pouco comigo, dona Cosma, me fazendo companhia...

COSMA — Viver não é facil, Sigismunda. Tem que ganhar dinheiro. A situação está cada vez pior. Vamos, cavalo. Vamos.

(Saem Cosma e o cavalo com cabeça de gente)

SIGISMUNDA — Ai de mim, desventurada!

(Escurece — luz na casa de Antonio Cipriano)

ROSINHA — Preciso falar com você.

ANTONIO CIPRIANO — Não é um absurdo? Pedindo esmola na feira só para me desmoralizar.

ROSINHA — Antonio...

ANTONIO CIPRIANO — O que não vão dizer por aí de mim? Antonio das Almas, na feira, pedindo esmola, para comprar um guindaste. Um guindaste que é da alçada da Prefeitura. Essa Oposição é mesmo uma desgraça. Aproveitam até a própria desgraça para tirar rendimento político.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. OLSG, p. 432

ROSINHA — Antonio, eu queria saber por que você tem chegado tarde tôdas as noites?

ANTONIO CIPRIANO — Fico com vontade de mandar prender êsse homem. Êle quer acabar com minha vida. Rosinha, hoje deve chegar em Caruaru um enviado do senhor Presidente para fazer uma inspeção na cidade. Êsses fatos que aconteceram aqui chamaram para nossa cidade a atenção do mundo inteiro. No Rio de Janeiro, pessoas da Oposição, estão tirando vantagem disto tudo, para dizer que se trata de um castigo do céu contra o atual govêrno. Enquanto isto os assessôres mais próximos do Presidente estão vendo nisto tudo uma manôbra altamente subversiva. Veja a que ponto chegaram... E eu transformei-me numa pessoa suspeita. Vem um emissário especial para verificar a veracidade ou não dos fatos que aqui aconteceram. Pois bem. Neste justo momento, Antonio das Almas vai para a feira pedir esmola, dizendo pra todo mundo que eu sou incapaz, porque a Prefeitura não tem um guindaste.

ROSINHA — E você chegou tão tarde por que, Antonio?

ANTONIO CIPRIANO — Não é de enlouquecer? O emissário do Presidente constata que não existe nenhuma subversão na cidade, mas pode muito bem achar que eu sou um incapaz por não ter providenciado um guindaste. E eu posso até ser submetido a um inquérito.

ROSINHA — Você vê, Ritinha. Êle se recusa a responder a minha pergunta.

ANTONIO CIPRIANO — Devo ou não prender Antonio das Almas? O meu futuro está em jôgo. A tranqüilidade do nosso lar está em jôgo também.

ROSINHA — Antonio Cipriano, por que?...

ANTONIO CIPRIANO — Realmente é demais. Parece até um castigo. Mas eu nada fiz em minha vida para merecê-lo. Sempre fui bom filho, um bom cidadão, respeitador das coisas de Deus e da Pátria. Mas de repente vem tudo isto de uma vez só: um cavalo com cabeça de gente,

M.J. DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL SCDP SR/PE

uma mulher que não pára de crescer, outra que não pára de engordar, a terrivel revelação da minha santa mãe na hora da morte, e para completar esta desmoralização que Antonio das Almas está me submetendo. Outro já teria enlouquecido.

ROSINHA — Ritinha, você quer falar com êle. Talvez êle tenha mais atenção a você.

RITINHA — Senhor meu cunhado, minha irmã deseja saber por que o senhor chegou tão tarde ontem à noite?

ANTONIO CIPRIANO — É demais! É demais! Se conseguir resolver tudo isto a contento necessito de umas férias. Vocês me entendem?

ROSINHA — É de enlouquecer!

ANTONIO CIPRIANO — É exatamente o que eu estava dizendo! É de enlouquecer? **(Para Ritinha)** Você não concorda comigo?

RITINHA — Mas a minha irmã...

ANTONIO CIPRIANO — Vou conversar com o padre... com o padre? **(À parte)** Será que êle é seu irmão?

ROSINHA — Mas, Antonio Cipriano...

ANTONIO CIPRIANO — Qualquer coisa estarei na igreja... Tenho que falar com urgência com padre Damião.

(Sai Antonio Cipriano)

ROSINHA — Você viu o cinismo dêle, Ritinha. Depois você ainda o defende!

RITINHA — O homem está com a cabeça cheia de problemas.

ROSINHA — Problemas nada. Safadeza! Tudo isto é desculpa para ficar na rua até altas horas. Meu coração não me engana: existe uma mulher atrás disto tudo!

RITINHA — Ora, Rosinha, você não tem nenhum motivo para se queixar. Antonio é um marido exemplar. Sempre voltado para os problemas da casa. Não me lembro de nenhuma falta dêle. É verdade que nestes últimas dias êle

tem chegado tarde em casa. Mas você acha pouco o que tem acontecido?

ROSINHA — Você não sabe nada da Vida, minha irmã. Não sabe de que sujeiras os homens são capazes! Você não viu o sacristão? Quem diria!

RITINHA — E você acredita?

ROSINHA — Mas claro: os olhos são da mesma côr. Depois de uma coisa desta não se pode confiar mais em ninguém. O sacristão, quase um padre, tão agarrado às saias de dona Cosma, e de repente com uma égua em sua vida...

RITINHA — Ora, Rosinha...

ROSINHA — Depois disto botei as minhas barbas de mólho. E quer saber de uma coisa? Vou atrás do Antonio... Não vou nesta historia de que foi pra igreja. Deve estar por aí atrás de algum rabo de saia.

RITINHA — Minha irmã, tenha um pouco de calma.

ROSINHA — Não, Ritinha. Mulher côrna eu não vou ser.

(Sai apressadamente com Ritinha — escurece Luiz — uma rua de Caruaru)

CEGO **(Cantando)** — Eu Deixei o meu roçado
atrás do meu tatuzinho
andei milhões de léguas
e nada do meu bichinho
cruzei mares e montanhas
não encontrei o tatu
foi quando me deu uma dor
bem no pé da barriguinha
ai que dor danada
tive que dar uma paradinha
me escondi numa ribanceira

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. OLSG,p. 433

me espa...i até valer
veio aquela caganeira
Ai, meu Deus que vou morrer
sem ver meu tatuzinho
foi quando encontrei uma véia
que sorria de mansinho
cheguei junto e disse:
a benção, vó, você viu o meu
[tatu?]
A velha levantou a saia
e me puxou com carinho
Eu disse: t'esconjuro véia
vai cuidar da tua sina
e saí um galope doido
e encontrei uma menina
que tinha os olhos de fogo
e uns cabelos de crina
me cheguei e perguntei
pelo danado do tatu
a menina foi me olhando
com aqueles olhos de fogo
e foi dizendo dengosa:
Você não quer entrançar
as nossas crinas?
Me benzi, saí correndo,
e a pobre da barriguinha
dava voltas, ia doendo,
doendo de fazer dó,
mas não parei mais pra nada,
e cruzei mares e montes
atrás do tatuzinho,
mas ninguém sabia nada
do meu querido bichinho.
foi quando desconsolado
voltei atrás da menina

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. OLSG 1 p. 434

vou deixar de ser um leso
e vou entrançar as minhas crinas
mas envez da menininha
no meio da campina
foi a danada da véia
com uns olos de sepultura
que me esperava na esquina
Desisti, voltei pra casa
e do pinto fiz um nó
com véia eu num engato
nem pra salvar minha vó.

O CEGO — Que Deus Nosso Senhor Jesus Cristo alumie o caminho de todos vocês!

TODOS — Amém!

(Enquanto o cego cantava a sua toada, Chico e Biu entram. imediatamente alguns habitantes cumprimentaram com respeito e espanto — Chico e Biu olharam para todos com maior espanto ainda.)

UM HABITANTE — **(Para Chico e Biu)** — Meus respeitos!

OUTRO HABITANTE — Que Deus proteja os senhores!

CHICO — Muito obrigado. Muito obrigado!

BIU — **(Para Chico)** — Simpático, o povo da cidade!

CHICO — Realmente, muito simpático! **(Todos se retiram, menos Chico e Biu)** Você viu? Todo mundo nos cumprimentando com o maior respeito?

BIU — Bem... eu estou um pouco desconfiado.

CHICO — Desconfiado por que?

BIU — Você lembra a história que aquêle cabra nos contou?

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL SCDP SR/DF

CHICO — Das coisas estranhas que estão acontecendo aqui?

BIU — Sim.

CHICO — E que tem isto? Aquêle cara pra mim era um leso. Não estou notando nada de anormal por aqui.

BIU — E aquela mulher, logo na entrada da cidade, que chegou junto de mim e perguntou: Seo padre, o que é isto, o senhor sem batina? O senhor acha pouco os castigos que Deus tem mandado pra gente?

CHICO — Aquela mulher era meio maluca.

BIU — Eu estou um pouco com mêdo que essa terra esteja cheia de doido. Ora! Todo mundo ri pra gente, cumprimenta, como se a gente tivesse nascido e se criado aqui.

CHICO — É uma gente hospitaleira. Eu sempre ouvi dizer: o povo de Caruaru é um povo bom danado!

(Passa uma mulher que olha para Chico e Biu e pára; aproxima-se de Biu, bem espantada, e toma a bênção)

MULHER — A bênção

BIU — Deus te abençoe. **(A mulher sai)** Você tá vendo?

CHICO — Costume da cidade.

BIU — Mas por que não tomam a benção a você?

CHICO — É que você tem uma cara meio de santo. Biu. Mas que cabra de sorte, hein? Vai ser fácil pegar essas menininhas tôdas...

(Aparecem Rosinha e Rita que ficam olhando de longe. Rosinha começa a fazer sinais para Chico)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 10.435

BIU — Chico, tem uma mulher ali fazendo sinais para você.

CHICO — Sinais pra mim? E a danada é até bonitinha. Será que é uma quenga?

BIU — Não tem cara de quenga. Parece moça de respeito.

CHICO — E como é que está me chamando?

BIU — Eu sei lá... Não estou gostando nada disto.

CHICO — Você também é um apavorado. Tem mêdo de tudo.

BIU — Já corri muito por causa de marido doido. Não estou pra correr mais. Aqui quero fazer minha pousada, mandar buscar mãe, casar e ter muitos filhos.

CHICO — Ela continua...

BIU — E está vindo pra cá!

ROSINHA — Então, senhor meu marido, aproveitando o sol do meio dia?

BIU — E tu é casado, homem de Deus?

ROSINHA — E o senhor sem batina em plena rua?

RITINHA — São ordens do Concilio, Rosinha.

ROSINHA — Que Concilio, que nada! Eu acho é uma falta de respeito e das grandes!

BIU — **(Para Chico)** — Está entendendo alguma coisa?

CHICO — Nada. Mas se ela insiste que eu sou o marido não faço questão. Vou cumprir meus deveres conjugais.

BIU — Chico, cuidado! Algo está me avisando que é melhor mesmo a gente ir embora!

ROSINHA — Vamos para casa!

CHICO — Podemos ir. Vamos Biu?

RITINHA — Biu?

BIU — Um seu criado.

ROSINHA — Ainda bem que estão de bom humor!

BIU — E não é para estar?

ROSINHA — Vamos logo que precisamos ter uma conversa muito séria, senhor meu marido.

(A duas se afastam)

BIU — Você vai?

CHICO — Mas claro. Bonitinha, não é?

BIU — Chico, eu estou vendo o dedo do capeta nesta historia tôda. Essa mulher é capaz de ter um marido mesmo. A gente termina se estrepando.

CHICO — Eu já estou acostumado.

ROSINHA — Você quer me fazer perder a paciência?

CHICO — Não, meu amor. Vamos Biu.

BIU — Vamos **(À parte)** Mãe reza por mim. E reza forte.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SCDP
SR/CE
M.J.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p.436

CENA I

VOZ DE ROSINHA — (Em sua casa) — E se perguntarem pela gente você diz que não tem ninguém em casa. Que eu e meu marido tivemos de sair. Não queremos que ninguém nos incomode.

VOZ DE EMPREGADA — Sim, senhora.

VOZ DE CHICO — Que não estamos em casa durante dias. Não queremos receber ninguém durante dias.

VOZ DE EMPREGADA — Sim, senhor.

Luz na rua — Antonio Cipriano, Padre Damião, Emissário do Presidente

ANTONIO CIPRIANO — V. Excelência ficará na minha casa. É casa de pobre mas terá todo o nosso carinho.

EMISSÁRIO — Não seria preciso tanto incômodo. Acho que não devo aceitar. E depois como vim em missão oficial, talvez não fique bem aceitar êsse favor. Devo estar totalmente livre para as minhas investigações, sem nenhum vínculo mais forte. O senhor sabe, as informações que tivemos são as mais desencontradas. Enquanto uns

são levados a acreditar que se tratam realmente de fenômenos, apenas por uma estranha coincidência aparecidos de uma só vez, outros, e tenho que dizer que a maioria, acreditam tudo não passar de uma manobra de agitadores interessados em perturbar a vida do país.

PADRE DAMIÃO — Mas como os agitadores podem fazer que uma mulher comece a crescer de repente ou um cavalo nascer com cabeça de gente?

EMISSÁRIO — Não sei como responder; mas para isto estamos aqui: para averiguar. E, Deus queira, poder tranquilizar o nosso Presidente. Esperamos, realmente, que se tratem de fenômenos: isto não trará nenhum prejuízo, até pelo contrário, poderá aumentar a receita da Prefeitura com a avalanche de turistas que certamente acorrerá a êste local. Mas em caso contrário, se realmente se tratar de uma manobra nova dos agitadores, o caso se reveste de uma imensa gravidade, pois não estamos preparados para êsse tipo de subversão de ordem. Sabemos muito bem como o nosso povo, principalmente o do interior, é cheio de superstições. Se êle fôr convencido que se trata de um protesto divino contra o atual govêrno, o que poderemos fazer? Teremos que estudar as medidas defensivas imediatamente.

ANTONIO CIPRIANO — Ainda hoje o senhor poderá tranquilizar o Presidente tenho certeza. Proponho ir até lá em casa, almoçarmos, e depois então iremos ver de perto os fatos estranhos.

EMISSÁRIO — Confesso que estou com muita fome.

PADRE DAMIÃO — Dona Rosinha, espôsa do Prefeito, é uma excelente quituteira. O senhor não terá do que reclamar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0256,p.437

EMISSÁRIO — Mas não será um incômodo?

ANTONIO CIPRIANO — De modo algum. O senhor não pode imaginar a alegria nossa em receber uma tão alta autoridade da República.

EMISSÁRIO — Fico desvanecido com tanta atenção.

Entra o sacristão correndo com Cosma no seu encalço

SACRISTÃO — Peço proteção à autoridade.

PADRE DAMIÃO — Mas o que é isto?

COSMA — Eu avisei a êsse miserável que não aparecesse mais na minha casa.

SACRISTÃO — A casa é minha também.

COSMA — Sua casa é no estábulo com aquela égua filha da mãe

ANTONIO CIPRIANO — Deixemos êste assunto para depois, dona Cosma. A senhora está em presença de um Emissário do Presidente da República que veio a Caruaru para observar os fatos estranhos que aqui vêm acontecendo nos últimos dias.

COSMA — Ah, o senhor é amigo do Presidente?

EMISSÁRIO — Sim, senhora.

COSMA — Pois é com o senhor mesmo que eu precisava falar.

PADRE DAMIÃO — Dona Cosma, talvez numa outra hora... O senhor Emissário fêz uma viagem muito cansativa...

COSMA — O senhor precisa pedir um favor ao Presidente, senhor Emissário. Eu sou uma mulher católica, de pai e mãe e avós católicos, mas se o Presidente não me fizer um favor muito grande, eu termino virando uma assassina.

EMISSÁRIO — Mas de que se trata?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0156, p.438

COSMA — Eu preciso que o Presidente permita que eu me divorcie. Eu sei que no Brasil isto é proibido, mas no meu caso tem que ser. O senhor imagine, que o meu marido me traiu com a égua que tem no meu roçado.

EMISSÁRIO — Com uma égua?

ANTONIO CIPRIANO — Ela está nervosa, senhor Emissário

SACRISTÃO — Isto é uma calúnia!

COSMA — O senhor precisa ver o filho que nasceu.

EMISSÁRIO — O filho?

COSMA — O cavalo tem os mesmos olhos que êle e agora até o nariz está parecido.

PADRE DAMIÃO — É exatamente um dos fenômenos...

EMISSÁRIO — Ah, o cavalo com cara de gente...

ANTONIO CIPRIANO — Isto mesmo.

EMISSÁRIO — Mas será que esta senhora está dizendo a verdade?

PADRE DAMIÃO — Não pode ser verdade. É contra as leis da Natureza.

EMISSÁRIO — Mas e a cara de gente também não é contra as leis da Natureza?

PADRE DAMIÃO — Bem, realmente, mas...

COSMA — Ninguém quer acreditar em mim. E eu ainda termino fazendo uma desgraça. Não contra o cavalo, é claro. Não tem culpa nenhuma da safadeza do meu marido e da égua da sua mãe. É um pobre inocente. Mas eu termino matando o meu marido. Ou então mato a égua. Não consigo mais dormir sabendo que aquela safada, dorme perto de mim, que ainda come com o meu dinheiro.

EMISSÁRIO — Realmente, se fôr assim, deve ser uma situação muito estranha...

PADRE DAMIÃO — Mas não se trata de nada disto... Posso assegurar...

SACRISTÃO — O padre Damião me conhece muito bem... Sabe que eu seria incapaz de um pecado tão horroroso.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SCDP
SR/CE

COSMA — Sem-vergonha como você não respeita nem o Emissário do Presidente para continuar na mentira?

ANTONIO CIPRIANO — Dona Cosma, depois nós conversaremos sôbre êste assunto. No momento, temos que ir almoçar. O senhor Emissário está com muita fome...

(Entra o cavalo com cabeça de gente que se dirige, imediatamente, para o sacristão e começa a festejar-lhe. O Emissário tem um movimento de mêdo mas controla-se ràpidamente)

COSMA — Eis a prova! **(Dá um grito e desmaia)**

EMISSÁRIO — Realmente trata-se de algo que eu não esperava... **(O sacristão carrega dona Cosma — o cavalo com cabeça de gente aproxima-se do Emissário — êste recua com mêdo)** Nunca vi uma coisa destas ... Tirem êste animal daqui.

ANTONIO CIPRIANO — Xô, cavalo... Xô, cavalo ...

(O cavalo com cabeça de gente desaparece alegremente)

EMISSÁRIO — E os outros fenômenos são tão estranhos assim?...

PADRE DAMIÃO — São coisas tão estranhas que fazem até desconfiar que se trata realmente de um castigo de Deus.

EMISSÁRIO — Então o senhor quer insinuar que o atual govêrno está desagradando a Divina Providência?

PADRE DAMIÃO — Não. De modo algum, Excelência. Longe de mim pensar em tal coisa.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156,p.439

EMISSÁRIO — Precisamos tomar muito cuidado com os conceitos que emitimos. Os agitadores estão aí à sôlta aproveitando-se de tudo para a sua obra de desagregação da família brasileira.

PADRE DAMIÃO — Claro. Disto sabemos muito bem.

ANTONIO CIPRIANO — Creio que agora podemos ir almoçar.

(Encaminham-se para a casa de Antonio Cipriano — no caminho passam pela casa de Antonio das Almas — O cavalo com cabeça de gente está no telhado junto de Sigismunda — Em baixo Antonio das Almas tem uma espingarda nas mãos — O diálogo entre Antonio das Almas e Sigismunda se desenrola sem que êstes percebam a presença de Antonio Cipriano, Padre Damião e o Emissário)

ANTONIO DAS ALMAS — Eu já disse que matava êsse miserável.

SIGISMUNDA — O senhor não pode fazer isto! O senhor não tem o direito de estragar a minha felicidade!

ANTONIO DAS ALMAS — É só o que faltava, Sigismunda. Uma filha minha namorando com um cavalo.

SIGISMUNDA — Não se trata de um cavalo comum. É porque o senhor não conhece a bondade que êle tem no coração.

ANTONIO DAS ALMAS — Você está louca, Sigismunda.

SIGISMUNDA — E não é para enlouquecer? Ter um pai sem coração como o senhor? Um pai que não tem o menor interêsse na felicidade da filha?

ANTONIO DAS ALMAS — Sigismunda, não se trata disto. Nenhum pai pode querer ver a filha casada com um cavalo. Mesmo que se trate de um cavalo com cabeça de gente. Não é da lei dêsse mundo.

SIGISMUNDA — E é da lei dêsse mundo ser uma mulher coqueiro?

ANTONIO DAS ALMAS — Não, minha filha. Não é da lei dêsse mundo ser uma mulher coqueiro.

SIGISMUNDA — Então? O senhor acha que a mãe dêle pode não querer o casamento por eu ser uma mulher coqueiro?

ANTONIO DAS ALMAS — A mãe dêle? A égua?

SIGISMUNDA — Sim. A mãe dêle. A égua.

ANTONIO DAS ALMAS — Minha filha, as alturas perturbaram a sua cabeça. **(Percebe Antonio Cipriano, o padre Damião e o Emissário)**

ANTONIO DAS ALMAS — **(Avançando para o prefeito)** O senhor é o grande culpado de todo êste drama.

ANTONIO CIPRIANO — Cuidado com esta arma. Ela pode disparar.

ANTONIO DAS ALMAS — Está satisfeito? Me diga. Está satisfeito com a minha desgraça?

PADRE DAMIÃO — O senhor acalme-se. Antonio das Almas...

ANTONIO DAS ALMAS — Acalme-se... Acalme-se... É isto que todo mundo me diz. E cada vez vai tudo piorando para mim. Já sabem da última calamidade? Minha filha quer casar com um cavalo!

ANTONIO CIPRIANO — Antonio das Almas, nós estamos defronte de um Emissário do Presidente da República. Você precisa se acalmar.

ANTONIO DAS ALMAS — Muito prazer.

EMISSÁRIO — Igualmente.

ANTONIO DAS ALMAS — Quero apresentar minha queixa ao senhor Presidente da República contra o Prefeito desta cidade.

EMISSÁRIO — Tem que ser uma queixa por escrito.

ANTONIO DAS ALMAS — Depois eu escrevo. Mas eu digo logo porque não sei se o meu coração vai aguentar tan-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0256 p.440

ta desgraça... O senhor Prefeito é o grande culpado de tudo que está me acontecendo, por nunca ter providenciado um guindaste para esta cidade.

EMISSÁRIO — Um guindaste?

ANTONIO DAS ALMAS — O senhor não acha que um guindaste é de extrema necessidade para uma cidade?

EMISSÁRIO — Sem nenhuma dúvida.

ANTONIO DAS ALMAS — Sem nenhuma dúvida. Se eu tivesse um guindaste teria tirado minha filha desta situação que ela se encontra e ela nunca teria conhecido êste cavalo.

ANTONIO CIPRIANO — Senhor Emissário, eu sei que uma cidade precisa de um guindaste. Mas infelizmente a arrecadação tem sido muito baixa e o dinheiro não dá pra nada. Não pude comprar o guindaste.

EMISSÁRIO — E por que a arrecadação tem sido baixa?

ANTONIO CIPRIANO — As coisas não vão bem. Ninguém tem dinheiro pra nada

EMISSÁRIO — O senhor por acaso está criticando a política econômico-financeira do govêrno?

ANTONIO CIPRIANO — De modo algum, senhor Emissário. Eu nem sei o que é isto

EMISSÁRIO — Ainda bem. Mas... Olhem! O cavalo está beijando o yarapau... E na bôca!

ANTONIO DAS ALMAS — Agora eu mato êle! Agora eu mato!

PADRE DAMIÃO — Não faça loucura! O tiro pode pegar na sua filha!

ANTONIO DAS ALMAS — Estou desonrado O jeito mesmo é casar os dois!

PADRE DAMIÃO — Casar os dois? Isto é sacrilégio, Antonio das Almas!

ANTONIO DAS ALMAS — E minha filha? Vai ficar desonrada depois de ter beijado um cavalo na bôca e na frente de testemunhas.

EMISSÁRIO — A solução é prender o cavalo.

ANTONIO CIPRIANO — Prender o cavalo?

EMISSÁRIO — Claro. Êle está perturbando a ordem pública. Já me deparei com dois casos dolorosos por causa dêste cavalo. Então prende-se o cavalo. Por que o espanto? Por que não se pode prender um cavalo?

ANTONIO CIPRIANO — É... Realmente... Por que não se pode prender um cavalo?

ANTONIO DAS ALMAS — **(Apontando o rifle para os três)** Ninguém vai prender êste cavalo coisa nenhuma. Depois do que êle fêz com a minha filha êle vai casar com a minha filha. Eu sou pobre, mas sou um homem honrado e de familia honrada. Não vou consentir que desonrem a minha familia.

PADRE DAMIÃO — O senhor enlouqueceu, Antonio das Almas!

ANTONIO DAS ALMAS — Saiam daqui. Saiam daqui.

(Os três afastam-se apressadamente — a luz sai da casa de Antonio das Almas e ilumina a frente da casa de Antonio Cipriano)

ANTONIO CIPRIANO — Felizmente creio que podemos agora almoçar descansadamente.

EMISSÁRIO — Sua casa é muito simpática.

ANTONIO CIPRIANO — Às ordens, senhor Emissário. Merda, esqueci a chave. Desculpe, senhor Emissário.

(Bate na porta)

PADRE DAMIÃO — Aqui é um lugar bem mais tranquilo. Fica distante da feira.

M.J. DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL SCDP SR/CE

EMISSÁRIO — Eu quero muito visitar a feira de Caruaru. É famosa no Brasil inteiro.

EMPREGADA — **(Aparecendo na porta)** — Que desejam?

ANTONIO CIPRIANO — Você é a empregada nova?

EMPREGADA — Minha patroa está almoçando com o marido dela e mandou dizer que não está em casa pra ninguém. E o marido dela mandou dizer que não está em casa pra ninguém durante muitas semanas. **(Fecha a porta)**

EMISSÁRIO — O que está acontecendo aqui?

ANTONIO CIPRIANO — A empregada entrou esta manhã. Não me conhece ainda.

(Bate novamente)

EMPREGADA — O senhor quer deixar algum recado?

ANTONIO CIPRIANO — Eu não quero deixar recado coisa nenhuma. Eu quero entrar que a casa é minha. Eu sou o marido de sua patroa.

EMPREGADA — Brincadeira tem hora! O marido dela está com ela lá dentro. Nunca vi um casal tão unido. É cada beijo! Oxente!E não é que é parecido!

(Fecha a porta)

EMISSÁRIO — Que brincadeira é esta?

ANTONIO CIPRIANO — Não estou entendendo nada. Com certeza essa empregada é uma louca. Ou então quem sabe, Rosinha resolveu fazer uma brincadeira de mau gosto, porque está meio zanzada... Essas últimas noites cheguei tarde...

EMISSÁRIO — Precisamos averiguar e direitinho. O nosso govêrno não pode permitir que um representante seu seja um côrno.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. O LS6,p.441

ANTONIO CIPRIANO — Côrno? Eu?

EMISSÁRIO — Se a sua esposa está lá dentro beijando um outro homem o senhor é um côrno! Ou por aqui usam outra palavra. Eu não entendo nada de regionalismos!

PADRE DAMIÃO — Dona Rosinha é uma santa senhora. Posso assegurar.

ANTONIO CIPRIANO — Se o senhor não fôsse a autoridade que é... Não admitiria de mais ninguém um tal insulto.

EMISSÁRIO — Nós, homens do Poder, temos que ter uma frieza enorme para conceituar as coisas. Os nomes têm que ser dados aos bois. Se sua mulher estiver realmente lá dentro, agarrada com um outro homem, então o senhor é um côrno e como tal não pode merecer mais a confiança e o respeito da Presidência da República. Teremos que providenciar outro prefeito.

ANTONIO CIPRIANO — Essa é demais!

EMISSÁRIO — Os fatos são os fatos e têm os seus nomes.

PADRE DAMIÃO — Tudo ficará esclarecido em muito pouco tempo.

PRIMEIRA BEATA — **(Entrando)** — Senhor prefeito, senhor prefeito. Me socorra pelo amor de Deus.

ANTONIO CIPRIANO — Que terá acontecido agora, Deus meu?

PRIMEIRA BEATA — A pobre da minha irmã não tem mais comida para comer, agora está comendo barro.

ANTONIO CIPRIANO — Mas hoje de manhã já não mandei um boi?

PRIMEIRA BEATA — E o que é um boi para a pobre da minha irmã? Ó que desgraça, meu Deus do Céu! Nada fizemos para um castigo tão grande! E o pior é que ela não passa mais pelas portas e já está quase da largura da sala. Eu não sei o que fazer. O safado do filho fugiu com mêdo,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 442

pois êle acha que vão começar a cair raios aqui em Caruaru. E eu fiquei, sòzinha, com todas essas aflições para resolver.

ANTONIO CIPRIANO — O senhor está vendo? Um boi não é bastante! Como a Prefeitura pode ter tamanha despesa por dia! E o outro filho da mãe ainda fala em guindaste... Querem saber de uma coisa? Eu renuncio!

EMISSÁRIO — Como?

ANTONIO CIPRIANO — Renuncio, senhor Emissário. Os problemas são muitos e eu ainda levo o nome de côrno.

EMISSÁRIO — Isto chama-se de deserção, senhor Prefeito, deserção à Pátria num momento em que ela se encontra em perigo. Pode sair cadeia e quem sabe até fuzilamento.

ANTONIO CIPRIANO — Está bem, senhor Emissário. Mantenho-me no pôsto pelo bem da Pátria. Vamos, minha senhora, vamos ver a sua irmã. O senhor irá conosco também.

(Saem todos — entram as três bruxas)

PRIMEIRA BRUXA — Você vai ter que consertar o êrro. Sua praga tomou a direção errada. O pobre do Prefeito nada tem com o que aconteceu.

SEGUNDA BRUXA — Que tempos êstes. Nem mesmo uma praga toma o seu verdadeiro caminho. Você tem razão, irmã. Temos que consertar tudo.

TERCEIRA BRUXA — Quem sabe o material que usamos não era falsificado? Vivemos um tempo de falsificações.

SEGUNDA BRUXA — Façamos nossas orações.

PRIMEIRA BRUXA — Que o raio se dirija ao seu verdadeiro destino!

SEGUNDA BRUXA — Nem um dia a mais nem um dia a menos!

M. J. DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL SCDP SR/CE

TERCEIRA BRUXA — Biu, Biu êste é o nome...

PRIMEIRA BRUXA — Biu e Damião
Biu e Damião

AS TRÊS BRUXAS — ... é a nossa maldição.

(Luz na casa de Antonio Cipriano — Biu e Ritinha)

RITINHA — Acho que bebi demais, Reverendo.

BIU — **(À parte)** — Que mania esta de me chamar de Reverendo! Mas se tempera melhor com êste nome que posso fazer?

RITINHA — Sinto a cabeça nas nuvens. Estou lesa... lesa...

BIU — Não é melhor se amparar em mim? Pode recostar a cabeça no meu ombro...

RITINHA — Realmente, qual o mal que pode haver? **(Recosta a cabeça no ombro de Biu — Biu começa a caricia-la — Ritinha vai cedendo)** Reverendo... Reverendo...

BIU — Hein, minha filha, **(Intensifica os carinhos)**

RITINHA — O senhor não acha...

BIU — Não vamos achar nada agora. **(Beija Ritinha na bôca Ritinha dá um grito — Biu sai correndo — entram Rosinha e Chico).**

ROSINHA — O que aconteceu?

RITINHA — O Reverendo me beijou... Aproveitou se de eu estar me sentindo mal...

CHICO — O Reverendo? Que Reverendo?

ROSINHA — Padre Damião, ora. O safado não está usando batina exatamente para se aproveitar das pobres indefesas.

CHICO — Padre Damião, sei.

RITINHA — Eu vou atrás dêle.

(sai — a luz escurece — as bruxas dão uma terrivel gargalhada e saem — entram Padre Damião e o Emissário)

PADRE DAMIÃO — Realmente o que está acontecendo nesta cidade dá o que pensar. Embora sejamos todos responsáveis em encontrar uma solução para tudo isto realmente eu não queria estar no lugar do Prefeito. Não sei como êle está conseguindo suportar tanta coisa junta.

EMISSÁRIO — O destino do homem público é muito espinhoso. Mas todos sabemos disto e não podemos recuar; trata-se de uma vocação.

(Entra Ritinha que avança direta em Padre Damião)

RITINHA — Ah, seo cretino, foi vestir a batina pra ver se escapava. Não escapa, não!

(Esbofeteia Padre Damião)

PADRE DAMIÃO — Dona Ritinha, de que se trata?

RITINHA — Do que se trata, hein? O senhor é um padre safado! **(Para o Emissário)** Imagine, beijou-me na bôca!

EMISSÁRIO — Não é possível! É por estas e outras que a religião anda tão por baixo!

PADRE DAMIÃO — Mais isto é uma calúnia!

EMISSÁRIO — Como é que a moça podia inventa uma história desta?

RITINHA — Vou mandar dizer ao Papa!

PADRE DAMIÃO — Ao Papa?

RITINHA — Você vai ver! **(Sai)**

PADRE DAMIÃO — Realmente não sei o que dizer... Cada um com suas provações...

(Sai Chico apressado de casa de Antônio Cipriano)

CHICO — **(Para o padre)** — Oi, já arranjaste uma batina?

PADRE DAMIÃO — Já arranjei uma batina?

CHICO — Acho melhor a gente dar um fora. Já consegui o que eu queria. Mas aqui pra nós tenho a impressão que a moça é casada mesmo. Pelo menos não é mais donzela. Depois o marido aparece por aí. Vamos? Mas como é que você vai correr com esta batina? **(Padre Damião esbofeteia Chico)** — Que é isto meu irmão! Me estranhando? Você bebeu demais!

EMISSÁRIO — Senhor Prefeito...

CHICO — O senhor também me chamando de Prefeito? O que é que deu nessa gente?

EMISSÁRIO — Senhor Prefeito, exijo uma explicação imediata. Não admito que levem no ridículo um representante da Presidência da República.

CHICO — Quem? Quem é o representante da Presidência da República?

PADRE DAMIÃO — Êle não estava bom da cabeça!

EMISSÁRIO — O senhor considere-se prêso!

CHICO — Eu? Prêso? Mas o que foi que eu fiz?

EMISSÁRIO — Uma autoridade que não impõe...

CHICO — **(Para padre Damião)** Você vai ficar aqui?

PADRE DAMIÃO — Claro que vou ficar aqui.

CHICO — Então, adeus! **(Sai correndo)**

EMISSÁRIO — **(Correndo atrás)** Polícia! Polícia!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 443

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 444

(Entra dona Cosma)

DONA COSMA — Senhor padre...

PADRE DAMIÃO — O que é dona Cosma?

DONA COSMA — O senhor viu a safada da égua?

PADRE DAMIÃO — Não, dona Cosma.

DONA COSMA — A safada fugiu. Mas eu vou atrás. O senhor sabe, padre Damião, ela não podia fazer isto comigo. Ontem fui ter uma conversa com ela.

PADRE DAMIÃO — Uma conversa com a égua?

DONA COSMA — Uma conversa franca. De mulher para mulher. Queria saber o que é que ela tem que eu não tenho. Falei de coração aberto. Pensei até que tínhamos ficado amigas. E hoje, essa égua do meu ódio, resolveu fugir. Vou atrás. Nem que corra êsse Brasil inteiro mas encontro essa miserável.

(Sai dona Cosma)

PADRE DAMIÃO — Eu devo pegar o primeiro ônibus e ir até o Recife conversar com o arcebispo. Realmente não me sinto capaz de orientar essas almas. Já não consigo mais entender nada do que está acontecendo aqui. Será obra de Deus? Ou será mesmo o capeta?

(Entra Antonio Cipriano)

ANTONIO CIPRIANO — Falando sòzinho, padre Damião?

PADRE DAMIÃO — O Emissário se acalmou?

ANTONIO CIPRIANO — O que é que aconteceu com êle?

PADRE DAMIÃO — Êle não saiu correndo pra prender você?

ANTONIO CIPRIANO — Pra me prender? E por que?

PADRE DAMIÃO — Escute aqui, você bebeu alguma coisa?

M.J. DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL SCDP SR/CE

ANTONIO CIPRIANO — O senhor sabe muito bem que eu não sou de bebida! Um homem que ocupa o pôsto que eu ocupo não pode de maneira alguma...

PADRE DAMIÃO — Será que eu estou ficando louco?

ANTONIO CIPRIANO — O senhor não está se sentindo bem?

PADRE DAMIÃO — Antonio Cipriano, responda-me por favor a verdade; você perdoou eu ter lhe esbofeteado?

ANTONIO CIPRIANO — **(Espantado)** — Me esbofeteado?

PADRE DAMIÃO — Sim. Esbofeteado?

ANTONIO CIPRIANO — Não seria melhor o senhor ir descansar um pouco?

PADRE DAMIÃO — Descansar a esta hora do meio dia? E por que? Você acha que estou precisando descansar por que?

ANTONIO CIPRIANO — Nunca faz mal um bom descanso. Éste sol...

PADRE DAMIÃO — Não vamos culpar o sol... Meu Deus, o que será que está acontecendo?

ANTONIO CIPRIANO — Padre Damião, por que o Emissário quer me prender?

PADRE DAMIÃO — Sabe de uma coisa? Eu não sei mais de nada. E não quero saber. E ainda tenho raiva de quem sabe. Muita raiva.

ANTONIO CIPRIANO — Mas o senhor como pároco e talvez meu irmão...

PADRE DAMIÃO — Isto deve ser uma trama muito bem urdida para levar o pastor da casa de Deus para as grades do hospício. Sua cunhada há pouco me esbofeteou. Logo depois você...

ANTONIO CIPRIANO — Eu?

PADRE DAMIÃO — Sim. Você. Quer negar? Lembra-se das coisas que me perguntou e me disse na presença do Emissário?

ANTONIO CIPRIANO — Um de nós deve estar fora do seu juízo. Um momento, padre. Não percamos a calma. Deixe-me pensar.

(Afasta-se e fica de costas — entra o Emissário)

EMISSÁRIO — Bem. Temos que pensar num Prefeito desde que o outro se encontra prêso.

PADRE DAMIÃO — O senhor prendeu Antonio Cipriano?

EMISSÁRIO — Que outra coisa eu poderia fazer? Tenho ordens expressas do Presidente para fazer impor o princípio da autoridade. O que fêz o Prefeito desde a minha chegada? Confundir-me e confundir tôdas as pessoas. Se êle está louco que vá para um hospício. Mas transformar esta cidade, a Princesa do Nordeste, num vasto hospício isto é que não. Temos que estar bem atentos pois o dedo da subversão está sôlto por aí. **(Antonio Cipriano vira-se)** O que é que o senhor está fazendo aqui?

ANTONIO CIPRIANO — Querendo ver se consigo almoçar de uma vez por tôdas. Já passou da hora **(Grita)** Rosinha!

EMISSÁRIO — O senhor subornou os guardas da cadêia!

ANTONIO CIPRIANO — Que guardas? E de que cadeia?

EMISSÁRIO — A cadeia, onde deixei o senhor prêso.

ANTONIO CIPRIANO — Eu? Prêso?

EMISSÁRIO — Acho melhor o senhor voltar para lá. As consequências disto tudo podem ser terríveis.

ANTONIO CIPRIANO — O senhor tem certeza de que está se sentindo bem?

EMISSÁRIO — O senhor quer insinuar o que? Que eu estou louco?

(Entra Rosinha)

ROSINHA — **(Com profundo ar de felicidade)** Que deseja senhor meu marido?

ANTONIO CIPRIANO — Almoçar.

ROSINHA — De novo?

ANTONIO CIPRIANO — De novo como?

ROSINHA — E nós já não almoçamos?

ANTONIO CIPRIANO — Você também, Rosinha?

ROSINHA — Eu também o que?

EMISSÁRIO — Seu marido, minha senhora...

ANTONIO CIPRIANO — Cale-se! Eu estou falando...

EMISSÁRIO — O senhor ousa mandar calar-se um representante...

ANTONIO CIPRIANO — Ouso sim! Cale-se. E fique muito caladinho aí. Vamos esclarecer isto tudo de uma vez por tôdas. O senhor diz que me prendeu, não é verdade?

EMISSÁRIO — Exatamente. E tenho testemunhas.

ANTONIO CIPRIANO — O senhor, padre Damião, diz que me esbofeteou?

EMISSÁRIO — E na minha frente.

ANTONIO CIPRIANO — Você, minha mulher, diz que eu já almocei.

ROSINHA — E não almoçou meu amor? Você, eu, Ritinha e o safado dêste padre que andou tirando atrevimentos com a pobre da minha irmã!

PADRE DAMIÃO — Ela também!

ANTONIO CIPRIANO — Alguém aqui está louco! E como não sou eu o louco eu digo: Merda! Merda pra vocês todos!

ROSINHA — Antonio!

EMISSÁRIO — Esta é demais!

(Entra um guarda aflito)

GUARDA — O povo invadiu a cadeia e tirou o Prefeito de lá!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156,p. 445

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. OLS6,1p.446

EMISSÁRIO — Eu bem que sabia! E o senhor aqui tentando me confundir. Sabe o que é isto? É a subversão total da ordem. É comunismo!?

ANTONIO CIPRIANO — **(Puxando um revólver)** Agora eu percebi tudo. Realmente há um movimento subversivo aqui. Mas é dirigido contra mim. Todos uniram-se contra a autoridade do Prefeito. Até a minha mulher. Mas eu saberei me defender. Guarda, prenda aquêle homem ali.

GUARDA — Mas senhor Prefeito, êle disse que é representante do Presidente.

ANTONIO CIPRIANO — Deve ser mentira. Com certeza é algum agitador a serviço de alguma potência estrangeira.

GUARDA — Dos russos?

ANTONIO CIPRIANO — Ou dos chineses, ou dos franceses, ou dos alemães, que sei eu? Mas só pode ser isto. Prenda-o imediatamente!

PADRE DAMIÃO — Antonio, meu irmão...

ANTONIO CIPRIANO — Agora é que o senhor se lembra que eu posso ser seu irmão... Mas é um pouco tarde! Depois de ter aderido aos meus inimigos. Não, não e não. Vai também para a cadeia!

GUARDA — Até o padre, senhor Prefeito?

ANTONIO CIPRIANO — Até o padre! Não é o primeiro a ser prêso, nem será o último. Todos podem ser presos em nome da lei; até mesmo o cavalo.

(O guarda vai amarrando as mãos do padre Damião e do Emissário)

PADRE DAMIÃO — Que tôda esta humilhação seja pelo amor de Nosso Senhor Jesus Cristo.

ROSINHA — Agora o senhor se lembra de Nosso Senhor Jesus Cristo. Mas quando estava querendo xambregar com a minha irmã...

PADRE DAMIÃO — Meu Pai, Meu Pai, êles não sabem o que estão dizendo nem o que estão fazendo.

EMISSÁRIO — Exijo imediatamente um advogado.

ANTONIO CIPRIANO — Terá o advogado. Mas vai para a cadeia. Basta as confusões que já me causou. **(O guarda sai com padre Damião e o Emissário)** E agora nós, minha querida espôsa.

ROSINHA — Hoje foi um dia tão feliz para mim, Antonio. Há quanto tempo a gente não ficava junto.

ANTONIO CIPRIANO — Quando é que nós dois ficamos juntos hoje, senhora minha mulher?

ROSINHA — Então não está lembrado?

ANTONIO CIPRIANO — Claro que não posso me lembrar de uma coisa que não aconteceu?

ROSINHA — Então quem foi que almoçou comigo e depois...

ANTONIO CIPRIANO — **(Com angústia crescente)** — e depois?

ROSINHA — ... e depois, ora, você sabe muito bem o que aconteceu depois!

ANTONIO CIPRIANO — Então quer dizer que eu sou um côrno?

ROSINHA — Como o senhor ousa dizer uma coisa desta?

ANTONIO CIPRIANO — Se você estêve com alguém então eu sou um côrno. Se eu tenho certeza que não fui eu!

ROSINHA — Estou percebendo o que você quer fazer. Quer me convencer que estou louca para me internar num hospício e então poder fazer o que bem entender. Com cer-

M.J. DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL SCDP SI...

teza tem alguma sirigaita metida nisto tudo. Claro que tem algum rabo de saia por trás disto tudo. Senhor meu marido, não precisa recorrer a um processo tão vil. Se eu sou demais em sua vida, pode dizer, que eu vou embora. Também tenho meu orgulho. Não vou querer ficar junto do senhor se na realidade não possuo mais o seu amor.

ANTONIO CIPRIANO — Não vamos confundir mais isto tudo. O que eu quero saber é se você insiste em dizer que almocei com você hoje e depois... e depois...

ROSINHA — Claro que insisto pois é a pura verdade.

ANTONIO CIPRIANO — Então você está realmente louca, ou então... ou então está fazendo parte dessa maldita conspiração que quer me tirar da Prefeitura. Uma das duas coisas. E só existe dois caminhos: o hospicio ou a cadeia!

ROSINHA — **(Gritando)** Socorro! Socorro! Socorro!

ANTONIO CIPRIANO — Que escândalo é êste? Estou batendo em você?

ROSINHA — Você pensa o que? Que vai me mandar para o hospício ou para a cadeia sem que eu faça nenhum protesto? Socorro! Socorro!

(Aparecem Antonio das Almas, as beatas, Sacristão e habitantes de Caruaru, Biu)

ANTONIO DAS ALMAS — Agora o senhor também bate em mulheres indefesas?

(Agarram Antonio Cipriano)

BIU — Oi, Chico, o que é que você fêz?

ANTONIO CIPRIANO — E você não está prêso?

BIU — Eu? Prêso? Eu estava casando a filha daquele senhor com um cavalo muito esquisito.

ANTONIO DAS ALMAS — É verdade. Consegui con-

vencer o padre a casar minha filha com o cavalo que tem cabeça de gente.

BIU — Êles cismaram que eu sou padre, Chico. Então, vou casando quem êles quizerem.

ANTONIO CIPRIANO — Mas isto é um sacrilégio. E que história é esta de me chamar de Chico?

BIU — Você não me disse que se chamava Chico?

ANTONIO CIPRIANO — Eu nunca disse isto na minha vida!

BIU — Que descarado!

ANTONIO CIPRIANO — Exijo que me soltem!

ANTONIO DAS ALMAS — De maneira nenhuma. O senhor já mostrou demais não ter nenhuma competência para o cargo que ocupa. E diante das ameaças físicas à sua santa espôsa...

ROSINHA — Mas eu não quero que êle seja prêso!

ANTONIO DAS ALMAS — Mas vai ter de ser! Êste é um momento de maior importância para a Historia de Caruaru e talvez para a História do Brasil: a Oposição toma o Poder.

ANTONIO CIPRIANO — Isto não pode ser!

SACRISTÃO — **(Para Rosinha)** — Vou dar um jeito. A senhora não se avexe. O sino vai salvar o Prefeito.

(Sai o sacristão)

ANTONIO DAS ALMAS — Quero que todos saibam que de agora por diante a Justiça e a Liberdade voltaram para a nossa cidade. Como primeira providência mandarei buscar no Recife um poderoso guindaste.

(Ouve-se o sino tocando com violência. Balburdia geral)

VOZES — O que terá acontecido?
Será incêndio?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 447

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 (p. 448

O fim do mundo!
Meu Deus, socorrei-nos!

(A cena escurece — grande correria — o sino continua tocando. Antonio Cipriano encontra-se com Chico e ambos dão um grito. Chico desmaia, Antonio Cipriano sai correndo — O mesmo acontece com Biu e o padre Damião — O padre desmaia e Biu sai correndo — Rosinha que assistiu o encontro de Chico e Antonio Cipriano também desmaia — Há um momento de silêncio. Só o sino toca. Entram as duas velhas)

PRIMEIRA VELHA — Que lugar será êste cheio de tanto grito e escuridão?

OUTRA VELHA — Devia ser Caruaru. Mas pelo visto é a terra onde o demônio perdeu as botas.

PRIMEIRA VELHA — Ah, que sina será esta que nos fêz deixar as nossas casas em busca dos filhos fujões e virmos dar, as duas, no meio dêste inferno?

OUTRA VELHA — Veja! Quantos mortos...

PRIMEIRA VELHA — **(Agarrando-se ao padre Damião)** — Biu, Biu, filho meu!

OUTRA VELHA — **(Agarrando-se a Chico)** — Chico! Chico!

PRIMEIRA VELHA — Desgraçada de mim!

OUTRA VELHA — Ai, desventurada!

(Vai entrando Antonio Cipriano)

OUTRA VELHA — O que é isto? Vai, Satanaz! Que visagem é esta que pretende alucinar a minha vida? Não estás morto, ó Chico?

ANTONIO CIPRIANO — Quem é a senhora? O que faz aqui?

M. J. DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL SCDP SR/DF

OUTRA VELHA — Então você não me conhece mais, filho meu? Será que os mortos não se lembram dos vivos? Nem mesmo de suas mães? Volta para as profundas! Volta! Deixa em paz esta pobre mãe para que possa chorar a morte de seu filho!

(Rosinha acorda e assiste o que se segue)

ANTONIO CIPRIANO — Esta mulher estará louca?

(Chico começa a se mexer — A outra velha dá um grito)

OUTRA VELHA — Será que posso ter esperança? Será que êste é um dia milagroso? Chico! Chico!

CHICO — Sim, mãe. mãe. Minha mãe.

OUTRA VELHA — E você deve ser o outro filho meu, o filho que eu dei a uma cigana num dia de muita fome e desespêro!

ANTONIO CIPRIANO — Mãe! É meu irmão! Gêmeo! Agora está tudo explicado...

ROSINHA — Desgraçada de mim!

(Desmaia novamente)

PRIMEIRA VELHA — Como invejo a sua sorte, minha amiga. E eu pobre de mim, o filho morto... e ainda vestido de padre. Devia estar usando disfarce para se livrar de alguma estrepolia...

(Entra Biu)

PRIMEIRA VELHA — Biu!

BIU — Mãe!

PRIMEIRA VELHA — Então êste outro... Ó que dia cheio de felicidade: **(Padre Damião)** E êle está vivo!

(A cena escurece totalmente — luz na casa de Antônio das Almas — turistas)

ANTONIO DAS ALMAS — Venham ver os grandes prodigios. Venham todos! A mulher mais alta do mundo casada com o cavalo com cabeça de gente; na casa ao lado, a mulher mais gorda do mundo, que come dois bois por dia e 100 pacotes de macarrão; e na Prefeitura um contador contará para todos a história lancinante de dois casais de gemê-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

os que foram separados na infância e se encontraram depois de muita desventura. Venham! Venham todos! Os maiores prodígios de uma época extraordinária na terra mais feliz do mundo: O Nordeste brasileiro! Um dólar. Um dólar, por favor. Só aceitamos pagamento em dólar. Um dólar... Um dólar...!

PANO

Composto e impresso no Departamento de Imprensa — Govêrno do Estado do Rio Grande do Norte, Natal, sendo Diretor do Serviço Nacional de Teatro do Ministério da Educação e Cultura o sr. FELINTO RODRIGUES NETO.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. OLS6, p. 449

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.01S6,p.450

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO CEARÁ

PEÇA TEATRAL: "O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU"
AUTOR: ALDOMAR CONRADO
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16 ANOS S/CORTES
JUSTIFICATIVA DE IMPROPRIEDADE: TERMOS PORNOGRÁFICOS E SITUAÇÕES DE ADULTÉRIO
ASSUNTO: LEITURA DE "SCRIPT"

RELATÓRIO

Três bruxas más fazem feitiço contra uma mulher que mandou benzer sua casa com incenso bento pelo bispo e daí se desencadeia uma série de malefícios, envolvendo várias famílias e gerações de uma cidade: numa casa nasce um cavalo com cara de gente e isto traz transtornos entre o casal; Sigismunda, a mulher coqueiro, para maior desgosto de seu pai, casa com o cavalo com cara de gente; quatro irmãos gêmeos, criados por pessoas diferentes e distantes - dois são cidadãos respeitáveis e dois são namoradores de mulheres casadas, e vivem fugindo da perseguição dos maridos destas - e, por acaso, se encontram na estrada e quando chegam na Cidade de Caruaru arranjam novas encrencas, em virtude de serem confundidos com o prefeito e o padre da cidade, seus irmãos gêmeos respectivamente.

A mensagem é negativa, pois transmite essencialmente, sentimentos de ódio e vingança, porém transparece de modo secundário a solidariedade humana entre alguns personagens.

A peça destina-se a um público mais adulto, com certo grau de discernimento.

Escrita em linguagem própria de literatura de cordel, com termos bem populares no interior nordestino e alguns apelativos contra a moral, a peça foi feita com muito humor e com a finalidade exclusiva de divertir, partindo de fatos irreais, sem nenhuma preocupação de persuadir o público a um raciocínio lógico, a uma aceitação dos fatos.

Além de fatos fantásticos, de termos pornográficos, de adultério, o autor também insinua a prática do zoofilismo, sendo conveniente a liberação da peça com impropriedade para maiores de 16 anos, sem a necessidade de cortes.

É o que me cumpre relatar.

Fortaleza, 05 de abril de 1983.

MARIA IRANILDE DA SILVA BATISTA - TC
Mat. nº. 2 397 403

SR/DPF/CE - Cód. 12.144 - - Papel 24 Kg. Champion Bond. 20.000 Fls. Dim. 297x210 mm 0182

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p.451

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO CEARÁ

PEÇA TEATRAL: "O Apocalipse ou o capeta de Caruaru"

AUTOR: Audomar Conrado

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16 anos

JUSTIFICATIVA DE IMPROPRIEDADE: TERMOS PORNOGRÁFICOS E SITUAÇÕES DE ADULTÉRIO

ASSUNTO: Leitura de Script

RELATÓRIO

Três bruxas más reunem-se numa noite de chuva e juntas fazem um feitiço contra uma pobre mulher que benzeu sua casa com incenso bento pelo bispo.
A partir daí, desencadeiam-se uma série de malefícios extensivos as gerações futuras dessa mulher, entre os quais, um dos seus filhos gêmeos é roubado, assim como a um outro par de gêmeos, e no futuro reunidos de forma a que se desvende o mistério.

A mensagem principal é negativa, por sobrepujarem o ódio e a vingança, predominantemente em todo o texto.

A linguagem utilizada é simples, baseada em Literatura de Cordel, tendo em alguns trechos, passagens pornográficas e também um caso de zoofilia.

Quanto ao poder de persuasão seria mínimo, visto tratar-se de uma estória fantástica, cheia de misticismo, retratando fatos do sertão nordestino, o que adequa-se a público adulto com a impropriedade sugerida.

Por tratar-se de uma peça simples, sem maiores implicações, relatando estórias regionais, com passagens cômicas, considero que a mesma seja liberada para público maior / de 16 anos, porém condicionada a exame de ensaio geral.

Era o que me cumpria relatar.

Fortaleza, 05 de abril de 1983.

Maria Noelia Santos Zingano

SR/DPF/CE - Cod. 12.144 - - Papel 24 Kg. Champion Bond. 20.000 Fls. Dim. 297x210 mm 0182

MARIA NOELIA SANTOS ZINGANO - TC
Mat. nº. 2417047

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,1452

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO CEARÁ

PEÇA TEATRAL :"Apocalípse" ou "Capeta de Caruarú"
AUTOR :Audomar Conrado
CLASS.ETÁRIA :16 anos
JUST.DE IMPRROPRIEDADE:Linguagem pornográfica e situações de adultério
ASSUNTO :Leitura de "script"

R E L A T Ó R I O

Numa noite fria de chuvas,relâmpagos e trovoadas,as três bruxas más preparam num grande caldeirão uma porção ao mesmo tempo que praguejam e invocam que uma terrível maldição caia sobre a mulher que pôs incenso bento pelo bispo,expulsando todos os males da sua casa.A maldição porém atinge não só a mulher como também envolve um grande número de pessoas principalmente as que estão ligadas por laços familiares.

A mensagem é negativa pois todo o desenrolar da estória baseou-se no ódio e na vinganca arquitetada pelas bruxas.Como os fatos são fantásticos e irreais não há momentos de tensão e são narrados com muito humor em estilo bem regional.

Algumas mensagens secundárias são positivas pois deixa patente a solidariedade e a caridade de algumas pessoas.

A peça destina-se ao público adulto.

A linguagem é característica da região e se adequa aos personagens,todos,com exceção do emissário,nascidos em Caruarú,cidade do interior pernambucano conhecida pela famosa e maior feira livre do Nordeste.

A peça,baseada em literatura de cordel,é engraçada e em alguns momentos de um humor picante e irreverente,é fácil e leve,não induz portanto a maiores reflexões.Considero nulo o grau de persuasão.

Por considerar que a estória apesar do humor que a caracteriza,tenha momentos ou plavras mais fortes,principalmente em algumas estrofes da letra musical,opino pela liberação para maiores de 16 anos,condicionada ao exame de ensaio geral.

Fortaleza,05 de abril de 1983

MARIA EUNICE MEIRA MAYER - TC
Mat. nº 2 417 049

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.453

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO CEARÁ

PEÇA TEATRAL: O APOCALIPSE ou O CAPETA DE CARUARU
AUTOR: ALDOMAR CONRADO
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16 ANOS
S/CORTES
JUSTIFICATIVA DE IMPROPRIEDADE: TERMOS PORNOGRÁFICOS E SITUAÇÕES DE ADULTÉRIO
DATA, LOCAL E HORA: 20.05.83, NO TEATRO MÓVEL, ÀS 20:00 Hs.
ASSUNTO: ENSAIO GERAL

R E L A T Ó R I O

Por determinação desta chefia, compareci ao Teatro Móvel, à Av. Carapinima, para assistir o ensaio geral da peça teatral "O apocalipse ou O capeta de Caruaru" de Aldomar Conrado.

A peça apresenta estórias fantásticas supostamente ocorridas numa cidade do interior pernambucano, Caruaru: nasce um cavalo com cara de gente; uma mulher crescendo sem parar, passa a ser chamada pelo povo de mulher coqueiro; já uma outra engorda sem cessar e não cabe mais numa sala. Esses acontecimentos ocorrem concomitantemente e causa verdadeiro pandemônio na cidade, tudo isso por conta de feitiçaria de 3 (três) bruxas más.

A mensagem predominante é o ódio e a vingança, havendo, porém, leve exemplo de solidariedade entre algumas pessoas.

O guarda-roupa é simples e comum às pessoas do interior: vestidos de fazenda de algodão, compridos e de mangas, o padre de batina e o prefeito, vestido mais a rigor - calça e paletó.

A iluminação é normal, havendo escurecimento total e rápido no final de cada cena, sem nenhum efeito especial.

Não há cenário, aparecendo no término da peça uma feira de artesanato e comidas típicas - uma pequena amostra da feira de Caruaru.

Pelo apresentado, confirmo a liberação para 16 anos, s/cortes.

Fortaleza, 23 de maio de 1983.

Ma. Iranilde da Silva Batista
Técnica de Censura.

SR/DPF/CE - Cód. 12.144 - - Papel 24 Kg. Champion Bond. 20.000 Fls. Dim. 297x210 mm 0182

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0256 p. 454

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO CEARÁ

PEÇA TEATRAL: " O CAPETA DE CARUARÍ"
AUTOR: ALDOMAR CONRADO
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16 ANOS
JUSTIFICATIVA DE IMPROPRIEDADE: TÊRMOS PORNOGRÁFICOS E SITUAÇÕES DE ADULTÉRIO
LOCAL, DATA E HORÁRIO: TEATRO MÓVEL, 20/05/83, 20 horas
ASSUNTO: EXAME DO ENSAIO GERAL

RELATÓRIO

A maldição de três bruxas modifica a vida de vários personagens de uma cidadezinha do interior: troca de crianças gêmeas, o nascimento de um cavalo com cara de gente, o crescimento anormal de uma mulher, a outra que engorda sem parar.

O texto é inspirado em nossa literatura de cordel, donde o autor consegue harmonizar vários tipos fantásticos do nosso folclore, recheiado de críticas social e política.

Com bastante humor, satiriza o centralismo do nosso sistema federativo com a presença de um representante do govêrno, interferindo na autonomia municipal, donde se conclue que a tônica do espetáculo juntamente com a mensagem, é a sátira, visando somente o entretenimento popular.

A montagem do espetáculo parte para a simplicidade, o cenário é bastante despojado, a iluminação sem maiores efeitos, a representação circense é o forte, poisp local, um teatro de arena, conduz bem este tipo de apresentação. Culminando com uma verdadeira feira, onde os objetos são comercializados para o público.

A linguagem é caracteristicamente nordestina, entremeada de palavras e têrmos grosseiros, evidenciando também situações maliciosas, razão da impropriedade sugerida. Persuasão inexiste.

É o que me cumpre relatar.

Fortaleza, 23 de maio de 1983

Myrtes Nabuco de Oliveira Pontes

SR/DPF/CE - Cód. 12.144 - - Papel 24 Kg. Champion Bond. 20.000 Fls. Dim. 297x210 mm 0182

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,1p.455

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO CEARÁ

PEÇA TEATRAL: "O Capeta de Caruarú"
AUTOR: Aldomar Conrado
LOCAL DATA EHORA: Teatro Móvel-20/05/83-20:00hs
ASSUNTO: Exame de Ensaio Geral
CLASS.ETÁRIA: 16 anos
JUST.DE IMPROPRIEDADE: Termos pornográficos e situações de adultério

R E L A T Ó R I O

Três bruxas más preparam uma vingança contra a mulher que com incenso bento expulsou de casa todos os males e com eles a presença das bruxas que se viram obrigadas a suportar o frio e a chuva daquela noite de inverno.

A vingança não só atinge a mulher que as expulsou, como também os familiares e a geração seguinte.

A mensagem principal é negativa pois toda trama se baseia na vingança e no ódio das bruxas. Há porém mensagens positivas (secundárias) em alguns momentos de solidariedade com a moribunda, no gesto de adoção das crianças, etc.

A linguagem se adequa aos diversos personagens e é bem característico da região. É nulo o grau de persuasão.

A peça é dirigida ao público adulto.

O guarda-roupa compõe-se de peças que caracterizam os personagens: bruxas, homem-cavalo e os demais com roupas comuns.

O cenário só aparece no final da peça e apresenta uma amostra da feira de Caruarú.

A iluminação é simples e sem efeitos especiais

Por considerar a peça como simples entretenimento e considerando que apesar dos componentes supostamente infantis, frequentemente aparecem palavrões, situações de adultério e termos maliciosos, sugiro a impropriedade para menores de 16 ANOS.

Fortaleza, 23 de maio de 1983

Maria Eunice Meira Mayer

Téc. de Censura

SR/DPF/CE - Cód. 12.144 - - Papel 24 Kg. Champion Bond. 20.000 Fls. Dim. 297x210 mm 0182

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 456

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO CEARÁ

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PEÇA TEATRAL: "O APOCALIPSE" ou "O CAPETA DE CARUARU"
AUTOR: Aldomar Conrado
CLAS. ETÁRIA: 16 anos -

Trata-se de uma já liberada anteriormente pela DCDP, sendo proibida para menores de 16 anos conforme Radiograma nº 407/83/DCDP de 29.03.83.

Em anexo os relatórios de "script", de ensaio geral, o texto e o Certificado de Censura Provisório.

Fortaleza Ce 30 de maio de 1983.

Francisca Ieda Augusto Fernandes
Chefe do SCDP/CE

SR/DPF/CE - Cód. 12.144 - - Papel 24 Kg. Champion Bond. 20.000 Fls. Dim. 297x210 mm 0182

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 457

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 04/83-SCDP/SR/CE (PROVISÓRIO)

PEÇA O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU

ORIGINAL DE ALDOMAR CONRADO

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 23 de agosto de 19 83

Fortaleza/CE, 23 de maio de 19 83

16 ANOS

p/ Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 458

M.J-D.P.F

CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU

Original de ALDOMAR CONRADO

Tradução de

Adaptação de

Produção de

Requerida por LUIZ HAROLDO CAVALCANTE SERRA

Tendo sido censurada em 20 de maio de 19 83 e recebido a seguinte classificação: Imprópria p/Menores de 16 anos s/cortes

Fortaleza 23 de maio de 19 83

Chefe do Serviço de Censura SR/CE

DPF-150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0456,0.459

TEATRO

TÍTULO O apocalipse ou o capeta de Camaru

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 16 anos

Praça SCDP/SR/CE

Obs.:

DF. 07, 06, de, 83

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de 16 (dezesseis) anos, sem cortes, condicionada ao exame do ensaio geral.

Obs.: cert. Provisório - SR/CE

Brasília-DF, 10 de 06 de 1983

Hellé Prudente Carvalhedo

Brasília – DF Mat. 246 791 de 1.97

II. Situações de adultério
Cenas e linguagem maliciosas

4) SERVIÇO DE CENSURA

A consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de para o qual os censores propõem a classificação etária de dezesseis (16) anos.

Brasília-DF, 14 de junho de 1983

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 14 / junho / 1983

Solange M. T. Hernandes
Diretora da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.460

16 junho de 1983

1.027/83-SE/DCDP

CE.

" O APOCALIPSE ou O CAPETA DE CARUARU ", de Aldmar Conrado, " A FARSA DO ADVOGADO PATHELIM ", autor desconhecido.

Atenciosamente,

Solange M. T. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 461

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 083

PEÇA " O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU "

ORIGINAL DE ALDOMAR CONRADO

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO
" SITUAÇÃO DE ADULTÉRIO - CENAS
E LINGUAGEM MALICIOSAS "

16 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZESSEIS ANOS

VÁLIDO ATÉ 14 de JUNHO de 19 88

Brasília, 14 de JUNHO de 19 83

Solange M. T. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 01 56 ip. 462

" O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU "

ALDOMAR CONRADO

LUIZ HAROLDO CAVALCANTE SERRA - FORTALEZA/CE.

20 MAIO 83

IMPRÓPRIA PARA MENORES DE DEZESSEIS (16) ANOS. CONDICIO_ NADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

14 JUNHO 83

NEI DE OLIVEIRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0256 1 p. 463

1 NOV 1987 000000

51.798

DCDP

[illegible] HORIZONTE [illegible]

DESPACHO

122/87 SCDP 111187 P. SOL INFO SIT PEÇAS TEATRAIS ''SOLTA [illegible] [illegible]'' VG CRIAÇÃO COLETIVA DO GRUPO CARRANCA E ''O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU'' VG AUT ALDOMAR CONRADO PT

[illegible]

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº 000000

17 NOV 1 57 88

POSIÇÃO:

QUITAÇÃO

HRS: OPR:

PREÂMBULO

Espécie:. OFICIAL | Número..... | Data:.....

Origem..... | Palavras..... | Hora:.....

ENDERÊÇO

SCDP/SR/BHE/MG

TEXTO A TRANSMITIR

Nº641/DCDP de 17 - 11 - 87 —— RERA NR 122 ET 123 DT 111187 SCDP/MG VG INFO PEÇAS "SOLTA MINHA ORELHA" LIB 18 ANOS CERT VENC 051187 J.I. LINGUAJAR LIVRE - NU PTVG "O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU" LIB 16 ANOS CERT VAL 140688 J.I. SITUAÇÃO DE ADULTÉRIO - CENAS ET LINGUAGEM MALICIOSAS PT NADA CONSTA "RAÍZES DE NOSSA TERRA" PT DCDP

Assinatura ou rubrica do expedidor.. Ilma. Helena Santos Domingos DPF-84

Chefe do SC - DCDP

Substituto

SERVIÇO GRÁFICO DO DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156, p.464

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 fl. 465

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

23 NOV 1420 007857

DCDP / DSB

Belo Horizonte-MG
Em 20 de novembro de 1987

OF. Nº 208/87-SCDP/SR/MG

Do: Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas/MG

Ao: Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto: Encaminhamento (faz)

Pelo presente, encaminho a V. Sa. o processo de nº 2344/87-SCDP/SR/MG, referente à peça teatral "O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU".

Atenciosamente,

Antônio José de Freitas Duarte
Chefe do SCDP/SR/MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p.466

ILMº. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MJ - Departamento de Polícia Federal
Superintendência Regional de Minas Gerais
Serviço de Censura de Diversões Públicas
PROTOCOLO Nº 2344/87
DATA 11/11/1987
Funcionário

José Márcio Correa
Requerente

bras., Artista.
Nacionalidade Profissão

Carteira de Identidade M-500-540 - S.S.P.E.M.G.
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à Rua Baluc 1416

vem, mui respeitosamente, requerer de V. Sª., que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a(s) Peça Teatral abaixo relacionada(s), de autoria
Espécie

de: Aldomar Conrado

Título(s)
"O Apocalipse" ou "O Capeta de Carvalho"

N. Termos
Pede deferimento

B.H., 11/11/87
Local e Data

Requerente

Anexos:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p.467

1 - ~~EMPRESA OU GRUPO.~~ (Se houver)

Nome: Nucleo de Estudos Teatrais C.G.C.: _____

Sede: Rua Bahia 1416

_____ CEP: 30160

Diretor ou Responsável: José Márcio Correa

2 - DADOS DO AUTOR

Nome: Adamar Conrado

Pseudômino: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

Profissão: _____ Est.Civil: _____

Endereço: _____

_____ CEP: _____

3 - PARCERIA

Nome: _____

Pseudômino: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

Profissão: _____ Est.Civil: _____

Endereço: _____

_____ CEP: _____

Nome: _____

Pseudômino: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

Profissão: _____ Est.Civil: _____

Endereço: _____

_____ CEP: _____

Declaro que a matéria a ser examinada não foi submetida à apreciação dessa DCDP (exetuando os pedidos de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aquí prestadas.

DATA: B. Hz 14/11/87

Ass.: _____

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p.468

CENS

DE BRASILIA/DF NR 10138 50 17/1507P

SCDP/SR/MG PHF

NR 641/DCDP DF 171187 PT RERA NR 122 ET 123 DT 111187 SCDP/MG VG INFO PEÇAS ''SOLTA MINHA ORELHA'' LIB 18 ANOS CERT VENC 051187 J.I LINGUAGEM LIVRE - NU PTVG ''O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU'' LIB 16 ANOS CERT VAL 140688 J.I SITUAÇAO DE ADULTERIO CENAS ET LINGUAGEM MALICIOSAS PT NADA CONSTA ''RAIZES DE NOSSA TERRA'' PT

DCDP

NNNN

T/OP171600

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 469

À CENSORA

DRA. HELENA

PARA EXAME COMPARATIVO.

BELO HORIZONTE, 11/11/87

Leila Márcia da Silva
Censora Federal - MG
Mat 022 2563

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p.470

Paula Andrea Vieira

O APOCALÍPSE OU O CAPETA DE CARUARU

Paula

Onde o autor pede emprestadas algumas idéias ao seu irmão inglês William Shakespeare e desde já agradece

Uma encruzilhada. Árvores sêcas. Trovões. Relâmpagos. Três bruxas em tôrno de um caldeirão que ferve.

PRIMEIRA BRUXA — Um pimentão...
SEGUNDA BRUXA — Um galho de avelós...
TERCEIRA BRUXA — E um de mangerição...
SEGUNDA BRUXA — Três dentes de dois avós...
PRIMEIRA BRUXA — Esperma de burro ladrão...
TERCEIRA BRUXA — Mijo de mulher parida
Em noite de São Sebastião.

AS TRES BRUXAS — Bão ba la lão
Bão ba la lão
Lão Lão lão.

PRIMEIRA BRUXA — A mistura está feita, agora é saber aplicá-la.

SEGUNDA BRUXA — Eu saberei como aplicar. O ódio é meu; a vingança será minha também. Mulher safada aquela. Numa noite tão gelada, eu com êstes trapos mal cobrindo o corpo, e vassoura quebrada, e a quenga foi incensar a casa com incenso bento por bispo, para que eu tivesse de andar pela noite afora tremendo no meu frio e na minha pobreza.

TERCEIRA BRUXA — Maus tempos aqueles em que uma bruxa não pode nem conseguir uma vassoura nova.

SEGUNDA BRUXA — Faço questão, irmãs, de eu mesma ser a portadora dêste líquido infernal que vai terminar com a paz dessa mulher famigerada.

Serviço de Censura de Diversões Públicas - SRTMG

BR·DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 471

VELHA — E como não dar a benção? Coração de mãe não foi feito para o ódio. O filho erra e a gente continua amando. Vai, meu filho, que Deus lhe acompanhe cada passada. E lembra de mim se a sorte fôr benfazeja.

(Abraça-se com Biu e chora)

BIU — Até a volta, mãe. A gente ainda vai se encontrar.

VELHA — Que todos os anjos lhe acompanhem.

Biu sai correndo
A velha chora
As três bruxas em cima de uma árvore e tudo assistem e dão uma risada terrível

4-9

Um cartaz: "onde se volta ao dia que a cigana roubou o menino"
Cigana bate na porta de um outro casebre

VOZ DE OUTRA MULHER — É de paz?
A CIGANA — De tôda paz

Aparece a outra mulher com dois filhos nos braços

A CIGANA — Gêmeos?
A OUTRA MULHER — Tive há já quinze dias. Imagine só. Uma pobreza tanta e duas bôcas para sustentar.
A CIGANA — Quer me dá um? Tenho um filho, único e me preocupo: dizem que filho sozinho termina virando moíno. Já nem consigo dormir.
A OUTRA MULHER — A senhora está falando deveras?
A CIGANA — Verdade verdadeira.
A OUTRA MULHER — Então, tome. Pode escolher.
A CIGANA — Qualquer um serve.

A OUTRA MULHER — Tome êste aqui; é o que tem mais fome. Ó boquinha insaciável.
A CIGANA — Dia feliz o de hoje; dois filhos sem precisar ter parido.

(Pega a criancinha e sai)

Cartaz: "onde se repete um pouco p'ra poder continuar.

Luz no casebre de Biu

VELHA — Vai. Vai. Se tem que ir por que não vai logo?
BIU — Sua benção, mãe.
VELHA — E como não lhe dar a benção? Coração de mãe não foi feito para o ódio. O filho erra e a gente continua amando. Vai, meu filho, que Deus lhe acompanhe cada passada. E lembra de mim se a sorte lhe fôr benfazeja.

(Abraça-se com Biu e chora)

BIU — Até a volta, mãe. A gente ainda vai se encontrar.
VELHA — Que todos os anjos lhe acompanhem.

Biu sai correndo
A velha chora
As três bruxas em cima de uma árvore e tudo assistem e dão uma risada terrível

5-

PRIMEIRA BRUXA — Vejam, vejam.
AS DUAS OUTRAS BRUXAS — O que? O que?
PRIMEIRA BRUXA — Naquela outra cidade ... Que estranho. Acontece a mesma coisa.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 (P.472

Luz no outro casebre
saem Chico e a outra velha

OUTRA VELHA — Eu ainda lhe mato. Eu ainda lhe mato, desgraçada.

CHICO — Mãe, a senhora precisa compreender.

OUTRA VELHA — Compreender o que? A tua safadezas? Não vivi avisando? Que essas mulheres daqui só podem arranjar confusão? Ah, desgraçado, às vêzes tenho vontade que o marido dela lhe pegue e lhe cape, e só assim eu ia ter sossêgo no fim da minha vida.

CHICO — Mãe tá dizendo isso de brincadeira. Desdiz, mãe, por favor.

OUTRA VELHA — Não desdigo coisa nenhuma. Ah, Deus meu, o que vai ser de mim? Sòzinha no fim dos meus dias. Por que eu não dei você em lugar do outro? Quem sabe o outro não é um homem de bem que faz a felicidade daquela maldita cigana?

CHICO — Mãe, eu vou ter que ir embora. Mas antes, mãe vai desdizer, aquilo, pela hostia consagrada.

OUTRA VELHA — (Agarrando-se a Chico) — O filho meu, que vão ser dos meus dias, sem nenhum amparo?

CHICO — Mãe, o marido pode aparecer de repente e eu estou isolado. Ele contratou três cabras p'ra liquidar com os meus dias.

A OUTRA VELHA — Vai e que Deus lhe ilumine.

Chico beija a outra velha e sai correndo

A outra velha chora
Escurece
Luz

Cartaz: "O grande encontro de Chico e Biu"

Biu e Chico entram correndo, encontram-se e caem no chão

CHICO — Oi, que pressa dos diabos.

BIU — E a sua não é igual?

CHICO — Tou fugindo do marido de uma namorada minha.

BIU — Eu também.

CHICO — Você também está fugindo do marido da uma namorada?

BIU — Pois não é?

CHICO — Eita, quanto destino de côrno neste mundo de Deus.

BIU — Você vai p'ra onde?

CHICO — P'ra cidade mais longe que eu encontrar.

BIU — Podemos ir juntos.

CHICO — Topo.

BIU — Então topado está.

CHICO — Tenho aqui uma carinha. Quer um gole?

BIU — Ora se não.

Bebem

CHICO — Um, dois, três?

BIU — Correr enquanto é vez.

Saem correndo

Cartaz: FIM DO PRÓLOGO

Serviço de Censura de Diversões Públicas DPF SR/MG

DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 473

CENA I

Onde se apresenta uma cidade grande do agreste pernambucano com alguma crítica dos costumes

Quarto da agonizante

Ao lado da cama Antônio Cipriano, sua mulher Rosinha, padre Damião, Rita, cunhada do Cipriano, duas beatas e o sacristão.

A AGONIZANTE — Meu filho, eu vou ter de revelar um segrêdo.

(Os personagens entreolham-se)

ANTÔNIO CIPRIANO — Mãe, acho melhor não falar muito. A senhora precisa de descanso. O médico recomendou repouso absoluto. Nós todos vamos sair e só Rosinha vai ficar aqui. A senhora tem que descansar.

A AGONIZANTE — Não, meu filho. Não me deixe agora. Sinto que a vida está me deixando. E não tenho mêdo. Antes de me confessar para receber a extrema-unção tenho de contar para vocês um terrível segrêdo. Você, Antônio Cipriano, você não é meu filho!

(Interjeições de espanto)

Serviço de Censura de Diversões Públicas D.P.F. SR. MG

SUP. REG. SÃO PAULO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 ip. 474

PRIMEIRA BEATA — Que Deus lhe lumie as santas veredas...

SEGUNDA BEATA — Que os santos lhe acompanhem até o Portal da Glória...

PRIMEIRA BEATA — Ave Maria, cheia de graça...

(Rezam todos, com devoção, quando entra violentamente no quarto um rapazote de 15 anos. Todos olham-no com reprovação. O rapazote se benze e grita para o sacristão)

RAPAZOTE — (Para o sacristão) Corra, seu Bonifácio, que a sua égua deu cria a um cavalo com cabeça de gente.

RITA — Um cavalo com cabeça de gente?

RAPAZOTE — Sim, dona Rita. É uma coisa de espantar. Tá todo mundo por lá sem saber o que fazer. O cavalo tem nariz, como a gente, queixo como a gente, e olhos arregalados.

PRIMEIRA BEATA — Cruz Credo!

SEGUNDA BEATA — Só pode ser fim de mundo!

PADRE DAMIÃO — Menino você sabe o que está dizendo?

RAPAZOTE — Sei, sim, seo padre. Eu vi. Vi com êstes dois olhos que a terra vai comer.

ANTONIO CIPRIANO — Temos que tomar providências imediatas. Como prefeito da cidade tenho que pensar nas coisas que vão acontecer. Esta notícia vai correr mundo, virão jornalistas de toda parte.

PADRE DAMIÃO — Temos que ir lá imediatamente...

ROSINHA — Mas, e finada...

RITA — Sim, a finada...

ANTONIO CIPRIANO — A finada? Ora essa! Logo agora ...

SACRISTÃO — Mas, eu tenho que ir. (Com orgulho) Foi na minha casa.

PADRE DAMIÃO — Claro que você tem que ir. Um fato dêsse não acontece todos os dias. Com cabeça de gente mesmo?

RAPAZOTE — Por essa luz que me alumia os olhos...

PADRE DAMIÃO — Então é ir...

ANTONIO CIPRIANO — (Para as beatas) Vocês ficam velando o corpo.

PRIMEIRA BEATA — Mas nós também queríamos ver o fenômeno.

ANTONIO CIPRIANO — Depois. Alguém tem que ficar velando a finada.

ROSINHA — Claro. A finada não pode ficar sòzinha.

PADRE DAMIÃO — Vamos rápidos.

(Saem todos — a primeira beata fica olhando apavorada para a finada)

Luz no roçado do Sacristão

O cavalo com cara de gente está cercado por Cosma, mulher do sacristão, e alguns curiosos. Entram Antonio Cipriano, padre Damião, Rosinha, Rita, o sacristão, e a segunda beata.

SEGUNDA BEATA — (Vendo o cavalo) — Meu Deus! (Cai desmaiada. Algumas pessoas socorrem a beata)

COSMA — (Para o sacristão) — Você aqui não fica mais!

DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p.475

SACRISTÃO — Como?

PADRE DAMIÃO — O que houve, dona Cosma? A senhora está nervosa?

COSMA — Nervosa não reverendo. Ofendida. Ofendida no que a mulher tem de mais sagrado.

PADRE DAMIÃO — Mas ofendida em que, dona Cosma? Essas coisas acontecem de tempos em tempos. A senhora não tem culpa, nem o seu marido.

COSMA — Olhe os olhos do cavalo. Reverendo.

PADRE DAMIÃO — Estou vendo, dona Cosma.

COSMA — Está reparando bem, seo padre.

PADRE DAMIÃO — Estou, sim. São estranhamente azuis.

COSMA — (Puxando o marido) — E os dêle?

SACRISTÃO — Os meu, como?

PADRE DAMIÃO — Que tem os olhos do seu marido?

COSMA — A cor! A cor!

PADRE DAMIÃO — Azuis, dona Cosma...

COSMA — ... como os do cavalo, Reverendo!

SACRISTÃO — Você tem coragem...

ROSINHA — Dona Cosma, a senhora está nervosa.

COSMA — Que nervosa o quê! Eu sou lá idiota, dona Rosinha. Estou vendo. Estou vendo a semelhança.

ANTONIO CIPRIANO — Não é possível dona Cosma, que a senhora pretenda acusar seu marido de uma infâmia tão grande...

COSMA — Ele sempre teve um cuidado exagerado por aquela égua, seo prefeito. Mas nunca me passou pela cabeça... Como podia passar pela cabeça de mulher nenhuma que seu marido e... e... uma égua!

SACRISTÃO — Essa é demais!

COSMA — Demais, hein seu semvergonha? Eu sempre jurei que nunca seria mulher córna. E termine! sendo. Córna de uma égua. Me desculpe o palavreado, Reverendo. Mas não há uma mulher, com brio na cara, que com uma des-

sas não termine por perder as estribeiras. Com uma égua, dona Rosinha. A senhora se imagine na minha situação. O que a senhora faria no meu lugar? Eu mato êle. Esfolo. Ai, meu Deus. Córna de uma égua. (A primeira beata vai voltando a si)

Como isto foi me acontecer? Ser trocada por uma égua...

SEGUNDA BEATA — Só pode ser fim de mundo!

(Escurece — a luz volta para o quarto da agonizante — a primeira beata reza com nervosismo o seu terço)

A AGONIZANTE — Antonio... Meu filho...

PRIMEIRA BEATA — Irmã... Irmã... Lembra-te de Deus e da Virgem! Volta para as profundas!

A AGONIZANTE — Meu filho... Água... Água...

PRIMEIRA BEATA — Ai, meu Deus, deve ser o fogo do Inferno que está consumindo a finada. Mas por que isto foi acontecer logo comigo: eu nunca fiz mal a ninguém. Ave-Maria, cheia de graça...

A AGONIZANTE — Quem está ai? Marocas?

PRIMEIRA BEATA — Ela lembra do meu nome. Irmã, esquece das coisas da Terra e lembra-te das coisas do Céu.

A AGONIZANTE — Marocas... Um pouco d'agua, pelo amor de Deus. Água senão eu morro.

PRIMEIRA BEATA — E eu posso me levantar? Se pudesse eu saía correndo. Ave Maria, o senhor é convosco...

A AGONIZANTE — Será que eu vou ter fôrça para me levantar?...

PRIMEIRA BEATA — Não se levante não, pelo amor de Deus. Socorro! Socorro! Valei-me todos os anjos e santos... Socorro!

DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156,p.476

(Entram correndo — Antonio Cipriano, Rosinha, Rita, Padre Damião, o sacristão e a segunda beata)

TODOS — Que houve? Que houve?

PRIMEIRA BEATA — Ela... Voltou do Além...

PADRE DAMIAO — A senhora está nervosa, dona Marocas, ninguém volta do além...

A AGONIZANTE — Água... Água... Morro de sêde

TODOS — Aiiiiiii!!

PADRE DAMIAO — Numa situação como esta temos que ter muita calma.

A AGONIZANTE — Morro de sêde...

ANTONIO CIPRIANO — Ela talvez não tenha morrido.

RITA — Como não morreu se estava imóvel e com a palidez na fronte?

PADRE DAMIAO — Claro que não morreu. Vamos dar água a nossa bôa amiga e render graças a Deus pela sua cura.

(A agonizante levanta-se um pouco da cama com os olhos muito esbugalhados e grita:

A AGONIZANTE — Perdão, cigana! Perdão!

ROSINHA — Ela está falando com a cigana!

Todos ajoelham-se e começam a rezar histéricamente; a agonizante dá um grito e morre.

PADRE DAMIAO — Creio que desta vez ela faleceu de verdade.

(Aproximam-se da falecida o padre Damião e Antonio Cipriano que examinam-lhe os olhos, auscultam-lhe o coração)

ANTONIO CIPRIANO — Morreu na verdade!

PADRE DAMIAO — Que Deus se compadeça de sua alma!

RITA — Oremos.

(Irrompe com violência no quarto o rapazote)

RAPAZOTE — Seo prefeito! Seo prefeito!

ANTONIO CIPRIANO — O que foi que aconteceu? Será que a gente não pode mais chorar nem a morte de um parente querido?

RAPAZOTE — Antonio das Almas manda pedir socorro.

ROSINHA — E o que foi que aconteceu?

RAPAZOTE — A filha dele, a Sigismunda, está crescendo, crescendo... Ele já afastou algumas telhas da casa porque ela não cabe mais...

PADRE DAMIAO — O que você está dizendo?

RAPAZOTE — A verdade, seo padre... A verdade... Venha ver...

Luz na casa de Antonio das Almas — Pelo telhado sai a cabeça de Sigismunda.

SIGISMUNDA — Pai, pai, estou com mêdo...

ANTONIO DAS ALMAS — Eu também filha minha. O que é isto que aconteceu com você?

SIGISMUNDA — Aqui tem muito morcego, pai. E cada ratazana...

ANTONIO DAS ALMAS — E que é que eu posso fazer, filha minha?

ANTONIO CIPRIANO — Hoje é a noite dos prodígios.

PRIMEIRA BEATA — Jesus, Maria, José.

RITA — O que devemos fazer?

PADRE DAMIAO — Pedir a Deus misericórdia. São os pecados. Tantos... Deus termina por se impacientar. E temos que pedir clemência. Clamar sem cessar.

DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156,p.477

ANTONIO CIPRIANO — E eu? Como autoridade tenho que tomar uma providência.

ROSINHA — Mas que providência?

ANTONIO CIPRIANO — Não sei. Mas temos que inventar. Chamar o Corpo de Bombeiros, pedir ajuda ao Exército. Mobilizar tudo e todos. E prepararmo-nos para o pior.

SEGUNDA BEATA — O prefeito acha que ainda vai acontecer mais coisas?

ANTONIO CIPRIANO — Quem pode jurar? Mas também quem pode afirmar o contrário? Quantas coisas numa só noite. O que o restante dos dias nos reserva? Não. Não me espantarei mais de nada. Se vir línguas de fogo cançando pelo céu acharei tudo muito natural. (Olhando para Sigismunda) Pobre moça! Ainda ontem tão tranquila, fazendo o enxoval do seu noivado...

SIGISMUNDA — Pai, dá um jeito de me tirar daqui.

ANTONIO DAS ALMAS — Não fale assim que me dá uma dor no coração... Como eu posso tirar você daí, filha minha! A falta que faz um bom guindaste numa terra como esta. Bem que vivíamos dizendo, senhor prefeito, que a cidade precisava de um guindaste. Era como se a gente estivesse adivinhando. Mas não... O dinheiro do município servia pra tudo, menos para o guindaste. Agora eu sinto na carne a falta do guindaste. Que posso fazer por minha filha? Ela fica exposta neste sereno, e não pode ser nada bom para a sua saúde. A administração pública neste país está muito longe do que se pode desejar.

ANTONIO CIPRIANO — Então o senhor me acusa de não saber administrar o município?

ANTONIO DAS ALMAS — Com fato provado. A cidade tem um guindaste? E como eu posso tirar minha filha senão com um guindaste?

ANTONIO CIPRIANO — A Oposição sempre encontra um jeito de atacar o govêrno, mesmo nas horas mais impróprias. Antonio das Almas, acabo de passar uma noite horrível. Perco minha mãe que não era minha mãe, nasce

um cavalo com cabeça de gente, sua filha vira varapau, me diga, se tudo isto junto não é para enlouquecer até a cabeça de um santo?

ROSINHA — Meu filho, por que você não vai para casa dormir um pouco?

ANTONIO CIPRIANO — E você acha que eu iria conseguir? Não. Ficarei de pé junto do meu povo, à espera do que possa acontecer. Não quero de modo nenhum abandoná-lo numa hora de tanto mistério. O comandante é o último a deixar o barco que soçobra. Me comportarei de modo semelhante.

(Discretos aplausos)

ANTONIO DAS ALMAS — Então o senhor prefeito aproveita-se de uma situação tão dolorosa para fazer propaganda pessoal? Acho um absurdo!

RITA — Você está nervoso, Antonio das Almas, e está interpretando de uma maneira tôda errada o procedimento do meu cunhado. Antonio Cipriano é um homem de bem todo devotado ao povo dêste município. Você pode ser da Oposição, é um direito que lhe assiste, mas não pode abusar dêste direito, e fechar os olhos para tôdas as demonstrações de humanidade dadas pelo senhor meu cunhado.

ROSINHA — Muito bem, Rita. Acho, meu marido, que devemos nos retirar.

PADRE DAMIÃO — Realmente, talvez seja melhor. Os ânimos estão exaltados com tôda essa estranheza.

ANTONIO CIPRIANO — Talvez seja o mais certo. Irei para junto daquela a quem devo minha existência. Qualquer coisa que você precisar, Antonio das Almas...

ANTONIO DAS ALMAS — Eu só preciso de um guindaste.

ANTONIO CIPRIANO — Vou mandar pedir um no Recife. É o máximo que posso fazer.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p.478

(Retira-se em companhia de Rosinha, Rita e Padre Damião)

SACRISTÃO — (Para o prefeito) Posso ir com o senhor?

ROSINHA — Por que você não volte para casa?

SACRISTÃO — A senhora viu como está a Cosma... Não tenho coragem.

ANTONIO CIPRIANO — Minha casa está aberta para todos os necessitados.

(Saem, os cinco. Escurece. Luz no quarto da falecida) A gente se vira e é como se só escutasse gemidos. Quantos infortúnios numa só noite.

RITA — As bruxas estão soltas.

PADRE DAMIÃO — Não acredite em bobagem. Nisto tudo está o dedo de Deus. Os homens se distanciam tanto do Divino Salvador que às vêzes êle tem que mostrar o seu poder mandando todos êsses prodígios.

ANTONIO CIPRIANO — São as provações... (Com as mãos postas) Meu Deus, Meu Deus, o que ainda estará reservado a êste pobre servo?

A cena escurece.

14

CENA II

(Às margens de um riacho, Biu e Chico comem umas bananas. Cartaz: prossegue a viagem maravilhosa de Biu e Chico. Pequena meditação diante de um afogado)

BIU — Elta carreira boa.

CHICO — Tu acha que a gente está livre? Que não há mais perigo nenhum?

BIU — Eu só vou me sentir sossegado numa terra grande com o domínio da lei. Por aqui eu sinto o mesmo cagaço. Matam a gente e ninguem vai socorrer.

CHICO — Minha mãe vivia dizendo: "Chico, não te meta com mulher encangada". Tinha razão a pobre velha. Agora aqui estou eu sem saber do meu destino.

BIU — (Solene) E quem sabe nunca do seu destino? Credo em Cruz!

CHICO — Que foi, homem de Deus?

BIU — Olhe ali no riacho. Aquilo não é um homem afogado?

(vão para junto do riacho)

CHICO — E não é Severino?

BIU — Severino das Cruzes?

CHICO — Êle mesmo.

R DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0656, p. 479

BIU — Você não sabia que êle tinha sido matado?

CHICO — Não. Por causa de mulher?

BIU — Não. Questão de terras.

CHICO — Oxente, que diacho de questão de terras foi essa se êle não tinha nenhuma?

BIU — Pois é. Não tinha nenhuma mas queria ter.

CHICO — Queria ter?

BIU — Queria ter. E parece que não pôde.

CHICO — É sim. Parece que não pôde.

BIU — Mas êle achava que podia. Eu dizia: Severino das Cruzes tu toma cuidado. Esse negocio teu de achar que pode ter as terras dos outros. Olha aí. O corpo todo furado e ainda mais afogado. Que morte horrorosa.

CHICO — Pobre do Severino das Cruzes!

BIU — Tu acha que êle podia?

CHICO — Podia o que?

BIU — Querer as coisas que êle queria.

CHICO — Oxente, pra que tu quer saber?

BIU — Sòmente pra saber.

CHICO — E tu? Acha o que?

BIU — Eu?

CHICO — Pois é. Tu!

BIU — E... Não é?

CHICO — Pois é. Quem sabe? Um dia, não é?

(Os dois se entreolham com desconfiança)

BIU — Pois é. Oremos.

(Ajoelham-se e rezam. O rapazote aparece correndo e tropeça nos dois) Que carreira é esta, meu irmão? Também tá fugindo de marido chifrudo?

15

RAPAZOTE — Antes fôsse. Mas eu tou fugindo é do capeta mesmo.

CHICO — Do capeta? Que historia é esta? Capeta na luz do sol?

RAPAZOTE — Vocês não podem imaginar. Nasceu um cavalo de cabeça de gente...

CHICO — Um cavalo de cabeça de gente?

RAPAZOTE — ... Uma moça cresceu tanto que furou o telhado...

BIU — Com febre, meu irmão?

RAPAZOTE — Uma finada morreu, ressuscitou e morreu de novo, e agora a pobre de minha mãe deu pra comer que não pára mais, e engorda tanto que não passa mais por nenhuma porta. A pobre fica sentada, comendo e engordando, comendo e engordando, já está quase da largura de metade da sala.

CHICO — Tão moço!

RAPAZOTE — Eu juro por tudo! Por todos os anjos e santos!

CHICO — E isso tudo acontece, adonde?

RAPAZOTE — Em Caruaru.

BIU — Pois é o nosso destino.

Serviço de Censura de Diversões Públicas — D.P.F. SR/MG

SUP. REG. SÃO PAULO

DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p.480

RAPAZOTE — Não vá, não vá. Já estão dizendo que é o fim do mundo.

CHICO — O fim do mundo?
RAPAZOTE — O fim do mundo.

BIU — Pois é para lá que nós vamos.

RAPAZOTE — E eu vou pra bem longe. Na direção que vocês vieram.

CHICO — Escuta aqui, menino. Se tu encontrar dois chifrudos doidos perguntando por dois mancebos, não diz que encontrou a gente. Combinado?
RAPAZOTE — Combinado.

(O rapazote sai correndo)

BIU — E então?
CHICO — Vamos lá. Quando essas coisas acontecem as mulheres ficam doidas e é um tal de querer proteção.

BIU — Oi, é assim que eu me sinto à vontade.

(Saem — a cena escurece)

16

CENA III

Luz sôbre a casa de Antonio das Almas —
Sigismunda lastima-se no alto do telhado —
Em baixo Antonio das Almas e moradores

SIGISMUNDA — Eu não aguento mais. Socorrei-me todos os anjos do Céu! Só penso se começar a chover. O que vai ser de mim?

PRIMEIRO MORADOR — Não se aperreie não Sigismunda. Aqui quase não chove...

SIGISMUNDA — E você acha que é bom ficar aqui em cima, com essa doença de coqueiro, crescendo cada minuto? E meu noivo quando chegar? Será que ainda vai querer casar comigo?

ANTONIO DA ALMAS — Minha filha, já disse pra você esquecer dessas coisas.

SIGISMUNDA — Esquecer do meu noivo, papai?

ANTONIO DAS ALMAS — Nós agora só temos que pensar mesmo em arranjar dinheiro para comprar ou alugar um guindaste. Casamento fica pra se pensar depois.

SIGISMUNDA — Que desgraçada eu sou!

BR DFANBSP NS.CPR.TEA.PTE.01564,p.482

ANTONIO DAS ALMAS — Eu sei, filhinha. Eu sei. Mas temos que ter paciência. Muita paciência. (Para os moradores) Vocês não querem dar um dinheirinho pra gente poder arranjar um guindaste? (Os moradores dão o dinheiro) — Que Deus ajude vocês todos!

SIGISMUNDA — E ainda mais virar esmoler.

ANTONIO DAS ALMAS — Não fale assim, filhinha.

SIGISMUNDA — E não é verdade, pai? Aí, se o meu noivo souber disto, aí é que êle não casa mesmo. E o que vai ser de mim? Coqueiro e sem marido; pior mesmo que destino de mulher da vida.

ANTONIO DAS ALMAS — Eu vou até a feira, filhinha, pra ver se arranjo mais dinheiro.

SIGISMUNDA — Mas não demore, pai. Tenho tanto mêdo de ficar nessas alturas sòzinha.

ANTONIO DA ALMAS — Tá muito bem.

(Sai Antonio das Almas — entra o cavalo com cabeça de gente com um ramo de flôres nos dentes)

17 SIGISMUNDA — Você velo de novo, meu amigo?

CAVALO COM CABEÇA DE GENTE — (Relincha)

SIGISMUNDA — E sempre com as suas flôres? Se não fôsse a sua delicadeza não sei o que seria de mim. (Estende os braços e apanha o ramo de flôres — o cavalo com cabeça de gente executa alguns passos de dança) Se não fôsse por você, meu amigo... Sinto-me tão sòzinha.

CAVALO COM CABEÇA DE GENTE — (Relincha)

SIGISMUNDA — Que bom você ter vindo!

COSMA — (Entrando com uma vassoura na mão) Ah, seo cavalo, o que você quer mesmo é viver na vadiagem? Vamos embora! Vamos aproveitar a feira. Já armei uma tenda pra mostrar você e ganhar algum dinheiro.

SIGISMUNDA — Deixe êle um pouco comigo, dona Cosma, me fazendo companhia...

COSMA — Viver não é fácil, Sigismunda. Tem que ganhar dinheiro. A situação está cada vez pior. Vamos, cavalo. Vamos.

(Saem Cosma e o cavalo com cabeça de gente)

SIGISMUNDA — Aí de mim, desventurada!

(Escurece — luz na casa de Antonio Cipriano)

ROSINHA — Preciso falar com você.

ANTONIO CIPRIANO — Não é um absurdo? Pedindo esmola na feira só para me desmoralizar.

ROSINHA — Antonio...

ANTONIO CIPRIANO — O que não vão dizer por aí de mim? Antonio das Almas, na feira, pedindo esmola, para comprar um guindaste. Um guindaste que é da alçada da Prefeitura. Essa Oposição é mesmo uma desgraça. Aproveitam até a própria desgraça para tirar rendimento político.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. OLS6, IP. 482

ROSINHA — Antonio, eu queria saber por que você tem chegado tarde tôdas as noites?

ANTONIO CIPRIANO — Fico com vontade de mandar prender êsse homem. Ele quer acabar com minha vida. Rosinha, hoje deve chegar em Caruaru um enviado do senhor Presidente para fazer uma inspeção na cidade. Êsses fatos que aconteceram aqui chamaram para nossa cidade a atenção do mundo inteiro. No Rio de Janeiro, pessoas da Oposição, estão tirando vantagem disto tudo, para dizer que se trata de um castigo do céu contra o atual govêrno. Enquanto isto os assessôres mais próximos do Presidente estão vendo nisto tudo uma manobra altamente subversiva. Veja a que ponto chegaram... E eu transformei-me numa pessoa suspeita. Vem um emissário especial para verificar a veracidade ou não dos fatos que aqui aconteceram. Pois bem. Neste justo momento, Antonio das Almas vai para a feira pedir esmola, dizendo pra todo mundo que eu sou incapaz, porque a Prefeitura não tem um guindaste.

ROSINHA — E você chegou tão tarde por que, Antonio?

ANTONIO CIPRIANO — Não é de enlouquecer? O emissário do Presidente constata que não existe nenhuma subversão na cidade, mas pode muito bem achar que eu sou um incapaz por não ter providenciado um guindaste. E eu posso até ser submetido a um inquérito.

ROSINHA — Você vê, Ritinha. Ele se recusa a responder a minha pergunta.

ANTONIO CIPRIANO — Devo ou não prender Antonio das Almas? O meu futuro está em jôgo. A tranqüilidade do nosso lar está em jôgo também.

ROSINHA — Antonio Cipriano, por que?...

ANTONIO CIPRIANO — Realmente é demais. Parece até um castigo. Mas eu nada fiz em minha vida para merecê-lo. Sempre fui bom filho, um bom cidadão, respeitador das coisas de Deus e da Pátria. Mas de repente vem tudo isto de uma vez só: um cavalo com cabeça de gente,

uma mulher que não pára de crescer, outra que não pára de engordar, a terrível revelação da minha santa mãe na hora da morte, e para completar esta desmoralização que Antonio das Almas está me submetendo. Outro já teria enlouquecido.

ROSINHA — Ritinha, você quer falar com êle. Talvez êle tenha mais atenção a você.

RITINHA — Senhor meu cunhado, minha irmã deseja saber por que o senhor chegou tão tarde ontem à noite?

ANTONIO CIPRIANO — É demais! É demais! Se consegui resolver tudo isto a contento necessito de umas férias. Vocês me entendem?

ROSINHA — É de enlouquecer!

ANTONIO CIPRIANO — É exatamente o que eu estava dizendo! É de enlouquecer? (Para Ritinha) Você não concorda comigo?

RITINHA — Mas a minha irmã...

ANTONIO CIPRIANO — Vou conversar com o padre... com o padre? (À parte) Será que êle é seu irmão?

ROSINHA — Mas, Antonio Cipriano...

ANTONIO CIPRIANO — Qualquer coisa estarei na igreja... Tenho que falar com urgência com padre Damião.

(Sai Antonio Cipriano)

ROSINHA — Você viu o cinismo dêle, Ritinha. Depois você ainda o defende!

RITINHA — O homem está com a cabeça cheia de problemas.

ROSINHA — Problemas nada. Safadeza! Tudo isto é desculpa para ficar na rua até altas horas. Meu coração não me engana: existe uma mulher atrás disto tudo!

RITINHA — Ora, Rosinha, você não tem nenhum motivo para se queixar. Antonio é um marido exemplar. Sempre voltado para os problemas da casa. Não me lembro de nenhuma falta dêle. É verdade que nestes últimos dias êle

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p.483

tem chegado tarde em casa. Mas você acha pouco o que tem acontecido?

ROSINHA — Você não sabe nada da Vida, minha irmã. Não sabe de que sujeiras os homens são capazes! Você não viu o sacristão? Quem diria!

RITINHA — E você acredita?

ROSINHA — Mas claro: os olhos são da mesma côr. Depois de uma coisa desta não se pode confiar mais em ninguém. O sacristão, quase um padre, tão agarrado às saias de dona Cosma, e de repente com uma égua em sua vida...

RITINHA — Ora, Rosinha...

ROSINHA — Depois disto botei as minhas barbas de môlho. E quer saber de uma coisa? Vou atrás do Antonio... Não vou nesta historia de que foi pra igreja. Deve estar por aí atrás de algum rabo de saia.

RITINHA — Minha irmã, tenha um pouco de calma.

ROSINHA — Não, Ritinha. Mulher côrna eu não vou ser.

(Sai apressadamente com Ritinha — escurece Luiz — uma rua de Caruaru)

20

CEGO (Cantando) — Eu Deixei o meu roçado
atrás do meu tatuzinho
andei milhões de léguas
e nada do meu bichinho
cruzei mares e montanhas
não encontrei o tatu
foi quando me deu uma dor
bem no pé da barriguinha
ai que dor danada
tive que dar uma paradinha
me escondi numa ribanceira

me espremi até valer
veio aquela caganeira
Ai, meu Deus que vou morrer
sem ver meu tatuzinho
foi quando encontrei uma véia
que sorria de mansinho
cheguei junto e disse:
a benção, vó, você viu o meu
[tatu?]
Á, velha levantou a saia
e me puxou com carinho
Eu disse: t'esconjuro véia
vai cuidar da tua sina
e saí um galope doido
e encontrei uma menina
que tinha os olos de fogo
e uns cabelos de crina
me cheguei e perguntei
pelo danado do tatu
a menina foi me olhando
com aqueles olos de fogo
e foi dizendo dengosa:
Você não quer entrançar
as nossas crinas?
Me benzi, saí correndo,
e a pobre da barriguinha
dava voltas, ia doendo,
doendo de fazer dó,
mas não parei mais pra nada,
e cruzei mares e montes
atrás do tatuzinho,
mas ninguém sabia nada
do meu querido bichinho.
foi quando desconsolado
voltei atrás da menina

Serviço de Censura de Diversões Públicas D.P.F. SR/MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156, p.484

vou deixar de ser um leso
e vou entrançar as minhas crinas
mas envez da menininha
no meio da campina
foi a danada da véia
com uns olos de sepultura
que me esperava na esquina
Desisti, voltei pra casa
e do pinto fiz um nó
com véia eu num engato
nem pra salvar minha vó.

O CEGO — Que Deus Nosso Senhor Jesus Cristo alumie o caminho de todos vocês!

TODOS — Amem!

(Enquanto o cego cantava a sua toada, Chico e Biu entram imediatamente alguns habitantes cumprimentaram com respeito e espanto — Chico e Biu olharam para todos com maior espanto ainda.)

UM HABITANTE — (Para Chico e Biu) — Meus respeitos!

OUTRO HABITANTE — Que Deus proteja os senhores!

CHICO — Muito obrigado. Muito obrigado!

BIU — (Para Chico) — Simpático, o povo da cidade!

CHICO — Realmente, muito simpático! (Todos se retiram, menos Chico e Biu) Você viu? Todo mundo nos cumprimentando com o maior respeito?

BIU — Bem... eu estou um pouco desconfiado.

CHICO — Desconfiado por que?

BIU — Você lembra a história que aquêle cabra nos contou?

CHICO — Das coisas estranhas que estão acontecendo aqui?

BIU — Sim.

CHICO — E que tem isto? Aquêle cara pra mim era um leso. Não estou notando nada de anormal por aqui.

BIU — E aquela mulher, logo na entrada da cidade, que chegou junto de mim e perguntou: Seo padre, o que é isto, o senhor sem batina? O senhor acha pouco os castigos que Deus tem mandado pra gente?

CHICO — Aquela mulher era meio maluca.

BIU — Eu estou um pouco com mêdo que essa terra esteja cheia de doido. Ora! Todo mundo ri pra gente, cumprimenta, como se a gente tivesse nascido e se criado aqui.

CHICO — É uma gente hospitaleira. Eu sempre ouvi dizer: o povo de Caruaru é um povo bom danado!

(Passa uma mulher que olha para Chico e Biu e pára: aproxima-se de Biu, bem espantada, e toma a bênção)

MULHER — A bênção

BIU — Deus te abençoe. (A mulher sai) Você tá vendo?

CHICO — Costume da cidade.

BIU — Mas por que não tomam a benção a você?

CHICO — É que você tem uma cara meio de santo, Biu. Mas que cabra de sorte, hein? Vai ser fácil pegar essas menininhas tôdas...

(Aparecem Rosinha e Rita que ficam olhando de longe. Rosinha começa a fazer sinais para Chico)

21

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 485

BIU — Chico, tem uma mulher ali fazendo sinais para você.

CHICO — Sinais pra mim? E a danada é até bonitinha. Será que é uma quenga?

BIU — Não tem cara de quenga. Parece moça de respeito.

CHICO — E como é que está me chamando?

BIU — Eu sei lá... Não estou gostando nada disto.

CHICO — Você também é um apavorado. Tem mêdo de tudo.

BIU — Já corri muito por causa de marido doido. Não estou pra correr mais. Aqui quero fazer minha pousada, mandar buscar mãe, casar e ter muitos filhos.

CHICO — Ela continua...

BIU — E está vindo pra cá!

ROSINHA — Então, senhor meu marido, aproveitando o sol do meio dia?

BIU — E tu é casado, homem de Deus?

ROSINHA — E o senhor sem batina em plena rua?

RITINHA — São ordens do Concílio, Rosinha.

ROSINHA — Que Concílio, que nada! Eu acho é uma falta de respeito e das grandes!

BIU — (Para Chico) — Está entendendo alguma coisa?

CHICO — Nada. Mas se ela insiste que eu sou o marido não faço questão. Vou cumprir meus deveres conjugais.

BIU — Chico, cuidado! Algo está me avisando que é melhor mesmo a gente ir embora!

ROSINHA — Vamos para casa!

CHICO — Podemos ir. Vamos Biu?

RITINHA — Biu?

BIU — Um seu criado.

ROSINHA — Ainda bem que estão de bom humor!

BIU — E não é para estar?

ROSINHA — Vamos logo que precisamos ter uma conversa muito séria, senhor meu marido.

— (A duas se afastam)

BIU — Você vai?

CHICO — Mas claro. Bonitinha, não é?

BIU — Chico, eu estou vendo o dedo do capeta nesta historia tôda. Essa mulher é capaz de ter um marido mesmo. A gente termina se estrepando.

CHICO — Eu já estou acostumado.

ROSINHA — Você quer me fazer perder a paciência?

CHICO — Não, meu amor. Vamos Biu.

BIU — Vamos (À parte) Mãe reza por mim. E reza forte.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

Censura de Diversões Públicas - Serviço de DPF SR/MG

DPF SUP. REG. SÃO PAULO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 486

22

CENA I

VOZ DE ROSINHA — (Em sua casa) — E se perguntarem pela gente você diz que não tem ninguém em casa. Que eu e meu marido tivemos de sair. Não queremos que ninguém nos incomode.

VOZ DE EMPREGADA — Sim, senhora.

VOZ DE CHICO — Que não estamos em casa durante dias. Não queremos receber ninguém durante dias.

VOZ DE EMPREGADA — Sim, senhor.

Luz na rua — Antonio Cipriano, Padre Damião, Emissário do Presidente

ANTONIO CIPRIANO — V. Excelência ficará na minha casa. É casa de pobre mas terá todo o nosso carinho.

EMISSÁRIO — Não seria preciso tanto incômodo. Acho que não devo aceitar. É depois como vim em missão oficial, talvez não fique bem aceitar êsse favor. Devo estar totalmente livre para as minhas investigações, sem nenhum vínculo mais forte. O senhor sabe, as informações que tivemos são as mais desencontradas. Enquanto uns

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p.487

são levados a acreditar que se tratam realmente de fenômenos, apenas por uma estranha coincidência aparecidos de uma só vez, outros, e tenho que dizer que a maioria, acreditam tudo não passar de uma manobra de agitadores interessados em perturbar a vida do país.

PADRE DAMIAO — Mas como os agitadores podem fazer que uma mulher comece a crescer de repente ou um cavalo nascer com cabeça de gente?

EMISSÁRIO — Não sei como responder; mas para isto estamos aqui: para averiguar. E, Deus queira, poder tranquilizar o nosso Presidente. Esperamos, realmente, que se tratem de fenômenos: isto não trará nenhum prejuízo, até pelo contrário, poderá aumentar a receita da Prefeitura com a avalanche de turistas que certamente acorrerá a êste local. Mas em caso contrário, se realmente se tratar de uma manobra nova dos agitadores, o caso se reveste de uma imensa gravidade, pois não estamos preparados para êsse tipo de subversão de ordem. Sabemos muito bem como o nosso povo, principalmente o do interior, é cheio de superstições. Se êle fôr convencido que se trata de um protesto divino contra o atual govêrno, o que poderemos fazer? Teremos que estudar as medidas defensivas imediatamente.

ANTONIO CIPRIANO — Ainda hoje o senhor poderá tranquilizar o Presidente tenho certeza. Proponho ir até lá em casa, almoçarmos, e depois então iremos ver de perto os fatos estranhos.

EMISSÁRIO — Confesso que estou com muita fome.

PADRE DAMIAO — Dona Rosinha, espôsa do Prefeito, é uma excelente quituteira. O senhor não terá do que reclamar.

EMISSÁRIO — Mas não será um incômodo?

ANTONIO CIPRIANO — De modo algum. O senhor não pode imaginar a alegria dessa em receber uma tão alta autoridade da República.

EMISSÁRIO — Fico desvanecido com tanta atenção.

Entra o sacristão correndo com Cosma no seu encalço

23

SACRISTÃO — Peço proteção à autoridade.

PADRE DAMIAO — Mas o que é isto?

COSMA — Eu avisei a êsse miserável que não aparecesse mais na minha casa.

SACRISTÃO — A casa é minha também.

COSMA — Sua casa é no estábulo com aquela égua filha da mãe

ANTONIO CIPRIANO — Deixemos êste assunto para depois, dona Cosma. A senhora está em presença de um Emissário do Presidente da República que veio a Caruaru para observar os fatos estranhos que aqui vêm acontecendo nos últimos dias.

COSMA — Ah, o senhor é amigo do Presidente?

EMISSÁRIO — Sim, senhora.

COSMA — Pois é com o senhor mesmo que eu precisava falar.

PADRE DAMIAO — Dona Cosma, talvez numa outra hora... O senhor Emissário fêz uma viagem muito cansativa...

COSMA — O senhor precisa pedir um favor ao Presidente, senhor Emissário. Eu sou uma mulher católica, de pai e mãe e avós católicos, mas se o Presidente não me fizer um favor muito grande, eu termino virando uma assassina.

EMISSÁRIO — Mas de que se trata?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA PTF 01 56 p.488

COSMA — Eu preciso que o Presidente permita que eu me divorcie. Eu sei que no Brasil isto é proibido, mas no meu caso tem que ser. O senhor imagine, que o meu marido me traiu com a égua que tem no meu roçado.

EMISSÁRIO — Com uma égua?

ANTONIO CIPRIANO — Ela está nervosa, senhor Emissário

SACRISTÃO — Isto é uma calúnia!

COSMA — O senhor precisa ver o filho que nasceu.

EMISSÁRIO — O filho?

COSMA — O cavalo tem os mesmos olhos que êle e agora até o nariz está parecido.

PADRE DAMIÃO — É exatamente um dos fenômenos...

EMISSÁRIO — Ah, o cavalo com cara de gente...

ANTONIO CIPRIANO — Isto mesmo.

EMISSÁRIO — Mas será que esta senhora está dizendo a verdade?

PADRE DAMIÃO — Não pode ser verdade. É contra as leis da Natureza.

EMISSÁRIO — Mas e a cara de gente também não é contra as leis da Natureza?

PADRE DAMIÃO — Bem, realmente, mas...

COSMA — Ninguém quer acreditar em mim. E eu ainda termino fazendo uma desgraça. Não contra o cavalo, é claro. Não tem culpa nenhuma da safadeza do meu marido e da égua da sua mãe. É um pobre inocente. Mas eu termino matando o meu marido. Ou então mato a égua. Não consigo mais dormir sabendo que aquela safada, dorme perto de mim, que ainda come com o meu dinheiro.

EMISSÁRIO — Realmente, se fôr assim, deve ser uma situação muito estranha...

PADRE DAMIÃO — Mas não se trata de nada disto... Posso assegurar...

SACRISTÃO — O padre Damião me conhece muito bem até desconfiar que se trata realmente de um castigo de Deus.

bom... Sabe que eu seria incapaz de um pecado tão horroroso.

COSMA — Sem-vergonha como você não respeita nem o Emissário do Presidente para continuar na mentira?

ANTONIO CIPRIANO — Dona Cosma, depois nós conversaremos sôbre êste assunto. No momento, temos que ir almoçar. O senhor Emissário está com muita fome...

(Entra o cavalo com cabeça de gente que se dirige, imediatamente, para o sacristão e come-ça a festejar-lhe. O Emissário tem um movimento de mêdo mas controla-se ràpidamente)

COSMA — Eis a prova! (Dá um grito e desmaia)

EMISSÁRIO — Realmente trata-se de algo que eu não esperava... (O sacristão carrega dona Cosma — o cavalo com cabeça de gente aproxima-se do Emissário — êste recua com mêdo) Nunca vi uma coisa destas ... Tirem êste animal daqui.

ANTONIO CIPRIANO — Xó, cavalo... Xó, cavalo ...

(O cavalo com cabeça de gente desaparece alegremente)

EMISSÁRIO — E os outros fenômenos são tão estranhos assim?...

PADRE DAMIÃO — São coisas tão estranhas que fazem

EMISSÁRIO — Então o senhor quer insinuar que o atual govêrno está desagradando a Divina Providência?

PADRE DAMIÃO — Não. De modo algum, Excelência. Longe de mim pensar em tal coisa.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 489

EMISSÁRIO — Precisamos tomar muito cuidado com os conceitos que emitimos. Os agitadores estão aí à sôlta aproveitando-se de tudo para a sua obra de desagregação da família brasileira.

PADRE DAMIÃO — Claro. Disto sabemos muito bem.

ANTONIO CIPRIANO — Creio que agora podemos ir almoçar.

(Encaminham-se para a casa de Antonio Cipriano — no caminho passam pela casa de Antonio das Almas — O cavalo com cabeça de gente está no telhado junto de Sigismunda — Em baixo Antonio das Almas tem uma espingarda nas mãos — O diálogo entre Antonio das Almas e Sigismunda se desenrola sem que êstes percebam a presença de Antonio Cipriano, Padre Damião e o Emissário)

ANTONIO DAS ALMAS — Eu já disse que matava êsse miserável.

SIGISMUNDA — O senhor não pode fazer isto! O senhor não tem o direito de estragar a minha felicidade.

ANTONIO DAS ALMAS — É só o que faltava, Sigismunda. Uma filha minha namorando com um cavalo.

SIGISMUNDA — Não se trata de um cavalo comum. É porque o senhor não conhece a bondade que êle tem no coração.

ANTONIO DAS ALMAS — Você está louca, Sigismunda.

SIGISMUNDA — E não é para enlouquecer? Ter um pai sem coração como o senhor? Um pai que não tem o menor interêsse na felicidade da filha?

ANTONIO DAS ALMAS — Sigismunda, não se trata disto. Nenhum pai pode querer ver a filha casada com um cavalo. Mesmo que se trate de um cavalo com cabeça de gente. Não é da lei dêsse mundo.

SIGISMUNDA — E é da lei dêsse mundo ser uma mulher coqueiro?

ANTONIO DAS ALMAS — Não, minha filha. Não é da lei dêsse mundo ser uma mulher coqueiro.

SIGISMUNDA — Então? O senhor acha que a mãe dêle pode não querer o casamento por eu ser uma mulher coqueiro?

ANTONIO DAS ALMAS — A'mãe dêle? A égua?

SIGISMUNDA — Sim. A mãe dêle. A égua.

ANTONIO DAS ALMAS — Minha filha, as alturas perturbaram a sua cabeça. (Percebe Antonio Cipriano, o padre Damião e o Emissário)

ANTONIO DAS ALMAS — (Avançando para o prefeito) O senhor é o grande culpado de todo êste drama.

ANTONIO CIPRIANO — Cuidado com esta arma. Ela pode disparar.

ANTONIO DAS ALMAS — Está satisfeito? Me diga. Está satisfeito com a minha desgraça?

PADRE DAMIÃO — O senhor acalme-se. Antonio das Almas...

ANTONIO DAS ALMAS — Acalme-se... Acalme-se... É isto que todo mundo me diz. E cada vez vai tudo piorando para mim. Já sabem da última calamidade? Minha filha quer casar com um cavalo!

ANTONIO CIPRIANO — Antonio das Almas, nós estamos defronte de um Emissário do Presidente da República. Você precisa se acalmar.

ANTONIO DAS ALMAS — Muito prazer.

EMISSÁRIO — Igualmente.

ANTONIO DAS ALMAS — Quero apresentar minha queixa ao senhor Presidente da República contra o Prefeito desta cidade.

EMISSÁRIO — Tem que ser uma queixa por escrito.

ANTONIO DAS ALMAS — Depois eu escrevo. Mas eu digo logo porque não sei se o meu coração vai aguentar tan-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.01 56, p. 490

ta desgraça... O senhor Prefeito é o grande culpado de tudo que está me acontecendo, por nunca ter providenciado um guindaste para esta cidade.

EMISSÁRIO — Um guindaste?

ANTONIO DAS ALMAS — O senhor não acha que um guindaste é de extrema necessidade para uma cidade?

EMISSÁRIO — Sem nenhuma dúvida.

ANTONIO DAS ALMAS — Sem nenhuma dúvida. Se eu tivesse um guindaste teria tirado minha filha desta situação que ela se encontra e ela nunca teria conhecido êste cavalo.

ANTONIO CIPRIANO — Senhor Emissário, eu sei que uma cidade precisa de um guindaste. Mas infelizmente a arrecadação tem sido muito baixa e o dinheiro não dá pra nada. Não pude comprar o guindaste.

EMISSÁRIO — E por que a arrecadação tem sido baixa?

ANTONIO CIPRIANO — As coisas não vão bem. Ninguém tem dinheiro pra nada

EMISSÁRIO — O senhor por acaso está criticando a política econômico-financeira do govêrno?

ANTONIO CIPRIANO — De modo algum, senhor Emissário. Eu nem sei o que é isto

EMISSÁRIO — Ainda bem. Mas... Olhem! O cavalo está beijando o varapau... E na bôca!

ANTONIO DAS ALMAS — Agora eu mato êle! Agora eu mato!

PADRE DAMIÃO — Não faça loucura! O tiro pode pegar na sua filha!

ANTONIO DAS ALMAS — Estou desonrado. O jeito mesmo é casar os dois!

PADRE DAMIÃO — Casar os dois? Isto é sacrilégio, Antonio das Almas!

ANTONIO DAS ALMAS — E minha filha? Vai ficar desonrada depois de ter beijado um cavalo na bôca e na frente de testemunhas.

EMISSÁRIO — A solução é prender o cavalo.

ANTONIO CIPRIANO — Prender o cavalo?

EMISSÁRIO — Claro. Êle está perturbando a ordem pública. Já me deparei com dois casos dolorosos por causa dêste cavalo. Então prende-se o cavalo. Por que o espanto? Por que não se pode prender um cavalo?

ANTONIO CIPRIANO — É... Realmente... Por que não se pode prender um cavalo?

ANTONIO DAS ALMAS — (Apontando o rifle para os três) Ninguém vai prender êste cavalo coisa nenhuma. Depois do que êle fêz com a minha filha êle vai casar com a minha filha. Eu sou pobre, mas sou um homem honrado e de família honrada. Não vou consentir que desonrem a minha família.

PADRE DAMIÃO — O senhor enlouqueceu, Antonio das Almas!

ANTONIO DAS ALMAS — Saiam daqui. Saiam daqui.

(Os três afastam-se apressadamente — a luz sai da casa de Antonio das Almas e ilumina a frente da casa de Antonio Cipriano)

ANTONIO CIPRIANO — Felizmente creio que podemos agora almoçar descansadamente.

EMISSÁRIO — Sua casa é muito simpática.

ANTONIO CIPRIANO — Às ordens, senhor Emissário. Merda, esqueci a chave. Desculpe, senhor Emissário.

(Bate na porta)

PADRE DAMIÃO — Aqui é um lugar bem mais tranquilo. Fica distante da feira.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 491

EMISSARIO — Eu quero muito visitar a feira de Caruaru. É famosa no Brasil inteiro.

EMPREGADA — (Aparecendo na porta) — Que desejam?

ANTONIO CIPRIANO — Você é a empregada nova?

EMPREGADA — Minha patroa está almoçando com o marido dela e mandou dizer que não está em casa pra ninguém. E o marido dela mandou dizer que não está em casa pra ninguém durante muitas semanas. (Fecha a porta)

EMISSARIO — O que está acontecendo aqui?

ANTONIO CIPRIANO — A empregada entrou esta manhã. Não me conhece ainda.

(Bate novamente)

EMPREGADA — O senhor quer deixar algum recado?

ANTONIO CIPRIANO — Eu não quero deixar recado coisa nenhuma. Eu quero entrar que a casa é minha. Eu sou o marido de sua patroa.

EMPREGADA — Brincadeira tem hora! O marido dela está com ela lá dentro. Nunca vi um casal tão unido. E cada beijo! Oxente!E não é que é parecido!

(Fecha a porta)

EMISSARIO — Que brincadeira é esta?

ANTONIO CIPRIANO — Não estou entendendo nada. Com certeza essa empregada é uma louca. Ou então quem sabe, Rosinha resolveu fazer uma brincadeira de mau gosto, porque está meio zanzada... Essas últimas noites chegue tarde...

EMISSARIO — Precisamos averiguar e direitinho. O nosso govêrno não pode permitir que um representante seu seja um côrno.

ANTONIO CIPRIANO — Côrno? Eu?

EMISSARIO — Se a sua esposa está lá dentro beijando um outro homem o senhor é um côrno! Ou por aqui usam outra palavra. Ou não entendo nada de regionalismos!

PADRE DAMIAO — Dona Rosinha é uma santa senhora. Posso assegurar.

ANTONIO CIPRIANO — Se o senhor não fôsse a autoridade que é... Não admitiria de mais ninguém um tal insulto.

EMISSARIO — Nós, homens do Poder, temos que ter uma frieza enorme para conceituar as coisas. Os nomes têm que ser dados aos bois. Se sua mulher estiver realmente lá dentro, agarrada com um outro homem, então o senhor é um côrno e como tal não pode merecer mais a confiança e o respeito da Presidência da República. Teremos que providenciar outro prefeito.

ANTONIO CIPRIANO — Essa é demais!

EMISSARIO — Os fatos são os fatos e têm os seus nomes.

PADRE DAMIAO — Tudo ficará esclarecido em muito pouco tempo.

PRIMEIRA BEATA — (Entrando) — Senhor prefeito, senhor prefeito. Me socorra pelo amor de Deus.

ANTONIO CIPRIANO — Que terá acontecido agora, Deus meu?

PRIMEIRA BEATA — A pobre da minha irmã não tem mais comida para comer, agora está comendo barro.

ANTONIO CIPRIANO — Mas hoje de manhã já não mandei um boi?

PRIMEIRA BEATA — E o que é um boi para a pobre da minha irmã? Ó que desgraça, meu Deus do Céu! Nada fizemos para um castigo tão grande! E o pior é que ela não passa mais pelas portas e já está quase da largura da sala. Eu não sei o que fazer. O safado do filho fugiu com mêdo,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 492

pois êle acha que vão começar a cair raios aqui em Caruaru. E eu fiquei, sòzinha, com todas essas aflições para resolver.

ANTONIO CIPRIANO — O senhor está vendo? Um boi não é bastante! Como a Prefeitura pode ter tamanha despesa por dia! E o outro filho da mãe ainda fala em guindaste... Querem saber de uma coisa? Eu renuncio!

EMISSÁRIO — Como?

ANTONIO CIPRIANO — Renuncio, senhor Emissário. Os problemas são muitos e eu ainda levo o nome de côrno.

EMISSÁRIO — Isto chama-se de deserção, senhor Prefeito, deserção à Pátria num momento em que ela se encontra em perigo. Pode sair cadeia e quem sabe até fuzilamento.

ANTONIO CIPRIANO — Está bem, senhor Emissário. Mantenho-me no pôsto pelo bem da Pátria. Vamos, minha senhora, vamos ver a sua irmã. O senhor irá conosco também.

(Saem todos — entram as três bruxas)

27

PRIMEIRA BRUXA — Você vai ter que consertar o êrro. Sua praga tomou a direção errada. O pobre do Prefeito nada tem com o que aconteceu.

SEGUNDA BRUXA — Que tempos êstes. Nem mesmo uma praga toma o seu verdadeiro caminho. Você tem razão, irmã. Temos que consertar tudo.

TERCEIRA BRUXA — Quem sabe o material que usamos não era falsificado? Vivemos um tempo de falsificações.

SEGUNDA BRUXA — Façamos nossas orações.

PRIMEIRA BRUXA — Que o raio se dirija ao seu verdadeiro destino!

SEGUNDA BRUXA — Nem um dia a mais nem um dia a menos!

TERCEIRA BRUXA — Biu, Biu êste é o nome...

PRIMEIRA BRUXA — Biu e Damião

Biu e Damião

AS TRÊS BRUXAS — ... é a nossa maldição.

28

(Luz na casa de Antonio Cipriano — Biu e Ritinha)

RITINHA — Acho que bebi demais, Reverendo.

BIU — (À parte) — Que mania esta de me chamar de Reverendo! Mas se tempera melhor com êste nome que posso fazer?

RITINHA — Sinto a cabeça nas nuvens. Estou lesa... lesa...

BIU — Não é melhor se amparar em mim? Pode recostar a cabeça no meu ombro...

RITINHA — Realmente, qual o mal que pode haver? (Recosta a cabeça no ombro de Biu — Biu começa a cariciá-la — Ritinha vai cedendo) Reverendo... Reverendo...

BIU — Hein, minha filha. (Intensifica os carinhos)

RITINHA — O senhor não acha...

BIU — Não vamos achar nada agora. (Beija Ritinha na boca Ritinha dá um grito — Biu sai correndo — entram Rosinha e Chico).

ROSINHA — O que aconteceu?

RITINHA — O Reverendo me beijou... Aproveitou se de eu estar me sentindo mal...

CHICO — O Reverendo? Que Reverendo?

ROSINHA — Padre Damião, ora. O safado não está usando batina exatamente para se aproveitar das pobres indefesas.

CHICO — Padre Damião, sei.

RITINHA — Eu vou atrás dêle.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. OLS6, p. 493

29

(sai — a luz escurece — as bruxas dão uma terrível gargalhada e saem — entram Padre Damião e o Emissário)

PADRE DAMIÃO — Realmente o que está acontecendo nesta cidade dá o que pensar. Embora sejamos todos responsáveis em encontrar uma solução para tudo isto realmente eu não queria estar no lugar do Prefeito. Não sei como êle está conseguindo suportar tanta coisa junta.

EMISSÁRIO — O destino do homem público é muito espinhoso. Mas todos sabemos disto e não podemos recuar; trata-se de uma vocação.

(Entra Ritinha que avança direta em Padre Damião)

RITINHA — Ah, seo cretino, foi vestir a batina pra ver escapava. Não escapa, não!

(Esbofeteia Padre Damião)

PADRE DAMIÃO — Dona Ritinha, de que se trata?

RITINHA — Do que se trata, hein? O senhor é um pasafado! (Para o Emissário) Imagine, beijou-me na bô-

EMISSÁRIO — Não é possível! É por estas e outras n religião anda tão por baixo!

PADRE DAMIÃO — Mais isto é uma calúnia!

EMISSÁRIO — Como é que a moça podia inventar história desta?

RITINHA — Vou mandar dizer ao Papa!

PADRE DAMIÃO — Ao Papa?

RITINHA — Você vai ver! (Sai)

PADRE DAMIÃO — Realmente não sei o que dizer... um com suas provações...

(Sai Chico apressado de casa de Antônio Cipriano)

CHICO — (Para o padre) — Oi, já arranjaste uma batina?

PADRE DAMIÃO — Já arranjei uma batina?

CHICO — Acho melhor a gente dar um fora. Já consegui o que eu queria. Mas aqui pra nós tenho a impressão que a moça é casada mesmo. Pelo menos não é mais donzela. Depois o marido aparece por aí. Vamos? Mas como é que você vai correr com esta batina? (Padre Damião esbofeteia Chico) — Que é isto meu irmão! Me estranhando? Você bebeu demais!

EMISSÁRIO — Senhor Prefeito...

CHICO — O senhor também me chamando de Prefeito? O que é que deu nessa gente?

EMISSÁRIO — Senhor Prefeito, exijo uma explicação imediata. Não admito que levem no ridículo um representante da Presidência da República.

CHICO — Quem? Quem é o representante da Presidência da República?

PADRE DAMIÃO — Êle não estava bom da cabeça!

EMISSÁRIO — O senhor considere-se prêso!

CHICO — Eu? Prêso? Mas o que foi que eu fiz?

EMISSÁRIO — Uma autoridade que não impõe...

CHICO — (Para padre Damião) Você vai ficar aqui?

PADRE DAMIÃO — Claro que vou ficar aqui.

CHICO — Então, adeus! (Sai correndo)

EMISSÁRIO — (Correndo atrás) Polícia! Polícia!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p. 494

30

(Entra dona Cosma)

DONA COSMA — Senhor padre...

PADRE DAMIAO — O que é dona Cosma?

DONA COSMA — O senhor viu a safada da égua?

PADRE DAMIAO — Não, dona Cosma.

DONA COSMA — A safada fugiu. Mas eu vou atrás. O senhor sabe, padre Damião, ela não podia fazer isto comigo. Ontem fui ter uma conversa com ela.

PADRE DAMIAO — Uma conversa com a égua?

DONA COSMA — Uma conversa franca. De mulher para mulher. Queria saber o que é que ela tem que eu não tenho. Falei de coração aberto. Pensei até que tínhamos ficado amigas. E hoje, essa égua do meu ódio, resolveu fugir. Vou atrás. Nem que corra esse Brasil inteiro mas encontro essa miserável.

(Sai dona Cosma)

PADRE DAMIAO — Eu devo pegar o primeiro ônibus e ir até o Recife conversar com o arcebispo. Realmente não me sinto capaz de orientar essas almas. Já não consigo mais entender nada do que está acontecendo aqui. Será obra de Deus? Ou será mesmo o capeta?

(Entra Antonio Cipriano)

31

ANTONIO CIPRIANO — Falando sòzinho, padre Damião?

PADRE DAMIAO — O Emissário se acalmou?

ANTONIO CIPRIANO — O que é que aconteceu com êle?

PADRE DAMIAO — Êle não saiu correndo pra prender você?

ANTONIO CIPRIANO — Pra me prender? E por que?

PADRE DAMIAO — Escute aqui, você bebeu alguma coisa?

ANTONIO CIPRIANO — O senhor sabe muito bem que eu não sou de bebida! Um homem que ocupa o pôsto que eu ocupo não pode de maneira alguma...

PADRE DAMIAO — Será que eu estou ficando louco?

ANTONIO CIPRIANO — O senhor não está se sentindo bem?

PADRE DAMIAO — Antonio Cipriano, responda-me por favor a verdade: você perdoou eu ter lhe esbofeteado?

ANTONIO CIPRIANO — (Espantado) — Me esbofeteado?

PADRE DAMIAO — Sim. Esbofeteado?

ANTONIO CIPRIANO — Não seria melhor o senhor ir descansar um pouco?

PADRE DAMIAO — Descansar a esta hora do meio dia? E por que? Você acha que estou precisando descansar por que?

ANTONIO CIPRIANO — Nunca faz mal um bom descanso. Êste sol...

PADRE DAMIAO — Não vamos culpar o sol... Meu Deus, o que será que está acontecendo?

ANTONIO CIPRIANO — Padre Damião, por que o Emissário quer me prender?

PADRE DAMIAO — Sabe de uma coisa? Eu não sei mais de nada. E não quero saber. E ainda tenho raiva de quem sabe. Muita raiva.

ANTONIO CIPRIANO — Mas o senhor como pároco e talvez meu irmão...

PADRE DAMIAO — Isto deve ser uma trama muito bem urdida para levar o pastor da casa de Deus para as grades do hospício. Sua cunhada há pouco me esbofeteou. Logo depois você...

ANTONIO CIPRIANO — Eu?

PADRE DAMIAO — Sim. Você. Quer negar? Lembra-se das coisas que me perguntou e me disse na presença do Emissário?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.495

ANTONIO CIPRIANO — Um de nós deve estar fora do seu juízo. Um momento, padre. Não percamos a calma. Deixe-me pensar.

31 A

(Afasta-se e fica de costas — entra o Emissário)

EMISSÁRIO — Bem. Temos que pensar num Prefeito desde que o outro se encontra prêso.

PADRE DAMIÃO — O senhor prendeu Antonio Cipriano?

EMISSÁRIO — Que outra coisa eu poderia fazer? Tenho ordens expressas do Presidente para fazer impor o princípio da autoridade. O que fêz o Prefeito desde a minha chegada? Confundirme e confundir tôdas as pessoas. Se êle está louco que vá para um hospício. Mas transformar esta cidade, a Princesa do Nordeste, num vasto hospício isto é que não. Temos que estar bem atentos pois o dedo da subversão está sôlto por aí. (Antonio Cipriano vira-se) O que é que o senhor está fazendo aqui?

ANTONIO CIPRIANO — Querendo ver se consigo almoçar de uma vez por tôdas. Já passou da hora (Grita) Rosinha!

EMISSÁRIO — O senhor subornou os guardas da cadeia!

ANTONIO CIPRIANO — Que guardas? E de que cadeia?

EMISSÁRIO — A cadeia, onde deixei o senhor prêso.

ANTONIO CIPRIANO — Eu? Prêso?

EMISSÁRIO — Acho melhor o senhor voltar para lá. As conseqüências disto tudo podem ser terríveis.

ANTONIO CIPRIANO — O senhor tem certeza de que está se sentindo bem?

EMISSÁRIO — O senhor quer insinuar o que? Que eu estou louco?

(Entra Rosinha)

ROSINHA — (Com profundo ar de felicidade) Que deseja senhor meu marido?

31 D

ANTONIO CIPRIANO — Almoçar.

ROSINHA — De novo?

ANTONIO CIPRIANO — De novo como?

ROSINHA — E nós já não almoçamos?

ANTONIO CIPRIANO — Você também, Rosinha?

ROSINHA — Eu também o que?

EMISSÁRIO — Seu marido, minha senhora...

ANTONIO CIPRIANO — Cale-se! Eu estou falando...

EMISSÁRIO — O senhor ousa mandar calar-se um representante...

ANTONIO CIPRIANO — Ouso sim! Cale-se. E fique muito caladinho aí. Vamos esclarecer isto tudo de uma vez por tôdas. O senhor diz que me prendeu, não é verdade?

EMISSÁRIO — Exatamente. E tenho testemunhas.

ANTONIO CIPRIANO — O senhor, padre Damião, diz que me esbofeteou?

EMISSÁRIO — E na minha frente.

ANTONIO CIPRIANO — Você, minha mulher, diz que eu já almocei.

ROSINHA — E não almoçou meu amor? Você, eu, Ritinha e o safado dêste padre que andou tirando atrevimentos com a pobre da minha irmã!

PADRE DAMIÃO — Ela também!

ANTONIO CIPRIANO — Alguém aqui está louco! E como não sou eu o louco eu digo: Merda! Merda pra vocês todos!

ROSINHA — Antonio!

EMISSÁRIO — Esta é demais!

31 C

(Entra um guarda aflito)

GUARDA — O povo invadiu a cadeia e tirou o Prefeito de lá!

Serviço de Censura de Diversões Públicas D P F SP/MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 ip. 496

EMISSÁRIO — Eu bem que sabia! E o senhor aqui tentando me confundir. Sabe o que é isto? É a subversão total da ordem. É comunismo!?

ANTONIO CIPRIANO — (Puxando um revólver) Agora eu percebi tudo. Realmente há um movimento subversivo aqui. Mas é dirigido contra mim. Todos uniram-se contra a autoridade do Prefeito. Até a minha mulher. Mas eu saberei me defender. Guarda, prenda aquêle homem ali.

GUARDA — Mas senhor Prefeito, êle disse que é representante do Presidente.

ANTONIO CIPRIANO — Deve ser mentira. Com certeza é algum agitador a serviço de alguma potência estrangeira.

GUARDA — Dos russos?

ANTONIO CIPRIANO — Ou dos chineses, ou dos franceses, ou dos alemães, que sei eu? Mas só pode ser isto. Prenda-o imediatamente'

PADRE DAMIÃO — Antonio, meu irmão...

ANTONIO CIPRIANO — Agora é que o senhor se lembra que eu posso ser seu irmão... Mas é um pouco tarde! Depois de ter aderido aos meus inimigos. Não, não e não. Vai também para a cadeia!

GUARDA — Até o padre, senhor Prefeito?

ANTONIO CIPRIANO — Até o padre! Não é o primeiro a ser préso, nem será o último. Todos podem ser presos em nome da lei; até mesmo o cavalo.

(O guarda vai amarrando as mãos do padre Damião e do Emissário)

PADRE DAMIÃO — Que tôda esta humilhação seja pelo amor de Nosso Senhor Jesus Cristo.

ROSINHA — Agora o senhor se lembra de Nosso Senhor Jesus Cristo. Mas quando estava querendo xunbregar com a minha irmã...

PADRE DAMIÃO — Meu Pai, Meu Pai, êles não sabem o que estão dizendo nem o que estão fazendo.

EMISSÁRIO — Exijo imediatamente um advogado.

ANTONIO CIPRIANO — Terá o advogado. Mas vai para a cadeia. Basta as confusões que já me causou. (O guarda sai com padre Damião e o Emissário) E agora nós, minha querida espôsa.

ROSINHA — Hoje foi um dia tão feliz para mim, Antonio. Há quanto tempo a gente não ficava junto.

ANTONIO CIPRIANO — Quando é que nós dois ficamos juntos hoje, senhora minha mulher?

ROSINHA — Então não está lembrado?

ANTONIO CIPRIANO — Claro que não posso me lembrar de uma coisa que não aconteceu?

ROSINHA — Então quem foi que almoçou comigo e depois...

ANTONIO CIPRIANO — (Com angústia crescente) — e depois?

ROSINHA — ... e depois, ora, você sabe muito bem o que aconteceu depois!

ANTONIO CIPRIANO — Então quer dizer que eu sou um côrno?

ROSINHA — Como o senhor ousa dizer uma coisa desta?

ANTONIO CIPRIANO — Se você estêve com alguém então eu sou um côrno. Se eu tenho certeza que não fui eu!

ROSINHA — Estou percebendo o que você quer fazer. Quer me convencer que estou louca para me internar num hospício e então poder fazer o que bem entender. Com cer-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 ip.497

teza tem alguma sirigaita metida nisto tudo. Claro que tem algum rabo de saia por trás disto tudo. Senhor meu marido, não precisa recorrer a um processo tão vil. Se eu sou demais em sua vida, pode dizer, que eu vou embora. Também tenho meu orgulho. Não vou querer ficar junto do senhor se na realidade não possuo mais o seu amor.

ANTONIO CIPRIANO — Não vamos confundir mais isto tudo. O que eu quero saber é se você insiste em dizer que almoceí com você hoje e depois... e depois...

ROSINHA — Claro que insisto pois é a pura verdade.

ANTONIO CIPRIANO — Então você está realmente louca, ou então... ou então está fazendo parte dessa maldita conspiração que quer me tirar da Prefeitura. Uma das duas coisas. E só existe dois caminhos: o hospício ou a cadeia!

ROSINHA — (Gritando) Socorro! Socorro! Socorro!

ANTONIO CIPRIANO — Que escândalo é êste? Estou atendo em você?

ROSINHA — Você pensa o que? Que vai me mandar para o hospício ou para a cadeia sem que eu faça nenhum protesto? Socorro! Socorro!

32

(Aparecem Antonio das Almas, as beatas, Sacristão e habitantes de Caruaru, Biu)

ANTONIO DAS ALMAS — Agora o senhor também bate em mulheres indefesas?

(Agarram Antonio Cipriano)

BIU — O!, Chico, o que é que você fêz?

ANTONIO CIPRIANO — E você não está préso?

BIU — Eu? Preso? Eu estava casando a filha daquele senhor com um cavalo muito esquisito.

ANTONIO DAS ALMAS — É verdade. Consegui convencer o padre a casar minha filha com o cavalo que tem cabeça de gente.

BIU — Eles cismaram que eu sou padre, Chico. Então, vou casando quem êles quizerem.

ANTONIO CIPRIANO — Mas isto é um sacrilégio. E que história é esta de me chamar de Chico?

BIU — Você não me disse que se chamava Chico?

ANTONIO CIPRIANO — Eu nunca disse isto na minha vida!

BIU — Que descarado!

ANTONIO CIPRIANO — Exijo que me soltem!

ANTONIO DAS ALMAS — De maneira nenhuma. O senhor já mostrou demais não ter nenhuma competência para o cargo que ocupa. E diante das ameaças físicas à sua santa espôsa...

ROSINHA — Mas eu não quero que êle seja préso!

ANTONIO DAS ALMAS — Mas vai ter de ser! Êste é um momento de maior importância para a Historia de Caruaru e talvez para a História do Brasil: a Oposição toma o Poder.

ANTONIO CIPRIANO — Isto não pode ser!

SACRISTÃO — (Para Rosinha) — Vou dar um jeito. A senhora não se avexe. O sino vai salvar o Prefeito.

(Sai o sacristão)

ANTONIO DAS ALMAS — Quero que todos saibam que de agora por diante a Justiça e a Liberdade voltaram para a nossa cidade. Como primeira providência mandarei buscar no Recife um poderoso guindaste.

(Ouve-se o sino tocando com violência. Balburdia geral)

VOZES — O que terá acontecido?

Será incêndio?

O fim do mundo!
Meu Deus, socorrei-nos!

(A cena escurece — grande correria — o sino continua tocando. Antonio Cipriano encontra-se com Chico e ambos dão um grito. Chico desmaia, Antonio Cipriano sai correndo — O mesmo acontece com Bit e o padre Damião — O padre desmaia e Biu sai correndo — Rosinha que assistiu o encontro de Chico e Antonio Cipriano também desmaia — Há um momento de silêncio. Só o sino toca. Entram as duas velhas)

PRIMEIRA VELHA — Que lugar será êste cheio de tanto grito e escuridão?

OUTRA VELHA — Devia ser Caruaru. Mas pelo visto é a terra onde o demônio perdeu as botas.

PRIMEIRA VELHA — Ah, que sina será esta que nos fêz deixar as nossas casas em busca dos filhos fujões e vir-mos dar, as duas, no meio dêste inferno?

OUTRA VELHA — Veja! Quantos mortos...

PRIMEIRA VELHA — (Agarrando-se ao padre Damião) — Biu, Biu, filho meu!

OUTRA VELHA — (Agarrando-se a Chico) — Chico! Chico!

PRIMEIRA VELHA — Desgraçada de mim!

OUTRA VELHA — Ai, desventurada!

(Vai entrando Antonio Cipriano)

OUTRA VELHA — O que é isto? Vai, Satanaz! Que visagem é esta que pretende alucinar a minha vida? Não estás morto, ó Chico?

ANTONIO CIPRIANO — Quem é a senhora? O que faz aqui?

Composto e Impresso no Departamento de Imprensa — Govêrno do Estado do Rio Grande do Norte, Natal, sendo Diretor do Serviço Nacional de Teatro do Ministério da Educação e Cultura o sr. FELINTO RODRIGUES NETO.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0056 p.498

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 499

PARECER Nº 231 / 87

TÍTULO: "O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16 ANOS

Autor: Aldomar Conrado

Após o exame comparativo do texto em epígrafe, verifiquei estar o mesmo idêntico ao anterior constante no nosso arquivo, reduzido, no entanto, de algumas falas e marcações que não lhe alteram o conteúdo.

Sugerindo, pois, para a sua liberação a faixa etária de 16 ANOS, conforme certificado nº 083/81/DCDP, é o parecer.

Belo Horizonte, 11/11/87

Helena Isabel Augusto dos Santos
Censora Federal
Mat. 022.948

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156, p.500

ILMO. SR. CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS-DPF-SR-MG

José Márcio Correia (REQUERENTE)

bras. (NACIONALIDADE), Artista (PROFISSAO), CARTEIRA DE IDENTIDADE M-500-570 SSP/MG (Nº/ÓRGAO EXPEDIDOR) RESIDENTE E DOMICILIADO À Rua Bahia 1416 FONE: 226-3255

VEM REQUERER A V.SA. O EXAME DO ENSAIO GERAL DO ESPETÁCULO O Apocalipse ou O Capitão de Canudos (PEÇA TEATRAL, BAILADOS, ETC.) A REALIZAR-SE no DCE UFMG - dia 16/11/87 - 19:30 hs. (LOCAL DO ENSAIO-ENDERÊÇO)

DATA E HORÁRIO ACIMA, DECLARADOS PELO CENSOR RESPONSÁVEL, CONSOANTE OS ARTIGOS 49 E 50, § 5º DO DEC. Nº 20.493/46, CABENDO AO REQUERENTE A RESPONSABILIDADE QUANTO ÀS DETERMINAÇÕES LEGAIS MENCIONADAS NO VERSO.

TERMOS EM QUE

PEDE DEFERIMENTO

B. Hte 11/11/87 (LOCAL E DATA)

organizadora (REQUERENTE)

OBS. VIDE VERSO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA PTE. 0156 p. 502

D E C R E T O Nº 20.493
D E 24 D E J A N E I R O D E 1946

ART. 50. DURANTE OS ENSAIOS GERAIS OS ARTISTAS SÃO OBRIGADOS A CUMPRIR RIGOROSAMENTE AS DETERMINAÇÕES DO CENSOR E DO CHEFE DO SCDP, TANTO EM RELAÇÃO AO TEXTO DA PEÇA OU NÚMERO EM ENSAIO, COMO EM RELAÇÃO À INDUMENTÁRIA, AOS GESTOS, MARCAÇÕES, ATITUDES E PROCEDIMENTO NO PALCO.

§ Iº. É DA RESPONSABILIDADE DOS EMPRESÁRIOS OU DIRETORES DAS CASAS DE DIVERSÕES PÚBLICAS NÃO SE APRESENTAREM OS ARTISTAS COM A INDUMENTÁRIA PRÓPRIA DURANTE OS ENSAIOS E NÃO SE ACHAREM PRONTOS E EM FUNCIONAMENTO OS CENÁRIOS RESPECTIVOS.

§ 3º. DURANTE O ENSAIO GERAL QUE É PRIVATIVO DA CENSURA, CUMPRE AO EMPRESÁRIO, OU A QUEM SUAS VEZES FIZER, NÃO PERMITIR A PRESENÇA DE PESSOAS ESTRANHAS, SEM CONSENTIMENTO EXPRESSO DO CENSOR.

§ 5º. O ENSAIO GERAL SOMENTE SERÁ REALIZADO QUANDO REQUERIDO AO CHEFE DO SCDP, COM A NECESSÁRIA ANTECEDÊNCIA, PELO EMPRESÁRIO OU DIRETOR DA COMPANHIA TEATRAL, OU PELO RESPONSÁVEL PELO ESPETÁCULO, OUVINDO-SE O CENSOR RESPECTIVO, QUE DECLARARÁ, POR ESCRITO, NESSE REQUERIMENTO O DIA E HORA PARA A REALIZAÇÃO DO MESMO ENSAIO.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0256 p.502

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Relatório Nº 110/87
Do: CNF Helena Isabel Augusto dos Santos
Ao: Chefe do SCDP/SR/MG
Assunto: Exame de Ensaio Geral

Título: "O APOCALIPSE" ou "O CAPETA DE CARUARU"
Autor: Aldomar Conrado
Grupo: Núcleo de Estudos Teatrais
Classificação: 14 ANOS
J.I.: "Complexidade Temática"

Às 19:30 horas do dia 16/11/87, compareci ao DCE da UFMG, para assistir ao ensaio geral da peça intitulada acima.

Sobre o palco via-se painéis de fundo lembrando casarios nordestinos, os quais ainda não estavam prontos, apresentando-se à sua frente todo o elenco, em costumes caipiras, de modos rudes e linguajar típico, fiéis ao enredo.

As bruxas, fantasiadas como tal, realizam suas magias dando ensejo às confusas e cômicas situações em que se confudem os irmãos gêmeos da estória e ocorrem fenômenos absurdos, como a menina que não para de crescer, a mulher que não para de engordar, ou o cavalo que nasce com cara de gente.

Valorizando o místico e o imaginário no contexto regional interiorano, o espetáculo torna-se pitoresco e hilariante, isentando-se de marcações que o possam desabonar quanto a sua liberação censória, não se configurando, nesta montagem, as cenas de adultério constantes em informações da DCDP.

Sugerindo, portanto, para o mesmo, a faixa etária de 14 ANOS, dado o grau de complexidade e malícia que lhe é implícito, é o que me cabe relatar.

Belo Horizonte, 17/11/87

Helena Isabel Augusto dos Santos
Censora Federal
Mat. 022.948

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156 p.503

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ/DPF/SCDP/SR/MG

RELATÓRIO Nº 114/87
ASSUNTO: ENSAIO GERAL
DO: CNF Leila Márcia da Silva
AO: CHEFE DO SCDP/SR/MG

IDENTIFICAÇÃO: TÍTULO: "O APOCALIPSE OU O CAPETA DE CARUARU"
AUTOR: ALDOMAR CONRADO
GRUPO: NÚCLEO DE ESTUDOS TEATRAIS
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 ANOS
JUSTIFICATIVA DE IMPROPRIEDADE: TEMÁTICA COMPLEXA

RELATO: Comparecemos ao DCE/UFMG, às 19:30 hs. do dia 16.11.87, cumprindo O.M. 174/87, para assistir ao EG da peça acima referenciada.

AVALIAÇÃO: O cenário, ainda inacabado, constava de casas simples, rudes. O elenco trajava-se com roupas nordestinas, algumas inclusive com exagero. O cavalo com cara de gente não se vestia com a indumentária própria. Uma velha agonizava no colchão, um cego tocava violão, com rimas repentistas. As bruxas, com roupas características, faziam seus feitiços. A farsa, objetivando o riso, conseguiu seu intento, com situações engraçadas, como a confusão entre os gêmeos roubados e que retornam adultos provocando reboliço, levando o padre e o prefeito ao desespero; a mulher que comia demais e a moça coqueiro. Enfim, uma peça hilariante, sem malícia, embora complexa.

PARECER: Muito embora o Radiograma 641/DCDP/87 informe "situações de adúltério e linguagem maliciosa", o representado não exibiu tais fatos, razão pela qual sugerimos o rebaixamento da faixa etária para 14 anos.

BELO HORIZONTE, 17 de novembro de 1987.

Leila Márcia da Silva
Censora Federal - MG
Mat 022 2563

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 504

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

AUTORIZAÇÃO PARA
ESPETÁCULO TEATRAL

№ 2855

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 1.º, § 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5 492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigos 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, e da Lei n.º 5.988, de 14-12-1973, o espetáculo teatral: "O apocalipse" ou "O capita de Caruaru"

Original de Aldomar Conrado

Tradução de ——

Direção de Ana Beltrão

Música de ——

No Teatro D.C.E da Federal Cidade B. Ate

Empresa Núcleo de estudos teatrais

nos dias 18 a 22/11/87

sob condições de pagamento dos respectivos direitos autorais na base de — % —

da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de Cz$ 500.00 (quinhentos cruzados p/ espetáculo)

por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer, à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota percentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereau da receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

Belo Horizonte, 18 de novembro de 1987

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT

Maria Macario
pela SBAT

200 blocos de 50x50 - 001 a 10.000 — 10/86

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0156 p. 505

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Processo Nº 2344/87 - SCDP/SR/MG

I - De acordo com o relatório do parecerista.

Classificação: 14 ANOS.

J. L.: Temática Complexa.

II - Emitir certificado censório, consoante a Portaria nº 08/85-DCDP

III - Encaminhar o processo à DCDP.

B. Hte., 17 de novembro de 1987

Bel. Antonio José de F. Duarte
CHEFE DO SCDP/SR/MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0156,p.506

TEATRO

TÍTULO * O APOCALIPSE *

AUTOR: * ALDOMAR CONRADO *

1) ARQUIVO

Clas. Anterior * 16 ANOS *

Praça * SCDP/SR/MG *

Obs.:

DF. 24 / NOV... / DE / 1987

Resp. pela elaboração do Processo

Adilson ***

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Em ordem.
Ao Arquivo.
BSB, 30/11/87

Clovis Venuto da Silva
CF - Mat. 2461
Chefe Substituto da SCTC/DCDP

Brasília – DF de de 1.9

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.9

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

SERVIÇO GRÁFICO DO DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0256 ip. 507/507

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

CERTIFICADO Nº: 091/87

ESPETÁCULO PARA: TEATRO

ESPÉCIE: PEÇA TEATRAL

TÍTULO EM PORTUGUÊS: "O APOCALIPSE" OU "O CAPETA DE CARUARU"

TÍTULO ORIGINAL:

EMPRESA, GRUPO OU DIRETOR: NÚCLEO DE ESTUDOS TEATRAIS

CLASSIFICAÇÃO: **14** IMPRÓPRIO PARA MENORES DE CATORZE ANOS

Válido até: 14/06/88

Emitido em: 17/11/87

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE: TEMÁTICA COMPLEXA

Bel. Antonio José de F. Duarte
CHEFE DO SCDP/SR/MG

ENSAIO GERAL
EM 16 / 11 / 87
Assis

Bel. Anunciação Gonçalves de Assis
Chefe da Seção de Coord. Control.
SCDP/SR/DPF/MG

DISCRIMINAÇÃO DE CORTES:

OBSERVAÇÕES:

AUTOR: ALDOMAR CONRADO

O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO TEXTO DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP/MG

VÁLIDO EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL

SERVIÇO GRÁFICO DO DPF